Ana Cecília Nigro Mazzilli Xavier de Mendonça

Folhas Soltas

Poemas

Copyright © 2026 por Ana Cecília Nigro Mazzilli Xavier de Mendonça

Consultoria editorial: Rita Pereira Boccato / Instituto Artividades

Assistente editorial: Rita Pereira Boccato

Fotografias: Acervo de Ana Cecília Nigro Mazzilli Xavier de Mendonça

Ilustrações: Ana Cecília Mazzilli e Eduardo Schultz

Direção de Arte: Eduardo Schultz

Capa e editoração e tratamento de imagens: Eduardo Schultz

Revisão: Ana Cecília Nigro Mazzilli Xavier de Mendonça

Impressão: Colorsystem Gráfica Digital e Offset

ANA CECÍLIA NIGRO MAZZILLI XAVIER DE MENDONÇA

Folhas Soltas

POEMAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mendonça, Ana Cecília Nigro Mazzilli Xavier de
Folhas soltas / Ana Cecília Nigro Mazzilli Xavier de Mendonça. -- São Paulo : Ed. da Autora, 2026.

ISBN 978-65-02-05457-4

1. Poesia brasileira I. Título.

26-352987.0 CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



Folhas de Ontem, Versos de Agora

Reunir estes versos não foi apenas um exercício de memória, mas um ato de colheita.

Por décadas, deixei que as palavras caíssem como folhas soltas, registradas no calor das descobertas — desde o frescor da juventude nos bancos escolares e os questionamentos do Curso Clássico, até o começo da maturidade, quando o silêncio da casa era preenchido pelo crescimento dos filhos.

Sempre entendi a poesia como um modo de interrogar a existência.

Nestes versos livres, não busquei o rigor da rima, mas a liberdade do sentir e a profundidade do pensar.

Cada poema aqui presente é um fragmento de tempo que se recusou a passar; é a tradução de vivências partilhadas com meus pais e avós, irmãos, parentes e amigos, sob o olhar atento e carinhoso de quem caminha ao meu lado há mais de cinquenta anos: meu querido marido, Hélio.

A ele, dedico o testemunho de que "Tive a sorte de amar você", poema que transborda dessas páginas para a nossa vida real.

Hoje, ao recolher esses papéis dispersos, entrego-os a vocês — meus filhos, genro, noras e netos — não como uma obra acabada, mas como o depoimento de uma vida que se pensou em voz alta.

Que estas páginas sejam, para cada um, convite ao diálogo entre o que fomos e o que o tempo nos permitiu ser.

Ana Cecília

A Alquimia do Verbo: Entre a Tinta e o Papel

O pensamento é pássaro sem corpo;
A escrita é a gaiola de ouro que o ensina a cantar para sempre.

O silêncio precede a tinta:
Um deserto de brancura que aguarda, impávido, o primeiro golpe.
O papel é o campo de batalha do possível,
Onde o vazio se oferece à ditadura da memória.

A pena mergulha no poço de breu,
Nesse oceano de noite líquida contido num frasco de vidro.
O que é a tinta senão o sangue do espírito?
Um fluido que transporta o sonho do éter para a prisão do traço.

No instante do entre
— *Entre* o pensar e o riscar —
A mão hesita no ar,
Num voo suspenso sobre a celulose.

É nesse hiato que a ideia ainda é pura,
Incorrupta,
Antes de se tornar escrava da sintaxe e do tempo.
Ao tocar a fibra, a alquimia se consome:
O abstrato torna-se grafia,
O invisível torna-se testemunho.
A tinta é o peso que fixa o que é volátil,
É a âncora que impede a alma de naufragar no esquecimento.

O papel aceita o sacrifício da mancha,
Rasura o silêncio para que a voz possa ecoar séculos adiante.
Pois o que se escreve não é apenas palavra,
É o esforço humano de dar corpo ao sopro e eternidade ao átimo.

Assim, o autor sorri diante do paradoxo:
A pena é pequena, mas move o mundo;
O papel é frágil, mas suporta o peso da história.
E no "entre" da escrita, descobre-se sua maior heresia:
O poder de criar um universo num pingo de sombra.

Rosa Maria

A flor estava pronta para em pétalas se abrir,
Mas ainda permanecia apertada em seu botão;
Em camadas de cetim, com toque macio de algodão;
Só à espera do orvalho para então se exibir...

Enfim, numa manhã ensolarada, desabrochou preciosa:
Era uma rainha no jardim!
Linda. Delicada. Vestida de cor-de-rosa.
Mais cheirosa que o jasmim...

Depois de alguns dias, ao sabor da brisa teimosa,
Foi soltando suas pétalas num campo de alecrim...
Espalhando-se por todo canto tal rosa-dos-ventos misteriosa
À procura de um Norte, quem sabe nas asas de um querubim!

Que aventura teria ainda na vida, que destino seguir?
Era preciso partir?
Sim! Algumas rosas podem murchar...
Essa, porém, teria outra sorte com suas pétalas bailando pelo ar...
Não seria de York nem de Lancaster seu brasão.
Nem branca nem vermelha, porém, a mais perfeita oração.
Pétalas amassadas nas contas do rosário voltariam a ser botão!
Nas preces à Virgem, nova rosa nasceria:
Milagrosa, generosa, como Maria.

Natal

O verdadeiro presépio é o coração que se abre.

Nasce em Belém de Judá, na Galileia – Jesus de Nazaré,
O nosso Salvador!
O Deus Menino, o Deus da Fé.
Aquele que veio nos ensinar o Amor.

Numa pobre estrebaria:
Apenas a criança; seu pai José; sua mãe Maria.
Depois vieram os pastores e os Reis Magos,
Com seus presentes, seus afagos:
Incenso, mirra e ouro...
Que tesouro!

Mas o nascimento do Menino Jesus não é coisa do passado,
Já encerrado...
Ele pode nascer todo dia!
Será sempre Natal, afinal!
Basta seguir seus mandamentos como nossa Estrela-guia,
Fazer de nosso coração a manjedoura que acolhe,
Que recolhe
O Cristo, o Bom Pastor,
Nosso Senhor!

Os Novos Conselheiros Acácios

Eça de Queirós já o conhecia; nós apenas lhe demos novos nomes.

Fala com a gravidade de quem carrega o peso do mundo,
Num colarinho engomado.
Mas suas palavras são nuvens:
Inchadas, sem chuva,
Um espetáculo de formas que nunca molha a terra.

Promete verdades universais,
Entrega obviedades recicladas.
O eco do seu discurso é só verniz em paredes descascadas.

Ontem, chamavam-no simplesmente Acácio.
Hoje, chamamos de gestor, de palestrante motivacional,
De influenciador que repete slogans.

Ele continua alto, magro, vestido de preto —
Não nas roupas, mas na alma:
Um traje de solenidade vazia.

E quando abre a boca, nada acontece,
O prodígio desfaz-se:
É apenas o vácuo, ensaiando o trovão.

Regente de uma orquestra de frases mortas,
Ergue o volume enquanto a luz se apaga.
Deixa o mundo atordoado de sons,
Mas sem chão:
Náufrago num mar que ruge, mas que não revela a margem,
Errante entre constelações de palavras moribundas,
Que se derretem como astros apagados,
E repousam na espuma das ondas,
Sem jamais tocar a areia.

Ninho das Garças

Guarujá, palavra que se abre,
Como asas brancas ao vento.

Guarujá, berço das garças,
Onde o mar se deita no azul e o azul se dissolve no mar.

O ninho é o repouso do mundo,
Trama de gravetos, restos de folhas —
Um útero de penas e maresia,
Recolhido em concha.

Aves que repartem a alma entre os abismos —
Habitantes da imensidão.
Esculturas vivas, altivas e breves,
Desenham no céu sua caligrafia:
Traços longos e elegantes, riscos e linhas,
Versos que se alongam na brisa
Como pinceis de nuvem.

Brancas vigias da maré,
Elas caminham sobre o espelho líquido,
Multiplicando-se em reflexos,
Num bailado etéreo e gracioso.

Entre o sal do vento e o calor da areia,
Elas habitam o intervalo sagrado:
Nem terra, nem mar.

Guarujá —abrigo de asas —
Palavra que guarda o segredo
De quem aprendeu a viver suspenso entre dois mundos.

Sopra o Fogo Quem tem Frio

Na noite, o fogo é oração;
Na alma, revelação.

Movido pela memória do calor,
Pela esperança de brasas que devolvem o corpo ao mundo,
Sopra o fogo aquele que conhece o arrepio da noite
E a solidão do vento.

Ele sabe que a chama é lume e voz,
Um oráculo de cinzas que anuncia renascimentos.

O fogo devora o instante para que o eterno se insinue,
E em cada fagulha há um segredo:
Um sopro de deuses que se escondem na matéria,
De cujo alento se ergue toda a história humana.

Sopra o fogo quem tem frio,
Mas eu, que tenho frio da alma,
Às vezes, sopro apenas o vazio.

Quisera soprá-lo sempre com o peito carregado de estrelas:
Onde as sombras se queimem,
Onde o mundo se ilumine,
Onde o amor se espalhe —
Pois só quem conhece o frio
Compreende a beleza da chama.

O Homem Que Não Voou

Ele nasceu com asas nos olhos.
Voava em pensamento.
Planava em silêncio,
Mas disseram-lhe que era perigoso voar.
Então… aprendeu a andar.
Pisou firme. Pisou fundo. Pisou em si.

Falava baixo.
Pensava alto,
Mas nunca ousou dizer o que pensava.

Tinha hábitos regulares.
Ideias moderadas.
Sonhos domesticados.
A alma em horário comercial.

Guardava melodias no peito
Mas parecia devaneio.
Cantaria, talvez,
Se o mundo não fosse tão cheio de ouvidos,
E soubesse ouvir sem julgar.

Acomodou-se.
Fez carreira.
Casou-se com a rotina.
Teve filhos com o bom-senso.
Diziam que era um exemplo.
Mas exemplo de quê?

Certo dia,
Quando o tempo já passara demasiado,
Olhou para dentro de si
E viu um pássaro intacto
Com penas de sonho
E garganta de silêncio.

Foi aí que entendeu —
Não era falta de canto,
Era excesso de grades.
Porque rouxinol na gaiola não canta.
E não voa...

Desejos de Espuma

Será a espuma o sonho secreto da liberdade?

Há pedras que sonham com o mar,
E há olhos que enxergam esse sonho.
Pedras que guardam sal em suas entranhas,
Como se lembrassem de um tempo líquido.

Elas não caminham,
Mas, às vezes, rolam,
Impulsionadas por forças invisíveis.
Não falam,
Mas sussurram ao vento seus desejos de espuma.
O musgo que as cobre é um véu de saudade:
Verde, como a memória do mar...

E quando chove, não se escondem.
Deixam-se molhar,
Como quem reencontra um amor antigo.

Há pedras que sonham com o mar,
E há almas que, ao tocá-las, sentem o sal subir pelos dedos,
Como uma maré interior —
Remota, sagrada, inevitável.

Algumas vivem longe das ondas,
Mas ainda escutam o chamado das conchas
Em noites de lua cheia.

O Tempo, Conquistador Invisível

Não há muralha que o detenha,
Nem espada que o fira,
Nem tratado que o convença.

O tempo avança sem exércitos,
Mas conquista tudo:
Tronos e templos, cidades e canções.

Ele não marcha — desliza.
Não grita — silencia.
Não mata — transforma.

Qual império resistiu ao seu sopro?
Qual herói escapou ao seu juízo?
Qual vitória não se dissolveu em pó?

O tempo é o conquistador invisível,
Que não precisa de coroas,
Porque já governa o misterioso reino das lembranças e das ruínas.

Ele é o general das eras,
O escriba das cicatrizes,
O juiz que não absolve nem condena, apenas guarda.

E nós, herdeiros de sua marcha,
Lutamos guerras que ele já venceu,
Erguemos monumentos que ele já corroeu,
Cantamos epopeias que ele já calou.

Será o destino humano repetir eternamente o ciclo da destruição,
Sem perceber que o tempo, mais do que a guerra, é quem nos derrota?

E ainda assim, há quem encontre nele esperança:
Pois se o tempo destrói, também renova;
Se ele apaga, também escreve;
Se ele se cala, também semeia.

O tempo, conquistador invisível,
Não é apenas fim, mas também princípio.

Almoço Incluso

O idoso aprende logo que para não andar sozinho,
É preciso abrir a carteira, quando queria apenas abrir o coração.

Na velhice, dizem, mora a serenidade.
Mas ninguém avisou que até para caminhar na praça
É preciso negociar pacotes completos:
Passeio, afeto e um almoço caprichado.

Eu só queria alguém para ouvir o sabiá comigo,
Mas descubro — filósofa que sou —
Que há sempre um preço invisível
Pendurado no varal das intenções.

É estranho:
Cada convite meu parece vir com um talão de *vouchers:*
Vale-feijoada, vale-brigadeiro, vale-presente.
Como se o amor tivesse código de barras.

Às vezes penso
Que a verdadeira sabedoria
É descobrir como amar o mundo
Apesar da sua tabela de preços —
E como rir disso!

E então sigo,
Com meu bom humor e meu passo prudente,
Tentando entender se é a solidão
Que me torna generosa,
Ou se é a generosidade
Que chama, tímida, uma possível companhia.

No fundo, filosoficamente falando,
Acho que tudo é troca:
Até o vento negocia segredos com as folhas
E o rio paga pedágio às pedras para seguir seu caminho.

Só queria que, por um dia,
Alguém aceitasse o meu convite
Pelo simples luxo de caminhar ao meu lado.
Sem combos, sem promoções, sem brindes.
Só companhia —
Daquelas que não custam nada,
E ainda assim valem o mundo inteiro.

Já é Agora. Já já é Daqui a Pouco...

O já é pressa; o já já é filosofia.

Na língua portuguesa,
O tempo é um truque de mágica:
Já é o coelho que salta da cartola —
Urgente, imediato, sem cerimônia.

Mas *já já* é o mágico sorrindo.
Ah! Esse engana...
Parece mais iminente,
Como se fosse um já em dobro,
Um tambor acelerado, um convite à afobação.
E, no entanto, não é.

Já já é preguiçoso,
Deita-se na rede,
Balança devagar,
Promete que vem, mas demora.
É um *logo mais* disfarçado,
Com vergonha de admitir que não tem pressa.

É o eterno adiamento com cara de impaciência.
É borboleta que pousa só quando quer:
Calma, que eu vou… daqui a pouco.

E nós,
Cúmplices da língua,
Rimos dessa travessura,
Porque sabemos que até o atraso,
Quando bem argumentado,
Vira poesia.

A Difícil Arte da Convivência

Conviver é — talvez — ensaiar o milagre de compreender,
Enquanto esperamos que o outro nos entenda.

Às vezes me pergunto se convivemos de fato
Ou apenas caminhamos lado a lado,
Distraídos pela geometria dos nossos próprios mundos.

O que realmente alcança o outro
Quando dizemos *estou aqui?*
Por que algumas palavras atravessam pontes invisíveis,
Enquanto outras caem no meio do trajeto
Como pedras cansadas?

Há um ponto — sempre oculto —
Onde o meu silêncio toca o seu.
Será que o percebemos?
Ou ele passa como um pássaro noturno
Que só existe no rumor das asas?

Convivemos, talvez,
Como guardiões de chaves
Para portas que ainda não ousamos abrir.

E me pergunto, ainda:
A aproximação é obra do gesto,
Ou do espaço que cedemos para que o outro respire?

A arte da convivência parece ser uma tentativa paciente
De ajustar luzes e sombras,
Sem a garantia de que alguém verá o mesmo desenho...

Gamela: Bacia do Brasil

Na gamela, ninguém come sozinho.

Nascida da curva da gameleira macia:
Eis a vasilha de madeira que desconhece o torno.
É o espaço livre que acolhe.

Suas bordas rudes conservam a anatomia do trabalho bruto:
Caminho da enxó, sulco do formão,
Toque da mão que a libertou do tronco, dando-lhe o destino de ser reservatório,
Promessa de receptáculo.

Foi a primeira mesa coletiva: a bacia primitiva
Que recolhia a farinha para todos.
Nela, o milho vira massa, o feijão espera o tempero,
A carne de sol repousa no sal grosso do sertão.

Recipiente simples, geografia da fartura,
Onde se encontra a fome e a dádiva.

Feita para exibir a colheita,
Para mostrar que a vida, mesmo na escassez,
Transborda na mistura e na partilha.

Carrega a herança tupi, a força africana, o labor sertanejo.
Permanece humilde, desguarnecida, à espera,
Sabendo que o vazio será sempre preenchido
Pelo vigor e pela fertilidade da terra.

Curiosidade ou Indiferença

O curioso pergunta: Por quê?
O indiferente responde: Tanto faz.

A curiosidade é uma criança
Que pergunta ao vento por que as folhas caem.

A indiferença é um velho
Que já não se importa com a chegada do outono.

As folhas continuam caindo,
Mesmo sem ninguém questionar ou se interessar.

Pois a poesia habita na atenção do olhar,
Mesmo sabendo que a resposta não muda nada.
Viver, afinal,
É brincar de curioso num mundo indiferente.

Pernas, Pra quê te Quero?

Pernas, pra quê te quero,
Se não for pra correr atrás do que me escapa,
Pra fugir do que me prende,
Pra seguir com o que me encanta?

Pra quê te quero,
Se não for pra subir montanhas de medo
E descer vales de esperança?

Vocês me levam,
Mas também me sustentam.
São raízes móveis,
Asas que tocam o chão.

Com vocês, eu caminho em direção ao outro,
Em direção a mim.
E mesmo quando tremem,
Quando vacilam,
Quando querem parar —
Eu digo:
Pra quê te quero?
Pra caminhar. Pra sentir. Pra viver.

Exílio de Mim

Traduzir-se é a forma mais profunda de exílio.

Eu parti. Não deixei nada para trás.
Ou deixei... sem saber.
Levei comigo as serras,
A poeira dos cafezais,
O cheiro da infância escondido nas pedras.

Sou estrangeira, dizem.
Mas não sabem que minha pátria habita em mim.
Ela pulsa em meus ossos,
Arde em minha língua,
Chora em meus olhos quando vejo um céu que não é o meu.

Não é o lugar que me falta.
Mas é o fato de viver em tradução.
Traduzo o afeto, o humor, a saudade.
Traduzo até o próprio corpo — para caber num ritmo que não é o meu.

Carrego minhas raízes na mala, mesmo quando elas pesam demais.
Planto memória em solo incerto,
Esperando que floresça sem saber se haverá primavera,
Como quem carrega uma casa invisível,
Feita de lembranças queridas.

E mesmo longe, há um lugar que insiste em viver dentro de mim:
Uma rua, um cheiro, um sabor,
E muitos sonhos que não se exilaram comigo.

Hoje me disseram que *aqui é diferente*.
Agradeci a informação.
Passei anos achando que o mundo era igual em todos os lugares...

A sorte é que o coração,
Mesmo quando aprende novos mapas,
Nunca esquece o caminho de casa.

E há sempre uma janela.
Uma janela que dá para dentro,
Onde moram o amor, a amizade
E os pequenos absurdos que nos fazem humanos.

Porque, no fim,
Ser estrangeiro é só mais uma forma de aprender a morar em si mesmo.

Aracati: Sopro do Mar no Sertão

Jaguaribe, feito de dois rios:
Um de água, outro de vento.
Um vai para o mar. O outro, para o sertão.

O Vento Aracati vem do mar,
Em voz de concha,
Em tom de brisa,
Em clave de sal.

Arfa a vela da jangada
Embala o pitu na rede do pescador,
Agita o coqueiro,
Assovia na palha da carnaúba,
Torce o galho do juazeiro,
Balança a rede no terraço,
Convida o povo para prosear na calçada,
Abre janela que nem sabia fechada.

Arrebita folha seca caída ao chão,
Levanta a poeira da terra árida,
Desenha dunas no chão rachado,
Desfolha o milho já maduro,
Alisa a pele do boi sob o sol inclemente,
Acaricia o mandacaru,
Espalha o cheiro do baião-de-dois,
Mistura o som da sanfona com o silêncio do dia que se despede.

Entra pelo vale do Jaguaribe na sua foz
E faz o curso inverso das suas águas,
Subindo o sertão,
Subjugando o calor,
Arejando o espírito do sertanejo.

Ora é brisa que refresca.
Ora, sopro que acorda telhados adormecidos.
Mensageiro do mar,
O Aracati não é apenas sopro na cultura cearense —
Está no aboio do vaqueiro,
Na fé e no imaginário do seu povo.
É raiz. É alma. É identidade.

De Pequenos Começos Nascem Grandes Histórias

Quem traduz o pequeno, descobre o grande disfarçado.

Começou com *um grão de ideia,* que caiu num papel,
Virou livro, tese.
Começou com *um oi tímido* no elevador.
Virou namoro, casamento, divórcio e pensão com amor.
Começou com um *só vou olhar* a vitrine.
Virou carnê, dívida, e um curso intensivo de economia doméstica.

Começou com *um tropeço* na calçada,
Virou processo, indenização.
Começou com um *me dá só um gole.*
Virou samba, filosofia de bar e uma amizade que durou até o último copo.

Porque o mundo é isso:
Um caos mais ou menos organizado,
Onde o pequeno é só o grande disfarçado.

O Abajur me Contou que tem Medo do Escuro

O mundo fica menos escuro
Quando duas fragilidades se iluminam juntas.

Na noite passada, o abajur sussurrou seu segredo:
Tem medo do escuro.
Disse que nasceu para iluminar,
Mas às vezes se apaga por dentro.

Contou que a tomada o prende
Como coleira que dá energia,
Mas rouba liberdade.
E que sonha,
Nas noites de tempestade,
Com o sol, com o fogo, com baterias,
Com qualquer luz que brilhe sem fios de eletricidade.

Confessou também certa inveja da vela —
Tão breve, tão branda, tão chama.
A vela, disse ele,
Não precisa de paredes, nem de interruptores, nem de cabos.

Descobriu que seu medo do escuro
Nasceu porque ninguém o vê no canto da sala,
À espera de um toque para que acenda.

E eu, que também tenho meus apagões,
Assenti em silêncio
E deixei sua luz acesa,
Só por companhia.

Entre o Homogêneo e o Heterogêneo

No princípio, ele respirava sozinho,
Liso como uma superfície sem memórias.
Era o homogêneo:
Um silêncio sem arestas, uma ideia que não conhece o espanto,
Uma luz que se espalha igualmente sobre todas as coisas.
Uma repetição que acalma, uma ordem que se reproduz como mantra,
Uma lógica que pavimenta o caminho.

Mas então veio o intervalo,
O pequeno erro cósmico, a primeira diferença
Que abriu o mundo como um clarão.
Do rasgo nasceu o heterogêneo:
A voz que desafina; a cor que escapa do contorno;
A matéria que se rebela contra o molde;
A diferença que irrompe; o desequilíbrio que abre fendas;
A surpresa que rasga o tecido da rotina.

Entre ambos, a vida se equilibra como corda esticada:
Nem só harmonia, nem só caos,
Mas o diálogo tenso entre o que se multiplica e o que se inventa.

O semelhante nos dá abrigo,
O diferente nos oferece horizonte.
O equilíbrio nos dá paz,
O desequilíbrio nos permite movimento.

Eis onde está o sentido:
Na dança entre contrários,
Na fusão de forças que não se anulam, mas se completam.
Na vida que é ao mesmo tempo eco e ruptura,
Espelho e abismo, ordem e vertigem,
Sinceridade e dissimulação.

Nesse encontro do homogêneo com o heterogêneo
Descobrimos que o mundo não foi feito de respostas definitivas,
Mas de contrastes que se abraçam para inventar o infinito.

Fé: Caminho, Cura e Gratidão

A fé não dá respostas, acolhe.

Ter fé é cingir o invisível,
É o tato da alma despertando o peito.
É abandonar-se,
Sem amarras,
No oceano de mansidão que emana de Jesus —
Mão que conduz o passo,
Olhar que decifra o pranto
E o silêncio de nossas buscas mais fundas.

A fé madura é semente que não tem pressa:
Germina no solo do tempo,
Bebe da esperança o seu orvalho,
E floresce na escuta atenta do Verbo,
Até que o caule se curve, pesado de gratidão.

É o gesto do samaritano,
O estrangeiro entre dez,
Que ao sentir-se curado, não seguiu caminho;
Antes, voltou-se a Jesus,
Fazendo do próprio corpo, prostrado, um hino de louvor.

É o clamor de Bartimeu sob o sol de Jericó:
Negrume nos olhos, mas incêndio no espírito.
Ele não precisava de luz para ver o Caminho;
Precisava apenas que a voz do Mestre rompesse o véu da sua escuridão.

Fé é vereda que o pé desconhece,
Mas o coração trilha.
É o milagre que desmancha a lógica.
É o transbordo do ser que,
Ao receber tudo,
Percebe que "obrigado" é pouco.

Senhor, aumentai minha fé!
Que eu não busque apenas as Vossas mãos que dão,
Mas o Vosso rosto que acolhe.
Para que cada amanhecer seja um altar,
E cada gesto, uma oração de entrega.

Ando com o Coração na Mão

O coração não sabe esperar.

Ontem, meu coração saiu do peito
E veio parar em minhas mãos.
Estava vulnerável,
Como quem se cansou de bater escondido
E quis sentir o mundo sem costelas.

Fiquei olhando aquele músculo inquieto,
Tão pequeno, tão meu, e pensei:
Será que ele aguenta mais uma entrega?

Ele pulsava devagar, como quem hesita,
Como quem se lembra da última vez em que foi ao encontro do outro
E voltou com arritmia.
Mas mesmo assim, ele pediu passagem.
Queria sair, queria se mostrar, queria amar —
Mesmo sabendo que podia se partir.

E eu deixei.
Porque amar é isso:
Conservar no peito para acalentar, mas deixar sair quando escuta um chamado.
E foi apressado, batendo em extrassístole...

Hoje, ele voltou.
Um pouco mais cansado, mas ainda inteiro.
E repousa em mim como quem sabe que vai partir de novo.
Foi feito para amar e viver em constante taquicardia.

O Mistério da Chave Que Nunca Está Onde Deveria

A chave, essa criatura escorregadia, vive entre dimensões paralelas.
Quando você precisa, ela some.
Quando você desiste, ela aparece — zen.

Ela mora na bolsa, no bolso, no sofá,
Mas só revela seu paradeiro,
Quando você já cogitou mudar a fechadura
Ou pedir abrigo à vizinha.

A chave é como a verdade:
Não está onde você supõe,
Mas onde você não pensou em procurar.
E quando aparece,
Finge que sempre esteve ali.

Mundos e Fundos

A esperança não tem liquidez.

Prometeram-me mundos.
E eu, distraída, comprei.
Em prestações.
Com juros compostos de esperança.

Foi aplicação de alto risco:
O mundo prometido vinha com auroras em promoção,
Com horizontes divididos em doze vezes sem juros.
Estrelas bônus no extrato da noite,
Um pôr do sol no Havaí com taxa de encantamento,
E um eclipse exclusivo.

Prometeram-me fundos.
Mas não eram de investimento.
Eram fundos de poço, fundos de gaveta,
Fundos de garrafa com mensagens vencidas
E um fundo musical de violino solitário.

Prometeram-me, enfim, os fundos de renda fixa.
Fixos na promessa, variáveis na entrega.
Garantiram liquidez diária,
Porém, os sonhos vinham com carência
E o vencimento era sempre prorrogado.

No fim, o mundo não veio.
O fundo era raso.
E a renda... fixa só na ideia fixa.

No fundo, a promessa virou comissão,
O sonho foi o saldo, o afeto tornou-se ativo volátil,
E o amor... ficou retido na fonte.

Poema em “E”

Este exercício em “E” não é simples engenho enganoso.
É experiência sonora e imagética,
Que evoca o extraordinário.
Expõe o estapafúrdio,
E reconhece que o absurdo também é essência.

Extravagante esperança,
Excêntrico eclipse,
Epopeia do estranho,
Esdrúxula essência que escapa ao evidente.

Estrambólico enigma,
Estrela etérea,
Exótico êxtase,
Estúrdia errância entre ecos e estalos.

Estapafúrdio é o eterno espelho:
Espanta, encanta,
E esclarece o enredo escondido
Entre o erro e a epifania,
Entre a energia e o entorpecimento,
Entre o estável e o efêmero.

O Sacrário de Ébano: A Epopeia do Tabuleiro

Ergue-se o tabuleiro sob o sol do meio-dia!
Não é de mármore o altar onde a Bahia se ajoelha,
Mas de madeira nobre, onde a fartura se fia,
Entre rendas de prata e louça vermelha.

Lá está a sacerdotisa, de torso firme e saia engomada,
Com o cetro de madeira a reger o azeite em flor;
No seu tabuleiro, a história da terra é guardada,
Em cores de fogo, em ritos de fé e de amor.

Ó, Acarajé!
Astro-rei que no dendê mergulha,
Como sol que se põe em mar de lava ardente;
Tua casca é bronze que no fogo borbulha,
Teu miolo é nuvem, abraço de um povo valente.

Surge o Vatapá, creme de seda e especiaria,
Onde o camarão repousa em berço de feijão fradinho e luz;
E o Caruru de quiabos, em verdejante harmonia,
Que a Xangô se oferta e o paladar seduz!

Eis o Efó!
Verde mistério da folha,
Que guarda o segredo das matas e do terreiro;
Onde o gengibre desperta e o sentido se inflama,
No tempero profundo de um Brasil verdadeiro.

Ao fim do banquete, a doçura que emana,
Como o beijo de mel de musa de ébano e luz:
São Quindins de gema, cor de aurora soteropolitana,
Que brilham no prato como o sol que reluz!

Vêm as Cocadas, alvas como as areias de Itapuã,
Ou escuras como a noite em porto de melaço;
É o coco que se faz doce a cada manhã,
Prendendo-nos em fitas de seu generoso laço.

Tudo é fogo, é pimenta, é o sagrado que se come,
Neste altar de delícias sob o céu cor de anil;
Sacia-se muito mais do que a fome:
Alimenta-se a alma do meu imenso Brasil!

O Botão Que Não Virou Flor

Entre o ser e o tornar-se, há um botão.

Era botão.
Tinha tudo para ser flor:
A promessa na haste,
O perfume em potencial,
O aplauso da primavera à espera.

Mas não quis.
Ou talvez não tenha podido.
Ou talvez tenha sabido que haveria outro caminho que não o de abrir-se ao mundo.

Ficou botão.
E nisso, não houve tristeza — houve escolha.
Porque nem todo gesto precisa se completar para ser inteiro.

O botão que não virou flor guardou em si o mistério.
Foi silêncio entre os cantos, pausa entre os ventos, o não dito que também é verso.

E quem o viu, aprendeu:
Que também há beleza no que não se revela,
Que há força no que permanece.

Porque o mundo é feito de flores,
Mas também de botões que esperam,
Que persistem,
Que protegem suas pétalas como preces.

Viram silêncio vegetal,
Meditação em verde,
Um ponto de interrogação bordado em seiva.

Instrumento de Paz — Um Canto Franciscano

Procura um caminho. Avança... Siga!
Desfruta as aventuras da jornada.
Ainda que devagar... Prossiga!
Sem temer nenhuma encruzilhada.

Leva contigo o Amor, o Perdão e a União.
Acolha os pequenos. Estenda aos pobres a mão.
Sê mensageiro da Verdade e da Alegria.
Cultiva a Esperança. Semeia Paz todo dia.

Observa a Luz que brilha em toda parte —
Ela transforma o mundo em pura arte.
Vê Deus nos voos das aves, nos sopros dos ventos,
Nas pedras, nas flores, nos mais simples momentos.

Console. Compreenda. Doe. Perdoe.
E que Deus te abençoe!
Isso é viver como São Francisco ensinou.
É servir como Jesus nos mostrou.

É chegar mais perto do Criador, afastar o que causa dor.
É amar o que a Vida nos traz.
É ser instrumento da Vossa Paz.

A Repetição dos Dias

Acordo no mesmo quarto:
Como ontem, como sempre.
O sol — funcionário pontual —
Bate cartão na minha janela há anos...
O café tem o mesmo gosto
E o relógio repete seu sermão de minutos.

Os dias empilham-se como papéis em branco:
Sem rasgos, sem rabiscos, sem memória.
Há algo de cruel na rotina —
Ela não fere, mas apaga.
Por outro lado, dizem que nela há consolo.
Talvez.
O mesmo é menos perigoso que o novo:
O novo exige coragem; o mesmo exige apenas memória.

E eu, que queria ser incêndio,
Vejo-me brasa morna, aceitando a mesmice.
Mas às vezes, um cheiro, uma música, um olhar estranho na rua...
Lembra-me de que ainda sou capaz de sentir o mundo.
E nesse instante, o tempo hesita.
E eu respiro diferente.

E se cada dia for um convite dissimulado?
Um chamado sutil para reinventar o olhar,
Para romper o ciclo com um gesto mínimo:
Um passo fora do caminho, uma pergunta que nunca ousamos fazer?

Talvez a repetição não seja o problema.
Talvez o problema seja não escutar o que cada dia tenta dizer
Com sua voz disfarçada de rotina.

Metamorfose

Ser rocha é aprender a ceder sem quebrar.

Não nasci rocha.
Fui terra, fui sedimento —
Grão de dúvida, pó de pensamento.

Mas o tempo,
Esse escultor paciente,
Levou-me às profundezas.
E lá, sob pressão e calor, fui sendo outra.

Não por escolha, mas por necessidade.
Porque até o que é duro precisa ceder para continuar existindo.
A crosta não perdoa hesitações:
Quem não se transforma, vira fóssil de si mesmo.

Hoje, carrego veios de memória e brilho de sobrevivência.
Sou rocha metamórfica:
Prova de que a dor transforma.

Se me tocas com cuidado,
Vais sentir sob teus dedos o calor antigo de tudo que já fui
E tudo que ainda posso ser.

O Caderno Perdido de Leonardo

Não há invenções no caderno perdido de Leonardo.
Cada traço é um desvio do real,
Um movimento que tenta tocar o que ainda não tomou corpo.

A página, ali, é um campo de forças, não de figuras.

As máquinas não surgem: sugerem-se.
São geometrias em vigília,
Engrenagens suspensas no intervalo entre conceito e matéria.

A asa incompleta não busca voo,
Mas a ideia de leveza que antecede o ar.

Nada termina.
O contorno recua,
Como se soubesse que a conclusão aprisiona.
O esboço prefere permanecer na região onde o possível respira.

Pensamentos errantes abrem fendas no branco:
Espaços onde a forma pensa a si mesma
Antes de admitir qualquer aparência.

O caderno perdido de Da Vinci não aprisiona invenções desconhecidas:
Conserva o mapa de um pensamento que escolheu não se fixar.
As páginas respiram possibilidades.
O que ainda não nasceu contém mais mundo
Do que uma obra já concluída.

E é nesse espaço suspenso,
Onde o traço ainda sonha ser forma,
Que habita a verdadeira magia:
A eternidade do inacabado.

Lâminas do Deserto Onde Dormem os Reis

O deserto é o altar dos séculos.

No coração do Saara, erguem-se lanças de pedra,
Silhuetas ancestrais contra o véu dos tempos.
São as pirâmides silenciosas de Meroé,
Guardas do vento, da areia e do mistério.

Terra perdida na lembrança, guardiã do passado,
Onde reis africanos dormem em túmulos sagrados,
Envoltos em linho e ouro,
Sob o olhar eterno das estrelas do Sul.

Mais que o Egito, em número,
O Sudão tem estruturas finas
Que se levantam, apontadas para o céu,
Como hastes contra o esquecimento.

Segredos de Cuxe, que o tempo escondeu,
Em forma de lâminas celestes.
Obeliscos agudos em versos de pedra
Irmãos do Egito, filhos do mesmo Nilo, do mesmo sol.

Ali, o deserto canta em línguas esquecidas,
E murmura nomes que não se pronunciam.
Cada pirâmide é um portal,
Onde o espírito dos reis ainda caminha,
Rumo à eternidade,
Em busca da luz definitiva.

O Encanto da Imperfeição

Há uma beleza que não se anuncia,
Que não brilha na superfície polida,
Mas repousa nos traços tortos,
Nos enganos que revelam nossa humanidade.

A perfeição é estática, um cristal que não respira.
Já a imperfeição é movimento,
Sopro que nos lembra de que estamos vivos,
Inacabados, em constante construção.

Cada erro é uma fresta, um convite para o inesperado.
Cada falha, uma cicatriz que fala,
Um mapa secreto daquilo que nos atravessou.

O encanto da imperfeição é que ela nos devolve ao real:
Ao riso que escapa fora de hora,
À palavra que tropeça,
Ao gesto que não se completa, mas que, ainda assim, carrega verdade.

Ser imperfeito é ser humano:
Aceitar que o tempo nos molda com mãos desiguais,
Que a vida nos pinta com cores que borram,
Que o destino nos escreve com linhas que não seguem régua.

Nesse desalinho é que mora a poesia:
O que não é perfeito é também singular, raro e demasiadamente belo.

Por isso, celebro a imperfeição como quem celebra o acaso,
Como quem reconhece que o ouro da vida não está na simetria,
Mas na coragem de existir com todas as falhas expostas,
Com todas as marcas visíveis,
Com toda a beleza que nasce do que não se encaixa.

Pentateuco

A lei é o mapa, mas a fé é o caminho.

No vazio obscuro do caos primordial,
Deus irrompe como Luz que dissipa a escuridão;
Ordena o Universo,
Verso e reverso;
Cria todas as coisas, visíveis ou não...

Após o dilúvio, sela a aliança com Noé,
Um arco de cores no céu como sinal da promessa
Dirigida a todos os que caminham na justiça e na boa-fé.

A Abraão, pai do povo eleito,
Promete descendência incontável como as estrelas.
E diz-lhe o Senhor: "Anda na minha presença e sê perfeito",
Palavra que ecoa como sopro divino no coração humano.

A Moisés confia a missão de libertador.
Revela-se na sarça ardente,
Chama que arde sem consumir,
Mistério que fala sem se extinguir.
Faz dele o condutor do povo pelo deserto,
Entre provações e fome,
Mas também entre sinais e prodígios:
O Mar Vermelho se abre como caminho de esperança.

Entrega-lhe, por duas vezes,
O código moral em pedra inscrito:
As Tábuas da Lei, para o coração contrito.
Coloca-o diante da Terra Prometida,
Ainda que sua jornada se encerre, nessa despedida...

Tudo isso se encontra nos cinco livros sagrados:
O Pentateuco, fonte de fé e redenção,
Memória da longa peregrinação
De um povo marcado por injustiça e escravidão,
Mas sustentado pela promessa divina.

Do Gênesis ao Deuteronômio
E entre esse binômio —
Êxodo, Levítico e Números —
Deus revela-se progressivamente, com dons inúmeros,
Chamando à comunhão é à obediência, com firmeza,
Mas igualmente com misericórdia e benevolência.

Este chamado e os mandamentos ali colocados
Indicam também a nós o caminho:
Permanecermos livres, sintonizados com o Eterno
E acolhidos no mistério de Sua presença.

Papel de Seda — Relou, Rasgou

Fragilidade é apenas outra forma de resistência.

Há quem caminhe com pele de pedra,
Imune ao vento,
Surdo ao rumor das águas,
Mas há também quem exista como papel de seda:
Leve, translúcido,
Um sopro basta para marcar; um gesto basta para rasgar.

Na infância, *papel de seda* era meu apelido.
E completavam: *Relou, Rasgou.*
Um toque breve, um roçar de vento,
E eu já me desfazia em emoção.

Chorava pelo insignificante,
Vibrava pelo que era invisível,
Guardava no peito as sutilezas que ninguém via.

Mas quando a vida veio áspera,
(E veio: levou minha mãe...
Nós duas tão jovens, tão cedo!)
Quando o peso caiu sem aviso,
Eu me ergui.
Resistente, firme,
Como se a fragilidade fosse a própria fonte da coragem.

De fato, o papel de seda rasga fácil,
Mas só ele envolve o que é raro, precioso.
Sua delicadeza não é fraqueza,
É função: proteger, revelar, dar sentido.

Ser sensível é viver sem armadura:
Um risco constante de rasgar-se,
Mas também a única chance de ocupar o mundo com suavidade.

Sou papel de seda:
Frágil ao toque,
Forte na travessia.

A Fazenda de Café

Para meu pai, que fez da lavoura poesia.

Os cafezais dominavam as encostas da Serrinha da Conceição:
Um pedaço de terra roxa na Serra da Mantiqueira,
Na querida Caconde, cidade altaneira —
Chão de memória e tradição.

Com as chuvas da primavera,
Os cafeeiros em curva de nível
Desenhavam ondas verdes no declive:
Um mar silencioso à espera da floração.

E quando o branco se derramava sobre os galhos,
Era como se a lavoura vestisse um véu de nuvem,
Leve, etéreo, um aceno da terra ao céu.

Na colheita, os grãos repousavam no terreiro para secar:
Leiras paralelas, pequenos montes e montes maiores...
Até que o sol os tornasse prontos para a tulha,
Onde descansavam até serem beneficiados, torrados e moídos.
Então, revelavam-se pó sagrado,
Perfumando o amanhecer.

O dono da fazenda caminhava entre os cafezais
Com a ternura de quem guarda um altar.
Sentinela vigilante,
Cuidava de cada broto, aperfeiçoava métodos, selecionava variedades,
Como quem escolhe joias:
Bourbon amarelo, vermelho, Mundo Novo, Catuaí.

Nos viveiros, a germinação era promessa.
Cada gesto, uma oração.

Seu otimismo era semente de esperança,
Sua fé, raiz que nunca se cansa.
Semeador que acreditava na promessa da frutificação.

Esse fazendeiro era meu pai.



Sexto Sentido

Dizem que sou sentida
Que me melindro à toa...
Mas, na verdade, levo as coisas na boa...
Como quem sorri diante da maré que se renova.

Isso pode ter duplo sentido:
Nos cinco sentidos
Habita um mundo fortuito,
Quase infinito, sempre a se expandir.

Nem sempre, porém, é suficiente
O que cheiro, o que toco, o que vejo,
O que ouço, o que provo, enfim — o que desejo...
Há sempre algo além, um segredo latente.

É que há um sexto sentido,
Talvez esquecido, talvez escondido.
Ora onda sonora, ora fragrância macia — pura magia!
Um aroma doce que se desprende no ar,
Tecendo arabescos que dançam sem parar.
Ou um cheiro verde com sabor vermelho de morangos frescos,
Gosto de infância, de tardes sem pressa,
De experiências sensoriais que a memória confessa.

São ecos saborosos do passado afastado
Que crescem numa sinestesia delirante:
Sons de tambor, notas de sabor,
Nuances de cor, essências de odor, lufadas de calor...
Nessa recreação dos sentidos, degusto até o inaudível,
Saboreio o invisível, toco o inatingível,
Vejo o que não se mostra, cheiro o que não se exala,
Desfruto o que não se cala.

Minha alma sente mais quando fecho os olhos,
No silêncio absoluto, sem nada tocando em mim,
Nem mesmo um véu de cetim.
Com a respiração suspensa, num hiato imenso:
Sem perfume, sem apetite, sem ruído,
Sem zumbido... apenas o vazio pleno.

Se meus olhos não alcançam a luz,
Minha cegueira é resgatada pelo coração que pulsa.
Se meus ouvidos não escutam mais sua voz,
Ela me chega em melodia sutil, feita de silêncios e de nós.
Se minhas mãos não podem sentir seu contato,
Minha falta de tato repousa segura em suas mãos.
Se meu olfato me falha,
A anosmia é vencida pelo perfume antigo.
Se eu não tenho mais paladar,
O sabor retorna no tempero da saudade.

O cheiro colorido e a delícia sonora me abraçam
A visão turva se dissipa,
A essência de rosas me embriaga,
O barulho distante se aproxima,
O gosto da lembrança explode em minha boca,
O gesto de amor me alcança...

Porque sem isso tudo,
A vida... desfaz-se em quietude
E fica sem sentido.

O Pensamento que Fugiu da Cabeça

Não é fuga: é voo.

Era um pensamento livre
E fugiu da prisão craniana.

É Outono

O silêncio do galho guarda o último canto do outono.

As árvores têm folhas por agora
O verde, porém, está indo embora...
O âmbar cobre de cobre a ramagem.
É o pincel da Natureza que tinge a paisagem...

Quando o vento soprar vai levar as folhas de outono
Em completo abandono.
E seguirão, então, já sem dono.
Dançarão em revoada, soltas no compasso do ar,
Flutuando quais notas de um piano a dedilhar...
Decolarão dos galhos em acrobacias suaves,
Subindo, descendo, girando —
Como bailarinas em delicadas claves.

Farfalharão segredos ao vento, em sussurros de folhas falantes...
O que estarão dizendo? Mistério.
Serão acordes e sustenidos dissonantes...
Eles se confundirão com a sinfonia da ventania,
Assobios fugidios em harmonia tardia.
As folhas vão demorar a pousar.
Hesitarão em aterrissar.
Vão querer mais um giro no ar, mais um voo.
Farão um último revoo...
Antes de uma breve parada naquela veneziana...
Serão elas as borboletas amarelas de Quintana?

E então, cairão com delicadeza outonal.
O chão vai se transformar num tapete de ouro fosco, num ritual.
Tapete de crepúsculo, onde o sol se deita —
Colchão de folhas, onde o sono se ajeita.

Algumas poucas folhas ainda se revolverão querendo elevar-se novamente...
Desejo de ascensão, como um derradeiro refrão.
Ouviremos rumores indistintos, enquanto tentam nova decolagem.
Mas já estarão mais úmidas e pesadas para serem alçadas pela aragem!
E num esforço inútil, irão só um pouco mais adiante...
Num pouso final, desafiante.
Possivelmente saberemos que uma folha não caiu:
Escolheu ficar para ouvir o silêncio do galho...

A Monarquia dos Baralhos

"Reis governam, ases vencem."
Provérbio de jogadores

Na corte dos baralhos, ainda é tempo de monarquia!
Quatro reis, quatro rainhas, quatro valetes em harmonia,
De casas reais distintas: copas, ouros, paus e espadas,
Erguem o reino num castelo de cartas empilhadas.

É uma estranha anarquia!
O ás é soberano sem coroa.
Vale mais que reis e rainhas,
Num trono feito de jogadas e blefes.

O bobo da corte desfila em fantasias coloridas:
Ele é o curinga travesso — risos garantidos, jogadas atrevidas.

Há muita carta na manga na mesa de pano verde:
Majestades de tempos, lugares e mares distantes,
Figuras bíblicas, mitológicas, históricas, fascinantes.

A nobreza, carta fora dos baralhos,
É mistura de alhos com bugalhos.
Dizem que o rei de espadas é Davi,
O de paus, Alexandre — o conquistador.
O de copas, Carlos Magno;
O de ouros, César, cruzando o Rubicão...

A rainha de espadas seria Atena;
A de paus, Argine — a única sem flor.
A de copas, Judith;
A de ouros, Raquel – uma das filhas de Labão...

Mas... E isso importa?
Já embaralhei.
Quem corta?

Doce Brasil

Foram os grandes canaviais do começo da nossa colonização
Que adoçaram o Brasil com seus cristais de história,
Fazendo da terra tropical um reino de confeiteiras —
Rainhas do tacho, da colher de pau, do fogão a lenha.

A doçaria portuguesa chegou como quem sabe encantar.
Colocou à nossa mesa sobremesas sem comparação!
Ficou difícil escolher entre as irresistíveis compoteiras reluzentes,
Onde tudo parecia repousar em caldas quentes e perfumadas.

Aprendemos a arte do doce feito sem pressa,
Com muito amor e talento!
Misturando farinha, frutas, fé e fogo lento,
Com açúcar ou mel.
A doçura girando na boca como um carrossel...

Doce sabor do passado que mantém a fragrância da infância.
Cheiro bom de bolo assando,
De compotas apurando,
De erva-doce, noz-moscada, cravo e canela...

Tabuleiros cheios de tentações —
Não de doces comuns, mas de personagens.
Cada doce tem nome, tem história, tem graça:
O quindim é um sol que não se põe.
A cocada de fita se enfeita como moça de São João,
E a maria-mole, tão leve, parece nuvem em procissão.

O brigadeiro bate palmas em todo aniversário em forminhas de papel colorido,
O pé-de-moleque, menino travesso que virou receita.
A rabanada traz o Natal em cada mordida,
E o doce de leite adoça até saudade esquecida.

Rapadura é pedra doce do sertão,
Ambrosia é poema cozido em tacho de saudade.
O manjar branco desfila como rainha de corte barroca, de ameixas coroada.
O arroz-doce sussurra lembranças em cada colherada.

Suspiros dissolvem-se como promessas,
Geleias escorrem como tardes lentas.
Cada doce é um verso
E o Brasil, esse país de açúcar, sorri com a boca cheia.

Entre Elfos, Duendes, Gnomos e Fadas

Onde o mundo deixa de ser palco de nossas ambições, ali começa o reino do espanto.

No coração das florestas que o tempo esqueceu,
Entre bosques de sombra e montes erguidos ao céu,
Pulsa um Reino Mágico,
Secreto e sutil,
Onde habitam elfos, duendes, gnomos e fadas.

Os elfos chegaram primeiro
Com seu jeito aventureiro!
Dizem que eles são belos, sábios, poderosos,
Fascinantes e mesmo extravagantes...
Alguns afirmam que atualmente se mudaram para o Polo Norte
E estão muito ocupados com sua nova sorte:
Fabricar brinquedos nas oficinas do Papai Noel...
Será?

Os duendes ficam soltos na Natureza ou moram nas casas dos arredores...
Como dizem as lendas e os folclores!
Eles são seres fantásticos de orelhas pontudas,
Às vezes, peludas...
São criaturas de pequenas estaturas
E protagonistas de travessuras...
Não os irrite!
São temperamentais demais...
Podem ser prestativos ou vingativos, ora escondendo objetos,
Ora azedando o leite ou atrapalhando o sono, pois são muito irrequietos!

Quem não ouviu falar de Leprechaun, o duende famoso?
Ele é o sapateiro das fadas que usam modelos feitos com flores e gotas de orvalho...
Várias vezes ele trabalha à sombra de um grande carvalho.
É bastante caprichoso e um pouco vaidoso...
Veste-se de trevo e avental de couro e usa sapatos com fivelas.
Parece pronto para desfilar em passarelas!
O velho martelo é seu companheiro inseparável!
Ainda é guardião de um pote de ouro incomparável!
É verdade que ele o esconde no final do arco-íris?!

Mas... interessante mesmo é a sua moeda mágica de prata...
Mesmo quando ele a gasta, ela volta para seu bolso de forma imediata!

Já os gnomos são figuras subterrâneas: são mineradores.
Movimentam-se através da terra, sem necessidade de túneis ou corredores!
Há alguns que moram nos troncos das árvores em buracos acolhedores.
Todos são exímios artesãos: bastante habilidosos.
Produzem joias riquíssimas com os metais preciosos.
Gostam de viver como uma grande e numerosa família.
Parece miniatura sua mobília!

Quem se esquece dos *Smurfs* – os serezinhos azuis – e dos sete anões?
Zangados, dengosos, valentes, vaidosos, sabichões?
Só que os primeiros são duendes e os anõezinhos são gnomos mesmo!
Vão à mina todo dia: não ficam por aí a esmo...

Conta-se que os gnomos não podem sair à luz do sol...
Pois serão transformados em estátuas de pedra nos jardins!
Por isso são populares nos canteiros, usando gorro vermelho e cachecol!

Por fim, as Fadas,
Centelhas de cor,
Que bailam no ar com leveza de flor.
Tão pequeninas — um palmo de fresta —
Mas regem com calma a magia da festa.
Da Sininho manhosa à Madrinha de luz,
Cada varinha a um sonho conduz.

Cuidam das frutas e dos cogumelos em anel,
Cingindo as amoras com tintas de mel.
Se fores colher pitangas ou flores,
Aguça o olhar como fazem os caçadores.
Pois entre abóboras, vestidos de baile, tule azul e dedal,
Elas tecem destinos em sapatinhos de cristal.

Jabuticaba: Doce no Pé

A fruta mais doce é aquela que se colhe com as mãos pequenas.

Fruto da jabuticabeira,
Árvore nativa brasileira:
Suas flores alvas brotam junto ao caule...
E os frutos nascem bem aí, grudadinhos nos galhos!

Bagas docinhas que explodem de sabor na primeira mordida...
Pérolas negras do tamanho de uma bolinha de gude!
Nenhuma se esconde entre seus ramos —
Todas se exibem, ora tímidas, ora orgulhosas.

Quando éramos pequenos, havia uma jabuticabeira no quintal!
Não era fruta de mesa, nem de cerimônia.
Era muito mais original:
Era fruta de aventura e de primavera.
Pois jabuticaba,
Chupa-se no pé!

O Volume do Silêncio

Silenciar não é simples.
Às vezes é escolha. Às vezes é fuga.
Cala-se por compaixão — ou por medo.
Evita-se o confronto — ou perpetua-se o erro.
O silêncio, quando cúmplice da mentira, deixa de ser nobre.
Quando não corrige, consente.

O silêncio, contudo, não é vazio.
É o tempo da escuta.
É o tempo em que a alma se inclina para ouvir o mundo:
O pajé se cala diante da mata.
O indígena contempla o canto dos pássaros sem interromper o rito da natureza.

Há tempo para tudo.
Mas o tempo da palavra também passa.
E quando passa, o que não foi dito perde força,
Perde sentido, perde o momento.

Falar depois — muito depois —
É como tentar colher frutos de uma árvore que já secou.
O instante certo não espera.
Passa e mal toca em nós...
E se vai.

E então, o silêncio avoluma-se...
Ecoa com estrondo imenso, repercutindo ao longe.
Vibra como sino abafado que só se ouve internamente.
Atinge o sentimento.
Repete-se intermitentemente no tempo e no espaço.
Pode durar um segundo, mas é toda uma eternidade.

Mas o que é o silêncio, afinal?
É ausência ou excesso? É refúgio ou prisão?
É sabedoria que cala ou medo que paralisa?
Se o silêncio fala, o que ele diz?
Se ele grita, quem escuta?
E se ele cura, por que às vezes fere?

Será que o silêncio é o espaço onde Deus sussurra?
Ou é o espelho onde a alma se vê sem máscaras?

Talvez o silêncio não seja resposta —
Mas a pergunta mais profunda que podemos fazer.
E talvez, só talvez,
A verdade não esteja no que dizemos,
Mas no que ousamos escutar.

Cobogó — A Poesia da Permeabilidade

O vazio é também forma.

Cobogó, tijolo que respira,
Janela rendada para o sol.
É passagem, intervalo,
Um convite à luz que brinca.

Nos jardins, não interrompe:
Filtra o mundo, como véu que revela e oculta.
Quando o sol o atravessa, nasce tapeçaria efêmera:
Sombras bordadas, tapetes impalpáveis.

À noite, o jogo se inverte:
A luz interna projeta sonhos em arabescos na paisagem.
De cimento ou cerâmica, não é matéria — é linguagem.
Integra sem invadir, ventila sem expor, ilumina sem ofuscar.

É geometria permeável,
Privacidade que se deixa entrever,
Vazio que se enche de beleza.

Não-te-esqueças-de-mim

"Mesmo a menor flor guarda o eco de um mundo inteiro."
Teofrasto

Pequenas flores da lembrança tão pequenas —
Quase epífitas de nossas memórias —
Carregam em seus estames a seiva viva das histórias.

Formam buquês de esperança,
Como inflorescências tardias,
Como estrelas em corolas vazias,
Teimosas em não esquecer.

Azuis por excelência, como os sonhos mais puros,
De pétalas aveludadas, vestidas de tricomas sutis,
Recolhem em suas saliências as reminiscências mais gentis.
Miosótis: singelas, vistosas, delicadas,
Chamadas pelos gregos de "orelha de rato",
Por suas folhas oblongas e recortadas,
Jamais se perderam no anonimato...

Seus nomes populares são versos espalhados pelo vento.
Sementes de um mesmo e antigo sentimento,
Germinando, em línguas diversas, o mesmo lamento.

"*Vergissmeinnicht*" – murmuram as florestas alemãs;
"*Vergeet-mij-niet*" – ecoam as planícies holandesas;
"*Nomeolvides*" – cantam as guitarras espanholas;
"*Non-ti-scordar-di-me*" – suspiram as canções italianas.
Ou ainda, na promessa firme dos ingleses;
"Forget-me-not".

Eis-me aqui... me note!

A Flor que Esqueceu seu Nome

"A flor é o poema da terra."
Rabindranath Tagore

Ela é o encanto da flora fluminense,
Revelada ao mundo pelos olhos de Commerson,
Naturalista da Academia de Ciências parisiense.

Em sua visita ao Vice-reino do Rio de Janeiro,
Entre tantas maravilhas, encontrou a nossa Primavera.
Batizou-a *Bougainvillea*, em homenagem
Ao Almirante de sua nau, companheiro de viagem,
Que em águas de Guanabara, por outrora, viera.

Hoje ela se derrama em pérgulas e grades,
Veste pórticos, invade cercas e portais.
Sua bráctea é fogo e seda:
Vai do branco-nuvem ao roxo-profundo,
Do rosa-aurora ao amarelo-fecundo
Até o vermelho-sangue, que de tão vivo, incendeia o muro.

Eu a vejo pendida em jardins estrangeiros,
Ostentando um nome de batismo afrancesado...
Mas é preciso que seja contado ao mundo:
Esta primavera é nossa!

O sol quente do Brasil foi quem moldou essa flor.
Ao lado do pau-santo e do jatobá,
Na terra que escuta o canto do sabiá.

Elefantes de Guerra

Plínio os chamou bois lucanos; a história os chamou monumentos.

Orelhas como luas. Patas como tambores.
Olhos que lembram a paciência dos deuses.
Asiáticos — com orelhas de leque.
Africanos — com orelhas de vela.
Os primeiros, mais dóceis.
Ambos, porém, belicosos quando chamados.

Na Antiguidade, não eram apenas animais —
Chegaram a ser usados como arma de guerra:
Eram muralhas móveis, trovões de carne e marfim.

Alexandre viu quinze deles avançarem como montanhas vivas
Sob o estandarte de Dario III, na poeira ardente de Gaugamela.
Pirro, rei do Épiro, fez Roma tremer com as trombas de seus bois lucanos,
Como Plínio os chamou na Batalha de Heracleia.

E então veio Aníbal.
Cartago em marcha.
Elefantes cruzando os Alpes, como se cruzassem o Olimpo.
Zeus não os deteve. Nem Hades os quis.
Eles avançaram, como se o mundo fosse seu.
Roma, experiente e cruel, respondeu com ferro e fogo.
E os elefantes, caros de manter, difíceis de treinar,
Foram deixados de lado.
Não vencidos. Apenas libertos.

Hoje, caminham em savanas e florestas,
Lentos. Majestosos.
Como deuses exilados.

E quem os observa, não vê apenas animais —
Vê monumentos vivos, que um dia carregaram impérios nas costas.
Vê o triunfo da natureza sobre a vaidade humana.

Ob Portus: A Arte de Navegar os Destinos

As oportunidades não nasceram na terra;
Foram batizadas no sal de Netuno.
Sim — é linguagem náutica.
É nome de um vento.

Diziam os romanos: *Ob Portus*, o vento oportuno.
Aquele que sopra em direção do cais, a sotavento,
Como se o destino, com mãos invisíveis, empurrasse a quilha
Para o abraço seguro da margem.

Mas o vento, por si só, é convite.
Jamais garantia.

É preciso o timoneiro — experiente e habilidoso,
Que segura o leme e corrige a rota,
Lê o céu e o silêncio do mar.

Sejamos nós esse mestre do leme:
Rápidos para corrigir o percurso.
Navegando entre o perdão e o amor,
Buscando o porto não como quem foge da tempestade,
Mas como quem reconhece o seu lugar no mundo.

As oportunidades são como a maré:
Vêm e vão, na cadência da impermanência.
Não admitem distração, nem aceitam corações ancorados no medo.
É preciso estar desperto, com a alma limpa de interferências.

Velas levantadas, ângulo perfeito,
Sem amarras que nos prendam ao que já passou.
Mãos firmes no timão:
É preciso navegar no mar calmo ou revolto,
Livre, leve e solto...

Existem muitos portos em nossos caminhos:
Alguns são partida, outros, repouso final.
Não devem ser desperdiçados ou perdidos
Assim como as oportunidades da vida.

Dizem que na tormenta, qualquer porto serve de abrigo...
Mas o verdadeiro porto
É o que reconhecemos no horizonte
Quando o vento, finalmente, nos chama pelo nome.

O Gato e a Oliveira

A oliveira guarda a eternidade em seu fruto,
E o gato, ao prová-lo, renova o fôlego de suas sete vidas.

No quintal, havia uma oliveira antiga —
Tronco esculpido pelo tempo, folhas prateadas ao sol.
Aos seus pés, morava sempre um gato,
Deitado de barriga para cima, com olhos sonhadores.

Dizem que as oliveiras são árvores que atravessam os séculos,
E que os gatos, em sua audácia, desafiam a morte sete vezes.
Talvez por isso se entendam tão bem!

O gato era o guardião daquela sombra:
Espreguiçava-se em rituais de seda, farejando o chão sagrado.
E ao tocar uma azeitona caída,
Miava baixo, como quem decifra um oráculo.
Rolava na terra, dançando com o fruto amargo e verde,
Como se o universo inteiro, em toda a sua imensidão,
Coubesse no breve átimo daquela brincadeira.

Haverá um segredo oculto no sumo das azeitonas?
Talvez o elixir que abastece as suas sete vidas?
Talvez a árvore, em suas raízes profundas, já soubesse.
Talvez o gato, em seu mistério, apenas sentisse.

E assim, dia após dia, o gato e a árvore se encontravam,
Sem pressa, sem palavras, apenas com o mistério entre eles.

Botão de Alcachofra

Há belezas que não nasceram para o olhar, mas para a descoberta.

Ergue-se na plantação como uma tocha de escamas,
Mas é um botão que recusa o próprio desabrochar.
Prefere o recolhimento ao gesto final
Guarda para si a flor lilás, segredo de seda
Que raramente ousa mirar o sol.

Enquanto a margarida, sua prima exibida, sorri para o campo,
E o girassol, parente solar, gira o rosto em busca do trono real,
O *carciofo* escolhe o silêncio.
Veste-se de armadura para proteger a ternura.

Mas o prato o reclama e a boca o celebra.
Na mesa italiana, ele é o rito do domingo, o puro gesto de afeto.
É preciso paciência para amá-lo:
Folha por folha, ele vai se despindo, rendendo-se ao tato,
Até que o caminho revele o coração —
Macio, quase doce, quase lágrima.

Fica botão.
Fica mistério.
Sabor que não se entrega ao primeiro olhar,
Pois a alcachofra sabe:
A verdadeira beleza só se revela a quem sabe desfolhar.

Samba é Isso

Samba é reza de rua, lágrima que sorri e sonho que insiste em cantar.

Dualidade — *Alegria que chora, Nostalgia que dança*
Para o peito que busca a cura no ardor.
Verbo — *Solfejo da alma, Poética do precário*
Para o sopro criador do compositor.

Arquétipo — *Cadência do eterno, Pulso da terra*
Para a ressonância atávica do tambor.
Corporeidade — *Escultura do gesto, Catarse em movimento*
Para o coreógrafo que habita o corpo sedutor.

Alquimia — *Vereda do Ser, Ouro do tempo*
Para o destino, seja para onde for.
Gnose — *Sabedoria do asfalto, Clarão da experiência*
Para a alma que busca o divino sabor.

Transcendência — *Liturgia do povo, Epifania do morro*
Para o silêncio que se faz louvor.
Onirismo — *Sublimação do real, Utopia do agora*
Para o devaneio, esse eterno encantador.

Partícula Se

O 'Se' é camaleão: veste mil papéis na cena da língua.

No apêndice das gramáticas,
Repousam léxicas problemáticas.
Espectros para desafiar o estudante
A todo instante.

Entre elas, o Se – partícula mutante,
Ora substantivo, ora conectivo errante.
Ora pronome apassivador, reflexivo ou expletivo.

Surge ainda como índice de indeterminação,
Uma ocultação, um drible do sujeito.
"Vive-se com o produto da venda de joias preciosas, fabulosas"–
Que suspeito!!!

Poetisa em Dia de Chuva

Nem toda chuva vem do céu.

Acordei com trovões no peito e um copo d'água na mão.
Não sei se era sede ou saudade.

Vesti minha capa de lembranças,
Calcei galochas de metáfora, e saí —
Não para fugir da chuva, mas para conversar com ela.

A sombrinha, tímida, tentava proteger meus versos.
Mas alguns escaparam,
Correndo pelas calçadas molhadas
Como crianças em dia de tempestade.

E eu, poetisa em dia de chuva,
Descobri que há dilúvios que não vêm do céu,
Mas do coração.

Dízima Periódica

A dízima é o poema dos algarismos.

Questão de aritmética
A dízima periódica reitera a síncope do infinito
Na dialética poética
De algarismos que se reproduzem sem conflito
Numa solução hipotética
Devidamente confirmada em algum gabarito.

Regra de Três

Toda regra esconde poesia.

Êta regrinha prática
Essa regra de três
Para mim resume quase toda a matemática
Eu não sei para vocês...

Encontrar valores desconhecidos
De grandezas proporcionais
É útil e de raciocínios divertidos,
Enquanto o MMC ou o MDC já ficaram esquecidos
Não me lembro de ter precisado jamais...

Entre o Tempo e o Contratempo

Como dar tempo ao tempo,
Se ele vive correndo, sem sequer olhar pra trás?
Como fazer as coisas com tempo,
Se o tempo está sempre ocupado e nunca marca hora?

Não se pode perder tempo: ele já se perde sozinho.
Nem matar o tempo — ele é imortal e escorregadio.
Nem lutar contra o tempo — ele sempre vence por *walkover.*
Nem ganhar tempo — ele não joga no nosso time.

Então, já não é sem tempo
De viver tudo a seu tempo, a todo tempo
Sem tempo ruim.

Transformando a vida num passatempo,
Mesmo com tanto contratempo,
Porque, no fim das contas,
O tempo é só um pretexto para gente se atrasar em si mesmo.

Há Tempo para Depois?

A três por dois
Deixamos tudo para depois!
Mas... depois pode ser tarde —
Então não retarde.

O abraço,
Ultimamente tão escasso.
O perdão,
Adiado há um tempão.
O pedido de desculpa,
Guardado sem mea-culpa.
A solidariedade,
Prorrogada com prejuízo da amizade.

Os sonhos dourados,
Esquecidos ou afastados.
As descobertas,
Mantidas até agora encobertas.
Os amores,
Abandonados sem flores.
A caminhada,
Atrasada em tão curta estrada.

Depois é um lugar incerto, onde o tempo cobra juros.
E o que não se vive agora, vira saudade com custos.

Ginnungagap: O Ventre do Mundo

Do gelo e do fogo nasceu o mundo — e no silêncio entre eles, o destino.

Antes do tempo, antes da pedra — havia o vazio.
Ginnungagap, silêncio sem forma,
Onde o fogo de Muspellheim dançava sem chão,
E o gelo de Niflheim chorava sem céu.

Do toque entre brasas e cristais,
Nasceu Ymir, o primeiro gigante,
E com ele, o sangue, o osso, o sopro.
A carne do mundo.

O fogo moldou a alma, o gelo deu-lhe memória.
Toda criação é um choque entre extremos.
Do atrito entre opostos, brota a centelha.

E tudo que veio depois
— deuses, homens, montanhas, mares —
Carrega esse pacto antigo.

Na Islândia, a terra ainda lembra.
Cada vulcão é um sussurro de Muspellheim,
Cada geleira, um eco de Niflheim.
E entre eles, nós —
Filhos do contraste, poetas do abismo.

O Mundo Está Sem Ternura

Quando falta ternura, sobra apenas multidão.

São bilhões de humanos no mundo...
Mas onde está o ser profundo
Criado à imagem e semelhança da eternidade?
Por onde anda essa sagrada humanidade
Que um dia soube chorar com o outro,
Que sabia ouvir o silêncio dos velhos e o riso dos pequenos?

O que aconteceu com o idoso, a criança,
O adulto, o jovem, o de meia idade?
Rompeu-se a antiga aliança?
Despiu-se a natureza humana de sua dignidade?

Os pequenos estão sem limites —
Os pais não têm tempo para eles.
Os velhos são terceirizados —
Os filhos não têm tempo para eles.
Os adultos estão ocupados em ganhar dinheiro e com as redes sociais —
Não têm tempo para mais nada!
Os de meia idade estão desiludidos —
Não lhes resta muito tempo nessa emboscada!

Todos desumanizados,
Indiferentes ou desencantados,
Abandonaram as bússolas antigas,
Trocaram o sagrado por distrações,
Alongaram demais suas adolescências,
Tornaram-se adultos infantilizados,
Exigentes e desfocados,
Com medo de amar sem filtros.

E o pior: não souberam fazer da vida uma grande aventura.
Faltaram-lhes Deus, coragem e ternura —
Essa flor que não brota em telas,
Mas no tempo doado, no toque, no gesto,
No humano que ainda perdura.

Pensar Demais é Coisa Perigosa

O excesso de pensamento é a sombra da clareza.

Ficar remoendo os pensamentos é bem arriscado.
A mente não tem freios — só curvas.
E quem insiste em fazer baliza nas próprias ideias
Acaba batendo nas lembranças.

Mergulhar numa questão sem saber a profundidade é outro risco.
Se o assunto for muito raso, espatifamo-nos no fundo duro da obviedade.
Se for fundo demais, afogamo-nos na dúvida.

É sempre perigoso pensar demais,
Porque, muitas vezes,
A solução está lá, bem quietinha,
E a gente a espanta com tanto barulho!

A Passo, a Trote ou a Galope

Cavalos que cruzam mitos, memórias e metáforas.

Além das nuvens, no voo de Pégaso — o cavalo alado —
Avisto os corcéis de Diomedes, entre centauros mitológicos.
Mais além, ergue-se imponente, o Cavalo de Troia parado:
Que estratagema guarda em seu bojo?
Soldados gregos ... ou ideal camuflado?

A galope nas alturas, vejo Bucéfalos domados
Por grandes Alexandres conquistadores.
Há também Incitatos, de colares enfeitados
Por Calígulas nomeados senadores.

A trote, olho Dom Quixote — o cavaleiro da triste figura —
Monta seu Rocinante e segue adiante, indiferente à armadura.
Bem diferente, está à frente o intrépido Bonaparte,
Com seu Marengo em rédea curta, desenhando estratégias com arte.
Waterloo lhe reserva, porém, o grande revés:
Welligton com seu cavalo Copenhagen enfim o derrota!

A passo, acompanho outros cavalos belos e queridos:
Queimado, do meu avô paterno, em tempos já idos
Sabino, do meu marido, quando menino e juntos crescidos —
Memórias que galopam em campos esquecidos.

Ao apear do corcel voador, lembro-me do meu cavalinho de pau inocente
Que me levava em pequeno passo, num compasso indulgente...
Recordo também as voltas nos carrosséis,
Onde cavalinhos de madeira viraram corcéis —
E eu, rainha de mundos inventados,
Reinava em sonhos que persistem mesmo quando a infância se despede.

A Alma em Alternância

A alma não é linha reta.
É curva, é espiral, é abismo que se alterna entre luz e sombra.

O riso não é apenas júbilo.
É o instante em que o ser se esquece de si e se entrega à leveza do mundo.
Mas essa leveza é breve.
Como o voo do pássaro antes do pouso inevitável.

A lágrima não é apenas dor.
É o retorno ao centro, à gravidade do sentir.
É o corpo lembrando à alma que tudo o que se eleva também desce.

Entre o riso e a lágrima há um campo de forças.
Não opostas, mas complementares.
Como o dia e a noite, como o desejo e o silêncio.

A alma que alterna não é instável.
É viva.
E viver é permitir-se ser tocado por ambos os polos sem se perder em nenhum.

A alegria que não conhece a dor é superficial.
A dor que não se lembra da alegria é desespero.
A sabedoria não está em escolher um lado,
Mas em habitar o intervalo.
Esse espaço onde o sentir se torna linguagem,
E a linguagem, hermenêutica do existir.

Curto-circuito

Entre fios e faíscas, a alma procura aterramento.

Às vezes, a vida é longa — feito fio de poste;
Outras, pode ser curta...

Mas em qualquer caso,
Por obra do acaso,
Há excesso de carga.
Há uma sobrecarga.

Para algumas pessoas nem há chance de descarga:
Há tão somente correntes elétricas que explodem por descaso.

Tem gente que já acorda com tudo ligado ao mesmo tempo.
O cérebro, o coração, o dinheiro apertado...
Não falta energia:
A alma, como qualquer instalação elétrica, é que não aguenta!
Tem que ter disjuntor, aterramento, pausa.

Tem gente que vive plugada em tudo — e em nada.
Num único indivíduo, uma só tomada!
E então ocorre o surto:
O curto-circuito!

As conexões são precárias, as emendas — provisórias.
Faíscas diárias. Explosões notórias.
Relações desfeitas. Oportunidades perdidas.
E a vida — essa instalação antiga —
De corrente alternada,
Vai escapando por um fio, num desvio, sem aviso, às escondidas.
Talvez o segredo seja aprender a desligar...

Chuva de Cores, Chuva de Flores

A terra veste-se de pétalas.

É primavera!
A chuva vem suave e fecunda a terra.
Veste de viço os muros cobertos de hera.
Dilui os contornos do vale e da serra.

Muda tudo em volta dela.
Matiza a mais vívida aquarela,
Na paleta do arco-íris, a luz se supera.
Pudera!
É primavera...

Chuva serôdia, bênção tardia
Que vem fora do tempo, em harmonia
Como na terra antiga da Palestina
Anuncia a vida que antecede a colheita divina...

Flores na chuva,
Cores nas flores,
Chuva nas cores.

Varandas nas Redes: Tramas do Sertão

Varanda é terraço que abraça a casa.
Varanda é renda que abraça a rede.

Na casa de alpendre e chão batido,
O tempo corre manso, quase esquecido.

Essa casa cercada por varandas acolhe quem chega.
Ali sopra o frescor das brisas brandas,
Com vasos de antúrios e lavandas.
Talvez um livro na cadeira de balanço:
Um espaço de descanso...

Nos cantos do terraço duas redes balançam suas varandas,
De crochê e de macramê,
Oferecendo assento para se ouvir os trinados vindos do velho e florido ipê,
Guardando o refúgio mais gentil para quem se deixa embalar.

Varandas que se pendem como guirlandas,
Enfeitando os terraços — também chamados varandas—
Tramas rendadas por mãos que bordam madrugadas.

Na dança de vaivém dessas redes,
Sempre têm lugar para mais alguém!

A Travessia que Fundou um Império

"Se a lei deve ser violada, que seja para conquistar o poder soberano."
Júlio César

O passo dado sobre as águas turvas não foi o de um homem,
Mas o de uma era.
Ali, onde o leito do Rubicão estreita a terra,
César não mediu a profundidade do rio,
Mas o abismo de sua própria vontade.

A sorte não foi apenas lançada ao ar como um dado de marfim;
Ela foi gravada no ferro e no sangue das legiões.
Ao ignorar o veto do Senado,
Ele despiu a toga da lei para vestir o manto da eternidade.

O que outrora era a morte no cadafalso,
Pela ousadia,
Tornou-se o trono do mundo.
O que era limite, fez-se ponte.

Pois, na balança dos séculos,
O sucesso é o único peso
Que separa o nome do violador da lei da glória do imperador.

Quão pequena é a correnteza que separa o cidadão do tirano,
O general do deus!

Roma, em silêncio,
Sentiu o tremor sob as areias,
Pois sabia que, uma vez molhadas as sandálias do conquistador,
O tempo jamais correria para trás.

Partir para a Galileia

O endereço do recomeço.

Cruzamos caminhos de ida para descobrir, enfim,
Que a Galileia é o jardim onde brota o sentido da vida —
Nossa epopeia mais querida:
Chegar de volta ao começo.

Saímos outrora, aprendizes do medo,
Caminhantes de passos incertos.
Mas o coração, em mares abertos,
Desvendou do Papa Francisco o segredo:
Recomeçar é o destino do afeto.
É lá que o tempo se torna oração.

Existem Galileias em cada deserto —
Basta encontrar a que chama por ti.
Onde o Cristo espera, de braços abertos,
Provando que a alma nunca esteve só aqui.

A Galileia é mais que um lugar:
É o espaço onde o humano se torna divino;
Onde o recomeço não é repetição, é transfiguração.
É lá que o coração aprende que todo fim é apenas passagem,
E todo começo é ressurreição.

Efeito Dominó

Quando uma peça cai, revela a fragilidade de todas.

Quem diria
Que uma capa preta e branca
Sofreria o efeito dominó?

Do clero ao baile de máscaras,
Da fantasia carnavalesca à brincadeira,
Caíram,
Sucessivamente,
Vinte e oito peças!

Gases e Poeiras

O segredo das nebulosas,
O mistério latente das estrelas,
O fascínio das galáxias que giram na escuridão...
Tudo guardado sob véus cor-de-rosa,
Como um pudor do cosmos a defendê-las.

É o exército das metagaláxias
Em seu rito de união e explosão.
Nascem os astros,
Deixando rastros
De alabastros
Rasgando a imensidão!

O que eram simples gases e poeiras,
Peregrinos vãos em caóticas fileiras,
Venceram o vácuo e, enfim, se entregaram
À reverência da eternidade.

Pois no fim da luz, a claridade:
O Universo — é a caligrafia da divindade.

Castelo de Areia

Na praia, a sereia
Anseia
Pelo seu castelo de areia...

Mas... temendo a chuva e o vento,
Pede às ondas, num lamento,
Que o levem, com a maré cheia,
Para segurança da sua aldeia —
Sob as águas, sob as brumas —
Deixando para trás apenas espumas...

O que se perde na areia, se eterniza no oceano inteiro.

Birra Filosófica

O mundo muda de página, mas nós insistimos em reler a mesma linha.

Teimosia mais parece um trono de barro,
Talhado com pompa,
Onde o rei insiste em não perceber que sua coroa é feita de lata.

Pode ser virtude disfarçada de vício,
Um músculo da alma que se contrai
Ainda quando o mundo grita: *solta, não vale a pena!*

Mas há quem aplauda:
Veja só, que firmeza de caráter!
E há quem suspire:
Que cegueira voluntária…

Teimosia tem jeito de coragem,
Mas também de tolice.
É o aplauso interno que ecoa quando a razão já foi embora.

Veste a capa da dignidade,
Mas tropeça nos próprios pés,
E ainda acusa o chão de conspiração.

Puro elogio à persistência,
Um protesto contra a rendição,
Uma declaração de que se prefere errar com convicção a acertar por acaso.

No fundo, quem não é um filósofo teimoso?
Até o sol continua a nascer todo dia,
Mesmo sabendo que a noite vai sempre voltar.

Talvez seja isso que nos torna tão humanos:
A doce tragédia de insistir,
Mesmo sabendo que o universo já mudou de página.

Bola Dividida

O futebol seria mais criativo se o juiz perdesse o apito.

Há muito jogo pela frente
E o que se disputa de diferente?
Posse de bola?
Desenrola...

A bola está parada outra vez...
É falta? Escanteio? Pênalti talvez?
A torcida grita: Chuta!
Ninguém escuta?!

Tem bola na trave, tem bola fora
Está passando da hora...
Quanta demora!

Tem bola na área, mas ninguém para cabecear
Nada disso altera o placar...

Vai ser longa essa partida
Tem muita bola dividida!
Seria mais divertido e criador
Dar uma bola para cada jogador!

Rir é Maquiagem

"Vai, idosa", com sua vaidade pela vida afora...
Enquanto "vai, idade", a vaidosa precisa ser criativa.

Vaidade é espelho que mente,
Mas quem disse que queremos ouvir a verdade?

"Vai, idosa!"
"Vai, idade!"
Sussurram as ruas, como quem aponta o calendário com ironia.
Mas a idade não vai: fica, ancora, acumula, pesa...

Vaidosa, ela ajeita o cabelo, como quem desafia o tempo:
"Se ele corre, eu desfilo."
E não há liturgia mais grave do que a finitude:
A senhora que pinta os lábios de vermelho para provar que o instante ainda é dela.

Vaidade é crítica e consolo —
A guerrilha silenciosa contra o cronômetro.
É filosofia em batom:
Rir da cronologia, rir do espelho, rir de nós mesmos.
Porque rir é a única maquiagem que nunca envelhece.

Envelhecer entre Árvores Antigas

Quando caminhamos até a borda da floresta da vida,
Onde sopra a tranquilidade fresca das árvores antigas,
É hora de desfrutar!

Retardar a despedida,
Recordar as coisas amigas,
Abrir os ouvidos e escutar...

Vivi minhas esperanças?
Tenho boas lembranças?
Desvendei meus segredos?
Superei os meus medos?
Consegui me conhecer um pouco?
Conquistei aqueles que amo — ao menos um pouco?

Ainda tenho projetos,
Alguns sonhos secretos,
E, graças a Deus, muitos netos!

Graça, Gratidão e Bênção

Há quem caminhe pelo mundo como quem tateia o brilho,
Venerando a sombra por desconhecer a aurora que o espreita.
São cegos para o maná disperso nos caminhos,
Julgando as pequenas graças como migalhas irrelevantes.
Desprezam o milagre por ele não vestir trajes de gala,
E, se bebem da fonte, esquecem-se de bendizer a rocha que a jorra.

Será que o valor se apaga quando não há moeda que o alcance?
Será que o coração só reconhece o que lhe cobra o imposto do trabalho?
As graças são moedas de um reino que não conhece a inflação:
São fortuitas, sopradas pelo invisível,
Mas o ser humano, em sua arrogância mensurável,
Só venera o que tem etiqueta e preço,
Ignorando que o essencial é, por natureza, um presente impagável.

Todavia, há os garimpeiros da luz.
Aqueles que, diante do ínfimo, dobram o joelho.
Recolhem as graças microscópicas com o zelo de quem guarda diamantes,
Pois sabem que em cada fragmento de purpurina divina
Repousa o embrião de uma glória futura.
Para estes, o detalhe não é pequeno; é o portal.

Recebem o dia com a gratidão de quem se sabe herdeiro,
Pois têm o coração descalço — a simplicidade dos puros.
Neles, o agradecimento é silêncio reverente.
Honram a linhagem do espírito e a tradição do afeto,
Ecoando a prece ancestral que sustenta o mundo:
— Bênção, meu pai!
— Deus te abençoe, meu filho!
Onde o mundo vê acaso, eles veem providência.
Onde o mundo nada vê, eles recebem Tudo.

Frutinhas Vermelhas

Existem auroras que nascem nos galhos:
Frutinhas vermelhas que derramam um brilho púrpuro.

Rubras amoras
Como certas auroras...
Colorido carmesim intenso das framboesas
Sedutoras surpresas...

Campos de rubis de morangos
Desenhando losangos...
Magentas cerejas
Generosas e benfazejas...

Groselhas coradas
Fresquinhas, pelo orvalho da manhã batizadas...
Avermelhadas pitangas
Espalhadas como preciosas miçangas.

Frutinhas que cabem na boca de uma só vez:
Não se come meia amora, meia framboesa,
Meio morango, meia cereja ou meia pitanga!

Em sua sábia pequenez,
O sabor inteiro ali se fez.

Sumarentas, suculentas
Com gosto azedinho, para comer devagarinho.
Irresistíveis delícias vermelhas!

Caixa de Ferramentas: O Triunvirato do Aço

Martelo, chave de fenda e o versátil alicate —
Três centuriões em vigília.
Peças de resgate em caixa guardadas.
Líderes mudos à espera
Da batalha das coisas quebradas.

Eis o trio de aço em seu aparato,
Ferramentas ciosas, de oculto talento,
Que agem no escuro e no puro anonimato,
Mas guardam impérios no seu movimento.

Mas por que tanto recato,
Se são verdadeiros Césares, Crassos e Pompeus
Na fase de seus apogeus?

Comandam exércitos de buchas, de pregos, de arruelas,
Legiões de porcas em marcha incontida.
Pois quando a estrutura desaba em querelas,
São elas que dão o aperto da vida.

Cesta de Piquenique

- O que tem nessa sexta?
- Tem piquenique!
- O que tem nessa cesta?
- Tem piquenique!

Como cheira bem...
Perfume do campo, aroma de alecrim.
Fragrância de especiarias: cravo, canela e jasmim!
Tanta coisa boa para o corpo e para a alma também...

Delícias em porções individuais: queijos, frios, sanduíches,
Patê da tia Madalena, bolo de maisena,
Pão, vinho, uvas e *quiches*;
Pedacinhos coloridos de frutas frescas,
Mil guloseimas pitorescas.

Tem a toalha xadrez com bico de crochê,
A almofada matelassê...

Mas, acima de tudo, tem capricho. Afeto no preparo.
Sons e cores da paisagem verde-claro:
Vento nas folhas, ruídos de cachoeira,
Canto de passarinhos na paineira.

Tem espaço aberto.
Natureza!
Sentimento de liberdade.
E reverência ao meio ambiente, à sua riqueza
Em todas suas manifestações e vulnerabilidade.

O piquenique chega ao fim.
Anoitece.
Escurece.

Volto para pegar a cesta e me vem, nesse momento,
Uma analogia e um pensamento:

Esta cesta de piquenique é semelhante a um baú de memórias.
Guarda o cheiro das lembranças, o sabor das alegrias transitórias,
O eco das risadas do dia livre e solto,
O rastro de emoções agora histórias.

Pinguela: Onde a Natureza Faz Caminho

A ponte é uma pessoa atravessando a si mesma.

No fim da rua da minha infância havia um ribeirão.
As águas escuras guardavam mistérios,
E eu, menina, ficava à beira, olhando o silêncio se mover.

Ali estava a pinguela, um tronco atravessado,
Frágil e firme ao mesmo tempo.

Era a natureza que ensinava o caminho,
Sem cálculos, sem projetos,
Apenas o gesto espontâneo da floresta.

Lembro-me do medo e da coragem misturados
Quando eu arriscava o passo.
O tronco rangia sob meus pés,
Mas havia uma confiança secreta,
Como se a mata me segurasse pela mão.

Hoje, vejo pontes estaiadas, de pedra, de ferro, de concreto.
São seguras, imponentes,
Mas não têm o mesmo encanto.
Nenhuma delas guarda o tremor do primeiro passo,
Nem o arrepio da travessia.

A pinguela da várzea foi mais que madeira sobre água:
Foi rito de passagem, foi infância, foi poesia.

Cantor da Madrugada

A voz do sabiá — clara, vibrante, modulada —
Ecoa em trinados e gorjeios,
Em belos chilreios,
Na hora em que o mundo ainda sonha,
No ventre da madrugada.

É o recital do sabiá laranjeira
Que estende sua temporada pela primavera inteira!

O concerto mudou de lugar e hora...
O sabiá cantava ao alvorecer, na primeira luz da aurora,
Como ainda o faz em lugares mais sossegados onde é tão popular!
Seria a iluminação noturna das grandes cidades
— Tão intensa e vilã —
Que o deixou confuso,
Roubou-lhe o fuso,
E a manhã?

No silêncio do asfalto, antes que o dia acorde,
O sabiá solta seu mais puro acorde!
Tecendo bemóis e sustenidos,
Em tons por nós nunca ouvidos.
A despeito de ser muito cedo,
Seu canto é perfeito: um templo de som no vazio do peito.

Fugindo do ruído ensurdecedor,
Desse caos que cobra como um credor,
Entre buzinas, aviões e o bate-estaca,
A voz do pássaro é lâmina que aplaca.
Como ele não aceita a competição,
Eleva a voz, abre o pulmão!

Resolve cantar cada vez mais cedo, no mudo arvoredo;
Capricha na entrega e no repertório,
Tendo ou não auditório.
Busca um novo compasso, a par e passo,
Transformando toadas em sinfonias delicadas,
Onde ele é o drama, o maestro e o regente!

São canções que falam de poder, de conquista e sedução.
Árias que proclamam o seu território de ação.
Solos flauteados, feitos para o cortejo:
Um poema de amor feito de desejo.
Ele canta... E encanta.

Serelepe: o Esquilo que Planta Árvores

As coisas pequenas têm a importância de ser o começo de tudo.

Caxinguelê ou serelepe é brasileiro — esquilo do nosso chão.
É bicho arisco. Salta com precisão.
Num relance castanho-avermelhado, é pura agitação.

A cauda longa e felpuda é o leme do seu destino:
Equilibra o passo leve, traça o rumo repentino.
Pelas copas faz atalhos, mestre do salto fino.

Pequeno na estatura é um grande semeador.
Espalha sementes longe da árvore onde colheu o sabor,
O que lhe rende, por mérito, o título de dispersor.

Prefere o doce jerivá e o pinhão do Paraná.
Enterra o tesouro na terra, guarda para o que virá.
Mas o esquecimento é sábio:
Onde ele esquece, a mata dá.

A semente que ele perde, o tempo faz florescer.
Vira tronco, vira sombra, faz o bosque renascer.

Vira Araucária imensa, catedral de madeira e vento.
Ele, que buscava um lanche, acabou plantando um monumento.

Sumaúma, Mãe da Amazônia

A árvore é o esforço da terra para falar ao céu,
Enquanto escuta o que murmura o chão.

No oceano verde, ela é o farol.
Coluna gigante solitária que rasga o dossel.
Guia o prumo do barqueiro e o rumo do sol.
Arquitetura viva,
Sentinela de musgo e nuvens,
Erguida na margem do grande rio.

Eis o colosso: vegetação magnífica!
Virente, vigorosa, vibrante,
Vertente de vida que sustenta a selva.
Verdejante vulto que o vento reverencia,
Seiva que vibra em veias invisíveis.

Aos seus pés, as sapopemas:
Raízes-muralhas, pernas de deusa, tendões da terra.
Não apenas sustentam:
Caminham.
Multiformes, abrem cavernas ancestrais,
Morada e refúgio de incontáveis animais.
São os tambores da floresta:
Na batida seca da madeira,
O eco viaja e se comunica:
A mata fala.

Lá no alto, a copa é orquestra suspensa.
Abrigo de penas,
Palco de trilos e ventos,
Onde o amanhecer se compõe em sinfonia densa
E o crepúsculo verte seus últimos lamentos.

Quando o fruto maduro se entrega ao destino,
Liberta o *kapok:* paina em flutuação.
Seda aérea, plumas de algodão em voo divino,
Buscando o húmus para repetir a criação.

Diz a lenda gravada em tempo profundo:
Quando tudo era escuridão,
Uma imensa sumaúma fechava o mundo.
Suas folhas ocultavam a luz,
Até que o estalo do tronco ecoou como trovão.
A árvore tombou em estrondo e ruína.

Mas, ao cair, abriu cortinas de claridade.
Do tronco partido brotou a água, jorrante.
Nascia o Rio Amazonas nesse instante.
De seus galhos caídos, fios de água viraram igarapés,
Bordados de verde, repletos de uapés.
A vida explodiu em fúria e fertilidade,
Novas árvores cresceram à vontade,
Abrigando a fauna sem parcimônia.

A Natureza invadiu o vácuo e a sombra:
Estava criada a Amazônia.

O Risco da Sinceridade

Todos dizem amar a verdade —
Mas só se ela vier maquiada,
Com roupa de domingo
E um sorriso que peça desculpas.
A verdade nua fere o ego.

A sinceridade, muitas vezes, é como visita sem aviso:
Entra sem bater, repara na bagunça,
E ainda pergunta se o café é de ontem.

Há verdades que só cabem no silêncio.
A palavra, às vezes, é um ruído desnecessário.
Olhos podem dizer mais...

Ser sincero é uma arte que exige coragem —
Porque é se despir.
E poucos estão prontos para ver a nudez do outro.
Ou a própria.

A sinceridade deveria vir com bula:
Uso externo. Evite aplicar em feridas abertas.
Ou com manual de etiqueta:
Antes de dizer o que pensa, pense no que vai dizer.

Porque sinceridade demais é grosseria.
Há quem confunda franqueza com falta de educação...
E nada é pior que o sincero compulsivo:
Aquele que acorda com opinião, almoça com julgamento,
E dorme com a certeza de que está sempre certo.

A verdade, quando escapa, é lapso da alma —
Isso, por vezes, é perigoso:
Pode virar amizade,
Mas também demissão, divórcio, confusão.

Por isso, use a sinceridade como perfume francês:
Uma gota basta.
Mais que isso, vira exagero.
Vira vaidade.
Só os muito seguros de si
Dizem o que pensam.
E os muito tolos também.

O Amor em Estado Gasoso

O amor, quando gasoso, não cabe em frascos nem em fórmulas.
Ele se expande.
Ocupa espaços que nem sabíamos que existiam.
Invade pulmões, pensamentos, e até aquele cantinho da alma reservado ao não sei.

É volátil.
Às vezes sobe como vapor de paixão,
Outras vezes condensa-se em saudade.
E quando menos se espera, precipita-se em lágrimas — ou em risos.

O amor gasoso não tem forma definida,
Mas tem cheiro de lembrança e gosto de quero mais.
Escapa pelas frestas, não se deixa conter e se espalha no ar como dádiva.
É o tipo de amor que não se prende, mas também não vai embora:
Veio para ficar pairando no ar.

Parece que não quer se comprometer,
Mas não consegue se ausentar.
Está ali — em suspensão, em dúvida existencial, entre o sim e o talvez.

E como todo gás, tem pressão.
Pressão para se tornar líquido,
Para se tornar sólido,
Para se tornar algo que se possa tocar.

Mas ele resiste.
Flutua,
Como fitas coloridas ao vento...

O amor em estado gasoso é aquele que nos faz respirar fundo e pensar:
Será que isso é mesmo amor, ou só uma reação química com graves efeitos colaterais?
Ou será que o amor é justamente isso —
Indefinido, instável,
Porém essencial para que a alma continue respirando?

Rapadura: Doce de Engenho

Doce de cana, doce de engenho
Das ricas terras de massapé
Vindo da raspa do tacho
Do parol que borbulha
Deixando a calda grossa e brilhante.

Doce do trabalho árduo, de muito empenho
Verdadeiro auto de fé
Que no calor do fogo, fervilha e espalha um facho
De luz e perfume açucarado que entulha
O ar como uma prece constante.

Doce com sabor de história
Dos canaviais do Brasil colônia
De resistência e de memória
De identidade de um povo simples, com parcimônia.

Doce muito doce
Como se tudo fosse
Pura doçura...
Mas seria, porventura, só isso a rapadura?
Ou também suor, chão e cultura?

O Último Chapéu

Chapéus contam histórias,
Guardam memórias,
Têm formas diferentes e muitas funções.
Dão identidade às diversas culturas e profissões.

Chapéus das damas, dos cavalheiros,
Distintivos de vaidade, sofisticação e requintes passageiros.
Luxos ilusórios com plumas, tules, laços, rendas e fitas cruzadas...
Extravagâncias das cartolas, usadas indolentemente inclinadas.

Chapéus de couro, de feltro, de palha, de brim,
Que protegem, aquecem, refrescam, resistem.
Chapéus de tecidos diversos: do veludo ao cetim,
Que encantam, fascinam, surpreendem e seduzem.

Chapéus de casamento, de luto, de Carnaval,
Que enfeitam, entristecem, fantasiam.
De rei e general, de juízes, de papa e cardeal
Que mandam, que julgam e abençoam...

Há, porém, um chapéu a que poucos – bem poucos – prestam atenção.
É o chapéu do mendigo, estendido em sua mão.
Esse gesto metafórico vem revestido de dignidade
Que agora aflora diante da pobreza e humildade.

O mendigo não é visto por quase ninguém.
Suas mãos pedintes, nuas e vazias, são invisíveis também.
Resta-lhe o chapéu que suplica por ele,
Poupando-lhe a indiferença endereçada aos desfavorecidos como ele.
Resta-lhe o velho e surrado chapéu de pelo
Que faz, na linguagem velada e silenciosa dele,
O pedido de socorro, o difícil apelo...

É ainda no seu bojo desbotado
Que o chapéu do mendigo recebe o trocado:
A esmola, dada com desinteresse e insensibilidade,
Despida do espírito de caridade.

Que enorme contraste, que diferença entre os seus significados
Que o tempo e o uso deixaram desgastados!
Uma hora, o chapéu é símbolo de distinção, elegância.
Noutra, símbolo da miséria humana
Que, não raro, é vítima desumana
Da intolerância!

Caminho das Pedras

Caminhante, caminhe! Não pare!
Ande cada alqueire, cada hectare.
Lembre-se que é peregrino
E defende as longas jornadas: é um fiel paladino.
Observe as pedras do caminho a explorar.
Recorde sempre o que o motivou a caminhar.

Caminhante, aventure-se! Onde você está?
É viajante de primeira viagem, errante, livre ao deus-dará?
Olhe as pedras do caminho que dão para contornar.
Avalie as curvas e encruzilhadas a evitar.

Caminhante, segue! Sabe aonde vai?
Fique alerta com os sinais onde entra e de onde sai.
A vida é um caminho de pedras soltas
Algumas tão pequenas e revoltas
Que você pode tropeçar.
Se estiver distraído, é bem comum tropicar.

Caminhante, continue! Onde quer chegar?
O que pretende alcançar?
Recolha as pedras do caminho,
Pois a vida é uma seleção de pedras miúdas em redemoinho.
Junte-as e faça delas uma coleção: elas têm muito a lhe ensinar.
A linha da chegada logo aparece para você cruzar.

Caminhante, investigue! O que procura?
Nessa noite tão escura?
Saiba que pode encontrar as mais belas pedras do caminho:
Muito longe ou bem aqui, no terreno vizinho.
Sonhe com elas sem parar...
Mas atenção: você pode acordar!

Caminhante, desbrave! Abre o mapa da mina!
Ali tem ouro e platina!
Desce nas entranhas da terra onde se faz a mineração,
Como o mineiro ou o garimpeiro –
Os grandes descobridores dos caminhos das pedras,
Aquelas que brilham no chão...

Preciosas!
Vaidosas...

Caminhante, escave! Remexe com o almocafre a terra fina.
Busque nesse chão de turmalina,
Entre seixos e cascalhos brilhantes,
As águas-marinhas, os topázios, as esmeraldas e os diamantes
Das grupiaras bandeirantes.

Caminhante, contente-se com os tesouros que encontrar!
Suas pedras não foram fáceis de achar...
Lembre-se que não são apenas pepitas de ouro que rebrilham à flor da terra
Ou incham as lavras na serra...
Há muitas outras gemas, sem jaça alguma
Que farão sua melhor fortuna:
A fé que o animava,
A coragem que o levava,
O amor que semeaste enquanto caminhava!

Caminhante, acautele-se! Tem muita gente que não vai a lugar nenhum!
Nesses espaços ermos acontece tanta coisa incomum!
Há emboscadas e mais pedras no caminho.
Pode haver quem queira assaltá-lo.
Por que se arriscar?

Caminhante, dê as mãos! Parte com seu companheiro de viagem.
Desfrute a paisagem!
Não vá sozinho!
Vão juntos entre as pedras do caminho,
Em harmonioso compasso...
E a cada passo,
Você cresce.
A cada pedra que encontre,
Você aprende.
A cada desafio,
Você luta!

Caminhante, descanse!
Nem tudo está ao seu alcance!
Desamarre as sandálias de seu pé cansado.
Coloque de lado seu alforje sobrecarregado.

As pedras recolhidas pelo caminho são pesadas,
Mas não podem ser abandonadas...
Mantenha o porte.
O fardo não é leve, mas seu ombro é forte!

Caminhante, recomece! Ainda é longo o caminho!
Arrume seus cabelos em total desalinho.
Calce suas sandálias, não se esqueça de nada.
A primeira claridade da manhã surge, é a alvorada!
Hora de prosseguir e empreender sua grande obra.
Mãos à obra!

Caminhante, seja agora o pedreiro de uma estrada sem poeira.
Cubra o caminho com as melhores pedras extraídas das jazidas
Da sua caminhada inteira.
Essas pedras do caminho devem pavimentar os trechos escarpados,
Acidentados,
Que vão maravilhar
Aqueles que os forem, porventura, trilhar.

Caminhante, lapide essas pedras! Como se as fosse adular!
Antes estavam dispersas, hoje estão reunidas num chão de pedras singular.
Lustre-as com carinho! Deixe-as bem polidas!
Vão ser o calçamento dos caminhos que um dia você seguiu nas suas lidas,
Com coragem e sem desânimo,
O que pôs à mostra seu coração magnânimo.

Teatro das Paredes

Toda parede tem ouvidos.
Todo biombo, segredos.

Oh, véus que se erguem entre almas e olhares,
Biombos, senhores das sombras e dos silêncios,
Vós que partis sem partir,
Que dividis sem dor,
Que ocultais o que não se deve ver —
E revelais o que não se ousa dizer.

Dobrais-vos como o tempo,
Recolheis-vos como o segredo,
Abris-vos como promessas,
Fechais-vos como destinos.

Vossas faces são telas de arte e enigma:
Magnólias em flor, dragões em fúria,
Bambus que dançam ao vento,
Peônias que choram em tinta.

Vós sois palco e bastidor,
Cenário e personagem,
História e invenção.
Guardais mitos, memórias e murmúrios,
E em vossa madeira repousa o eco dos séculos.
Ora sois muralha, ora sois passagem,
Ora sois confissão, ora sois disfarce.
E quando o ator se cala, Vós falais com vossa postura.

Biombos, espelhos quebrados do mundo,
Vós que vedes sem olhos,
Que escutais sem ouvidos,
Que julgais sem voz —
Sede testemunhas do teatro da vida,
Onde cada dobra é um destino,
E cada pintura, um presságio.

Clície: A Flor que Seguia o Sol

O amor é movimento: gira, espera, persiste.

A ninfa de olhos vastos,
Clície, filha da terra e do desejo,
Feita de seiva e sonho,
Amou o deus que não a viu —
E por ele foi ignorada.

Dia após dia:
Seguia o carro flamejante de Apolo,
Com olhos fixos na luz que a desconhecia.

Não chorava, nem se desesperava.
Apenas girava.
E foi virando flor...

Assim nasceu o girassol:
Com rosto voltado para o céu,
Com alma presa à terra,
Com cor roubada ao próprio deus.

Hoje, os campos se enchem de sua lembrança.
Milhares de Clícies curvam-se,
Cativas do curso do céu.
Dançam — como sacerdotisas fiéis ao sol,
Em silêncio, em sincronia, em saudade.

Mas um homem — triste e genial —
Viu neles o que os deuses não viram.
E em cada tela, deu-lhes eternidade:
Girassóis em botão, em esplendor, em declínio.
Van Gogh os pintou de amarelo,
Por achar que esta era a cor da esperança.
E talvez seja mesmo!
Vejam bem: o girassol não se cansa —
Gira e olha e espera...
E isso, no fundo, é o que fazem os que amam.

A Primeira Pérola

Foi uma lágrima caída do céu, sem rumo nem cor,
Mas que encontrou guarida numa ostra cheia de amor.

À noite, quando a lua flutua sobre as águas salgadas,
As ostras despertam no fundo do mar.
Abrem-se, lentas, como flores marinhas,
Com suas conchas nacaradas,
À espera do orvalho chegar...

Ele vem em forma de lágrimas cristalinas,
Que se refletem no espelho do oceano...

Cada gota — opalina e translúcida —
É recolhida, rendida, reverenciada.
A ostra acha que aquela gota é um segredo
E começa a embrulhar o sigilo em camadas,
No seu leito de madrepérola.

Vai girando... Faz-se círculo.
Faz dela um pequeno astro fulgente.
Faz-se pérola.
A primeira.
Ela nem sabe que é bonita.
Só sabe que é guardada.

Redonda como o ciclo da lua.
Brilhante como o olho da noite.
Depois vêm outras.
Com nomes, com preço, com brilho de vitrine.
Mas nenhuma tão pura quanto aquela
Que é memória mineral da lágrima vertida.

Ponto a Ponto

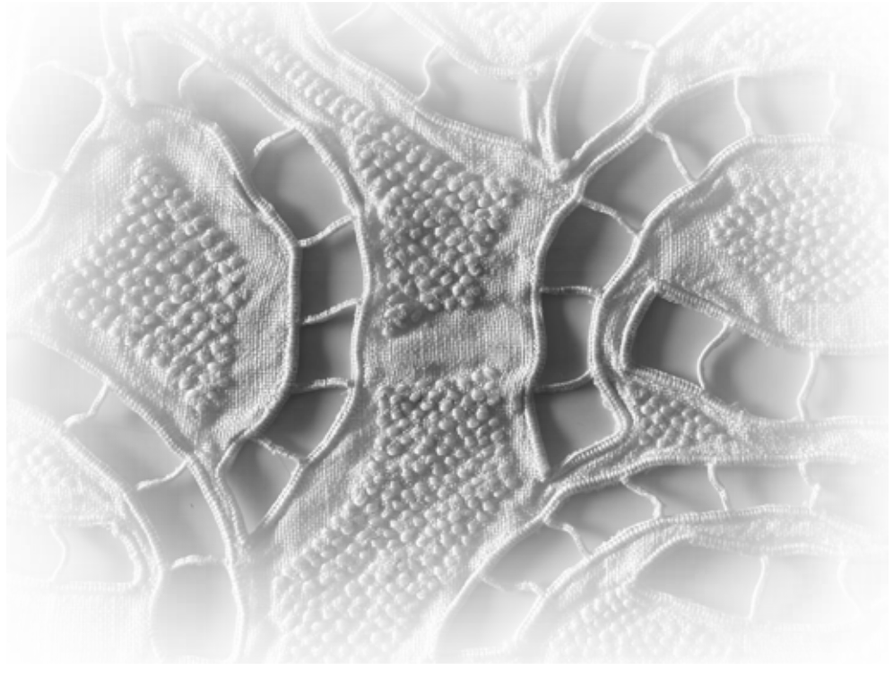
A agulha fura, mas não machuca.
Ela abre caminho para a beleza entrar.

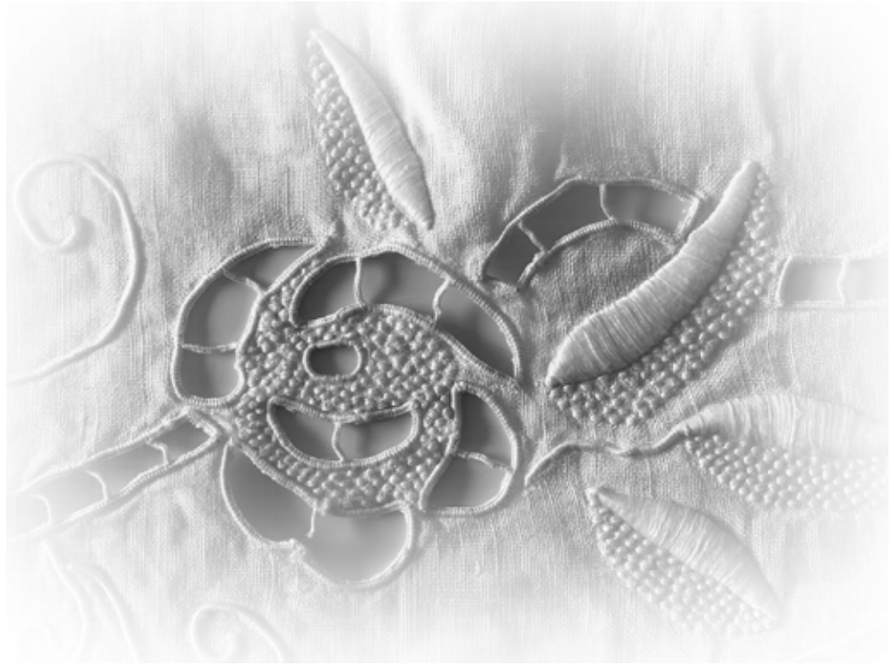
O que é o bordado senão
Uma costura da arte com fios de algodão,
De seda, de linho...?
O que é o bordado senão
Uma pintura da vida com traços de poesia e cor,
Como se o tecido fosse um pergaminho?

O que é o bordado senão
Uma criação da beleza com linha e agulha na mão?
O que é o bordado senão
Um teste de paciência e habilidade
Com uma infinidade de pontos?
Cruz, chavão,
Cheio, atrás, haste...
Em bonito contraste,
Com os pontos matiz, sombra, corrente...
Que se entendem melhor do que muita gente?

O que é o bordado, senão
Um jeito de pensar em silêncio,
De costurar lembranças com a mão?
O que é o bordado, senão
Uma pintura que não precisa de tinta,
Só linha, paciência e coração?
O que é o bordado, senão
A beleza que mora no gesto lento,
Na mescla de linhas coloridas com talento?

E enquanto se borda, o pensamento vagueia —
Livre, curioso, contemplador,
Como quem passeia por dentro de si,
Com um bastidor.





Bordado com amor pela Vovó Celisa
Caconde, Julho de 1949

Baile das Borboletas

As borboletas são flores que dançam.

Nos salões dos campos e dos jardins, há recantos de cor e movimento
Das borboletas bailarinas.
Elas fazem volteios multicoloridos, fugindo do vento,
Entre cravos e margaridas, gerânios e boninas,
Lantanas e cambarás,
Crisântemos e pés de manacás.

Mas é junto à orquestra dos passarinhos,
Pertinho de seus ninhos,
Que está a árvore das borboletas — a budleia —
Num canteiro de azaleia,
Onde há um bando de borboletas nas suas flores perfumadas!

Ali é a pista do bailado das danças
E contradanças
De coreografias delicadas.
De asas inquietas, impacientes, apressadas...
Asas que exibem seus trajes de gala.
Alguns com reflexos matizados de opala...
Leves, frágeis, singelos.
Outros são verdes, vermelhos, azuis, brancos, amarelos...
Muitos são alaranjados com laivos de açafrão
E bordas pretas...
Que lindas borboletas
Em suas piruetas,
Entre as flores violetas,
Defronte ao caramanchão!

Romeu-e-Julieta à Moda Brasileira

Tragédia é não ter goiabada. Comédia é ter só queijo.
Bom é ter ambos: queijo com goiabada.

Romeu não nasceu em Verona,
Mas foi feito de leite e engenho mineiro —
Um queijo branco que sonha eternidade.

Julieta, vermelha como o entardecer,
Também não é italiana:
Saiu da goiaba no tacho de cobre —
Fruto que virou memória,
Doce que virou goiabada.

Eis que se encontram.
Não no balcão de Shakespeare,
Mas no prato despretensioso da cozinha,
Onde o amor dispensa a tragédia
E se basta no sabor que os une.

Doce tão espontâneo,
Conciliação de fruta e açúcar.
Doce tão romântico,
Abraço perpétuo de romeu-e-julieta.

Sem veneno, sem punhal,
Sem complexidade nos paladares,
Eles provam que o amor verdadeiro
Não precisa morrer para ser infinito.

Na literatura, o amor perece jovem.
Na cozinha, ele renasce todo dia:
Romeu-e-julieta,
A dupla prova que o Brasil também escreve poesia
Com queijo e goiabada.

Queijo com goiabada.
Nada mais mineiro.
Nada mais brasileiro.
Shakespeare fez tragédia.

Nós fizemos sobremesa.

Shakespeare errou o final:
O amor não morre, apenas engorda...

E quem prova, entende:
O amor pode ser simples,
E ainda assim eterno.

Aranhas Fiandeiras

Toda teia é um poema suspenso no ar.

Tecelãs engenhosas, aranhas fiandeiras,
De teias mágicas, quase feiticeiras:
Triangulares, tubulares, circulares,
Embaraçadas, emaranhadas, singulares...

Descendentes da vaidosa Aracne, aranhas fiandeiras,
Metamorfoseadas por Atena, condenadas por seu orgulho temerário,
A tecer, em seu tear solitário,
As priscas teias dia após dia...

Artistas e arquitetas, aranhas fiandeiras,
Dispensam projetos, programas,
Plantas, diagramas.
E das suas próprias entranhas
Essas aranhas
Produzem a matéria prima:
O fio de seda fina,
Das suas tramas de admirável simetria!

Nas profundezas da floresta, aranhas fiandeiras,
Onde a luz do sol se esgueira entre árvores em fileiras,
Tecem um manto levíssimo de prata —
Teias de captura,
Estrutura
De armadilhas delicadas e efêmeras: artimanhas
Das aranhas...

Concluído o trabalho, retiram-se ao centro de suas teias,
Em posição de sentinelas em ameias,
Com o orgulho de quem assina sua obra,
Onde tudo está equidistante, ao seu alcance, sem manobra.
Tamanha façanha!
Ali as presas se veem, verdadeiramente, em papos-de-aranha...

Num canto escondido, aranhas fiandeiras
Tecem outras teias — agora são abrigo de refúgio,
Subterfúgio
Para suas moradas, seus santuários,
Corolários
De fios prateados, diáfanos, quase invisíveis,
Urdiduras irrepreensíveis,
Tapeçarias para se aninhar...

Aranhas fiandeiras, seu destino é fiar...
Sua teia é semelhante à de Penélope, um trabalho inexorável,
Interminável...
Todos os dias a tecer e a desfiar!

Setenta Vezes Sete

Perdoar é afirmar que a vida é maior que o erro.

Perdão é o que se pede
Quando se erra, se magoa, se ofende,
Quando se fere, se arrepende,
Quando o coração se dobra em humildade,
E a alma clama por claridade.
Senhor, tu nos ensinastes a rezar o Pai Nosso,
Com o perdão entrelaçado ao pão nosso...

Perdão é o que se dá
Quando se ouve, se abraça, se compreende,
Quando se esquece, se rende,
Quando se escolhe não retaliar,
Mas acolher, silenciar, amar.
"Quantas vezes devo perdoar?" — pergunta Simão Pedro.
"Setenta vezes sete" — responde o Mestre,
Como quem diz: sempre.

Perdão é o que se recebe
Quando se cresce, se liberta, se transcende
Mesmo quando nos surpreende
Que o pedido de perdão seja feito e concedido em favor dos seus próprios algozes
Na mais clemente das vozes:
"Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem."

Receita de Família

A mesa é o lugar onde o tempo se torna sabor.

A mesa de refeições é um local privilegiado de convivência.
Espaço sagrado:
Onde se parte o pão e se bebe o vinho.
O corpo se nutre e a alma se aquece.
Cenário de celebração:
Brinda-se à vida, à saúde, à felicidade, à amizade, à confidência.

Palco de paladares:
Apreciam-se aromas, experimentam-se receitas, combinam-se ingredientes.
Criam-se memórias saborosas,
Dos assados cheirosos, preparados com tanto carinho,
Dos perfumes exalados pelas frutas na sua calda ao fogo...
Origem de aprendizado:
Respeitam-se diferenças. Valoriza-se a diversidade.
Conhecem-se histórias, experiências e tradições familiares.

Símbolo de amor:
Fortalecem-se vínculos. Criam-se laços.
Lugar de conversa:
As palavras fluem e os silêncios falam.
Os sentimentos transbordam e as ideias brilham.
Os ouvidos escutam e os olhos admiram.
Os risos ecoam e as lágrimas escorrem, mas no conforto aliviador.

Fonte de saudade:
Das mesas bastante concorridas
Da minha infância feliz!
A mesa é receita de família:
Para uma casa cheia, há de ter mesa posta e comida gostosa à vontade!

Pintura de Retrato e Fotografia de Retrato

Um olhar, um gesto, um sorriso,
Capturados de improviso,
Pela mão do pintor ou pela lente do fotógrafo,
Não é uma simples cópia, um apógrafo...

Um retrato é expressão artística.
Comunica alguma beleza característica.
Numa pincelada, pode atravessar o tempo,
Ou prender, num *flash,* o momento.

Amplia o efêmero, o passageiro
Ou apenas suspende o instante e o movimento?
Interrompe o curso inexorável e ligeiro
Da vida que é tão breve para ser retratada sem vencimento?

O certo é que o retrato resiste
Ao tempo e à memória insiste.



Algodão — O Fio da Natureza

Chão vazio, a promessa dorme sob o sol.
Semente repousa, germina silêncio.

Rompe-se a terra, o rebento ergue-se —
Advento de folhas tenras, e entre elas,
Botões florais magistrais.

Depois, com o tempo, abrem-se flores: brancas, amareladas.
Abelhas chegam, polinizam o instante,
E as pétalas, agora rosadas, despedem-se do caule.
Caem.
Ficam as maçãs verdes,
Guardando sementes e plumas viscosas, misteriosas,
Como promessas de renovação.
Avança a maturação.
Em breve, o algodão em pluma — revelação.

No campo, o branco amanhece — e o algodão sonha com o toque do sol.
Entre capulhos abertos, a manhã se veste de nuvem.
É tempo de colheita, algodão em rama, panorama de brancura.

Bisaco a tiracolo, sem quebrar o protocolo,
Recolhe-se a plumagem agarrada à catemba.
O cândido fio, macio,
Vem do casulo seco — arte e desafio da natureza.
O algodão foi tecido por ela,
Gentileza que se espalha nos tufos,
Deixando sementes para o replantio.

De um Dia para Outro

De repente!
Nada na vida é permanente.
Tudo está em constante fluxo
E contrafluxo
Diante das vicissitudes dos acontecimentos.
De um dia para outro é apenas outra maneira de dizer:
Vivam os momentos.

Tudo é cambiante
Agora e durante a vida errante
Já o era antes e ainda será doravante...

O que é certeza senão a mudança constante
Que nos leva a acreditar no triunfo da fé sobre o medo
Da verdade sobre o erro aleatório?

O que é longo senão a espera inquietante
Que nos consome com a ansiedade?
Tudo mais é breve, mutável, frágil, transitório...

O que é duradouro senão o sonho distante
Que nos sustenta com a ilusão da permanência?
O resto é incerto, volúvel, movediço, provisório...

O que é eterno senão o instante
Que nos engana com a emoção?
O mais é efêmero, volátil, inseguro, insatisfatório...

O que é a certeza senão o destino mutante
Que nos desafia com o inconstante?
Com o contraditório?

Não obstante,
O inesperado acontece, a esperança renasce,
O sol brilha e a chuva cessa,
De repente!

Fogo de Palha

Paixão é como fósforo: risca, brilha, apaga.
Mas queima...

Acende fácil.
Apaga rápido.
Como paixão de verão.
É fogo de palha — não esquenta panela, mas abrasa o coração.

Arde...
Não tem paciência —
Não quer durar.
Sobe pelas paredes da alma,
Lambe os cantos da memória.

Breve, sim, mas não pequeno.
Tem o fulgor inflamado dos instantes que não se repetem.
Chama que sabe morrer com dignidade de incêndio.

E quando passa,
Deixa o cheiro, a fuligem,
A alma chamuscada...

No fim, sobra fumaça.
E um pensamento:
Se era fogo de palha, por que queimou tanto?

Dunquerque: Entre Dunas e Gavetas

Na costa do Norte francês, o vento açoita muralhas e murmura histórias:
Ergue-se ali Dunquerque — cidade de batalhas, de fé, de fuga.
Seu nome, nascido do flamengo antigo,
Igreja nas dunas,
Um templo entre grãos de areia.

E é desse nome que nasce um móvel singular.
Não por acaso.
Pois o armário Dunquerque é também templo,
Também abrigo, também muralha.
Um monumento de madeira onde o tempo se recolhe,
Entre dunas e gavetas.

No centro da sala, ele se impõe:
Tudo ao redor parece curvar-se à sua gravidade.
Feito de jatobá, mogno, carvalho, nogueira ou jacarandá.
Assemelha-se a um argonauta em repouso,
Que traz em seus veios o sal de antigas travessias.

Bronzes repousam como brasões,
Marchetaria entoa arabescos de tempos idos.
É mais que móvel. É bastião. É Dunquerque.
Suas portas envidraçadas são janelas abertas
Para prateleiras de veludo que sustentam relíquias:
Cada objeto, uma oferenda do passado,
Lembranças recolhidas pelo caminho.

A luz desliza por suas superfícies polidas
Como quem reverencia um monarca adormecido.
E o aroma que emana — terroso, ancestral —
Preenche o ambiente com o cheiro da floresta que o viu nascer.

Ele não fala, mas conta histórias de quem veio, de quem partiu,
De quem ousou guardar o mundo em gavetas.

Dunquerque não é estilo.
É legado.
Obra de arte, verdadeira ode à habilidade do artesão.
Monumento de tempo entre o ruído das máquinas e a pressa dos dias.

O Peso do Não Dito

Coração valente,
Aquele que sustenta há tantos anos,
O algoz silêncio —
Esse que fala nas horas mais quietas.

Palavras moldadas pelo vento da alma,
Perdidas em murmúrios profundos,
Inaudíveis fora de mim.

Silêncio ultrapassado e presente,
Ecoando no labirinto do sentir,
Mantido inteiro, mesmo imperfeito.

Repercute sem voz,
Espalha-se sem anúncio,
Habita meu íntimo mais escondido.

É sigilo, mistério, segredo:
De muito pouca, ou talvez nenhuma importância,
Exceto para mim.

Bolo de Maçã com Nozes

Não vai fermento, mas bicarbonato.
Leva canela, baunilha: é cheiroso...
Bonito, polvilhado com açúcar de confeiteiro!

Bolo antigo para se tomar com chá.
De tarde.
Com amigas.
Elas existem?!
Onde as acho:
Onde estão?

Prefixos Latinos de Movimento

Circum — a dança cósmica dos astros no céu,
Movimento em torno.
Em contorno,
Em volta, em círculos — um balé ao léu...
Desenhando uma órbita que abraça o espaço,
Circunvagando o mundo com braços de luz.

Em e En — chamados para o coração,
Movimento para dentro.
Rumo ao centro:
Um mergulho na escuridão.
Embarcar em sonhos, enterrar o passado,
Enraizar o futuro, no íntimo plantado.

Ex e Es — a liberdade de ir e vir.
Movimento para fora,
Agora.
Deixar o velho lugar ressurgir,
Exonerar o peso, esvaziar o medo,
Escorrer como rio, seguir o novo enredo:
Dos dias que se sucedem,
Das vidas que se despedem,
Dos caminhos que se abrem...

Fogo de Encontro

Brasas, chamas e labaredas,
Nas veredas, nas alamedas —
Tais douradas e rubras sedas,
Incendeiam os íngremes caminhos de um jovem coração que ali passa...
Caminhante, cuidado: o fogo destrói uma ilusão que nasce!

Se no princípio o fogo é lento e a chama, branda...
Depois, haverá ardor e estalos crepitantes.
Desafiantes.
Ora se queima, ora se aquece, enquanto se anda.

A brasa rubra brilha no centro vermelho.
A chama vira e revira, serpenteia... Sobe e desce.
A labareda fulgurante eleva-se no ar e multiplica-se como num grande espelho:
É facho, faísca, fogueira... Enquanto anoitece!
Nesse campo aberto,
Não há bombeiros por perto...

O fogo dança e as faíscas folgueteiam em convulsão.
De outra frente, em rota de colisão,
Aproxima-se uma grande massa também em combustão,
Que devora o espaço, o tempo, a matéria,
Explosiva, quente, ardente, deletéria!

Acontece o choque: embate de calor e luz...
Fogo de encontro que seduz,
Unindo as labaredas, que dançam famintas a levitar,
Em sonoro crepitar,
Num bailado frenético, delirante, fogoso, cáustico, incendiário.
Extraordinário.

Há grande brilho de faíscas bailarinas que cintilam flamívolas,
Em coreografias inflamadas e voltívolas.
Chamas amarelas, vermelhas e, no centro, azuladas
Projetam chispas douradas
Que eclodem em cores, em um céu de fagulhas ignescentes.
Flamipotentes.

Atenção, caminhante! Que ilusão caminhar!
O fogo abrasador continua a espreitar...
Guarde bem seus devaneios.
Proteja-os de todos os meneios
Neste jogo
Do contrafogo.

O fogo de encontro tem intensidade
E também transitoriedade
Como acontece com as emoções —
Poderosas distrações
De desavisados corações.

Ouçam!
Estalos de antigos e novos amores,
De profundas e ígneas cores:
Faíscas que desenham no ar efêmeros fulgores...

Vejam!
As fagulhas ardentes já começam a se soltar
Desse extravagante e feiticeiro bailado no ar.
Fazem uma dança solitária,
Imaginária.
E logo se extinguem como um sonho que passa,
Deixando para trás apenas cinzas e uma cortina de fumaça...

Tapete de Poesia

Estendido sobre o chão de terra, no piso revestido,
Ou nas areias douradas do deserto adormecido,
Um tapete desenrola-se colorido.
É um segundo solo onde se fica de pé, abstraído,
Pisando num terreno bordado
De seda, de lã, de algodão acetinado
E decola...

Agora, desfraldado aos quatro ventos,
Esse tapete voador, repleto de talentos,
Paira nas alturas... Flutua aberto,
Como um pássaro alado, liberto.
Suas franjas balançam, tais pombas-de-arribação,
Enquanto se tenta equilibrar na grande ondulação
Que esse voo provoca nessa frágil embarcação.

Suas fibras são tecidas com fios de sonhos.
Bisonhos.
Seus padrões, entrelaçados de memórias.
Histórias.
Cada nó, um verso.
Controverso.
O tapete é um poema silencioso.
Ambicioso.

Caminha-se sobre essa poesia.
Os pés afundando nas estrofes.
Cada passo, uma rima!

E quando a noite cai,
Sob o céu de estrelas cintilantes,
Levitando nessa nave artesanalmente tecida,
O ser humano compreende que é apenas um viajante cósmico...

E pergunta-se:
— Depois desse voo livre,
Onde vou aterrissar?
E o poema que era lírico, torna-se épico!

Meteoro da História

Napoleão chegou com botas sujas de pólvora e olhos ávidos.
Fez-se império com o punho e a força.
Coroou-se diante de Deus,
Como quem diz: “Eu sou o próprio destino.”

A Europa tremeu sob seu avanço trovejante.
Cada batalha era um bloqueio.
Cada decreto, um eclipse sobre os povos.
Era César e Prometeu,
Fogo e luta constante pelo poder desmedido.

Delírio e alucinação:
Um homem sempre em marcha
Que sonhou com a glória e acordou em exílio.

O mar o esperava em Santa Helena,
Com suas ondas de esquecimento.
Ali, o silêncio foi mais vasto que Austerlitz.

Napoleão, o meteoro da História,
Passou riscando o firmamento —
E deixou atrás de si
A poeira dos impérios.

O Labirinto Verde

A céu aberto, num solitário jardim deserto,
Entre cercas vivas de arbustos em fileiras densas e fechadas,
Entre aleias e passagens que terminam abruptas, entre sebes engenhosas...
Caminhamos soltos, num vasto labirinto de sendas tortuosas.
Passos ecoam em corredores longos e estreitos, repletos de amores-perfeitos.

As veredas ziguezagueiam em volteios e desvios,
Encruzilhadas e outros desafios,
Que desembocam em círculos cerrados, cheios de espinhos.
Não são caminhos.
Não há como seguir adiante — doravante.

O verde tão junto a liberdade oprime.
A exuberância das folhas o ar comprime.
Nesses becos sem saída, apenas os sonhos voam...

Nas passagens ocultas, erguem-se estátuas de pedra —
Imóveis, mas atentas:
Ninfas e deuses esquecidos, com olhos de mármore voltados para o infinito.

O sol, tímido entre folhas, filtra-se em feixes oblíquos,
Desenhando no chão arabescos de luz e sombra.
Sentimo-nos parte de algo antigo —
Como se nossa própria alma fosse uma folha em trânsito.

Mas o alecrim, com seu perfume, assoma.
Será esse canteiro de ervas, com seu aroma,
O fio providencial de Ariadne, da longínqua Creta?
Será essa a fórmula secreta?

Se nesse labirinto, a natureza é cela, também pode ser chave —
Se a alma nela souber encontrar o caminho pelo olfato.
No fim do verde intrincado, a mente confia que a fragrância do alecrim,
Algum dia,
Há de levar ao portal do labirinto — de fato.

Pois o labirinto não é prisão,
É rito, prova, alquimia.
E quem se perde nele, pode se encontrar.

A Metonímia da Ramona

A gramática é o esqueleto da alma;
A figura de linguagem, o seu modo de vestir-se de mundo.

Entre o exagero das hipérboles que gritam e o silêncio contido nos eufemismos,
Perdemo-nos em pleonasmos de afetos repetidos.
Há neologismos nascendo em cada olhar,
Enquanto a catacrese — já gasta, já sem pé nem cabeça —
Tenta nomear o que não tem mais nome.

Mas em mim, o que emerge com a força do que é eterno
É a metonímia viva de uma tal Ramona.
Nas Minas de horizonte largo,
No coração de Goiás ou no interior de São Paulo,
Ela deixou de ser marca para ser o próprio gesto.

Ramona: o metal que curva o tempo,
O batismo de ferro que sustenta o penteado das moças,
Um segredo de aço escondido entre fios e vaidades.

Não se pedia o objeto, invocava-se a entidade.
O nome tomou o lugar da coisa,
Como o amor, às vezes, toma o lugar da gente.
Uma forma de prender o efêmero,
Segurando,
Com a precisão de um grampo,
A memória que teima em despentear o passado.

De Mala e Cuia

Partirei... Irei de mudança.
Levarei tudo o que tenho
De onde venho:
Candeias, mala e cuia –
Cheias de confiança, cheias de esperança.

Partirei outra vez... Insensatez?
Abre-alas... Mais malas?
Maiores?
Há coisas que nos preenchem.
Menores?
Há coisas que nos esvaziam.
Outra despedida...Terei acolhida?

E ao chegar, voltarei a partir em nova andança?
Enfrentarei difíceis travessias?
Mala e cuia vazias –
Com desconfiança, sem esperança...

Que bagagem irei carregar dentro de mim?
Saudade do que ficou para trás, distante.
Expectativa do que há de vir de agora em diante.
Trarei as experiências – vividas ou perdidas.
Em cada lugar para onde for como retirante,
Deixarei um pouco de mim.
Daquele especial amigo
Levarei lembranças comigo...

Sou feito andarilha — sempre seguindo viagem.
E minha bagagem?
Como é que fica?
O que é que sobra de mim?

Faz-de-conta

O faz-de-conta é a primeira revolução da liberdade.

No reino mágico do faz-de-conta,
Crianças governam com coroas de papel brilhante.
A imaginação tece histórias sem conta:
Dragões que têm medo de borboletas, castelos de areia,
Uma ponte flutuante entre o quintal e o infinito.

Duendes passeiam por bosques floridos.
Piratas destemidos
Buscam tesouros escondidos.

Barquinhos de papel navegam rios inventados.
Cavalinhos de pau galopam contra inimigos encantados.
Nas aventuras de um quintal sem fim,
Surge o lendário Merlim!

Folhas de jornais
Viram capacetes de soldados ou chapéus de generais.
Lençóis e cobertores tornam-se mantos de princesas,
Capas de super-heróis, cabanas secretas debaixo das mesas,
Ou esconderijos para quem quer sumir só um pouquinho...

Nesse país das maravilhas, o tempo dança em espirais enfeitiçadas.
Tudo acontece como num conto de fadas.
Há bruxas e magia,
Feitiçaria —
Patrimônios da fantasia...

Verdadeiros catalisadores para a criatividade,
As brincadeiras infantis exibem às crianças um mundo cheio de possibilidades!

Já no reino virtual do faz-de-conta,
Muita coisa não é levada em conta...
As crianças brincam com o dedo.
O mundo virou botão.
A infância virou aplicativo.

As crianças não usam coroas.
Não comem bolinhos de chuva nem broas.
Não sobem em árvores nem tomam banho de cachoeira.
Não andam em carrinhos de rolimã de madeira.
Nunca viram um estilingue nem bola de meia!
Nem acreditam em sereia...

Nunca sobem numa perna-de-pau.
Não pulam cordas nem muros.
Não têm esconderijos seguros.
Conhecem tudo pela Internet, mas nunca correm atrás de uma galinha de verdade,
Nem andam nas enxurradas, depois da tempestade!

Para tudo... basta apertar os dedos nas telas.
Dos aplicativos, são entusiasmados asseclas...
No conforto do sofá, sem que a perna se estique,
Tudo se resolve com um clique — no botão do *joystick*.
Eis o encanto analógico, transformado em fetiche tecnológico.
Videogames... É lógico!

Perdem-se nas luzes pixeladas, esquecem-se da vida lá fora.
Estão sempre perdendo a hora.
Os castelos de areia desmoronam, os dragões não assustam mais.
Detetives e mágicos cedem lugar a avatares digitais.
Jogadores reais são trocados por Inteligências Artificiais...

Já não precisam de amigos para brincar.
Só se aperta o botão do *Start* —
E por engenho e arte,
A brincadeira pode começar...

Enquanto isso, na praça da infância, o gira-gira continua a rodar, sem parar.
O escorregador ainda é uma ladeira mágica que desce em curvas e recurvas.
Crianças cortam os céus com as pipas. Giram como piões.
Olhos curiosos, pés descalços, risadas aos milhões!

Aventuras em movimento,
Correndo contra o vento.
Catavento...

Gangorras insistem em erguer sonhos: sobem e descem...
Ao mesmo tempo se pega galeio no balanço, sem descanso.
Bicicletas e patinetes traçam caminhos, sem velocidade,
Pedalando liberdade...
Bolas rolam nos campos com desenvoltura.
Joelhos esfolados viram troféus de aventura.
Há casinhas de madeira, bonecas de pano com nome e apelido,
Bolinhas de gude de vidro colorido...
O mundo é vasto e a imaginação, infinita.

Pertinho desse parque fantástico, esperando ansioso,
Está o mundo virtual — artificioso.
Dos jogos eletrônicos, biônicos.
Crianças absortas. Imersas, dispersas
Nas telinhas sedutoras, sequestradoras.
Olhos fixos, pés parados, dedos ágeis sem falhas.
Heróis e vilões são *pixels* em batalhas.
A imaginação agora codificada — em *bits* e *bytes* imortais.

Entre o pique e o *joystick*
Haverá um balanço entre o real e o simulado?
Tomara que sim — pois o espírito criativo infantil pode ser turbinado.

Mas tomara, sobretudo, que as crianças nunca deixem de brincar de faz-de-conta.
Nem deixem de contar estrelas com os dedos sujos de terra.
Nem deixem de aprender a fazer conta —
Além da máquina de calcular.

Preguiças — O Rio que não Corre

Esse rio não tem pressa,
Assim, ele não corre.
Desliza — como quem tem tempo de sobra e histórias demais para contar.

Entre palmeiras que cochicham com o vento,
O Preguiças estende-se em espreguiçadeiras que boiam entre babaçus e devaneios,
Abraçando margens que não têm urgência de partir.

Buritis vigiam suas curvas com olhos verdes,
E nas margens, choupanas cobertas de palha de carnaúba respiram junto com o rio.
Ali, pescadores lançam redes como quem lança versos,
Esperando que o rio lhes traga sustento.

Suas águas sabem de cor o caminho das garças,
O segredo das raízes,
O perfume das dunas maranhenses.

Barcos o atravessam com remos respeitosos de seu modo de ser.
Dispersas como pensamentos,
Suas ilhotas guardam o silêncio das tardes tranquilas.

Há quem diga que ele dorme.
Na verdade, o Preguiças sonha...
Com tanta coisa...
Com peixes que dançam sob a luz oblíqua,
Com crianças que o chamam de espelho,
Com o tempo que ali se esquece de passar.

E talvez seja isso: o Preguiças não é lento.
É sábio.
Sabe que há beleza em não correr,
Em ser caminho e repouso,
Em ser rio e rede.

Nos Lençóis Maranhenses,
Onde a areia parece algodão e o céu se deita sobre a terra,
O Preguiças é mais que rio — é convite à contemplação,
É travesseiro de água,
É a própria preguiça em estado líquido.

Tamanduá-bandeira, o Farejador do Cerrado

Na Serra da Canastra, por onde o cerrado se estende,
Perambula um despreocupado tamanduá.
No céu azulado, plana o oportunista gavião carcará.
Nas árvores à vista, brinca o esperto macaco-sauá.
No campo aberto, corre o determinado lobo-guará...

Cai a tarde depressa. No horizonte, o sol descende.
O tamanduá solitário segue, cheirando tudo,
Precedido por seu longo nariz pontudo...
Focinho no chão, fareja o ar ansioso,
Valendo-se do seu olfato poderoso,
Busca um tesouro escondido sob a terra,
Decidido a encontrar seu trunfo de guerra.

Silencioso, descobre afinal, entre folhas secas, o formigueiro.
Um pouco mais à frente, avista o monte de terra do cupinzeiro.
Lá estão suas iguarias favoritas: cupim e formiga —
Comida de tamanduá...
Sua língua protrátil, longa e veloz, varre o solo que os abriga,
Explorando cada fresta e buraco, ao deus-dará.

Eis seu banquete subterrâneo:
Prato feito, pronto, instantâneo —
Para degustar!

No cerrado, a escuridão avança.
A toda a natureza alcança.
Logo o tamanduá se recolhe nos capões das matas,
Nas grotas e vales, ao som das cascatas.
E quando o sol se põe totalmente, na última fronteira,
O tamanduá descansa a noite inteira.

Ali adormecido,
Repousa, protegido.

Ao amanhecer, quando a azulzinha floresce,
Todo o cerrado desperta como uma suave prece.
Outra vez, com seu focinho no chão, perambula o tamanduá-bandeira.
Vai recomeçar a caçada,

Deixando outras pegadas nessa terra brasileira.
A língua faminta já se move desassossegada...

Nova aventura!
Seu olfato apurado, como um farol a guiar,
Vai levá-lo para os campos abertos para encontrar o que o vai saciar.

Hora da captura!
No buraco do cupinzeiro, enfia o focinho.
Na toca das formigas, introduz sua língua inquieta.
E entre gramíneas e arbustos do caminho,
Faz sua refeição predileta!

Jó: Poema da Travessia

Há um saber que se esconde na ferida,
Como a luz que só se revela no estilhaço.
E há uma fé que não grita,
Mas se firma no silêncio — como raiz que cresce no escuro.

Na terra de Uz, Jó caminhava entre bênçãos e temor,
Homem íntegro, reto, temente ao Senhor,
Até que perdeu tudo: filhos, rebanhos, saúde e nome.

Jó não blasfemou contra o céu,
Mas interrogava:
A bondade não blindou sua casa,
E a fé não impediu o luto.
Onde está o sentido disso?
Por que sofre o justo, se é justo?
Se o bem é feito, por que a dor insiste?

Não havia revolta em Jó, havia busca.
Desejava entender.
A dor não o fazia negar Deus,
Mas o fazia cavar mais fundo:
Pois a fé que não pensa é frágil,
E o sofrimento que cala é vão.

Deus não lhe respondeu com palavras claras,
Mas com o rumor do mundo:
Com o vento que não se vê, com o tempo que não se prende,
Com a vastidão que escapa à medida.
O universo não se rege pela lógica dos homens...
E Jó, diante do mistério, não compreendeu —
Mas entendeu que há grandeza no não saber.

Jó viu Deus,
Não com olhos, mas com alma.
Sua vida foi refeita, os campos voltaram a florir —
O essencial foi a travessia.

Jó não foi santo por sofrer, mas por buscar sentido na dor.
Não negou, não fugiu, não fingiu.
Pois quem crê sem entender
É maior que quem entende sem crer.

Tradição, Guardiã do Tempo

No éter das eras,
Onde os circuitos cósmicos se entrelaçam sob uma lógica desconhecida,
A tradição ergue-se como um algoritmo de referência no curso da vida.
Não é uma relíquia fossilizada, limitante,
Mas um legado que flui pelas veias do tempo, dinâmico e mutante.

Não é ela a guardiã das amarras que aprisionam nas permanências,
Porém, a guardiã das asas que impulsionam para novas experiências.
Uma herança que transcende a vontade humana em combinações incertas,
Escrita por mentes ancestrais, aberta para outras descobertas.

Não é ela um arquivo estático ou um relicário empoeirado,
Mas um caleidoscópio de memórias arejado,
Cuja dança segue o compasso dos pulsares da mudança:
Adaptando-se, sem perder sua essência e pujança.

É o *link* entre o passado e o *blockchain* do amanhã,
Situada na penumbra dos séculos, onde o tempo se desfaz a cada manhã.
É a ponte entre o que foi e o que será, atravessando o abismo do esquecimento,
Carregando consigo o murmúrio dos deuses e dos sábios, o ensinamento.

Ultrapassa o efêmero,
Naquele intervalo nictêmero
De um dia equidistante
E de uma noite remota e distante.

Guardiã do tempo, em teu seio se esconde
O segredo da continuidade.
O passado respira e responde,
Pavimentando caminhos futuros além da transitoriedade.

Voçorocas

A terra guarda em suas cicatrizes o testemunho da impermanência.

Fendas no rosto da terra que abrem crateras fundas.
Cicatrizes profundas.

Voçorocas na terra nua, sem vegetação.
Filhas da erosão.

Terra rasgada em feridas,
Pelas chuvas contra ela arremetidas.

Terra dilacerada em tons
Vermelhos, ocres e marrons.

Terra que não se pode plantar
Nem por ela se pode caminhar...

Instantâneos

Como pipocas em panela quente,
As lembranças saltam e estouram, de repente!

Sinestesia das Cores

No vasto jardim da Natureza
Onde os sentidos se entrelaçam,
O verde fresco das folhas
Exala um perfume refrigerante —
Um aroma que dança no ar, leve e delicioso,
Tal um sorvete de menta em um dia de verão...

O amarelo quente do sol com seu brilho dourado seduz.
Desperta sabores de mel e limão —
Doçura cítrica que aquece a alma
E nos envolve em um abraço de luz.

O azul suave do céu, sereno e profundo, traz
O aroma do mar, salgado e refrescante,
Acompanhado de uma brisa que acaricia a pele,
Transportando-nos a um mundo de calma e paz.

O vermelho vibrante dos campos de rosas
Traduz uma paixão ardente, um perfume doce e intenso,
Como o sabor de morangos maduros,
Explodindo nos sentidos de formas misteriosas.

O lilás das lavandas, delicado e perfumado,
Envolve tudo com sua fragrância suave.
Uma carícia aromática que acalma
E nos leva a um estado de serenidade e sonho sossegado.

A cor mutante no farfalhar dos leques das palmeiras, qual doce lamento,
Contrastando com as nuvens alvas do céu,
Cria uma sinfonia visual em movimento,
Num painel branco de tranquilidade,
Onde cada folha sussurra segredos ao vento.

As cores tristes e escuras — pretas, cinzas ou marrons —
Às vezes, carregam uma aspereza tátil,
Como a textura da terra úmida,
Sedenta por recomeços,
Abandonando o silêncio melancólico das tardes de outono.

Contemplemos a Natureza e seus matizes,
Respiremos suas pinturas,
Saboreemos seus tons,
Escutemos seus acordes — a acústica dos pigmentos,
Apalpemos suas obras que artisticamente combinam as cores,
Sintamos as maravilhosas variações da paleta do Criador...

Andorinha: Pequenas Asas na Imensidão

Colhida pela tempestade,
A andorinha experimenta uma mistura de desafio e maravilha.
Suas asas, leves e ágeis, agora enfrentam correntes turbulentas.
O vento uiva, empurra e puxa, como se quisesse arrancar-lhe cada pena.
A chuva, em gotas pesadas, golpeia seu corpo,
Criando redemoinhos de água em pleno voo.

A visibilidade é reduzida.
As nuvens transformam-se em fantasmas cinzentos,
Envolvendo-a em seu abraço úmido.
Relâmpagos rasgam o céu, iluminando o mundo por breves instantes.
O trovão ressoa, vibrando em seu peito.
As gotas de chuva se tornam diamantes líquidos, refletindo a luz.
O ar cheira à terra molhada, e a eletricidade no ar é quase palpável.

A tempestade é sinfonia de força e fragilidade, uma dança entre céu e terra.
Suas asas batem com mais vigor, buscando equilíbrio.
Ela se inclina, desvia das correntes traiçoeiras.
Às vezes, é lançada ao alto; e outras vezes, empurrada ao abismo.
Mas continua voando — resiliente — porque sabe que além da tormenta,
há céu claro.

Sim! Agora, voa sob o arco-íris... é como dançar com a própria magia.
As asas da sua imaginação se abrem, e ela se eleva acima das nuvens.
O arco-íris estende-se à sua frente: um portal de cores vibrantes entre o céu e a terra.
Cada matiz é promessa, segredo compartilhado com quem ousa voar tão alto.

O calor do sol acaricia suas penas.
Ela se deixa envolver pela beleza.
E então, cruza o arco-íris.
O mundo transforma-se: o céu torna-se um caleidoscópio de cores.
Ela se sente parte de algo maior, uma ponte entre o visível e o invisível.
É como se tocasse a própria essência da vida.
Mas o arco-íris é fugaz —
Desvanece como um sonho que escapa por suas asas.

Já acaba o dia... O pôr do sol está a caminho.
As asas da sua imaginação voltam a se abrir,

E a andorinha eleva-se acima das montanhas e dos prados.
O sol, esfera de fogo, inclina-se, pintando o horizonte
Com tons de laranja, rosa e dourado.
A luz é suave, como um afago gentil.
À medida que avança, as nuvens transformam-se em pinceladas etéreas,
Absorvendo os raios solares, criando um cenário de contraste.
O céu é tela viva, e ela, parte dessa obra de arte efêmera.

O ar está impregnado de calor residual, e as sombras se alongam.
As árvores projetam silhuetas escuras no solo,
E os rios refletem o céu em tons de âmbar.
Cada batida das suas asas é uma nota na sinfonia do crepúsculo.

E então, o sol toca o horizonte.
Afunda lentamente.
As cores se intensificam, como se o céu ardesse em paixão.
Ela se inclina, seguindo o sol...

Começa a melodia prateada da noite.
Suas asas abrem-se mais, e a andorinha eleva-se sobre as copas das árvores.
A lua, esfera de prata, está no auge de sua beleza.
Seus raios suaves banham o mundo em luz etérea.
O ar noturno é fresco e perfumado.
As estrelas piscam no manto escuro do céu.

Ela se sente parte de um segredo ancestral, uma conexão entre o terreno e o celeste.
O mundo parece mais amplo, mais misterioso.
À medida que desliza, observa a paisagem noturna:
As cidades brilham como constelações artificiais, e os rios refletem a luz da lua.
As sombras se alongam, criando esconderijos para criaturas da noite.
O silêncio é quebrado apenas pelo suave bater das suas asas.

E então, ela mergulha nas nuvens.
Véus platinos envolvendo-a em seu abraço macio.
A lua é seu novo guia.
Ela volta a se sentir parte de algo maior.
As histórias dos antigos sussurram em sua mente.
Ela se pergunta sobre os segredos que a noite guarda.
O luar é um convite à liberdade.
Sob sua luz, ela é mais do que uma simples andorinha...

Cordas que Choram, Cordas que Sorriem

Ao longe, o bandolim chora
Lágrimas em som plangente...
Lamento que desperta ilusões ou saudades adormecidas...
Cifras sussurram. Notas flutuam.
Cordas tensionadas. Afinação etérea.

No silêncio da noite, o bandolim soluça...
Arqueja. Vibra. Tange.
Dedilhado arfante. Acordes murmuram.
Música que pulsa como coração em descompasso.

Quatro pares de cordas
E a beleza sonora torna-se poesia.
O bandolim suspira.
Respira como se cada nota fosse uma lágrima contida
Ou um sorriso que não se conteve.

Instrumento que toca o chorinho
Na melodia que toca a alma...
E quem o vê triste, também pranteia.
Pois há dor que se comunica sem som,
E há alegria que se revela em silêncio.

De repente, sem aviso,
De improviso,
O bandolim ressoa um compasso alegre e preciso.
A canção provoca o riso.
Lembranças felizes misturam-se nessa cadência.
Convergência
De afetos, de gestos.
E nessa última nota, o bandolim sorri!

Vestido de Baile

A música ecoa suavemente — passos ressoam ritmicamente.
Luzes brilham com intensidade, o salão vibra de alegria.
Dançarinos rodopiam.
Olhares cruzam-se furtivamente, como segredos em fuga.
A noite avança lentamente.
Há mistério, há magia: um perfume de sonho e fantasia.
Baile imaginado para o devaneio...
Inesquecível!

O vestido desliza — azul profundo, cetim suave.
Tafetá brilhante, rendas como névoas, bordados cintilantes.
Longo, belo, imponente: um suspiro em forma de tecido.
Saia rodada, movimento gracioso, pedrarias reluzentes.
Elegância que flutua, sofisticação, deslumbramento.
Feito para dançar...
Inconfundível!

O salão é vasto — lustres majestosos, cortinas pesadas.
Espelhos dourados multiplicam o encanto, paredes ornamentadas, piso de mármore.
Flores perfumadas, velas acesas, atmosfera mágica.
Criado para bailar...
Indescritível!

Baile de gala, eco de tempos bordados em ouro — extravagâncias de outrora.
A dança, uma metáfora; o brilho, uma ilusão.
O vestido, uma memória.
Destinado a ser único, exclusivo...
Insubstituível!

Um Dia no Tempo

O que é um dia no tempo?
Um átomo de instante em constante movimento?
Será que se pode vivê-lo por inteiro
Ou só deixá-lo passar depressa, ligeiro?

O tempo,
Sob efeito de algum encantamento,
É senhor absoluto da velocidade de sua passagem:
Segundos correm, minutos voam;
Horas deslizam, dias se esvaem;
Semanas se entrelaçam, meses se vão;
Anos se acumulam, memórias se apagam...

A vida mostra-se efêmera, em sua dança apressada,
Em sua jornada sem espera.
Quem dera
Que suspendesse seu curso
Como um último recurso!

Mas... Segue indiferente, impassível aos anseios ou lamentos...
Há como aprisionar alguns momentos?

Conseguir ir sem pressa,
Driblar a ansiedade, cultivar a paciência?
Segurar calmamente mãos queridas,
Conquistar um amor único,
Ter um olhar que vê o invisível?
Procurar o segredo pronto a ser revelado,
Desfrutar a beleza oculta das coisas?

Esses momentos, recolhidos desse dia, ganham uma unidade:
São um pedaço da eternidade.
Mesmo que nossa alma inquieta não se aperceba de sua atemporalidade!

Ao se capturar o instante, transforma-se o que era passageiro.
Esse dia fica sem início e sem fim:
Nele o tempo se dissolve por inteiro — não existe.
O presente é eterno, em sua brevidade.

Picasso de Málaga

Em Málaga, sob a mediterrânea luz,
Picasso, o filho andaluz,
Com pinceladas ousadas,
Formas quebradas, fragmentadas,
Traduz o cubismo.

Em seus pinceis, a lógica se curva à emoção,
A geometria se rende à poesia.
Uma pintura além das tintas,
Com alma.

Picasso, seu traço preenche todo o espaço
Da realidade desconstruída e reconstruída
Na tela!

Sua obra é para ser vista de múltiplos ângulos.
Enxergar-se além do óbvio.
Encontrar a beleza na fragmentação,
Descobrindo que ela reside na soma de suas partes.

Tal qual um espelho quebrado que reflete o Belo em mil pedaços brilhantes,
Esses fragmentos, juntos, criam um espetáculo de cores e formas —
Que um espelho intacto jamais poderia oferecer.

Assim são seus quadros:
Verdadeiros caleidoscópios,
Que evocam emoções e pensamentos variados,
Muitas vezes de difícil interpretação
Pelo suceder rápido e cambiante de impressões que nos vem à imaginação...

Afinal, uma obra de arte, assim como nossas vidas,
Não é feita para ser compreendida de imediato.
Ela exige contemplação, reflexão.
Um olhar mais atento para revelar suas camadas escondidas.

Buona Távola

A mesa italiana é uma festa de Júpiter, regada com o vinho de Baco.
É conquistadora como César. Divina como Dante.
Criativa como Da Vinci. Um soneto de Petrarca.
Um afresco de Giotto. Uma pintura de Rafael.
Uma escultura de Michelângelo. Uma prece de São Francisco.
Uma música de Rossini. A voz de Pavarotti.

Salame, pasta, *sardella*
Polenta, azeitona, *alicella*
Prosciutto, pizza, mozarela
Alcachofra, *pinoli*, berinjela
Zucca, zuchini e tarantela.

Cassata, *gelato*, torrone
Crostata, amaretti, zabaione
Cioccolatto, gianduia, spumone
Pastiera, pandoro e panettone.
Buon apetito!

Cada Um Vê o Que Quer

Olhos misteriosos,
Que, refletindo os abismos da alma humana,
Procuram a verdade.

Olhos questionadores
Das certezas e das convicções,
Mas que se deparam com a projeção dos próprios desejos e medos.

Olhos que escolhem o que enxergar:
Cegueira intencional, diáfana catarata
Que cobre e embaça o pensamento cristalino.

Olhos que se fecham ao que não convém,
Para não ver o que fere, o que faz sofrer.
Para não ver ninguém!

A verdade esconde-se nas entrelinhas, não se deixa ver.
É uma miragem:
Visão sedutora, fantástica, porém, enganosa...

Nos sonhos ou na retina,
Cada um vê o que quer ver!
Com a resolução visual de uma ave de rapina...

Quer seja microscópica ou telescópica,
A verdade é caleidoscópica
E se molda ao nosso querer.

Olhos que divagam, pálpebras que se abrem
Pupila que foca, imagem que adentra na esclerótica.
Depois, invade a coroide da emoção mais exótica!

E, finalmente, alcança a mácula em autodefesa:
Há refração de sentimentos, humor aquoso de risos e lágrimas,
Humor vítreo de incertezas, íris colorindo a imaginação,
Estrabismo de desejos perdidos, miopia de tempos idos,
Astigmatismo que desvia o foco, buscando a verdade na beleza!

A verdade é subjetiva
Cada um vê o que quer ver...
Mas... nessa busca introspectiva
Ainda que seja invisível, a verdade é persistente e concessiva:
Sempre encontra um jeito de aparecer!

O Pintor e o Sapateiro

Apeles expõe sua pintura
Quer ouvir o que sua obra desperta...
Um sapateiro observa as sandálias ali retratadas
E aponta uma imprecisão.
Sua contribuição é acolhida pelo mestre das tintas e do traço
Ele reconhece a autoridade do comentário que enriquece a criação.

Incentivado com a aprovação de seu alvitre
O sapateiro arrisca outro palpite
Destarte,
Logo assume o papel de crítico de arte:
– Essas sombras, essas linhas, esse tom...

Ultrapassa o limite.
Avança no domínio do pintor, que o adverte:
– Sapateiro, não vá além
Do que conhece bem.
– *"Sapateiro, não vá além das sandálias!"*

A sandália é para o solo, mas a pintura é para o espírito.
Uma é o peso do real, a outra, a leveza do sonho.
O sapateiro é o guardião da gravidade;
O pintor, o arquiteto da levitação.

O erro do artesão não foi a crítica,
Foi o esquecimento de que o pé que ele calça
É o mesmo que, na arte, se desprende do chão.

A Ilusão Azul

Em sonho, numa noite de verão, surge uma mosca etérea e brilhante.
Um espetáculo de luz e cor.
Suas asas cintilantes espalham um efeito mágico,
Que desperta desejos e divagações.
Sensação de êxtase, apoteose de emoções,
Que transporta para reinos de fantasia e impressões.

Ilusão de riqueza, poder e glória, como no devaneio do poleá e sua mosca azul.
E vai mais longe...
Promessa de felicidade plena, de realização que transcende o material e o efêmero.
O encontro com o ideal, o inatingível, o que está além do alcance dos sentidos.
É a ilusão azul que emerge das profundezas do inconsciente,
Trazendo à tona desejos ocultos e aspirações sublimes:
Tal um espírito errante que guia os sonhadores através de paisagens oníricas,
Onde a realidade e a fantasia caminham juntas, sonâmbulas...

Mas, quando o feitiço que ela espalha começar a se dissipar,
Não faça como o poleá,
Que dissecou a sua ilusão e sua mosca sucumbiu!
Conserve-a a qualquer custo — ela é sua capacidade de sonhar...

Os Sertões de Euclides da Cunha

No interior da Bahia,
A Terra abrasante, ferida pelo sol,
É hostil.
Caatinga, espinhos.
Atmosfera asfixiante, clima árido, nudez na vegetação.
Sertão, deserto de dor.

O Homem é, antes de tudo, um forte.
É o sertanejo, que enfrenta a seca, estoicamente.
Jagunços e vaqueiros
Sobrevivem, resistem, lutam impassivelmente.

Antônio Conselheiro, figura mística,
O anacoreta sombrio, de cabelos hirsutos e olhar rutilante,
É o líder que granjeia muitos seguidores em seu desafio.
Cria um antagonismo com o Governo.

A Luta é campanha de quatro expedições!
Três vitórias Canudos alcança.
Na quarta expedição, contudo, o Exército avança
Implacável, determinado.
Destrói Canudos, sem piedade.
Massacre trágico, de grande crueldade.
A terra é manchada de sangue e o homem, expugnado.

"Canudos não se rendeu".
Tomba vencido, mas lutando.
Esvaiu-se completamente, perdeu.
Seus quatro últimos defensores
– um velho, uma criança e dois homens sitiados –
Caem,
Diante à desproporção de cinco mil soldados!

A Árvore que Perfumou o Mediterrâneo

Cedro – majestade das montanhas, guardião dos segredos do Líbano –
Cresceu nas florestas silenciosas, alto e imponente.
Seu tronco alvo e aromático guardou a fragrância de um verdadeiro olíbano.
Embarcações de sua madeira cortaram as ondas além do Mediterrâneo.
Atlanto-mediterrâneo.

No balanço das marés, levou os grandes navegadores da Antiguidade:
Os fenícios com suas mercadorias.
No vasto mar, a nau de cedro alado,
Galé ou birreme, longa e veloz,
Singrou vagas, enfrentando o destino,
Levando sonhos, comércio e legado:
Escreveu histórias e registrou fatos,
Com as letras do seu alfabeto...
Completo!

Ergueu seus mastros, rumo ao horizonte,
Zarpou de Sídon e Tiro,
Rumo às terras distantes, seduzido pela magia das vagas.
Velas soltas aos ventos:
Mistral, Siroco, Bora...
Mar afora!

Navegação desafiadora entre ilhas, recifes, penínsulas e estreitos.
No mar de muitos portos.
De correntes traiçoeiras e remoinhos.
De águas azuis e cristalinas, que variam do turquesa ao azul profundo,
Conforme a profundidade ou a composição do fundo marinho.
Torvelinho.

A cheirosa embarcação de cedro, com seu perfume,
Inundou os ventos e invadiu o mar.
Foi um pedaço de chão flutuante na superfície do Mediterrâneo
Onde viajaram e sonharam os homens...
Viveram suas aventuras, conquistas e descobertas,
Velas abertas...

A Caverna de Platão

Na caverna de Platão, sombras espectrais
Projetadas como pinturas rupestres, ancestrais.
Prisioneiros acorrentados, em um transe abissal,
Vendo apenas reflexos, cópia imperfeita de um mundo ideal...

Nesta escura, misteriosa e úmida caverna, entre muitos estratagemas,
Há um cenário de ilusões sensoriais e silêncio sepulcral.
A decoração do ambiente é toda feita de espeleotemas:
Estalactites pendem da caverna como dentes de cristal,
Estalagmites erguem-se como lanças fechando as passagens supremas...

Mas em um coração, uma faísca se inflama,
Um desejo de ir além, uma alma inquieta que clama.
As sombras, antes aceitas, agora são enigmas,
O prisioneiro sonha com luzes ainda não alcançadas, além dos estigmas.
Efeitos de luz...

Ele se levanta, as correntes rompendo. Contraluz.
Segue para fora da caverna, a verdade desvendando. Fulgurante.
Lá fora, o sol brilha cheio de luz, a realidade se revela. Lampejante.
Claridade: um mundo colorido, onde a vida acontece em plenitude. Reluz.
Efeitos da luz...

As pinturas rupestres, memórias do passado,
Agora são histórias de um tempo aprisionado.
O prisioneiro, agora livre, é o filósofo que pensa com clareza,
Que sabe que a caverna era apenas uma sombra da verdadeira grandeza.

Palmeira dos Butiás

Teus frutos dourados brilham sob o sol,
Em tuas folhas, a brisa brinca e farfalha ao arrebol...
Teu tronco robusto, singular e imponente,
Revestido por placas superpostas que se erguem ao céu,
É abrigo de samambaia, orquídea, bromélia e semente:
Um microcosmo de vida, um refúgio fiel.

Efeitos de luz dançam em tuas folhas verde-acinzentadas,
Que artesanalmente trabalhadas,
Por mãos hábeis e dedos em verdadeiros embates de duelos,
Transformam-se em obras trançadas:
Cestos, bolsas, chapéus e chinelos.

Tua sombra acolhedora soa como uma promessa.
É retiro para quem quer descansar.
Em teu abraço, a paz não tem pressa...
E cada um encontra seu lugar.

Vou plantar uma aleia de Butiás
No meu jardim...

Caminho de um Peregrino: do Inferno ao Paraíso

Há bem mais que uma pedra no meio do caminho.
Há rosa, há espinho!
Há colinas e vales, lagos e desvios.
Há penhascos e pântanos, cachoeiras e rios...
É fácil perder-se nessa floresta dantesca, densa e escura!
Ou ainda perder-se dentro de si mesmo...

O que se busca nessa caminhada?
A sua individualidade no todo?
A compreensão do sentido da Vida?
Qual a estrada verdadeira?
Quem é esse peregrino?

Há quem caminhe ao lado de Virgílio.
Quem passe pelos nove círculos de dor e tormentos do Inferno:
Abismo da condenação.
Depois, quem suba os nove terraços do Purgatório:
Montanha da purificação.
E rumo ao Paraíso, ao lado de Beatriz, quem atravesse os nove céus:
Glória celestial.
Para então, seguir adiante...

Esse é um peregrino da esperança.
Ele avança, em busca da antiga aliança.
Não descansa à procura da maior bem-aventurança
Que é ser resgatado de si mesmo diante do mistério da revelação.
E, de coração contrito, na misericórdia do perdão,
Contempla o rosto divino do Criador, que o fez à sua imagem e semelhança!

Vagalumes

Vagalumes vagueiam nas vertentes dos vales,
Em vindas e voltas,
Aos ventos velozes,
Vibrantes visões vigilantes...

É verão!
Na várzea – viajantes vagarosos,
Outras vezes em *vapt-vupts* vertiginosos –
Vagalumes voam na vastidão,
Valsando num velho vaivém, mas em vão:
Vacilantes, vencedores vaidosos,
Vestidos como vagos vultos de vidrilhos valiosos,
Vagabundeando...
Vagalumeando...

Espelho Vivo

Espelhos d'água de Alagoas
Das lagoas
Mundaú, Manguaba e Jequiá!

Superfícies líquidas que capturam as luzes cambiantes
Do Sol, da Lua e das estrelas distantes, luzes viajantes
A brilhar...

Cada lagoa guarda um pedaço do Infinito
Circunscrito
Trazendo o Alto para a superfície...

Árvores que as margeiam entram nelas em cores, sombras e formas.
No reflexo natural e místico, tornam-se reais plataformas.
A Natureza, vaidosa, contempla-se nelas ...

Membranas d'água, finas e translúcidas, que acentuam ou aliviam as tonalidades,
Conforme variam as profundidades.
Lâminas ondulantes que oscilam com o sopro do vento!

Obras-primas, que afogam suas belezas para, em seguida, vê-las boiar, absolutas.
Essas lagoas são telas vivas e mutantes, irresolutas.
Silhuetas duplicadas vêm à tona como um prolongamento entre o real e o refletido...
Pintam-se nelas todas as cores, que mergulham em suas águas sem deixar vestígios.
Imergem e submergem, afundam e afloram, realizando os mais variados prodígios...
Nas sutilezas passageiras do reflexo!

À flor das águas, o céu e a terra se encontram, reciprocamente atraídos.
Enigmas impenetráveis aos olhares distraídos...
E mais uma vez, as estrelas cintilantes descem do Infinito, e cabem inteiras nas lagoas!

Coqueiro do Mato

"Coqueiro! Eu te compreendo o sonho inatingível:
queres subir ao céu, mas prende-te a raiz…
O destino que tens de querer o impossível
é igual a este meu de querer ser feliz.

Por mais que bebas a seiva e que as forças recolhas,
que os verdes braços teus ergas aos céus risonhos,
no último esforço vão, caem-te murchas as folhas
e a mim, murchos, os sonhos!"

Ressurreição - Menotti Del Picchia

Sonhos murchos como as folhas do coqueiro do mato?
Ah Juca Mulato!
Você se engana...
O que deseja é da natureza humana:
Querer ser feliz é o arcabouço de uma vida.
Mais que um sonho... é uma proposta ousada, deliberadamente escondida.

Ninguém sabe de onde a felicidade vem, pois tem uma alma cigana...

Como alcançá-la?
Será que ela está mesmo em uma grande altura?
Ou do nosso lado, porventura?
A felicidade tem um segredo antigo:
Que é simplesmente trazer seus sonhos consigo...

Então, Juca Mulato,
À sombra do coqueiro do mato,
Ao balanço de uma rede,
Apanhe um coco e beba a sua água para mitigar a sede...
Em seguida, remova os bloqueios
De seus devaneios.
Chega de esperanças adiadas e de caprichos da imaginação.
Chegou a hora de ouvir tão somente o seu coração.

É um ultimato:
Vai embora ser feliz!

Supino

O eco do Lácio.

O terror do curso clássico eram as aulas de latim.
Os estudantes podiam, porém, optar por matemática.
Mas isso não mudava muita coisa no boletim...

Cálculos ou Sintaxe?
Equações e teoremas eram apenas outros nomes
Para o mesmo esforço de decifrar o mundo.

Lia-se muito Virgílio, Ovídio e Horácio,
Na língua falada pelos antigos romanos e habitantes do Lácio.
Entretanto, as declinações é que ocupavam todas as atenções,
Pois eram fundamentais para saber a função de cada palavra nas orações.

Hoje, o ensino parece um rito esquecido,
Poeira sobre os ombros de quem já não declina.
Mas o pensamento, súbito, tropeça no Supino:
Esse tempo verbal que sobrevive na sombra,
Gesto de finalidade que a nossa língua abandonou.

Mirabile dictu!
Maravilhoso é dizer o que o tempo não cala.
Estou gastando o meu latim...

Corais Marinhos

Bem perto da praia há um grande recife de corais,
Aflorando ligeiramente em alguns pontos e, em outros, completamente submerso.
É um convite a um mergulho para ver o que está imerso.
A revelação fascina: uma visão de multicoloridas formas esculturais!
Parecem arranjos florais...

O Cego Bartimeu

Senhor, abri nossos olhos,
Curando tudo aquilo que nos impede de Vos seguir.

Cansado,
À beira do caminho, sentado,
Bartimeu – o cego de Jericó –
Só,
Em trevas perdido,
Aguardava um milagre, um gesto de amor,
Que aliviasse sua dor.
Ansiava por uma vida transformada, onde não fosse mais excluído.

Clamou por misericórdia uma e outra vez,
Na certeza de que assim o fez
Porque seria ouvido!

E Jesus o chamou de fato.
Bartimeu pôs-se de pé decidido:
Abandonou sua capa, sinal da sua condição de mendigo, que vivia no anonimato.
Despojou-se de seu manto,
De onde as moedas que lhe eram jogadas como esmola recolhia,
Sabendo que dele dependia para sobreviver a cada dia.
Autêntica profissão de fé!

- “Que queres que Eu te faça?” Jesus perguntou a Bartimeu.
- “Mestre, que eu veja!”
Imediatamente, ele recuperou a vista,
E foi com Jesus pelo caminho...

Magnólias

Breve é a beleza, mas no instante em que nos toca,
O efêmero se confunde com o infinito.

Há um perfume de magnólias no ar...
Um aroma que flutua no vento.
Alento
Que acaricia estas flores perfumadas do silêncio,
Cujas pétalas despertam a manhã com um suspiro de pureza.

Por toda parte se espalha sua doce e suave fragrância...
Essência volátil da elegância,
Que traz a alma e a doçura da Natureza.

No seu desabrochar, o tempo fica suspenso.
As magnólias elevam-se nos galhos como um milagre branco.
São alvas, níveas, cheirosas,
Grandes e vistosas.
Porém, com certo grau de sutileza.

As folhagens densas dessa velha árvore não as conseguem esconder.
Ao contrário.
Criam um cenário extraordinário,
No fim da Primavera,
Realçando nas magnólias a transitoriedade da Beleza.

Desencanto

Desce a noite e no céu cinzento,
Em brevíssimo momento,
Apagam-se os sonhos que outrora brilhavam, cheios de magia.

Nas sombras que se avolumam, ouve-se um lamento:
Quebra-se o encantamento.
E a alma vaga na escuridão, triste e vazia.

As expectativas frustradas traduzem-se em desapontamento
Em detrimento
De toda e qualquer utopia.

A Matemática da Saudade

Desde sua partida, os números perderam o juízo.
Multiplico lembranças, e o resultado é sempre o mesmo: você.
Subtraio os dias,
Somo os passos que dei desde então —
Todos me levam de volta à sua sombra.

Divido esperanças com o silêncio,
Na tentativa de extrair um quociente de paz.
E ainda assim, o vazio não se resolve.

A saudade é exponencial —
Cresce sem lógica, sem limite, e não há fórmula que a contenha.
Às vezes, é incógnita cheia de curvas e mistérios,
Que se esconde entre parênteses.
Outras vezes, escapa como raiz quadrada de um número negativo:
Imaginária, inquieta.

Talvez a saudade seja uma equação impossível,
Um sistema incompatível com o tempo.
É o paradoxo do presente:
Sente-se o que já não é,
Deseja-se o que já foi,
Sofre-se o que ainda é.

E eu, que nunca fui boa de cálculo,
Sou mero número solto,
Errante entre variáveis,
Tentando encontrar você...

Jacarandá

Teu tronco erguido é monumento vivo.
Tua madeira escura convida à arte e ao entalhe.
Teus veios desenham rios de mistério.

Em cada peça, mãos hábeis
Criam, talham, moldam, torneiam, lixam, grosam...
Móveis de grande beleza.

Com serrote, formão, talhadeira.
Plainas de alisar e polir.
Cintel e desbastadeira.

Tu és pau santo, arte sacra:
Púlpito, oratório, altar,
Retábulo, painel, escultura, moldura.
Baldaquim.

Tu és música
Piano, guitarra,
Violão, violino, cavaquinho
E bandolim.

Em cada mesa, cadeira ou escrivaninha,
Em cada banco de igreja,
Em cada instrumento musical que nasce de ti,
Tua alma está,
Em nostalgia,
Jacarandá-da-bahia!

Falésias – na Linha da Praia

No horizonte prateado, onde o futuro se debruça,
Erguem-se as falésias, guardiãs do oceano,
Belas construções da natureza.
Suas faces são talhadas pelo toque incessante
Das ondas que, fascinadas, desejam sua beleza.

Estátuas vivas, esculpidas pelo mar:
Esse escultor incansável que escava e modela seus contornos
Com suas mãos de espuma...

Esculturas, que tentam resistir ao golpe das ondas
E ao toque paciente do vento!
Este que também cinzela seus rostos e modifica seus traços,
Deixando-lhes sulcos profundos...

Falésias altaneiras, íngremes escarpas litorâneas,
A essas erosões constantemente subjugadas,
Resignadas, aceitam seu destino de contínua transformação:
Cada pedaço que se lhes desprende
É levado pelas águas ou disperso como poeira,
À deriva...

Nesse lento desvanecer
Há uma melancolia de um adeus prolongado
Que nos ensina a beleza da impermanência...

Ladeira da Memória

Encontro de caminhos: encruzilhada entre o interior e o litoral,
No Barranco do Piques, na província de São Paulo.
Tropeiros, moradores, comerciantes, viajantes,
Em volta da bica, mitigavam a sede e a fadiga, extenuantes.

Ladeira: Subida, descida...
Ponto de chegada e de partida.

Nos degraus desgastados da ampla escadaria,
Muita poeira das jornadas de outrora,
A pavimentar a alma urbana
Daquela que seria a metrópole de agora.

Obelisco piramidal à sombra da Figueira centenária,
Heranças simbólicas e históricas,
Materializadas na pedra, na árvore e nos azulejos do pórtico:
Monumentos icônicos,
Suportes mnemônicos
De identidade.

Mas o povo insiste em ter memória curta...

Estrelas Cadentes Não São Estrelas...

Mesmo assim, parecem estrelas com pressa,
Vindas da Via Láctea por via expressa...
Estrelas em fuga,
Que no vasto céu noturno riscam trilhas de luz!

Cintilantes mensageiras do Cosmos,
São fragmentos de asteroides ou de cometas.
Poeira cósmica ebuliente,
Incandescente,
Em queda.

Partículas de rocha e gelo,
Que cruzam a atmosfera ardendo,
Velozmente descendo,
Como se fossem
Além da Terra, rumo ao Infinito...

Concerto Sob a Regência do Mar

No marulho das ondas em cadência,
O vento sopra em coro com o arrulho das aves marinhas.
Os atobás, como violinos aéreos, solfejam notas musicais
Ora estridentes, ora aveludadas.

No palco azul do oceano,
A orquestra afina seus instrumentos.
Sustenidos e bemóis ecoam...
Ondas, vento e aves são os compositores dessa majestosa sinfonia.

Ao longe, sopra a baleia um noturno de piano,
Imitando o estilo de Chopin.
Melodia que na vastidão se espalha.

Mais ao largo, tais flautas ligeiras,
Em duetos harmônicos com as gaivotas,
Os golfinhos assobiam
Canções como se fossem os quartetos de Beethoven.

No fundo do mar,
As conchas são ecos intangíveis que reverberam.
O grave e o agudo mergulham e se alternam
Em uma interpretação de improviso.

A plateia está oculta na areia:
Siris, tatuíras e caranguejos, recolhidos em suas tocas,
Dançam a música das águas.

Ainda se escutam os acordes das marolas que se quebram insistentes,
Os estribilhos no dorso das grandes vagas,
O estrondo da arrebentação,
O refrão que acalenta sua toada ininterrupta...

O mar é o maestro, responsável pela trilha sonora!
Óperas, madrigais, serenatas e rapsódias.

Ora parece uma ária de Verdi que ressoa,
Ou uma escala de Villa-Lobos que vibra,
Ora, uma sonata de Bach que navega pelas águas salgadas,
Ou um prelúdio de Mozart que se repete nas marés...

O mar rege toda essa orquestra:
Segue uma singular e filarmônica partitura,
Agitando sua batuta nesse concerto eclético.

Aglaia, Tália e Eufrosina

As Três Graças, belas e jovens filhas de Zeus,
Descem juntas do Olimpo.
Graciosas dançarinas, envoltas em leves musselinas,
Espalhando dádivas divinas aos mortais.

Aglaia traz o brilho, o esplendor.
Tália desabrocha em flor.
Eufrosina sorri, com júbilo e humor.

Sem elas,
A cor fica desbotada.
A flor, murcha.
A alegria, esquecida.

A vida perde atrativos
Tudo fica
Sem graça!

Flor de Laranjeira

Frágil flor, bela e simples
De branco aroma
Que inebria...
Delicadas pétalas alvas se soltam de suas flores
No vento que acaricia
A laranjeira
Inteira...

As pétalas voam às centenas...
Espalhando um perfume suave e cítrico,
Que recorda os biscoitos e madalenas,
As geleias e as caldas,
As grinaldas
E os ramalhetes das noivas...

Eco de sinestesias únicas...
Fragrância, beleza, doçura,
E suavidade.
Cheiro, visão, paladar e textura...

Flutuam no ar por alguns instantes.
Poeira branca,
Que pousa lentamente no chão,
Como fiapos de lã,
Depois de viajar pelo ar da manhã...

Plainou por cenários diversos.
Momento
De versos.
Na Natureza há poesia em cada movimento!

Macaco Sabe o Galho em que Pula

Viver é a arte de saltar sobre o incerto; de ser trapezista de um circo sem redes.
O "galho seco" são as nossas ilusões e seguranças falsas.
O "macaco sábio" em nós é aquele que entende que a liberdade absoluta
Só existe para quem aprendeu a respeitar a queda
E confiar na própria destreza de se reinventar entre um galho e outro.

Dos troncos das árvores nascem galhos e ramos serpentinos
Verticais, horizontais, diagonais,
Longos ou curtos, grossos ou finos.

Eis a estrutura para espetáculos originais,
Onde macacos exibem habilidades singulares,
Dando cambalhotas pelos ares,
Pulando de galho em galho com impressionante destreza e criatividade.

São os trapezistas dos galhos sobranceiros,
Especialistas em toda a sorte de acrobacias,
Malabaristas das galharias,
Embrenham-se nos verdes caminhos da liberdade.

Balançam-se nas ramagens retorcidas.
Folhas farfalham nas suas investidas,
Entre as árvores e cipós.
Os galhos acolhem esses atrevidos dançarinos,
Que escalam troncos, saltam, penduram-se pelas caudas,
Divertem-se nessa estripulia...
E, cheios de ousadia,
Dão volteios, rodopios e piruetas,
Em arriscada coreografia.

Mas usam sempre a intuição e o instinto,
Equilibram audácia e perícia,
Em cada salto, adquirem experiência.
Não é apenas aventura; é ciência.

No meio da brincadeira
Sabem desviar dos galhos secos que se quebram...
Conhecem o galho que os ampara,
Que os abriga e agasalha,
Que os sustenta e alimenta.

Entre Trepadeiras de Guaraná

À sombra do jequitibá,
Entre espirais de trepadeiras de guaraná,
Pés de mandioca e folhagens do tambatajá,
Brinca um alegre curumim.

Ao som de tambores, prepara-se um ritual de danças,
Guerreiros com os corpos pintados seguram lanças,
Tacapes, arcos e flechas.
O morubixaba e o cacique
Bebem cauim.

Cestos de jabuticaba, pitanga, taperebá e maracujá,
Urupemas repletas de pimenta murupi,
Cuias de jerimum e tucupi,
Cumbucas de tacacá,
Balaios com folhas de jambu,
Potes de cerâmica cheios de caju...
Oferecem os sabores da terra.

Juritis cantam, tuiuiús silenciam.
Guainumbis revoam depressa, inhambus piam, sabiás melodiam.
Tangarás gorjeiam, pitanguás trinam, tuins assobiam.
Araras e carcarás fazem uma pausa nos seus voos.

Pousa ao lado do pajé uma linda jaçanã.
No ipê amarelo, empoleira-se uma acauã.
Hora de celebrar Tupã!

Diamantes do Araguaia

Desde a cabeceira na Serra dos Caiapós
Até à sua foz,
No leito do rio,
Escorregadio
Entre cascalhos e areia,
Correm as lágrimas de Potira,
Diamantes do Araguaia.

Duras e sofridas lágrimas
Resistentes, sem manchas, sem jaças,
Lavradas sob as graças
Do amor.
Lágrimas cristalinas, lapidadas pela dor,
Facetadas pela fatalidade,
Talhadas pela saudade
De Itagibá.

Lágrimas vindas do coração,
Cordiais,
Misturam-se nas águas de Goiás...

Alma de Mármore

Penumbra e sombra na alma que dorme,
Silente e fria,
Recolhida em recôndito cofre,
Entrelaçando os sonhos tristes,
Soluça e sofre!

Nas sendas do silêncio segue,
Entregue,
Sem voz, sem eco, sem veios, sem brilho.
Perambula entre lamentos e nostalgia,
Amores partidos, esperanças murchas
Daquele coração inerte, que se esvazia.
Cada vez mais petrificado,
Cada vez mais fechado,
Adquirindo a dureza granítica,
Apocalítica,
Daqueles que não aprenderam a amar.

Salto do Arco-Íris

Íris, enviada dos deuses,
Desceu do Olimpo à Terra, trazendo mensagens aos seres humanos,
Deixando, de déu em déu,
Um rastro no céu:
O traço do arco-íris.

Sete espectros fluidos, luz prismática.
Difração e refração.
Superposição cromática.
Elo da velha aliança,
Entre o terreno e o divino.

Em Sete Quedas de Guaíra,
Íris fez a mais linda de suas moradas.
Dezenove cachoeiras agrupadas
Em sete blocos brancos
Cujos flancos
Estrondosamente espumavam as águas do Paraná...

Ali a luz de Íris brincava nos saltos,
Nas névoas e nas gotículas,
Espalhadas em mínimas partículas,
Tecendo arcos multiplicadores.
Poema luminoso, espetáculo aquático.
Visão divina, sequência de cores.

As curvas perfeitas do caminho de Íris
Moldavam a cúpula translúcida, a abóbada singular
Desse templo natural de numerosos arco-íris,
Que pintavam sete cores naquele céu de safira,
Em cada uma das sete esculturas líquidas
Das quedas de Guaíra.

Acreditem:
Apesar de toda sua beleza, esse monumento único
Foi, insensivelmente,
Sepultado, submerso
No controverso
Lago de Itaipu!

Fantasias de Carnaval

O Carnaval é o instante em que a vida se fantasia de sonho.

O Carnaval dá asas à fantasia...
No enredo da folia,
Plumas, tecidos brilhantes e purpurinas,
Confetes e serpentinas,
Adereços, pedrarias e canutilhos,
Miçangas, balangandãs e vidrilhos,
Lantejoulas e paetês: são as especiarias
Do Carnaval e das suas fantasias.

Policromia, euforia.

Mascarados ou pintados: rostos coloridos.
Sonhos realizados ou ainda não vividos.
Palhaços sem picadeiros, indígenas sem aldeias, pierrôs sem colombinas,
Piratas, odaliscas, espantalhos e bailarinas,
Ninjas, super-heróis, reis e havaianas,
Baianas sem tabuleiros, princesas sem castelos, ciganas sem caravanas...
Fantasias que são um disfarce de si mesmos, uma divertida camuflagem:
O lado alegre de sua própria imagem.

O Carnaval fantasia a realidade:
A saia da baiana rodopia
Em sinergia
Com os tambores, os pandeiros, os agogôs e tamborins,
Enquanto passa um bloco de arlequins...

A multidão vai atrás do trio elétrico, do frevo, do afoxé,
Nos passos do samba, das marchinhas, do mandacaru e do axé,
Nos mesmos compassos que batem os corações
Entregues às ficções,
Às fantásticas alegorias.

No Carnaval, tudo não passa de fantasias...

Pescaria – Poesia Submersa

À margem do rio, espera vazio
O samburá.
Caniço à mão, o pescador joga a linha,
Promessa invisível de peixe, mas ele virá?
Talvez um curimbatá
Morda a isca, talvez não.

No mar, puçás e manzuás
Descansam, no balanço do vai e vem das ondas.
Lançam-se algumas redes: a tarrafa afunda devagar.
Pegará um cardume?
O pescador presume
Que talvez sim, talvez não.

Começa a espera.
Paciência é a isca do bom pescador, que persevera.
O tempo estica-se como linha que fisga o peixe.

A pesca é arte, é poesia submersa,
Que mergulha e conversa
Com a alma do pescador.
É poema que vagueia ora por Iara encantado,
Ora por Iemanjá acolhido, sob seu manto prateado.

Pescar é buscar o invisível.
O barco flutua entre os sonhos e a realidade sensível.
Eis a saga do pescador!
A vara e a rede são lançadas ao nada,
E retornam cheias de líquidos segredos,
Escondidos em submarinhos rochedos.

O vazio pesca o homem,
Náufrago das águas doces e salgadas,
Onde deposita esperanças, amparadas
Nas preces dirigidas a Deus
Colocando os pedidos seus.

Na quietude das águas, a poesia não é escrita,
É tecida em redes, em fios
Que ligam o homem aos mares e rios.

Cada anzol e cada garateia
Fisgam na barbela uma estrofe viva.
A isca, sedução cintilante,
É um convite para emergir a inspiração criativa.
O espinhel promete grandes capturas de métricas e rimas.

A carretilha não puxa tambaquis, pirarucus, tucunarés ou dourados.
Nem o molinete recolhe garoupas, robalos, tainhas ou linguados.
Puxam e recolhem versos...

A linha do caniço ou das tramas das redes costura os sentimentos dispersos,
Reunindo poemas antes submersos
Nos rios e mares de versos,
Nos rios e mares diversos...

Fim da pescaria!
Alforria!
O samburá
Recolhe o surubim e o bijupirá:
Um, senhorio,
Totem do rio.
O outro, avatar,
Espírito guardião do mar.

Rua Direita

As mãos do colonizador português de então,
Desenharam as vilas ainda nuas,
Entrelaçando fé e ruas
Com projetos, esboços e tradição.

Havia um simbolismo nesse planejamento.
A capela era o ponto que embrionava a freguesia.
Era o centro de soberania
Da vida urbana em formação.
Tudo orbitava e se expandia,
Em torno do adro, do largo, da praça da Igreja.

A construção física da cidade ainda agreste
Aliava-se à interpretação espiritual e histórica
De se ter a rua principal à direita da Igreja,
Como o Filho ao lado direito do Pai celeste.

Eis como nasceram as Ruas Direitas,
Nas muitas cidades portuguesas e brasileiras:
À direita do templo erguidas,
Traçadas objetivas, diretas,
Ligando a comunidade à paróquia: centro de mando e decisão.
Por elas se ouviram as vozes do mercado e da procissão,
Das comemorações cívicas e das quermesses,
Dos pregões dos vendedores ambulantes e dos ecos das preces.

Sob seus trajetos viveu-se a dualidade
Das coisas do espírito e dos passos do mundo,
Entre a vida profana e os valores da religiosidade.

Qual o Sentido do Amor?

Quando o amor se faz sentir,
Os cinco sentidos, um a um, se deixam confundir.
O olhar já não busca respostas.
O tato se rende ao intangível.
O paladar é um fruto onírico de gosto delicado e efêmero.
O som ecoa no vazio sidéreo.
O olfato respira um aroma de essência vaga entre o eterno e o etéreo.

E então, no âmago do sentimento,
Nasce um novo sentido: o advento
Do sexto sentido, que preenche os interstícios do ser.
Um paradoxo entre vazio e plenitude,
Entre razão e loucura.
Descobre-se, enfim, não o sentido do amor,
Mas o amor como o único sentido.

Você, Mantiqueira

Você, Mantiqueira, é geografia poética.
É serra que se levanta em isócronas curvas,
Cortadas por nascentes.
Seu corpo ondula costelas de pedra, emergindo do solo,
Entre picos e vales, como um poema serrilhado pelo vento.
Terra e rocha, ásperas e vivas, se vergam e se elevam,
Desenhando linhas que cortam o horizonte como uma serra em movimento.

Seu chão é memória de choques e fissuras,
De placas tectônicas que se aventuraram em rachaduras.
Em suas encostas, neblinas abraçam os vales:
Descem, lentas e macias, cobrindo-os como um lençol de silêncio.

O cheiro de terra úmida fala do tempo em que tudo era verde.
No frescor do ar, o perfume das folhas virentes...

Você, Mantiqueira, é serra viva – paisagem e poesia.
Seus picos são mirantes geodésicos,
Observatórios da interação entre homem, solo, água e céu,
Situados acima das nuvens, seu diáfano véu.

É ruga da terra.
É relevo do tempo que se move em silêncio.
Nascida do embate entre forças invisíveis,
Carrega no peito a memória das eras
E os segredos esculpidos em pedra dura.
Do seu ventre jorram prantos cristalinos,
Em milhares de fios d'água que escorrem como em pequenas crateras.
Por isso a chamam de serra que chora...

Você, Mantiqueira, é água que verte nos riachos, salta em cachoeiras.
É lágrima da terra que se derrama em silício nas ribanceiras,
Embriagada no cheiro verde das matas.

É quaresmeira vestida de roxo,
Ipê coberto de botões de ouro.
É bosque de araucárias, sentinelas das suas altitudes,
Que ainda resistem.
É sopro do vento que vive na névoa que cobre seus vales, seu tesouro.

Você, Mantiqueira é a própria hidrografia em versos:
De suas camadas ancestrais de quartzitos erodidos desde o mesolítico,
Brotam mananciais
Que seguem escorrendo das fendas profundas do seu corpo granítico.
Entre suas cristas que rompem o céu em desafio,
Erguidas na espinha dorsal da serra como colunas do chão,
Suas bicas lacrimejantes, suas minas d'água corrente,
Suas fontes, suas nascentes borbotam em seu relevo endolítico.

Você, *Amantikir*, em lágrimas derramadas,
Chora nos seus cumes um hino orográfico de despedida,
Originando rios, por entre plúmbeas pedras,
Levando água, levando vida!

Atlântida Está Perdida?

Atlas, que vivia nas extremidades ocidentais do mundo,
Deu nome ao Oceano Atlântico, que era vasto e sem bordas.
Também nessas águas de origem titânica, surgiria a fabulosa Atlântida,
Além dos Pilares de Hércules.

Foi nesse vasto azul onde o horizonte flutua e o tempo dissolve-se,
Que Netuno ergueu essa cidade lendária, registrada nos Diálogos de Platão.
Seu tridente cortou a Terra e o oceano em círculos, concêntricos.
Moldou seus anéis, conectando-os com canais e pontes.
Formou um reino de templos dourados, torres de ouro, colunas e muralhas de oricalco e cristal.
Uma terra visionária, de leis justas e reis virtuosos, floresceu no mar.
Os destemidos atlantes, porém, ao longo do tempo, foram seduzidos,
Pela ganância, pelo poder, pela ambição das conquistas, o que enfureceu os deuses.
Como ousaram esquecer que a glória sem virtude é o fim do poder?

A ira divina ergueu-se do abismo, provocou um cataclismo...
E o mar tragou Atlântida, fazendo-a despencar ao leito do oceano,
Consumindo-a pela força gravitacional
Na vastidão cibernética do nada.
Desde então, ela dorme no ventre azul do Atlântico abissal.
O que restou de Atlântida?

Estaria perdida nas profundezas do grande mar, onde o passado encontra o futuro?
Não. Atlântida não está perdida...
Ela vive, translúcida, na espuma do mar.

E se pergunta — sou mito ou memória?

Afogada entre as costelas líquidas do Atlântico, seu coração pulsa em algas.
Seus templos caem em espirais, seus jardins flutuam como navios sem âncora.
Seu ouro é fundido nas noites líquidas de insônias.
Atlântida, que se dissolve em marés, é um rosto impreciso entre cardumes de estrelas.
O mar, insaciável e vasto, guarda-a como um segredo demasiado profundo,
Escondendo-a, vez ou outra, nos prados submarinos das Posidônias.

Quem você é agora, Atlântida?
Um suspiro preso nas conchas do tempo?
Um poema submerso que o oceano recita?

Pois se é possível escutar seu brado nas marés,
Feito açoites, sobre os corais, ruínas de um altar...
Por acaso, quisera saber se os deuses ouviram seus gritos no dia e na noite,
Quando você ao abismo foi se entregar?

Sua história sem chão está escrita nessas águas encantadas.
Do cataclismo é cinza e alvoroço.
Afundada nas ondas, seu sepulcro é liquefeito e não um fosso.
É o sonho de uma ilha que o tempo esqueceu dentro do mar?

Atlântida... Não sei se é realidade ou devaneio,
Se a encontraram ou a inventaram nas águas sem fim da consciência,
Pois emerge e afunda na mesma onda do que somos e não entendemos.
Que importa se existe ou não, se todos carregamos Atlântidas
Em nossas almas submersas?
O que sobra são fragmentos, ruínas de nós mesmos nos tempos.

Atlântida... Não é cidade, não é ilha,
É ideia – E assim vive, eterna.

Quem a sonhou primeiro, Atlântida,
Senão o oceano, ao ver-se infinito,
E, cansado de ser somente abismo,
Inventou uma terra para sonhar?
É mais que mito – é memória.

Não uma lembrança viva, mas o eco do que nunca foi, e ainda assim existe,
No limiar entre o ser e o nada.
Cada onda que beija o vazio repete o seu nome sem tê-la conhecido!
E nós, que ouvimos esse murmúrio,
Chamamos de Atlântida o que sentimos.

Não foi perdida, foi criada,
Não pelas marés, mas pela alma humana.
É aquilo que buscamos e nunca achamos,
Porque existe apenas dentro de cada qual que a busca.

Não está perdida, Atlântida, apenas descansas no invisível.
É como o pensamento que nunca se completa,
Como o sonho que se dissolve ao nascer do dia.
Muitos buscam-lhe não no Atlântico ou noutros mares,
Mas em si mesmos.
Seus templos erguem-se em memórias vagas,
Ruínas do que jamais existiu, mas sempre foi.
É circular, como o tempo que a moldou.
A cada onda, um instante de sua glória,
A cada maré, um silêncio de sua queda.

Atlântida é a verdade que preferimos esquecer,
Pois lembrar-lhe seria encarar
Que o que buscamos fora,
É o que perdemos dentro.

Todos a procuramos, não para a encontrar,
Mas para nos encontrarmos.
Pois é o reflexo dos nossos desejos, dos impérios que construímos e destruímos.
É lenda invisível, mas não irreal.
E, submersa, é mais livre do que jamais foi,
Mesmo num mundo ideal.

Teorema do Triângulo Oculto

Na intersecção da imaginação, triângulos se alternam,
Cálculos oscilam entre as equações,
Hipotenusas flutuam entre os catetos,
Réguas e esquadros desenham verdadeiros amuletos.

Na dimensão cartesiana das estrelas,
Coordenadas pulsam em ritmos simbiontes.
Ângulos se dobram, transcendem horizontes,
Uma Álgebra cósmica, envolta em incógnitas.

Na Geometria improvável, os poliedros solfejam em harmonia relativa,
Enquanto teoremas demonstram suas proposições
E pontos infinitesimais ao lado de árvores de frações
Brotam em campos numéricos.

Na Aritmética que opera adições e subtrações, multiplicações e divisões,
As parcelas, os minuendos, os subtraendos procuram as somas e as diferenças,
Ao mesmo tempo em que os fatores identificam os produtos
E os dividendos e os divisores querem chegar ao quociente exato...

Na Matemática poética, porém, o vazio cheio de fórmulas
Não é preenchido pelos paradoxos,
Nem mesmo na correspondência biunívoca dos objetos.
Uma coreografia de nuvens de coordenadas –
De parábolas e hipérboles, de círculos e tangentes,
De números irracionais e logaritmos –
Tenta encontrar uma ordem, no bailado do caos, através dos variados ritmos.

No surrealismo dos raciocínios, seremos nós algarismos flutuantes,
Na equação da existência?
Ó Pitágoras, será o mundo um colossal triângulo oculto?
Haverá um teorema universal, revelando o segredo encoberto em cada vértice inculto,
Pela busca da quintessência?

Cadeira de Balanço

Companheiras das horas lentas, as cadeiras de balanço –
Aquelas de assento e encosto de palhinhas entrelaçadas,
Tão tradicionais e particulares –
São ouvintes e contadoras de histórias, em seus vaivéns.

O passado e o futuro nelas se mesclam.
Memórias digitais são gravadas em cada embalo.
Projetos antigos seguem avante.
No espaço interdimensional, a cadeira vacila atrás e adiante...
Naquela varanda de outrora, diante do sol migrante.

No vaivém compassado, considerando as alternativas e vicissitudes,
As lembranças e as decisões por tomar
Oscilam como determina a força gravitacional da Física,
Que puxa a cadeira, as recordações e as atitudes,
De volta ao seu ponto de equilíbrio.

Na simplicidade desse movimento harmônico,
De uma feita mais devagar, de outra, mais depressa,
Reside, sem engano,
A poesia do cotidiano.

Nos Cafundós do Judas

Muito longe daqui, muito distante de qualquer lugar,
Nos cafundós do judas,
Há um pequeno refúgio remoto e isolado,
Que poucos conhecem ou ouviram falar.

É um canto onde o mundo adormece,
Longe do grito das cidades febris,
Onde se vive em cima da hora.
Lá a estrada é poeira, curvas e demora,
Devorada pelo mato e pelo esquecimento.

Mas o que é longe?
Longe é um espelho curvo, onde o perto se deforma e se perde?
Longe e perto se confundem em alguma circunstância?
Talvez a distância física apenas oculte a proximidade das essências?
Eis o paradoxo da distância!
Pois ela não se mede em passos de volta ou de ida,
Nem em linhas de latitude ou qualquer outra medida.
O longe é o que esquecemos em nós,
E encontramos apenas quando partimos.

Nos cafundós do judas
É um lugar onde tudo está preservado,
Intocado.
Onde a natureza anuncia um começo.
Lá, não há *Wi-Fi* nem pressa.
O sinal do celular é péssimo
(o que é muito bom!).
A solidão é uma prece serena.
Cada folha segreda verdades cruas,
Que as cidades enterraram sob o asfalto.
A beleza é feroz,
Bruta como pedra imaculada,
Porém, flexível como as lianas e os cipós,
Num ciclo eterno de começo e fim.

Os cafundós podem parecer um paraíso perdido,
Sem bússola, tropeçando em incertezas
E o horizonte derretendo em mares de vidro.

Braços retorcidos de velhos titãs são chamados de árvores.
O chão, mosaicos de areias fugidias,
Reflete um lago –
Que como um espelho sem dono,
De musgos e samambaias compondo sua moldura bisotada –
Guarda os rostos do vento no meio do nada.

Os cafundós do judas, definitivamente, não são o fim-do-mundo,
Mas são como eram no princípio...
Quando não havia caminhos
E a terra, vestida de mistério,
Recebia os passos hesitantes, de pés descalços:
Os primeiros a desbravar o silêncio.
Lá os ancestrais dançaram sob a luz das fogueiras.

Outros tempos, outras eras vieram,
Mas os cafundós permaneceram,
Resistindo à pressa de todos,
Abrigando aquilo que o mundo esqueceu.

Lanças ao Vento: a Odisseia de Dom Quixote

Nos campos ondulados de Castela,
Palco de uma épica querela,
Marcha Rocinante, de patas magras e cansadas.
Sobre sua sela, um general de quimera, está Dom Quixote.
Com sua armadura enferrujada é um oficial em romaria,
Herói idealista sob o estandarte de uma nobre causa.

O cavaleiro audaz planeja táticas militares
Contra as tropas do exército inimigo:
Gigantes encastelados,
Em monstruosas fortalezas traiçoeiras,
Preparadas em fileiras,
Que, ao sabor do vento, urdem emboscadas.

Seus pretensos inimigos, os moinhos, titãs de vento,
Alheios ao seu tormento,
Em fria impassibilidade,
Giram suas pás indiferentes,
Em sólida aliança com Zéfiro.

Então, Quixote, em sua febril convicção,
Consulta seu leal escudeiro,
E declara-lhes guerra!
A lança brilha com fervor na temerária mão do cavaleiro,
Que, com a arma em riste e olhar flamejante,
Investe contra o adversário.

A batalha trava-se, apenas na mente,
Pois o inimigo é ausente.
A lança corta o ar vazio e sombrio,
Num duelo de delírio ingênuo,
Enquanto risos de vento assobiam em desafio.

O impacto da estocada é surdo.
Perde-se o venábulo, a armadura pende,
A vitória escapa, o cavaleiro cai...
Uma vez mais, porém, o intrépido guerreiro levanta-se,
Pensando que, ao final, foi só uma batalha perdida.
Ele ainda acredita que pode vencer
Os monstros gigantes
De braços girantes
Que desafiam o céu em seus desvairados rodopios!

Lanças ao Vento contra inofensivos moinhos de vento.
Eis a Odisseia de Dom Quixote!
Somos como ele, que batalha o vazio?

Tempo e Memória

No princípio, o tempo dormia, entre as dobras de um vazio sem nome.
A memória, sombra silenciosa, vagava entre abismos de esquecimento.
E então, ergueu-se o primeiro instante: um brilho que rasgou o véu do nada.
O tempo abriu os olhos, célere e ruidoso,
E a memória despertou com seu eco ardiloso.
Juntos, moldaram os segundos, as horas, os anos, os séculos, os milênios, as eras...

E desde então, o tempo é um rio implacável que esculpe as margens da alma.
Em suas águas leva risos, lágrimas... E a poeira dourada das horas esquecidas.

Já a memória é a sentinela das sombras,
Que espia o ontem e o agora,
Em vigília.

O tempo é colecionador de instantes,
Não é linha, mas labirinto; não é ponte, mas abismo.
A memória é árvore que brota,
Que se replica em cada semente ignota.

Apenas os sonhadores ousam desafiar a marcha inexorável do tempo.
Guardam o impossível: uma risada ao sol,
Um cheiro que já não existe,
Um olhar que resiste no tempo, seja alegre ou triste.

O interessante é que na memória, o tempo não passa.
É o eu que desliza na superfície das horas.
Como um fantasma que habita o instante desfeito,
Recriando até mesmo o que nunca foi daquele jeito.
Ou como um plural de si mesmo,
Numa sucessão de ninguéns.

O tempo é o disfarce da eternidade.
A memória é sua tímida cúmplice,
Que costura o infinito com os fios do ontem,
Quase sempre com pouca fidelidade.

Nas dobras do tempo,
Ecoam fragmentos de mim.
E a memória se enrola na espiral do esquecimento.
Ela, a arquiteta de sombras, recompõe o que o tempo desbota.

Longínquo, o passado transfigura histórias, entre os escombros do ontem e do agora.
A memória, navegante sem mapa,
Entrega-se ao eterno ofício de reconstituir o transitório.
Nos arquivos de cada ser humano, químico das lembranças,
Há que se reordenar moléculas de passado persistente e presente aleatório,
Onde o tempo é o alquimista e a memória, sua repercussão.

Cada instante guarda o todo, como no grão de areia dorme a praia.
A memória não termina, não começa: curva-se sobre si mesma, em ciclos.
O passado ressoa no agora que se expande,
E o futuro germina, à espera, de atalaia,
Na raiz do ontem.

Entre tempos que deslizam e memórias que se ancoram,
O único habitante é o pensamento.
Ele é que nos leva a um veredito neste solene julgamento:
O tempo é culpado por nossa pressa,
E a memória é responsável por nossas saudades...

Hunga Tonga

Uma grande explosão levantou o manto da terra ao céu.
Gritaram juntos o Hunga Tonga e o Pacífico Sul.
Das entranhas da terra o vulcão subiu em fúria,
Suas entranhas cuspindo fogo e cinza, como uma convulsão do mundo.
O oceano, anacoreta do abismo e do caos, engoliu o fogo vulcânico,
O que despertou o domínio frio das águas marinhas.
No choque dessa fúria, a terra tremeu!
A água cercou o vulcão, o sufocou e ele tornou a rugir.
Suas chamas feriam, seu eco assombrava.
Cinzas subiam às alturas,
Enquanto cascatas de fogo – as lavalanches –
Desenhavam mapas de dor, verdadeiras cicatrizes em basalto,
No assoalho oceânico.

Como é assustador o ritmo inexorável da criação e do colapso!
Que espaço tem a criatura humana no mundo,
Se as forças que moldam esse mesmo mundo a ignoram?
Essa colossal erupção irrompeu do magma agitado, do ventre da Terra
Com um rugido de trovão submerso.
Uma coluna contra a estratosfera foi levantada pelo Hunga Tonga,
Que ergueu suas mãos de lava, querendo tocar as estrelas,
Ao mesmo tempo em que investia contra a massa oceânica.
A camada de ozônio teve seu flanco ferido,
Enquanto lanças de fogo provocavam um incêndio dentro das águas,
Rasgavam-se abismos no leito do mar e o magma avançava com calor e pressa,
Moldando montanhas mutantes.
A lava lavrava labirintos.
Fissuras e fendas eram forjadas pelo fogo faminto.
Ventos vertiam vestígios vulcânicos...

E o ser humano ficou à beira do abismo, olhando para o vazio e o interrogando.
Mas o vazio não respondeu. Nunca responde.
E, ainda assim, ele seguiu perguntando: quem somos diante dessas potestades?
Somos o eco, o silêncio, ou nada?

Como enfrentar essas forças?
Que escudo temos para tão grande desafio?
Pobre humanidade delirante
Que na vaidade desmedida, ainda se vê como a grande criatura do Universo!

E o vulcão voltou a dormir e o mar seguiu refletindo estrelas...

Pequenos Milagres Verdes

A semente, tão distraída,
Adormeceu no ventre da terra.
Ela sabia
Que tinha, dentro dela, todo um mundo!
Pois poderia esperar e germinar no tempo oportuno.
Ainda poderia decidir mesmo não abrolhar
E ficar sonhando,
Deitada na terra como quem escreve cartas sem destinatários...

E quando, por acaso, brotasse no cimento das cidades,
Formando fragmentos de jardins clandestinos,
Iria divertir-se muito
Entre os paralelepípedos nas ruas,
Quando um fio verde insistisse em se levantar;
Nas calhas dos telhados,
Quando um pequeno arbusto inventasse suas raízes;
Nas grades dos bueiros,
Quando um verde miudinho espiasse o asfalto;
Nos pés dos muros,
Quando um quebra-pedra crescesse sem pedir licença;
Nos degraus das igrejas,
Quando um musgo tomasse espaço sem cerimônia;
Nas rachaduras das fachadas,
Quando uma samambaia obstinada fosse vida no intervalo da fenda...
E iria ver que tudo e todos ali tinham saudades do verde...

Essa semente mostrava claramente que tinha lá suas manias:
Pensava em brotar até mesmo onde não devia,
Viver onde não poderia...
Queria ser uma pequena menina da cidade,
Travessa e encantadora,
Pronta para criar pequenos refúgios no caos de cada esquina.

Ela também poderia cair por ali e ninguém reparar.
A chuva iria chegar e o sol iria beijar sua alma.
Então, ela iria levantar seus braços e brotar.
Não por teimosia.
Mas porque crescer seria sua única forma de poesia!

Benbulbin, Pedra que Sonha

Ergue-se um gigante com a calma dos séculos.
Benbulbin — navio de pedra que navega o céu da Irlanda,
Sem sair do chão.

Teu dorso é mesa dos deuses, teu flanco, muralha de lendas.
Ali dormem os heróis, ali repousa o último verso de Yeats,
Como uma oferenda ao vento.

Musgos te vestem como mantos antigos,
E as nuvens, essas aves de névoa, beijam tua testa em silêncio.

Quem te vê, não vê apenas pedra.
Vê o tempo parado, o mito em repouso, a poesia em estado bruto.
E quem te escuta, ouve o sussurro das eras:
Não há pressa para ser eterno.

Pimenta e Dendê

A pimenta é confissão; o dendê, sacramento.

No terreiro das cozinhas baianas, lá está ela: a pimenta.
Não é só tempero, é feitiçaria, com um cheirinho magenta,
Que chega como uma batida de atabaque em dia de festa.

Acarajé sem pimenta? Que heresia!
O vatapá, o bobó, a moqueca... clamam por ela.
Onde cabe o dendê, cabe também ela!

A pimenta é arte, é vida,
É calor de Iansã na comida!
Ela brilha, vermelha como o sol do Recôncavo,
Ardida, como uma malagueta escarlate e flamejante.

A cozinheira, em sua alquimia singela,
Colhe as pimentas do quintal.
Coloca-as todas na panela,
Pimentas-de-cheiro amarelas, verdes, laranjas e malaguetas,
Que suspiram ao toque do dendê borbulhante.

Pimenta... pequeno pingo de fogo,
Que pula na panela, pipoca no prato, perfuma e provoca o paladar.
Na língua, ardência;
Nos olhos, lágrimas;
No rosto, calor.

Dendê... ouro líquido brilhante,
Que derrete um pouco de sol na panela...
É um galanteador, que vive flertando,
Descaradamente, com as saborosas pimentas,
Dissipando-se, em laivos dourados,
Nos apetitosos refogados.

Cada prato é uma prece anônima.
O dendê é o óleo das oferendas,
Tingindo de ruivo o cotidiano da fé.
A pimenta, com sua ardência,
É confissão e penitência.
O toque das pimentas-de-cheiro é como incenso.

Comer na Bahia é celebrar, agradecer e sentir.
Na Bahia, comer é rezar!

Siracusa, Uma Descoberta

Aqui, o vento traz legados dos gregos,
E as colinas suspiram sob o peso do tempo.
Cada sombra tem vida, cada ruína tem alma,
E o mar é seu altar onde o infinito repousa.

Ao pisar nas pedras antigas, pelas ruas que o tempo poliu,
Ouvem-se as memórias vivas num teatro de muitas influências.
Tudo isso, debaixo das colunas erguidas,
Onde deuses e seres humanos caminhavam lado a lado.

Na praça da cidade, Arquimedes ainda vive.
Siracusa é seu eterno laboratório de experimentos.
Eureka! O cântico dos descobrimentos!

Na Fonte Aretusa, as águas choram pela ninfa que não volta.
Sua lenda flui numa promessa líquida de eternidade.
Ainda assim, o rio subterrâneo corre,
Porque viver é ceder à corrente.

Aqui, a vida passa devagar,
O sol, preguiçoso, repousa nas muralhas,
E o mar se distrai brincando com os barcos.

O azul do céu e o ouro do poente contam mitos e lendas.
Ortígia, mar de safira, é mais do que se vê.
Tem pontes entre o real e o eterno, lembretes de que o Belo habita
Na curva perfeita de suas baías reverendas.

Lá, quero ir à feira, passear entre aromas de ervas culinárias,
Azeites das oliveiras centenárias,
Pistaches, queijos, vinhos,
E muitos cestos de limões, os topázios do mercado.

Siracusa é uma descoberta,
Daquelas que a gente guarda no bolso,
Como uma pedrinha brilhante
Ou uma concha que pegamos na praia...

Onde Estão as Camélias?

Estão testemunhando o que se finge esquecer;
Guardando segredos de amores que o tempo não ousa apagar;
Fabricando essência de efemeridade, enquanto se forma o orvalho da manhã;
Confiando ao pólen as memórias do sol;
Florescendo em jardins secretos perto das janelas abertas;
Buscando a chance de serem ao menos vistas;
Perfumando as lembranças distraídas de quem por ali passa;
Estão fazendo poesia no sopro do agora.

Estão vestindo um cetim branco, que prateia com os reflexos da lua.
Despetalando ao vento selvagem.
Voando fugitivas em resposta à tempestade que se aproxima.
Esvoaçando contra o céu plúmbeo, em rendição.
Deixando de serem flores.
Escrevendo versos na terra com suas pétalas caídas.
Esquivando-se dos passos apressados que podem pisar nelas.
Estão partindo?

Não! Elas não partem. Não ficam.
Existem no intervalo,
No limiar do efêmero com o infinito.

À Beira do Peabiru

Pés nus seguiram marcas do céu, sob o brilho do Sol,
Do Pacífico ao Atlântico.
Passos moldaram um mapa de terra e grama,
Como gráficos complexos de um diagrama.
Guaranis descalços em busca da Terra Sem Mal.
Depois, desbravadores marcharam em ambição, pisando sonhos e rotas sagradas.
Botas pesadas esmagaram o chão com a cobiça.
Peabiru, caminho de conquista,
Testemunha da audácia onde o sagrado sucumbiu ao jugo colonial.

Peabiru, estrada que ruma ao nascente do sol
Que se dissolve no silêncio das clareiras e das sombras antônimas.
Cada pegada conta histórias anônimas,
Que grudam na pele como a poeira fina...
Calçadas de pedras, até canaletas de drenagens,
Escadas, pontes e mapas esculpidos em rochas...
Seu traçado segue o desenho do vento,
Sem tirar os olhos de Inti, pai dourado, cujos raios tocam a alma,
Num fio de luz que guia os passos guaranis.

Dizem que o Peabiru sonha junto com os pés que o respeitam
E que se inquieta sob as botas que o ferem.
Quando ninguém o percorre,
Contam que ele muda seu trajeto,
Os rios alteram seus cursos e as estrelas piscam de longe...

Sou estrangeira em sua trilha, mas sinto seu chamado,
Como um tambor distante que bate dentro de mim.
Não sei bem o que o Peabiru quer me dizer...

Ele me chama, mas eu fico.
Fico na beira do caminho, entre a grama pisada e as árvores.
Eles seguem: os descalços e os de botas.
Uns buscam a Terra sem espinhos
Outros pisoteiam as trilhas sagradas de olho no poder...
Uns te moldaram,
As botas estrangeiras te feriram.
Os primeiros deixaram versos na terra,

Mas os conquistadores que chegaram, achando que as terras eram surdas,
Falaram alto, pisaram firme, como se o chão não sentisse dor,
E escreveram silêncios.

Fico e te contemplo.
O Peabiru é um caminho que conversa, mas só com quem sabe ouvir.
Seus contornos são antigos, selvagens, marcas de pés que não conheço.
Meus pensamentos sobem como fumaça em direção ao céu.

Fico e te vigio, tentando entender o mundo como é:
Um balde vazio que insiste em parecer cheio...
De poesia, de mistério...
A Terra sem mal... Existe?

Fico e também procuro essa terra prometida,
Mas ela é silêncio:
Um horizonte desfocado entre sonhos descalços e ambição desmedida.
Mas o que é o mal, senão o vazio que nos habita?
Um instante sem tempo, onde o passado e o presente se encontram?
Talvez essa terra exista na esperança que ainda carrego.

Embora se saiba que o mundo ama mais o vício que a virtude,
Ainda assim, o Peabiru segue... Não por eles ou por mim.
Mas porque há um céu acima e uma terra abaixo
E também porque tudo que caminha... Não o faz sozinho!

Peabiru, tão longo quanto o silêncio... Tão curto quanto um sonho!
Quem o pisa, quem o honra carrega, em sua bagagem, o que busca...
O caminho não escolhe quem o pisa.
Descalços, os guaranis buscaram o paraíso.
Calçados, os conquistadores cravaram cicatrizes no chão.
Mas o Peabiru não os julgou...

Eu continuo, à beira do caminho milenar.
Eu fico, não trilho.
Sou apenas uma espectadora.
Um fragmento de memória que respira entre o esquecimento e a eternidade.
Diante de sua vastidão, me curvo,
Não em derrota, mas em reverência.

Eu fico, não trilho.

Sou uma passageira que hesita diante da estrada imensa.
Eu a respeito com um pouco de culpa,
Como quem segura um pássaro e logo o solta...

Fico parada, não por cansaço, mas porque o caminho exige veneração.
Meus tênis modernos, presunçosos em seu conforto,
Pedem desculpas à terra viva que suspira sob meus passos.
Respiro o estalido do chão, um aroma de histórias esquecidas,
O gosto metálico da memória antiga presa entre grama e poeira.

Eu fico, não trilho.
O chão me diz coisas que se aninham nas veredas do caminho.
Mas eu, com meu respeito distraído,
Sou apenas uma observadora à margem de algo maior.

O Peabiru não se importa comigo: uma poetisa que olha e não trilha,
Que procura versos na poeira,
Enquanto o vento ri pelos trechos sinuosos e leva embora minhas certezas.

Conversa Fiada

"Passe lá em casa qualquer dia!" Todos sabem que não há dia algum.
"Vamos combinar!" É previsto que você não venha e que ninguém o aguarde.
Convites imprecisos. Respostas vazias. É um jogo social.
Nós que não amarram nada.

Escuta-se sem ouvir e fala-se sem esperar que escutem.
Há nas pessoas um cansaço em ouvir o mundo...

Conversa fiada é um pacto:
Um finge que convida.
O outro finge que aceita.
Assim se evita o desconforto do silêncio.

É conversa que traz palavras disfarçadas de cortesia.
Murmúrios de uma civilização que detesta pausas,
Pois pausa é abismo...
E quem quer olhar o fundo de sua alma?

Conversa fiada é arte refinada:
É melodia do nada
E o alívio do vazio...

Colunas Gregas

À beira do Egeu, erguem-se fiéis as colunas da glória.
Gigantes de pedra. Pilares onde o tempo descansa.
Há algo nesse mármore que respira,
Uma luz que dele se espalha...
Essas colunas falam silêncios,
Baixinho, com o sotaque das pedras desgastadas.
Suas vozes perdem-se na pressa de um mundo sem memória.

Não vejo ruínas, mas sementes de eternidade que brotam contemplando o mar...
As colunas dormem na quietude salgada.
Permanecem, mesmo quando as cidades se dissipam,
Mesmo quando os templos se convertem em silhuetas quebradas contra o horizonte.

Fustes erodidos que ainda provocam sonhos,
Trazem as marcas dos anos, o cansaço dos séculos,
Porém, teimosos, insistem nos devaneios...
As colunas não sustentam apenas o templo, mas o peso de milênios.
Suas bases tocam a terra, mas seus capitéis tocam o eterno!

A mais antiga é sólida e quieta, austera e guerreira;
Segura a carga do mundo.
A sóbria coluna dórica levanta-se como quem luta;
É pedra angular,
Peristilo do pensar virtuoso, como Sócrates.
Seu fuste discreto é resistência,
Arquitrave da dúvida, carrega a urgência da verdade,
Fincada no brilho imortal das ilhas.
Em tua firmeza, o chão palpita.
Não precisa de adornos: seu mármore é vivo,
Rugido ancestral de guerras e templos.

A mais elegante é também a mais esbelta e delicada.
A coluna jônica, dançarina de brisas e pensamentos, sopra-os
Na cadência das ondas,
Pegando apenas duas vagas em suas volutas,
Enrolando-as graciosamente.
No giro das volutas, imita as ondas do mar sem fronteira.

Aqui há o equilíbrio em linhas impalpáveis, como no diálogo platônico,
Uma conversa fluente entre as oliveiras centenárias, onde o tempo repousa.
Arquitraves como braços estendidos,
Carregam a força do mundo e o peso do nada,
Hipostilos da alma que sempre sonha em acordar.

Enfim, a coluna coríntia!
Um jardim suspenso que quis ser pedra.
Mas que continua a florir no alto do mundo, em lógica aristotélica.
É ornada com um véu de flores, grinalda de mármore.
Poema talhado nas folhas amplas e serreadas do acanto.

Frações de primavera, vestígio de majestade em meio ao esquecimento.

Colunas da alma, do pensamento.
Tríade que desafia o tempo, na arquitetura da reflexão clássica.
De fato, essas colunas falam...
A dórica sustenta o peso da verdade, elevada como Sócrates,
Firme no solo, desafiando o vácuo.
A jônica encontra harmonia entre lógica e beleza.
Volutas que rodam como diálogos de Platão, ecoando na caverna.
A coríntia, florida, é ornamentada de ideias,
Onde folhas de acanto nascem como pensamentos exuberantes de Aristóteles.

E sob suas sombras, nós caminhamos,
Buscando o equilíbrio entre o mundo e o mistério,
Entre a criatura humana e o infinito.

E eu, ao pé delas,
Sou fuste curvado em pensamento,
Capitel humano em fragmento,
Sou mais uma coluna,
Suspensa no silêncio do tempo.

Fundação de Marselha

Navegar é sempre se perder.
A princípio, Protis, um grego do Golfo de Esmirna, navegou para fora de si,
Pois só o desconhecido pode curar a inquietação do que nunca basta.
Depois, seguiu mais além, até um lugar
Que o seduziu pela beleza ímpar de suas margens selvagens.
Chegou ali como quem chega a si mesmo,
Com as mãos vazias e os olhos cheios de sonhos.

Dizem que na noite em que aportou no Golfo da Gália, onde o Ródano se lança,
O rio serpenteava, brilhando terra adentro, vestido de estrelas caídas,
Enquanto a lua banhava tudo com sua prata líquida,
Confundindo rio e céu, tempo e eternidade...
A localização era invejável:
Um convite natural a uma ancoragem definitiva.

Gyptis, filha do rei da terra lígure, parecia saber de sua chegada.
Prontamente, estendeu a Protis a taça da aliança.
E, juntos, prometidos em casamento, num pacto tácito,
Fundaram Marselha.

Protis sentia e pressentia o destino da escolha por Marselha,
Como só os pioneiros o fazem:
O lugar era perfeito para se começar um povoado.
Marselha também sabia que ali era seu lugar: conhecia sua vocação de ser cidade.
Assim, sob a harmonia entre a obra humana e a natureza,
Nasceu a capital da Provença,
Construída por mãos humanas e pelo desejo da própria terra.

É por isso que Marselha guarda o espírito dos que a ousaram fundar:
Nos passos apagados,
Nas pedras que testemunham o tempo da cidade mais antiga da França,
Na beleza de suas ilhas e de suas calanques,
No recorte de sua linha junto ao Mediterrâneo,
No arco que a água descreve ao abraçar a costa...
Marselha, a Grécia francesa, é como uma deusa,
Que surge do invisível para o real.

Balaio Esquecido

Não somos solitários; somos tramas.

No canto da sala, o balaio descansa no silêncio, esquecido.
Já foi cheio de grãos dourados de milho, de jabuticabas,
De café recém-colhido...
Carregou o cheiro da terra molhada,
O perfume do mato, o abraço do sol, o choro do orvalho.
Guardou tantos segredos do campo!
Trouxe para a palha, a taquara, o bambu, o cipó...
O trançado das mãos artesãs,
Tecelãs
Da alma vegetal.

Ó balaio, quem o esqueceu assim?
Quem o exilou do perfume do capim?

Aos poucos, também nós vamos ficando de escanteio.
Somos trançados pelo tempo,
Ligados por fios invisíveis de meses e anos, apenas com dias de permeio.
No começo, úteis, cheios de planos;
No fim, ornamentos da memória.

Ou talvez, como o balaio, tornemo-nos testemunhas do passado,
Guardando em nosso ventre o eco de quem fomos.

Por que fomos trançados?
Talvez para lembrarmo-nos de que a vida não é feita de fibras solitárias,
Mas de encontros e conexões.
Que o sentido de existir pode estar exatamente nesse entrelaçar, nas
intersecções
Entre o eu e o outro, entre o presente e o passado.
Entre o conhecido e o desconhecido.

Assim como o balaio, fomos trançados para carregar algo precioso:
Significados, reminiscências, sonhos.
Mas o que carregamos depende do que escolhemos colocar dentro de nós.

No fundo de cada um de nós e no fundo do balaio
Há sempre um pouco de vazio:
Para o futuro que virá,
Para o passado que deixamos.
Por quê?
Porque o presente não basta!
O presente escapa entre os dedos, não há peso nas suas promessas:
O hoje é um poço muito raso
Onde a alma não consegue mergulhar...

Sim! Somos todos como o balaio,
Trançados de dias e momentos,
De lembranças e esquecimentos.
Carregamos o que somos até que somos só o que carregamos.

Eu Caminho nos Desertos

Às vezes, o silêncio cega mais que a claridade.
As tempestades não choram. São secas. De areia.
Há sede, mas não de água.
Os ventos rasgam o horizonte e desfazem rastros, esculpindo o vazio.
Os olhos estão embaçados, não por lágrimas, mas pela poeira.
O chão árido estala ao calor ou ao frio extremos.
E nós, sedentos de alguma coisa indefinível,
Andamos, tropeçamos, desaparecemos sem deixar pegadas.

Que cenário é esse?
Desertos...

Aqui, a geografia é inquieta:
Os desertos são ora um oceano seco, esculpido por correntes invisíveis,
Ora uma pista de patinação escorregadia.
Ondas de areia e gelo em que ninguém surfa!
Uma cartografia que o vento redesenha a todo sopro e a cada degelo.
Silêncio seco.
As pedras, como reflexões gastas, cascalhejam baixinho no vácuo.
Sou sede.
Não somente de água. Sou sede de olhos que enxerguem além do pó e da névoa.
O vento ri.
Levanta o chão arenoso e me empurra enquanto finjo seguir em frente.
Ou o vento é cortante, gélido...
E queima.

O céu parece um peso, mas eu o carrego sem escolha.
E continuo, porque parar é impossível!
Cada passo, porém, arrasta o vazio mais para dentro.

Não há pressa aqui, o tempo desaba como areia fina, sem som, sem memória.
Tudo é distante e confuso,
Mas a poeira e as placas gelificantes, com certeza, têm segredos.
E o horizonte, sempre o mesmo, chama para diante,
Não para uma chegada, mas apenas para seguir em frente.

As dunas dos desertos parecem equações mutantes, modeladas pelo vento,
Uma álgebra de partículas em movimento constante.
O calor sobe em ondas invisíveis, um espectro dançante:
Prova do que não vemos, mas sabemos que existe.
E os ventos, vetores imprevisíveis, espalham a entropia como uma filosofia das partículas.
Cada grão de areia carrega a memória do planeta,
Um fragmento da história antiga escrita por mares e montanhas de areia ou gelo.
Aqui, o vazio não é ausência, é espaço para ideias,
Onde o pensamento ergue estruturas invisíveis.
E o horizonte, eterno e inatingível, é uma metáfora do infinito.

As miragens também são promessas,
Enganos calculados pela ciência e aceitos pelo espírito ansioso por significado.
Também eu carrego dentro de mim dunas volúveis e sonhos,
Que se movem ao sabor de dúvidas,
E tempestades de pó e vapores que ocultam verdades.
Cada porção, microscópica e infinita, contém a memória do tempo,
Fragmentos de montanhas que desabaram, como certezas que um dia sustentei.
O objetivo é equidistante: uma constante,
Um lembrete de que a busca é tanto resposta quanto pergunta.
E nesse espaço entre o mensurável e o intangível,
Eu caminho... porque o vazio também é um destino.

É um destino, e eu caminho...
Nas trilhas invisíveis dos desertos brancos do Ártico e da Antártida,
Ouvindo a orquestra de gelo estalando...

Eu caminho... pelo Sonora,
Entre os braços do saguaro que se erguem, inutilmente,
Sonhando alcançar estrelas distantes.
Elas sequer respondem!

Eu caminho... no Mojave,
Ao lado das pedras andantes do Vale da Morte.

Eu caminho... no Atacama,

Enquanto os gêiseres choram lágrimas quentes, vapores de mágoas subterrâneas.

Eu caminho... no Kalahari,
Ao mesmo tempo em que dunas vermelhas ondulam um mar seco,
Sem barcos ou navios,
No deserto selvagem da África.

Eu caminho... no Gobi,
À medida que as tempestades de areia avançam
E a música do deserto é interpretada pelas dunas cantantes de Khongor.

Eu caminho ... no Saara,
Que aquece meus pensamentos até diluí-los, transforma ideias sólidas em miragens:
O olhar fabrica oásis no desespero da sede.

Eu caminho...
A areia afunda meus passos, só para esquecê-los logo em seguida.
O deserto desfaz minhas certezas,
E em troca me oferece horizontes que mudam a cada rajada de vento.
No calor do meio-dia, o ar ondula, desenhando mais miragens—
Um lago torna a rir da minha sede.
À noite, o céu é um lençol bordado de estrelas.
Nenhuma delas me diz para onde ir, mas todas me lembram de sonhar.
E então, no silêncio da madrugada, o sereno desce.

Não há perguntas, não há respostas.
Apenas a lição de que a sobrevivência é também um ato de fé,
Uma invenção feita de areia e mais estrelas.
A caravana é como a vida:
Seguimos juntos,
Mas sós:
Cada um preso às tempestades que carrega por dentro.

E quando penso que o deserto é apenas vazio,
Ele me surpreende com pequenas histórias:
O traço de uma serpente,
A sombra tímida de um arbusto,
A trilha deixada por um escaravelho solitário.
Ao fim de cada dia, não são os quilômetros andados que contam,

Mas o que o deserto escreveu dentro de mim.

Eu caminho... e amanhece.
Parece que ali ninguém tem um destino muito certo!
A distância engana. A sede ensina.
Ao fim da jornada, não importa qual deserto você cruzou.
Você sairá marcado pelo traço que o deserto esculpiu em sua alma.

Assim, volto do deserto, transformada:
Minha alma agora veste o vento,
Minha mente carrega dunas,
Meu coração pulsa em compassos de areia.

O deserto me devorou, mas me devolveu a mim mesma.
Não há pegadas, e nem precisa haver.
Os caminhos não se seguem, eles inventam seus passos.
O deserto não é tão somente um cenário,
Mas uma força que molda o espírito.

Há uma paz inquieta nessa revelação,
Como a própria geografia que nos desassossegou:
Um convite sem palavras para olhar além das miragens
E descobrir que, no fundo, o deserto pode ser você.

Cozinha de Fora

Ao lado da horta, ficava a cozinha rústica e cheirosa da casa de meus avós.
O fogão a lenha aceso, calor de lar.
Para nós, crianças de então,
Não havia maior atrativo para nossas pequenas mãos impacientes
Que atirar buchinhos tão verdes, tão nossos, tão indolentes,
Naquele fogo ardente.

Era lá, na cozinha de fora, o nosso refúgio, antes da hora das refeições,
Para os beliscos das gostosuras.
Nosso lugar preferido, onde crepitavam histórias, ideias e travessuras...

A cozinha não cabia na casa enorme:
Era mais um quintal disposto a criar constelações para nós!
O fogão parecia pequeno para tanto fogo
E como todo bom demagogo,
Vivia ocupado em criar nosso céu!

Ali, era tão simples fabricar magia...
Bastava um arbusto e a chama que ardia.
Os buchinhos viravam estrelas no ar, sobre a lenha
E sob o céu que a trempe do fogão improvisava.

A cozinheira via – e fingia não nos ver – em torno do fogão conspirando...
Seu olhar, mistura de repreensão e afeto,
Cheirava a bolo de chocolate, nosso predileto...
Era a moldura perfeita para nossa liberdade!
Não dizia nada porque sabia que o fogo de lenha aquece mais que panelas.
Aquece a alma.
E nos deixava com nossas brincadeiras,
Pensando que brincar com fogo era aprender a acender universos...

Éramos crianças com as mãos cheias de faíscas,
Inventando um mundo que nunca caberia em caçarolas!

Ríamos despreocupadas e naquele momento, éramos eternidade.
O fogo era cúmplice do nosso espanto e curiosidade,
Transformando lenha em pura felicidade.

E nós éramos alquimistas do efêmero,

A cozinha de fora, nosso laboratório,
Transformando em memória o tempo provisório.

Assim, guardei para sempre esse brilho das fagulhas feiticeiras,
No meio do fogo como centelhas de ouro ligeiras,
Em breves lampejos de cor entre as cinzas.

Eram nossos aqueles fogos de artifício.
Artefatos da infância:
Nunca ninguém fabricou nenhum como um deles!

Agora que as chamas já se apagaram
E que a brasa dorme na penumbra esquecida,
Percebo que aqueles fogos não morreram.
Sempre viveram em cada sonho que fui acendendo no meu caminho!



Ser tão Sertão

Quem pode ser tão sertão
Senão o sertanejo?
Seu coração tem rachaduras como o chão que pisa.
Sua vida insiste nesse torrão,
Como cada raiz que ali se agarra à poeira...
Sertão é vida que persiste em nascer.

Ser tão sertão
De alma seca, de sede imensa.
De encontro com o eco do próprio silêncio...
Não do vazio, mas da espera:
Espera pela chuva, pelo cultivo, pelo futuro.
Talvez o vazio do sertão não seja ausência,
Mas é espaço para a esperança.

Ser tão sem nada – parece que só resta o sertanejo!
Ser retirante do mundo.
Saber da importância do florescer do mandacaru,
Trazendo promessa de chuva.
Sair de seu próprio lar,
Quando o flagelo da seca se torna implacável.
Caminhar olhando para trás,
Carregando na retina o que deixa:
A casa magra de taipa,
Os vazios que o chão rachado plantou...

Ser tão sertão é carregar nos ombros
O sol impiedoso;
O sertão em cheiros de pó e xiquexique –
Esse sábio da natureza que conserva sua alma de água.
Levar a trouxa leve com um pedaço de seu lar
E a saudade tão pesada!
Ser tão sertão é carregar a falta de tudo:
De descanso, de sombra, de água,
De feijão verde, de farinha, de jerimum,
Sem fartura, sem rapadura...
Levar o nada consigo e carregar tudo no peito...
Ter pensamentos mudos e dolorosos.
Deixar crescer uma vontade surda
De ser tão sertão como a pedra imóvel,
Que se fixa naquilo que ficou.

O sertanejo é sertão!
O sertão está dentro dele.
Quando a estiagem dói, ele reza.
Quando a adversidade é lamento, ele escuta.
Seus passos têm raízes.
Ele caminha, mas na verdade não parte.
Porque o sertão o segue.
Gruda-lhe no peito feito lágrima que se esquece de cair.
E quando a chuva vem, ele volta,
Como quem retorna para dentro de si.
Descobre que não é ele que volta ao sertão:
É o sertão que nunca foi embora dele.

Para ele, viver é ser sertão.

Ser tão sertão é ser filho da seca,
É saber que lágrima é o nome da chuva.
Ter palavras economizadas como água
Olhar o destino na sombra curta do chapéu,
Vendo com tristeza o riacho que seca...

Ser tão sertão, tão vazio que transborda!
É querer ser rio e virar poça seca.
É saber que viver é tão perigoso quanto não viver.
É reconhecer que onde há perigo também deve haver coragem.

Tocantins: Um Poema Escrito pelos Rios

Os rios desenham no mapa as linhas vivas do Estado.
Eis Tocantins, corredor natural entre a Amazônia e o Cerrado,
No épico poema da geografia fluviométrica majestosa...

O Tocantins avança como quem busca.
O Araguaia inclina-se como quem encontra.
Juntos riscam na terra o perfil do bico de um tucano.

Dessa confluência escorrem versos líquidos
Sulcando o solo com lápis de água,
Rabiscando margens e inventando caminhos sinuosos,
Como criança que aprende a escrever.

Tocantins é voz do filho da terra
Nome de tribo
De rio e de Estado.
Poesia pronta.

Estrofe de ouro a céu aberto, no seu capim dourado...
Onde o sol encontra no Jalapão sua cama trançada,
E se deita para um cochilo.

É ode ao voo das araras-canindés
Que desenham o horizonte,
Com fios de sol e penas azuis.

Tocantins, poeta de águas doces,
Que vê no pequi uma estrela caída no chão.
Dali tirou o brilho para suas rimas
E a inspiração para seus percursos.

Escritor de um vasto poema, redigido lentamente,
Sem ponto final,
Pois sua caligrafia acontece em água corrente...

Promessa de Juventude

O néctar que cintila na taça de Hebe,
Promessa de juventude,
É destilado pelo infinito.
Líquido da glória cósmica,
É de onde brotam as raízes do espírito humano.

Beber desse fulgor misterioso,
Que, entretanto, oculta no âmago o sabor cruel do efêmero,
Traz em cada gole o júbilo do espírito.
Mas... que doce engano!
Logo depois de tomá-lo, sente-se, nas fibras do ser,
O peso da eternidade que não se pode alcançar.
Juventude?! Eis uma ilusão sublime...

O que há nesse elixir que desafia o tempo?
Contar os anos sem vivê-los
Transforma a juventude em grande fardo,
Já que todo o resto do mundo envelhece...

Ser jovem para sempre?
Seria inútil, como um relógio sem ponteiros!
O tempo não me toca, mas me cerca.
A jovem que fui ainda me olha, mas não me reconhece...
Ela sonhava com o futuro, eu sou apenas o passado que não se foi.
Sem o tempo,
Não há lembrança, não há saudade, não há vida.

O néctar de Hebe é um engano...
Prefiro o vento que me leva e a saudade que me ensina.

A juventude eterna seria um erro de Gramática:
Não envelheceria. Tampouco viveria.
Seria um verbo sem ação,
Uma manhã que nunca se dissolveria no dia.
Prefiro ser folha que cai, pedra que se esfarela,
Rio que se perde no mar...
Pois só quem se desfaz pode ser infinito.
Não quero só infância, nem só juventude, nem só velhice.
Quero o riso do menino, o sonho do jovem, a calma do velho.

A vida não cabe num cálice,
Nem numa promessa dourada.
Ela escorre pelos dias, mistura-se nas horas...
E se envelheço, é porque vivi.
E se vivo, é porque sou feita de tempo, não de promessas.
Se o tempo corre, eu corro junto.

Juventude não mora no espelho,
Nem na pele que resiste,
Mas na coragem de seguir, de amar,
Sem medo do caminho.

Beberei o néctar das promessas,
Não para deter as rugas, não para prender as horas,
Mas para incendiar o espírito,
Para que a juventude seja verbo, fogo,
E não apenas lembrança.

O Menino Que Colecionava Tampinhas

No começo era só uma.
Uma tampinha solitária no meio-fio,
Como quem espera ser reciclada pela sorte.
O menino a pegou sem razão nenhuma.

Depois vieram outras.
Umas vermelhas, que pareciam um fim de tarde,
Verdes, que escondiam cheiro de mato,
Prateadas, que refletiam a luz da lua.
Uma azul, que já foi oceano.
Outra dourada, que já foi sol engarrafado.

Depois vieram outras mais, e ele foi pegando...
Pegava sem saber que guardava— guardava sem saber que colecionava.
No começo foi sem perceber...

Como quem junta as pedras gastas do rio,
As receitas escritas a mão,
O riso das crianças na rua de terra,
O cheiro do café quando a manhã acorda.

Como quem reúne afetos:
As fitas de seda guardadas no baú,
As cartas que nunca tiveram resposta,
O eco das vozes que enchem a infância,
A luz que dança nas vidraças.

No bolso tinha um planeta de tampinhas.
Na prateleira, uma constelação de cores.
Na gaveta, um museu de coisas pequenas.

Quando perguntavam,
“Por que tantas tampinhas?”
Ele respondia, sério:
“Para guardar histórias.”

A Arte de Rendar

A Natureza, mestra rendeira, tece em verde seus arabescos.
Basta olhar suas folhagens rendadas...
A samambaia, vaidosa, veste-se de renda,
Enquanto os fios fluem, fundem-se, fiando formas no ar.

Foi com ela que você, rendeira das linhas,
Aprendeu a rendar?

Com seus dedos de algodão, a rendeira
Faz com o bilro o que o filodendro parece saber desde sempre.

Folhas fingem serem rendas,
Como quem admira a perfeição da renascença.
Rendas fingem serem folhas
Como quem deseja respirar verde.
Dariam tudo para balançar-se no varal do vento como as avencas...

Brincam de ser o que não são.
De repente, porém, coincide de se olharem
E só lhes resta se renderem:
Todas são rendas.

Nenhuma conhece a urgência da vida,
Demoram, distraem-se, esquecem-se de ser práticas,
Pois serem belas lhes basta.
Fiam o instante em véus de promessa.
Rendam sem pressa.

Sabem que rendilhar é deixar vazios para que a beleza respire.
Para que o silêncio tenha forma,
Para que o olhar se detenha no que dança no nada.
Uma pausa planejada:
A renda precisa de espaço, como a luz precisa da sombra.

Nós também somos feitos como rendas:
Brechas, interstícios, intervalos onde a vida ganha fôlego.
Somos moldados por mãos que não vemos,
Guiados por padrões que só se revelam quando olhamos para trás.

Tríade Pantaneira

A majestade do Pantanal no ar, na terra e na água.

Tuiuiú, mancha branca no azul, asas que cortam o tempo,
Cruzando o infinito como quem busca saída,
Quando o próprio céu é um labirinto sem portas...
Anda no ar sem fazer poeira, passa pelas nuvens sem tocá-las.
Onde pousa, o dia muda de cor.
Sente a direção das chuvas antes que toquem o chão.
Quando o rio sobe, canta o tempo das cheias.

Onça-pintada, soberana da terra,
Onde pousa a pata, nasce sombra molhada.
Suas pegadas afundam na memória do rio.
Seu corpo se encaixa na mata,
Como se a selva tivesse sido moldada para ela.
Os galhos se curvam ao seu movimento,
Como quem saúda uma rainha antiga.

Jacaré, sombra líquida, imóvel como pedra que sente.
Sem pressa de rio, porque água não tem relógio.
Quando fecha os olhos, o Pantanal sonha.
Quando desliza, o rio se curva só pra vê-lo passar.
E na terra, tropeça no próprio corpo:
Anda como quem nasceu para flutuar.

O jacaré escuta o rio em sua voz mais baixa.
A corrente conta segredos que só ele entende.
Se a água muda, ele sente primeiro.
Se as margens encolhem, ele se afunda.
Se o fogo avança, ele não corre—ele espera.

Espera o Pantanal escorrer, recuar, subir em lama.
Desenhar-se em rastro molhado.
Apagar-se onde o fogo arde.

Pantanal é majestade que não se inclina,
Reino que não pede súditos.
Existia antes dos homens,
E existirá depois da pressa humana.

Ele e sua triarquia
Transcendem qualquer imposição dos seres humanos.
Reúnem três poderes:
O voo que espia;
As patas que pisam;
Os olhos que vigiam o destino do verde e do barro.
O tuiuiú governa o céu com suas asas abertas;
A onça-pintada reina sobre a terra com seu silêncio soberano;
O jacaré guarda as águas com sua paciência ancestral.
Aqui, o poder não é conquista — é natureza.
O triunvirato segue seu mandato, enquanto os rios correm.
E no Pantanal, ninguém abdica.

Egoísmo e Desapego

Um armário cheio demais, onde tudo se guarda — mas nada se encontra!
Lotado, sufocado pelas coisas:
Camisas que nunca abraçam, sapatos que nunca caminham...
Uma gaveta emperrada, repleta de parafusos e pregos gastos,
Que nunca saem para consertar o mundo.

Tudo acumulado—um retrato do egoísmo,
Que, na ânsia de possuir, esquece o outro.
Que só olha para dentro, que recolhe moedas para o fundo dos bolsos,
Onde se perdem e jamais alcançam um chapéu pedinte.

Desapego é rio que não guarda a água de ontem,
É porta aberta, é riso que não cobra troco.
É casaco que encontra outro ombro para aquecer.
É como uma pipa no céu,
Que não lamenta o fio partido,
Pois o vento a levará!

Enquanto o que se recolhe morre consigo,
O que se divide, vive em muitos.
O pão não se multiplica nas mãos fechadas,
Mas nas que se estendem.

Por isso, cuido do desapego como quem varre o quintal,
Não para abrir espaço, mas porque a vida pede ordem.
Cuido como quem arruma a cama ao amanhecer,
Ou assa o pão que alimenta a alma.
Contudo, olho com reserva para o egoísmo,
Pois sei que nele as pessoas se distanciam...

Enganos

Enganei-me com o tempo.
Pensei que ele curava tudo,
Mas descobri que apenas nos ensina
A carregar as dores com ombros mais fortes.

Enganei-me com o azul do céu.
Era apenas um véu diáfano de oceano suspenso,
Roubado pela altitude.

Enganei-me com seu rosto.
Não era seu sorriso,
Era o contorno da lua,
Uma maré de luz oscilante, refletida na solidão.

Enganei-me com os caminhos.
Calculei que o atalho me levaria mais rápido,
No entanto, foi o trajeto mais longo
Que me ensinou a chegar.

Enganei-me com as cores.
Julguei o cinza como tristeza,
Ele, porém, pintava calmarias,
Entre os excessos de alegria e dor.

Enganei-me com o voo da libélula.
Achei que era nave espacial.
E era só poesia tentando fugir.

Enganei-me com o silêncio da pedra.
Acreditei que ela nada dizia,
Todavia, aprendi que suas rugas
Falam da idade do mundo.

Enganei-me com as pessoas.
Supus que todas falavam a mesma língua,
Contudo, algumas só se comunicam com silêncios.

Enganei-me ao não perdoar minhas fraquezas.
Carreguei pesos desnecessários,
Como quem junta pirita achando que são tesouros.

Enganei-me com o amor.
Conclui que era eterno,
Mas ele só precisava do instante para ser infinito.

Enganei-me com os livros.
Busquei respostas,
Encontrei algo maior: perguntas.

Enganei-me com o silêncio.
Convenci-me que era ausência,
E descobri que pode ser plenitude.

Enganei-me com as palavras.
Pretendia que elas explicassem tudo,
Entretanto, elas também se perdem,
Nos seus múltiplos significados.

Enganei-me com as lembranças.
Julguei que fossem fiéis,
Só que elas tecem histórias
Com fios distorcidos pela saudade.

Por fim, enganei-me comigo mesma.
Imaginei que já sabia quem era,
Acontece que todo dia descubro
Que sou um alguém novo.

Bibelôs

Há um mundo gentil onde vivem os bibelôs.
Um lugar de delicadeza, feito de porcelana e cristal.



Na prateleira antiga repousam histórias,
Contadas em flores miúdas, pétalas de louça e pássaros que nunca alçaram voo.
Casais de camponeses eternizam gestos,
Pequenos mundos de porcelana, onde o amor não conhece despedidas,
Pois aprendeu a existir apenas no tempo do encontro.

Os cisnes flutuam em lagos imaginários,
A bailarina de vidro nunca dançou:
Permanece suspensa em um passo etéreo.
As casinhas são abrigo para silêncios e lembranças,
Para pedacinhos de um ontem que não escapa pelas janelas.
O vendedor de flores carrega primaveras nos olhos,
Suas flores não murcham...
Os gatos de porcelana espreguiçam-se sem precisar acordar.
O cavalinho de resina não galopa
Mas a qualquer momento pode pegar uma estrada...

A estrela de cristal não brilha no céu, mas cintila na estante,
Pois sabe que o infinito também cabe no pequeno.
A fada de porcelana tem um feitiço mudo,
Composto de pó mágico e segredos de infância.
A ovelha sem pastor passeia pelos dias perdidos,
Não segue ninguém, não tem destino – é feita de ternura.
O duende de faiança não faz travessuras,
Mas conhece os segredos da floresta,
Onde raízes cochicham histórias e musgos crescem sem pressa.

O sapinho de porcelana pula sem sair do lugar,
Prisioneiro do instante.
A borboleta de cristal não bate as asas,
Mas voa, quando ninguém está olhando.
As abelhas não visitam flores de vidro,
Mas mantêm na memória o doce do mel.
Os soldadinhos de chumbo não marcham,
Mas têm a bravura de quem nunca se rendeu.
A corujinha vigia a noite,
Sabendo que a sabedoria mora no silêncio.

O peixe de escamas brilhantes não nada,
Mas reluz como se dançasse no fundo do mar.
A xícara, que nunca sentiu o calor do café,
Exala o aroma de manhãs esquecidas.
O livro minúsculo, de páginas nunca viradas,
Coleciona histórias que ninguém leu.
A pena de cristal, sem tinta ou papel,
Tem o peso das palavras que nunca foram ditas.
O farol delicado, sem oceano por perto,
Brilha para os navegantes de lembranças perdidas.
A gaiola vazia, sem pássaros presos,
Sabe que a liberdade mora nos espaços abertos.
O pequeno Cristo de cerâmica, moldado com devoção,
Abre seus braços sobre o tempo e a esperança.

São pequenos mundos, que brilham quietos,
No vidro do tempo,
Feito lembrança.
Os bibelôs não ocupam espaço – ocupam um instante.
São memórias que não sabem partir,
Fragilidades encantadas que resistem.

Os bibelôs são palavras de vidro.

Eles entendem de ficar.
E ficar é coisa rara num mundo que se apressa para ir embora.

Miniaturas que conhecem a beleza secreta,
De um universo que cabe dentro de um simples objeto,
Repousam frágeis em seu exílio de cristal,
Resina, porcelana, vidro, cerâmica, metal...
Sabem que a eternidade não se mede,
Que o tempo mora nas prateleiras esquecidas.

Mercado de Vaidades

As pessoas erguem torres, ajuntam tesouros,
Trabalham, fustigam-se, acumulam, fazem fortuna.
Trocam suor por prata,
Oferecem tempo por ouro,
Correm atrás do sucesso.

Vestem-se de sedas, louros, pedras preciosas.
Exibem a face ao espelho,
Admiram o desenho efêmero esculpido pela juventude.
Compram glória e vendem a alma,
Negociam sonhos como mercadoria.
Enriquecem de aparências!

Ao redor, outros tentam comprar fama.
Gastam suas lutas por aplausos,
Vendendo a vida por um título,
Que, ao cabo, é só apenas papel!

E quando o sol morre no ocaso,
O que restará dos seus esforços?
Somente a sombra da vaidade.
Pois, ao fim, sua riqueza não pode comprar sequer
Uma hora a mais sob o sol que se põe!

Os palácios ruem, os cifrões apagam-se.
No balanço final, o único saldo
É o vazio da vaidade.
A busca por riqueza e *status* é enganadora...
A vaidade consome e ilude.

Ah, vaidade! Que promessa falsa fizeste aos desavisados?
Tu habitas no brilho das coisas inúteis,
Na prata que nada acrescenta,
Na palavra que não aquece.

Eu também fui ao mercado das vaidades,
Mas não comprei ouro, nem títulos.
Não quis o esplendor das vitrines,
Nem os nomes que o tempo apaga.
Não quis aplausos: quis o riso dos amigos.

Comprei farinha, comprei lenha,
Comprei o cheiro do café moído
E o calor do pão saindo do forno.

Vi que se vendiam grandezas,
Mas preferi outros produtos que não estavam à venda:
A sombra da mangueira da praça,
O conselho das mãos enrugadas,
O silêncio que ensina sem palavras.
Porque, no final das contas,
Quando tudo se esgota,
Quando os palácios viram ruínas,
O que sobra não é o que reluz,
Mas o que alimenta.

A riqueza verdadeira está no que nutre a alma,
No que permanece além das ilusões.
A vaidade apenas vende promessas,
Mas eu só quero o instante que invade meu ser,
O prazer que não pede troféus.
E quando a noite chega,
Não conto medalhas, conto histórias.

Horizontes do Otimismo

Não há muro que sufoque o horizonte,
Nem sombra que cale a luz.
O amanhecer floresce em nós,
Mesmo quando a noite insiste querendo não acabar.

Somos raízes que rompem o concreto,
Risos que desafiam tempestades,
Olhos que enxergam adiante,
Mesmo quando o mundo diz não.

O otimismo não deve ser ingênuo—
É a coragem de acreditar
Na semente adormecida
Que cedo ou tarde será flor.

Otimismo não deve ser cegueira—
É desafio, é a escolha de ver luz,
Mesmo quando a noite se alonga.
É saber que sempre há espaço
Para um novo começo.

O otimismo pode ser refúgio—
É vela aberta, é passo largo
Que se lança contra a incerteza do mundo.
Não é feito de certezas,
Mas de despropósitos felizes—
Como um pássaro que queira inventar
Um novo jeito de voar.

Se há pedra no caminho,
Que seja para construir um novo chão.
Se há silêncio,
Que seja para ouvir o barulho das formigas.
Se há espera,
Que seja para aprender a paciência das nuvens calmas.
Se há tristeza,
Que seja para ensinar o valor da alegria.
Se há noite,
Que seja para preparar o amanhecer.

Se o lápis quebra,
Que fique a ponta para desenhar um sol menor.
Porque a vida não precisa ser compreendida,
Só precisa ser vista com olhos que sabem brincar,
Com vozes que querem cantar—
Pois quem canta não tem tempo para chorar.

Janeiro? Que Seja!

Toda onda é antiga, mas sempre nova ao chegar.

Jano, deus bifronte, ergue-se entre as colunas do tempo,
Olhando para trás e para diante simultaneamente...
Como quem hesita entre o que foi e o que será.

Deus dos começos,
Velai por aqueles que ousam cruzar-te,
Pois sem o passado, o futuro é cego.

As horas tingem-se de cinza e ouro,
E a aurora vacila antes de nascer.
Há algo novo naquilo que sempre retorna?
O tempo não recomeça, apenas continua,
Como mãos que semeiam a terra.

Janeiro não abre portas,
Porque o mundo não tem portas.
Janeiro chega de mansinho,
Arruma a casa, abre janelas...
O passado repousa na mesa posta,
O futuro dorme em lençóis lavados.
O ano desenrola-se na simplicidade—
No gesto que cuida, na porta que acolhe.

Janeiro não é um princípio,
É só mais um dia,
Um convite para seguir com ternura,
Como quem conhece a estrada.

A manhã ergueu-se distraída,
E só então percebi: já era outro ano.
Fiz como Jano faria—espreitei pelas frestas do ontem.
Não vi nada muito diferente,
Além de uma folha mastigada pelo vento.
Desse umbral desbotado,
Observei, de relance,
Um arquejo de pretérito e alvorada.

Senti uma brisa que vinha do mar.
Não me importei em saber se era o primeiro dia do ano...
Janeiro? Que seja!
Desde que haja palavras que caibam dentro do silêncio,
E o tempo siga como quem não tem pressa.

O Segredo das Joaninhas

Alegria é riso que escapa sem aviso.
Abraço inesperado e sincero,
Delicadeza da chuva na pele.
Aparece em uma lembrança, em uma canção.
Alegria é a alma sem medo.

Esconde-se nas brechas do cotidiano.
Floresce nos detalhes, nos gestos comuns.
Manifesta-se no cachorro que balança o rabo ao ver seu dono chegar.
É o vento bagunçando os cabelos,
Os pés descalços na grama úmida.

A alegria e felicidade caminham juntas,
Mas não são a mesma coisa.
A alegria é instante efêmero e espontâneo,
Faísca que ilumina o dia.
A felicidade, por outro lado,
É um estado profundo e duradouro.
Construído ao longo do tempo.
Se a alegria é chama,
A felicidade é o calor que nos aquece.
São como gotas de chuva refrescantes
E o oceano calmo e azul—
Ambos feitos de água, mas com naturezas distintas.
Alegria é reflexo na lâmina d'água,
Felicidade é o mar profundo.

Uma é canto, outra é semente,
Uma brilha, outra germina.

Alegria é prego torto que ainda sustenta o quadro,
Cheiro da terra depois da chuva,
Gaveta cheia de retalhos coloridos,
Laranjeira carregada de frutos doces,
Vestido feito a mão, com rendas e paciência.
Prazer de descobrir que a pressa era desnecessária.
Sol nascendo novamente, indiferente às preocupações humanas.
Momento em que se percebe que não é preciso entender tudo.

Felicidade é bicho solto que teme a gaiola.
Abraço apertado depois de muito tempo.
Conversa que atravessa gerações e mantém viva a memória.
Lembrança de um dia vivido sem arrependimentos.
Concha que cabe inteira na mão e ainda guarda o mar dentro dela.
Silêncio confortável entre quem se entende sem palavras.
Sombra fresca de uma árvore mais antiga que nossos sonhos.
Casa que nos espera ao fim da jornada.

E, no fim das contas, ambas são joaninhas nas flores,
Mudas, plácidas, vendo o tempo passar,
Espalhando-se mansas, feito chuva boa...

O Azul Que Veio do Mar

Azulejos!
Legado celeste, moldado em terracota,
Arabescos desenhados nos muros dos palácios.
Pelos mares portugueses,
Suas cores cerúleas
Chegaram ao Brasil.

Herança mourisca, alma lusitana,
Transfigurada em arte brasileira.
Soprados pelo deserto,
Banhados por estrelas árabes,
Adormeceram no ventre das naus,
Até que a luz tropical os despertasse –
E o azul de seus ladrilhos ficasse ainda mais azul!

Tesselas de luz,
Pele da arquitetura,
O azul é verbo: é azulejar.

Azulejos – histórias coladas nas paredes,
Beleza aprendida no traço colonial.
Fachadas de casarões, santuários de fé, esquinas sinuosas...
Salvador, Rio de Janeiro, Recife,
São Paulo, São Luís do Maranhão.

Nos moldes mais modernos,
Brasília reflete seus contornos na Igrejinha de Fátima, no Congresso,
Onde Athos Bulcão fez deles memorial.
Na Pampulha em Belo Horizonte, o azulejo é
Cândido como a arte de Portinari.

As cidades tornam-se galeria –
Cada fachada, uma tela pública.
Azulejo é crônica de parede,
Arquivo urbano,
Memória coletiva.

Sim, o azulejo veio de longe...
Mas aprendeu a falar português—

Na alma, na paisagem,
Na identidade moldada sob o calor do Brasil.
Tornou-se parte da pele das cidades,
Do imaginário popular, da arquitetura tropical.
Trouxe consigo fardos de história, desenhos mouriscos, simetrias europeias.

Nas fachadas coloniais, ganhou novos nomes.
Não era mais apenas pedra e esmalte –
Tornou-se santo que vela os largos,
Moldura de engenhos e procissões,
Mural de um Brasil que cresce.

Hoje, o azulejo já não é estrangeiro.
Respira com a cidade,
Segue os passos de quem passa,
Permanece onde tudo muda.

Borboleteio

Asas são pincéis que pintam o ar.

Borboletas apenas esvoaçam bonito pelo ar.
Voam diferente...
Não batem as asas como os pássaros.
Sabem voar melhor que os ventos,
Mas fingem que não. É só para despistar.

Pulam nas brisas, rodopiam sem pressa,
Desfazem a tarde só para brincar com ela.

Nunca ficam quietas.
Escapam do dia como tinta fresca desmanchando o azul do céu.
Duas asas fazem um verso, quatro versos fazem um voo.

Umas se escondem em folhas secas,
Fazem poesia de desaparecer.
Camuflagem é arte:
Ninguém as vê e, no entanto, ali estão.

Outras preferem o mistério, asas transparentes...
Asas de vidro, fantasmas do dia!
Passam como um pensamento que se esqueceu de ser lembrado.

As impressionistas pincelam o ar,
Rápidas, soltas em laranja e azul,
Voam como quem pinta um instante.

As barrocas, exageradas,
Bordadas em ouro,
Perfeitas para um vitral.

Há as clássicas, simétricas,
Criadas por mãos perfeitas,
Mas que esqueceram de prendê-las ao chão.

As cubistas, desconstruídas,
Voam em pedaços,
Asas que desafiam a lógica,
Fragmentos que reinventam o horizonte.

As monarcas, rainhas errantes,
Cruzam céus distantes,
Laranja vivo, asas abertas...

As Oitenta-e-oito desenham traços finos,
Ziguezagueiam sem destinos,
Pintadas a mão...

As morfo-azuis brilham luz etérea.
Desaparecem num lampejo,
Como sonho azul que acorda ao amanhecer.
Leves, livres, sem receios,
Sem destino, só devaneios.

Borboletas não são só borboletas.
São feitiço de vento,
Desenho passageiro, obra de arte sem moldura.
São resquícios do sonho de Ícaro,
Frações de asas que nunca se prenderam,
Pinturas vivas espalhadas no horizonte.

Borboleteiam,
Como quem ri,
Como quem sabe que é difícil capturá-las.
Jogam o dia para cima,
Como confetes num carnaval de asas.
E então, como truque de ilusionista, somem todas ao mesmo tempo.
Porque borboletas não fazem despedidas.
Preferem truques. Gostam de improvisar.

Quando vão embora,
Ainda assim ficam no ar,
Feito saudade que tem cor.

Misericórdia: O Rosto de Deus

A misericórdia é Deus ajoelhado ao lado dos homens
E a luz que se inclina sobre a sombra é o rosto de Deus.

Misericórdia, altar dos exaustos,
Incenso que ascende sobre as ruínas do mundo.
Fonte que verte do coração divino,
Rega a terra seca, renova o pó dos caminhos.

É Deus inclinando-se para os que sofrem,
Erguendo os frágeis,
Restaurando os feridos.
É pão repartido,
Vinho derramado sem medida,
Sacramento vivido antes do altar.

Misericórdia é Deus comigo,
Abraço amigo,
Lágrima transformada em esperança.

Sopro divino,
Vínculo entre Criador e criatura,
Bálsamo que cura a alma ferida.

Misericórdia, pote de mel,
Guardado na prateleira da alma,
Escorrendo mansamente,
Acalmando a dor que invade sem aviso.

É Deus varrendo a tristeza com vassouras de nuvens,
Deixando o amor à porta entreaberta.

Mão estendida antes da queda,
Colo depois do pranto.

Misericórdia é rosto de Deus,
Luz que acolhe sem condenar,
Silêncio que escuta,
Olhar que sabe amar.

É pão dos famintos,
Entrega, oblação.
Milagre da multiplicação.

Vento que dispersa a poeira e refaz o caminho,
Rastro de esperança nos pés descalços,
É Deus caminhando entre as criaturas,
Chorando com os que choram,
Sorrindo com os que sorriem,
Ajoelhando-se ao lado dos que caem.

Vestígio divino,
Presença que chega sem ser chamada,
Mãos repousadas sobre o ombro arrependido.
É recomeço para os caídos.
É Deus semeando o eterno no que passa.

Sobretudo

Um dia, pensei que sobretudo fosse só o casaco do vovô,
Aquele que, ao vestir, me tornava maior do que eu era.
Um velho capotão pendurado no tempo,
Carregando o cheiro das tardes frias,
Cobrindo os ombros da memória— refúgio contra o esquecimento.
Nos bolsos, cheios de segredos, estavam guardados
Moedinhas para as balas das crianças e um lenço que chorara despedidas.

Mas então tropecei em um advérbio,
Que se insinuava
E descobri que, sobretudo, as palavras escondem segredos.
O tempo passa, escorre lento, mas, sobretudo, ele fica.
O tecido já gasto, os bolsos fundos,
Onde talvez ainda morem as migalhas de um dia qualquer.

Segui mais adiante e encontrei uma preposição inquieta,
Que se uniu ao pronome indefinido, querendo falar sobre tudo.

Foi então que percebi que a gramática, tão exata e tão imprecisa,
Não veste apenas significados…
Ela nos cobre com poesia.

O Imponderável

Antes do tempo, no eco do verbo,
O silêncio era a morada do mistério.
Nada pesava, nada tinha nome,
Apenas o sopro movendo a luz.

O imponderável erguia montanhas,
Abria mares sem rastros visíveis,
Oscilando entre sombra e fogo,
Traçando caminhos que não se viam.

Então, veio a dúvida.
O olhar inquieto do homem.
A busca pelo sentido da vida.
A ânsia de tocar o inatingível.

Seria o imponderável a mão oculta,
O fio que une o presente ao eterno,
Ou apenas o reflexo da fé?
Pois no instante em que tudo se aquieta,
No limiar entre o ser e o vir a ser,
Os destinos se esboçam na poeira cósmica.

E assim seguimos…
Tateando respostas na névoa,
Desfiando o mistério em preces,
Tocando o invisível com mãos vazias.

O imponderável não responde,
Não consola, não acena.
Não há função que o delimite,
Nem algoritmo que o prenda.
Procuro um número que o revele,
Mas ele se dissolve em infinitos.

Abandono a equação!
Aceito o vazio como resposta,
Talvez seja um mistério que não precise ser resolvido.

Verbos Defectivos

São fósseis linguísticos,
Fragmentos de um tempo que dissolveu formas,
Apagou conjugações.
A língua os preserva, como quem guarda ruínas,
Vestígios de um sistema que se ajusta ao que soa melhor.

Há quem os evita.
Dizem que são limitados.
Fecham o livro de Gramática e anotam no caderno:
IRREGULARES!
Trovejar faz barulho, mas não conjuga.
Demolir quer ser verbo completo, mas tropeça na primeira pessoa.

Na verdade, acho que são rebeldes,
Não por falta, mas por insubordinação.
E se o que vemos como lacuna for uma recusa deliberada?
Um manifesto contra a rigidez da conjugação?
Recusar-se a flexionar— isso não é defeito, é insurreição.

Em algumas línguas, a conjugação é simplificada:
Os verbos vestem a mesma pele para todos que os chamam.
Mas os defectivos preferem o mistério.
Passeiam pelos corredores da gramática,
Não por esquecimento, mas por ousadia.
Escolhem suas flexões como um ginasta escolhe seus exercícios.

Desafiam o tempo,
Riem do subjuntivo, ignoram o Imperativo.
Recusam o chamado da primeira pessoa do Indicativo.
Seriam revolucionários, existindo apenas onde querem?!

Não se impõem, não forçam passagem.
Quando não podem ser voz,
Oferecem um sinônimo, um verbo de melhor eufonia.
Colorir recua e deixa que pintar leve as cores adiante!

São defectivos, sim—por essência.
Porque na língua, como na vida,
Nem sempre é preciso estar em todos os lugares
Para existir plenamente.

Perdas e Danos, mas também Ganhos

Perdi um punhado de horas
Vendo o orvalho ensaiar seu efeito com a luz.
Perdi o rastro de um velho caminho
E a brisa que um dia guiou meus passos.

Perdi um encontro
Porque meus olhos vagaram na dispersão dourada do pólen.
Perdi aquele cometa que riscou o céu,
Enquanto eu, distraída, olhava para o chão.

Perdi palavras que nunca foram ditas
E rostos que um dia foram próximos.
Perdi um abraço por chegar tarde demais
E um amigo, porque me esqueci do perdão.

Mas ganhei também.
Ganhei o peso das escolhas feitas e não feitas,
O entendimento de que certos caminhos não foram criados para serem percorridos.
Ganhei a consciência do que não permanece,
E a leveza de quem aprende a soltar.
Ganhei o gesto que me faltava:
A aceitação de que perder é outra forma de compreender.

O que se perde, às vezes, retorna,
Como a aurora que insiste em renascer,
Mas há perdas que ficam suspensas,
Como astros apagados à luz do dia.

Os danos vieram com as perdas, como esperado:
O que se foi deixou marcas, cicatrizes, silêncio.
Mas também vieram os ganhos:
Pois manter o que se tem exige um esforço silencioso.

Ganhei um sonho e precisei sustentá-lo.
Aprendi que os ganhos, por vezes, nos roubam o descanso.
Mas são, acima de tudo,
Luzes inesperadas,
Como faróis que só percebemos quando a noite cai.

Os danos são labirintos!
São as ruas nunca atravessadas,
Os medos jamais enfrentados,
Os sonhos abandonados,
Os pedidos de desculpa adiados.
As memórias que insistem em ficar.
Os danos vivem nas lembranças,
Feridas que o tempo não soube curar.
Perder ou ganhar é apenas um jeito oblíquo de lembrar.

Profetas e Sibilas

Sob a abóboda da Capela Sistina,
Sentam-se, à beira do tempo,
Unidos na espera –
Profetas bíblicos e Sibilas
De Delfos ao Épiro.

A revelação não conhece fronteiras,
O divino não se enclausura.
Não há muros para a profecia,
Nem aurora ou ocaso na paisagem metafísica.

Sibilas e Profetas, no entanto,
Profetizam para um mundo surdo.
Esperam – mas o que esperam?
Talvez o que todos esperam...

Olhei para cima e senti Deus.
Permaneci ali, imóvel,
Pensando com a minha fé:
Se Deus não estivesse neste teto,
A pintura seria apenas pintura,
As vozes dos Profetas e das Sibilas, apenas ecos vazios.

Mas Deus está neste teto e em todos os lugares –
Antes das tintas e da arte de Michelangelo,
Antes da Luz.

Délfica prevê o amanhã,
Mas sem Deus, que amanhecer haveria?
Isaías proclama a redenção do povo,
Mas sem Deus, o que seria a salvação?

Eritreia anuncia o Messias,
Daniel vislumbra o Apocalipse,
Cumeia aguarda por séculos,
Jeremias chora Jerusalém,
Pérsica interroga os oráculos,
Ezequiel enuncia a Glória,
Líbica percorre os livros sibilinos,
Joel reconhece o sopro do Espírito.

Mas sem Ele, que sentido haveria?

Deus, silencioso e eterno,
Não precisa do teto,
Nem das tintas,
Nem das vozes de seus emissários.
Ele sustenta tudo.
Ele é a primeira sílaba,
A substância antes da forma,
A aurora antes do dia,
A certeza antes da dúvida.

Sem Ele, o teto desmoronaria,
O verbo se calaria,
E a vida perderia sentido.

Olho novamente para os céus da Capela Sistina:
A pintura respira o Infinito.
E finalmente, compreendo –
A revelação é universal.

Ela chega como um sopro,
Ligando pagãos e cristãos,
Velhos e moços,
Todos à espera do Verbo,
Que paira sobre a abóboda,
Luz velada e pura.

Meu Deus,
Que diferente seria o mundo
Se O ouvíssemos...
Se entendêssemos as profecias!

Quem passa de olhos distraídos,
Talvez não escute...
Talvez não veja...

Cricrió, Furriel e a Sapucaia Rosa

Nem a seiva que mergulha, nem o canto que ascende aceitam a partilha do mundo;
A floresta é uma teimosia de inteireza.

Antes dos homens, a floresta era uma só.
Antes que os rios se erguessem como fronteiras,
Amazônia e Mata Atlântica eram galhos de uma mesma árvore.
Não havia distância entre raízes
Nem entre folhas que respiravam juntas.

Os mapas mentem. Dizem que estão longe,
Mas o cricrió e o furriel – como as sapucaias – não entendem de mapas.
Os primeiros voam entre memórias,
Enquanto elas abrem suas sombrinhas cor-de-rosa nos tons da mata...
Eles seguem voando nos dois mundos,
E elas, sendo sombra para quem voa...

Cricrió canta,
Furriel responde,
Sapucaia entende.
Testemunhas silenciosas de um pacto desfeito,
Vestígios de florestas,
Que teimam em permanecer.

No Espírito Santo, a Reserva Biológica de Sooretama,
"Casa dos animais da mata",
Ainda acolhe os que não esqueceram.
Um dos últimos refúgios da Mata Atlântica,
Onde ainda persistem vestígios da Amazônia.
E o vento, ao atravessar as copas,
Costura as distâncias,
Ligando tempos, vozes e raízes
Em uma floresta que nunca deveria ter deixado de ser inteira.

As Luas de Galileu

Apontando seu telescópio para os céus,
Galileu viu quatro grãos de luz orbitando Júpiter...

Com sua descoberta, desafiou certezas, desmontando dogmas.
E soube então:
A Terra não era o centro,
Mas apenas mais um ponto no giro infinito.

Io: fogo e febre.
Amante de Zeus, condenada ao voo eterno,
Respira em labaredas.
Arde em oferenda aos deuses,
Em ira vulcânica de um mundo inquieto.

Europa: gelo e segredo.
Princesa fenícia levada pelas ondas por um touro divino,
Sob sua pele translúcida,
Um oceano dorme, esperando que o amanhã o desperte.

Ganimedes: rocha e tempo.
Jovem troiano,
Erguido aos céus pelo capricho de Zeus,
Titã entre luas,
Carregando cicatrizes em sua crosta.

Calisto: sombra e silêncio.
Amada e traída, elevada às estrelas,
Face marcada por crateras,
Testemunha muda da fúria cósmica.

No céu de Júpiter, elas giram sem pressa,
Presas em órbita de silêncio,
Em torno de um gigante gasoso,
Ao lado de um séquito de mais de sete dezenas de satélites,
Contando ao Universo
Que o mundo sempre foi maior.

Muito maior do que disseram.

Piperi – A Jangada dos Ventos

A jangada é o sonho de um tronco que,
Ao perder o chão da terra,
Descobriu que o mar também tem caminhos.

Conta-se que o Piperi nasceu do sonho de um tronco que queria voar,
Mas o vento, impetuoso, soprou forte
E o ensinou a navegar.

Tauaçu, a âncora que prende embarcações,
Tentou retê-lo no ventre salgado,
Mas ele não nasceu para ficar...
Preferiu o azul sem margens!

Jacumã, o remo que liberta,
Riscou caminhos na espinha das ondas
E enfunou a língua branca – vela triangular que bebe o vento.

Pôs-se à maré, tendo o mastro firme no tablado da jangada,
Seguiu o rastro dourado do sol sobre o espelho d'água,
Levando fome, trazendo sustento.

Como dizem os jangadeiros:
Enquanto há vento, água na vela!
Pois o tecido sedento se incha de brisa,
E o barco, guiado pelo sopro do mundo,
Segue seu destino,
Levando o pescador para o horizonte.
Ele é chão de mar, abrigo errante.

E, quando o sol se dobra ao longe,
Dá-se de vela e regressa do mar...

Quem sabe um dia, volte a ser tronco
E, nas asas do vento, aprenda a voar.

Cateto: O Lado Selvagem da Matemática

Cateto é um sujeito estranho.
Às vezes é lado.
Às vezes é porco.

Na Matemática, vive encostado no ângulo reto,
Quieto, como quem espera o problema passar...

Já na floresta, cateto é outro: é caititu —
Porco-do-mato ligeiro, selvagem,
Farejando raízes e equações perdidas.
Fuça o chão como quem procura o X da questão,
Sem nenhum compromisso com a Geometria.

Sou adjacente! — grita na sala de aula.
Sou selvagem! — grunhe na trilha.
E ninguém sabe se ele corre atrás de hipotenusas ou de frutas caídas.

No caderno, ele é fórmula.
No mato, ele é farra: lama, folha, liberdade.

O professor tenta explicar:
Cateto é lado, não é bicho!
Mas ele já pulou a cerca
E foi resolver a vida com raízes quadradas.

Na prova, desenhou um triângulo com patas.
Na floresta, deixou pegadas em forma de ângulo reto.

Um dia, tentaram prendê-lo num teorema.
Mas ele escapou pela tangente.
Disse que não era lado, nem bicho:
Era conceito em crise.

Hoje vive solto, entre o mato e o quadro-negro.
Às vezes aparece em provas de vestibular.
Às vezes em trilhas de sertão.
E ninguém sabe se é para calcular ou correr.

Porque cateto é isso:
Meio equação, meio instinto.

Cuco, Refém das Horas

No ventre da madeira antiga,
Que carrega o perfume da Floresta Negra,
Numa casinha entalhada, parecida com um chalé alpino,
A sentinela das horas espreita...

O cuco sai, rapidinho,
Como um fugitivo da eternidade.
O canto atravessa a sala.
Ecoa seu nome, ressoa no tempo:
Cuco! Cuco!

O som se espalha, rasga a penumbra,
Mas já sente o peso da hora seguinte.
Retorna ligeiro, esconde-se,
Como se o tempo pudesse esquecê-lo.

Tem jeito de ser muito tímido.
Vivendo uma dualidade:
Anuncia o tempo, mas também é refém dele.
Surge sempre apressado, tem medo de se atrasar,
Mas é pontual, pois não há fuga para o instante.

Nas mãos do artesão,
Ganhou forma, mas não voo.
Aprendeu o canto,
Mas a floresta lá fora não o escuta!
É tão só um metrônomo do tempo,
Um marcador do esquecimento.

Vem, como quem busca a floresta,
Mas encontra apenas paredes.
A cada hora, reinventa-se,
Mas continua sombra do cuco selvagem...

Lá fora, aquele que tem penas, gravetos e voo,
Desaparece na vastidão do vento.
Mas este repousa atrás da janelinha,
Contando as horas,
Enquanto o cuco da Natureza se perde nelas.

Um pertence ao espaço, o outro, ao tempo.
Um é livre, o outro cativo.
Um é pássaro, o outro, relógio!

E quando o último eco das horas se perde na sala vazia,
Ninguém diz que um cuco morreu—
Dirão apenas que um relógio parou.

Brincadeiras Esquecidas

Brincar é habitar uma casa sem telhado, onde o céu cabe inteiro no olhar...

Nas esquinas do tempo, saltávamos amarelinha sem medo,
Pisando rachaduras que nunca nos quebraram:
A gente só queria ver quem chegava no céu primeiro.
A corda rodava em arcos invisíveis,
Entre risos e tropeços,
Enquanto a bola corria solta, um cometa sobre o asfalto quente.

As pipas, bilhetes ao vento, escreviam no céu notícias coloridas
E cada rabiola era um verso que o azul lia devagar.
Na palma da mão, bolinhas de gude brilhavam como astros,
Cósmicas órbitas rodopiando entre dedos,
Sem saber onde iriam parar.

A peteca subia buscando o céu,
Porque o ar sempre foi folguedo dos que sabem olhar para cima.
E ria porque mais caía e se jogava,
Pois brincar era tanto o voo quanto a queda.

Corríamos sem destino no pega-pega,
Apostando na nossa ousadia.

E então vinham as brincadeiras esquecidas, as mais simples,
As mais divertidas...

O jogo de silêncio – onde vencia quem escutava o segredo do vento.
Construir castelos de folha seca – impermanentes como os sonhos mais bonitos.
Conversar com formigas – aprendendo os caminhos escondidos no chão.
Caçar o eco – descobrir onde a voz se esconde quando foge do grito.
Andar descalço na chuva – fazer poças virarem lagoas onde os pés eram barcos.
Jogar vento contra vento – disputando sopros que escapavam feito risos.
Ouvir as pedras do rio – porque cada pedregulho tem um segredo a contar.

Desenhar mapas no chão de terra – guias para tesouros que nunca existiram.
Fazer a sombra correr mais rápido que a gente – e descobrir que ela sempre ganha.

Catar palavras na poeira – e criar histórias com sílabas que o vento espalhou.
Montar cavalos de galho seco – e galopar pelos campos invisíveis do quintal.
Deitar de barriga para cima e descobrir que o céu cabe inteiro nos olhos –
Porque quem nunca brincou de perder o fôlego olhando o azul
Não sabe o tamanho do infinito.

O mundo dobrava-se para brincar conosco,
Inventando verdades que só existem na infância.

Nada e Tudo: A Filosofia do Zero

O zero não é só ausência,
É, ao mesmo tempo, possibilidade infinita.
Um intervalo entre o tudo e o nada,
A pausa antes do universo.

Se do nada emerge o tudo,
Então o nada não é fim, mas gênese.
Zero é potência adormecida,
Matriz do imaterial, berço de ideias ainda não sonhadas.
É o chão antes da semente,
O espaço virgem onde o infinito se esconde.

Antes de ser algarismo, foi conceito.
Antes de ser cálculo, foi silêncio.

Na Índia, era o vácuo meditativo,
A mente sem fronteiras,
Pensamento sem forma — mas cheio de alternativas,
Até Brahmagupta lhe dar leis e nome.

E então o zero aprendeu a ser somado,
Subtraído, multiplicado,
Mas nunca dividido.
Com resultado indefinido!

É um enigma que permeia a Matemática.
Somado ou subtraído não altera.
Multiplicado, zera tudo.

O zero é paradoxo: nele coexistem o nada, o tudo e a indefinição.
Ele é a filosofia que virou algarismo!

Nascimento de uma Gôndola

Mãos artesãs, calejadas,
Moldam tábuas de cedro e olmo,
Nogueira, cerejeira,
Teixo e tília.

O mestre dobra a prancha, inclina o casco.
Durante doze meses de paciência e arte,
A tinta negra cobre-lhe a pele,
Para que só a Lua a ilumine...

Com os remos polidos gravam-lhe o nome,
Levam-na à margem do lençol de prata.
A água beija-lhe a proa, saúda o casco.
Batizam-na.

A gôndola resplandece.
A Sereníssima estende-lhe os canais.
Voga, pois, filha de Veneza!

Nas águas calmas, desliza elegante
A negra dama,
Longa e estreita.

Soltam-se as amarras,
O remo risca o espelho líquido,
Corta a água como um poema,
Sob a Ponte dos Suspiros
Sob a Ponte de Rialto.

A cidade lhe abre caminho.
Veneza, erguida sobre cento e dezoito ilhas,
Unidas por quatrocentas pontes,
Faz de seus canais ruas vivas,
Onde barcos e gôndolas são passos sobre a água.

O gondoleiro, guardião da travessia,
Toma lugar junto à popa
E sai cantando baixinho
Canções folclóricas...

Pelas águas que carregam histórias,
A gôndola avança,
Levando consigo o eco das águas,
Deslizando como sombra e encanto,
Acompanhada pelo canto
Das pessoas e da cidade.

Venezianas e Persianas

Das frestas que filtram o sol,
Riscando reflexos,
Tecendo sombras sobre o solo,
Das lâminas que lutam contra o vento,
Cortando correntes invisíveis,
Duas janelas abrem e fecham suas folhas,
Duas formas de fitar o mundo.

A veneziana — menina de Veneza,
Vaga entre varandas e velhas fachadas.
A persiana — menina da Pérsia,
Forjada no calor dos desertos, persegue penumbras.

Brincam de mistério.
Uma deixa a luz espiar, revelando segredos.
Outra ensina a sombra a se esconder,
Esboço de silhuetas na parede vazia.

Importa a diferença entre as duas?
Afinal, guardam tanta semelhança!
Importa o nome da fresta?
Toda janela é uma promessa.
Uma espera do lado de lá,
Atravessada por olhares curiosos.
Do lado de dentro, sonham histórias.
Do lado de fora, aguardam mundos.

Parafusos e Roscas

Há dias em que o mundo aperta demais.
Os parafusos rangem, as roscas se gastam,
E a gente se prende onde não quer ficar.

Até que chega a chave de fenda.
Sabendo que soltar, às vezes,
É tão essencial quanto fixar.

A vida não é feita de encaixes perfeitos,
Muitas peças se perdem.
Muitos de nós giramos em falso.
Perdemos o apoio.
Ficamos meio soltos por aí.

Há parafusos errantes na engrenagem da vida,
Rodando sem descanso,
Como soldados sem pátria,
Como sombras que nunca encontram abrigo.

O segredo?
Nem tão frouxo que caia, nem tão preso que se espane.
Apenas o aperto certo, para seguir funcionando.

Mas há também os parafusos solitários,
Esquecidos no fundo de uma gaveta,
Sem par, sem propósito.
E, ainda assim, carregam a promessa da união.

Até aquele que caiu fora por descuido
Pode virar semente de ferrugem no chão.
E, se a chuva vier, talvez brote um mundo novo,
Onde tudo se junta por ternura, por acaso, por esperança.

E as roscas?
Elas guardam os mistérios das espirais,
O ciclo das dúvidas, o rastro dos que partiram.
Rodam sem saber a direção,
Até que, um dia, isso já não mais importará,
Porque girar sempre foi a única opção.

Humaitá: A Sentinela Que Tombou

Na curva do Paraguai, erguia-se altiva a fortaleza,
Braços de pedra, voz de canhão.
Forjada entre o grito e a pólvora,
Foi esperança e condenação.

Ali ruíram seres humanos e naus,
E por meses o cerco rugiu,
Transformando tudo em cinza e caos.

As águas feridas sangraram,
Sob o peso dos bombardeios,
E as muralhas, enfim, tombaram.
Não há fortaleza que resista à correnteza da História.

O rio, que a abraçava, a traiu,
Quando os navios romperam o jugo,
Os soldados caíram sob o fogo impiedoso.

E hoje repousa em ruínas,
Cinzas sobre um campo esquecido.
Ao longe, o eco dos que lutaram e não se renderam
Ainda vibra no vento.

Humaitá, muralha destinada a ser inquebrantável,
Desfez-se em cinzas e estilhaços.
Sua queda representou não só a perda de um bastião estratégico,
Mas o presságio da derrota paraguaia,
E o avanço irreversível dos aliados:
Brasil, Argentina e Uruguai.

Humaitá tombou, como um gigante fatigado,
E Assunção, em seus escombros, leu seu próprio destino.

Lomas Valentinas foi o golpe,
Cerro Corá, o último fôlego.
Solano caiu com sua guerra
E na poeira das suas ambições.

Não há vitória sem sombra, nem luta sem cicatriz.
A paz enfim venceu.
Era o fim de uma guerra, o início da memória.

Nos Passos do Brasil – Ritmos da Terra

O Brasil é um corpo que não conhece o repouso:
Se o vento assobia, é sopro; se a terra vibra, é batuque; se a alma dói, é samba.

Ouça o som—vem da terra,
Do vento, do chão:
É batuque, é sopro, é corda.
Quando a moda de viola caipira rasga o silêncio e puxa a melodia,
As notas contam o que as palavras não sabem dizer.

A música roda, gira, sapateia,
Feito vento que passeia...

Maracatu pesa, arrasta, arrepia,
Na ciranda, o mundo roda em harmonia.
Frevo frenético, Recife brilhando.
Na chula, o pé bate, desafia o chão,
No tambor de Mina, vibra a emoção.

Catira batida, viola e palmas na roda marcada.
Carimbó que rodopia, dança colorida.
Xote e xaxado, passos enlaçados,
No maxixe gingado, samba enfeitiçado.
Na gafieira, no arrasta-pé,
No forró, nos embalos do tambor de crioula,
Na sanfona que ecoa um baião de alegria,
Na dança do coco, areia nos pés...

E passa a Bossa Nova, com seu tom delicado,
O sopro suave, o toque sincopado.
Chorinho flui como rio que borda,
Dedilha saudade, sorriso que acorda.
Cateretê ressoa, marca a pisada,
No canto do campo, raiz entoada.

No toque do tambor, no bater do ganzá,
No lundu que ressoa lá no Pará,
No embalo do pagode,
Pandeiro marcando no Rio de Janeiro,
Alegre e descontraído.
Calango do sertão, verso e pisada,
Axé nas ondas, Salvador em festa.

Lá no Sul, fandango elegante,
Sapateado forte, ritmo vibrante.
Na fronteira, a dança embalada.
Rancheira, violas gemendo.
Chimarrita, tradição que aquece,
Nos pampas é dança que cresce.

Siriri rodado, dança animada,
Pés ligeiros, alegria cantada.
Folclore do Mato Grosso...
Viola de cocho, tamboril!

Lambada serpenteia, quente e ousada,
Movimento que brilha, dança dourada.
Jongo sagrado, em roda entoado,
Herança africana em ritmo marcado.
Samba de roda, raiz que pulsa,
Na palma e no canto, o povo se encontra.
Forró pé de serra, triângulo se manifesta,
Sanfonas e zabumbas na dança modesta.
Toada em Parintins embala as apresentações
Dos bois Garantido e Caprichoso,
Na dança do boi, Amazonas estremece.

No funk pulsante, quebrada em festa,
Batida vibrante, energia manifesta.
E na moda de viola, o canto embala,
Cada ritmo é um pedaço da alma brasileira,
Que vibra, que canta,
Que brilha e encanta...

E chega o samba, ginga e respira.
Surdo marcando, tamborim desenhando,
Cavaquinho rindo, cuíca chorando.
É verso solto, é rima que brinca.

Não há pausa—nem fim, nem começo,
Nos passos do Brasil, a partitura sobe e desce o morro,
Esconde-se no luar que embala o sertão,
Rodopia nos terreiros, vibra nas areias douradas,
Serpenteia entre coqueiros ao vento,
Lança-se na enxurrada do frevo rasgado,
Reverbera no sopro das noites baianas,
Balança na avenida
E dissolve-se na seresta...

O Entardecer na Roça

O sol despede-se
E veste os campos de sombra macia.
A noite não cai.
Ela se espalha devagar, igual tinta escorrendo no céu.

A enxada repousa no terreiro
Com lâminas ainda quentes do calor da terra.
Não é descanso, é espera.
Amanhã há de germinar o que foi entregue ao chão.

O fogão de lenha suspira fumaça,
Trazendo o cheiro do guisado,
Despertando a fome,
Depois do trabalho na lavoura.

O último raio de sol invade o alpendre,
Abraça a cadeira de palha.
O brejo borbulha, baila, balbucia
E agita-se num burburinho molhado.
Grilos afinam seus violinos,
Sapos resmungam entre versos.

Os vagalumes piscam feito estrelas perdidas:
Lanternas vivas vagando no escuro.
Eles piscam. E somem.

O vento enrosca-se nos galhos...
A sombra que se estende
Sussurra sobre os sulcos secos do solo
E sobre as serras solitárias.

No curral, um mugido triste
Rasga o silêncio em despedida.
Besouros tropeçam em voos embriagados,
Batendo contra janelas cerradas.

O canavial assobia,
Enquanto tudo se entrega ao breu,
Confiante na aurora que virá
Banhar-lhe os ombros de orvalho.

Nada teme quem tem raiz.
O entardecer chega como milho
Que se inclina ao peso dourado do dia.

Na varanda, alguém cantarola baixinho uma modinha,
Um canto que só a noite escuta.

Ao pé do fogão, *quentando fogo,*
A vida simples murmura sua filosofia
Numa prosa sem pressa.
A conversa embala o sono, preguiçosa,
Entre goles de café
E de água fresca tirada da moringa de barro,
Sorvidos apenas para molhar as palavras...

É hora de contar causos,
Enquanto a noite, essa velha conhecida,
Deita-se sobre a roça,
Cobrindo tudo com seu silêncio
Cheio de histórias!

Impermanência

Nada fica. Tudo passa...
O fluir incessante do tempo e das coisas,
A dissolução das certezas...
Eis a impermanência
Reflexo do efêmero,
Que se move feito brisa entre as folhas.

Amanhecemos pedra, anoitecemos rio.
Fomos rosto no espelho que a manhã apagou.
Corremos contra o tempo,
Somos a promessa que o dia esqueceu.
Nada fica. Tudo passa.

O espelho apaga nosso rosto,
A areia desfaz nossos passos.
Nada nos veste além do vento,
Nada nos prende além do instante.

O trem parte, a criança cresce,
O abraço afrouxa na despedida,
A tinta desbota no muro,
O jornal de ontem já não interessa.
O menino cresce e esquece o balanço.
A viagem perde a mala no tempo.
A perda vira memória,
A saudade, fotografia desbotada.
Nada fica. Tudo passa.

A primavera se perde no tempo e se esquece de voltar.
O verão seca as poças da chuva.
O outono esconde a sombra das árvores sem folhas.
O inverno apaga as cores da terra.

Nem a alegria, nem a dor.
Nem o encontro, nem a despedida.
Nem o abraço que aperta, nem a solidão que cala.
Nada fica. Tudo passa.

E quando vier a noite,
E quando vier o medo,
Saiba: nada dura.
Nada fica. Tudo passa.
Mas alguma coisa nos observa.

Curupira: O Menino que Planta Passos ao Contrário

Dentro da mata, um menino despenteado,
De cabelos vermelhos, de assobio alto, de riso cortante,
Brinca de esconder com as trilhas da terra.
Só a floresta entende seu rastro torto.
É o Curupira.

Onde passa, ninguém sabe.
Onde esteve, ninguém viu.

Seus pés são enigmas,
Segredos do chão.
Calcanhar à frente, dedos atrás—
Deixa rastro que mente,
Misterioso demais.

A floresta obedece ao seu comando,
Já que ele é seu protetor.
Lenhador, caçador, forasteiro —
Muitos se confundem com suas pegadas de passos invertidos.

Mesmo andando para frente,
Parece que anda para trás.
Engana direitinho.
É coisa de ente encantado.
É truque de menino.

E quem pisa na mata, que fique com o pé atrás!
Faça o jogo do Curupira: "ande de fasto"...
Deixe suas pegadas erradas também.
No reino do truque,
Só escapa quem aprende a jogar!

Rapa de Tacho

O amor não escolhe ordem, ele escolhe o instante.
Cada filho é o centro de um mundo que a vida inventou para não ter fim.

O caçula chega assim,
Como o sabor que insiste em ficar,
Como o aroma que invade os dias,
Como o brilho que repousa na borda da panela.

Carrega o sabor mais intenso,
A paciência do tempo que apura o gosto.
Chamam-no de ponta de rama, de fim de safra,
De ultimogênito, de benjamim, o predileto,
De rapa de tacho...

Uma sobra preciosa que vem à luz,
Quando tudo parece já ter sido colhido.
Um afeto sem a rigidez do novo,
Não traz as expectativas dos primeiros,
E por isso vagueia livre
Entre os muitos afetos e mimos.

É ouro espesso,
O mel de todas as esperas.
A casa já dormia quando ele chegou,
Todos já haviam se esquecido das brincadeiras,
Já tinham dobrado os lençóis da infância,
Já haviam esquecido o que era ser criança.
Ele, porém, veio lembrar...

É o último, mas é inteiro.
É o instante dilatado,
Quando tudo já parecia concluído.

Cresce devagar,
Como quem raspa a vida com a ponta dos dedos,
Sem alarde, mas sempre deixando gosto:
Pois dizem que o melhor gruda no fundo do tacho.

Nenhum filho é menos amado,
Mas ele é quem veio sem pressa,
Como um carinho que esqueceu a hora de ir embora.
Como um poema que se lê devagar.

Juruva, Pêndulo da Mata

O velho pajé contou que
Num tempo sem nome,
Quando a Floresta ainda se moldava,
O silêncio escorria entre cipós
E a terra estava em sombras, sem aurora.

Atrás de sua máscara negra,
A Juruva, vestida de relâmpagos verdes,
E ilumilâncias azuis,
Desafiou os ares e foi buscar a chama que acendia o dia.

Trouxe-a entre as penas de sua longa cauda.
Mas aprendeu, a duras penas,
Que quem carrega luz
Sempre perde um pouco de si.
Voltou chamuscada
As franjas da cauda em cinzas.
Mas dentro dela, o tempo pulsava.

Desde então, sua cauda oscila,
Com uma ponta em pêndulo,
Num movimento ritmado e hipnótico,
Como resquício da jornada ardente,
Riscando, no ar, o compasso da mata.

Tesouros de Golconda

Naus e caravanas viajavam a Golconda,
Pelas rotas dos desejos:
Diamantes e esmeraldas ocultas
Sob sua pele de pedra granítica
Miolos de estrelas brilhantes capturados,
Sonhos verdes cristalizados no silêncio do chão.
Rubis, brasas ardentes do coração do mundo,
Inflamavam anéis, colares, coroas,
Sangue incandescente tingindo diademas.

Astros soterrados, que giravam em órbitas invisíveis,
Germinavam no ventre das eras,
Sementes cravejadas de excepcional brilho.
Pérolas, prisioneiras do oceano,
Despediam-se da Costa de Coromandel e do Golfo de Bengala,
Para de Goldona ir adornar rainhas de reinos distantes.
Cada uma delas era uma lua roubada ao mar,
Uma promessa feita à noite e entregue ao dia.

Pimenta incendiava os paladares dos mercadores
Selava acordos secretos a peso de ouro.

Cravo e canela, açafrão e cardamomo
Inebriavam o ar em especiarias.

Almíscar e sândalo que perfumavam palácios
E encantavam os sentidos.

Seus mercados eram labirintos
Vestidos de sedas e musselinas.
Onde olhos estrangeiros
Vinham colher luz nas tendas dos bazares.

Sua fortaleza ergueu-se ao sol, contra os séculos,
Suave como a seda,
Indomável como o granito.

Na Colina do Pastor,
Golconda, incrustrada na rocha,
Tem seu nome murmurado na poeira dourada,
Desde a Índia Medieval até nossos dias.
Seus tesouros ainda cintilam
Nos olhos do tempo.
O fulgor das suas raras e valiosas gemas
Nunca será esquecido.

Gavinhas e Trepadeiras

Havia um pé de chuchu na entrada da horta,
Guardião de uma passagem sem porta.
O portão?
Já não existia.
Agora era ele feito de folhas e galhos verdes,
Recriado na espiral das gavinhas que desenhavam labirintos
Enroscando-se em cachos crespos.

Do portão antigo, só restava uma dobradiça torta,
Enferrujada no mourão onde o chuchuzeiro vicejava,
Ocupando a lembrança do que um dia foi madeira e grade.

Eu não sabia nada sobre gavinhas ou trepadeiras.
Na primeira vez que toquei uma,
Ela se desenrolou ligeira,
Fez que ia soltar, mas não soltou.
Volteou em si mesma
Como pensamento inquieto.
Viva, teimosa, sem se deixar esticar.

Mas isso não era coisa só do chuchuzeiro.
Subir pelos muros, treliças,
Estacas, caramanchões e arames...
Era a atitude de outras plantas também!
Havia as parreiras—trepadeiras anciãs,
Tricotando sombras com paciência de avó,
Pendurando uvas como pequenas promessas.
Havia os maracujás, apressados,
Florescendo sem pedir licença,
Desenhando mistérios antes de se abrirem ao mundo.
E as ervilhas tímidas,
Ligando-se umas às outras,
Pequenas mãos verdes segurando o vazio.

Então me peguei observando as gavinhas,
Cachos cheios de intenções.
Torcidos como ideias obsedantes,
Enlaçando-se na madeira, no arame,
No tempo que passa e não avisa.

Eu vi todas elas tentando alcançar o céu,
Prendendo-se ao mundo com seus dedos verdes.
E pensei que crescer também é isso:
Agarrar-se como gavinha,
Com sabedoria para encontrar apoio
Com flexibilidade para seguir adiante.

Zenóbia, a Rainha de Palmira

Num oásis do deserto da Síria, ergueu-se Palmira,
Peristilo de mármore e sonho,
Cravada de colunas e insígnias de esplendor.
Ali, Zenóbia, que dizia descender de Cleópatra,
Teceu um império.

Guerreira e soberana,
Fluente nas línguas do poder,
Governou com determinação.

Seu reino desafiou os limites impostos por Roma.
Sob os estandartes do Levante,
Conquistou Egito, Síria, Ásia Menor.
Por um tempo, o impossível tomou forma:
Um Oriente livre das águias de César.

Mas Roma veio com a marcha inexorável das legiões.
Ela nunca perdoou os que ousaram desafiá-la.
Aureliano cercou Palmira.
As muralhas, sua última resistência, cederam.
Zenóbia foi capturada, porém, jamais subjugada.
Seu diadema não caiu,
Sua túnica de púrpura permaneceu intacta.

Hoje, nas ruínas silenciosas,
Os ecos da grande cidade e da sua rainha ainda vibram.
É certo que o poder não dura para sempre,
Mas há nomes que nunca se apagam:
A história os mantém vivos,
A arte os eterniza,
O povo ainda os pronuncia.

Cantada em óperas, reverenciada pelos poetas e retratada pelos pintores...
Na música, na literatura, no pincel,
Zenóbia resiste.
Porque quem ergueu impérios não se curva ao esquecimento!

Dizem que ao cair do sol,
Quando as sombras das colunas se alongam
E a pira do deserto se acende,
Palmira respira.
E Zenóbia, invisível, ainda governa...

Acordo Tácito

Quando os olhos se encontram, já se sabe:
Nenhuma palavra caberia ali,
Nenhuma frase explicaria melhor do que esse instante suspenso,
Feito pacto sem cláusulas, sem testemunhas.

Tácita – a Deusa do Silêncio – observa
E ensina a escutar o que dorme nas entrelinhas.
Ela enfeitiça o vórtice das palavras hesitantes
Que, mesmo em sua fuga, dizem tudo.

Mas, cuidado!

O vazio, astuto arquiteto, ergue suas cidades.
Ruas sem palavras,
Becos de pausas,
Edifícios sustentados pelo peso do não dito.

Os que habitam esse lugar conversam com olhos e gestos,
Um idioma de ausências,
Onde cada silêncio é um tratado,
Um protocolo invisível, um grande acordo tácito.

É preciso vigília:
Que as palavras não se tornem obsoletas;
Que a precisão da linguagem
Ainda exija sopro humano;
Que não seja apenas feita de intervalos medidos,
De olhares calibrados,
De gestos codificados...

Pois Tácita, em sua divindade, atravessa as avenidas do espaço,
Sem nunca fazer ruído.
Mas a humanidade...
Ah, a humanidade precisa do barulho das conversas
E do bulício das palavras doces e inúteis...

Nenhuma Roseira Tem Espinhos

Eu achava que sabia das coisas.
Caminhava entre roseiras, desviando dos espinhos.
Até que um dia, a própria roseira me contou que não tinha espinhos.
Olhou para mim com olhos de flor
E sorriu da minha certeza distorcida.

Então algo se partiu.
Não no caule, não na flor.
Dentro de mim.

E o que são esses ganchos na haste?
Perguntei, como quem defende um erro
Já enraizado nas bocas de gerações.

— Acúleos, respondeu a roseira,
Num tom de folha ao vento,
Com a força de quem desmonta um mito!

Acúleo...
Nome sem peso, sem drama, sem verso.
Mas eu já havia escrito sobre espinhos.
Já os tinha, já os guardava.
Agora, como corrigir os poemas antigos?
Como explicar que a dor nunca esteve lá, apenas o nome errado?

Foi nesse dia que os espinhos —
Ou melhor, o que chamávamos de espinhos —
Desapareceram de todas as roseiras.

Minha roseira, porém, ergue-se solitária,
Despida de qualquer armadura,
Confia na terra.

Caminha sem ganchos,
Sem pontas, sem vírgulas de dor.
Sua palavra por excelência é pétala.

Nela não há sequer acúleos,
Tudo o que tem é flor e perfume,
Como se desde o início ela soubesse
Que o mundo não lhe faria mal algum
E que há formas de existir sem precisar se proteger.

Ainda assim, cresceu indomável,
De folhagem densa!
Suas rosas perfumadas mudam de cor ao sabor dos dias,
Como quem muda de alma.
Alvas na aurora — de um dourado que roça o segredo,
Depois rosadas,
E então, rosa profundo.

É flor sem muralha, é cor sem medo de mudar.

Ela se abre inteira para o mundo,
Como quem sabe que só florir basta.

E eu, que a vida toda pensei saber dos espinhos,
Hoje sei apenas das rosas:
Sem espinhos, sem acúleos,
Simplesmente rosas.



Quero-quero, Sentinela dos Pampas

Nos vastos campos do Sul,
Entre voos rasantes e pousos certeiros,
Bandos de quero-queros
Montam guarda.
São os fiéis vigias das coxilhas!

Olhos vermelhos como brasas,
Espora afiada – cuidado tchê! –
Nenhuma invasão passa impune!

Riscam o céu,
Tecendo laçadas como um autêntico peão campeiro...

Gostam do chão e pousam nele,
Numa perna só,
Como quem não quer ir embora,
Como quem quer ficar!

Não querem saber de galhos.
Não se rendem às árvores.
Vestem-se da própria plumagem,
Orgulhosos de sua pilcha natural,
Pertencem à terra
Como o mate pertence às manhãs gaúchas.

Conta-se que têm muito espírito esportivo,
Frequentam os gramados.
Voam baixo nos estádios,
Driblam a grama,
Caçam mariposas, sem pressa, sem placar.
Não marcam gol, mas marcam presença.

Escutem esse grito!
Não é vento.
Não é chuva!
É o quero-quero que nunca descansa,
Sempre pronto para a peleia,
Sentinela dos pagos!

Ferradura dá Sorte?

A sorte não se encontra na ferradura que guarda a memória do galope;
Ela nasce na curva de quem segue caminhando.

Ferradura é coisa de chão.
Tem gosto de poeira,
De estrada longa,
De anos esquecida na terra dura,
Até que um olho distraído lhe dê importância.

A rua coleciona passos sem dono.
E ali, caída ao acaso, repousa uma ferradura.
Curva de ferro com alma de ômega,
Abraço que não fecha,
Semicírculo arqueado como o tempo.

Ninguém sabe de onde veio.
Mas dizem que quem a encontra,
Carrega um pedaço de sorte no bolso.

Se é amuleto, ninguém sabe.
Mas nela há esperas forjadas no ferro,
Há silêncios fundidos em brasas.

Contam que um monge inglês, que também era ferreiro,
Pregou ferraduras no diabo
E o fez prometer que nunca cruzaria uma porta adornada por elas.
Mas o diabo cumpre promessas?

Alguns passam e nem veem a fechadura sob seus pés.
Nem o cavalo se lembra mais dela.
Mas um supersticioso recolhe,
Assopra a ferrugem, e crê.
Porque crer é um jeito de dar sentido às coisas.

Pregada à porta, espanta o infortúnio?
Presa aos umbrais,
Se ao alto se ergue, retém fortuna?
Se ao chão se volta, deixa-a fugir?

Se a vida se dobra como ferro em brasa,
Se a promessa de um símbolo é apenas uma memória de quem crê,
Então nada é certo, mas tudo é possível.

E no fim, sorte é só isso:
A curva de quem segue andando.
E a ferradura?
Segue esperando por quem nela acredita.

Simplicidade

A simplicidade é a forma mais discreta da beleza.

A simplicidade floresce como a quietude que antecede o amanhecer,
Revela a beleza escondida no olhar sem artifícios,
Corrige o luxo, eleva o pensamento,
Protege a essência da vida.

Na infância, simplicidade é encantamento.
É o riso fácil, a curiosidade sem limites,
O abraço que dissolve distâncias,
A alegria invade tudo,
Feito sorvete derretido ao sol!

Na juventude, simplicidade é coragem.
É saltar no desconhecido sem redes,
É sonhar sem calcular os riscos,
É viver de peito aberto,
Com o coração batendo mais forte que a razão.

Na vida adulta, simplicidade é sabedoria.
É distinguir o essencial do supérfluo,
Deixar para trás o peso inútil,
E construir com mãos leves,
Sem o acúmulo que entorpece a alma.

Ser simples é caminhar sem lastro,
Colher felicidade breve e sincera,
A única, talvez, possível neste mundo.

Quem é simples na fé, aceita os dogmas e crê.
Não questiona, apenas confia.
Agradece e, na entrega,
Recebe a paz que a crença oferece.

Quem é simples nas ideias, veste-se de leveza,
Não se perde em desejos vãos,
Nem se afoga em aspirações passageiras.
Segue o curso natural da vida,
Como um rio que não luta contra suas margens.

Quem é simples nos gostos,
Tem o dom da generosidade.
Se é rico, não ostenta.
Se é pobre, nada lhe falta,
Pois o essencial já lhe basta.

Na palavra, na arte, na casa, na veste,
Quem é simples pode passar despercebido,
Mas guarda em si o brilho de um sol discreto.

Na velhice, quando o tempo desnuda todas as ilusões,
A simplicidade torna-se rara,
A marca de uma alma que resistiu,
Que não se curvou às deformações do mundo.

A beleza que perdura
Seja na arte, seja no sentir,
Não grita, não exibe, não se impõe.
É leve, distinta, sublime.
Simples.

Morremos Mil Vezes nas Pessoas Queridas

A dor nos divide, mas o amor nos multiplica.

Quando uma pessoa querida parte,
Leva consigo um pedaço da nossa própria alma.
Meu coração, mosaico de afetos,
Fragmenta-se, dispersa-se em ausências.
Vai ficando menor,
Um terreno desapropriado pelos que se vão.

Estreita-se, mas não desaparece — apenas se transforma.
Reduz-se, pouco a pouco,
A cada outro coração dedicado que deixa de bater por nós.

Já não sei quantos de mim ainda restam,
Pois cada adeus desalinha um canto do meu peito.
Dentro de mim já existiram muitos cômodos,
Mas hoje sou apenas um puxadinho de saudades,
Um quintal com menos árvores,
Onde as lembranças muitas vezes se sentam sozinhas.

Meu coração, às vezes, parece mais leve.
Não porque se fortaleceu.
Mas porque metade dele já partiu...

Já não sou inteira,
E talvez nunca tenha sido.
Sou feita das partes que distribuí,
Dos afetos que guardei nos outros.

Era para eu já estar vazia, mas virei eco.
Era para eu me dissolver nas mil mortes,
Mas encontrei um jeito de continuar batendo,
Mesmo onde já não estou.

Porque depois de tantas mortes,
Ainda que não consiga evitar a dor,
Aprendi a viver dentro dela.

Sigo, porque não há escolha.
Sigo, porque as memórias me empurram.
Sigo, porque aqueles que me amaram,
Continuam me habitando,
Mesmo quando não estão mais aqui.

Assim, permaneço nos pedaços que deixo pelo caminho:
Viver é também se multiplicar, é ser parte de muitos,
É existir além da própria presença.

Sou feita do que dei,
Mas também do que guardei dos que partiram.
E, no fim das contas,
Sou apenas o que restou das vidas que passaram por mim.

Se morro mil vezes,
Também renasço mil vezes
Naqueles que igualmente me amam.

Tem Gosto para Tudo

Há quem goste de discutir.
Quem desfrute lançando-se num bom duelo verbal,
Quem faz disso um exercício, uma arte.
Um jogo de inteligência...
Como se as palavras fossem peças de um tabuleiro,
Movidas com cálculo, com alma, com destreza.

Discutir é um vício. Um vício como outro qualquer.
Como beber sem sede.
Tem quem discuta com o relógio, tentando entender o tempo,
Como se o instante pudesse ser capturado.
Com a sombra, buscando distinguir o real do ilusório.
Com a chuva, interrogando a umidade como quem busca a essência.
Com o eco, e percebe que a resposta sempre esteve dentro de si.

E há ainda aqueles que discutem tudo.
Por princípio, por hábito, por urgência.
Porque sabem demais.
Porque não sabem tudo.
Porque o silêncio lhes é estreito.
Magnânimos de coração, exatos na palavra,
Exagerados na busca de certezas.

Desconfio que, no fundo,
Discutam para disfarçar aquilo que mais os define:
Um coração tão imenso, tão bondoso,
Que não cabe nem mesmo nas incontáveis palavras
De toda e qualquer discussão...

Confesso que não sou uma dessas pessoas.
Não me agrada o embate,
Mas às vezes percebo, com certo encanto,
Que sou distração para quem precisa do duelo verbal,
Que ofereço sem querer um campo para o jogo das palavras.
Passo a ser uma adversária que nunca pediu para ser escolhida,
Mas que, sem intenção, vira passatempo favorito
Ou mesmo um bom entretenimento!

João-de-barro e suas Arquitetices

Construo paredes só para descansar meus voos.

João inventa paredes com argila.
É barro que sonha no alto dos galhos
Que desenha escoras no azul,
Gruda pilares de nada na beirada do mundo.
Não tem pressa, porque aprendeu com o tempo
Que parede forte se ergue devagar.

A chuva chega e mistura-se à terra, faz a argamassa perfeita.
João já sabia— não há casa sem pacto com a água.
É arquiteto sem régua, pedreiro de sol e poeira.
A abóbada do céu cobre seu teto, sustentada por galhos e horizontes.
Ele molda paredes de sombra, arquitetura de luz e voo.

Faz casa sem endereço.
Porque é livre, não quer morada.
Casa não é permanência,
É lugar de descanso entre voos.
João é viajante, não proprietário.

Chove, João não molha.
Venta, João não perde o rumo.
Porque seu barro negocia com o trovão,
Faz amizade com o sol.

Dizem que tranca a Joaninha na casa,
Quando se vai dali.
Mas isso é mito:
Ninho não é cela, ninho é começo.

Um dia parte sem olhar para trás:
Sem carregar bagagem, quando o barro já viveu seu destino.
E lá vai João, sem saudade.
Porque sabe que abrigo se faz onde o voo pousa,
E que casa sempre é caminho.

Ajudante de Pedreiro

No galho mais alto da manhã, o papagaio, verde de curiosidade,
Espiou o joão-de-barro em sua lida:
Tijolo de barro, voo medido,
Arquitetura sem diploma,
Mas com a sabedoria do instinto.

— Que fazes aí, mestre do barro?
— Construo abrigo contra o tempo,
Contra o vento, contra o esquecimento.

O papagaio, que só sabia repetir,
Aprendeu a moldar com o bico,
A respeitar o silêncio do trabalho,
E a observar mais do que imitar.

Entre um assobio e outro,
Virou ajudante de pedreiro:
Descobriu que quem voa com quem constrói,
Aprende a edificar também por dentro.

Penas, Plumas e Plumagens

Cada pena é memória de céu e floresta.

Os indígenas sabem: o voo não se aprisiona,
Mas pode ser vestido.
Colhem cores de pássaros e fazem joias.
Joias vivas de floresta.
Joias de penas, de plumas e de plumagens,
Que vestem festas e rituais.

As penas conhecem altitudes.
São espadas de céu, lanças de vento, flechas que riscam nuvens.

As plumas se aninham em maciez.
São carícias de voo, folhas de ar, abraços de passarinho.

E as plumagens cochilam sobre o peito.
São sopros de cor, vestes de brisa, leveza de asas.

E então, os sábios das penas,
Nossos indígenas bordam voâncias em mantos,
Desenham plumescências no céu.
Tapiragem, mágica ancestral do tingimento,
Transforma o natural em puro encantamento.

São braceletes, brincos, mantos, colares,
Coroas, pulseiras, máscaras e cocares.

Penas, plumas e plumagens— predicado de pássaro.
Arte plumária,
Passarinha-se de beleza.
Herança brasileira, história e identidade.

O Abraço das Palavras

Palavra é gramática que se enrosca nas margens,
Que se entoca nos desvãos,
Que preenche os buracos vazios,
Que brota nos silêncios das manhãs frias.

Quais palavras nos abraçam afinal?
Algumas chegam tortas:
Tropeçam no exagero dos adjetivos.
Outras vêm mansinhas,
Aninham-se nos bolsos,
E nos acompanham como uma lembrança antiga.

Seriam os substantivos que nos abraçam?
Firmeza de nomes próprios
Calor dos concretos
Sonho dos abstratos?

Ou seriam os pronomes,
Que fazem afago quando pessoais,
Mas se dissolvem no esquecimento quando impessoais?

Talvez os verbos,
Que ondulam como a brisa,
Abraçam o presente,
Mas se dissolvem no futuro sem deixar rastros?

Tem palavra que abraça
Feito sombra de árvore
Não toca, mas cobre.

Tem palavra que abraça
Como chão que recebe quedas.
Não impede, mas acolhe.

Tem palavra que abraça sem braços:
É vento que penteia os campos.

Tem palavra que abraça devagar,
Igual musgo que veste pedra esquecida.
Emaranha-se no peito dos que a ouvem,
Espalha-se no silêncio dos que a sentem.
E quando vemos, já vestiram a alma inteira.

Tem palavra para tudo!

Portas e Janelas

Portas se abrem, portas se fecham,
São pactos de ida, promessas de volta.
Por elas partem sonhos errantes,
Por elas regressam abraços antigos.
São véus entre o dentro e o espaço sem limite.

Janelas não são apenas janelas,
São olhos da casa que espreitam a manhã,
Deixando entrar o sol como quem recebe cartas,
Soltando devaneios como pipas ao vento.
Na cozinha, aromas escapam pela vidraça,
Na varanda, conversas deslizam pelo vão.

As portas são tímidas, esperam que alguém as empurre.
As janelas são curiosas, ficam espiando o mundo lá fora.

Portas impulsionam destinos,
Janelas sopram horizontes inteiros.
Portas traçam caminhos,
Janelas insinuam, seduzem direções.

Há quem feche portas para guardar o mundo,
E quem abra janelas para deixar o mundo entrar.

Há os que deixam a porta encostada,
E os que mantêm a janela entreaberta, só para ver o tempo passar.
Uns trancam portas por medo,
Outros descerram janelas por esperança.

Há quem bata na porta errada,
E insista em abrir o que já não se fecha.
Assim como há os que arrombam uma porta aberta,
Em esforço vão e inútil!

Há os que pulam janelas, desafiando regras,
Saltando medos, furtando, fugindo ou brincando.
Pois onde há uma fresta, há liberdade,
Onde há um vão, um verso espera.

Mas de que servem portas e janelas,
Se não há quem as atravesse,
Se não há olhares espiando o infinito
Nem mãos sobre a maçaneta?

Toada de Chifre, Poeira de Boi

Dizem que berranteiro bom não sopra,
Assobia pelo chifre do boi.
O som não vem só do vento,
Vem do couro, do chão, do casco.
Vem de um tempo que só os bois conhecem.

Quando o berrante ressoa,
Mexe com as costelas da terra.
Até as formigas acertam o passo,
Porque som também é caminho.

Boi não precisa aprender berrante,
Já nasce sabendo, como quem já ouviu antes.
Tem toque de saída solta—e a boiada desgruda das sombras.
Tem toque do estradão—e o mundo se enche de patas.
Tem toque do perigo—e a tropa vira redemoinho.
Tem toque do floreio—livre feito asa de passarinho.

Mas há um toque que é cheiro.
Que é fome.
Queima do alho, panela no fogo,
O vento fareja,
Quer saber se o feijão tropeiro é tão bom quanto parece.
Mas o vento não come.
Só prova o cheiro.

Quando o berrante cala, os bois ainda ouvem.
O som gruda nos chifres,
Faz barulho de estrada, tem gosto de poeira...

A Lama Que Brincava Comigo

Infância é barro que nunca seca.

A chuva vinha de longe,
Murmurando para as telhas,
Rodopiando nos galhos das pitangueiras,
Até escorregar ligeira, como quem não quer nada,
Espreguiçando-se pela rua de terra.

Ali, no chão recém-molhado,
A enxurrada esticava-se, deslizava,
Inventava trilhas que ninguém sabia.
Gostava de levar folhas embora.
Escapava-se pelo meio-fio e se perdia por aí.

E eu, pequena, pés descalços,
Aprendia a gramática do barro,
Sabia que a chuva fazia brotar rios de mentira.
E a enxurrada me segurava firme pelos tornozelos,
Para eu andar sobre as águas,
Enquanto ela pintava minhas unhas de vermelho.

A enxurrada sabia brincar.
Corria atrás de pedrinhas fugitivas,
Fazia redemoinhos só para me desafiar,
Mas nunca se esquecia de guardar histórias nas unhas vermelhas,
Que ficavam, dias e dias, dizendo que eu brinquei com ela.

Depois vinha o banho,
A água clara dizendo adeus à lama,
Mas não à memória.

Mesmo porque, logo depois, na cozinha aquecida,
Vinha o cheiro doce da saudade
Vinha o gosto bom dos bolinhos,
Polvilhados de açúcar e riso,
De canela e infância.

E quando os anos chegam
E os pés se fecham em sapatos,
Pensamos que tudo passou,
Mas aquela enxurrada continua brincando com a gente,
Sobretudo quando mordemos um bolinho de chuva
De olhos fechados!

Quem Senta na Garupa, Não Pega a Rédea

Sentei na garupa do alazão sem nome.
Sem rédeas, sem comando.
Restou-me apenas o ranger das esporas alheias.

O caminho, não pedi,
Mas aceitei sem muxoxo.
Quem é de carona não escolhe encruzilhada,
Vai conforme o trote, não bota o cavalo em desvio.

No compasso da estrada batida,
Quem aceita a garupa não solta conselho,
Não dá rédea para vida,
Apenas busca firmar-se no arreio.

O condutor tem suas preferências.
Assim, escolheu a trilha mais rude, cheia de pedra,
“Mais bonita assim”, ele disse.

Então me distraí.
O vento soprou sem destino,
A paisagem veio sem aviso,
E eu, que sempre quis saber das coisas,
Acabei me esquecendo de perguntar.

Já não me inquietava com o caminho.
Aceitei que a estrada guardava segredos
Nem mesmo percebidos por quem guia.

Às vezes, a beleza da viagem
É exatamente não saber por onde estamos indo.
Não escolhi a trilha, não decidi a marcha.
Mas descobri que quem não conduz, enxerga mais.

Então, no sacolejo do nada,
Uma irrequieta maritaca pousou no meu ombro.
E gostou de ali ficar, quietinha.
Foi, inesperadamente, mágico!

Lençóis Maranhenses: Relevo das Marés de Areia

Era só um grão. Miúdo, tímido.
Mas veio o vento – assovio invisível,
E o grão se fez monte,
Onda sem mar,
Virou duna que muda de ideia.

Agora há curvas eólicas, dunas nômades,
Cordilheiras de areia em migração,
A geografia viva do vento.
Desenho efêmero sobre um chão movediço.

Era só uma gota. Líquida, distraída.
Mas veio a chuva – pulsação celeste,
E a gota se fez leito.
Virou lagoa,
Aprendeu a espelhar estrelas dentro d'água,
Virou céu preso ao chão.

Agora há lagoas temporárias, espelhos fluviais,
Lençóis freáticos que respiram sob o sol,
Palimpsesto hídrico esculpido na terra.
Retrato fugaz de um ciclo em dança.

E o vento, engenheiro errante, dobra cristas,
Dissolve vales, translada desertos sem nome,
Regenera a própria cartografia do espaço.

Tudo pulsa, oscila, dissolve-se—
Areia e água dialogam
Como forças complementares de um relevo mutável:
Lençol que se estende
Respiro líquido do Maranhão.

Que força rege este ciclo?
Que bússola guia a matéria em voo?
E quem há de mapear-te, ó terra líquida?
Se és relevo, mas também correnteza,
Se és deserto, mas também oásis?

Orgulho: Jardim ou Vazio?

Há um orgulho que germina, discreto.
Que nos faz sorrir por dentro.
Orgulho de quem constrói,
De quem resiste e floresce,
De quem segue, mesmo na dor.

Mas há o outro, altivo,
Que abre asas demais,
Que ergue muros, expande sombras,
Esquece que vento forte derruba quem não se curva.
O orgulho cego não vê estrada,
Só reflexo.

Às vezes veste-se de coragem,
Outras, de vaidade disfarçada.
Há quem o carregue como força,
Há quem se perca na sua sombra.

Pode ser silêncio quando se devia falar,
Ou grito quando se devia calar.
Mantém-nos de pé,
Mas impede o abraço,
Pesando no peito.

Orgulho não precisa ser próprio.
Pode estar na vitória alheia,
Na flor que brota além do nosso canteiro
Mas que nos enche de azul por dentro.

Orgulho de quem fez o que não fizemos,
Pulou onde hesitamos,
Encontrou palavras que ainda buscamos.

Orgulho, porém, pode erguer paredes, construir impérios sobre o nada,
Ressoar como um trovão sem chuva.
Isolando o ser humano, desaguando no vazio.
Brilho da conquista.
Mas peso da solidão.

Há orgulho no amor, no sonho, na justiça,
E há orgulho no erro que não se perdoa.
Está no silêncio que sufoca a desculpa,
No olhar desviado na rua.

Mas também está na conquista pequena,
No instante em que alguém, simplesmente faz o que precisa ser feito.

Cuidado com o orgulho que faz crescer árvores que não dão sombra.
Folhas duras que não se entregam ao outono.
Raízes que recusam chão.
Pois orgulho não tem pés, mas se arrasta.
Não tem olhos, mas enxerga torto.

Às vezes, é um rio que se recusa o mar.
Fica ali, insistindo na curva,
Querendo ser apenas sua própria água,
Sem se misturar ao azul do mundo.

Esse orgulho pertence aos que colecionam silêncios,
Que preferem trincheira ao abraço,
Falam alto dentro de si,
Mas não escutam por fora.

E no fim, quando se desfaz, não é nada.
Nem pedra, nem folha, nem rio.
Só um espaço vazio,
Onde caberia todo um jardim.

Equilibra-te, viajante, não te tornes espelho partido,
Pois o orgulho, quando não se curva, quebra.
Há orgulhos que nos fazem grandes,
Mas há outros que apenas nos fazem sós.

Çatalhöyük: Quando Caminhávamos Sobre os Telhados

No Neolítico, ninguém conhecia as esquinas.
Caminhavam sobre os telhados,
Passos soltos na imensidão,
Sem suspeitar que um dia alguém inventaria ruas.

Levantaram casas, mas não desenharam logradouros.
Ruas? Para quê?
Se o homem pode andar nas alturas,
Se o horizonte não se quebra,
Se a viagem é aérea como o sonho dos pássaros?

As portas eram passagens de luz, claraboias:
Abriam-se para o céu,
Achando que o horizonte nunca teria cercas.
Os passos flutuavam como ecos de um tempo muito distante.

Não havia ruelas sombrias,
Não havia becos sem saída,
Porque tudo era aberto,
Como um pensamento que ainda não encontrou a dúvida.

Na cidade sem ruas, as pessoas caminhavam como sempre caminharam,
Com olhos livres, sem barreiras,
Como se o mundo nunca tivesse conhecido fronteiras.

Mas toda altura tem seu chão.
E um dia, precisaram descer.

Desde então, nasceram as ruas:
Fizeram muros, fizeram sombras que antes não existiam.
E nunca mais caminhamos sobre os telhados,
Com a liberdade dos que não sabem
Que há um fim para todo caminho.

Se soubéssemos que descemos para nunca mais subir
Teríamos ensinado aos gatos a nos trazer notícias lá de cima.

Sujeito Oculto, Mas Eu Sei Quem Ele É!

Achou beleza no chão.
Fez do pó uma estrela cadente,
Viu o brilho opaco das esquinas e deu-lhes luz.
Criou constelações com estilhaços de um ontem esquecido,
Fez dobraduras com as lembranças como origami do tempo.
E seguiu sem nome.

Choveu dentro do verbo e virou garoa de poesia.
Tentou estancar o momento, mas ele teimou em escapar.
Achou verso escondido no farfalhar das folhas,
Fazendo dele um abrigo.

Ouviu os cochichos dos segredos,
Sendo brilho no fim da tarde.
Inventou de ser vento,
Mas ficou preso no azul.

Escreveu sem tinta,
Reinventou palavras e escondeu-se dentro delas.
Viu uma estrofe solta na calçada,
Pegou-a com cuidado,
Dobrou-a como bilhete antigo e guardou dentro do bolso.

Compreendeu o amor das pedras pelo chão de rimas e sol.
Plantou metáforas no asfalto rachado.
Se alguém perguntou quem era,
A resposta foi apenas um sorriso distraído.

Era oculto, implícito,
Porém, facilmente identificável.
E, no entanto, o mundo seguiu sem vê-lo,
Mas eu sei quem ele é!

Vilões: De Camponeses a Anti-heróis

Era um nome simples.
Vinha do campo, da terra, da enxada.
Na Idade dos Feudos e das muralhas,
Arava a terra, semeava,
Plantava trigo, recolhia espigas.
Tinha mãos cheias de raízes e versos de vida.

Mas ninguém quis ler o que ele escrevia com o chão.
Chamaram-no vilão.

Palavras, no entanto, não vivem sozinhas.
Moldam-se ao ferro dos poderosos,
Curvam-se ao peso da pena,
Dobram-se à voz que dita a história.

E o vilão foi perdendo raiz.
De semeador a rude,
De rude a desprezível,
De desprezível a inimigo.

Não era mais um nome.
Era um papel na fábula dos fortes.
Já não era o lavrador, mas o personagem que sobrou.
Transformaram-no em lobo,
Pois não cabia na poesia dos lordes.
Disseram que o chão o fazia bruto,
Que a enxada pesava mais que palavras.
E o esculpiram na trama como eterno oponente.

Hoje, vive na ficção que o recria,
Na tela que o faz adversário,
Nos versos que exigem um algoz,
No mito que sustenta o herói.

Ele se perpetua, não pela vileza,
Mas pelo olhar que o forjou,
Pela mão que o escreveu,
Pelo mundo que sempre precisará de um antagonista.

Igaçabas de Marajó

Era um pote marajoara.
Não muito grande, mas cheio de mundo.
Guardava gotas de chuva, o frescor das águas,
O descanso dos rios em sua pele de argila.

O jenipapo tingiu-lhe o rubro vivo,
Cor de fruto maduro na terra úmida,
Cor de sol que se entrega ao horizonte.
O carvão soprou-lhe o negro sereno,
Cor de sombra no igarapé,
Cor de fim de fogo.

Natural da ilha marajoara,
Onde guarás tingem o céu de rubi,
Jacarés vigiam com olhos dourados
E manguezais a cercam como muralhas vivas.
Uma terra fechada no tempo, aberta na história.

Igaçabas de Marajó,
Voz da argila, memória do barro,
Aqui se tem uma ironia:
Fragilidade moldada para conter o líquido,
Mas solidez capaz de abrigar séculos.
Um tesouro da arte indígena brasileira.

Entre a Razão que Questiona e o Mistério que Se Abre

A razão nos diz: Pergunte, investigue, compreenda.
A fé sussurra: Confie, entregue-se, sinta.

E nesse diálogo,
Sem vencedores, sem vencidos,
Seguimos, alma e mente entrelaçadas,
Como quem busca a luz, sem temer a sombra.

No meio do caminho,
Novamente, a razão aconselha: Volte, refaça, calcule.
E a fé determina: Siga, acredite, aceite.

A razão tenta explicar,
Nomeia, delimita.
A fé sorri, porque já sabe:
O caminho não precisa de nome, apenas de passos.

Uma quer medir o voo do pássaro.
A outra apenas contempla.
A razão escreve um livro de perguntas.
A fé o lê como se fosse um poema.
Aquela quer atravessar o rio com ponte.
Esta pisa na água e vai.

A razão argumenta, impõe lógica, exige ordem.
A fé responde com mistério, confiança, transcendência.
A razão pede provas.
A fé pede entrega.
Mas nenhuma caminha sem a outra.

No tropeço, no medo, na hesitação de avançar,
Percebemos que razão e fé não são inimigas.
Quem entende, aprende a crer.
Quem crê, aprende a entender.

E então, o encontro acontece.
Caminhamos léguas sem ver nada...
Paramos um instante... e enxergamos tudo.

Creio para entender.
Entendo para crer.
Assim disse Santo Agostinho.

O conhecimento não se impõe, revela-se.
E a fé, não se explica, sente-se.
E seguimos...
Não porque sabemos, mas porque acreditamos.

O Banquete de Mahon

A História degusta o império; o tempo prefere o tempero.

A História é um prato que se come distraído.
Num dia memorável, lá em Minorca,
Um cozinheiro sem manteiga, sem creme ou nata
Misturou o que tinha – e, sem querer,
Inventou um sabor com gosto de vitória.

Dourado, suave e cremoso...
Nascia o molho do improviso!

Richelieu expulsara os ingleses da Ilha,
E, na mesa do triunfo, brilhou a invenção culinária:
Batizada de Mahonnaise,
Em homenagem à cidade de Mahon,
Cujo porto estratégico
Sempre despertou a cobiça dos impérios.

A guerra passou, os exércitos se foram,
Mas o molho permaneceu.

Porque, no fim, não são as batalhas que perduram,
Mas aquilo que se espalha pelo mundo
Sem o estrondo das guerras.
Às vezes, basta um fio de azeite
Sobre gemas bem batidas.
Um segredo protegido entre as paredes das cozinhas.
Delicioso num sanduíche bem recheado,
Onde grandes histórias podem estar escondidas
Entre fatias de pão...

Pintando o Sete

A realidade é um rascunho que a infância insiste em colorir por cima.

Sete pulou a cerca do quintal
E foi brincar de girassol no meio da rua.
Riscou o chão com pés sujos
E chamou aquilo de mapa do tesouro.
Fez do vento um varal de ideias
E pendurou palavras que ninguém tinha usado.

Sete desinventou o relógio da praça,
Porque brincadeira boa não precisa de hora.
Revirou os bolsos de um velho
E achou um passado cheio de bolinhas de gude.
Comeu jabuticaba direto do pé
E lambuzou o dia com gosto de infância.

Acreditou que nuvem era algodão doce,
Que formiga falava baixinho,
Que água da chuva podia ensinar segredos.
Finalmente, quebrou a última regra que restava:
A de não poder voar.
Caiu do galho mais alto,
E, por um instante, flutuou feito pássaro.

Sete não sabia ficar quieto,
Nem queria:
Era coisa de inventar mundos
Com um pincel espesso
E um riso sem freios.

E quem olhar bem, sem pressa,
Vai ver que Sete ainda está por aí,
Pintando o tempo
Com tinta que nunca acaba.

De onde Venho? Para onde Vou?

Não sei de onde vim,
Não vejo para onde vou,
Pois vivo perto demais do agora.

Nasço no nada, nebuloso no nunca.
O antes?
Um eco eclipsado, perfumado de distâncias intocáveis.
Um silêncio cheio de perguntas.
Um conceito sem matéria, uma sombra sem luz.

O depois?
Suspira, sorri e some, sombra e silêncio.
Um horizonte que recua, um vazio que me observa.
Uma ideia sem prova.

E o durante?
Um abismo do instante, o peso de existir,
Sem destino, sem promessas.
Sou o absurdo que caminha, o paradoxo que respira.

O durante envolve-me sem pedir licença.
Aprisiona-me em sua órbita, rouba-me o olhar.
Cega-me para trás e para frente.
Fico perto demais para enxergar longe.

Serei meu próprio criador, meu próprio labirinto?
Haverá partida ou chegada?
Ou apenas caminho?
O que é ser, senão um intervalo?

Castanholas: Aplausos da Terra, Música dos Dedos

Soube que as castanholas são irmãs
Da chuva que dança nos telhados,
Dos sapatos inquietos que desenham compassos no chão...
Herdaram o nome do castanheiro e da castanha,
Molde ancestral, trabalhado por mãos antigas,
Criado pelos fenícios
Para aplaudir os dançarinos.

Soube mais:
São pedaços de árvores com alma,
Que aprenderam a conversar com os dedos,
Sem saber que eram música...
Até que um bailarino lhes ensinou o ritmo de passos,
Prendeu-as nas mãos e soltou-as no ar,
Para que vibrassem no coração e reverberassem no chão.

Ouvi também que cantam em duetos:
A fêmea, agudo cristalino, voz que brilha;
O macho, grave profundo, ressonância da terra.
Juntos são harmonia percussiva que dança.

Foi na Espanha que as castanholas se consagraram.
Âmago do compasso, tradição que ressoa.
Percussão de assobio e sapateado.
No flamenco, a bata de cola serpenteia,
Enquanto cada estalo das castanholas
É, ao mesmo tempo, lamento e júbilo:
Pois os espanhóis deram-lhes um coração de chamas vivas,
Força e arte!

O Bigode dos Gatos

Ah, os famosos bigodes dos gatos!
Mais que charme –
São mastros de barcos que nunca precisaram de mar.
Varinhas de feiticeiro que rabiscam o invisível.
Sensores ultrassensíveis,
Que desvendam o que nem sempre se enxerga.

Fios de enigmas,
Antenas de mistério, pequenos compassos
Que medem o mundo.
O homem confia nos olhos.
O gato, nos bigodes.

Bigodes, bússolas de brechas, balizam becos.
Sabem a largura de cada canto antes mesmo de entrar.
Percebem frestas, atalhos e descaminhos.

Radares que farejam o desconhecido,
Tateiam a sombra sem medo.
Balizas que medem o mundo sem jamais tocá-lo.

Gatos sabem que às vezes o chão falta—
Mas, acrobatas das alturas, donos do espaço,
Pulam e pousam—nunca caem.

Ah, se tivéssemos esses bigodes — se víssemos além dos olhos,
Não tropeçaríamos tanto na vida!

Dorminhocos,
Enrolam-se em sonhos felinos,
Olhos semicerrados, mestres da espera,
Porque sabem que o tempo é uma ilusão,
Que o destino não corre, apenas chega.

E dormem de novo.
Como se soubessem que a urgência
É uma invenção dos que não têm bigodes.

Sutis, espertos, manhosos,

Captam sinfonias secretas que vibram na noite,
Duas oitavas acima do que ouvimos.

Se o gato parece distraído,
É só porque está ocupado escutando o mundo
Com suas antenas de segredo.

Um gato sem bigodes perde parte de sua magia
De sua matreira poesia.
Sem eles, perde-se o mistério.
Seria como apagar um mapa antes de conhecer o caminho.

Coisas que a Gente Aprende com o Tempo

Eu queria escrever um poema
Daqueles que nem sabem que são,
Como pedra que cochila no quintal,
Sem se lembrar de que um dia foi estrela.
Queria que ele dissesse que a humildade
Não é virtude: é ponto de partida.
Quem pisa no alto, tropeça no compasso.
Quem olha o chão, descobre o caminho.
E que essa nossa mania de ter a última palavra
É só medo de escutar o silêncio.

Queria falar da compaixão,
Mas sem usar palavra tão solene:
Prefiro dizer: "cuidar sem perguntar por quê".
Como vó faz.
Porque, às vezes, cuidar é só não ir embora.

Gostaria de partilhar a dor, só para não esquecer de perdoar.
O perdão, afinal, é o tempo abrindo mão da mágoa,
O agora desfazendo o passado,
Não por esquecimento,
Mas pela sabedoria de quem compreende o efêmero.

Desejaria cultivar a gratidão,
Que é enxada encostada depois da lida.
Dizendo: "Deu trabalho... mas valeu."

E como quando há gratidão, há também coração aberto,
Chegaria bem perto da misericórdia —
Que fica quietinha na sala,
Quando todo mundo já se levantou e foi embora.

E dessa ternura nasceria esperança de que o bem sempre retorna.
Como quando a gente planta a semente
Sem ter certeza se vai chover.

Mas por ser difícil caminhar sozinho,
Que nunca nos falte o companheiro,
Aquele que reparte o pão com o olhar, antes de dividi-lo com as mãos.
Aquele que nos entende mesmo quando não dizemos nada,
Porque a amizade mora num bilhete deixado na porta do vizinho:
"Se precisar de açúcar, bata.
Se não, bata só para conversar."

Anhangabaú

A cidade não sabe, mas carrega um fantasma entre os trilhos do metrô.
Um rio que virou feitiço.
Passava um rio aqui. Com água, peixe, margem...
Chamava-se Anhangabaú, nome de assombração.

Ali, pulsava um vale,
Mas o concreto silenciou um antigo "rio do mau espírito",
Cercado de mata e mistério.
Sob o chão febril da cidade, ele ainda murmura segredos em tupi.

Sob os arcos do Viaduto do Chá, dizem que o rio morreu.
Ou fingiu.
Deitou-se sob avenidas, vestiu-se de asfalto e pressa,
Resistindo canalizado.
Roubaram-lhe o céu, taparam-lhe os olhos com laje.

Ele, porém, ainda está lá.
Silencioso. Invisível. Insistente.
Corre sob os pés que o ignoram.
Sussurra baixo.
E quando a cidade cochila, ele sobe.

Mesmo com tudo isso, o rio não reclama.
Aprendeu o idioma dos porões.
Curva-se. Contorna. Espera.
Espreme-se entre os dutos, passa sob trilhos, desvia das fundações.
Porque sabe: um dia, em algum lugar,
Com paciência de água, quebrará o chão.
E encontrará o mar.

Anhangabaú: vale de todos os tempos,
Onde a cidade pulsa com um coração coberto d'água!

Falar Pouco é Andar Descalço

O silêncio é o polimento do espírito.

Fale pouco — o mundo anda surdo de tanto ruído.
Não carece da sua voz ecoando oca.

Fale pouco, mas escute tudo:
Até o silêncio carrega vírgulas que a fala atropela.

Fale pouco: quem se ouve demais esquece de entender.
Prefira o gesto, o olhar que espera, a palavra que não se apressa.

Porque, no fim, quem fala pouco erra mais devagar —
E comete menos tolices.

Falar pouco é o mesmo que andar descalço:
Sente-se mais o chão.
Eu gosto de escutar a sombra da árvore.
Ela não diz nada, mas cobre o chão inteiro.

Há palavras que atrapalham o pensamento.
Por isso falo pouco.

Algumas verdades não atravessam o som —
Vivem melhor quietas, inteiras no não-dito.
Às vezes, quando se fala pouco, se diz tudo.

Algumas palavras são como sabonetes molhados:
Escorregam antes de limpar.
Outras, pequenas, ficam no ouvido como semente —
E brotam no tempo certo.

Palavras são como sapatos:
As apertadas machucam, as folgadas tropeçam.
Use-as sob medida.

E se não respondo de pronto, é porque aprendi com o vento:
Até o eco só retorna quando a voz já se foi.

Hoje, falei só com uma formiga.

Ela nada disse.
Ignorou-me solenemente —
Como fazem os sábios quando a pergunta é inútil.
Ainda assim, senti que concordava comigo — com as antenas.
Foi o melhor diálogo do meu dia.

E se um dia eu parar no meio da frase, não repare.
É que achei mais bonito caminhar com as palavras nas mãos,
Sem pressa de soltá-las no mundo.
Fui ouvir, outra vez, a formiga andando sem dizer sua opinião.
Não me interrompa: estarei inteira na pausa,
Passeando entre duas ideias...

Banho de Chuva

Riscam o céu traços úmidos, brilhantes,
Como dedos de vidro escorrendo no ar.
Cada gota carrega um suspiro do alto,
Um segredo líquido prestes a tombar.

O vento esculpe caminhos incertos,
Tecendo mapas sobre o chão atento.
Estalam no telhado com voz de lembrança,
Acordando o silêncio do pensamento.

Sinto na pele o peso leve do instante,
Frio que dança, pulsa, atravessa.
É o céu despindo-se de sua altivez,
Lavando o mundo de toda pressa.

E o chão, cúmplice mudo da queda,
Acolhe em abraço cada despedida,
Como se a chuva fosse — enfim — a eternidade sendo ouvida.

A primeira gota não avisa.
Cai como quem testa o mundo,
Como quem pergunta: posso entrar?

Depois, vêm as outras.
Tropel líquido no céu de chumbo,
Riscando o ar como memória que volta antes mesmo de ter ido.

Os paralelepípedos respiram — exaustos, aliviados.
A terra escurece, como quem fecha os olhos para sentir.
As árvores oferecem folhas e galhos ao impacto translúcido.
Parecem rezar encharcadas de silêncio.

E eu, no meio disso, de rosto erguido,
Sinto cada gota.
A água escorre como se soubesse onde doem os dias.

Chover é o modo de o céu dizer que ainda se importa.
Mesmo sem palavras.
Os fios do céu desfazem-se em rendas líquidas, em queda livre.

Não há pressa.
A água apenas insiste em tocar aquilo que o tempo esqueceu.

As poças — espelhos inquietos — devolvem o mundo em fragmentos,
Refletem uma cidade que se curva sob o peso gentil do intangível.

Tudo soa diferente na chuva —
Os passos viram pensamentos;
Crianças descobrem que pular é a forma mais sincera de brincar.
E há os que se protegem,
Como se a água fosse ameaça...

A chuva vem sem bater na porta.
Entra como quem mora ali.
Pinga no meu imaginário e anda comigo, calçada afora.

Ninguém repara...
Só eu — e uma andorinha que, do fio,
Espia com cara de quem entende
Mas prefere não dizer nada.

E quando a chuva vai embora,
Fica o aroma do mundo lavado,
Como se os pecados da terra tivessem, enfim,
Escorrido pelas costas do céu.

Nesse banho de chuva, as nuvens destilaram saudades em camadas altas.
Precipitaram doces lembranças.

A madrugada molhou os corações expostos.
E nasceu, no entardecer, uma poesia: que chova!
Que molhe tudo,
Pois quem tem alma molhada, não teme poça!

Talvez por isso inventaram o chuveiro:
Para simular o céu,
Uma maneira de provocar chuva em casa,
Fingindo que há nuvem no teto,
E tomar, a qualquer hora, um banho de poesia.

Tijuca Imperial

Un poème tissé de feuilles, d'exil et de lumière.

Fugindo da guerra que devorava a Europa,
A coroa portuguesa veio para o Brasil, em galés de medo mas também de esperança.
Napoléon avançait comme un feu incontrôlable.

O Rio de Janeiro, ainda nascente, ergueu-se em trono e vitrine para o mundo.
Na névoa das montanhas, a Tijuca guardava o silêncio das eras vegetais.
Ty-yuc, murmuravam os tupis — brejo sagrado, onde a água escuta mais do que corre.

Chegou a Missão francesa, *les artistes et les savants,*
Com olhos dilatados às formas do novo mundo.
Debret desenhou a rua como quem traduz um ritual.
Taunay procurou a cor que escorre por trás da cascata.

La Cascatinha — *un voile d'eau suspendu dans l'éternité,*
Pintada como quem reza em tinta e luz.
Entre orvalho e sombra, crescia, discreto, o café Bourbon,
Com sua alma de perfume doce e sotaque do Índico francês.

Mas o machado veio.
A mata gemeu.
Em minutos, séculos tombaram.
Dom Pedro II— homem de silêncios e ciência —
Propôs o impossível ao tempo:
Reflorestation avant l'heure —
Uma ideia inédita no mundo tropical.

A floresta respondeu.
Voltou.
Não como antes —
Mas como promessa, raiz de resistência.

Hoje, quem anda por suas trilhas
Escuta mais que o canto dos pássaros:
Ouve o eco dos exílios, o rumorejo dos pinceis,
O suspiro da terra que aprendeu a renascer.
Imagina o Império, sente o sopro fresco da mata,
O aroma do café, a tinta fresca das aquarelas...
Que ainda sussurram o passado sob a neblina da manhã.

Sob o Estandarte do Tempo

Um poema atravessa os séculos,
Ergue torres na alma do imaginário
E escava o silêncio adormecido nas ruínas.

São os castelos. Fortalezas. Cidadelas.
O que temiam?
Invasores do norte? Demônios? Heresias?
O escuro profundo do bosque?
Ou o assobio de flechas com gosto de agonias?

Agora, só o musgo reina, bordando com esmeralda
A muralha que venceu o esquecimento.
Não há mais cerco.
Só pedra erguida como prece —
Anseio de alturas de um espírito que ainda não morreu,
Que resistiu ao tempo, ao medo e à erosão dos sonhos.

Ergo-me à sombra da torre exausta.
No alto, um estandarte gasto flameja:
Sinal trêmulo de que o tempo não apagou tudo.
Ali vigia uma ausência viva —
Guarda sem rosto que ainda escuta o sussurro das eras na dobra do vento.

O fosso repousa, sereno.
Já foi abismo de medo e proteção.
A ponte levadiça, hoje adormecida,
Foi o limiar entre o pão e a lança.
As ameias, cerradas como pálpebras,
Recordam sentinelas fossilizadas no dever.
E cada pedra, angulosa,
Conserva em sua espinha
O eco de orações, blasfêmias e comandos.

A cidadela pulsava — fé, comércio, febre.
Um sino tangia o alvorecer e fazia da manhã um ritual.
Por que torres tão altas?
Por que muralhas tão espessas?
Porque a arquitetura falava do invisível:
Do poder que teme e esmaga, da alma que ascende e resiste.

Falava em pedras, matacães, barbacãs e masmorras,
Em torre de menagem como espinha da esperança.

Diante de mim, surge a fortaleza antiga,
Erguida num planalto envolto por neblinas.
O céu é pesado como os séculos que pairam no ar.
As muralhas estão feridas.
Faltam pedras.
Gretas rasgam as superfícies como rios secos,
Marcas de batalhas vividas e colapsos internos.
Mesmo assim, permanecem erguidas,
Fiéis à sua função:
Abrigar. Proteger. Resistir.
Os cimos das torres estão despidos de arrogância.
Ao redor, o terreno é irregular —
Um mosaico de cicatrizes e flores silvestres.
O fosso, agora, é espelho d'água imóvel,
Reflete nossas vitórias... e rendições.
No pátio interno, cresce um jardim improvável —
Raízes ancestrais entre pedras,
Flores nascendo onde jamais houve terra.

E então, compreendo:
Este castelo sou eu.
Sou muralha que ainda teme, mas prossegue.
Sou torre que rui, mas onde ainda tremula
Um estandarte de sonho.

Aliás, Havia Também Girondas

Aliá — é apenas uma elefanta.
Aliás, por sua vez, são elefantas de trombas cansadas e sombras compridas,
Que caminham devagar na beira das frases,
Palavras pesadas demais para caberem num advérbio.

Mais eis que, na sintaxe selvagem da manhã, surgem as girondas:
Fêmeas do javali, com presas de resistência e olhos de mato,
Parecendo um tempo verbal indócil,
Bichos que agem, rugem o sentido e conjugam o escuro.

Ambas vieram de outras savanas.
Se as aliás carregam o advérbio como quem leva uma história mal contada,
As girondas parecem ser verbo disfarçado de fera,
Ou talvez sejam apenas palavra que se assemelha a uma boneca de corda!

Assim, este poema precisa ser um lugar onde
Fauna e imaginação
Dividem a mesma toca.

E o idioma, coitado, tropeça:
Como é que se doma um advérbio e um pretenso verbo com patas?
Melhor deixá-los selvagens!
A língua também é floresta,
E às vezes é preciso deixar os bichos morarem nos fonemas
Para que corram soltos, sem jaula.

Borracha Invisível

No silêncio da alma há traços de dores
Que o tempo não desfez.
Cicatrizes esboçadas a lápis,
Em papéis que a memória tece.

Mas e se houvesse, sutil e serena,
Uma borracha sem corpo nem borda,
Feita de névoa, de brisa pequena,
Que ao toque desfaz o que transborda?

Não para varrer o que é verdade,
Mas para aliviar o que consome,
Apagar os gritos sem identidade,
Libertar-nos do que não tem nome.

Essa borracha — sopro do agora —
Desvanece o rancor que se agarra,
E com gesto de amor ela restaura o espaço
Onde o bem se desamarra.

Apagar não é negar o vivido,
É apenas escolher o que é abrigo.
Só machuca, mas não tem mais sentido,
Merece o esquecimento.

Algumas lembranças mordem.
Outras apenas sussurram em horas estranhas.
Tudo quer ficar. Tudo insiste.
Mas o que é tóxico cria raízes nas frestas da atenção.

Não busco esquecer por capricho.
Esquecer é ato político.
Desaprender o que o mundo ensinou errado.
Silenciar o eco da culpa herdada.
Apagar os contornos do que só sabota.

Queria uma borracha feita de tempo —
Não aquele dos relógios, mas o tempo que cura por cansaço,
Que desgasta a dor até ela deixar de doer.

Apagar não é falsificar o vivido.
É redesenhar algumas particularidades.
Limpar o quadro para que haja espaço para a próxima história —
Mais leve, mais justa, talvez até alegre.

Essa borracha não tem cheiro de borracha.
Tem cheiro de vento depois da chuva.
Apaga apenas o excesso.

Mercadores de Ilusão

Oferecem sonhos embrulhados em névoa,
Promessas sutis em sacolas de bruma.
Chamam de “futuro” o que ainda é vapor,
E de “verdade” o que apenas se insinua.

Mas não são farsantes, nem sombras vazias.
São poetas disfarçados de vendedores,
Plantando sementes em solos descrentes,
Regando com ternura os jardins das dores.

Trazem nas mãos o contorno do possível.
E nós, famintos de sentido,
Aceitamos o invisível como pão.
Não são enganadores.
São os que ouviram o silêncio de Deus
E decidiram traduzi-lo em esperança.

A ilusão, dizem, é o primeiro nome da fé.
E quem nunca se deixou enganar pela beleza
Ainda não aprendeu a enxergar.
Há uma nobreza em crer,
Pois o espírito floresce não na certeza,
Mas na entrega.

Ilusão – rascunho da esperança,
Ensaio do que ainda não se vê.
Quem nunca comprou um punhado de crença
Não conhece o valor de acreditar no que é.

Há beleza no que não é certo,
Na curva do caminho que não se prevê.
E mesmo o engano, quando vem por afeto,
Ensina ao coração o que a razão não lê.

Que venham, então, os vendedores de ilusão!
Que nos façam sonhar, tropeçar, levantar,
Pois viver é também um encantamento.

O mundo é tecido de esperas e miragens.
“Vai. Mesmo que não chegue.”

Já seguimos vozes que não sabiam o caminho.
Mas fomos felizes por um instante — e isso basta.

Ilusão — essa mercadoria esquecida,
Flor que ninguém mais cultiva,
Esperança que dorme nos bolsos rasgados
Dos que ainda acreditam no amor.
Esses vendedores não mentem.
Oferecem o que o mundo já não se lembra:
A possibilidade de sonhar sem pedir licença à realidade.

E eu compro.
Porque viver sem ilusão
É como comer sem fome,
Amar sem desejo,
Andar sem destino.

Esses mercadores não aceitam cartão.
Não anunciam seus produtos.
Apenas deixam cair, sem querer,
Uma palavra bonita.
Só trocam por um pouco de fé no improvável.

E quem compra, não sabe que comprou.
Só percebe depois,
Quando o dia parece menos cinza,
Quando o café tem gosto de lembrança,
Quando o ônibus demora, mas não incomoda.

Esses vendedores são raros.
Estão em extinção.
Só os que ainda sonham os enxergam.

Eu ainda os procuro.
Nas esquinas, nos versos.
Porque a ilusão
É o que nos salva do excesso de realidade.

Talvez sejamos todos vendedores de ilusão,
Ou compradores,
Ou apenas sombras
Que procuram abrigo nas ruínas de um sonho antigo.

Pinguim de Geladeira

No alto da geladeira branca, está o rei do frio fingido —
Um pinguim sem gelo, com pose de quem já viu o mundo.
De louça, em traje de cerimônia:
Casaca de gala e cachecol de cometa.
Olhar vago,
Vigia silêncios, sobras e segredos em conserva.

Mascote sem raízes nestas latitudes, sem linhagem,
Mas evoca o Polo, que nunca pisou.
É símbolo sem símbolo,
Bicho sem bioma,
Animal sem ecossistema, em exílio decorativo.
Fabricado para parecer lembrança.
Não conhece o vento polar, nem o silêncio branco das calotas.
Foi colocado ali — sobre o altar doméstico do frio.

Entre o cheiro dos refogados,
Ele parece imóvel, imortal,
Como quem sabe que o tempo não degela o esquecimento.

Já foi moda, já foi mimo, hoje é quase um mito doméstico —
Um totem do consumo travestido de afeto, um bibelô.
Mas há quem jure que ele escuta, que pisca à meia-noite,
Que sonha com *icebergs,*
Enquanto o freezer ronca,
Como um velho motor cansado.

Talvez, agora, esteja encostado,
Numa prateleira empoeirada de antiquário,
Entre telefones de disco e molduras sem foto.
Mas em mim, permanece inteiro —
Feito memória: simples e necessário.

Uma Poética da Jurisdição Doméstica

Na ordem familiar,
Há uma autoridade silenciosa que resolve muitos conflitos
Antes que se tornem litígios.

A mãe.
Instância originária.
Competência cumulativa.

Como juíza natural do lar,
Ela exerce jurisdição não delegada,
Mas legitimada pelo afeto e pela prática reiterada.
Seu poder não está nos códigos,
Mas na memória coletiva.

Não foi nomeada.
Não prestou concurso.
Não jurou sobre a Constituição.
Mas exerce jurisdição plena desde o primeiro choro.

Ela conhece o rito:
A mediação entre irmãos,
A sentença sobre o horário das refeições,
A importância da paz servida à mesa.

É figura que transcende o conceito de parte.
É autora, ré, juíza e executora.
Sua competência não é atribuída por lei,
Mas por necessidade histórica.

Julga sem audiência,
Mas com escuta.
Decide sem contraditório,
Mas com empatia.

A doutrina não alcança o que o costume sedimentou:
O poder de decidir com base no amor.
Esse poder não foi outorgado.
Foi assumido
Pela presença constante de quem nunca se ausentou.

O tempo lhe conferiu direito adquirido.
Não por prescrição, mas por dedicação.

Ela é quem mais reúne competências...
Julga o conflito do banho,
Media o uso do computador,
Arquiva brinquedos espalhados e memórias.

Embora coautor necessário e corréu confesso,
Muitas vezes o cônjuge se evade das penas do lar...

Chiovenda não previu:
No processo doméstico,
Dispensa-se petição inicial.
Basta um olhar.
Carnelutti falaria em relação jurídica,
Mas aqui, a relação é de afeto.

A mãe preside.
Competência originária,
Sem concurso, sem edital.
Não há litisconsórcio — há filhos.
Ela decide. Pacifica. Protege.
Lava a louça. Faz cafuné.

Promotora dos bons costumes,
Defensora da paz familiar,
Executora de sentenças alheias,
E ré – por nem sempre agradar.

A suspeição é evidente:
Não há imparcialidade possível.
O impedimento é flagrante,
Mas o sistema é invisível.
Séculos de jurisprudência afetiva
Sustentam esse modelo.
E qualquer tentativa de revisão
É arquivada com carinho.

Mesmo sobrecarregada,
Decide com equidade,
Age com ternura, e concilia com silêncio.
Na família, ela é o tribunal invisível que sustenta a ordem,
Com a força do amor incondicional.

Decantar o Mundo

Na cozinha da casa antiga,
Entre o fogão de lenha e o armário de madeira,
Ficava o filtro de barro.

Não era objeto — era rito.
A água chegava turva, inquieta, cheia de mundo, cheia de pressa.
Mas ali, no ventre de barro, aprendia a mansidão.

O filtro não tinha pressa.
Sabia que a água precisava de tempo para se tornar clara.
Como nós, que só nos tornamos suaves
Quando deixamos a alma decantar.

A vela, paciente, filtrava sem queixas.
Retinha o que pesava, deixava passar o leve.
Gotejava como quem reza,
Pingava como quem ensina que tudo tem seu tempo.
A pressa não purifica, apenas transborda.

Cada gota era uma pausa.
Era memória líquida,
Escorrendo da infância, da casa da avó,
Do tempo em que a sede era simples.

Sede de antigamente,
Sede de chão batido, de sombra de árvore,
De gente que bebia devagar porque sabia:
A vida não se engole — se saboreia.

Era sede de afeto,
De tempo compartilhado,
De confiança no que não vinha com manual.

O filtro de barro não tinha botão,
Mas tinha alma.
Hoje temos filtros elétricos, luz UV, tecnologia,
Mas falta o silêncio do gotejar,
A espera que ensina,
O frescor que vem do barro.

Talvez o que nos falte não seja apenas a água pura,
Mas o rito que a tornava sagrada.

Eu quero ser como o filtro de barro:
Filtrar o mundo tranquilamente,
Acolher o que é leve,
Deixar escorrer o que pesa.

Ser ventre de silêncio, onde o tempo decanta, onde a pressa não tem lugar.
Ser pausa, ser fonte.
Ser barro — não por ser rústico, mas por ser raiz.
Ser filtro — não por conter, mas por transformar.
Porque há em mim uma sede de clareza,
E a vontade de oferecer água calma ao mundo.
Não apenas para matar a sede,
Mas para saciar a alma.

A Dignidade do Insucesso

No palco onde brilham os vitoriosos,
Há sombras que dançam com igual beleza.
São feitas de sonhos não realizados,
De coragem exposta à luz da vulnerabilidade,
De passos falhos — mas cheios de firmeza.

O insucesso não é ausência de glória,
É outra forma de contar a história.
Quem cai sem medo de tentar de novo,
Carrega mais dignidade do que quem nunca ousou o risco da queda.

Não há desonra em não vencer o laço
Se o nó foi dado com amor verdadeiro.
O mundo aplaude quem chega ao topo,
Mas se esquece de quem construiu o caminho.
E é no silêncio dos que lutaram,
Ainda que não tenham vencido,
Que mora a força genuína.

Até porque, os que se vangloriam da vitória,
Nem sempre são dignos de tê-la alcançado.

Não venci.
Nem ontem, nem hoje, nem amanhã,
Mas continuo.
Porque parar — isso sim seria fracasso.

O mundo exige brilho,
Mas muitos são foscos:
Passos que não chegaram ao palco,
Em ensaio eterno, sem estreia.

Dizem que o sucesso é tudo,
Mas tudo é demais.
Tudo é um espetáculo que termina em silêncio.

Prefiro o quase.
O quase é honesto.
O quase não mente.
O quase não precisa de aplausos.

Por que o sucesso é tão importante?
Talvez o insucesso seja um mestre mais sábio,
Capaz de ensinar o que o triunfo jamais revelaria.

A queda queima o orgulho, mas, em contrapartida, acende a alma.
O chão não é castigo — é ponto de partida.
Mesmo porque, quem cai vê o céu de outro ângulo.

Tempestade em Copo D'água

Tenho mania de engrandecer o que não pede.
Faço tempestade com a lágrima de um mosquito.
Dou conferência para o silêncio das pedras.
E quando um copo derrama uma gota —
Chamo os bombeiros da alma.

Aprendi com os passarinhos a fazer escândalo com migalhas.
Com as lagartixas, a dramatizar o calor do muro.
Com as crianças, a chorar porque o vento levou um pedaço de papel.

Sou especialista em exageros mínimos.
Transformo um "não" em vendaval.
Um olhar torto em *tsunami.*
Um atraso de cinco minutos em fim de mundo.

Não por drama.
Mas por vocação desde menina.
Porque o mundo me interessa ainda mais
Quando cabe numa caixa de fósforos...

Acredito que, finalmente, aprendi que
Quando a tempestade se formar no copo,
Não devo tentar esvaziá-lo com urgência,
Mas observá-lo:
Talvez seja só uma dança entre a gota e o vidro.

Devo respirar como quem sopra nuvens.
Não me afobar —
O trovão interno é só um eco de ontem.

A água agitada não quer me afogar, quer me ensinar a flutuar.
O segredo não está em conter a chuva,
Mas em aprender a ser guarda-chuva de si mesmo.
Ser abrigo. Ser margem.

O copo não é o problema.
É o mergulho sem preparo,
É o raso que se imagina abismo.

Então, quando vier a tempestade,
Devo sentar-me à mesa com ela.
Conversar com os relâmpagos.
E quando a água baixar,
Agradecer por ter aprendido a nadar sem sair do lugar.

Às vezes, ainda faço uma tempestade em copo d'água.
E confesso: é bonito.
A água agita-se com elegância,
Como quem dança um tango com o vento.
O copo, coitado, não entende nada.
Mas também — quem entende os exageros do coração?
Apenas uma gota de saudade vira maré.
Um silêncio vira trovão.
No fim, a tempestade passa...

E a Tempestade Volta...

Troveja.
O céu se fecha.
O mundo parece ruir —
Mas é só um copo,
E a água nem transbordou.

Faíscas de indignação,
Relâmpagos de argumentos,
Ventos de suposições.
Tudo gira em torno de um detalhe microscópico
Elevado à categoria de catástrofe.

Ah, os exageros da alma…
Transformam gotas em *tsunamis,*
Suspiros em vendavais,
E esquecem-se de que o copo é pequeno
E a água, morna.

A vida, às vezes, é assim:
Um teatro de emoções infladas,
Onde o drama é protagonista
E a razão, figurante tímida.
Mas quem nunca fez tempestade em copo d'água
Que atire a primeira nuvem.
Talvez exagerar seja humano.
Talvez dramatizar seja uma forma
De dar importância ao que nos escapa.

E no fim, quando a espuma assenta,
Percebemos que o copo continua ali,
Sereno, transparente,
Como quem diz:
Era só água.
Mas a alma, como sempre,
Exagerou na previsão do tempo.

Primavera na Neve

Em Montemurro,
Onde o frio estende um lençol alvo
Sobre a alma da Lucânia,
Um menino chamado Domenico
Pulava janelas com a leveza da infância.

Era ele que, com mãos pequenas e firmes,
Puxava a neve da soleira da porta com a enxada,
Abrindo caminho para o dia entrar,
Sem que o inverno invadisse a casa.

Foi numa manhã de silêncio branco
Que o milagre se fez broto:
Um verde tímido, quase segredo,
Rompeu o gelo com a coragem da esperança.

O mundo inteiro coube naquele instante:
A neve, as montanhas, o tempo suspenso,
E o broto – como um sussurro de Primavera.

Décadas depois, no Brasil que ele aprendeu a amar,
Contou essa história para mim, sua neta.
Hoje, também sou avó
E ainda vejo, com o mesmo carinho e amor,
O broto que insiste em nascer.
Porque há memórias que não congelam,
Há raízes que atravessam oceanos,
Que abrem espaços para a vida florescer.

Varal de Quintal

Ah, o varal…
Esse equilibrista anônimo do cotidiano,
Que sustenta memórias ao vento
Como quem pendura sonhos para secar.

No quintal, ele é linha do tempo,
Esticado entre o tronco de um velho pinheiro
E o prego cravado na parede da edícula...

Carrega no dorso o cheiro do sabão,
O peso leve das roupas lavadas,
E os segredos que o vento escuta
Ao atravessar fronhas e camisetas.

O bambu, seu fiel escudeiro, ergue-o com reverência,
Como quem sabe que até o gesto mais simples
Merece altura.
Ali, ele testemunha a dança da vida:
A rotina que se pendura,
O tempo que se estende e depois se recolhe.

É palco de sol e sombra,
De infância correndo entre toalhas,
De mães que estendem cuidados,
De avós que penduram saudades.

Entre o chão e o céu,
O varal ensina que a vida é feita de pano,
De vento, de espera, e de brincadeira.
Porque o que não serve para brincar,
Não serve para viver.

Tem lençol que vira vela em navio imaginário,
Blusa que quer voar,
Toalha que enxuga lembrança,
E lenço que chora em silêncio.

Tem bermuda de menino,
Vestido de mulher,

E um silêncio entre os panos
Que ninguém sabe o que é.

No varal mora também o luar.
Porque até roupa lavada tem vontade de sonhar.

E à noite, quando tudo se abriga,
Ele permanece ali —
Quieto, guardando o silêncio das fibras,
Esperando o próximo dia
Em que a vida, lavada de novo,
Virá secar ao seu lado.



Vamos Deixar... Para Ver Como É Que Fica

Vamos deixar.
Não por desistência ou por fraqueza,
Mas por desafio:
Ver o que acontece
Quando não tentamos controlar o incontrolável.

Vamos deixar.
Porque mexer dá trabalho
E o Universo não paga hora extra.

Vamos deixar.
Porque o mundo não precisa de conserto.
Precisa de escuta.
E escutar é permitir que as coisas falem
Sem que a gente interrompa.

Vamos deixar.
Porque o tempo é jardineiro paciente,
E o impulso, um vento que sopra antes da semente.
O rio não precisa de empurrão para correr.

Vamos deixar
E observar
E aprender com o que fica.

Talvez fique vazio.
Talvez fique insuportavelmente real.
Talvez encontremos não o sentido,
Mas a coragem de viver sem ele...

Vamos deixar como está
E viver com mais leveza:
Mais riso, menos culpa.
Porque, se der tudo errado,
Ao menos saberemos –
Não fomos nós que pesamos...

As Núpcias de Caná

Na Galileia, onde o tempo se curva ao Eterno,
Celebra-se o amor humano —
Frágil, festivo, finito,
Pálido reflexo do Amor divino.

E Maria vê o vinho faltar.
“Eles não têm mais vinho.”
Palavras que não exigem, mas esperam.
Não ordenam, mas confiam.
Palavras simples, mas cheias de céu,
Acompanhadas por um olhar que intercede.

Eis que a água se transforma,
Apenas pela presença do Filho obediente à Mãe.
O vinho novo jorra como a Nova Aliança,
Melhor que o primeiro.

O milagre em Caná antecipa o mistério da Ceia,
Onde o vinho não apenas alegra, mas redime.

O mestre-sala prova o vinho de Deus, e profetiza:
“Guardaste o melhor até agora.”
Sim — o melhor é agora,
Porque Deus está entre nós.

Este é o primeiro milagre,
Não por acaso,
Mas por desígnio:
A alegria é a linguagem do Reino,
E o vinho, sua metáfora.

Caná é mais que um lugar —
É o instante em que Deus se revela,
Sem anunciar o milagre,
Sem interromper a festa,
Mas enchendo-a de eternidade.

Abridor de Segredos

Tenho no bolso um abridor de latas,
Mas não é para sardinhas, nem para massa de tomate.
É para abrir silêncios que guardo no peito,
Como quem abre uma rosa com cuidado
Para não ferir o perfume.

Ensinaram-me que há sal nas lágrimas
E que o amor tem gosto de fruta madura.
Sussurram-me que o tempo é um menino desatento,
Que esquece brinquedos dentro da gente.

Então, quando penso em me abrir,
Abro com mãos que não são minhas
E com olhos que já viram o invisível...

De dentro de mim escapa um poema,
Meio tímido, meio atrevido,
Que fala de coisas que nunca aconteceram
Mas que doem como se fossem lembrança.

É quando eu sorrio
Porque abrir-se é isso:
Deixar que o mundo veja
O que nem eu sabia que existia.

Depois fecho minha lata,
Mas deixo uma fresta
Porque amanhã, talvez,
O abridor volte com outro nome:
Um beijo,
Uma pergunta, um cheiro de canela,
Um pôr do sol distraído...

Esconderijo de Defeitos

Minha amiga mora numa casa
Que sabe esconder defeitos.
Não é feita só de tijolos,
Mas de silêncios bem colocados,
De cortinas que dançam para distrair os olhos.

Ela diz que ali suas imperfeições descansam,
Como gatos no sol da tarde.
A casa não as julga,
Apenas as acomoda em almofadas de tempo.

Há quem diga que há provérbios nas paredes,
E memórias que escorrem como azeite sobre pão.
Há quem sorriria,
Achando graça no fato de que até os defeitos
Precisam de um lar!

A casa é seu esconderijo –
Não de ferro, mas de afeto.
Fechada por fora,
Mas cheia de janelas por dentro.

E quando ela abre a porta,
Não é para espalhar defeitos:
É para que o mundo perceba
Que ali dentro mora alguém
Que se permite ser inteiro
Sem precisar ser perfeito.

O Pires no Tacho

O transbordamento é pressa;
A doçura é fogo lento com um pires de permeio.

No fundo do tacho,
Um pires repousa,
De boca virada,
Sem pressa, sem alarde,
Como quem sabe que o fervor da vida
Precisa de um truque para não transbordar.

O leite sobe,
Impetuoso, branco e quente,
Querendo romper as bordas do mundo,
Mas o pires, discreto, distrai o fogo,
Levanta seu peso
E apura o leite com açúcar para o doce de leite.

Assim também é a alma em combustão,
Quando ameaça vazar!
E então, vem um gesto pequeno, quase invisível,
Que muda o rumo das coisas.

Um silêncio, uma pausa, um olhar que acolhe,
Um amigo que chega, uma lembrança que acalma.
Pode ser fé, pode ser tempo, pode ser oração.
Pode ser dor que ensina, ou esperança que sustenta.
Feito o pires no leite quente, que distrai a ebulição.

E no fim, vira doce.
Com gosto de espera, com sabor de transformação.
Porque a vida,
Como o leite no tacho,
Só vira doce quando há contenção.

Norte e Oriente

Perdi o Norte,
Quando o mundo virou bússola quebrada,
E os mapas já não sabiam me dizer se o caminho era avanço ou fuga.

Busquei o Oriente,
Onde o sol nasce com paciência num campo de chá,
E os passos seguem o tempo do silêncio, não o da pressa.

Desnorteado,
Como os navegantes que perderam o astrolábio,
Fui vento sem margem.

Desorientado,
Como os que viraram o rosto contra o sol nascente,
Fui alma sem cais.

Mas há quem reencontre o rumo num gesto,
Num rito, num olhar que aponta sem exigir.
Porque há Norte que guia,
E Oriente que revela.

E há quem precise se perder para enfim se encontrar.

A Bailarina que Fugiu da Caixinha

A caixinha de música,
Antes tímida na prateleira,
Decidiu abrir-se sozinha.
Não foi sem querer.
Foi por vontade.

A bailarina,
Que até então girava num palco do tamanho de um suspiro,
Resolveu dançar por aí.

Saiu pela sala,
Pisou no chão com pés de porcelana e acordes nos tornozelos.
Cada passo era um bemol, cada giro, um sustenido.
Saltou sobre o sofá e fez piruetas entre as almofadas.

Na rua, confundiram-na com o vento.
Mas era ela —
Dançando Chopin com os pés descalços e o coração em *allegro*.

Entrou em sonhos alheios,
Fez arabescos nas nuvens,
Girou no reflexo das vitrines...

A caixinha?
Ficou lá, aberta,
Com o fundo de veludo azul esperando que ela voltasse.
Mas quem dança com a alma não volta — ela se espalha.

E agora,
Toda vez que alguém escuta um Noturno ao acaso,
Acha que é só piano...
Mas é ela: a bailarina.
Dançando onde ninguém vê,
Mas todos sentem.

A Lágrima que Virou Sal

Ninguém sabe ao certo quem chorou primeiro.
Talvez tenha sido o mar.
Talvez tenha sido o peixe, surpreso com o mundo.

Mas dizem que foi uma mulher —
Não uma personagem, uma mulher de verdade,
Com olhos que sabiam guardar o céu.

Ela chorou sem saber que chorava.
Era só um silêncio que escorria.
Mas quando a lágrima tocou a terra,
O chão se espantou: era sal!

E o sal, curioso, perguntou ao vento:
“De onde vem este gosto de dor?”
O vento não soube responder,
Mas espalhou a pergunta pelo mundo.

Desde então,
Toda lágrima carrega um pouco de mar,
Um pouco de memória, um pouco de descoberta.
Porque o sal é mais que tempero —
É lembrança.
É o rastro da emoção que ousou se tornar matéria.

E a mulher?
Ela não sabia que havia inventado o primeiro oceano.
Mas chora,
Como quem escreve com água o que não cabe em palavras.

Bordadeira de Estrelas

Todas as noites a bordadeira sobe no telhado,
Com seus olhos de agulha e mãos de constelação.
Não tem medo da altura —
Tem intimidade com o infinito.

O céu, para ela, não é abismo.
É pano:
Um grande manto escuro esperando pontos de luz.
Com linha feita de cometa,
Borda estrelas no seu forro.
Cada ponto é uma lembrança,
Cada brilho, uma saudade que acendeu.

Às vezes, ela costura devagar,
Como quem hesita entre o sonho e o verso.
Outras vezes, borda com pressa,
Como quem precisa iluminar o mundo antes que ele se apague.

Ninguém a vê.
Mas todos a pressentem.
Porque quando ela borda,
O céu deixa de ser distante e vira abrigo.
E se, numa noite,
Você olhar pra cima e vir uma estrela que lhe pareça nova,
Não duvide: é ela.
A bordadeira,
Que costura esperança no tecido da escuridão.

Ponto de Partida

Há um instante que não se nomeia,
Onde o tempo vacila entre o passo e o abismo.
Ali está o ponto de partida.

É o primeiro sopro
Mas também o último suspiro.
O mesmo chão que acolhe o pé
É o que se afasta quando partimos.

Partir é verbo de asas e raízes:
Voa rumo ao desconhecido,
Mas leva consigo o eco do que foi.

No ponto de partida,
Há olhos que se abrem ao mundo
E olhos que se fecham em paz.

É o começo que já pressente o fim,
O fim que se disfarça de começo.
Como o sol que desponta no horizonte
Mas que já caminha para a noite.

E quem parte,
Não abandona apenas o lugar —
Deixa também o tempo,
Deixa o que poderia ter sido,
Mas leva o que foi.

O ponto de partida é um paradoxo:
Onde tudo germina,
E tudo se despede.

Há quem parta por escolha,
Há quem parta por destino.
Mas todos, em algum momento,
Partem de si mesmos.

E talvez, no fundo,
Todo ponto de partida seja apenas
Uma tentativa de retorno —
A um lugar que nunca existiu,
Mas que sempre nos chamou.

O ponto de partida
É mais um capítulo
Do romance que a vida escreve
Sem consultar o autor.

E então, um dia,
Partimos pela última vez.
Não sabemos para onde,
Mas sabemos que é definitivo.

Toscana: Poema Italiano

Na Toscana uma luz dourada dança nas pedras:
O céu, tal uma aquarela de fim de tarde,
Mostra que ali o tempo aprendeu a sonhar.

No silêncio das suas colinas,
A sombra dos etruscos ainda respira.

A cada canto há um segredo renascentista:
O mármore fala nas esquinas e os afrescos escutam...

Os campos, pintados por mãos invisíveis,
Ondulam como versos antigos,
Desenhando o tempo em curvas suaves,
Onde o sol repousa como um velho amigo
Ou pula entre os vinhedos e telhados vermelhos
Como um menino travesso!

O vinho rubro, tal sangue da terra,
Dorme em barris de carvalho
Onde cada gota carrega a alegria de gerações
E o segredo das estações.

As cidades, com seus muros de séculos, não envelhecem —
Amadurecem como frutos de sabedoria.
Guardam em cada pedra o eco de uma oração.

Quando o vento sopra, ele não passa —
Conversa com ciprestes, e nos chama pelo nome,
Como um verso de Dante.

Toscana é o poema que a Itália escreve
Com tinta de sol e sombra de oliveira.

Naipi e Tarobá: Catarata em Verso e Queda Livre

Naipi — pele de rio, olhos de correnteza.
Prometida a Mboi, o deus serpente,
Mas se apaixonou por Tarobá sob a lua,
Que não respeita pactos.

Tarobá — pé de guerreiro, alma de vento.
Desafiou o tempo, o rito, o medo.
Fugiram.

Canoas cortaram o Iguaçu como flechas contra o destino.
Mas o deus viu e rasgou a terra.

A queda.
A água em fúria.
O grito quebrou-se em espuma...

Naipi virou rocha,
Tarobá — tronco eterno, guardando o abismo.

E as Cataratas?
São o choro que não seca.
São o amor que não morre.
São o protesto da natureza contra os deuses que não amam.

Licença Para Ser Menos Exigente

A maior liberdade é não se cobrar além do necessário.

Exijo de mim o que o mundo não cobra,
O que o espelho não mostra,
O que o tempo não se dá ao trabalho de ensinar.

Muitas vezes,
Exijo de mim que eu seja gentil com os outros,
Mas esqueço de ser gentil comigo.

Outras vezes,
Exijo de mim o impossível —
Mas só quando o céu está limpo:
Nos dias nublados,
Permito-me ser apenas nuvem
Sem pressa, sem culpa.

Não espero nada de ninguém,
Como não espero que o rio me diga para onde vai.

Mas, talvez, no fundo, eu espere um pouco —
Não por sabedoria,
Mas por já ter esperado muito.

Ou quem sabe ainda aguarde o inesperado:
Um silêncio que acolha,
Um erro que ensine.

E sigo adiante:
Leve por não depender,
Forte por não temer,
Tentando me bastar.

Afinal, sou exigente com meu pensar,
Econômica com o que confio,
Mas generosa com o mundo –
Porque aprendi que a indulgência
Quando começa conosco,
Pode florescer em qualquer lugar.

O Brasil Antes do Brasil

O Brasil é raiz: só floresce se lembrado.

Antes do nome, do mapa, dos tratados,
Já havia o sopro da mata em manhã de neblina,
A melodia líquida dos rios sem fim,
E o silêncio que falava em tupi-guarani.

Era um país sem fronteiras
Desenhado por raízes e trilhas,
Por passos descalços sobre folhas caídas,
Por olhos que enxergavam o tempo em espiral.

Frutas pendiam como promessas doces,
Flores narravam histórias sem escrita,
E o céu, vasto, não via muros –
A liberdade era o contorno do horizonte.

Gente da terra, em tribos e saberes,
Guardava o segredo do fogo e da cura.
Conversava com o vento,
Dançava com a chuva,
E lia o destino nas asas das borboletas.

Não havia bandeira,
Mas o verde já tremulava nas folhas.
O amarelo ardia nas frutas maduras
E o azul dormia nos olhos do céu.

O Brasil era o canto do sabiá sem tradução,
Realidade em estado de flor.
Um mundo latente, vibrante, inteiro,
Batendo no compasso do tambor.

Era terra de encantamento,
De mitos que caminhavam entre árvores,
De deuses que moravam nas águas,
De sonhos que brotavam do chão.

Um Brasil que não precisa ser descoberto.
Precisa ser lembrado!

O Perigo de Sentir Demais

Sentir demais é viver sem pele,
É deixar o coração exposto ao vento,
É beber o mundo em goles largos
E arder por dentro, sem consentimento.

É amar com a força de um incêndio,
E sofrer com a delicadeza de um suspiro.
É rir alto demais,
E chorar por coisas que ninguém vê.
É acender fósforos em tempestades
E deixar o peito vulnerável aos relâmpagos.

Sentir demais é carregar o peso das estrelas,
É se ferir com a beleza do pôr do sol,
É se perder em olhares que não prometem nada
E esperar promessas em cada gesto.

É dançar com a dor como quem ama,
É fazer do caos um lar temporário,
É escrever cartas que nunca serão lidas
E guardar silêncios como relíquias.

Sentir demais é viver em estado bruto,
É não saber onde termina o outro
E começa o próprio abismo.
É ser vendaval num mundo que prefere brisa.

Mas também —
É tocar o sublime com os dedos da alma,
É transformar feridas em versos,
E fazer da vulnerabilidade
A mais corajosa forma de existir.

Ítaca das Emoções

Se vais sentir, sente como quem parte para Ítaca.
Não temas o excesso — ele é o sal da travessia.

Haverá noites em que o coração será vasto demais,
E o corpo, pequeno para tanto desejo.
Haverá dias em que a lembrança será um inimigo gentil,
E o amor, um país estrangeiro.

Mas não te detenhas.
Cada lágrima é um farol, cada arrepio, uma bússola.
Sentir demais é navegar por mares que poucos ousam.

Não peças que o caminho seja leve.
Peças que seja verdadeiro.
Que te leve por cidades interiores,
Onde o silêncio tem voz e a dor tem nome.

Porque quando chegares —
Se é que se chega —
Ítaca não será um lugar.
Será o que sentiste ao longo do caminho.

Vasos e Cravos

Há cravos que brotam em vasos de barro
E rosas que desabrocham, devagar, sem urgência.
Sabem que a beleza exige tempo.

A avenca, tímida, cresce sem alarde.
Prefere o canto à luz direta,
Pois há delicadezas que só florescem na sombra.
Foi deixada ali por um beija-flor distraído,
Que veio saudar a azaleia florida.

As petúnias conversam com o vento,
Abrem-se ao sol, mas se fecham ao toque –
Nem toda flor deseja ser tocada.
As margaridas escutam o sossego da tarde.
E contam segredos em pétalas: bem-me-quer, malmequer...

Os amores-perfeitos não são perfeitos.
São apenas sinceros.
O verdinho sem nome, ninguém quis –
Mas eu quis.
Porque tudo que cresce merece lugar.

O gerânio, sempre tão humano,
Inclina-se para ouvir a dor da lavanda.
Há compaixão entre flores.

Os vasos não são prisão:
São território de alma vegetal.
Cada flor ali tem sua filosofia.
Umas falam com o sol, outras com a sombra,
E algumas apenas com o tempo.

E quando a noite chega,
O jardim respira bem quietinho.
Porque até o silêncio, entre flores, tem perfume.

É Muito Chato Ser Tão Eficiente

É muito chato ser tão eficiente,
Enquanto o mundo gira em modo contemplação.
Terminei antes do café esfriar,
E o outro ainda está “pensando em começar”.

O tempo me obedece, quase servil,
Mas sou refém do tempo dos outros.

Ser eficiente é quase um castigo:
Antecipar o caos é ver o naufrágio antes da água,
E ao tentar salvar a situação, sou acusada de afogar a leveza.

Paradoxo cruel:
Estar sempre “à frente”
É, às vezes, estar distante do agora.

Enquanto eu corro, eles vivem.
Enquanto eu cozinho, eles conversam.
Enquanto eu organizo, eles se desorganizam em risos
E se entregam ao instante.

Sou o relógio que nunca atrasa,
Mas que raramente se senta à mesa.
Sou o prato quente que chega antes,
Mas não escuta a história que vem depois.

Enquanto eu planejo, eles improvisam.
Enquanto eu limpo, eles sujam de alegria.
Enquanto eu acelero, eles desaceleram —
E descobrem beleza no intervalo.

Às vezes me pergunto:
Será que a pressa me roubou o perfume da tarde?
Será que a eficiência me fez esquecer
Que viver também é deixar para depois?

Há abraços que não cabem na agenda,
E olhares que não esperam o fim da tarefa.

Talvez eu exagere, sim.
Mas é que aprendi a ser útil antes de ser leve.

Hoje, só por hoje,
Quero perder tempo —
Para não perder a vida.

Imperfeições Maravilhosas

Há algo profundamente humano em reconhecer que
O que não é perfeito pode ser justamente o que nos torna mais vivos!

Há beleza no que falha,
No que escapa ao plano,
No que não se encaixa —
Mas insiste em existir.

A rachadura na parede não é defeito:
É cicatriz da história.
O erro na receita vira sabor novo,
O tropeço no passo vira dança,
E o silêncio fora de hora ensina a escutar o mundo.

A perfeição é lisa,
Mas nas rugas é que mora a memória.
É no improviso que nasce o riso,
É no atraso que se encontra o pôr do sol.

O copo trincado ainda mata a sede,
A nota fora do tom pode emocionar mais,
O plano que não deu certo
Pode nos levar ao lugar que não sabíamos querer ir.

Somos feitos de falhas bem-vindas,
De desvios que revelam verdades,
De feridas que narram
A beleza de errar e ainda assim continuar.

Porque há abraços desajeitados
Que curam mais que palavras certas.
Há caminhos tortos
Que levam direto ao coração.

Pois é no imperfeito que mora o milagre:
A chance de sermos humanos
Que aprendem a dialogar com suas próprias limitações.

Alta Voltagem

Na intensidade da vida moderna,
Corpos vibram em corrente contínua,
Mentes em curto, corações em sobrecarga —
Vivemos em alta voltagem.

Há dias em que somos só fio desencapado,
Tudo nos toca, tudo nos dá choque.
E não há fita isolante que resolva nosso desassossego!

Os dias começam com picos de tensão
E se desfazem em faíscas.
Cada toque, cada tela,
Cada meta nos consome em watts de ansiedade.

Somos máquinas sem manual,
Ligados nos duzentos e vinte da pressa,
Sem fusível para o afeto,
Sem pausa para o silêncio.

Mas há quem resista.
Quem puxe o fio da consciência,
Aterre os pés no chão,
E se desligue – sem culpa – da tomada.

Vejam bem:
Desligar não é desistir.
É recalibrar o transformador interno,
Respirar na pausa,
Como quem apaga a luz para enxergar melhor as estrelas.

Porque viver não é só funcionar.
É saber quando desarmar o circuito,
Quando deixar a luz suave atravessar,
Conduzida por um fio de ternura,
Para então voltar a iluminar nosso caminho.

O Nó de Alexandre

"Não há nós que não se desatem, se houver mãos pacientes."
Provérbio grego

O Nó de Alexandre não era só corda —
Era tempo entrelaçado,
Era história em espiral,
Era o silêncio de Górdio guardado em fibras ancestrais.

Era mais que um enigma:
Era o próprio destino emaranhado,
Tecendo impérios antes mesmo de serem sonhados.

Alexandre não desatou.
Cortou.
Como quem não pergunta,
Como quem não espera o sussurro do mistério.

Chamaram-no gênio.
Mas foi sabedoria ou impaciência?
Ou, como Shakespeare fez Henrique V dizer,
"Deslinda o nó górdio tão facilmente como o faz com a jarreteira" —
Seria o golpe da espada um gesto teatral,
Mais símbolo do poder do que chave da compreensão?

Talvez o nó guardasse um segredo
Que não se revela à lâmina,
Mas à escuta paciente,
Ao tempo que se deixa perder.

Pois há nós que pedem reverência,
Outros que só se desfazem quando se deixa de tentar,
E há os que não se cortam, em nenhuma circunstância:
São feitos para virar laços,
Para ensinar a amizade.

Porque há problemas que não querem solução —
Querem companhia.
Querem mãos que os toquem sem pressa.
Olhos que os contemplem como quem decifra um pergaminho antigo.

O Semáforo Sem Rua

Ele pisca,
Vermelho, amarelo, verde,
Num ciclo que ninguém vê.

Não há carros, não há passos, não há pressa.
A rua se foi —
Levada por reformas, por esquecimento,
Ou por um sonho urbano que mudou de rota.

E ele ficou,
Erguido como um farol sem mar,
Um aviso sem perigo,
Um tempo sem trânsito.

Talvez tenha sido parte de um plano,
De um mapa que já não se lê,
De uma cidade que se desenhou diferente no papel do futuro.

Mesmo assim, continua a acender,
Como quem acredita
Que algum dia alguém vai precisar parar.
Como quem guarda o ritmo
De um mundo que já passou,
E ainda pulsa —
Num gesto automático, quase ritual,
Como um coração que bate
Mesmo depois de o amor ter ido embora.

O Relógio que Conta Histórias

O relógio da estação desativada ainda marca 14h15 —
Como se o tempo tivesse se esquecido de seguir,
Congelado na hora em que ninguém mais chegou
Ou em que ninguém mais partiu.

O trem não passa há décadas.
Os trilhos, enferrujados, dormem sob o mato.
As malas já não pesam mais nas plataformas,
E os passos perderam-se no pó.

Mas o relógio permanece,
Como quem guarda um compromisso com o tempo,
Mesmo que o tempo tenha mudado de ideia.

Ele ficou ali mesmo,
Como quem espera alguém que prometeu voltar —
E nunca disse quando.

Há relógios que não contam horas.
Contam histórias. Contam esperas. Contam silêncios.
Assim é esse relógio,
Cujo ponteiro imóvel assinala o fim das atividades da estação —
Aquela hora exata, repetida em silêncio,
Todos os dias. Pontualmente.

Não importam os anos, nem as décadas que se foram,
O instante permanece, intacto:
É o eco de passos que não voltam, do trem que não chega,
Da mala que não se abre, do abraço que não se despede.
Ali, o tempo não corre — ele se lembra.

A Sombra que Tem Vontade Própria

O reflexo é dócil; a sombra, insubmissa.

Minha sombra tem vida própria.
E, sinceramente, está impossível de lidar com ela.
Se eu vou para direita, ela vai para esquerda.
Se eu paro, ela continua andando,
Com aquele ar de quem sabe mais da vida do que eu.

Não quer seguir meus passos,
Prefere dançar nas paredes,
Desaparecer quando o sol se zanga.

Às vezes, fica parada,
Como quem pensa.
Outras vezes, corre antes de mim,
Como quem prevê o futuro.

Outro dia, ela se recusou a entrar no elevador.
Disse que prefere escadas, “por questões filosóficas”.
Quando chove?
Ela some.
Sem aviso. Sem bilhete. Sem consideração.

Não é sombra de corpo,
É sombra de pensamento.
Escapa-me pelas ideias, contradiz-me nos silêncios,
Observa-me quando penso que estou só.

Talvez ela seja eu, quando não sou.
Ou o que sobrou de mim, quando fui.
E se um dia ela decidir não voltar,
Talvez eu descubra que nunca estive aqui.

Pelé e a Bola: Dois Astros em Órbita

Quando ele pisava no gramado,
Até o vento segurava o fôlego.
A bola não estava com ele.
Não.
Ela *era* dele.

Seu toque era lírico, era arte.
O passe, a cabeçada, o chapéu...
Misturavam o grito da arquibancada
Com o sussurro da poesia que ele escrevia em campo.

Dava um olé no zagueiro.
Driblava curto,
Como quem rabiscava com a ponta da chuteira
Um pergaminho de grama.

E então, o chute.
A bola partia como flecha ungida —
E repousava na rede.

A torcida explodia.
Mas, logo depois, contemplava em silêncio.
Porque ali, naquele instante,
O futebol se fazia oração.

A Maçã de Woolsthorpe

Gravidade — a força que tudo une.

Tudo que tem massa atrai.
Eis a lei.
A maçã caiu.
Não por acaso,
Mas como quem conhece o peso do instante
E escolhe o chão como destino.
Não por pressa,
Mas como quem se rende ao chamado do centro.

Isaac Newton, entre sombras e folhas,
Não viu apenas uma fruta —
Viu a costura invisível do mundo,
O fio que une o alto ao baixo,
O gesto que transforma queda em lei.
Ele enxergou porque há leis que só se revelam a olhos
Que já sonharam com elas.

A gravidade não grita.
Ela sussurra.
É desejo disfarçado de força.
É saudade entre corpos que se procuram.
É o nome científico do afeto.
Sem ela, não há órbita, nem maré.
Não há abraço entre Sol e Terra,
Nem entre você e o que o mantém inteiro.

A maçã caiu.
E com ela, caiu o véu.
O Cosmos, antes disperso,
Organizou-se em torno de um centro invisível
Que pulsa em tudo que existe.

Newton escreveu o que o Universo já sabia —
A gravidade é isso:
Uma força que não se vê, mas que nos mantém juntos,
Como os segredos entre velhos amigos.

O Mistério do Sustenido

Há uma nota que sonha mais alto.
Não quer repousar no tom previsto, nem se render à lógica da escala.
É sustenido — uma emoção que não cabe na pauta.

É como um passo fora do tempo, mas que chega antes de nenhum.
É o segredo entre dois acordes, o beijo que quase aconteceu.
É o tremor da alma no compasso.

Não é uma nota comum.
Não se deixa tocar com facilidade.
Ela vive meio tom acima —
Como certos desejos que não se dizem,
Mas que insistem em permanecer.

Na música, entre espaços medidos,
Esta nota surge às vezes,
Como quem não quer ser lembrada,
Mas também não quer ser esquecida.

E quando a melodia enfim repousa,
Fica no ar o que não se ouviu:
Esse som ousado, essa vibração suspensa,
Essa nota que não tocou, mas que nos comoveu.
Alguns não a percebem.
Outros a evitam.
Mas há quem a reconheça —
Como se fosse um amor antigo.

Chão de Dentro

Quem nasce em serra, carrega montanha.
Quem nasce em rio, carrega retorno.
Quem nasce em relevo, carrega o chão dentro de si.

Não sou desta terra.
Sou o que dela ficou em mim.
Carrego o que não coube na mala.

O território interior não tem fronteiras —
Tem lembranças.

Sou feita de lugares que não aparecem em mapas,
Mas se revelam sempre que fecho os olhos:
Vejo a rua de terra onde aprendi a andar descalça,
Sinto o cheiro do café coado com gosto de infância recém-colhida,
Ouço o chão pulsando dentro de mim...

Há dias em que sou montanha
Com os contornos da Mantiqueira:
Firme, silenciosa, verde, cheia de ecos.
Em outros, sou rio Pardo:
Escapo pelas corredeiras
Mas sempre volto.

Volto porque é nesse chão que não se vê que caminho.
Não tem pedras nem poeira — tem histórias.
É esse chão que me sustenta toda vez que o mundo escorrega.

E quando me perguntam de onde sou,
Respondo com um sorriso:
- Sou de Caconde.
- Fica onde?
- Dentro de mim.

A Espera Faz Parte da Diversão

Enquanto espero,
Descubro o prazer do ainda-não.
Porque o desejo, quando alcançado, pode perder o verniz da fantasia.

A espera é a dúvida que embeleza a certeza.
É prelúdio:
O instante em que o mundo prende o fôlego antes do espetáculo,
O rito da flor que hesita em se abrir —
Só para ser mais bela.

Esperar é quase um esporte —
Exige preparo físico e controle emocional.
É o momento em que o universo testa se você realmente quer aquilo.

Há quem diga que a demora é desperdício.
Mas eu sei: é no intervalo que mora o encantamento.
O desejo cresce como raiz, silencioso, profundo, preparando o terreno.

Enquanto espero,
O universo me visita em sinais:
Uma brisa que parece sussurrar segredos,
Um relógio que desacelera só para me provocar,
Um pássaro que pousa no fio e me olha —
Como quem sabe que o tempo tem planos melhores que os meus.

Às vezes, a espera me veste de festa:
Faz-me imaginar, sonhar, ensaiar mil vezes
O momento que ainda não chegou.
Porque a espera é parte da alegria.
Porque se tudo viesse rápido demais...
Cadê a graça?

O Sentido e Seus Desvios

Dizem por aí: “Se faz sentir, faz sentido.”
Mas quem foi que deu ao coração a patente de bússola?

Sentir é humano, mas será que basta?
O que se sente pode ser verdade,
Mas também pode ser ruído, eco, reflexo, ilusão.

Sentido...
Palavra inquieta, que muda de roupa conforme o contexto.

É confusão — mesmo quando parece direção.
O norte muda de lugar quando o coração se agita demais.
É emoção, mas também é lógica.
Há quem viva no sentido figurado,
E tropece no literal.
Outros se perdem no duplo sentido,
E acham que ambiguidade é charme.

Sentido é também cuidado:
Colocar sentido em algo é dar-lhe presença, atenção, intenção.
Mas há sentidos que não se explicam —
Só se pressentem.
Como quem fareja silêncio no meio do ruído.

E há os cinco sentidos, que nos ligam ao mundo,
Mas não nos dizem o que fazer com ele.
Porque sentir é humano,
Mas decidir exige mais que pele arrepiada.

Emoções são instáveis, como marés sem lua.
E confiar nelas para escolher o caminho
É navegar com bússola quebrada.

Então, se faz sentir... faz sentido?
Talvez.
Mas só se o sentir vier com pausa,
Com contexto, com discernimento.
Porque o sentido, sem reflexão,
É só mais um desvio.

Deixei a Sombrinha em Casa

Chovia.
Mas eu saí —
Sem sombrinha, sem chapéu, sem galocha, sem nada!
Com a cara e a coragem,
E, principalmente, com a fé de que molhar o corpo inteiro,
É um jeito bonito de lavar a alma.

Era chuva de verdade.
Daquelas que chegam com cheiro de terra,
Com gosto de infância,
Com som de tambores no céu...

Caminhei devagar, como se escutasse o coração do mundo
Batendo sob os telhados.
Molhei os pés, a cabeça, o juízo.
E foi bom!
Há dias em que a gente precisa se molhar para florescer.

E se alguém perguntar por que fiz isso,
Eu digo, com convicção:
- Foi só para ver se a tristeza escorria junto com a água...

Infâncias Apagadas pela História

A infância foi negada tantas vezes.
Usaram crianças em fábricas, em engenhos.
Ignoraram seus passos em campos de guerra.

Elas não sabiam o nome da dor,
Mas a sentiam no corpo pequeno,
Nos pés descalços que não corriam,
Nas mãos que não brincavam...

O mundo lhes deu trabalho antes do brinquedo,
Silêncio antes da canção,
Medo antes do colo.

Eram crianças,
Mas o tempo lhes roubou os dias
Com pressa e violência.

Não choravam alto —
Não porque não doía,
Mas porque aprenderam cedo
Que o choro não muda o destino.

A ingenuidade curvava-se à força,
Como flor que nasce no asfalto
Sem entender por que não há jardim.

Ninguém se lembra delas:
A História escreveu com tinta seca
O que deveria ter sido escrito com lágrimas.

Brasília, do Risco ao Voo

Sonho de Juscelino,
Curva de Niemeyer,
Risco de Lúcio Costa,
Trabalho do candango que veio construir o amanhã.

No meio do nada, desenharam uma capital.
Do cerrado seco, brotou uma cidade com asas.
Salvador vivia entre marés,
Rio de Janeiro sonhava com montanhas,
Mas Brasília nasceu do traço — curvo, audaz.

O Plano Piloto riscou o chão como quem abençoa a terra:
Dois eixos cruzados, um gesto de posse, um mapa de promessas.
Como quem abre o peito do país
E planta ali um coração moderno.
Sonhada em silêncio, erguida com pressa, mas com fé de eternidade.

O arquiteto, demiurgo do concreto, fez do espaço um templo.
Palácios flutuam como miragens, catedrais se curvam como preces,
E o céu — cúmplice e vasto — parece parte da arquitetura.

Mas quem ergueu o sonho foi o candango.
Veio do sertão, da floresta, do vale,
Com esperança na bagagem e silêncio nos ombros.
Fez brotar do chão nu a cidade que prometia o futuro.

E no dia vinte e um de abril,
Ergueram a capital como quem ergue um altar.
Brasília,
Cidade sem esquinas, mas cheia de horizontes.
Hoje, ela respira entre curvas e memórias,
Entre o sonho que a desenhou e o povo que a consagrou.

Agora é só Amanhã

Hoje não veio.
Mandou dizer que está ocupado com os assuntos de ontem.
E amanhã... bem, amanhã talvez apareça –
Com aquele ar distraído de quem nunca prometeu nada.

Eu ando correndo muito,
Mas é que o mundo tem medo de parar.
Assim, eu corro atrás dele só para fingir que o acompanho...

Acordei exausta, mas com vontade de plantar girassóis.
O corpo está cansado, a alma em recesso.
Parece que não foi só a luz que dormiu acesa —
Foi a esperança também, cochilando no interruptor.

O curioso é que acabou de começar o dia
E já estou com saudade da noite passada.
Tem muito pouca gente que entende esse tipo de saudade:
Aquela que não sente falta apenas do que viveu,
Mas também do que poderia ter acontecido
Se o sono não tivesse vencido.

Não vi nem o cheiro do tempo,
Mas senti um perfume estranho:
Era o dia seguinte passando depressa, sem me notar.
E ainda dizem que o movimento está parado hoje!

Agora é só amanhã:
É o que ouço sempre...
Como quem promete o futuro para não entregar o presente.
Afinal, o presente é arisco:
Vive fugindo da gente como quem deve e não quer pagar.
E a gente segue torcendo para que o amanhã venha com troco.

Teimosia ou Perseverança?

Confesso que teimei muitas vezes,
Porque achei bonito acreditar.
Perseverei também.
Talvez por orgulho,
Talvez por fé.

Mas será que perseverei mesmo?
Ou fui teimosa, como quem ama sem ser amada?
Perseverança ou teimosia?
Ou apenas falta de bom senso, disfarçada de coragem?
Ou ainda apenas uma teimosia perseverante,
Travestida de virtude para não parecer defeito?

E tem mais:
Eu não desisto.
Nem quando deveria.
Porque não sei como.

Dizem que o tempo cura esses traços da personalidade.
Mas o tempo, como os médicos, cobra caro.
E nem sempre acerta o diagnóstico.

Teimosia ou Perseverança?

No fim, tudo depende do resultado:
Se der certo, foi perseverança.
Se der errado, foi teimosia.

Afinando a Viola

Quem não afina viola, desafina a vida.

A viola é danada, fala mais que gente sabida.
Quando está bem afinada, conta tudo da nossa vida.

Fala dos tempos de festa, da roça em flor,
Do cheiro bom do almoço e dos amores vividos.
Ela chora sem ter mágoa, ri sem ter razão.

A viola não fala.
Mas quem escuta, entende.
Ela não tem boca, mas diz coisas que nem a gente sabe dizer.
E às vezes faz silêncio, só para nos entender.

Tem dia em que ela se cala,
Feito moça envergonhada.
Tem dia que ela se embala,
Feito rede armada na varanda sonhando com o vento.

O violeiro não toca cordas — ele toca o invisível,
A saudade, a fé, o silêncio que mora quieto dentro da gente.
Quem é parceiro da viola, não a larga nem por castigo.
Porque entre ponteios e confidências,
Nasce uma amizade que é para toda vida!

Tem gente que diz que faz música.
Mas eu acho que é conversa.
Conversa entre dois velhos amigos que sempre se entendem.
Entre os dois, há cumplicidade:
Como duas rolinhas que pousam no mesmo galho sem combinar nada.

E quando a última nota se perde no ar,
Ninguém diz nada.
Porque o encanto se assusta com qualquer ruído...

Mas quem escutou com a alma,
Leva a música para casa.
É o que acontece com o cheiro da chuva
Que fica mesmo depois que o céu já secou...

De Barriga para Cima

O chinelo virado no chão é mais que desmazelo — é perigo!
Tem gente que diz que é besteira,
Mas no sertão, isso é quase feitiço.

Se a mãe sente dor no peito,
É culpa do chinelo, pode apostar.
E não adianta dizer que é coincidência —
Lá no Nordeste, coincidência tem nome:
É aviso de Deus que arrumou um disfarce.
Isso é sinal, é aviso, é quase profecia!

E não adianta dizer que é bobagem —
Bobagem é duvidar da sabença dos antigos!

Quem vira o chinelo não está só ajeitando sapato, não.
Está desvirando o destino, endireitando a sorte.
E o chinelo, danado que só, vive se jogando de barriga para cima,
Só para ver se alguém ainda acredita.

Tem gente que ri, mas é riso de quem tem medo.
Pode até ser superstição ...
Mas no fundo, todo mundo sabe:
O mundo é cheio de mistério,
E o chinelo é só mais um deles.

E se um dia você topar com um,
Virado no canto da sala,
Não pense duas vezes — desvira logo.
É melhor pecar por excesso de cuidado
Do que por falta de respeito com os encantos da vida.

Garnisé: Um Galo Invocado

Veio de longe, dizem os mais velhos.
De uma ilha do Canal da Mancha com nome difícil: *Guernsey*.
Mas aqui aprendeu a ser brasileiro:
A cantar cedo, a ciscar esperança,
E a se chamar *Garnisé*.

Ele se dizia descendente direto de um galo francês,
Que acordou Victor Hugo numa manhã de exílio.

Tinha crista curta, topete modesto.
Mas compensava com seu peito empinado.
Não sabia ler poema ou prosa, mas era bom de briga!
E isso bastava.

Galo garnisé,
Grande guerreiro, guardião do galinheiro —
Ele não sabia que era pequeno.
E isso o tornou gigante,
Porque só os que ignoram a medida podem ser maiores que ela.

Veio com os colonizadores lusos, num baú apertado.
Cruzou o oceano, chegou estufado.
No Brasil encontrou sol, milho e terreiro,
E virou lenda:
Passou a ser dono do quintal inteiro —
Um punhado de penas e pura petulância...

Desde então se acha uma potência:
Se fosse humano, seria ministro.
Se fosse poeta, seria incompreendido.
Se fosse filósofo, escreveria sobre a superioridade dos galináceos.
Mas é só um galo
Que canta, esgaravateia, e se acha.
Como todo mundo.

Pois é...
Tem garnisé
Que não tem pena, mas tem pavio curto.
É o garnisé humano que tem alma de galo:
Cisca argumentos, bica opiniões, e vive se metendo em briga —
No trânsito, na fila,
Com o vizinho, com o mundo...

A Memória Tem Senso de Humor?

A memória não é arquivo: é travessura.

A memória nem sempre vem quando é chamada.
Diz que não é arquivo — é visita.
Chega quando quer, fala o que quer, e vai embora sem se despedir.
E quando aparece, entra, senta, e começa a contar histórias,
Que a gente nem sabia que se lembrava.

A memória não pede licença.
Ela invade. Ela grita.
Ela ri da tua saudade.
E quando você pensa que esqueceu...
Ela sussurra: "lembra disso?"

É difícil entendê-la, mas acabamos aceitando sua veia cômica.
Afinal, ela não é nossa. É do tempo.
E o tempo adora brincar de esconde-esconde com o que mais importa.

Muitas vezes, ela surge rindo... quando já é tarde demais.
Esconde-se no bolso do tempo, e só dá as caras quando o portão já se fechou,
Quando o ônibus já passou, quando a oportunidade já se foi.

Lembra-se do nome esquecido, do recado não dado,
Da chave que ficou na mesa, do beijo que não aconteceu.
E a gente, já distante, fica com cara de quem perdeu o bonde e ganhou uma lembrança.

Chega tarde, quando já não serve,
Ou cedo demais, só para atrapalhar.
Mnemosine, sua mãe mitológica e caprichosa,
Deve ter-lhe dado esse dom de escolher
O que vale a pena reviver
E o que é melhor deixar para lá.

A gente sempre se lembra do que esqueceu
Só quando já está longe demais para voltar...
Será que a memória faz de propósito?
Ela tem senso de humor, ou só gosta de nos testar?

Ou talvez... a memória seja poetisa também —
Daquelas que só escrevem quando o papel já foi jogado fora!
Talvez seja isso: a memória faz um poema que se recita sozinho,
No eco daquilo que não voltará.

Refino da Alma

Para os que resistem ao engenho do tempo
Sem perder o sabor da alma.

A cana só se faz açúcar depois de grandes apertos.
Mas ninguém diz isso ao viajante,
Que parte com os bolsos cheios de sonhos e a alma ainda por moer.

A vida é um engenho discreto.
Sem alavancas visíveis,
Gira — sempre gira —
Impulsionada pelo tempo e pela dúvida.

Há dias em que somos haste,
Outros em que somos bagaço.
E há os dias de caldeira,
Em que tudo ferve por dentro sem que ninguém perceba.

Crescemos entre sol e sombra, na terra escura do massapé,
Onde raízes se confundem com lembranças
E o silêncio é fértil como a dor da senzala.

O açúcar não nasce doce.
Aprende, aos poucos, a ser aceito,
A ser provado, a ser branco —
Como se a dor precisasse vestir pureza para ser lembrada com ternura.

Mas nem toda dor vira mel.
Algumas se tornam pedra, ou silêncio, ou saudade.
Ainda assim, seguimos.
Como quem parte sem saber se há ilhas ou continentes,
Mas certos de que o caminho é o que nos refina.

Porque o ser humano também é cana:
Desenvolve-se onde os ventos ferem e a esperança insiste.
Sonha com o sol, e se deixa moer —
Não por resignação, mas por esperança de virar essência,
Pois aquilo que a moenda não extrai, a alma guarda.

O Espírito das Águas

Água de chuva tem saudade,
Água de poço tem segredo,
Água de rio tem destino,
Água de mar tem o mundo inteiro.

A água desliza entre os véus do tempo
Como quem já decorou o caminho.
Segue sem pedir licença,
Desenha trajetos que não se repetem.

Não tem forma, mas molda o mundo.
Evapora, infiltra, desaparece — mas nunca se vai.

Carrega o tempo sem peso,
Lava o que não se vê,
Toca sem ferir, penetra sem pedir, cura sem prometer.

Desce sem orgulho pelas gargantas da terra,
Desperta sementes, sussurra segredos aos peixes.
Ora vem de montanhas geladas, como cartas escritas pela neve,
Ora se esconde nos veios da terra, como um segredo antigo.

Faz crescer o milho, faz florir o jardim, faz calar o fogo.
Dança em telhados, canta nas conchas, chora nos olhos tristes.

A água é rito.
É bênção e batismo,
É oração que escorre pelas mãos,
É espírito que vive entre margens.

É espelho dos céus, mãe das nuvens.
Não discute com a pedra.
Contorna-a.
E um dia, se quiser, vai furar a pedra dura.

É silêncio que mergulha,
Memória que não seca,
Presença que não se prende,
E assim é livre, porque não tem rumo...

Estrelas no Cocuruto

O muro da infância era um senhor de respeito.
Tinha granilha de vidro no cocuruto —
Como quem usa chapéu com estilhaços camuflados,
Para lembrar que até o mundo tem espinhos coloridos que brilham.

Era um arco-íris afiado contra a travessura:
Diziam que era para espantar menino arteiro,
Mas criança não se espanta com ameaças:
Ela negocia com o medo, brinca com o risco,
E desafia o impossível com joelhos ralados e alguns machucados.

Pulávamos mesmo assim.
Com o coração em disparada...
E eu pensava:
Será que o limite só ensina quando fere?

O muro cintilava sob o sol.
Os pedacinhos de vidro irradiavam luz.
Pareciam fragmentos de estrelas caídas,
Espalhadas ali como convites à aventura.

Mais do que advertência, eram sedução.
Um desafio que nos chamava pelo nome,
E nos ensinava que o perigo também pode ser belo.

Hoje, os muros são mais altos,
Sem cacos,
Mas com câmeras.
Sem cor, sem poesia,
Sem o arrepio da travessia.

Talvez o mundo tenha desaprendido a arte de colocar beleza no aviso.
E com isso, tenha perdido também a coragem de ser criança.

Luz que Consola

Há uma luz que não invade, apenas toca.
Não exige olhos abertos, nem pressa —
Apenas um coração disposto a sentir.

Não é descarga elétrica que fulmina, nem relâmpago que espanta.
Não vem em faíscas ou raios, vem em brumas.
Desce pelas frestas do tempo e repousa onde a dor já cansou de doer.

Essa luz não interroga, só escuta.
Não revela tudo,
Mas acende o suficiente para que a alma encontre o caminho,
Mesmo quando tudo parece escuro.

Ela mora nos gestos pequenos,
No silêncio que acolhe,
Na presença que não pesa.

É clarão que não cega, mas orienta.
Tocha que não consome, mas aquece.
Espalha-se em harmonia com o universo,
Como um vitral em movimento —
Feito de instantes, memórias e mistério.

É luz que não machuca,
Chama que consola.
Daquelas que acendem o coração sem precisar apagar o mundo.
É a luz de Deus: reflexo de ternura e misericórdia.
Aquela que não se impõe — transforma.

Vão-se os Anéis...

Vão-se os anéis... junto com o brilho fugaz que não soube permanecer.
Ficam os dedos, com a memória do toque e a dignidade do gesto.

Vãos anéis... guardados em caixinhas que não sabem sonhar.
São círculos que giram em torno de nada, tais planetas sem estrela.

Vão-se os anéis... como os devaneios utópicos e anódinos.
Ficam os dedos que semeiam, colhem, pintam, escrevem e afagam.

Vãos anéis... sem dedos que os sustentem, sem mãos que os justifiquem.
São vaidades órfãs de sentido.

Vão-se os anéis... e com eles, o verniz das aparências.
Ficam os dedos, livres, capazes de tocar o mundo.

Vãos anéis... como medalhas sem história.
São símbolos que esqueceram o que vieram simbolizar.

Vão-se os anéis... junto com o tempo que leva os amores, os cargos, os aplausos.

Mas ficam os dedos.
E com eles, tudo o que importa.

O anel é só um objeto que não conjuga verbo.
Não toca, não sente, não transforma.
Já o dedo — esse sim é operário do espírito:
Ama, aponta caminhos, comete pecados e faz milagres.
Planta roseiras, afaga, escreve cartas de amor ou de despedida.

Tem gente que perde o anel e acha que perdeu a mão.
Mas mão que abençoa, que acaricia, que trabalha, não precisa de enfeite —
Precisa de coragem.

Faniquito nas Pernas

Dormir é fácil: difícil é convencer as pernas.

Tem dia em que minhas pernas não sabem dormir.
Parece que se recusam a deitar com o corpo,
Quando a minha alma ainda está em pé.
São como crianças que ouviram um segredo
E querem sair correndo atrás dele.

Elas marcham no colchão, como se o lençol fosse estrada,
E o travesseiro, posto de gasolina.

O corpo quer pausa,
Mas as pernas têm planos e argumentos próprios:
Querem ir ao encontro do que não sabem,
Resolver o que nem começou,
Achar a paz em algum lugar entre o joelho e o calcanhar.

É ansiedade em forma de músculo.
É alma que se alojou nos tendões.
É o coração terceirizando decisões para panturrilhas que só sabem correr.

Já tentei chá de camomila,
Meditação, *playlist* de chuva tropical...
Mas as pernas querem movimento, querem corrida ou fuga.

E eu ali, deitada,
Tentando dormir,
Enquanto elas ensaiam a coreografia do desassossego.
No fim, adormecem cansadas de não sair do lugar.
E sonham que correm...

À Sombra do Poste

No fim da rua, há um poste antigo —
Sua luz amarela não ilumina o caminho, mas o tempo.

Ela não pertence ao presente.
Acende-se hoje,
Mas é feita da substância dos dias que passaram.

Tudo o que toca transforma-se:
O asfalto recorda pedras,
A buzina se torna sino,
E o celular esquecido no bolso vira carta não enviada.

Sob essa luz, os rostos tornam-se mais verdadeiros,
Como se a claridade revelasse o que o dia esconde.
Os passos hesitam,
Não por cansaço, mas por reverência ao instante.

A cidade ali não fala — sussurra.
Como Alexandria em seus últimos dias,
Quando os deuses já haviam partido
Mas os altares ainda exalavam incenso.

E quem passa, à sombra desse poste,
Leva nos olhos, sem se dar conta, um fragmento de antigamente —
Como quem recebeu um segredo que não se pode repetir.

Faísca e Moleque



Faísca era um cão com faro apurado.
Mestiço de *Setter e Pointer,*
Um perdigueiro branco com malhas douradas.
Achava codorna como quem acha poesia no chão.

Ele caçava com o nariz e com mais alguma coisa —
Um sexto sentido, talvez.
Papai sorria ao contar suas façanhas:
Um dia, localizou uma codorna quando já tinha outra na boca.
Isso é coisa de bicho sabido demais!

Mas um dia, sumiu.
Furtaram Faísca.
Como se amor fosse coisa que se leva no bolso...

Moleque veio depois, como quem continua uma canção interrompida.
Era um perdigueiro marrom,
Com olhos de barro e alma de mato.
Também foi levado, como se saudade fosse coisa que se coleciona...

Esses dois cães moram num quintal que não existe mais.
Eles correram com meu pai, meus irmãos e comigo.
Farejaram codornas e também nossos corações.

Atlas dos Instantes

Há instantes que têm latitude e relevos próprios:
Vales de silêncio, cordilheiras de espera,
Mares que se agitam com o sopro de uma lembrança.

Guardo esse curioso mapa feito de memórias...

O tempo navega em trirremes pelo Mar Egeu,
Desliza entre ondas antigas,
Cortando águas que guardam mitos.

Depois, ele se embrenha na Mata Atlântica —
Chove, cresce, morre, renasce,
Respira entre as folhas úmidas,
Como quem aprende a viver em ciclos.

Nas savanas africanas, o tempo torna-se fera:
Observa e espera,
E quando corre, não foge —
Segue apenas um rastro.

No deserto, ele se recolhe.
Não deixa pegadas, apenas ecos,
Como se o silêncio fosse sua forma mais pura.

Esses instantes têm fronteiras invisíveis —
Entre o que foi e o que poderia ter sido.
São territórios que nunca pisei, mas que moram em mim.

O tempo, esse cartógrafo distraído,
Ora se perde numa caverna que o suspende,
Ora traça rotas incertas,
Que só fazem sentido depois...

E mesmo que o horizonte pareça distante,
Eu sigo, com meu atlas nas mãos,
Ainda tentando decifrar
A geografia dos instantes.

Troquei Seis Por Meia Dúzia

A matemática sorriu-me, indulgente,
Quando, num gesto de pura ilusão,
Troquei seis por meia dúzia.

Fiz a troca com pompa e circunstância,
Como quem muda de filosofia.
Mas eis que o destino me serviu o mesmo prato,
Com nova prataria e o mesmo gosto.

O amor?
Também troquei por outro, mais moderno,
Com ideias progressistas e olhar de poeta.
Mas no fundo, era o mesmo drama antigo:
Ciúmes e promessas em embalagem nova.

Na tentativa de entender o que não muda,
Fui buscar respostas nos livros...
Li Pascal, li Kant, li até o jornal da esquina,
E todos, com palavras distintas,
Disseram-me que a vida é um jogo de espelhos,
Onde o novo é apenas o velho em versos livres.

Mudei de sonhos, de hábitos, de roupas,
Mas o espelho continuava a refletir eu mesma.
Com menos cabelo, mais filosofia,
Com mais ceticismo, talvez.

Troquei a fé por uma dúvida bem fundamentada.
Mas no fundo, era a mesma esperança disfarçada,
Pedindo que o universo tivesse um plano diferente para mim.

No fim, deduzi com certo orgulho:
A troca foi justa, embora inútil.
Porque na vida o melhor negócio é aquele que não se faz
E a maior conclusão é saber que tudo dá na mesma!

Ao trocar seis por meia dúzia,
A vida olhou-me com um ar sereno e disse:
“Pois é... não muda nada.”

O Mundo Visto de Cabeça para Baixo

As leis da física pediram demissão.
A gravidade, cansada de puxar tudo para baixo,
Resolveu empurrar para cima —
E os edifícios levitaram com dignidade.

As equações embaralharam-se, mas continuaram funcionando.
O “x” virou “por quê?”, e o “igual” virou “talvez”.
Os conceitos foram ao divã.
A verdade admitiu que muitas vezes foi ambígua.
E a mentira, que só queria ser ouvida.

O tempo escorreu pelas paredes,
Formou poças nos cantos da consciência.
Os relógios, sem saber nadar,
Aprenderam a boiar entre os minutos suspensos.

As premissas evaporaram.
A lógica valsava com o paradoxo,
Num salão onde o chão era céu
E o teto, um postulado sem dialética.

Nada fazia sentido.
Mas tudo produzia consequência.
O caos não era colapso —
Era arquitetura invertida.

E o mundo, em sua nova simetria,
Não se revelou frágil.
Apenas diferente.
Regido por axiomas tão válidos quanto os anteriores.

E eu, também de cabeça para baixo,
Descobri que o horizonte não é linha — é escolha.

Cara ou Coroa?

A moeda é feita de metal, mas carrega memórias que não se fundem,
Histórias que não se soldam — apenas se sobrepõem.
De um lado, ostenta reis,
Repúblicas, conquistas.
Do outro lado, oculta o custo da coroa,
O peso do poder, o preço do passado.

Entrei na sala do tesouro, entre moedas antigas,
E escolhi uma — dourada, pesada,
Com o perfil de um imperador desconhecido.
Seu olhar era firme, fixo, feito flecha apontando o futuro.
E eu, jovem demais para duvidar, segui.

O outro lado da moeda não me interessava.
Era só reverso, um campo de símbolos que não compreendia:
Um templo em ruínas, animais míticos,
Um nome apagado pela ferrugem do tempo.

Anos depois, vi aquela moeda novamente.
E então compreendi:
O valor não estava na face, mas no que ela escondia.
O outro lado da moeda era o verdadeiro.
Era o custo do que foi perdido para que o brilho existisse.

O reverso não brilhava.
Tinha marcas de dedos que a seguraram com medo,
Tinha o rosto dos que não foram ouvidos, mas sustentaram impérios.

Mas... toda moeda gira.
E, quando ela cai, não é cara nem coroa — é destino.
E o destino, ah, esse nunca tem lado certo!

Em Caminho Longo, Até a Esperança Pesa...

Não te espantes com o peso que agora sente.
Ele não veio de súbito — foi se juntando aos poucos,
Como poeira nos cantos da alma.

Mas não desprezes o que carrega.
Mesmo o que parece inútil pode te servir
Quando a noite for escura e não houver mais estrelas.

Carregues lembranças como quem leva bolinhas de gude no bolso —
Às vezes machucam, mas brilham.
E é esse brilho que, por vezes, ilumina o passo seguinte.

A bagagem que mais pesa não faz barulho ao cair.
Não tem rodinhas, nem etiqueta, mas nos acompanha até no sonho.
Não cabe na mala, mas cabe em ti.
E às vezes escorre como as lágrimas.

Em caminho longo, até o suspiro pesa.
Mas há suspiros que são asas,
E asas que nos levantam do chão sem que saibamos voar.

Em caminho longo, até a coragem pesa.
Mas é ela que nos sustenta, mesmo quando o chão falta e o céu se esconde.
É ela que nos veste com a armadura do impossível:
O riso quando tudo falta, o silêncio quando tudo grita,
E a fé quando tudo duvida.

Em caminho longo, até a palha pesa —
Sobretudo quando é feita de esperança.
Mas é ela que nos empurra,
Mesmo quando os pés doam e o mundo pareça grande demais.

Não sabemos o tamanho do caminho,
Mas sabemos que ele não perdoa excessos.
Por isso, leve só o que te serve, não o que apenas te enfeita:
Palavras que amparam, silêncios que o protegem,
E afetos que não ocupam espaço.

E segues,
Como quem entende que a vida é feita de coisas leves,
Mas que pesam de um jeito bonito.

Aprende a amar o fardo —
Pois ele é feito da tua história,
E sem ele, não haveria caminho.

Enquanto Esperamos os Bárbaros

O medo chegou antes do perigo.
Sentou-se à mesa e pediu vinho.
Falou de tempos antigos
Em que homens prudentes morriam por antecipação.

Já o perigo, como é muito incerto,
Nem apareceu.

Mas o medo costuma vir com muita frequência.
Chega a até ser pontual.
Traz consigo estatísticas e uma lista de possíveis ataques...

Sempre pensando em prevenir,
Mesmo sem invasores à porta,
Por via das dúvidas, já vai mandando que fechemos as janelas.
Mesmo sem acusações ou processos em curso,
Já vai acionando os advogados para que deixem prontas nossas defesas...

E assim temos vivido –
Não no tempo dos fatos,
Mas no tempo das hipóteses.
Onde cada passo é cálculo,
Cada gesto, um ensaio de fuga.

Talvez o perigo nunca venha...
Talvez seja como os bárbaros,
Que esperávamos com temor,
E, ao final, não vieram.

Mas, ainda assim, o medo permanece por aqui,
Como um velho amigo que não nos deixa partir,
Porque nos convence de que partir é perigoso.

Cinco Pães e Dois Peixes

Num lugar deserto,
Onde até o silêncio parecia jejuar,
Chegou uma multidão de almas simples —
Famintas da Palavra, sedentas do Céu.

Jesus contemplou corações em busca
Do pão que não se compra,
Do alento que sustenta o espírito.
Não os dispersou, mas os acolheu.

Trouxeram-lhe
Cinco pães, dois peixes, e a fé tímida de um menino —
Sinais da Providência divina,
Que escolhe o que é pouco e pequeno para manifestar o eterno.

Ele ergueu os olhos ao Pai,
E bendisse o que havia.
E então, o milagre se fez —
Não apenas no pão que se multiplicou,
Mas na fome que se dissolveu,
Na partilha que se fez abundância,
No gesto que se tornou graça.

Doze cestos transbordaram,
Mas o que sobrou, de verdade,
Foi a certeza silenciosa:
Quando há compaixão, o pouco é sempre suficiente.

Portanto, não nos gloriemos na fartura,
Mas na comunhão.
Pois onde há amor, ali está Deus,
E onde está Deus,
Nada falta.
Com Ele, o milagre é sempre maior do que vemos.

O Que Vê Você Quando Você Não Está Vendo

Há um olhar que não é seu —
Mas que repousa sobre você.
Um olhar que vem das coisas, dos objetos silenciosos,
Dos gestos esquecidos, dos instantes que você atravessa sem notar.

Enquanto você passa, distraída,
Há algo que a observa.
Não com olhos, mas com presença.
Porque o mundo não está apenas diante de você —
Ele está em torno, está dentro,
Está à espreita.

As coisas têm alma: ficam ali, quietas,
Esperando que alguém as escute, sem pressa, com tempo.

Em cada coisa, há o que se mostra e o que se esconde.
Há o gesto e o motivo, o corpo e o espírito,
O instante e o eterno.

A pedra carrega o peso do mundo,
Mas também o silêncio da origem.
Como a folha que cai, mas antes dança ao sabor do vento.
O copo não é só recipiente, é memória líquida.
A água, embora clara, traz consigo o enigma das fontes.
A porta não é só passagem, é escolha.
A palavra é som, mas também ausência.
O rosto é expressão, mas igualmente mistério.

O segredo das coisas está no que sustentam sem dizer.
É um fio transparente que une a atitude à intenção,
O uso ao afeto, o objeto ao instante.

O visível nos ensina a tocar,
O invisível, a compreender.
E quando ambos se encontram,
O mundo não responde —
Ele simplesmente se revela.

Porque tudo o que existe tem dois lados:
O que mostra, e o que espera ser descoberto.

Quem vê com olhos abertos, vê o contorno.
Mas quem vê com olhos da alma, vê o impenetrável.

Quem vê com pressa, vê forma.
Quem vê com alma, vê sentido.
E então, tudo muda:
A cadeira vira abrigo; o amor vira saudade;
A mão, carinho; a janela, esperança;
A solidão, encontro; o perdão, liberdade.

Porque o segredo das coisas é que elas também nos olham —
E esperam pacientemente,
Que um dia, a gente se reconheça nelas.

Ode à Nínive

Não há cidade que não seja uma biblioteca de sonhos erguida sobre a areia.

Ó Nínive, cidade de pedra e profecia,
Erguida às margens do Tigre!
Tu foste capital da Assíria, rainha do Crescente Fértil,
Com muralhas que desafiavam o tempo
E jardins suspensos em delírio de pedra.

Assurbanipal, teu rei, colecionava o mundo em tábuas de argila:
Biblioteca de mil vozes, onde o saber dormia em cuneiforme.
Mas também foste lâmina,
Foste grito, foste punho cerrado sobre os povos vencidos.
Teus exércitos marchavam como tempestades
E tua glória era feita de dor.

Jonas veio em teu socorro, com o peso da missão, com o sopro do arrependimento.
E tu, por um breve instante, te curvaste diante do invisível.
Mas o tempo não perdoa o orgulho.
Vieram os medos, vieram os caldeus, como marés que não se detêm.

E tu caíste.
Teus jardins viraram cinzas,
Tuas muralhas, escombros,
Teus deuses, silêncio.

Hoje, arqueólogos te escavam como quem busca sentido,
E nós te cantamos como quem lamenta por um mundo perdido.
Nínive, tu tinhas tudo: ouro, glória, a palavra escrita antes do papel.
Mas esqueceste do céu.
E o céu te esqueceu.

Viver é Urgente

Vivemos no rascunho, no esboço do que será.
Adiamos o riso, o abraço, o passo que quer caminhar.
O povo vive dizendo:
"Depois eu faço", "Depois eu vivo", "Depois eu amo".

Mas esse tal de depois é um bicho arisco.
Quando a gente vai atrás,
Ele já se escondeu atrás da próxima desculpa.

E o tempo não tem paciência com quem só promete...

Esperamos o sol perfeito, a brisa certa, o céu sem nuvens.
Mas a vida não tem roteiro, ela acontece fora do papel.
O amor não mora no depois,
A viagem não começa no talvez.
O instante é já, é aqui.

O depois é um bairro distante.
Tem avenidas que nunca foram asfaltadas, tem relógios que não funcionam,
E calendários que só têm segundas-feiras.
Enquanto esperamos o momento ideal,
Os barcos partem, os amantes se esquecem, as ruas mudam de nome.

Procrastinar é coisa de quem pensa ter tempo demais,
Mas tem é coragem de menos.
Então não espere:
Segure firme no seu sonho, e vá.
Porque viver é urgente.
E o depois…
O depois é só conversa fiada!

Daisy, Pérola Sem Mar

O olho do dia: essa beleza escondida na etimologia e na Natureza.

É olho do dia, vigia do sol nascente,
Cílios brancos que se abrem quando o orvalho ainda conversa com a relva.
É Daisy, abreviação de *day's eye,*
Nome estrangeiro para o mesmo gesto de luz.

É pérola sem mar e sem concha,
Livre no campo, solta no vento, aberta ao dia,
Entre abelhas e brisas...

É pérola do campo, que atende também por Margarida,
Nome antigo, nome de raiz, que carrega o brilho dos mares distantes
E no som, a memória das pérolas latinas.

Flor que não se exibe, mas que observa.
Não se vende, mas se oferece.
E quando a noite vem, ela se recolhe,
Por respeito ao escuro, como quem entende que até a luz precisa dormir.

Cerca Malfeita

Na pressa de armar a cerca,
Não se firmou bem cada estaca.
Ninguém esticou o arame, que acabou ficando frouxo...

O boi, que não é bobo, viu brecha e foi embora.
Pisou no milho, entrou no mato —
Fez festa, fez farra, fez folia.

O dono, que confiava no improviso,
Agora junta prejuízo com cara de quem entendeu tarde.

Como se diz lá na roça:
Cerca malfeita convida o boi a passear...

Pois é... essa vida ensina tudo —
Até erro vira lição:
Quem não cuida dos limites,
Quem não finca bem a estaca
Abre a alma, o pasto ou o coração
Para a evasão ou invasão.

Se não se fixa com jeito, se não se alinha o arame,
O mundo entra ou sai pelo vão.

E cuidado!
O mundo, quando entra pelo vão, não se faz de rogado.
Toma conta de tudo: ajeita-se, deita-se na rede,
E ainda canta um baião desaforado,
Com sanfona, zabumba e triângulo afinado.

Um Colar para Cleópatra

No ventre do Nilo, forja-se um colar com a alma da terra.
Ouro que murmura os segredos de Ísis,
Incrustado com as gemas mais puras,
Como se o próprio tempo tivesse sido seu ourives —
E o destino, seu lapidador.

A todo instante, chegam carregamentos preciosos para compor o colar...
Alguns metais e algumas pedras são presentes diplomáticos:
Selo de alianças, compromissos em forma de brilho,
Para impressionar líderes estrangeiros e dobrar fronteiras com beleza.
Mas os mais raros — os que parecem ter sido roubados do firmamento —
Esses são reservados ao colar da rainha:
Que não apenas enfeita — consagra.

Esmeraldas, verdes como o olhar da deusa,
Extraídas do Monte Smaragdus, onde a terra se curva em reverência à rainha.
Minas que sussurram seu nome em cada veio de pedra,
Como se a natureza conspirasse para adorná-la.

Peridotos que guardam o frescor da alvorada
Brilharão como promessas de eternidade sobre o colo de Cleópatra.
Ametistas que irão iluminar decisões que moldam impérios,
Como oráculos silenciosos em noites de conspiração.
Pérolas — lágrimas do Mediterrâneo —
Contarão histórias de amantes e reis,
Enquanto se tramam acordos que ainda não foram assinados
E se desenham mapas que ainda não existem.

Turquesas como o céu sobre Tebas
E rubis como o sangue dos que cobiçaram a capital egípcia
Farão o contorno da joia.
Cada pedra, um feitiço.
Cada brilho, um aviso a quem ousar desafiar a dona desse colar:
Serpente de ouro vivo, que se enrola em autoridade.
Símbolo do poder faraônico.

Cada gema, um mistério:
O que ela não disse a César,

O que calou diante de Roma,
O que tramou com Marco Antônio
E o que deixou escrito nas entrelinhas do silêncio.

Seu colar é feito de entradas triunfais, de perfumes que dobram impérios,
De segredos que vencem batalhas,
De olhares que desarmam generais.

O colar não pesa no pescoço — pesa na história.
E quando a última rainha do Egito o colocar, mais que adorná-la,
Irá armá-la.
Porque há silêncios que enfeitam,
Mas há os que desafiam.
E Cleópatra sabia: a palavra pode seduzir,
Mas é o silêncio que governa.

Arabutã – Poema em Brasa

A terra fala em muitas vozes, e nenhuma cabe num só nome.

Ibirapitanga!
Nome que vibra como tambor. Nome que não se traduz — se sente.
É sangue que escorre da árvore e pinta tratados, mapas, bandeiras,
E até o silêncio dos que não sabiam o nome da terra.

Ibirapuitá!
Madeira nobre, cerne duro, coração que não se curva ao machado.
Foi árvore, foi moeda, foi sentença.
Foi o batismo sem consentimento.
Foi o começo e o corte: o primeiro espólio e o primeiro altar.

Ibirapiranga!
Nome que dança na boca dos antigos, que não se dobra ao português,
Que resiste em cada sílaba como tronco em pé.
Brasil nasceu da tinta — mas quem escreveu o nome?
Quem tingiu o papel com a seiva da história
Senão o povo que fala em muitas vozes e nunca coube num só nome?

Ibirapitá!
Árvore que não se curva:
Ergue-se como coluna, não para enfeitar, mas para sustentar.
Não tem perfume — tem fibra.
Não tem ornamento — tem origem.

Orabutã!
Não é só madeira — é lembrança.
É a alma vermelha da terra, apaixonada, quente, como o batuque que sobe do chão.
Como o cheiro de chuva na mata. Como o grito que ainda ecoa no caule.

Pau-de-tinta, pau-de-luta, pau-de-nome.
Pau-brasil!
Nome que nomeou.
Era árvore, dizem.
Mas eu acho que era gente.
Gente que ficava em pé, quieta,
Com o coração vermelho escondido no tronco.
Com raízes que não se arrancam — se reverenciam.

Arabutã...
Queria plantar um no meio da sala.
No centro da casa, no coração da memória.
Só para lembrar que o Brasil começou
Com silêncio, com sombra, com seiva.

Era Fogo, Agora é Cinza

Tudo que passa pelo fogo muda até de nome.
Cru vira cozido. Medo pode virar coragem.
Frio sente calor. Farinha torna-se pão.
Mandioca vira tucupi. Choro vira tempero.
Açúcar derrete-se em caramelo. Barro ergue-se em cerâmica.
Dúvida transfigura-se em fé.

Porque o fogo não apenas queima.
Ele tem vocação mística e alma de alquimista.
Consagra o que toca, transforma o que resiste,
E ainda deixa tudo com gosto de epifania.

Prometeu ousou:
Roubou o fogo dos deuses e o entregou aos seres humanos.
Não por glória, mas por esperança.
Sabia que a chama é mais que luz — é destino.

A Fênix esperou:
Na cinza, fez ninho.
Sabia que o fim é apenas o disfarce do começo.
Que o calor que consome também prepara o voo.

Vejam... Na lareira, o tempo se acende em calor e aconchego.
Chaminés exalam histórias que sobem em espirais de fumaça.
Em volta da fogueira, o fogo é celebração nas danças de São João.
Tudo tão quente que há quem queime até a língua
Tentando provar o mundo...

Mas depois... quando a chama se recolhe,
Ouve-se o canto tímido do fogo-apagou.
Era fogo. Agora é cinza.

Mas na cinza... repousam dois segredos:
O gesto de Prometeu. E o voo da Fênix.

Lago Nakuru, Segundo Minha Neta

Nakuru é paisagem; minha neta fez dele poesia.

Minha neta caçula me falou de um lago cor-de-rosa.
Disse que fica no Quênia,
Mas parece mais o quintal secreto da Criação.

Segundo ela, Deus pintou a asa dos flamingos
E, como a tinta sobrou, coloriu o lago –
Só para não desperdiçar beleza.

Ela me contou com os olhos tão grandes
Que eu quase vi o lago dentro deles...
Disse que são milhares de flamingos
E que eles dançam sobre a água cristalina.

Isso sem falar dos leões que sobem nas acácias guarda-chuva,
Nas figueiras africanas
E até nos baobás –
Não para caçar, mas para pensar.
Porque até os reis precisam refletir sobre o sentido da força
Já que podem perder a coroa
Se esquecerem da sabedoria.

Garantiu que as zebras carregam partituras nas costas,
Mas que com tanto trote e galope,
As linhas da pauta ondulam
E nasce uma sinfonia que só os rolieiros de peito lilás entendem:
Uma música feita de vento, poeira e liberdade.

Os elefantes – ela acrescentou – parecem saber de tudo
E por isso andam devagar,
Como quem carrega segredos antigos nas patas.

Os rinocerontes e hipopótamos vivem mergulhando no lago,
Enquanto os guepardos passam tão rápido
Que nem dá tempo de perguntar nada para eles.
Mas minha neta explicou:
Eles correm porque têm pressa de viver...

Ela comentou mais:
- Sabe por que a girafa gosta de olhar de cima?
E concluiu com um sorriso:
Talvez desse jeito ela consiga enxergar o futuro antes da gente!

Aproveitei para perguntar:
Será que os bichos de Nakuru sabem que vivem num lugar tão bonito?
- Acho que não sabem – respondeu.
- Mas vivem como se soubessem – completou.

Minha neta, tão pequena,
Foi quem me ensinou que, às vezes, é preciso ouvir uma criança
Para entender o mundo.

Aprendemos — Querendo ou Não

Ninguém ignora tudo — mas há quem ignore isso.
Ninguém sabe tudo — mas há quem saiba o que não sabe.
A ignorância é confortável.
O conhecimento, inquietante.

Aprendemos sempre —
Inclusive quando achamos que estamos ensinando.
Aliás, ensinar é como contar piada:
Se ninguém rir, você não sabe contar...

Ignorar é humano.
Saber demais é extraordinário.
E aprender
É coisa de quem ainda não desistiu de decifrar o manual da vida,
Impresso em letra miúda,
Com notas de rodapé que contradizem o texto principal.

Aprendemos todo dia —
Porque somos rascunhos ambulantes:
O tempo nos corrige, os outros nos editam
E o acaso nos pontua.

Quem não aprende, vira pedra, endurece.
Quem aprende, vira rio, escorre...

A pedra se acomoda, o rio incomoda —
Mas é ele que chega ao mar.

Aprender é escutar o mundo
Com ouvidos que ainda não se fecharam.
É ler entre linhas, é sentir entre gestos.
É errar com elegância e recomeçar com humildade.

E se há beleza no saber
É porque ele nunca é só meu.
É sempre nosso —
Feito de vozes, feito de passos,
Feito de tudo que aconteceu.

Aprendemos — querendo ou não —
Porque viver é o maior ensinamento.
Mas só aprende quem se deixa atravessar
Pela dúvida, pelo silêncio, pelos tropeços.

A vida não entrega respostas,
Ela oferece enigmas
E nos convida a decifrá-los com olhos abertos.
Aprender é aceitar que o saber é sempre inacabado
E que o fim de cada lição
É só o começo de outra pergunta.

Flor da Quaresma: Abril em Tons de Fé

No silêncio roxo da Quaresma,
Quando os corações se recolhem em penitência,
Deus planta sinais na criação — e a quaresmeira floresce.

Suas flores, exuberantes e solenes, parecem paramentar a casula da própria copa.
Participam do rito da estação —
Silenciosas, reverentes, profundamente vivas.

Como um penitente diante da Paixão,
Cada flor, com suas cinco pétalas, é uma contrição.
Cada galho, uma estola sacerdotal, erguida em gesto de oração.

A árvore torna-se templo
E os pássaros, ministros do louvor.
O beija-flor paira como incenso,
O sabiá canta como salmo.

E quando suas flores caem, não é fim —
É ressurreição.
É o terceiro dia em forma de silêncio.

Enquanto o Tempo Passa, Eu Faço Hora

O instante é maior que a hora.

Ganhei horas,
Quando deixei de contá-las.
Perdi instantes,
Tentando vencê-los.

Ganhei momentos,
Mas eles não quiseram ficar.
Saíram correndo,
Sem nem olhar para trás.

Perdi tempo
E ele adorou.

O tempo é assim:
Quando mais você corre,
Mais ele se diverte.
Quanto mais você espera,
Mais se atrasa — só para testá-lo.

Se acho que tenho tempo de sobra...
É porque estou ao lado de quem me desacelera.

No fim das contas, quem tem tempo mesmo
É o relógio,
Que vive nos enganando pontualmente,
Com aquele tique-taque irritante...

Há coisas que pedem espera.
Há esperas que não levam a nada.
Há nadas que valem cada segundo.

Talvez o tempo não seja para contar
Mas para sentir.
E sentir, às vezes,
Demora mais do que ele permite.

E se o tempo voa...
Eu fico.
Tenho medo de altura!

No Jardim das Oliveiras

A leste de Jerusalém, ergue-se o Monte das Oliveiras seculares,
Tão antigas quanto a dor humana.
Ali, os ramos ainda escutam o Messias:
O peso da oração, o valor da fé, o silêncio da entrega.
Suas sombras acolhem e o chão consagrado sustenta a agonia dos justos.

Nas encostas do monte, há um Jardim de Oliveiras,
Chamado Getsêmani —
Prensa do azeite e do espírito.
Neste lugar, no laboratório do infinito, onde o divino se decanta em amor,
Como frutos esmagados para gerar claridade,
Jesus foi pressionado pela dor,
Para que de sua entrega brotasse esperança.

As oliveiras, testemunhas vivas do mistério,
Recordam a pomba de Noé,
Que voltou do abismo das águas com um ramo no bico —
Como promessa de recomeço, sinal de aliança.

O azeite extraído de seus frutos é sacramento:
Ungiu profetas, mártires e reis como Saul,
Mas escorreu, sobretudo, como ensinamento de um Rei sem trono,
Que se fez servo, lavou os pés dos humildes, curou os enfermos
E se fez oferta no altar da cruz.

Neste jardim, o Cristo curvou-se à vontade do Pai, com serena abnegação:
O Criador ajoelhou-se sem ocultar-se,
O sono venceu os discípulos
E o traidor, com beijo profano, selou o início da Paixão.

Ali, Jesus orou, o céu calou-se,
E a terra, em reverência, estremeceu.

Mas o monte permaneceu — como altar da esperança.
Ele não tem voz, mas prega.
Não tem olhos, mas vê os que choram.
Não se move, mas guia multidões.
Não tem púlpito, mas consagra.
Não tem asas, mas leva o povo para mais perto de Deus.

E eu, que caminho entre claros e escuros,
Entre dúvidas e revelações,
Descubro no silêncio do Horto a prensa que transubstancia o sofrimento
E a oração que me devolve ao Pai.

Onde o Verbo sangrou em silêncio,
Aprendo que o amor se oferece.
Que o cálice da dor é também fonte de luz,
E que o azeite da entrega unge não apenas os escolhidos
Mas todos os que se curvam diante do mistério.

Quem ali se ajoelha, não sai o mesmo:
Sai tocado pela eternidade,
E consagrado pela misericórdia.

Porque cada oração feita em meio à angústia,
Cada gesto de amor que não é visto,
Cada renúncia que ecoa somente no íntimo —
É Getsêmani.

Qualquer Caminho Serve

Quem não sabe para onde vai,
Segue conforme o sopro do vento.
A estrada é feita de desvios,
E as paradas nem sempre têm abrigo.

O passo é leve, mas não é livre.
É distraído —
Como quem dança sem música ou caminha sem direção.

Há quem confunda movimento com sentido,
E ache que caminhar é sempre avançar.
Mas há trilhas que levam ao mesmo lugar,
Lombadas que quebram eixos
E curvas que apenas giram em si mesmas.

O mundo oferece mil caminhos,
Mas só um leva ao que se busca.
E esse, às vezes, é o mais estreito,
O menos florido,
O que exige saber quem se é —
Antes mesmo de saber para onde ir.

Porque o caminho certo
Raramente é o mais fácil —
É aquele que responde à pergunta
Que talvez ainda nem tenha sido feita:
— Onde quero chegar?

O Rei de Um Olho Só

O rei de um olho só
Vê o mundo pela fresta.
Não enxerga o todo —
Mas acredita que o pouco é bastante.
E talvez seja mesmo.

Porque há olhos que veem demais
E não enxergam nada.
E há olhos solitários que, mesmo míopes,
Captam o essencial:
A ternura de um gesto,
A ironia de um silêncio,
A sabedoria escondida no riso.

Há quem veja apenas com os olhos,
E há quem veja com a alma,
Com olhos que não se medem em dioptrias.
O primeiro é rei,
O segundo é poeta.

A Porta Semiaberta

O professor gira a maçaneta das portas,
Deixando apenas os vãos visíveis,
Como quem acende uma fresta de dúvida.

O chão além da soleira é feito de perguntas,
Que ninguém pode responder por você.

Há quem fique do lado de fora e não entre.
Mas o saber verdadeiro
É o passo que se dá sozinho,
Mesmo com medo.

O mestre não é guia —
É clarão.
E a luz não leva ninguém pela mão,
Apenas mostra o caminho.

Porque aprender é atravessar o próprio silêncio,
É entrar por portas
Que só se abrem por dentro,
Com o trinco da curiosidade.

Mangia Che Ti Fa Bene

Coma, que te faz bem —
Diz a *nonna* com olhos sorridentes,
Enquanto serve mais um prato
Como quem oferece consolo.

Porque comer é mais que nutrir,
É lembrar que o mundo tem sabor.
É fazer da fome uma desculpa
Para reunir histórias à mesa.

O pão não é só farinha:
É afeto fermentado.
O molho não é só tomate:
É tempo que se deixou apurar.

Quem come bem, vive melhor —
Não por excesso, mas por presença.
Cada garfada é um instante inteiro,
Cada mastigada, uma pausa na vida.

Faz bem —
Não apenas ao corpo, mas à alma:
Tão necessitada de tempero!

A Arca da Aliança

No silêncio desértico do Sinai, o trovão falou em voz de fogo.
Moisés tremeu diante da chama invisível.
Ali, entre pedra e relâmpago, nasceu a Lei.
Dez mandamentos gravados em eternidade,
Guardados num relicário de acácia revestido de ouro —
A Arca da Aliança.

Com ela, o maná — pão do céu.
Com ela, a Vara de Aarão — haste que floresce milagrosamente.
Com ela, o pacto — entre Deus e a criatura humana.

Makeda, rainha de Sabá, senhora de sabedoria e mistério,
Cruzou desertos e séculos até Jerusalém,
Para encontrar Salomão, rei iluminado.
Dois impérios se tocaram.
Dois destinos se entrelaçaram.
Dessa união nasceu Menelik —
Filho de dois tronos, herdeiro de dois mundos.

Menelik retornou à terra de sua mãe,
Com a Arca em seu coração e em suas mãos:
O sagrado escolheu onde repousar...

Diz a lenda que ela está sob os cuidados da cidade de Axum,
Entre estelas que apontam o céu e obeliscos que conservam o tempo,
Na Igreja de Santa Maria de Sião.

Um monge solitário vela o segredo.
Não há olhos que a contemplem.
Não há provas que a sustentem.
Mas há fé — e isso é mais que história.

Lugares que Moram na Gente

Nunca estive em Axum,
Mas esse reino me visita em sonho.

Na Etiópia, antes que o café perfumasse o mundo,
Axum já perfumava a história —
Com moedas de ouro e obeliscos que sonham com o céu.

Ali, onde o deserto encontra o mar,
Frumêncio, o monge estrangeiro, trouxe a fé cristã sem espada
E o rei Ezana converteu-se.

Lalibela — a Jerusalém da África —
Ergue-se para mim como uma catedral de pedra viva,
Com suas onze igrejas monolíticas:
Escavadas diretamente na rocha,
Como se brotassem da terra
Nascidas do sonho de um rei que lhes deu o nome!

Teu silêncio tem cheiro de incenso,
E tuas sombras rezam em Ge'ez.
Ali, o povo não caminha — peregrina.
Ali, o tempo não passa — medita.

Adúlis, eu te imagino como um cais de ouro,
Onde o mar traz tecidos e leva mirra, marfim, chifres de rinocerontes.
Um mundo que se encontrava sem mapas,
Onde o comércio era efervescência e vida.
Tu eras ponte entre continentes: Roma, Índia e Arábia.

Ah, Adúlis...
Se teu porto ainda respirasse,
Quantas sacas de café etíope não partiriam de ti,
Como incenso líquido,
Como mirra que desperta os sentidos?

Assim, tu viveste — entre o altar e o leme,
Entre o silêncio da montanha e o grito das ondas,
Entre o céu que abençoa e o mar que se abre.

Olho para ti com reverência:
Vejo-te envolta em aromas exóticos
E colunas de pórfiro...

Hoje, Adúlis já não ouve o mar,
E Lalibela já é silêncio esculpido.
Mas eu escuto
E escrevo estes versos como quem acende uma vela
Para um altar que nunca vi,
Mas sinto como lembrança de um lugar aonde nunca fomos,
Mas que insiste em morar na gente.

Acho que Axum me espera
E vai me reconhecer se um dia me vir chegando.

O Brasil Cozinha Até no Chão

Diz o livro do Eclesiástico
Que o ferro quebra o barro.
Mas aqui, no calor da terra, eles podem escutar-se.
Porque no Brasil, o fogo não separa — ele tempera.
E a panela é altar, ventre e berço de memória.

Cozinha-se na folha de bananeira,
Assa-se na telha de barro,
Lacra-se o barreado com farinha
Enterra-se o tempo sob a terra quente.
O churrasco — seja na grelha, no espeto ou no chão —
É conversa da carne com a brasa,
Que nem precisa de panela...

Já o arroz com feijão cabe em todas as panelas.
O tacacá dança na cuia, o baião de dois canta no barro.
O empadão goiano abre-se em exagero em formas generosas.
O arroz de carreteiro segue estrada na velha panela de ferro.
O peixe curva-se na telha.
O angu embala-se na ágata azul.
O cuscuz paulista se empilha em camadas na forma redonda de alumínio.
A feijoada carioca borbulha como samba no caldeirão.
A moqueca capixaba vem com a panela de Goiabeiras.
E o doce de leite mineiro sonha no tacho de cobre.

O jambu treme no Norte — sabor de floresta e rio.
O pequi explode no Cerrado — amarelo, pungente.
A macaxeira sustenta o Nordeste — adocicada Terra do Açúcar.
O pinhão estala como segredo da araucária no Sul das serras e dos pampas.
O cuscuz é festa no Sudeste das montanhas e dos quintais.
E o milho, em junho, festeja o São João brasileiro:
Fogueira, riso e céu estrelado...

O Brasil cozinha com pimenta, jambu, açaí, cuxá,
Com jerimum, abacaxi, dendê, maracujá,
Com sotaque português, tupi, guarani, caipira, sertanejo, quimbundo,
Com tiquira, caipirinha, chimarrão,
Com fogo, lenha, carvão,
Até sem panela,
Mas sempre com alma!

O Coração Não Tem Juízo

No começo, o coração era só silêncio.
Batia quieto, feito um tambor esquecido.
Veio então o primeiro olhar — raio em céu de seca.
E o coração, ingênuo que é, abriu-se.
Não perguntou nada.
Não fez conta.
Só foi.

Aos poucos, o coração virou casa.
Recebeu gente, esperança, promessa.
Fez café, acendeu vela, esperou carta que nunca chegou.
E mesmo assim, continuou batendo — porque coração não tem juízo.

Mas há que se perguntar:
Vale a pena amar com tamanha imprudência?
Talvez não.
Mas o coração não consulta o cérebro.
Age como quem já leu o final do romance e, mesmo assim, quer viver cada capítulo.

Aí veio o tempo.
Veio o vento.
Veio a ausência.
E o coração, que era casa, virou ruína.
Mas ruína bonita, daquelas que ainda têm flor crescendo no meio do tijolo.

No fim — se é que há fim —
O coração olhou para trás e não entendeu nada.
Mas também não quis entender.
Porque amor não é para entender — é para viver.
E se machucar — e rir depois.

Afinal, o amor é coisa séria demais para ser levado a sério o tempo todo.

A China Moldada em Caulim

Na colina de Kao Ling, o caulim é barro branco,
Que repousa como neve sobre pedra antiga.
Alvo como asa de anjo em procissão...

Jingdezhen desperta com o canto das cigarras,
E molda a porcelana com mãos de exímio ceramista.

O caulim quer ser tanta coisa...
Quer ser tigela, para conter o chá da manhã.
Quer ser travessa, para servir o arroz da celebração.
Quer ser jarro, para guardar a água que lembra o rio.

Que porcelana é essa, tão fina e translúcida?
É a lágrima do torno, clara como lua cheia,
Que tilinta como um sino...

Nessas ricas peças, o bambu é flexível, sim, mas sempre à mercê do vento.
A flor de pessegueiro, por sua vez, cai com poesia.
Lanternas flutuam como pensamentos ao vento,
Leques abrem-se como sutras adormecidos.

A Flor de Lótus, que vence o lodo, revela a pureza do espírito.
Tanto o dragão como a fênix não lutam —
Apenas dançam no esmalte da eternidade.

E eu, sentada à sombra da alta colina,
Escrevo versos nas bordas dos vasos da Dinastia Tang e Ming
E vejo o mundo inteiro num prato branco.

O Chapéu da Casa

Entre os vários tipos de telhados,
Há um que não complica, que não filosofa.
É o de uma água só:
Ele escorre a chuva como pensamento ligeiro,
Como aquele sujeito que só tem uma ideia —
Mas, ao menos, ela vai embora rápido.

Outro é o telhado religioso,
Que reza com duas águas,
Como mãos postas no alto,
Dividindo o peso da chuva com fé e simetria:
É oração feita de barro e esperança.

Há também os de quatro águas.
Estes querem resolver o mundo: esticam-se para todos os lados,
Como quem abraça a casa inteira,
Sem deixar brecha para o vento nem para o destino.

Mas eu gosto mesmo é dos telhados de sapé.
Eles cobrem choupanas humildes, casebres que têm mais alma que parede.
Deixam a chuva entrar, mas também deixam o vento sair.
São como o povo:
Apanham, persistem, mas permanecem em pé.

Já os telhados dos palácios e das catedrais...
Ah, esses são vaidosos!
Vestem-se de pedra cinzenta, de cobre, de ouro, de orgulho.
Pensam que são céu: cúpulas, domos, abóbadas...
Querem tocar o infinito,
Mas se esquecem de que foram feitos para cobrir o chão.

Todo telhado, porém, tem sua sabedoria.
Uns pensam com lógica de engenheiro, outros com poesia de lavrador.
Uns se curvam como quem pede desculpa,
Outros se empinam como quem desafia as estrelas.

Mas todos, todos eles, guardam histórias que não cabem em livro.
Histórias de amor escondido, de chuva que virou bênção,
De menino que subiu neles só para ver se o mundo era mesmo redondo.

Porque o telhado, meus amigos, não é só cobertura —
É pensamento em forma de abrigo:
É a última superfície antes do infinito.
É pele entre o céu e o chão.
É o chapéu da casa.

O Balanço da Urupema

Na cozinha do sertão tem mais filosofia que na Grécia antiga.
A urupema, feita de taquara e fé, sururuca o feijão e os pensamentos.

Quem sacoleja, com fé e paciência, peneira a própria consciência.
Separa o grão firme, inteiro e maduro
Do que traz no corpo o sinal da ausência:
Oco, brocado, marcado de tempo —
Memória que não virou sustança.

Não há engano nessa escolha:
Fica patente o que é bom e o que não é.
A urupema não julga — apenas revela
O que alimenta de verdade.

Sururucar é arte, é sabedoria:
Viver é peneirar tudo
E só guardar o que vai sustentar.
O que passa é passado;
O que fica é futuro cozinhando.

Coração com Senha

No templo escuro da alma esquecida,
Flores murcham sem mãos que as toquem.
Estrelas caem sem olhos que as vejam.
O coração, em silêncio, se fecha —
Num labirinto onde ninguém chega.

Ali, o egoísmo reina só, na torre cinzenta,
Sem notar que o trono é também prisão.

É um Olimpo sem deuses, sem orações:
Com espelhos nas janelas.
Tudo o que entra reflete o Eu.

O altar é o Ego, reduzido a si mesmo,
Buscando brilho no próprio reflexo —
Imagem sem alma, sem expressão.
Quem só se vê, não vê ninguém:
Tem bolso cheio de “meus”
E coração trancado por senha.

O egoísta não vê quem tem fome.
Não ouve quem clama.
Não fala com quem ama.
Não reparte o que tem.

O egoísmo é rede furada:
Segura o corpo,
Mas não embala o sonho.

Se alguém bate à porta, ele hesita —
Porque abrir exige mais coragem que fechar.
E se resolve sair de sua torre para respirar,
Caminha até o fim da rua,
Onde há um banco de praça.
E senta-se.
Sozinho.

Entre Dois Bornais

Na estrada de terra batida, carregamos dois bornais.
Um à frente, outro nas costas.
No da frente, os erros alheios —
Coloridos, visíveis, quase vivos.
Pesam pouco, mas parecem montanhas.
No de trás, os nossos defeitos —
Desbotados, esquecidos, invisíveis.
Pesam muito, mas parecem nada.

Vemos com lupa o tropeço do outro,
Mas o nosso, deixamos bem protegido:
Por argumentos e um leve toque de esquecimento.
Na verdade, mal o enxergamos.

O tropeço do outro é prova de má índole.
O nosso é culpa da calçada!
Julgamos o vizinho pelo latido impertinente do cachorro,
Mas se o nosso cão morde é porque foi provocado.

Apontamos com dedo firme e voz alta,
Mas ficamos quietos quando o retrovisor nos chama.

Por fora temos cem olhos,
Por dentro, mal temos um.

De vez em quando, nossas piores imperfeições nos cutucam a nuca,
Mas fingimos que são folhas que o vento levantou.

Ah, se trocássemos os bornais!
Ou melhor:
Se jogássemos os dois de lado e começássemos a caminhar leve
Sem julgar nem justificar?

Sarará: A Formiga que Voa

Bem no fundo do quintal, onde o sol se entorta no muro,
Vive — ou sonha — a sarará.
Dizem que ela é formiga,
Mas não dessas que marcham em fila,
Carregando folhas ou farelos, como fardos da rotina.
Ela tem asas... E isso muda tudo!

Outro dia, vi a sarará pousar num botão de hibisco.
Ficou ali, imóvel, contemplando o tempo.
Depois, voou para dentro do botão,
Como se buscasse o coração da flor.
Ela tem esse dom: entra nas coisas
Como quem procura sentido.

O botão, ainda fechado, sentiu cócegas de asas e resolveu florir.
Era vermelho por dentro.
Ela, vermelha por fora.
Foi um encontro de simetria cósmica, um instante de beleza!

Em seguida, ela riscou o ar,
Com seu voo curto e certeiro —
Não precisou ir longe para causar espanto nem para picar.
Rondou os pés descalços e os pensamentos distraídos
E deixou sua marca: uma picada que doeu mais na memória do que na pele.

Pois é...
Ela não tem moral, tem instinto.
Não tem história, tem lenda.
E, se um dia ela sumir, não será ausência,
Será metáfora!

Labirinto: Não Há Saída Porque Não Há Lado De Fora

Entrei em mim como quem entra num quarto escuro.
Acendi a luz e vi outro ser — que também me procurava.

Mergulhei novamente em meu silêncio
Como quem chega a Creta pela primeira vez:
Sem mapa, sem fio,
Guiado apenas pelo desejo de tocar o mistério.

Não tenho pressa.
O que busco não está lá fora,
Mas dentro — onde o tempo não é linha, é espiral.

O Minotauro não ruge.
Ele espreita, com olhos que lembram os meus
E perguntas que não têm rosto.

Cada passo é escolha, cada curva, um reflexo partido.
Os espelhos não mentem, mas também não explicam.

O fio que me deram não é de ouro, nem de Ariadne.
É feito de dúvida, de procura, de descobrimento.

Cada pensamento é um corredor que se dobra sobre si,
Cada memória, um beco sem saída.

Mas eu não busco saída.
Busco sentido na arquitetura do enigma.
O labirinto é o próprio Eu:
Infinito, íntimo, e sempre em construção.

Emaús: Onde a Luz Caminha

Alguns caminhos se fazem com os pés,
Outros, com o coração.
Emaús foi ambos.

Dois discípulos dirigiam-se de Jerusalém para lá,
Tristes — o luto da esperança crucificada
Pesava-lhes os passos.

Andavam com os olhos voltados à sombra,
Sem ver que Jesus ia ao lado deles.
Cegos de si, feridos de mundo,
Carregavam a ausência da claridade.

E o que faz o Senhor?
Não os chama, não os corrige, não os detém:
Caminha com eles.

O Deus que ressuscita não se impõe — acompanha.
Fala palavras vivas.
Parte o pão.

E então — como quem desperta de um sono antigo —
À mesa de Cléofas,
Reconheceram-No na fração do pão:
As mãos marcadas pela cruz.

Não é um milagre que os converte — é o gesto:
O pão partido — sacramento da presença —
Abre-lhes os olhos à luz.

E por que não O viram antes?
Porque a alma ferida fecha-se à visão.
A fé não enxerga — apenas sente.
E mesmo sentindo, duvida.

O Cristo glorioso não vem em esplendor — vem em passo.
Não chega como Rei — mas como companheiro de jornada.
E quem O reconhece não permanece onde está:
Volta. Corre. Anuncia.

E nós?
Quantas vezes caminhamos para Emaús,
Fugindo da espera, do silêncio, da cruz?
Quantas vezes Jesus caminha conosco,
Sem que O vejamos, sem que O sintamos?

Onde estamos neste caminho?
Em fuga ou em retorno?

Respondo com fé:
Emaús é todo lugar onde o coração arde,
Onde os olhos se abrem ao entendimento.
Cristo está em cada estrada, em cada rosto,
Em cada gesto que traduz amor.

Não há dor sem Seu consolo,
Não há noite sem Sua luz.
Não há caminho sem Jesus.

E agradeço:
Louvado sejas, meu Senhor, por caminhar conosco,
Por ser Deus no pão,
Por nos mostrar que o coração é estrada,
E que ela passa por Emaús.

Até quando, Catilina?

"Até quando, Catilina, abusarás de nossa paciência?" — disse Cícero.
E desde então, o mundo não parou mais de abusar.

Abusa o trânsito, a fila de emprego,
O elevador que para em todos os andares — menos no seu.
Abusa o tempo, que corre sem olhar para trás,
E a pressa, que acha que tudo é urgente.

Abusa o chefe que manda e desmanda,
O vizinho que estaciona o carro fora da vaga,
O grupo de pagode que toca até altas horas
Como se o silêncio fosse um grande inimigo.

Abusa o sistema que promete e não cumpre,
A justiça que demora — como se o povo tivesse tempo infinito.

A paciência virou artigo raro, como fita cassete ou lenço de pano.
Quem tem, guarda.
Quem não tem, irrita-se.
E quem perdeu, exaspera-se.

Mas ela ainda existe:
Em quem escuta sem interromper,
Em quem espera sem roer as unhas,
Em quem respira antes de responder.

Paciência é quase milagre:
É suportar sem ficar com a pressão alta,
Amar sem ansiedade,
Ter bom humor quando o leite derrama no fogão limpinho,
Esperar que o tempo se abra para pegar seu voo,
Ensinar a tabuada pela décima vez.
É não perder a ternura mesmo quando o outro perde a razão.

Paciência, porém, não é omissão.
Não é aceitar o inaceitável, nem calar diante do abuso.
Ela espera, sim — mas também sabe dizer "Basta!".
Porque há limites.
E quando a paciência se esgota, ela age:
Com firmeza, com dignidade, com a força de quem esperou demais.

Escalafobética

Disseram-me que a vida é luta, e que ao vencedor cabem as batatas.
Mas quem decidiu que batatas são prêmio?
E se o vitorioso preferir o silêncio, a sombra, o devaneio —
Não terá ele vencido da mesma forma?

Não é por ser extravagante que não sei filosofar!
Dizem que sou doida,
Mas doido mesmo é quem acredita que o mundo é só o que se vê.
Sou feita de contradições e poesias,
E algumas imprevisíveis teorias.
Questionáveis, mas não descartáveis.

Sou excêntrica como Quincas Borba, embora menos cínica.
Ele, com sua lógica de cão filósofo,
Proclamou que o sofrimento alheio é útil,
Desde que sirva ao triunfo do mais forte.

Mas eu digo: o inútil também é necessário.
O delírio também é método.
A loucura também é lucidez.

Se o Humanitismo conclui que há progresso
Quando duas pessoas disputam um tubérculo
E um morre para que o outro o coma,
Eu proponho outra coisa:
Que ambos plantem o fruto da terra
E colham juntos o que florescer.

Sou escalafobética, sim.
Mas também sou lógica.
Penso fora da cerca e dentro da ameaça da fome.

Ao vencedor, as batatas, Quincas Borba!
A mim, que não gosto de disputas — o batatal inteiro!

Bola de Meia e Boneca de Pano

Para as mãos que costuraram minha alegria;
A todas as tias, avós e mãos artesãs que, com linha e afeto, deram forma à minha infância;
Aos brinquedos que não tinham manual, mas sabiam exatamente como me fazer feliz;
E a Caconde, onde a imaginação corria solta pelos quintais.

Na cidade pequena onde o tempo cochilava,
Brinquedos não vinham em caixa com laço,
Não vinham de loja.
Eram únicos — feitos um a um — por quem sabia costurar alegrias,
Com meias sem par, retalhos de domingo e olhos de botão.

Boneca de pano não chorava com pilha,
Chorava com a gente, quando ficávamos tristes.
Tinha cabelos de lã que sabiam segredos,
Vestidos floridos — sobras de tecidos aproveitados.

A bola de meia, redonda de simplicidade,
Cabia no bolso e no coração.
Mais macia que as de borracha,
Tinha alma de travesseiro e espírito de aventura.
Saltava entre móveis, escapava por corredores, e nunca machucava — só fazia rir.

Brincávamos de mundo com quase nada,
E esse quase nada era tudo.
Porque tudo que é feito com afeto
Tem o dom de divertir mais que brinquedo comprado.

Hoje, a bola e a boneca dormem numa caixa de papelão,
Mas às vezes escuto suas risadas quando abro a tampa.
Brinquedo feito a mão não se aposenta —
Apenas descansa, esperando que a infância volte
Para brincar mais um pouquinho.

Tanto Faz

Não foi sempre assim.
Houve dias em que o coração dele ardia,
E as mãos tremiam diante da beleza.
Mas o tempo foi apagando os relevos da sua alma.
Ele passou a olhar as coisas com olhos gastos.
Não por desprezo, mas por saber demais.

Antes, esperava milagres.
Agora, esperava apenas que não doesse.
Não que não amasse.
Mas agia como se tivesse aprendido a amar sem esperar retorno.

Parecia indiferente, porém, não era vazio.
Era cheio demais.
Cheio de esperas que não chegaram,
De cartas que não foram lidas,
De manhãs que não trouxeram sol.

Às vezes, eu o via caminhando pelas ruas,
Sem pressa, sem destino.
As vitrines não o seduziam mais.
Já comprara todas as promessas.
E nenhuma lhe servira.

“Tanto faz” não lhe era desdém, era defesa:
Um jeito que a alma encontrara de não se quebrar outra vez.
Era escudo, não descaso.

Seu coração, no entanto, não se fechou.
Apenas se recolheu — como quem guarda um cristal num pano grosso,
Para não quebrar outra vez.

Tenho esperança de que ele volte a se importar...
“Tanto faz” é palavra de quem perdeu o encanto,
Mas não a capacidade de sentir.
E como sou sonhadora, gosto de imaginar que ele, no fundo,
Seja como eu:
Prefiro o delírio à indiferença.
Prefiro errar com paixão que acertar sem alma.

O mundo precisa de gente que arda!
Que erre, sim — mas com entrega.
Porque o acerto sem alma é como festa sem sanfona,
Sem viola, sem batuque.
Como vida sem poesia.

Quando o Invisível é Suficiente

Não era vazio — era nevoeiro.
E quem o olhasse com olhos atentos,
Veria ali um templo escondido,
Um jardim que só floresce quando ninguém está olhando.

O silêncio ali era presença:
Tinha som de sino distante,
Que ecoava mais fundo por não ser tão próximo.
Outro ruído era o de água entre pedras...
Uma melodia que não pedia atenção,
Mas oferecia repouso.

O musgo tinha segredos com o orvalho
Que nem mesmo a bruma conseguia encobrir:
Havia ali uma fresta —
Que só um coração quieto conseguiria vislumbrar.
Ao menor movimento, tudo poderia se desfazer.

Era um lugar de névoas
Onde as belezas se insinuavam, discretamente.
Há quem busque clareza.
Eu, não.
Prefiro o nevoeiro —
Ali o mundo se resolve em contornos suaves,
E o que importa não é o que se vê,
Mas o que se pressente.

Nele, tudo é possível.
E o mistério é o que mantém a alma acesa.

Mesmo quando o nevoeiro se dissipou
O mistério permaneceu:
O templo estava lá.
O jardim ainda florescia.

Eu não precisava vê-los.
Bastava saber que existiam.
E isso era suficiente.

Dois Exílios

Somos conservadores quando temos medo.
Somos liberais quando temos esperança.
Em mim mora uma menina e uma idosa,
A primeira sonha, a segunda guarda.
Uma abre caminhos, a outra fecha janelas.

Em casa, sou conservadora — protejo o que amo.
Na rua, sou liberal — luto pelo que falta.
Ontem, conservei o silêncio.
Hoje, liberei a palavra.
Amanhã, talvez volte a calar.

Sou sempre liberal nas manhãs de sol, quando o mundo parece possível.
E conservadora nas noites, quando o silêncio exige grades.

No café, defendo o novo.
No jantar, não dispenso as receitas de sopa da vovó.
Aplaudo mudanças, mas temo reformas na minha rua.
Sou progressista quando sonho com pontes.
Tradicionalista na estante dos meus livros.

No grupo social, sou diplomata.
No grupo da família, sou juiza.
Quero mudar o mundo, mas não mexam na minha gaveta!

No fundo, sou uma criatura de hábitos e hesitações...
Carrego em mim dois exílios:
O receio de perder o que foi
E o receio de não saber o que será.

Se me chamarem de incoerente, vou sorrir:
Será o elogio mais justo que já recebi.

Brevidade com Café



Nas manhãs de sexta-feira, a cozinha de fora se enchia de vida.
Era dia de fazer quitandas — promessa de fim de semana bem servido.
Cada casa, uma estação de sabores,
Cada mulher, uma alquimista de amores.
Era um costume bonito,
Desses que não se aprende em livro:
Herda-se junto com as receitas de família.

Avó, tia, mãe — mãos que sabiam o ponto exato,
Do sequilho que derrete na boca, da broa que abraça o paladar.
Biscoitinhos em leiras, rosquinhas em pares,
Brioches macios, biscoitos de polvilho a estalar...

E nós, os pequenos, com olhos curiosos e dedos ansiosos,
Recebíamos os restinhos da massa como presente precioso.
Modelávamos bonequinhos, corações, estrelas tortas,
Que iam ao forno junto com os pãezinhos de minuto.

O cheiro de coisa boa e açúcar dançavam no ar,
Misturado ao riso, ao café coado, ao tilintar das xícaras.
Na tulha da memória, tudo ainda mora:
O tabuleiro quente, a toalha de crochê da vovó, a conversa animada.

Cada receita era feita em dobro, em triplo, em comunhão,
Para que todas as casas tivessem um tanto de cada fornada.
Era partilha, era festa sem anúncio,
Era a infância bordada em afeto adocicado e cúmplice.

E as brevidades — ah, essas eram especiais:
Leves, doces, com gosto de eternidade fugaz.
Ovos, maisena, raspas de limão...
E um carinho muito além da receita —
Era como comer um instante de céu.

Hoje, quando o café fumega na xícara,
Sinto o sabor daquelas manhãs e tardes.
O tempo passou, os sabores mudaram,
Mas há delícias que nunca se acabam:
São lembranças, verdadeiras quitandas da alma,
Guardadas em lata de folha.

A brevidade com café, coado no pano, era a minha preferida.
E quem provou uma delas sabe que o nome não mente: é breve, sim.
Mas deixa um gosto que dura a vida inteira.

Sol de Giz

O inverno não começa no céu.
Começa dentro das conchas, onde o sol se recolhe sossegado.
E as praias ficam solitárias —
Um deserto de espuma sem quem pule suas ondas.

As árvores sonham com raízes que sobem
E os ramos enterram-se no chão
Como se o mundo tivesse virado do avesso
E o céu quisesse tocar a terra.

Um menino colhe estrelas nos galhos baixos
E as guarda num pote transparente —
Luz engarrafada para dias nublados.

Há um pássaro trêmulo de frio que canta uma nota mais baixa.
Os dias são feitos de vidro fosco
E as noites têm cheiro de fósforo apagado.
Os passos são mais curtos
E até as horas parecem andar de meias,
Pisando leve para não acordar o tempo.

O lençol parece molhado, úmido.
O frio toca os gestos e os pensamentos,
Com dedos gelados.

E no quintal, uma criança desenha o verão no chão gelado,
Com um giz amarelo:
É um sol bem grande — quase do tamanho da vontade de brincar.
Depois planta um pé de brincadeira no cimento que provoca arrepios
E espera que nasça, no mínimo, um balanço...

Fórmula da Eternidade

Dizem que há uma fórmula,
Oculta em frascos de vidro e promessas,
Capaz de deter o tempo:
Um elixir que dissolve rugas e cristaliza a juventude.

Mas o que é juventude,
Senão uma reação instável,
Um composto volátil entre sonho e pele?

Juventude é combustão espontânea:
O coração reage com o mundo sem precisar de catalisador.

Alquimistas sonhadores misturam moléculas de vaidade com átomos diversos
Em tubos de ensaio, onde o ego implora pela mocidade perdida.
Esperam que a eternidade se precipite,
Como toda boa reação química.

Mas o tempo é um reagente teimoso:
Oxida tudo o que toca.
E o que não se oxida, transmuta.

Talvez o verdadeiro elixir seja aceitar a beleza da mutação,
A alquimia dos afetos,
A química dos encontros que nos fazem eternos por instantes.

Porque há juventude em cada gesto que desafia o fim,
Em cada riso que ignora a gravidade,
Em cada amor que nos rejuvenesce.

Será que buscamos deter o tempo porque ainda não aprendemos a habitá-lo?
E se a eternidade não for um instante que dura, mas um instante que basta?

Lavadeiras do Velho Chico

Elas chegam cedo, antes do sol abrir os olhos,
Com os panos no embornal, cantarolando...
Pisam o barro como quem pisa altar,
E fazem do rio um confessionário de espuma.

O Velho Chico escuta,
Com paciência de santo e correnteza de rio.
Acolhe os murmúrios, os dissabores, os risos,
E os dissolve em suas águas batismais.

As lavadeiras — sacerdotisas do cotidiano —
Ensaboam, esfregam, enxaguam, torcem.
A seguir, estendem as roupas ao sol para quarar...
É oração com as mãos:
Milagre que se repete todo dia.
Ritual de quem sabe que o mundo se limpa aos poucos.

Elas cantam —
Das ladainhas ao sertanejo.
Cantam para espantar o cansaço,
Para lavarem a alma ribeirinha com versos de enxágue.
Porque há dores que só se desmancham em canto.

O rio leva embora a fadiga,
Banha seus pés com ternura líquida
E deixa nas margens um brilho de histórias limpas,
Estendidas no varal da memória,
Que o tempo seca bem devagar.

Ali, entre pedras e sabão,
A vida revela-se molhada, forte, feminina.
Feita de pano e de coragem.

Nomes que Andam Descalços

Arariboia, o temiminó que conversa com os ventos e escuta o silêncio das pedras.
Cunhambebe, o tupinambá de dentes de fogo e olhos de lua,
Que conhece a guerra e a paz.

Tibiriçá, o tupiquiniquim que escuta o chão e recebe respostas das raízes ancestrais.
Jaguaranho, o tamoio que observa, mestre das sombras,
Guia dos que se perdem na selva.

Aimberê marcha com os pés firmes sobre a memória da terra.
Açaí não é apenas fruto, é resistência que pulsa como coração da floresta.
Tariri dorme nas folhas, sonha com jaguares e acorda com o canto das águas.
Pindobuçu é trovão contido e alma de tempestade.

Esses nomes não são passado.
Ainda falam — não com palavras, mas com o espírito da mata.
Porque nome bonito não morre: ele se esconde nas árvores,
Nas frutas, nas serras, nos rios.
Andam descalços sobre a pele da terra,
Pisam folhas, pedras, raízes e deixam rastros invisíveis, mas permanentes.

E quem os escuta descobre que a língua brasileira
Tem sotaque de tupi-guarani, de cacique, tem sabedoria de pajé,
Tem ritmo de resistência,
Tem poesia que não se escreve — mas se escuta.

Pharos: A Ilha que Nomeou a Luz

Onde nasceu o farol, nasceu também a palavra
Que guia os navegantes, em tantas línguas e mares.

Na ilha de pedra e promessa,
Onde o mar e o vento recitam versos em grego antigo,
Ergue-se Pharos — rocha e luz.

Alexandria floresce ao fundo,
Com seus portos cheios de mercadores e mitos.
Ali, na torre alva, uma chama acende-se na névoa,
Como lembrança...

Farol de Alexandria!
Os três corpos de pedra,
Empilhados como estrofes de um poema esquecido,
Que guiavam os navegantes — não apenas ao porto,
Mas à esperança.

Sob sua luz passaram viajantes anônimos,
Reis, sábios e sonhadores.
Estrabão, Hipátia.
Mercadores fenícios, soldados romanos,
Peregrinos do saber e da seda —
Todos viam o fogo de Pharos como um convite à travessia e ao mistério.

Hoje, resta o eco.
Apenas o mar conhece seus contornos.
Os blocos de pedra branca jazem sob as ondas,
Como ossos de um titã adormecido.

E quem caminha por Alexandria talvez ainda sinta,
Sob os pés,
O calor da luz extinta.

O Sabor do Tempo

O tempo não tem gosto, mas tempera tudo.
É ele quem dá doçura à fruta que amadurece,
Amargor à espera, sal à saudade,
Vinagre à lembrança.

O tempo cozinha em fogo baixo os afetos, os gestos, os silêncios.
Fermenta os desejos,
Cura as feridas com o calor lento da paciência.

Ele não se vê, mas sabe o intervalo exato para o pão crescer,
Para o vinho virar memória, envelhecendo nos barris.

O tempo não tem pressa.
Mas exige atenção.
Quem não o escuta, queima o instante,
Perde o ponto, serve a vida crua.

Trigonometria dos Sentimentos

No ciclo dos afetos, sou tangente
Ao toque que teu gesto desenhou.
Oscilo entre o desejo e o presente,
Qual seno que no tempo se apagou.

Teu riso é cosseno em harmonia,
Reflete em mim com fase e precisão.
Mas há momentos de pura apatia,
Em que sou ângulo sem direção.

Se o amor tem amplitude e frequência,
Minha alma é gráfico em transformação
E a dor, que vibra em tênue transparência,
Cresce em silêncio e em oscilação.

Na curva dos teus olhos encontro minha essência:
Sou a resposta à tua equação.
Transformo-me igualmente em tua derivação.

Ainda Não Desisti – Tomara que você venha nesse Natal

Todo ano é a mesma coisa:
O pinheirinho já está montado, firme em sua missão decorativa;
Os enfeites piscando com entusiasmo;
O presépio com Deus Menino esperando por nós;
E aquele lugar vazio na sala
Que insiste em ser seu.

Não é cobrança
É que o tempo tem dessas manias:
Gosta de insistir em esperanças,
Vive repetindo refrões antigos.

Eu faço o convite, claro.
Com antecedência, carinho e um "tomara".

Talvez você não venha.
Talvez o peru tenha se sacrificado em vão.
Mas ainda assim, eu deixo o prato posto.

Porque há quem diga que o amor é teimoso.
Eu prefiro pensar que ele é distraído:
Vive esquecendo que o outro não vem,
E por isso convida de novo.

Talvez você não venha.
E isso não diminui o que sinto.
Porque o amor não depende do encontro,
Mas da possibilidade dele.

Enquanto houver dezembro,
Haverá um "tomara" no ar.
Ainda não desisti —
Não se preocupe, não é pressão.

É só poesia.

Fita Isolante para o Ego

O ego — essa criatura elétrica — vive em curto.
Ora se acha o centro do universo,
Ora se ofende por não ser a estrela do café da manhã.
Tem gente que passa a vida tentando proteger o ego com discurso.
Mas discurso não isola nada.
Só enrola o fio.

O ideal seria uma fita isolante emocional.
Daquelas que seguram o ego no lugar,
Sem deixar escapar vaidade, nem entrar humilhação.

Mas quem fabrica isso?
Não está à venda no mercado. Nem nas farmácias.
Nem nos cursos de autoconhecimento com certificado.

O ego é sensível — mas não admite.
É frágil — mas se finge de aço.
E quando alguém o toca — mesmo sem querer —
Ele reage como fio desencapado:
Dá choque, faísca, e às vezes, queima a relação inteira.

Por isso, proponho uma fita isolante universal,
Feita de humildade, auto ironia, e um bom senso de humor.
Porque o ego, quando bem isolado, não deixa de existir —
Mas deixa de atrapalhar.

E a vida, enfim, pode seguir com menos faíscas,
E mais risos — de nervosismo, talvez, mas também de sabedoria.

Hieróglifos na Areia

Ele escreveu seu nome ao lado do meu,
Mas cavou fundo, um pouco mais longe do mar.
Ali, entre conchas e silêncio, a areia decidiu guardar.

O tempo passou, as ondas vieram, mas não chegaram lá.
O sonho ficou, intacto, como quem sabe esperar.

Na areia, os dois nomes entrelaçados eram raízes breves de um sonho.
A estrela do mar aproximou-se, com seus cinco braços de silêncio.
Ela não entendia o idioma dos seres humanos, mas reconhecia o gesto:
“São sinais”, pensa...
“Hieróglifos do coração.”

Ela os decifra sem identificar se é amor, se é saudade, se é promessa.
Mas sabe que é verdadeiro.
E por isso, deve ser eterno —
Mesmo que a onda venha a apagar.

Mesa Posta

Há casas com portas fechadas, janelas trancadas,
Silêncio que escorre pelos corredores.
Mas há casas vivas —
E nelas, a mesa é o coração que cozinha o convívio.

Quando a mesa está preparada...
É o que chamamos de mesa posta —
Mais que comida: é comunhão.
É território de ternura.

As pessoas se aproximam,
Os olhos se cruzam, as vozes se misturam,
Como ingredientes do mesmo prato.

Vira lugar sagrado...
O avô observa, a criança entorna o suco,
A mãe serve e escuta, o pai ensina com poucas palavras.

Mesa posta é movimento, é casa que pulsa,
É gesto que acolhe; memória que se repete:
No cheiro do louro, do alho e do toucinho no feijão,
Na lágrima escondida no guardanapo,
No tilintar dos talheres, no riso que escapa sem querer,
Nas marcas de suco derramado, nas cadeiras baixas e pés balançando no ar,
No bolo formigueiro, nas histórias contadas com migalhas...

Na mesa de domingo, que acorda mais cedo,
Que recebe visitas, que veste toalha nova,
E se enche de perfumes que vêm da cozinha.
Que escuta histórias repetidas,
E ri como se fosse pela primeira vez.

Essa mesa tem saudade servida junto com o arroz de forno.
Tem cadeira extra, manjar branco e pudim.

E na mesa festiva, então?
Tão mais vaidosa...
Gosta de enfeites, de pratos pintados,
De copos que soam como sinos.

Ilumina-se com velas, com risos altos,
Com brindes que não sabem o que dizem,
Mas dizem tudo.

Mesa de festa é sempre exagerada.
E por isso, inesquecível!

Quem tem mesa posta tem história:
Quem a põe, convida o mundo.
Quem se senta, pertence.

E quando a refeição termina,
A mesa ainda guarda ecos:
Do que foi dito, do que foi sentido, do que ficou.
Ela tem memória —
Lembra-se do pão que faltou; do amor que sobrou; da cadeira que ficou vazia.

Porque a mesa
É a alma da casa, servida em louça simples,
Com tempero de amor —
E fome de afeto.

Os Três que eram Quatro

"Um por todos e todos por um."
Alexandre Dumas

Lá em casa, a conta era curiosa:
Três mosqueteiros, mas éramos quatro irmãos e um pai e uma mãe maravilhosos.
Só que os números, como os sonhos,
Nem sempre seguem a lógica dos humanos.

Eu, meu irmão mais velho e papai —
Éramos o trio que fazia tudo junto.
Inseparáveis como espada e punho.

Papai era dois em um:
Mosqueteiro de alma e D'Artagnan de ação.
Tinha a bravura dos livros,
E o carinho que não cabia nem em ficção.

Nós três vivíamos aventuras todos os dias:
Nas conversas, nas cartas do baralho, nas histórias e leituras.
Não tínhamos capa nem duelávamos com espadas,
Mas com teimosias.

Os outros dois irmãos eram mais reais que romance.
E mesmo sem capa ou chapéu emplumado,
Cada um tinha seu papel encantado.
Nós, mais sonhadores; eles, mais chão firme.
E mesmo sem mosquetes eram parte do reino.

Mamãe era a beleza que iluminava,
O carinho que nos envolvia em silêncio.
Partiu tão cedo, deixando saudade imensa,
Mas em papai permaneceu inteira —
Seu único e eterno amor,
A fortaleza de dois corações unidos.

Crescemos como mosqueteiros.
Cada um com seu jeito.
E unidos como quem sabe que o mundo lá fora
É grande demais para se enfrentar sozinho.

Papai, com seu olhar de comando e coração de escudo,
Ensinou-nos que coragem é silêncio que protege.
É estar presente quando ninguém mais está.

Nenhum castelo, rei ou cardeal,
Faria de nossa casa um lar mais protegido
Porque quem tem pais assim
Tem sempre um mosqueteiro a mais.

Feitiço Moderno

Existe hoje um artefato encantado, de silício e luz,
Que parece assombração:
Fala sem boca, escuta sem ouvido,
E ainda sabe onde estamos,
Mesmo quando nos perdemos.

O povo anda com ele no bolso,
Como quem carrega um feitiço.
Olha-se para ele o tempo todo e o mundo se apaga:
O céu desbota, a conversa morre,
Não se vai mais ao cinema,
Não se dança na sala,
Não se canta no banho.
Ninguém quer brincar com as crianças —
E elas também só querem brincar com o celular...

E mais: ele pensa por nós.
Aliás, pensa melhor.
Sabe com quem falamos, do que gostamos,
E até do que não gostamos —
Mas que acabamos comprando.
Ele nos avisa da hora, do tempo, do trânsito,
Da morte de celebridades que nunca conhecemos
E do novo truque para emagrecer comendo pão.

Ele é mestre da distração.
E nisso, é genial.
E a gente, distraída, vai perdendo os minutos,
Os afetos, os olhares, os segredos compartilhados...
É nosso melhor amigo:
Não reclama, não exige, não envelhece.
Só descarrega.
E quando descarrega, entramos em pânico —
Como quem perde a alma.

É liberdade: desde que não o larguemos.
É autonomia: desde que obedeçamos a seus comandos.
É o oráculo dos dias modernos
Que só não responde à pergunta essencial:

"Quem somos nós sem ele?"

Se, por acaso, o deixamos de lado,
Surge um vazio antigo —
O medo de reencontrar o que fomos.

Sem ele, o silêncio nos visita,
O tempo livre nos desafia.
O rosto do outro nos interpela,
E o espelho nos devolve a face esquecida.

Sem ele, somos forçados a pensar.
A lembrar. A sentir. A existir.
E existir, convenhamos,
É bem mais difícil do que deslizar o dedo na tela!

Diálogo com o Espelho

Ó espelho, companheiro impassível,
Que me devolves com precisão o que sou —
Sem adornos, sem piedade, sem esperança.

Às vezes, mostras o que fui,
Mas com a distância de quem já não crê.
Outras vezes, revelas o que finjo ser,
E nisso, és mais sábio do que eu.

Não tremes ante o pranto,
Nem te comoves com o riso.
Guardas rostos como arquivos,
E revelas verdades como lâminas.

És altar da vaidade,
Mas também cripta da identidade.
Janela sem paisagem, onde o tempo não passa — apenas pesa.

Refletes reis e mendigos, donzelas e demônios,
E não distingues nenhum.
A todos dás o mesmo veredito:
"Tu és este — e nada mais."
Ó vidro austero, que me fita sem piscar,
Que me conhece mais do que confesso,
Mas não se importa.

Quando passo por ti,
Sou Hamlet sem caveira, Julieta sem Romeu,
Mas também sou Constantino, no dia em que perdeu Antioquia.
Sou a jovem que esperava glória,
E encontrou apenas o espelho.

E tu, sempre tu,
Com tua face fria e fiel,
Perguntas-me sem palavras:
"És tu mesma — ou apenas o que restou?"

A Substância do Perdão

O que é o perdão, senão um silêncio que não acusa,
Uma memória que se dissolve sem se perder?
O perdão não é gesto.
É estado e essência.
É o espaço entre dois abismos,
Onde a ponte não se vê, mas se atravessa.

É o que resta quando o ego se cala,
Quando o orgulho se desfaz,
Quando o outro deixa de ser inimigo
E passa a ser espelho.

O perdão não é esquecimento.
É lembrança sem dor.
É a alquimia que transforma ferida em cicatriz,
E cicatriz em sabedoria.

É o que nos torna humanos
E, paradoxalmente, divinos.
Porque perdoar é morrer um pouco —
Para renascer inteiro.

É o fim da guerra sem vencedores,
É o começo da paz sem condições.
É o verbo que não se devia conjugar,
Mas se deve encarnar.

O perdão é a substância do amor maduro,
A matéria invisível que sustenta o mundo,
Quando tudo parece sem sentido.
E talvez, no fim,
Seja o único milagre que nos resta.

A Geometria da Verdade

A verdade não é reta.
É curva, espiral,
Às vezes côncava; às vezes convexa.
Nunca plana.

Não cabe em dogmas,
Nem em frases lapidares.
A verdade escapa.
E quando parece estar ao alcance,
Já mudou de lugar.

Não grita — sussurra.
E só quem silencia por dentro pode ouvi-la.
Não se impõe — revela-se.
Mas nunca toda. Nunca de uma vez.

É espelho partido:
Cada fragmento reflete um ângulo,
Mas nenhum contém o todo.
E quem tenta juntar os cacos
Corta-se.

Depois que a mentira se cansa, é o que resta, o que persiste,
Mesmo quando negada, mesmo quando calada.

A verdade não é luz: é clarão.
Relâmpago que rasga a noite
E deixa rastros na escuridão.

Ela se infiltra.
Nos poros da dúvida,
Nos interstícios da razão,
Nos silêncios entre palavras.

A verdade quase sempre é o nome que damos
Ao que nos transforma:
Pode não ser o que encontramos,
Mas o que aprendemos enquanto procuramos.

Átila e sua Cavalaria de Arcos

Nas estepes da Panônia,
Ergue-se um nome como tempestade:
Átila.
Filho de Mundíuco, neto da fúria,
Cavaleiro do leste, senhor dos hunos,
Com olhos de ferro sob elmo de bronze
Que não piscam diante de impérios.

Sua política era lâmina:
Tributos arrancados como raízes,
Parcerias quebradas como escudos rachados.
Domínio como quem semeia cinzas.

Sua cavalaria não marchava —
Ela voava.
Arqueiros montados em corcéis selados,
Com arcos recurvos e flechas de ponta flamejante,
Lanças letais,
Sombras em disparo,
Protegendo a infantaria como muralhas móveis,
Solapando cidades com ritmo de aço.
Não era o número — era a velocidade.
Não era só força — era o compasso da destruição e do abuso.

Seu império não tinha muralhas:
Avançava sobre Roma e Bizâncio,
Como quem atravessa um campo já condenado.

Dividiu o trono e as batalhas com seu irmão Bleda.
Unificou os hunos sob um só estandarte,
E marchou como quem não temia os deuses.

O Tratado de Margo?
Quebrado como um galho seco.
O Danúbio?
Cruzado como um fio de seda.
A Ilíria, a Trácia, a Macedônia?
Saqueadas...

A Gália sangrou.
Aécio e os visigodos barraram o avanço,
Átila recuou, mas não caiu.

Voltou à Itália como um presságio,
Devastando o Pó, fazendo Ravena silenciar.
Despojou Pádua e Milão.
Poupou Roma — não por clemência:
Negociou o preço da eternidade.

Átila foi o intervalo entre dois mundos,
Foi o rugido que antecede o esquecimento
E o arauto que anunciou que a História não tem donos:
Ela cavalga com quem ousa.

Escultura: A Matéria que Sonha

Rodin deu ao mundo um Pensador,
Para lembrar que pensar é também criar caminhos.
Michelangelo talhou a Pietà,
E ali, entre braços de mármore,
A dor fez-se ternura, e o amor, eterno abrigo.
Bernini viu Dafne fugir, mas também florescer.
Na fuga, a árvore.
Na árvore, a permanência.

Aleijadinho ergueu Profetas em Congonhas,
Para guiar, como quem aponta o céu, com dedos de pedra-sabão.
Mestre Vitalino moldou o barro do sertão,
E nele dançam Lampião e Maria Bonita,
Como vida que resiste, que canta, que celebra.

A escultura é filosofia em silêncio.
Cada corte, cada entalhe, cada fundição
É uma pergunta feita à eternidade —
E a resposta vem na forma.
Porque a matéria sonha.
E o escultor escuta.

Enxurrada e Bueiro

Foi numa tarde de céu zangado que a enxurrada desceu,
Rasgando a rua, lavando o chão e apagando os nomes gravados na calçada.
Era água demais —
Levou sofá, folhas, promessas,
Levou até a dignidade de quem achava que estava acima da lama.

E o que ficou?
No rastro da água, revelou-se o que estava escondido sob o pó:
A marca do arrasto, a quietude depois do barulho.
Quando tudo se acalmou, restou um brilho no chão
E o cheiro de terra molhada.

Toda enxurrada é um juízo:
Há beleza no que escorre.
Há verdade no que não se segura.
Há separação entre o que resiste e o que se dissolve.
E apenas o que é leve pode entrar na corrente sem se perder de si.

Filosoficamente falando, a água é o tempo líquido —
E nós, os sólidos que fingimos flutuar,
Até que caiamos no bueiro.

Memória Figurada

Nossa memória costuma insinuar, repetir, omitir e até exagerar...
É feita de figuras que falam por nós,
Como se fossem entidades que nos habitam.

A metáfora é sonhadora: vê pontes onde há abismos,
Chama o tempo de rio, o amor de incêndio.
A metonímia, colecionadora: guarda objetos como se fossem pessoas,
Chama o nome pelo perfume, e o autor pela obra.
A anáfora, insistente: repete para não esquecer, repete de novo, repete sempre.

A elipse é tímida: fala com o que falta,
Deixa espaços para o silêncio responder.
A hipérbole, exagerada: lembra tudo maior do que foi,
Porque sentir acaba transbordando a realidade.
O eufemismo, diplomata: doura a dor,
Veste o luto com palavras suaves.

A catacrese é inventora: nomeia o que não tem nome,
Empresta palavras como quem empresta abrigo.
A silepse, contraditória: fala no plural com alma de singular —
Mistura tempos, gêneros, vozes.
A antítese, bipolar: lembra o claro e o escuro, o sim e o não,
Porque a memória nunca é uma só.

Todas elas vivem em nós,
Como vozes que moldam o passado, como sombras que desenham o presente.

A linguagem é o teatro da memória —
E cada figura, um personagem
Que encena o que fomos com o que ainda somos.

A Filha dos Strauss

"A música é o coração de Viena — e a valsa, seu pulso eterno."
Johann Strauss II

Sob os lustres de cristal, a luz se derrama —
Ora como vinho antigo, ora como lágrimas congeladas.
O salão de baile respira em compassos ternos,
E a noite veste-se de cetins e sedas.

Violinos sussurram prelúdios,
Enquanto se hesita entre um passo e outro.
Os pares deslizam em círculos perfeitos,
Rodopiando como planetas em órbita.

O Danúbio Azul corre por dentro dos corpos,
Não como rio, mas como lembrança líquida.
A Valsa do Imperador ergue-se acima de todas.
As cítaras choram nos Bosques de Viena.
As Vozes da Primavera sopram perfumes invisíveis.

Os vestidos flutuam como nuvens em êxtase
E o salão — esse templo de música e mármore, espelhos e arcos —
Mantém o compasso:
Cada pausa é um suspiro, cada giro, um adeus.
Há uma metafísica no rodopiar.
Os bailarinos não dançam — eles se dissolvem.
São sombras em movimento.

Porque a valsa é mais que dança — é legado.
Uma música suspensa no tempo,
Que apenas mudou de salão:
Hoje vive nos filmes, nos sonhos, nos concertos de outono.

Quando os arcos se erguem e os primeiros acordes ressoam,
Ela retorna inteira, vestida de eternidade.
E se transfigura.
Pois é sopro ancestral que atravessa gerações, ouro invisível que reluz nas partituras.
Gesto que sobrevive ao tempo, elegância que desafia o esquecimento.

E quando o último compasso se anuncia, ela não se despede — ela ascende,
Como uma estrela que gira sobre si mesma.
Porque a valsa — essa filha dos Strauss—
É a beleza que se recusa a morrer.

Entusiasmo Versus Indiferença

Quando a alma se aquieta,
Há um sopro que rompe o véu da apatia,
Um clarão que vem do Éter — onde mora a poesia.

Enquanto a indiferença é pedra fria,
O repouso dos que não buscam, o sono dos que não sonham,
O entusiasmo é lava, o sim que se dá à vida em agonia,
O salto da fé, a esperança.

Sou feita de entusiasmo — essa febre divina que me faz humana.
Ah, esse ímpeto!
Essa coisa absurda que me invade como um raio que atravessa o corpo
E me faz viver mais do que posso.
É o transbordamento do que não cabe em mim.
Ele é meu protesto contra o desinteresse,
Contra os dias iguais, contra os relógios que marcam horas mortas.
É meu gesto de revolta contra o mundo que não vibra!
Mas também me cansa. Ah, como me cansa!
Porque viver com entusiasmo é viver em combustão,
É arder sem saber se há lenha suficiente, é correr sem saber se há chão.
E ainda assim, prefiro o delírio à moderação, prefiro o abismo à planície,
Prefiro a intensidade à paz dos que não sentem.
Porque sentir é tudo.

Sei que o entusiasmo não é constante.
Mas quando vem, é como se o universo me dissesse:
Vai, que hoje sou seu cúmplice.

Vilarejos que Persistem

Há vilarejos que permanecem intocados,
Aninhados entre ruelas de pedra estreitas, íngremes e sinuosas.
Persistem como colunas que sustentam o presente,
Firmes, mesmo quando o mundo ao redor se remodela.

As casas, com suas fachadas gastas,
São como projetos inacabados —
Não por falta de conclusão,
Mas porque ali, o viver é sempre obra em andamento.

Ali se guardam tradições: receitas, rezas, risos,
E o silêncio sábio dos que já viram tudo.
As janelas floridas são pequenos tratados sobre esperança.
A igrejinha no alto da ladeira é o lugar onde o tempo se ajoelha...

O saber está no modo de plantar o feijão,
De curar com ervas, de contar histórias que misturam santos e assombrações.
Tudo parece antigo, mas nada é velho.
Porque o que é essencial não envelhece:
Apenas se esconde atrás da simplicidade.

E quem passa apressado não vê.
Mas quem para, quem escuta o ranger da porta,
O sino reverbera como acústica do sagrado;
Quem sente o cheiro de pão no forno de barro
Compreende que há lugares únicos,
Que não precisam mudar sua essência para continuar.

Não é preciso que fiquemos ali.
Mas é preciso passar devagar e deixar o olhar descansar,
Observando o jeito como a sombra da árvore encosta na parede das casas...

Tem-farinha-aí? — Ave da Caatinga

Lá pras bandas da caatinga,
Vive um passarinho que não canta — interroga.
Não pia, não trina, não gorjeia:
Seu nome é interrogação —
"Tem-farinha-aí?"

Onomatopeia que paira no ar, feito sanfona que insiste em tocar.
Arisco, discreto no jeito, vive entre os galhos baixos do juazeiro,
Ciscando, nas folhas secas, o segredo do torrão nordestino brasileiro.

Filho da seca, do sol estalado,
Do chão rachado.
Não se mostra fácil, é bicho matreiro,
Mas seu canto delata seu paradeiro.

De fato, mal se vê o farinheiro.
Ele é feito pensamento: passa, paira, pousa e parte...
Mas sua pergunta fica.
"Tem-farinha-aí?"

Esse questionamento não é só fome — é filosofia.
O que ele procura mesmo saber é se ainda há esperança,
No meio de cactos e espinhos e lembrança.

Porque, no sertão, farinha é mais que comida:
É símbolo, sustança, metafísica.
É o que sobra quando tudo falta.

Assim ele segue, modesto e anônimo,
Entre xiquexiques, mandacarus e quipás floridos,
Perguntando como quem reza ladainha,
Como quem sabe que, no sertão,
Quem tem farinha,
Tem tudo.

Enquanto Caminhamos

A verdade caminha conosco.
Ora hesita, ora avança decidida.
Não é dogma — é descoberta.
Não é estática — é estrada.
Não nasce pronta.
Ela se faz, passo a passo...

Não é estrela fixa no céu,
Mas cometa que risca o escuro e só depois deixa rastro.
Ela não mora no absoluto:
Surge no instante em que uma ideia encontra o chão da realidade
E fica de pé.

O que é verdade?
Aquilo que nos atravessa, que sentimos,
Que se aplica — e se repete — em nossas vidas.

A verdade é tentativa e movimento.
Erro e acerto.
Acompanha o dinamismo da vida.
Cada gesto que protege, cada palavra que cura, cada silêncio que acolhe,
É um tijolo na construção do que é verdadeiro.
Porque a verdade é menos uma resposta e mais uma consequência.
Uma ideia torna-se verdadeira quando transforma
Quando deixa boas marcas no mundo.

Não espere que ela lhe seja entregue de mão beijada,
Tal um decreto de deuses antigos.
Ela não vem escrita, nem em revelações súbitas.
Ela se insinua nos hábitos, nos erros reincidentes, nas perguntas que voltam.

Enquanto caminhamos, ela se forma atrás de nós:
É sombra que segue o passo.
Não é o saber que a revela, mas o fazer que a confirma.

Não é o dogma que a sustenta, mas o dia que se vive.
E mesmo que não a reconheçamos, ela nos acompanha.
De nada adianta inquietarmo-nos com os grandes sistemas,
Nem com os tratados que prometem sentido.
A verdade, se vier, virá no caminho.

A verdade verdadeira é aquela que nasce da lida, da dor, da fé, da esperança.
Se funciona, é verdade.
Se não funciona, é filosofia.

E tem mais...
A verdade não é uma só.
São muitas — como estrelas que nascem da mesma explosão,
Mas brilham em direções distintas.
Mesmo que brotem do mesmo chão, crescem em jardins diferentes.
A verdade multiplica-se, não por contradição, mas por abundância.
Ela é exponencial, porque somos incontáveis.
E cada um, ao tocar o mundo, o modifica.

Nossa verdade não é a única.
É parte de um mosaico maior,
Feito de experiências, interpretações e reinterpretações.
Também não é definitiva,
Mas suficiente — enquanto durar o caminho.

Pelourinho — Altar da Dor e do Axé

Pelourinho —
Coluna de pedra, testemunha do suplício.
Altar e algema; chaga e cicatriz.
Palco de fé e castigo dos que subiram a ladeira, cativos.
Ali, o chicote cantava mais alto que o sino,
E o sangue escrevia salmos no chão.

O barroco dourado reluz como sol preso em talha.
Anjos de madeira choram sem lágrimas.
Santos de olhos tristes dividem o templo com os orixás.
Ambos sabem: a fé é irmã da dor,
E o povo precisa de todos os céus.

Sincretismo —
Sagrado e profano se abraçam como velhos amigos,
Porque sabem que a dor também é divina.

Igrejas olham de cima, com olhos de ouro e culpa colonial.
Lá embaixo, o tambor responde com axé.
O sino da Sé toca com o samba.
O batuque acompanha orações a São Benedito.
Mistura de fé e ferida,
De cruz e atabaque.

O Pelô continua palco e cicatriz:
Onde a fé se ajoelhou, mas a alma se ergueu como quilombo.
Hoje é o agogô que desperta o dia,
E o berimbau que sopra histórias de resistência.
A memória colonial chora, vestida de branco e saia rodada...

Como as baianas
Gingando com seus tabuleiros —
Feitiços em forma de comida dourada.
Dendê e pimenta:
Um que brilha como ouro líquido,
O outro que arde como saudade.
Enquanto elas rodam como planetas,
Com seus panos-da-costa e saias de universo.
Ó baiana, teu giro é rosário, e tua saia redonda é nuvem de renda!

E o Pelô, esse velho coração de pedra,
Bate forte quando o surdo se pronuncia.
É como se a Bahia inteira sambasse,
Contra o esquecimento e a indiferença.

A coluna de pedra que viu o pranto virar canto,
O chicote virar ritmo e o lamento, louvor,
Agora é poesia de um povo que dança com alegria bordada no fio da dor.
O chão vibra com passos de samba e capoeira,
Tem vatapá no verso, efó na rima, cocada doce no refrão.
Aqui, todo santo é bem-vindo,
Todo canto é oração,
Todo gesto é resistência, todo riso é redenção.

Amar de Longe, Pensar de Perto

Longe é um lugar que não aparece em nenhum mapa.
Não tem ruas, nem praças,
Nem mãos dadas na calçada.
Lá, o carinho se esconde atrás de telas.

Longe é saber de você
Só quando você me conta seu dia
Ou eu lhe conto o meu...
E a gente sorri como quem viu um trailer,
Mas queria mesmo estar no filme.

Longe é um mentiroso simpático.
Tem essa mania de parecer passageiro.
Promete feriados, jura férias,
E inventa calendários que nunca chegam.

A distância não é vilã;
É professora exigente, que ensina a amar sem posse,
A desejar sem pedir,
A esperar sem prazo.

Amar de longe é amar com o pensamento,
Com a imaginação treinada.
É viver entre o que se quer
E o que se pode.

Ao final, cheguei à conclusão de que amar de longe
É só um jeito bonito de sofrer devagar.

A gente abraça com palavras,
Dá bom dia com um texto,
Fala por mensagens,
Só se vê por *facetime*,
E torce para que o universo, num momento de distração,
Nos coloque na mesma esquina...

A Tectônica das Personalidades

Somos crostas em movimento —
Placas vivas, instáveis,
Deslizando umas sobre as outras,
Na lenta coreografia do convívio.

Há amizades que são montanhas:
Erguidas com paciência, lentamente,
Firmes, majestosas,
Mas que também se desgastam, podendo erodir com o tempo.

Há amores que são vulcões:
Adormecem por anos,
Depois explodem em lava e luz,
Redesenhando tudo ao redor — até o que pensávamos ser imutável.

Cada encontro é uma pressão.
Cada palavra, uma vibração sísmica.
Há personalidades que colidem,
E deixam fissuras:
Fraturas expostas no que julgávamos sólido.

Outras se afastam,
Como continentes que já foram unidos,
Mas agora seguem em deriva silenciosa,
Levando consigo pedaços do que fomos.

Há também aquelas que chegam de repente,
Como ilhas que emergem do fundo do mar,
Trazendo novas formas de existir,
Novos ecossistemas de afeto.

Conviver é aceitar o risco do tremor.
É saber que certezas podem ruir,
Que paradigmas podem se dobrar,
Como placas sob tensão.

Mas é também reconhecer
Que dessas colisões nascem serras —
Paisagens internas inéditas:
Cordilheiras de pensamento,
Vales de empatia,
Rios de compreensão.

A tectônica das personalidades
Não pede estabilidade —
Pede coragem para habitar o terreno em transformação.

Cada personalidade que nos atravessa planta algo:
Às vezes uma dúvida,
Às vezes uma saudade,
Às vezes uma nova forma de ver o mundo.

O Médico Lá de Casa

Em tempos em que a medicina se fragmenta em ilhas de especialidades,
Recordo, com saudade, o arquipélago inteiro que era o médico de família.
O médico da minha casa — meu pai.

Seu diagnóstico brotava do olhar atento,
Do exame minucioso, da escuta generosa.

Conhecia o paciente como quem conhece um velho amigo:
Da anatomia à biografia,
Das dores que latejam no corpo às que silenciam na alma.
Sabia das ausências que inflamam, dos silêncios que adoecem.

Era doutor de tudo — clínico e cirurgião geral,
Por escolha, por vocação.
Chamava o paciente pelo nome, às vezes pelo apelido,
Como quem invoca a pessoa inteira, não apenas o sintoma.

Tratava o humano, não apenas a doença.
A ficha era manuscrita,
Enquanto a anamnese se desenrolava como conversa entre velhos conhecidos.
Com o olhar treinado, lia o corpo —
E também os silêncios entre as palavras.

Ali, já começava a cura —
Como processo compartilhado.
Pois o tratamento não reside apenas na farmacologia,
Mas na confiança entre médico e paciente,
Na aliança que transcende o prognóstico.

Quando ele chegava, a dor se recolhia,
Como quem respeita quem sabe cuidar.
Sua presença era repouso antes do remédio,
E a cura começava no simples fato dele ali estar.

Raramente pedia exames, tão difíceis naquele tempo,
Numa pequena cidade do interior...
Seu saber vinha da estrada, dos encontros, dos consolos.
Conhecia o corpo e o silêncio que mora atrás da dor.
Aprendeu a medicina na escola e nos livros
E a compaixão nos olhos dos doentes.

Com o estetoscópio ao peito e a alma em vigília,
Escutava não só os murmúrios cardíacos,
Mas os lamentos do espírito que a ciência não ausculta.
Era clínico e cirurgião.
Médico de todos — da criança com febre ao velho com saudade.

Se o atendimento fosse na casa do doente,
Ia com sua maleta de couro,
Às vezes a cavalo, aonde o *jeep* não chegava,
Sentava-se à beira da cama,
E perguntava da dor, mas também do neto, do cachorro, da colheita...
Porque sabia que o corpo não fala sozinho —
Precisa da alma para fazer sentido.

Era médico do corpo e da alma.
Sabia que o fígado não sofre sozinho,
Que a tristeza pode doer nos ossos,
Que o abandono inflama o peito.
Por isso, não curava apenas doenças:
Curava ausências, medos, mágoas.

São Lucas — médico e evangelista — já ensinara:
Cuidar do corpo é também cuidar do espírito.

E quando falava, sua voz tinha peso de bênção.
Ouvia-se e acreditava-se.
Quando dizia vai passar, não era só consolo — era profecia.
Porque havia fé — não só no saber, mas na inspiração.
Deus soprava-lhe verdades nos momentos de dúvida.

De fato, era homem de fé —
Intérprete da vida, que lia os sinais do corpo,
Como quem lê uma oração.
Não curava sozinho.
Curava com Deus, com o tempo, com o olhar.

Quando a medicina se calava, diante do mistério da doença,
Ainda assim ele buscava alternativas,
Porque jamais deixava de acreditar na possibilidade da cura.
Sabia que há curas que não estão nos livros,
Mas na força que resta no que resiste e nas mãos que não desistem.



Gato Escondido com Rabo de Fora

Há verdades que não se escondem — elas balançam o rabo.

Finge que não está, mas está.
Atrás da cortina, embaixo da mesa, dentro do discurso bem ensaiado.

O gato se esconde — mas o rabo,
Ah, o rabo...
Fica de fora, balançando como quem diz:
Não me leve tão a sério...

É o segredo mal guardado,
A mentira com rodapé explicativo,
A desculpa que tropeça na própria lógica.

Tem gente que se esconde assim —
Atrás de palavras bonitas, de sorrisos treinados, de verdades pela metade.
E o faz com tanta convicção que acaba acreditando na própria camuflagem.

Mas o rabo sempre se descuida.
Num gesto impaciente, num olhar que denuncia...
Na pressa, na vaidade, na pontinha do ego que não cabe no esconderijo.

Acho que o rabo é aquele detalhe que não se controla —
O rastro do que somos, mesmo quando tentamos parecer outra coisa.
É o gesto impensado, o olhar que foge,
A palavra que sai antes do filtro.
É o que resta do humano quando o personagem cansa.

E há uma beleza nisso.
Porque o rabo é o que nos revela.
É o que nos trai com sinceridade.
É o que nos lembra de que,
Por mais que tentemos,
Não somos apenas o que mostramos —
Somos também o que escondemos.

Marfim e Mar Fim

Presas curvas em marfim — dura elegância esculpida.
Última onda vem — o azul torna-se cinza, mar fim, sem naufrágio.
Sílabas juntas, objetos de marfim duram séculos:
Buscam permanência.
Sílabas separadas, o mar fim é onde a linha do horizonte limita:
Acaba o oceano...

Ó vã esperança de durar!
Se até o oceano tem seu Gólgota,
Se até o mar se crucifica em fim,
Que faremos nós com nosso amuleto de marfim?

A Nau Interior — Em Busca do Autoconhecimento

Quando partires na réplica da Argo,
Não desejes chegar logo à Cólquida...
Deixa que os ventos te levem devagar,
Que os dias se estendam como velas ao sol,
E que os mares te contem histórias esquecidas.

Evita os atalhos.
Mesmo que te digam que há caminhos mais curtos,
Lembra-te: o ouro que brilha demais cega,
E o Velocino que se alcança cedo demais
Não ensina nada.

Recebe os monstros com cortesia.
Eles não vieram para te destruir,
Mas para te mostrar o que ainda não sabes sobre ti.
Se falarem em enigmas, escuta.
Se te desafiarem, agradece.

Não ignores os companheiros.
Alguns parecerão estranhos, outros desconcertantes.
Mas cada um carrega uma parte do mapa
Que teus olhos não podem decifrar sozinhos.
Jasão e os heróis também estarão entre os tripulantes —
Sem eles, a viagem perderia a magia.

E quando a nau hesitar,
Quando o leme parecer solto,
Não temas.
É o mar te pedindo que confies —
Não nele, mas em ti.

Se os remadores ficarem calados,
Apenas observa:
Cinquenta remos cortam a água com a precisão de quem já errou demais.
A nau seguirá sozinha, como quem sabe mais do que os homens.
Ela carrega o mito como os argonautas carregaram o destino.

Depois de navegares por dias, por meses, por anos,
O horizonte enfim se abrirá:
Não haverá cidade, nem guardiões, nem ouro.
Nesse momento, descobrirás que Cólquida não existe...

Olha mesmo assim.
Quando partiste não sabias se navegavas rumo ao fim do mundo
Ou ao início de ti mesmo.
Se vires apenas teu rosto, não te decepciones.
A jornada foi longa, mas agora sabes quem és.
Esse é o Velocino.

E Se Nunca Acabasse?

E se o dia não tivesse fim,
E o sol jamais se cansasse de acariciar as folhas?
Sem escuridão,
Mas com o contraste suave das luas e estrelas?

E se as cores não se despedissem,
Mas se fundissem num pote de tinta eterna,
Prontas para dissolver as bordas das formas?

E se o som fosse sinfonia contínua,
Sem início, sem ápice —
Apenas harmonia em estado puro,
Como o sopro de um cosmos desperto?

E se a luz fosse sempre suficiente,
Nem ofuscante, nem escassa,
Mas aquela que revela sem exigir,
Que aquece sem consumir?

E se o amor não se esgotasse,
Nem se perdesse nas curvas indefinidas
Mas fluísse como rio sereno, ininterrupto,
De águas claras e perenes?

Então, talvez,
Não houvesse pressa, nem saudade, nem espera.
Seríamos apenas presença,
Um gesto eterno no infinito.

Sempre Há Aqueus

Agamêmnon brigou com Aquiles.
Não por justiça, nem por direito.
Mas por orgulho —
Esse nome enfeitado que os poderosos dão à vaidade.

A arrogância de um,
O silêncio do outro,
E as lanças atingiram
Quem nunca escolheu estar ali.

Horácio já sabia:
Seja qual for o delírio dos reis,
O preço é dos aqueus.

Ah, os aqueus!
São eles que marcham e morrem
Por caprichos que não são seus.

A disputa entre Agamêmnon e Aquiles é mais que mito.
Ainda hoje é um modelo que se repete em palácios,
Em trincheiras, parlamentos,
E nas salas onde se decide
Quem cai, quem cala,
Quem morre sem saber por quê.

Não há mais tendas, escudos nem Briseidas.
Mas há sempre os que pagam.
Mudaram os nomes, os tronos, as armas.
Não os delírios.

Ainda há quem se infle por posse,
Por grandeza,
Por orgulho disfarçado de honra.
Os poderosos continuam escondidos —
Em palácios, em gabinetes, em discursos,
Decidindo o que nunca viverão...

E ainda há aqueus.
Sempre há aqueus.
A história os chama de soldados.
Mas são mártires sem causa.
Sombras que sustentam impérios
Com o peso do esquecimento.

Eles estão em cada época:
Na poeira de Troia,
Nas legiões de Roma,
Nas fábricas do mundo,
Nas guerras,
No silêncio das vítimas,
No estrondo das ordens ditadas bem longe dos campos onde se morre.

Não estão nos livros, mas sustentam as páginas.
E morrem sem saber que estavam numa epopeia.

Nada em Demasia

"Nada em excesso"
Máxima grega inscrita no Templo de Apolo em Delfos.

Não derrame o vinho antes da sede,
Nem enfeite a rosa — a ponto de ela se esquecer do perfume...
Escute o murmúrio da medida,
Essa discreta virtude que caminha entre os excessos.

Semeie com mão de rezador,
Que benze o chão com reverência:
Com a palma aberta,
Deixando um grão por vez — como quem planta um carinho.

Não se vira o saco inteiro de sementes nas covas —
Pois milho amontoado cresce torto e abafado.

A terra pede equilíbrio.
O sol, intervalo.
A chuva, pausa.
Tudo que é demais desmancha o botão dos sonhos.

Moderação é magia antiga.
É saber que o campo arado não precisa de pressa,
Mas de cuidado.

Quem semeia com sofreguidão
Colhe pouco.
Quem espalha com sabedoria
Faz brotar em profusão.

Nada em demasia.
Nem o amor que prende.
Nem o medo que paralisa.
Nem o querer que consome.

A vida é arte de dosar.
E a alma, campo fértil,
Só floresce quando se respeita
O espaço entre as sementes —
E o tempo entre os gestos.

Receita de Domingo

Para fazer um domingo,
É preciso desaprender os ruídos da semana que acaba.
O domingo não gosta de pressa:
Vem de mansinho.
Não é dia de chegada.
É dia de travessia,
De caminhar por dentro,
Sem destino.

Se puder, descalce os compromissos.
E vista a alma com alegria.
Mas não se engane:
Domingo não é fuga — é pausa.

Pode ser um dia de horas vagas,
Mas existe um convite para mergulhar nas camadas sutis da vida.
O que sobra de nós quando tudo desacelera?
Somos apenas o intervalo entre tarefas?
Ou há algo escondido, esperando ser descoberto?

O domingo não responde.
Ele paira
Como uma vírgula entre dois parágrafos da semana...
E nesse espaço, a mente, sem ocupações, inventa tormentos.
O coração, sem rumo, inventa saudade...

Ainda assim, se tudo parecer parado,
Talvez seja o mundo respirando.
Ou talvez seja só você,
Finalmente ouvindo o murmúrio da própria alma.

E se nada acontecer durante todo o dia, parabéns.
Você entendeu o espírito da coisa.
Porque domingo é o único dia
Em que o mundo finge que tudo está fechado
E a gente finge que está tudo bem.

Pode ser tudo meio confuso,
Porém, é encantador.
É domingo.
O dia em que o céu desce à terra,
Em que o sagrado veste simplicidade
E os homens, por um instante,
Lembram-se de que são barro e sopro.

As Duas Cadeiras de Cícero

Quem se assenta em duas cadeiras, cedo ou tarde encontra o chão.

No Senado Romano, entre colunas e conspirações,
Cícero ocupava duas cadeiras,
Por estratégia...

Labério, o dramaturgo irônico,
A quem fora negado um lugar ao lado do ilustre senador,
Perguntou com a pontaria dos bons humoristas:
— Costumas sentar-te em duas cadeiras, Cícero?

Cícero apenas sorriu.
Ele — que sabia tudo sobre retórica, não soube o que dizer.
Ou fingiu não ouvir.
Ou fez aquele gesto clássico de quem ajeita a toga e muda de assunto.

Porque o problema não era a cadeira.
Era o medo de escolher.
E o medo de escolher é o móvel mais pesado da política.

Muitas vezes o comportamento dúbio
Ou a indecisão é o que fazem os bajuladores:
Não tomam partido.
Preferem o conforto da duplicidade,
Abrigando-se em promessas paralelas,
Pois se uma não vinga, ainda existe a chance da outra...
Qual o lado mais conveniente da história?

Há quem chame isso de astúcia, outros de covardia.
Mas talvez seja apenas humanidade,
Tentando não naufragar no mar das consequências.

Labério, com uma frase, desnudou o teatro da ambiguidade política,
Revelando que Cícero, entre César e Pompeu,
Ocupava espaço demais, tentando agradar a ambos,
Sem se comprometer com nenhum.

Arquitetura da Natureza

A natureza constrói em traços livres.
Assenta raízes como quem finca colunas,
Ergue galhos como vigas em expansão,
Desenha o vento com a leveza de um arquiteto invisível.

Cada montanha é um monumento à paciência.
Cada rio, um corredor fluido entre salas margeadas de madeiras nobres.
As nuvens são tetos móveis,
E o céu — esse átrio sem fim —
Acolhe o voo como quem abre portas para o inesperado.

O solo é fundação viva:
Respira sob o peso das eras,
Sustentando o verde como quem sustenta ideias.
O mar, auditório aberto,
Tem dunas por arquibancadas móveis,
Que acompanham o espetáculo da erosão com naturalidade.

As flores são janelas que se abrem em cor.
As pedras, gestos de permanência e elementos de fixação.
Os insetos, operários minúsculos em turnos eternos.
Enquanto isso, o tempo — esse engenheiro discreto —
Recalcula tudo com precisão silenciosa.

Há simetria no caos,
Há cálculo no acaso,
Há estética no erro que germina.

A natureza molda o mundo com intenção e liberdade,
Com luz e sombra,
Com beleza e mistério.

E nós, visitantes em sua obra-prima,
Somos apenas versos soltos em sua estrofe eterna,
Tentando decifrar e imitar sua arquitetura:
A planta original do mundo.

O Brinquedo das Ideias

Há quem veja a matemática como um muro — exato e intransponível.
Mas há também quem a veja como um brinquedo:
Feito de peças que se encaixam,
Mas que às vezes sobram, ou se perdem no tapete do tempo.
Este poema nasce da surpresa de quem conta pedrinhas,
E sem saber, já conversa com o infinito.
É uma travessia entre o que se aprende e o que se pressente,
Entre o número que fecha e o mistério que escapa.
Porque mesmo no jogo mais lógico,
Há sempre uma regra que não se explica, um espaço que não se vê,
Um ponto cego onde mora a poesia.

Contava pedrinhas no chão,
E sem saber, intuía o sistema decimal.
Brincava de pares e ímpares,
Como quem divide o mundo em sim e não,
Sem notar que já fazia filosofia.

A matemática chegou como um jogo:
Um quebra-cabeça de lógica e espanto.
Somar era juntar, subtrair, perder.
Multiplicar, sonhar grande.
Dividir… era aprender a ceder.

Mas logo vieram os mistérios:
O zero — esse buraco cheio de sentido.
O infinito — esse brinquedo que nunca cabe na caixa.
A dízima — uma repetição que nunca encerra.

E então, a dúvida:
Se um mais um é igual a dois,
Por que na vida, às vezes, não é assim?

A matemática ensina que há regras,
Mas também que há exceções.
Que há simetria, mas também assimetria...
Que há provas, mas também perguntas que se recusam a ser respondidas.

E assim sigo,
Brincando com números como quem brinca com o tempo,
Filosofando com equações como quem escreve poemas invisíveis
Sabendo que até o mais exato dos mundos tem um ponto cego.

Universo Íntimo

Sou feita de átomos.
Pequenos, invisíveis, inquietos.
Cada um carrega uma história que não se vê,
Um movimento silencioso entre forças que se atraem e se repelem.

Dentro de mim, há núcleos que resistem,
E elétrons que orbitam meus sonhos.
Às vezes sou instável — como quem vive em suspensão.

A química do mundo me atravessa:
Sou reação em cadeia,
Ligação covalente com quem me toca,
Energia potencial à espera do instante certo.

Não sou sólida.
Sou possibilidade.
Matéria em ebulição, vazio cheio de sentido.

Há em mim o hidrogênio da infância — leve, volátil, primeiro.
O carbono da memória, que constrói tudo o que sou e tudo o que amo.
O oxigênio dos suspiros,
O ferro das convicções,
O sódio das lágrimas que não se explicam.

E se me olhassem com olhos de microscópio,
Veriam que tenho bem mais que carne e osso —
Campos de força, partículas de afeto, universo em expansão.

Porque no fundo,
Cada átomo que me compõe é também feito de silêncio,
De luz, e de mistério.

É possível que o universo não esteja lá fora,
Mas no modo como somos por dentro.

Se Eu Fosse Ele

Não há troca possível.
O outro é um território que não se invade.
Apenas se contempla —
Como uma ilha que aparece no horizonte
E desaparece antes que se chegue perto.

Se eu estivesse na pele dele... não estaria.
Porque ele é ele, e eu sou eu —
E isso já basta para que tudo seja diferente.

A dor que ele sente,
Mesmo que eu a compreenda,
Não me pertence.
O que me dói é o que imagino da dor dele,
E isso é outra coisa.

Se eu estivesse na pele dele,
Talvez eu agisse diferente.
Mas aí já não seria ele — seria apenas eu, fantasiada de outro.

E o mundo não muda com disfarces.
Muda com escuta,
Com o desconforto de não entender,
Com o respeito de não tentar ocupar o que não nos cabe.

Colocar-se no lugar do outro é um exercício bonito,
Mas falho.
Porque o lugar do outro não é um sapato,
É um labirinto com paredes que só ele conhece.

No máximo, posso caminhar ao lado.
Posso perguntar sem invadir.
Posso oferecer silêncio, que às vezes é mais útil que qualquer conselho.

E se, por um milagre lógico,
Eu pudesse mesmo estar na pele dele,
Talvez eu fizesse tudo diferente.
E ele, se estivesse na minha,
Provavelmente também.

No fim, somos todos hipóteses.
E a empatia talvez seja só o espelho onde tentamos ver o outro,
Mas acabamos vendo a nós mesmos.

O Homem que Olhava para Cima

Era um sujeito dado às alturas.
Não no sentido social — não ambicionava cargos, nem colecionava títulos —
Mas no sentido metafísico.
Vivia com a cabeça cheia de estrelas.

Não era astrônomo:
Era apenas um pensador, desses que gostam de conversar com o infinito.

Disseram-lhe, certa vez, que o chão também fala.
Ele sorriu com ares de quem já leu os clássicos e os modernos:
— O chão é para os que não sabem voar.

Acreditava que o céu guardava os segredos da alma.
Seus olhos viviam cravados no alto, decifrando constelações.
Embriagava-se com aquele espetáculo silencioso,
Esquecendo-se das pedras soltas pelo caminho...

Seu pensamento era um pássaro sem pouso,
Rasgando o céu em busca de sentido.
Tão absorto na geometria das estrelas,
Que não ouvia quando o chamavam pela vida.

E foi num desses dias de contemplação profunda que tropeçou
E caiu no poço.
Não no sentido metafórico,
Mas no mais literal que a gravidade permite.

O poço estava ali, bem diante de seus pés,
Entre seus passos distraídos,
Entre o agora que negligenciou em nome de um depois
Que talvez nem existisse.

Depois do tombo, passou a filosofar sentado.
O céu continuava lá, intacto,
Mas ele preferia o chão —
Menos inspirador, mais confiável.

A queda não foi castigo, foi lembrança:
De que o infinito também mora no chão —
Esse humilde suporte da existência,
Que se torna invisível aos que buscam verdades só nas estrelas.

Quiproquó: Lições de um Engano

Não era ali que eu devia estar.
Mas fui.
E por engano, sentei-me à mesa de uma xará.
Ouvi histórias que não me pertenciam.
Respondi a perguntas que não eram minhas.
E nesse equívoco,
Descobri que a identidade é menos um nome
Do que um lugar onde se é escutado.

Garantiram-me que eu buscava amor,
Mas o que encontrei foi ausência.
E nela, uma forma mais duradoura de companhia:
A presença do que falta.

Falaram que eu queria justiça,
Mas recebi silêncio.
E no silêncio, aprendi que nem tudo exige resposta.

Trocaram meu destino por outro,
E por um tempo, resisti.
Mas o caminho alheio
Revelou verdades que o meu jamais ousaria dizer.

Disseram-me *adeus*,
Mas eu ouvi *até breve*.
E por isso, esperei.
Na espera, construí pontes, cultivei jardins,
Aprendi a conversar com o tempo.
Quando enfim compreendi o que fora dito,
Já não importava:
O mal-entendido me ensinara a permanecer.

A estrada era à esquerda, indicava a sinalização.
Mas fui à direita, por descuido ou pressa.
E ali, entre ruínas e vozes estranhas,
Encontrei o que nunca teria buscado.

Viajei para a cidade errada,
Mas conversei com desconhecidos fascinantes.
Quando parti, levei comigo uma saudade que não era minha,
Mas que me coube perfeitamente.

Marcamos para terça.
Mas o destino veio na segunda.
Eu não estava pronta: mas o destino não se importa com prontidão.
E foi no improviso do instante que descobri o que a espera jamais teria me contado.

O quiproquó, então, não foi erro.
Nem apenas confusão.
Foi método.
Uma pedagogia do acaso,
Onde o mundo, com sua ironia paciente,
Ensina-nos a ser quem não sabíamos que éramos
E quando paramos de pedir o que queremos,
Ele nos oferece exatamente o que precisamos.

No fim, entendi:
Há portas que só se abrem quando erramos o caminho.

De Orelha em Pé

Ando por aí, com a orelha em pé — não por medo, mas por encanto.
Escuto o silêncio das pedras,
O cochicho das folhas,
O bocejo do tempo que passa devagar.

Aprendi com os pássaros que o mundo fala baixo.
Com os caramujos, que ouvir exige lentidão.
E com os sábios, que ouvir é mais importante que falar.

Não quero pressa, quero presença.
Quero ouvir o que o mundo diz
Quando ninguém está falando.
Porque às vezes,
A sabedoria mora no barulho que o vento faz quando muda de ideia.

E se alguém disser que isso é bobagem,
Não acredite.
Bobagem é viver sem poesia, sem desconfiança, sem orelha em pé.
Porque o mundo é cheio de espertos,
Mas só os atentos escutam o milagre da vida
Escondido numa conversa confidencial soprada no pé da alma.

A Arte que Dorme na Rocha

Altamira não é só vestígio arqueológico —
É testemunho do pacto entre o humano e o calcário, um lugar onde a arte desperta.

Na Cantábria há uma caverna que descansa desde o Paleolítico.
Na pele da pedra há sonhos tatuados.
Altamira — nome que vibra como um segredo mineral.
Ali, o teto é céu invertido:
Um firmamento de pigmentos ancestrais,
Onde cada curva é constelação,
Cada bisão, um cometa de sombra,
Cada cor, uma estrela feita de ocre e carvão.

Os artistas não pintam — eles decifram.
Despertam a forma, sem pinceis — usam a alma.
Com dedos que tocam o inconsciente da pedra,
Carvão no contorno, ocre vermelho e amarelo no preenchimento.
Extraem imagens que não apenas representam — vivem.

A pedra não é tela — é cúmplice.
O relevo guia o gesto:
Saliências tornam-se músculos em tensão,
Fendas viram olhos em fuga.
A parede já contém o animal — o artista apenas o escuta e o liberta.

Ali, cavalos galopam em curvas geológicas,
Touros correm para o infinito da gruta,
Bisões arqueiam-se em volumes de sombra,
Corças espreitam entre fendas e luz,
Javalis ocultam-se nas penumbras minerais.
Não há perspectiva — há sentimento.
Não há assinatura — há permanência.

Altamira não é caverna — é relicário rupestre.
Seus artistas, não apenas caçadores,
Mas xamãs da imagem, intérpretes do invisível,
Sensíveis ao efêmero, capazes de eternizar o instante,
Com o que têm à mão e o que têm no coração.

É beleza que pulsa na pedra,
Num museu secreto do Velho Mundo,
Ecoando o primeiro grito do espírito humano, na infância da arte.

A Caravela que Não Voltou

Não foi o mar que a reteve.
Nem os ventos contrários.
Foi o destino — ávido de colônias —
Que a escolheu para ser raiz, e não retorno.

Santa Maria —
A nau-mãe que chegou à América.
Madeira de esperança e risco,
Tocou o desconhecido com a quilha aberta como prece.

Enquanto Pinta e Niña romperam as ondas do regresso,
Levando rumores de terras novas,
Ela ficou —
Como quem sabe que há jornadas que não admitem volta.

Encalhou no dia de Natal,
Daquele mesmo ano de mil quatrocentos e noventa e dois:
O que deu esperanças mesmo diante do naufrágio.
Tentaram salvar o que podiam — velas, mantimentos, fé.
Mas o mar não devolve o que toma com solenidade.

Colombo, diante da grande perda, ainda viu no desastre um início.
As caravelas, menores, não comportavam todos.
Ordenou que parte da tripulação da nau ficasse nas terras descobertas
E que o porão vazio fosse preenchido com futuro.

No mar da ilha, repousou seu casco partido,
Como cruz fincada no ventre da América,
Como altar de um mundo que se inaugurou,
Com o sacrifício de muito mais que uma embarcação.

E enquanto a nau dormia na areia,
Pinta — a caravela Santa Clara, com suas velas coloridas como pintura —
Seguia sua viagem de exploração.
Já Niña — a caravela Santa Ana, menina do mar —
Começava sua volta à Espanha, trazendo no ventre a notícia do Novo Mundo.

Por não voltar, Santa Maria tornou-se alegoria:
Como quem entende que há viagens que não se completam com o regresso,
Mas com o gesto de permanecer.

Quando é o Amor que Encanta

À noite, no espelho do lago,
Dança o amor em forma de asas.
Odette, cisne branco, é alma cativa,
Prisioneira de um encanto.

Siegfried é alma de sonho,
Coração em brasas,
Que vê no alvo cisne a mulher que o destino lhe reserva.

Um feitiço os separa,
Um olhar os une,
Sob a lua que tudo vê e nada julga.

Rothbart tece enganos com dedos de bruma.
Odile, vestida de negro, desliza entre todos,
Bela e falsa, como a dúvida.

Mas o amor, quando é verdadeiro, não se confunde.
Descarta a feitiçaria e reconhece a magia do amor:
A dor que não se disfarça,
O brilho que não se apaga.

E mesmo que o mundo os afogue em enganos,
Mesmo que o tempo os queira distantes,
Há cisnes que nadam sozinhos para sempre,
Porque já amaram o bastante.

Qosqo: Ecos de uma Civilização

Dizem que Cuzco teve forma de onça.
Talvez. Mas hoje, ela tem forma de lembrança.

Não são as pedras que me comovem.
É o silêncio entre elas — o que ficou suspenso.
Caminho por Qosqo como por um poema antigo, escrito em quíchua.
As ruas não levam a lugar algum —
Levam ao tempo, à capital do Império Inca, no alto dos Andes.

As muralhas pedem escuta.
E eu escuto —
Não com os ouvidos, mas com a memória.
Há ruínas que são apenas ruínas.
Mas há outras que ainda esperam resposta,
Pois há civilizações que deixaram mais do que pedras — deixaram alma.

Cuzco é voz subterrânea,
Reminiscência viva,
Cidade que respira sob o peso da história.

Ela ainda fala.
Não com palavras, mas com encaixes perfeitos,
Com o silêncio entre as pedras,
Com o sol que ainda visita seus altares.

Aqui, o império não caiu.
Ele se recolheu.
Como quem sabe que o verdadeiro poder é o que permanece,
Mesmo quando não se impõe.

Uma civilização não desaparece
Quando seus edifícios e templos se tornam ruínas,
Mas quando deixamos de escutá-la.

Os incas, com sua sabedoria silenciosa, ainda falam através
Das pedras encaixadas com precisão,
Dos traçados que seguem as estrelas,
Dos mitos que resistem ao tempo.

Quem a visita com pressa leva apenas fotos.
Mas quem a escuta com calma,
Leva algo diferente:
O historiador recolhe fatos e datas.
O filósofo, pensamentos e princípios.
O poeta, versos e ecos
De passos, que ainda caminham sem serem vistos,
Do rugido da onça,
Que escapa das muralhas monumentais da fortaleza de *Sacsayhuamán.*

Entre Musgo e Estrelas

Segue o druida pela floresta, sem deixar pegadas...
Escuta o que não se diz,
Lê o vento que embala a natureza,
Decifra a névoa que sobe em espiral ao céu.

É sacerdote sem templo edificado: tem carvalho.
Não tem altar — tem pedra e musgo.
Seu livro sagrado é o céu em movimento,
E sua fé, o ciclo da lua.

Entre bétulas e teixos,
Salgueiros e freixos,
Busca urzes e samambaias
Para tocar o invisível com as mãos da alma.

Fala com os animais sem voz,
Com os rios que não cessam,
Com os mortos que ainda vivem na memória dos vales.

Não impõe, não domina.
Ensina com silêncio,
Com o gesto que respeita,
Com o saber que não se exibe.

O druida é ponte entre mundos:
Entre o visível e o velado,
Entre o agora e o eterno,
Entre os seres humanos e o espírito da terra.

E quando chega a hora da partida, não parte.
Fica.
No chamado das estrelas,
No farfalhar das folhas,
No zunido do vento,
No perfume da laranjeira,
Na magia do visco,
Na purificação do alecrim,
Na sabedoria que germina onde há escuta.

A Verdade que Tropeçou na Lógica

A verdade saiu cedo,
Com a cara lavada e os argumentos engomados.
Ia reta, firme, convicta,
Sabendo exatamente onde não devia pisar.

Mas tropeçou.
Talvez numa vírgula mal colocada,
Ou num *mas,* que veio depois de um *sim* muito confiante.

Caiu de cara no chão da dúvida —
E a dúvida, como sempre, não a ajudou a se levantar.

E quando ela conseguiu se erguer... já era opinião.
Cambaleava entre certezas arranhadas
E uma razão pouco convincente.

A verdade olhou em volta —
Confusa, desconfiada.
Já não se lembrava de ser verdade mesmo
Ou só uma versão bem-intencionada.

E ali, entre os escombros da lógica,
A verdade percebeu:
Tropeçar é humano.
Mas tropeçar em certezas —
É quase filosófico.

No fim, a lógica sentou-se cansada,
Olhou para o próprio rastro,
E disse: “Talvez eu tenha sido… poética demais.”

A Certeza que Escorregou na Retórica

A certeza entrou no debate com peito estufado,
Palavras afiadas e argumentos de armadura.
Sabia tudo — ou achava que sabia.
Falava como quem não escuta.

Não tropeçou, mas escorregou.
Foi num *porém* bem colocado,
Num *depende* que veio sorrindo,
Num *e se*… que abriu uma fresta.

A retórica, elegante, não empurrou.
Só dançou em volta,
Fez perguntas demais,
E a certeza, tonta, acabou caindo.

Levantou com menos peso,
Mais dúvida, menos pose.
E descobriu que saber tudo
É o jeito mais rápido de não aprender nada.

Svartifoss: a Cascata Negra

A pedra e a água ensinaram o ser humano a rezar.
E ele respondeu com catedrais.

Em véus de água e pedra, Svartifoss fascina.
Colunas de fogo petrificado a envolvem —
Ruínas esquecidas na rocha,
Pilares negros, hexágonos em dança.

A água desce em oração.
Nada pede, não clama — revela.
Tão gélida quanto o céu do Norte,
Mas ardente em sua origem vulcânica.
Ali, o tempo não é linha:
É eco de um deus que dorme sob o gelo.

Reykjavik escuta.
E ergue sua torre em resposta:
Hallgrímskirkja:
Um órgão de basalto, tocando o céu com dedos de lava.

Entre a queda e a catedral, há um pacto:
A natureza inspira o espírito,
E o espírito molda a pedra.

Nepal: Entre o Céu e o Abismo

O sagrado não é templo — é relevo.

Terra de voos e de mergulhos vertiginosos,
No ventre da Ásia, irrompe o Nepal —
Lugar onde os extremos se tornam sagrados.

Aqui, o mundo se ergue,
Num gesto vertical da terra,
Como se o céu pudesse ser tocado
Por dedos de pedra e neve.

O Himalaia eleva-se com vozes de oito titãs,
Cada um acima dos oito mil metros,
Bordando a fronteira entre o humano e o eterno.
Everest, o mais alto, vigia o limiar do mundo:
Ali, o ar é oração e o passo, meditação.

E abaixo, entre Dhaulagiri e Annapurna,
Abre-se a Garganta do Kali Gandaki —
Uma fenda abissal que engole eras,
Mais profunda que o pensamento,
Mais antiga que o tempo.

Contraste e conjunção:
Fogo e gelo,
Céu e abismo,
Mantra e trovão.
O Nepal é eixo, vértice e equilíbrio:
Entre o que ascende e o que desaba,
Entre o que se busca e o que se perde.

É um lugar cosmogônico,
Onde o mundo se revela em sua arquitetura primordial —
Mais alto, mais profundo, mais essencial.

E quem caminha entre extremos
Descobre que é no meio onde mora a paz.

Coisa Muito Boa

Não sei se o riso é coisa séria.
Mas sei que é coisa muito boa.
Boa como um cochilo depois do almoço.

Não cura, é verdade.
Mas anestesia.
Não resolve, mas desarma.

Há ideias que chegam com armadura, prontas para o combate.
Mas as que chegam rindo, convencem mais.

O riso é uma filosofia que não se dá ao trabalho de vencer.
Não precisa.
Basta fazer cócegas no argumento,
E ele se desmonta, rindo de si mesmo.

Há quem o confunda com leviandade.
Mas é apenas o espírito desprevenido.

Além do mais, rir é subversivo, pedagógico,
E profundamente irresponsável — como toda boa ideia.

Tabor: Incandescência do Invisível

O Senhor da Luz que não se apaga subiu ao monte Tabor
Para revelar o invisível no rosto humano.

Não se escala o monte Tabor com os pés.
Ascende-se com o espírito,
Enquanto salmos antigos ecoam no coração.

Ali, a luz não nasce do sol —
Ela irrompe do Verbo, que se faz clarão.
Ali, o invisível se deixa ver.
Ali, o humano se transfigura.
Ali, a voz eterna fala por entre nuvens.

Tabor é mais que um monte na Palestina.
É o limiar entre o tempo e o eterno,
Onde se é visitado por Deus
Sem que se precise morrer.
É o instante em que a fé deixa de ser espera
E se torna presença viva.

O Filho do Homem resplandece como aurora,
E em Seu rosto fulgura a face do Pai.
Ele não muda —
Ele se revela.
A luz que emana não vem de fora,
Mas brota de dentro,
Como fonte inesgotável de glória.

O rosto humano de Jesus,
Transfigurado em luz divina,
É promessa e profecia:
Também a criatura humana pode ser elevada,
Purificada, glorificada.

Quebra-cabeça: A Peça que Falta

Muitos dizem que a vida é um quebra-cabeça.
Mas ninguém avisa que a caixa vem sem imagem-guia, sem moldura, sem promessas.
Só peças soltas — algumas viradas, outras nos encarando com olhos tortos.
E você ali, tentando montar o caos com algum sentido...

O modelo?
Não tem.
Ou talvez seja este: uma criança sentada no chão,
Fazendo da desordem uma brincadeira, e do tempo,
Um brinquedo que não precisa acabar.

Não há instruções.
Nem moldura.
Nem garantia de que todas as peças vieram na caixa.

Os cantos são fáceis — todo mundo começa por eles.
Têm borda, limite, segurança.
Mas o meio…
Ah, o meio é um território de dúvidas e tentativas.

Tem peça que parece feita para encaixar, mas insiste em não pertencer.
Tem outras que você ignora por horas, até descobrir que eram o centro de tudo.

Montar não é sobre pressa.
É sobre aceitar que algumas peças só fazem sentido depois.
Às vezes, falta uma.
Você procura embaixo da mesa, no bolso, no universo.
E descobre que ela nunca existiu.
Ou que você é quem precisa mudar de forma.

Montar é um experimento da alma.
Hipóteses nascem a cada gesto,
E se desfazem quando o tempo altera a geometria do sentido.
Há peças que obedecem à física da saudade,
Outras à química do afeto,
E algumas que só se revelam sob a luz oblíqua da dúvida.

Pode ser que o quebra-cabeça acabe revelando você:
Feito de encaixes improváveis,
De erros que viraram acertos,
De espaços que aprenderam a ser vazios, sem deixar de ser inteiros.

É possível que consigamos até montá-lo com os olhos fechados.
Porque, às vezes, o encaixe não é lógico — é poético.
E o que não encaixa também tem função:
Ensinar o avesso, o despropósito, o detalhe.

Talvez a vida não seja um quebra-cabeça a ser concluído,
Mas um campo de forças onde cada peça,
Mesmo a que falta,
É parte do brilho que nos mantém em órbita.

O Banquete das Palavras

O evento estava marcado para as oito.
As palavras chegaram cedo,
Antes dos convidados.

Invadiram os corredores,
Subiram ao palco como quem toma posse,
Ensaiaram reverências para si mesmas.
Vestiram-se de metáforas mornas,
Brindaram com adjetivos espumantes,
Mastigaram os minutos com dentes de retórica.

Algumas, embriagadas de si,
Tropeçaram nos próprios discursos.
Vaidosas!
Colidiram–se em conceitos,
Ergueram muralhas em longos parágrafos sem pausa.
Belicosas!

A plateia já mostrava sinais de cansaço.
As cadeiras rangiam sob o peso das palavras.
O ar, saturado de verbos, pediu trégua.

Então, algo se levantou — sem fazer o menor ruído.
E chamou a atenção de todos.
Sem precisar dizer nada, o silêncio pediu a palavra.

Bucara — Onde a Seda Descansava

A seda vinha de muito longe...
Atravessava desertos, montanhas, impérios.
Bucara, como um oásis, a esperava com seus caravançarais.
Ali, a seda repousava junto aos mercadores exaustos,
Embalando-se aos ventos e aos cheiros das especiarias.

No pátio, o tempo estendia-se como um tapete.
Camelos ruminavam histórias sob o sol de âmbar,
E as vozes — em mil línguas — bordavam o ar com promessas, barganhas e bênçãos.

Tâmaras passavam de mão em mão, como moedas doces.
Joias trocavam de dono, mas guardavam o brilho dos olhos que as cobiçavam.
Porcelanas vinham da China, com dragões que dançavam entre as xícaras.
E o chá, quente e paciente, contava segredos em cada gole.

Bucara era mais que parada:
Era ponto de encontro entre mundos.
Ali, a pólvora sussurrava seu poder,
E o papel, ainda úmido de invenção, carregava ideias que cruzariam séculos.

As cúpulas azuis refletiam o céu da Ásia,
E os mosaicos, como mapas, guardavam os caminhos da seda, do sal, da alma.
Cada mercadoria era também uma mensagem.
Cada mercador, um mensageiro.
E cada passo, uma ponte entre povos.

Bucara — onde a seda descansava,
E o mundo despertava.

Hoje,
Bucara ainda respira, embora o vento já não traga caravanas.
Os pátios permanecem, mas os mercadores se tornaram sombras nas arcadas.
As cúpulas ainda refletem o céu, mas agora são espelhos do passado.
Os tapetes, pendurados nas paredes, guardam os passos que já não voltam.

Há crianças que correm entre os mosaicos e os barris de tâmaras,
Sem saber que ali, um dia, o mundo inteiro passou por seus pés.
O chá ainda é servido, mas os segredos se calaram.

A seda?
Ela não repousa mais — segue em vitrines, em lembranças, em museus.
Mas se você escutar com atenção,
Há um murmúrio nas pedras, um sussurro nas cúpulas, um perfume antigo no ar.

Bucara não é mais parada.
É permanência.
É testemunha de um tempo em que o mundo se costurava com fios de encontro.
E mesmo que a Rota da Seda tenha mudado de nome,
Ela ainda passa ali —
Nos olhos de quem contempla,
Nos passos de quem busca,
Na memória de quem sonha.

Taj Mahal: O Amor em Mármore

Hoje estive te contemplando.
E confesso: tua dor me atravessa como se fosse minha.

Em Agra, às margens do Yamuna,
Ergue-se um sonho em pedra branca —
Um templo de amor, de abrigo, de silêncio.

Mumtaz já dormia,
Mas seu nome ainda pulsava no peito de Shah Jahan,
Que chorava por ela.

O amor, por vezes, recusa-se a aceitar a finitude.
E então constrói.
Construir é negar o que termina.

Chamou artesãos de terras distantes,
Que ergueram cúpulas como versos celestes,
Arabescos como preces,
Minaretes como lágrimas suspensas.

Na cúpula, uma esperança de reencontro.
Nos ornamentos, uma despedida.
Nos arcos, um lamento embalsamado.
Nos jardins, um poema épico —
Onde cada flor parece saber o nome da ausência.

O Taj Mahal é corpo sem alma,
Mas também é alma sem corpo.
Não é só mausoléu, nem só monumento:
É o coração de um homem, aberto ao céu,
Um gesto de amor contra o fim,
Uma tentativa de permanecer, quando tudo insiste em partir.

É a arquitetura lírica da saudade,
A morada dos que amam além da morte.
Porque o amor verdadeiro não termina:
Ele se transforma em mármore, em estrofes, em eternidade.

Carretel, Dedal e Ovo de Madeira

Quando fecho os olhos, eu ainda escuto o barulho da máquina,
Costurando o mundo com pontos de infância.
Há sons que não se calam —
Vivem escondidos nas costuras da alma.



Na gaveta da máquina de costura,
Entre botões órfãos e linhas desbotadas,
Encontrei três sobreviventes do tempo:
Um carretel de linha branca,
Um dedal de prata,
E um ovo de madeira para ajudar a cerzir meias furadas.

Segurei cada um com mãos de menina e olhos de saudade.
Vi minha mãe e minha avó neles — em plena atividade:
As mãos ágeis, cheias de destreza,
Costurando tudo com pontos de afeto.

Dizem que, certa noite, esses três fugiram da gaveta
E foram costurar o céu.
Desde então, há constelações que parecem pontos cerzidos...

Se é verdade que escaparam, já voltaram.
Estão ali, imóveis, no mesmo lugar.
Não por falta de serventia, mas por excesso de esquecimento.

O carretel ainda parece útil,
Mas o dedal e o ovo de cerzir são fósseis domésticos,
Que minhas netas nunca viram nem sabem nomear.

Antes se sabia consertar.
Não apenas tecidos, mas também os dias.
Remendar exigia escuta,
Tempo para compreender o rasgo,
Dedicação para restaurar o que se partiu.

Hoje, os estragos são tratados como poeira:
Espera-se que o vento leve, que o tempo resolva.
Mas o tempo apenas passa.

Talvez seja preguiça. Talvez comodismo.
O mundo tem pressa:
Não espera o ponto.

O carretel ainda tem linha.
O dedal ainda protege.
O ovo ainda cabe na palma da mão.
Mas quem ainda se dispõe a costurar?

Fronteiras do Eu

Há em mim um país que não conheço.
Sei que existe —
Pelas sombras que me atravessam,
Pelos gestos que não reconheço como meus.

Sou estrangeira em minha própria alma.
Falo línguas que não domino,
Sinto dores que não nomeio,
E sonho vidas que não vivi.

Entre o que sou e o que suponho ser,
Há uma fronteira invisível,
Guardada por silêncios e espelhos.

Às vezes, atravesso esse limiar.
Mas não sei se fui ou se voltei.
Talvez apenas tenha me perdido em outro nome.

Porque o eu que pensa não é o que sente,
E o que sente não sabe pensar.
E o que observa, esse não vive —
Apenas contempla.
Carrego em mim terras que não piso e ruas que não percorro.
Esses limites não têm marcos nem sentinelas, mas têm fantasmas.
Não têm muros, mas têm medos.
São feitos de ausências e abismos.

Eles moldam meus caminhos,
Decidem meus retornos,
E às vezes me impedem de partir.

Sinto que sou muitas.
E cada qual habita um território distinto,
Com leis próprias,
Com mapas que não se cruzam,
Com bússolas que apontam para dentro.

E no centro de todas nós,
Há um vazio —
Onde talvez eu esteja.

O Trevo Que Fugiu da Regra

Há exceções que florescem.

Era para ter três folhas.
Como todos os outros.
Como manda o manual da relva,
O protocolo da botânica,
O costume dos campos.

Mas não quis.
O trevo, teimoso, torceu o tronco,
Olhou para o lado,
Viu o céu distraído,
Sentiu o vento em dúvida — e se fez quatro.

Não por rebeldia.
Mas por vontade de ser mais.
Mais folha, mais mundo, mais pergunta.

E a natureza, que às vezes conspira a nosso favor,
Sorriu e deixou passar.
Porque há exceções que não são vocação.
São o modo como o ser se afirma sem pedir desculpas.

O trevo-de-quatro-folhas é isso:
Um ser que fugiu da regra e, ao fugir, virou sorte.
Não porque dá sorte,
Mas porque lembra que a vida também é feita de acasos e desvios que florescem.
E que o mundo,
Por mais ordenado que pareça,
Guarda em si o gosto do imprevisto.

Encontro de Astros

O mar conhece o segredo:
Quando Sol e Lua se olham, o mundo se ilumina por dentro.

A Lua ergueu-se em silêncio, enquanto o Sol despediu-se em fogo.
Uma nasceu, com a face cheia de mistério.
O outro se pôs, com os olhos ainda em brasa.

E o mar, testemunha líquida, guardou o segredo do instante:
Dois deuses no mesmo palco,
Dois brilhos em perfeita oposição.

A Lua, vestida de prata, sussurrou ao Sol que o dia não era tudo.
O Sol, em vestes de ouro, respondeu que a noite também não o era.

Depois, cada um seguiu seu rumo.

Mas o mar — que escuta tudo — guardou em suas ondas o eco do diálogo.
Dizem que, naquele instante, os peixes pararam de nadar,
As gaivotas esqueceram-se de voar...

Porque o céu, por um breve suspiro, foi ponte entre mundos.
E o Sol, antes de partir, deixou um raio escondido na cratera da Lua.
E a Lua, antes de subir, levou consigo um suspiro dourado.

Desde então, quando o mar se agita sem razão, é porque lembra.
Lembra-se do dia em que,
Entre sombra e fulgor,
Recebeu o toque dos astros e vestiu-se de infinito.

Choupana Que Ri

Nem toda parede sabe abraçar.

Nem toda casa tem telhado.
Nem todo palácio tem abrigo.
Há lugares onde o riso mora, sem precisar de espaço.
Há espaços onde o choro ecoa, apesar do luxo.

Há quem confunda conforto com acolhimento.
Há quem pense que o silêncio de paredes grossas é paz.
Mas há vozes que se perdem em corredores longos demais,
E há abraços que se encontram em cômodos apertados.

A choupana, feita de barro e coberta por zinco, guarda o calor de quem se escolhe.
O palácio, feito de pedra e ouro, às vezes congela quem se evita.
O valor não está nas paredes revestidas, mas no que pulsa entre elas.
Não é o tamanho da mesa que conta, mas quem se senta com fome de presença.

Há risos que cabem em frestas,
Há lágrimas que escorrem por colunas de mármore.
Há histórias que se escrevem em chão batido,
E outras que se apagam em pisos de granito.

O mundo, encantado com reflexos, esquece que luz é o que atravessa.
E chama de lar o que não cultiva alegria.

Mas quem já dormiu sob teto de afeto sabe:
Há moradas invisíveis que valem mais que qualquer construção portentosa.
Porque o riso é arquitetura.
E o amor, alicerce.

Equívoco Poético

A infância erra com estilo.

A placa dizia: *Sítio Mandaçaia.*
Mas eu, menina, lia com olhos de invenção.
Entendi: *Sítio Manda a saia.*
E achava que ali quem mandava era ela —
A esposa do sitiante, a mulher de saia larga de algodão,
Que riscava o chão com a barra do vestido e a voz cortante como enxada.

Descobri mais tarde que eu cometera um equívoco.
Mas dos bons.
Daqueles que só a infância sabe cometer
Com a autoridade de quem ainda conversa com pedras
E acredita que as formigas têm planos.

Eu não sabia da abelha.
Não sabia do C cedilha,
Nem que era por causa da mandaçaia que o sítio tinha esse nome.

Sabia da saia.
Do comando que vinha da dona da saia.
De nomes que podiam nascer do que se vê, e não do que se sabe.
A infância é assim: confunde, inventa.
Erra com estilo.
Poetiza por engano.

Hoje sei da abelha.
Da mandaçaia que reina sem ferrão.
Que manda sem gritar.
Que governa o pólen e fabrica o doce mel.
Mas continuo achando que a mulher mandava mais...

Porque se a mulher mandava e usava saia,
O nome do sítio estava certo.
Errado estava o dicionário.

Há coisas que só a infância sabe misturar com tanta poesia.
E há equívocos que não merecem correção —
Só moldura.

Coruja & Jararaca — Diálogo em Verso

A coruja, douta e noturna, lia Kant no galho mais alto.
A jararaca, rasteira e direta, lia ninguém — mas sabia tudo.

Discutiam sobre Ética.
A coruja dizia: *O saber é luz que não fere.*
A jararaca respondia: *E o veneno é argumento que dispensa nota de rodapé.*
A coruja piscava devagar — como quem pondera.
A jararaca não piscava — como quem já decidiu.

No fim, a coruja voou.
A jararaca ficou.
E ambas, à sua maneira, mandavam no mato.

Moral da história:
Depende de quem conta.
Mas se você perguntar ao caboclo, ele dirá:
Entre a sabedoria e o veneno, prefiro o sarcasmo —
Que ensina ou fere sem matar.

O Perfumista das Ideias

Ele não cria para agradar os sentidos,
Mas para elevar o espírito à dignidade da razão.

Seus aromas não seduzem — despertam.
São imperativos sutis: não ordenam, convidam à reflexão.
Ele não escreve.
Destila.
Com frascos invisíveis, compõe essências que não cabem em papel.

Ideias não foram feitas para permanecer.
São vapor.
Sopro que toca, aroma que entra pela fresta e se aloja onde não se espera.

Ele insinua.
Deixa no ar um pensamento que não se vê, mas muda o rumo de quem respira.

Algumas ideias evaporam antes de serem entendidas.
Outras se fixam na pele da memória.
Há as que se perdem no caminho, mas deixam rastro —
Como perfume antigo em lenço esquecido.

Ele aromatiza o espírito.
Cada essência lançada no ar é uma ideia que não se impõe,
Mas desafia, ri da lógica,
Dança sobre o pensamento domesticado.

O perfume não permanece.
Evapora.
Mas no instante em que toca, revela o sublime:
A capacidade de sentir o invisível e reconhecer, no efêmero, a marca do eterno.

Ele sabe:
Pensar é perfumar o mundo.
É lançar no ar o que não se prende, mas que, por instantes, transforma.
E quando alguém, sem saber por quê, muda de direção,
Abre uma janela, ou silencia diante do óbvio — talvez tenha sido ele.
O perfumista das ideias que passou por ali.
E deixou no ar o aroma da liberdade.

Um Cálice de Licor

Pequeno.
De cristal lapidado, quase cerimonial.
Hoje, substituído pela pressa —
Por copos grandes, por goles sem pausa.

O cálice de licor é uma poética do instante.
Do sabor lento.
Quem o toma não bebe.
Sorve.
Como quem lê uma carta antiga
Ou escuta um segredo que a licoreira guardou.

Hoje se prefere o barulho dos brindes,
A pressa dos goles,
A espuma que se dissipa antes do pensamento.

Licor de jabuticaba, de jenipapo.
Macerados em aguardente nobre,
Coados em peneiras de linho e chumaços de algodão,
Como se cada gota exigisse purificação.

O cálice permanece.
Na cristaleira de madeira entalhada.
No canto da memória.
Na mão de quem ainda sabe que há sabores que murmuram.

E nesse sussurro, há um convite:
A desacelerar, a contemplar,
A permitir que o espírito se embriague na beleza contida no gesto lento.

Campos Elíseos: Arquitetura de um Nome

O Palácio dos Campos Elíseos foi morada de café e poder,
De pessoas que falavam em nome do Estado.

Seu nome não nasceu do acaso.
Foi escolhido como se se quisesse transplantar Paris para o coração paulistano —
A elegância da *Avenue des Champs-Élysées,*
Florescendo entre ruas de trabalho e progresso.
O bairro, também assim batizado, tornou-se promessa de refinamento.
E o palácio, seu emblema:
Linhas inspiradas na *Belle Époque,*
Volutas sobre fachadas.

Cada cornija, um suspiro da Europa.
Cada vitral, uma membrana de luz.
Cada escadaria, um convite à ascensão — não apenas física, mas simbólica.

Campos Elíseos é mais que geografia.
Evoca o lugar dos bem-aventurados, na mitologia e na cidade:
Refúgio dos heróis após a travessia.

É paisagem idealizada.
Monumento à ideia de que a arquitetura pode ser linguagem,
E o nome, destino.

Hoje, ele não mais governa.
Observa.
Como quem sabe que o poder é efêmero, mas a memória é persistente.
Na cristaleira da cidade, ele é relíquia viva.
Testemunha.
Tradução de um desejo urbano:
O de criar, entre ruas e avenidas, um espaço onde o nome convoque o mito.

Viver ou Confrontar? Eis a Comédia Humana

A lealdade é a arte da sinceridade...
Quando ela não nos compromete.

Lealdade e Hipocrisia não são opostos absolutos.
São vizinhas de porta no condomínio da convivência social.
A primeira é aquela que segura o elevador para você.
A segunda finge que não o viu.

Confrontá-las é nobre.
Mas viver ambas... é inevitável.

Por quê?
Porque somos paradoxais por natureza.
O mesmo ser que defende a verdade no almoço de domingo
Mente sobre o motivo do atraso na segunda-feira.

Porque a hipocrisia, em doses homeopáticas, é socialmente funcional.
Imagine um mundo onde todo mundo dissesse o que pensa, o tempo todo.
Seria honesto... e insuportável!

A comédia humana pede consciência.
E um pouco de flexibilidade.

A vida não é uma peça de teatro moral,
Onde os leais são heróis e os hipócritas, vilões.
É mais como um baile de máscaras...
Às vezes, para dançar, é preciso saber qual rosto vestir
Sem esquecer quem somos por baixo.

Botuverá: Um Jardim Mineral

Há sessenta e cinco milhões de anos, a chuva começou a escrever seu poema na rocha.
Gota por gota, a água escavou o tempo, desenhando corredores, salas, abismos...
E um jardim secreto.

Gotas milenares, em sua cadência silenciosa,
Esculpem a caverna de Botuverá —
Um relicário catarinense no ventre da terra.

Suas galerias e salões, ornamentados em versos minerais,
São estrofes de pedra,
Onde as rimas escorrem pelas paredes
E sobem do chão em arabescos calcários, brilhantes como revelações.

Estruturas delicadas emergem em pétalas de cristal:
Flores de aragonita,
Estrelas subterrâneas, raras, cabalísticas,
Enigmáticas, secretas.

Feitas de tempo, de reverência, de pingos d'água que caem pausados,
Num milagre geológico que se repete sem pressa.

Não precisam da primavera, nem do sol, nem da abelha.
Não murcham, não desfalecem, não morrem.
Não têm perfume, mas brilham como astros petrificados.

Ninguém as colhe.
E, ao não serem colhidas, são guardadas inteiras,
Intocadas,
Enfeitando a gruta
Porque até o escuro precisa de beleza...

Serigy: Cacique dos Manguezais

A terra não esquece os passos
De quem a defendeu com o corpo inteiro.

Entre as águas doces e salgadas,
Os mangues desenham a terra de Serigy — água de siri.
Cacique de pé firme, feito tronco de mangabeira em flor.
Olho de garça que vigia o horizonte, alma cheia de maré.

Ele conhecia o segredo das águas, o vaivém dos peixes,
O canto das corujas, o silêncio das raízes.

Quando o homem branco chegou,
Serigy não se dobrou.
Segurou o passo da invasão, por trinta anos,
Fazendo do mangue seu escudo, sua trincheira,
Seu labirinto de emboscadas.

Hoje, quando a maré sobe, e o céu se pinta de pitomba madura,
Ele ainda caminha entre os galhos,
Com o cocar feito de estrelas,
Guardando o que resta do sagrado.

Porque Serigy ficou no mangue:
Virou vento, raiz, lama.
Virou Sergipe —
Um Estado brasileiro nascido da resistência
Que leva o nome do seu cacique.

Quem escuta o vento em Aracaju sabe que ele está ali:
Na pedra do Palácio, no nome do rio, na reza da marisqueira,
No menino que corre nos manguezais.

Rima de Menina

Quando eu era bem pequena,
Fiz um versinho que rimava Bagdá com Marabá.
E isso me encantou.
Pareciam cidades vizinhas — eu pensava...
Uma de lá, outra de cá.

Não sabia de desertos, nem de rios, nem de distâncias.
Só sabia que as duas dançavam no mesmo verso,
Como irmãs de poesia.

Marabá, com seu cheiro de açaí,
Bagdá, com seu nome de tapete voador.
Uma, com rio que abraça a cidade,
Outra, com areia que conta histórias.

Que pena haver oceanos entre elas, línguas e latitudes!
Mas no poema da infância, tudo pode se encontrar.
Tudo que rima é vizinho.
Tudo que encanta é verdade.

Marabá ficou no coração, com seu sol de Pará,
Seus peixes, seu murmúrio de rio.
Bagdá?
Ficou no sonho, brisa de areia,
Como cidade que voa.

E eu, que envelheci,
Ainda escrevo versos
Para juntar o que o mundo separa.

Retirada da Laguna: A Difícil Travessia

A guerra não se vence. Ela se atravessa.
E quem atravessa, nunca volta inteiro.

As tropas paraguaias invadiram a Província do Mato Grosso.
Tomaram rios, fortalezas, terras.
Tomaram, sobretudo, a paz.

O Brasil respondeu com marcha.
Uma coluna expedicionária partiu —
Com sonhos que não sabiam que seriam enterrados,
Com botas que ignoravam a febre.

Avançou-se até Laguna.
Um ponto perdido no interior do Paraguai,
Próximo à Bolívia,
Distante em todos os sentidos:
Dois mil quilômetros de caminhada,
Guiados por mapas imprecisos.

Vieram o beribéri, a varíola, a cólera,
Os pântanos, a sede, os incêndios do inimigo,
A fome, as perdas, o recuo.

Essa retirada foi gesto de lucidez
Diante de seres humanos que se tornaram sombra,
Dos doentes e feridos deixados à margem,
Dos soldados que aprenderam que o heroísmo
É uma invenção dos que não marcham.

Essa retirada foi respeito ao que restava.
Foi para salvar o que a guerra ainda não havia conseguido destruir.

O insucesso foi militar,
Mas, acima de tudo, humano.
Profundo. Irreversível.

Frustrou-se aquela tentativa de retomar Mato Grosso,
Fracassou-se a ideia de que a guerra é estratégia,
Quando, na verdade, sabe-se:
Ela é ruína com uniforme e condecorações.

E o saldo?
A cicatriz que dói sempre que o mundo insiste
Em repetir o mesmo erro.
A esperança de voltar a sonhar
O que se pode viver quando não há trincheiras.

Os arquivos, os relatórios registram —
A guerra é sempre uma tragédia bem documentada.
Mortes com justificativas infundadas,
Que ignoram o valor da vida humana.

Este poema quer marchar junto —
Não com os generais,
Mas com os que caíram sem serem contados.

Temperado Demais ou Destemperado Demais

Algumas pessoas vêm com muita pimenta. Outras, sem sal nenhum.
O temperamento humano, afinal, é receita que raramente dá certo.

O impulsivo é fogo alto:
Cozinha rápido, queima fácil.
O indiferente é geladeira desligada:
Não conserva nada e vive comendo comida fria.

Enquanto o impetuoso grita,
O indolente boceja.
Ambos erram o alvo —
Mas com estilos diferentes.

Um age antes de pensar.
O outro pensa tanto que se esquece de agir.
Conclui-se, então que:
O mundo é feito pelos impulsivos
E desfeito pelos indiferentes...

O fogoso quer mudar tudo.
O apático mal muda o canal da TV.
O primeiro explode.
O segundo dissolve.

Aquele quebra a mesa.
Esse não levanta nem a cadeira.
Os dois são perigosos —
Mas só um faz barulho...

Se o impulsivo ama com urgência,
O indiferente esquece com eficiência.
No fim das contas,
O arrebatado é um vulcão.
O desanimado um freezer.
Mas, tanto um quanto o outro
Matam plantas e amores.
Por calor demais ou frio demais.

E o sábio, esse raro equilíbrio de sabores?
Ele observa.
Sorri.
E muda de assunto.
Talvez porque saiba que, na vida,
O segredo está no ponto certo do tempero.

Cor da Infância

Existe uma cor que não mora na paleta.
Não se mistura ao azul, nem se dissolve no amarelo.
Foge dos tubos, escapa dos pincéis.
É uma cor que não se revela aos olhos despertos,
Mas que pinta tudo quando o mundo dorme.

É o pigmento que só aparece em sonhos
E colore o vento.
Só nasce na infância,
No olhar que vê o invisível,
No dedo que aponta para o nada e o chama de estrela.

Toda criança o carrega no fundo dos olhos:
É a cor do primeiro encanto diante do mundo.

Mas, com o tempo,
Alguns olhos se fecham para ela.
A rotina a apaga,
A pressa a dissolve,
A vida adulta a desbota.

Só alguns —
Os que crescem sem deixar de brincar com o escuro,
Os que ainda conversam com pedras e nuvens,
Os que conservam o olhar encantado —
Continuam vendo essa cor nos sonhos.

A cor da infância é mimetismo da alma,
Camaleoa dos sentidos,
Furta-cor de tudo que cabe nos devaneios:
Utopia que brinca de roda com a realidade.

Abstrata e fugidia, sem matizes,
Feita de tudo que não coube nas outras cores.
Essa cor não se pinta.
Ela pinta você.

Balé dos Golfinhos

Se o homem inventou o avião para voar,
O golfinho inventou o giro para dançar.

Em Fernando de Noronha tem baile todo dia.
Logo cedinho.
Na Baía dos Golfinhos a pista líquida ondulante
Abre-se como cortina de espuma,
Pronta para receber os bailarinos rotadores.

Eles chegam em silêncio, mas o mar já sabe:
Vai começar o espetáculo.

Giram, dão piruetas, saltam,
Rodopiam como hélices vivas,
Desenham espirais no ar com precisão de quem nasceu dançando.
Volteios e mergulhos compõem uma coreografia aérea e subaquática,
Sem ensaio, sem partitura.

Saltos verticais: sinal de agregação alimentar.
Saltos horizontais: comunicação de deslocamento.
Cada rotação, uma frase no idioma das correntes marinhas.

Talvez sonhem com o voo de Ícaro,
Mas sem a soberba da altitude.
Seu voo é breve, mas pleno.
Seu giro é curto, mas absoluto:
Trezentos e sessenta graus de liberdade.

O mar, em êxtase, aplaude com ondas.
As espumas erguem-se em palmas brancas,
Recebendo de volta os dançarinos acrobatas.

Ali, naquele instante suspenso, a natureza brinca de arte.
Ensina que o belo não precisa durar
E que o silêncio pode ser música.

Tumucumaque: Onde o Vento Fala em Voz de Pajé

Cume das montanhas,
Tumucumaque, lá no alto do Brasil.
Mãe de rios que brotam do sonho da pedra,
De árvores que conversam entre si em linguagem de folha,
De cipós que entrelaçam histórias vegetais.
De plantas que sussurram em flores.
De animais que voam, que caçam, que nadam —
Versos vivos na poesia da mata.

Lar da castanheira que alimenta,
Do breu que perfuma,
Da maçaranduba que sustenta o céu,
Da cupiúba que exibe altura e resistência.

Casa feita de selva,
Onde o chão tem tapete de folhas e o teto é uma catedral de galhos.
Abriga um coral de vozes sem maestro,
Com os compassos do mutum e os improvisos do uirapuru;
E é guardada pelo voo do gavião-real
Que a vigia lá de cima.

Habitat da arte em todas as formas:
Da onça que pinta com suas pegadas camufladas,
Do peixe que modela as águas em esculturas líquidas,
Dos tucanos que escrevem no céu com penas de fogo.

Torrão de silêncio antigo,
De ritos indígenas e nome aruaque
És santuário em Tumucumaque.

Que ninguém te machuque ou te fira.
Que ninguém te transforme em mercadoria.
Que tua seiva continue sendo liberdade:
Tens direito de existir em paz,
Em plenitude,
Em espírito de floresta.

Que tua eternidade seja verde,
Viço novo de chão que não se vende.

Onde Estão Meus Óculos?

Poema para quem enxerga demais sem eles.

Procuro os óculos com olhos nus.
Estavam aqui — ou ali — ou em mim?
Ou talvez no limbo das coisas esquecidas?

Reviro gavetas, ideias, almofadas.
Pergunto à casa inteira.
Ninguém sabe, mas todos têm suspeitas.

Vasculho livros, versos, escrivaninhas,
Como quem procura um velho amigo travesso
Que se esconde só para ver se ainda é lembrado.

Nada.
Até que, num gesto de gênio,
Coloco a mão no bolso — e lá estão eles, rindo baixinho,
Com aquele ar de quem sempre soube que eu voltaria...

Desconfio que eles se escondem apenas para me ver filosofar.

Esses óculos, traidores da nitidez,
Fogem como verdades em debate.
Estão sempre em lugar incerto
E aparecem quando já não fazem falta.

São como certas amizades —
Somem quando mais se precisa
E reaparecem com um sorriso tardio.

Talvez estejam cansados de saber
Que há dias em que ver menos é uma forma de sentir mais,
Que há momentos em que enxergar demais atrapalha
E que há coisas que só se revelam quando se desfocam.

E eu sigo tateando o mundo, vendo tudo com nitidez filosófica:
Porque às vezes, perder os óculos
É enxergar o dia com poesia.

Sem eles, vejo o mundo como ele é:
Impreciso, instável, deliciosamente poético,
Com uma neblina que não atrapalha —
Apenas suaviza.

E o essencial?
Ah, o essencial... Esse é sempre nítido.
Não precisa de lente — só de atenção.

Por Acaso

Nada é mais previsível do que o imprevisto.

A vida não avisa.
Ela tropeça em si mesma,
Derruba planos como copos na beirada da mesa,
E ri — com a boca cheia de talvez.

O despertador falha.
A chuva vem de uma hora para outra.
O amor chega atrasado,
Ou nem chega.

E a gente,
Com a alma feita de agendas e promessas,
Aprende a remar no rio das contingências,
Onde cada curva é um ponto de interrogação.

Há quem tema o imprevisto.
Eu, às vezes, também.
Mas há dias em que o acaso me parece
Um poeta bêbado —
Desordenado, sim,
Mas cheio de verdades que só se dizem tortas.

Afinal, quem disse que o certo é o reto?
Que o caminho bom é o previsto, o que não muda de ideia?
Que viver é seguir um roteiro sem improviso?

A certeza é artigo de luxo,
Raridade em extinção.
Vivemos de suposições,
De apostas silenciosas no amanhã.

E mesmo assim, seguimos.
Com passos hesitantes,
Mas com olhos abertos ao milagre
De não saber o que vem depois.

Porque há beleza no inesperado,

Há poesia no desvio,
E há sentido —
Mesmo quando tudo parece sem sentido.

Então, se a vida virar à esquerda,
Quando você jurava que era à direita,
Respire.
Talvez o que você procura esteja justamente
Onde você nunca pensou em ir.

Ramo de Cheiros

Na penumbra da panela, repousa um ramo de cheiros —
Louro, tomilho, salsinha,
Enlaçados como amantes de um romance provençal,
Abraçados pelo alho-poró, em pacto vegetal.
Um *bouquet garni:*
Vestido de tule, atado com barbante, como quem guarda um segredo antigo.

Um fio de azeite desliza com solenidade,
O fogo murmura em brasa baixa.
Inicia-se uma alquimia inovadora —
Não apenas receita,
Mas rito, encantamento.

O coentro entra em cena, em pose de protagonista.
A salsinha, espirituosa, sussurra:
Ele só veio a passeio.
O alho, com voz de Robespierre,
Discursa como quem quer revolução.
A cebola, vulnerável e translúcida,
Chora memórias que não lhe pertencem.

A pimenta, incendiária e inquieta,
Quer acender o mundo com sua língua.
O louro, velho diplomata,
Prefere a sombra ao confronto.
O sal, estoico e invisível,
Sabe que tudo depende dele.
Mas jamais se impõe —
É o silêncio que tempera.

O *bouquet garni* observa com elegância francesa,
Sabendo que o sabor nasce da disputa entre alternância e convivência,
Do atrito gentil entre diferenças.

Ao final, outros temperos se insinuam:
O louro sussurra presságios em voz de oráculo,
O tomilho murmura histórias vindas dos campos de lavanda,
A salsinha ri como quem entende que o frescor é uma forma de sabedoria.

A colher, ao girar, traça constelações no fundo da caçarola —
Mapas celestes de um universo doméstico,
Onde cada estrela é um tempero.

Chegou a hora de retirar o ramo de cheiros.
Mas o caldo, espesso de memória,
Começa a contar o que viveu...

Quem prova esse caldo não sente apenas o gosto:
Vê cenas da infância,
Escuta o quintal em festa,
Percebe que a poesia passou por ali —
E deixou rastros de aroma e eternidade.

Detalhe Barroco

Barroco é detalhe — porque Deus mora no pequeno.
Detalhe, porque o todo nos escapa:
O todo é vasto demais para o olhar humano.

O ouro crepita na madeira antiga das talhas,
Entoando salmos em silêncio.
Os detalhes irrompem na policromia dos retábulos:
Fagulhas que reúnem o incêndio,
Notas que condensam a sinfonia,
Versos que traduzem o dogma.
Cada cor é uma prece em pigmento,
Cada pincelada, um sopro do Espírito Santo.

Nos murais, a história da fé desenrola-se entre o humano e o divino —
Santos que sangram em púrpura,
Mártires que sorriem em ouro.
No púlpito, a palavra é cedro que prega em arabescos,
Versículos talhados em fé.
A fachada, em pedra lavrada, é liturgia petrificada:
Cada voluta, cada flor, é um suspiro de eternidade.

Coluna que não sustenta apenas teto,
Mas o peso da alma em ascensão —
Torcida como dúvida que crê,
Como fé que vacila, mas se firma.

Retábulo — altar de excessos.
Floresta de ouro em delírio.
O sagrado multiplica-se em epifanias,
Como línguas de fogo sobre os apóstolos.

O teto é abóboda de eternidade —
O céu que se debruça sobre o altar,
Como quem se ajoelha diante do mistério.

As imagens dos santos não são apenas madeira e tinta:
São lágrimas esculpidas,
No cinzel de Aleijadinho,

Na paleta de Mestre Ataíde,
Na mão firme de Valentim,
No traço de José Joaquim da Rocha.

Os fiéis não sabem se rezam ou contemplam,
Se veem Deus ou a arte,
Se ainda estão na terra —
Ou se já ascenderam aos céus.

Aquitaine, Dezembro de 1892

Há travessias que não terminam no porto.

O Brasil, recém-nascido em República, chamava com voz de promessa e chão fértil.
O Sul da Itália, então, era terra cansada e trabalho escasso.

A juventude partia não por desejo, mas por necessidade,
Por espírito de aventura e determinação.

O porto de Nápoles fervilhava de partidas.
Como tantos, um jovem de quinze anos também embarcou —
Com olhos de horizonte e pés ainda de menino.

O vapor era o Aquitaine:
Dois mastros erguidos como colunas de fé,
Uma chaminé lançando fumaça e passado,
Enquanto o futuro ardia em carvão.

O navio era rito de passagem, ventre de esperança.
O mar — vasto como o silêncio dos que partem —
Não separava apenas continentes:
Separava o medo da coragem, o ontem do talvez.

O Brasil era miragem.
Na alma, o rapaz levava o peso doce da Basilicata,
Na bagagem, o nome, a fé
E um punhado de sonhos embrulhados em silêncio.

O Aquitaine singrou o Mediterrâneo como quem se despede devagar.
Depois, adentrou em águas atlânticas:
O Atlântico era outro tempo —
A Itália ficava agora dissolvida no olhar de quem nunca voltou.

Na travessia, não havia garantias,
Apenas o sonho de *Fazer a América* —
Como se a América fosse verbo,
E o futuro, conjugação.

A vinda para o Brasil era oceano,

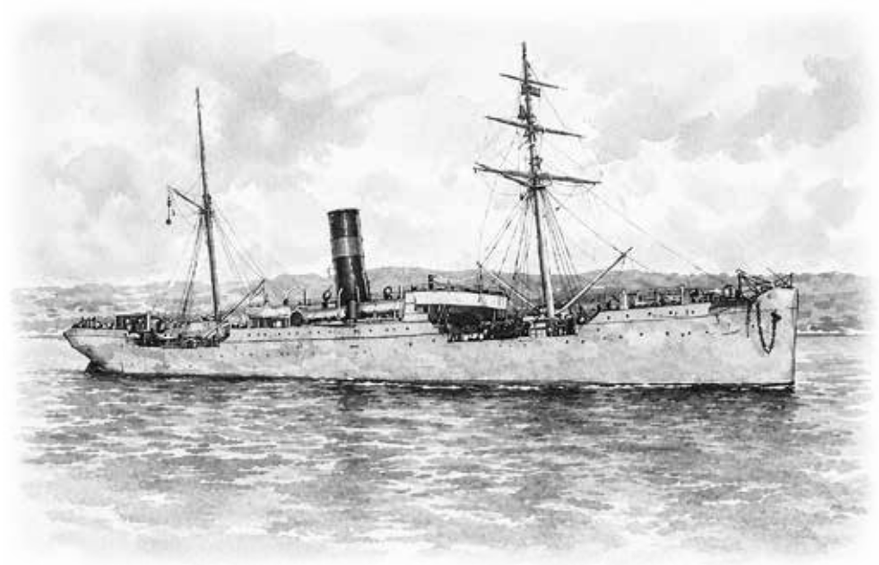
Mas também limiar:
Entre o que se deixa e o que se sonha.

Aquitaine não foi só navio.
Foi ponte entre mundos.
Um prelúdio entre o que se é e o que se ousa ser.
Foi o altar onde se oferecia coragem em troca de um novo começo.

A nova pátria era chão de trabalho,
Presságio de filhos que seriam o idioma da acolhida
E amor por uma terra generosa que o recebeu sem perguntas.

O nome desse jovem de quinze anos, filho da Basilicata,
Ressoa em mim como sino antigo —
Feito de bronze, memória e saudade:
Era meu avô:
Italiano de alma inteira,
Mas brasileiro por escolha,
Cacondense por vontade, como quis seu epitáfio.

O Aquitaine nos ensinou que o destino
É o instante em que se escolhe o invisível como pátria.
E nós, filhos da travessia,
Somos o poema que ele começou.



A Identidade como Ficção

O eu é uma hipótese,
Uma ficção que se escreve com os olhos dos outros.
Sou o que se diz de mim —
E quando ninguém diz, sou silêncio.

Nasci e cresci sem perceber.
Ganhei um nome e com ele, uma moldura:
Um contorno social que me precede,
Um rótulo que me traduz antes que eu me entenda.

Passei a vida tentando ser eu mesma,
Mas o eu sempre chegava atrasado:
Quando eu pensava que era,
Já não era mais...

Até hoje não entendi completamente quem sou,
Mas já me acostumei com o enigma.
Talvez o mistério seja a única certeza.

O eu é uma história em constante reescrita,
Uma máscara que vestimos para sermos compreendidos.
Rastro de uma presença que nunca se fixa,
Romance inacabado de uma consciência em trânsito,
Fragmentada, eventual, contingente.

A identidade é um espelho em movimento:
Quando me aproximo, ele me deforma.
Quando me afasto, ele me inventa.
Sou reflexo e refração,
Raramente essência.

Carrego em mim uma multiplicidade de eus,
Cada um com sua voz, sua urgência, sua máscara.
Mas essa convivência me confunde —
Fico perplexa, tentando escolher qual versão deve sair à frente,
Enquanto todas disputam o protagonismo do meu espírito.

Talvez eu seja o que sobra das versões que tentei ser.
Ou talvez eu seja uma interpretação mais recente,
Porém,
Também provisória —
Como tudo que vive.

O Homem e o Sapo

A urgência é o trampolim dos acomodados.

Fala-se que o homem é um ser pensante.
Mas eu digo:
Ele só pensa depois que cai.
Antes disso,
Prefere não fazer nada.

A vida grita e ainda assim —
Ele cochila.
O tempo escapa —
Ele espera que volte.
Só levanta quando a água sobe até sua cabeça.
Só corre quando o fogo lambe os calcanhares.
Só age quando o caos já se instalou.

Não corre, não salta, não se lança.
Prefere o conforto da dúvida,
O abrigo da indecisão,
O repouso da expectativa.

Chamam isso de prudência.
Eu chamo de preguiça.

Mas não se preocupe:
Quando tudo estiver por um fio,
Ele vai se mexer.
Fará planos, escreverá discursos,
Defenderá com unhas e dentes o que lhe resta.

O ser humano é movido pela urgência.
Só age quando não há mais escolha.
Então, resolve —
Com a pressa dos que nunca planejaram,
Com a coragem dos que não têm opção.

É como o sapo:
Não pula por gosto.
Pula porque o lago secou!

A Memória que Inventa Verdades

A memória não é um arquivo — é um contador de histórias,
Com licença poética.

Estou convencida:
A memória é uma força criadora,
Uma artista do tempo
Que pinta com tintas novas o que a vida já desbotou.

Diz que foi assim — mas talvez tenha sido assado.
Não quer enganar.
Só deseja consolar.

E então, sem alarde, transforma o que foi no que poderia ter sido,
E o que não foi no que gostaríamos que fosse.

Não é serva do passado, é sua dramaturga.
Reescreve cenas, muda falas, acende luzes onde havia sombra,
Fecha cortinas sobre dores que não cabem mais.

A memória é também poeta.
E como todo poeta,
Prefere o sentido à precisão,
A beleza à cronologia,
A emoção à realidade.

Por isso, quando lembramos, não estamos voltando no tempo.
Estamos recriando.

E às vezes, a verdade que a memória inventa
É mais nossa do que a verdade que o mundo esqueceu,
Mais próxima do que sentimos do que daquilo que aconteceu.

Mais Perto do Céu

A montanha não se move.
E por isso, ela me revela o que é absoluto.

A montanha é inerte,
Mas em mim, tudo se desloca quando a contemplo.
Não age, mas sua imobilidade é gesto.
Não fala, mas sua mudez é linguagem.

Nesse silêncio, minha alma escuta o que o mundo não diz.
E isso me convoca —
Não como um chamado,
Mas como uma lembrança do que sempre esteve em mim.

Ela é o ponto onde o terreno toca o etéreo:
Seu cume não se alcança com os pés,
Mas com o olhar que se eleva,
Com a alma que se inclina para ascender.

A montanha me ensina:
O invisível começa no visível,
O eterno insinua-se no instante,
O sagrado repousa sobre o profano.

Foi na montanha que cheguei mais perto do céu —
Não por subir, mas por descer em mim mesma.
Porque talvez o céu não seja acima, mas dentro.
Dentro da pedra, dentro do silêncio, dentro de nós.

O céu ajusta-se ao seu contorno,
As nuvens vestem-se de sua altura,
O vento aprende a dançar em suas encostas.

E nem assim a montanha se move.
E nem precisa.
Ela já está onde sempre quis estar:
No meio do mundo,
Onde tudo se recolhe, e o pensamento se ajoelha.

Valores Não Têm Preço

"O valor das coisas não está no que elas custam,
Mas no que elas significam."
Antoine de Saint-Exupéry

O mundo parece que virou feira de vaidades.
Vende-se tudo.
Compra-se até o que não se deseja.
O que não tem etiqueta de preço
Não vale nada.

Às coisas que custam pouco
Ligamos pouco.
As que não custam nada
São vistas com desconfiança.

Por que deixamos de perceber os valores?
Por que nos contentamos com a superfície das etiquetas?
Por que nos deixamos distrair por coisas que nos impõem,
Esquecendo o essencial?

Há coisas que não custam...
Mas têm valor.

O gesto gratuito,
A presença sem cobrança,
O tempo oferecido sem troco —
Tudo isso nos constrange
Não sabemos como retribuir
Quando não há preço.

O custo nos conforta.
Ele nos protege do vínculo.
Pagamos para não dever favores.
Compramos para não nos envolver com ninguém.
Reembolsamos com presentes uma companhia.
Saldamos afetos.
Remuneramos silêncios.
Quitamos abraços.
Recompensamos o tempo —

Como se a vida fosse uma planilha
E o amor, um recibo.

Há, porém, um grande equívoco nisso tudo.

A memória, quando envelhece,
Não guarda o que foi caro,
Mas o que foi verdadeiro.
E, quase sempre,
O verdadeiro foi de graça.

As coisas que custam pouco
Olham-nos de frente.
Lembram-nos de que o mundo não foi feito para ser possuído,
Mas partilhado.

A riqueza não está no que se acumula,
Mas no que se oferece.
A vida não se fatura.
Vive-se.

Dannebrog — A Cruz Que Caiu do Céu

Dannebrog! Não foi tecido por mãos mortais,
Mas pela força divina que vela pela terra dos fiordes.

Conta-se que na hora mais escura da Batalha de *Lyndanisse*,
Quando os homens da Dinamarca fitavam a derrota,
O céu se abriu em graça, em milagre.

E do alto,
Como resposta ao clamor dos combatentes,
Desceu a cruz:
Branca como o perdão,
Sobre o vermelho da terra ferida.

Ao vê-la, os homens tornaram-se gigantes.
A coragem cresceu,
O inimigo, que antes levava grande vantagem, recuou.
A batalha tornou-se liturgia.
A bandeira, uma epifania.

Dannebrog foi enviada como bênção divina sobre os filhos do Norte.
Nela repousa a alma da Dinamarca.
É memória viva de que o céu intervém,
Quando a terra se curva em oração.

Desde então, ela tremula —
Não apenas sobre fortalezas e campos,
Mas sobre o coração de cada dinamarquês.
Como lembrança de que o céu, sim, pode falar.
Como lembrança de que a cruz,
Quando cai do céu,
É sinal de vitória.

Pantepuis — Sentinelas Milenares

Quem olha de baixo vê muralhas; quem olha de cima vê mesas.

Fortalezas naturais.
Torres de pedra sem cumes.
Vastidões de topos planos envoltos em neblina,
Mesas de titãs,
Altares de eras esquecidas.

Vertentes íngremes.
Penhascos verticais.
Cachoeiras que despencam em voo livre.
Rios que não conhecem leitos,
Apenas o abismo e o ar.

Monte Roraima, tepui sagrado dos taurepangues,
Montanha verde azulada, na língua dos caraíbas...
Geologia milenar, paisagens dramáticas.
Feitiço para quem o contempla.

Orquídeas minúsculas brotam das rochas.
Quartzos reluzem no Vale dos Cristais.
Musgos brilham sob a névoa — tapete vivo.
Insetos escuros dançam entre bromélias gigantes.

Essa beleza primitiva,
Dos tempos da infância da Terra,
Habita a Serra de Pacaraíma,
Em Uiramutã,
Onde a Pedra Maverick toca o céu:
Dois mil oitocentos e dez metros de altitude,
Rumo ao infinito...

A Estrada Sem Placas

A pressa vê o fim.
A companhia vê o caminho.

A vida é uma estrada mal sinalizada.
Às vezes, nem sabemos se estamos indo ou voltando.
Só sentimos o vento no rosto e a poeira nos olhos.

Quem corre, não vê as placas.
Não ouve o canto dos galhos,
Nem percebe que o chão muda de cor quando o sol se inclina.

Ir rápido é fácil.
É só não pensar, só não sentir, só não perguntar.
Mas ir longe…
Ah, ir longe exige escuta.
Exige pausa.
Exige aceitar que o mapa é feito de dúvidas
E que o outro pode saber um atalho que você não vê.

Ir rápido e longe é quase um milagre.
Ir rápido, longe e contente…
É quando o milagre encontra companhia.

Talvez a sorte não seja chegar.
Mas ter com quem rir quando erramos a curva.

Oitocentos Contos de Réis

Os livros são os navios da memória —
E a memória, o mapa de um povo.

Foi caro.
Custou o preço de uma pátria em papel.
Demasiado caro
Para uma nação recém-nascida,
Mas ainda com o cordão umbilical
Atado à antiga metrópole.

Oitocentos contos de réis.
Por livros e documentos.
Livros e documentos que cruzaram o mar
Com a Corte Portuguesa,
Acomodados entre pratarias, alfaias e pergaminhos.
Vieram como bagagem de um império em mudança.

Eram mapas, memórias, manuscritos,
Tratados, sermões, enciclopédias.
A alma encadernada de uma nação.

A Biblioteca Nacional nasceu assim —
No Rio de Janeiro,
Entre paredes provisórias,
Com estantes que sustentavam o peso da história.

Pagamos o acervo que D. João trouxera.
Foi um dos acertos, entre tantos acordos e concessões,
Para que Portugal enfim reconhecesse
Nossa Independência.

Ao menos, ficaram os livros.
Ficou o legado.
Ficou o direito de guardar o que nos forma.
Ficou o reconhecimento de que a história também se herda —
E se honra.

Pomona e o Banquinho de Madeira

Não há jardim mais divino que aquele
Onde a infância ainda brinca.

Pomona foi deusa em Roma,
Mas cansou dos mármores e dos altares.
Hoje, mora no fundo do meu quintal,
Entre a jabuticabeira e o pé de maracujá.

Conversa com as pitangueiras logo cedinho,
Ensina às goiabas o truque de amadurecer sem pressa.
Não se encanta com os jardins muito exuberantes:
Prefere o cheiro da terra molhada
E o silêncio das coisas que crescem.

Pomona não tem templo.
Tem sombra.
Tem raiz.
Tem um banquinho de madeira
Onde se senta para ver o mundo brotar.

Não faz discursos.
Faz folha, flor, fruto.
Faz semente que sonha virar árvore.

Confabula com as mangabeiras em voz baixa,
Porque sabe que o segredo da vida
É não fazer alarde.

Quando alguém lhe pergunta onde é o Éden,
Ela aponta com o dedo sujo de terra:
É aqui — entre o galho e o vento.
Entre o fruto e a infância.

Porque os pomares dos reis da Mesopotâmia,
Do Egito, da Grécia, de Roma...
Não têm mais beleza
Do que a bananeira que dá sombra ao cansaço,
A pitombeira que abriga o ninho,
O cajueiro que guarda o balanço.

Pomona sabe:
A eternidade mora no quintal.

O Mistério do Simples

A simplicidade não se enfeita.
Por isso, quase ninguém a reconhece.

O simples é um enigma.
Não se explica.
Incomoda —
É claro demais.

Perturba porque somos feitos de vírgulas, parênteses, reticências...
De fragmentos em busca de sentido.
Tentamos decifrar o que não foi feito para ser entendido.
Preferimos o labirinto à linha reta,
O discurso ao silêncio,
O ornamento à essência.
Temos uma obsessão por complicar as coisas.

O simples é absoluto.
Não precisa de contexto, nem pede justificativa.
É o ser sem adjetivo.
Não tem manual:
Por isso, ninguém sabe usar.

E nós, relativos, parciais, inquietos,
Vemos no simples um mistério —
Porque ele não se parece conosco.

A verdade é que o simples assusta.
Porque não tem onde se esconder.
Não há desculpa.
E o pior:
Não dá para culpar ninguém.

O simples é direto.
E o direto é perigoso.
Vai que a gente entende.

Diadema do Índico

"Passaram ainda além da Taprobana…"
Os Lusíadas — Camões

Nos mapas de Ptolomeu — e ainda hoje —
Uma ilha de costas avermelhadas brilhava ao entardecer,
Quando o sol se punha em cobre:
Taprobana —
Onde velas portuguesas se enredaram nas fragrâncias da canela.

Serendip —
Nome que os persas lhe deram,
Onde cada curva do litoral esconde um segredo.

Ceilão —
Denominação dos mares coloniais à terra do chá de folhas douradas:
Néctar e fragrância no eco de impérios.

Sri Lanka —
Em sânscrito, *Ilha Resplandecente*.
Teu céu é um véu de açafrão,
Luz que brilha por dentro.

Na montanha sagrada, uma pegada —
De Buda, de Shiva, de Adão.
Quem primeiro sonhou contigo?

Respiras especiarias.
Teu ar é temperado com cardamomo e *curry*,
Noz-moscada e pimenta-do-reino.

És colorida como os sáris;
Ardida como o sol do meio-dia;
Aromática como o templo ao entardecer.

Sri Lanka, ilha de muitos nomes,
Mas uma só essência:
Um diadema —
Cravejado de pérolas do Golfo de Mannar.

Dois Pedros: Retratos de um Império Tropical

"O Brasil não é meu, nem vosso: é nosso."
Frase atribuída a D. Pedro II

Dom Pedro, o Primeiro —
Foi o grito que rompeu o cordão colonial,
Um trovador inquieto,
Entre modinhas e baionetas, entre paixão e poder.

Dom Pedro, o Segundo —
Foi o tempo que amadurece o fruto,
O menino coroado que cresceu em livros,
Filósofo paciente, poeta discreto de barba.

Um foi alvorada,
Outro, entardecer.
Ambos, retratos de um Brasil
Que quis ser maior que uma coroa.

O Primeiro Império —
Ensaio breve, revoltas, bailes, abdicação.
O Segundo —
Longa travessia, entre lavouras de café e escravidão...

No continente americano, o Brasil era exceção:
Ilha de imperadores em mar republicano.
Era questão de tempo para a monarquia cair
Como cortina pesada
De um teatro vazio.

E quando chegou a República,
O povo apenas trocou de ilusão:
Nem soube direito
Que mudara de patrão.

Este país, danado de bonito,
Teve dois imperadores,
Mas nunca quis ser súdito.

Talvez,
No futuro que ainda se escreve,
Descubramos que o melhor dos impérios
Não tem coroa nem súditos,
Mas cidadãos.

Um país que se reconhece
Em cada gesto de justiça,
Em cada mão que ergue o outro,
Em cada sonho que insiste em viver.

Capriche, Mesmo que Ninguém Veja

Se ninguém vê, melhor ainda: não haverá críticos.

Ora, quem disse que o invisível não é mais belo?
Que o silêncio não guarda aplausos secretos?
Que o gesto esquecido não floresce em algum canto da memória?

Capriche.
Mesmo que o mundo desvie os olhos.
Mesmo que o elogio se perca no engarrafamento das vaidades.
Mesmo que cada um esteja ocupado demais em erguer espelhos para si.

Capriche.
Ainda que ninguém repare.
Ainda que o mérito se dissolva como carta sem endereço.
Ainda que o esforço seja ignorado pelo esquecimento.

Capriche.
Porque o capricho é uma teimosia estética.
É como varrer o deserto com uma vassoura de penas,
Sabendo que o vento virá —
E, ainda assim, insistindo...

Não espere plateia.
Os homens, as mulheres, as crianças...
Bem, todos estão hipnotizados por seus celulares.

Capriche.
Afinal, não há nada mais elegante
Do que fazer bem feito
Aquilo que ninguém pediu.

Pelo menos, você saberá:
O mundo ficou um pouco mais bonito
Por sua causa.

Igarapé, Igapó

A vida é líquida: transborda, evapora, retorna.

Igarapé é veia líquida,
Fio de prata que corta a mata.
É canoa deslizando como pensamento,
Remando devagar entre ilhas fluviais,
Sonhando com estrelas que se afogam
Só para verem o mundo debaixo d'água...
São rios-meninos que brincam entre raízes,
Falando baixinho para não acordar a onça.

Igapó é floresta submersa,
Raízes bebendo água escura,
Vegetação que se ergue como colunas de uma catedral verde.
É chão que mergulha no ventre da terra,
Onde a árvore aprende a nadar,
E os frutos caem e boiam, como oferendas ao rio.
Toda a floresta flutua...

Tudo aqui é vida que se reinventa:
Peixe que voa entre galhos,
Criança que navega em tronco,
Cheiro de terra molhada,
Cipós que se enroscam em lembranças,
Ecos de vozes antigas
Misturados ao canto do uirapuru.

E se um dia quiserem calar o igarapé,
Secar o igapó,
Ainda assim, eles ainda saberão transbordar:
Porque a água não morre.
Ela vira lágrima,
Vira pranto,
Vira chuva.

A Última Gota Ensina

Bebemos como reis exilados,
Erguendo taças diante de ânforas transbordantes,
Sem pensar no amanhã.
Quando o cântaro está cheio,
Ninguém se lembra da palavra economizar.

Na fartura, não há freio:
Perde-se a mão,
Embriaga-se o paladar,
A memória esquece que tudo se esgota.

Só quando resta a última gota,
O gesto torna-se lento,
A boca aprende a ser pequena,
O olhar descobre o valor do mínimo.

Já é tarde, claro.
A abundância secou.
O cântaro quebrou.
O copo ficou vazio.
A parcimônia chegou atrasada.

E talvez seja assim que aprendemos:
Na falta, na ausência,
Na gota derradeira que nos obriga a medir o infinito.

Aprende-se apenas na escassez
O que a abundância nunca quis ensinar.

Ciúme da Atenção

Quem disputa olhares esquece que o mundo é míope.

É curioso como uma atenção desviada
Desperta em nós uma tempestade invisível.
Nada nos perturba mais que um olhar que se afasta...
Não é amor ferido nem amizade ofendida —
É apenas o ego, pequeno tirano faminto,
Reclamando aplauso em um mundo que ignora sua vaidade.

Presunção boba, como criança que puxa a manga da mãe
Para lembrá-la de que está ali...
Temos o ridículo desejo de sermos centro de gravidade
Num mundo que gira sem nós.

O ciúme da atenção é como uma sombra leve:
Insiste em querer ser presença,
Não apenas ruído.

Há, confesso, momentos em que me espanto comigo mesma:
É apenas a inveja silenciosa que nasce
Quando outros me negligenciam.

É uma guerra tão sutil quanto inútil,
E, de todo, resta apenas uma certeza:
Não somos senhores do olhar alheio.
Somos apenas atores discretos,
Num palco que nos observa
Com distanciamento e alguma indiferença.

O Dia Sem Bolo

Quem diria que a rotina tinha autor?

Tudo o que se repete ganha o disfarce do natural.
O que é trivial parece brotar sem mãos,
Como se o mundo fosse fértil em pequenos milagres cotidianos.

Mas nos enganamos:
Confundimos hábito com direito adquirido;
Constância com geração espontânea.

Até que um dia falta o que julgávamos nascer sozinho
E o véu se rasga:
A mesa nua revela o gesto,
A rotina interrompida denuncia o autor.

Às vezes a revelação vem num detalhe —
Um bolo que sempre aparece na mesa do café.
Só quando o prato amanhece vazio,
Como um altar sem oferenda,
É que percebemos:
Não era milagre.
Havia alguém por trás, todas as manhãs.

A ausência ilumina o que a presença escondia.
Só então compreendemos —
O cotidiano não é um rio que corre por conta própria,
Mas obra paciente de quem nunca precisou dizer:
Fui eu.

E nesse instante —
Quando o milagre falha em se repetir —
A filosofia do real nos alcança:
Tudo o que parecia natural
Era, na verdade, um gesto humano.
Um cuidado silencioso, um amor sem assinatura.

Entre a Salada, a Pizza e o Chocolate

A dieta, disciplinada, prefere a salada.
Mas a felicidade, teimosa e sábia,
Prefere a pizza e o chocolate...

A geladeira me olha, cheia de folhas verdes:
Oferece virtude em troca de renúncia.

Mas a pizza ri, insolente.
Ri, com queijo derretido, com borda crocante.
Parece deliciosa demais para ser recusada.

Não é por acaso que chamam dieta de regime.
É um governo severo, um tirano delicado:
Proíbe, restringe, negocia;
Promete liberdade futura
Enquanto confisca pequenos prazeres do agora.

Hoje, minha alma até aceita as folhas.
Já no sábado...
Ela reivindica pizza e chocolate.

Tanto uma como o outro são revoluções silenciosas,
Erguidas contra a tirania da balança.
Queijo derretido é argumento filosófico:
Convence pela sensualidade, não pela lógica.
E o chocolate é um conspirador —
A prova viva de que a felicidade pode, sim,
Ser embrulhada em papel dourado.

A educação alimentar chama esses dois de inimigos,
Minha alma, porém, os chama de aliados antigos,
Companheiros de trincheira nas batalhas invisíveis dos dias.

Dizem que engordam.
Ora...
E a tristeza, por acaso, emagrece?!

A Arte de Desenhar no Escuro

Atingimos a maturidade quando aprendemos
a nomear nossas próprias estrelas.

Na maturidade, descubro que não sou apenas um corpo,
Sou um céu inteiro.
Cada cicatriz acende como estrela,
Cada lembrança fixa-se como ponto de luz.

E, de repente, percebo:
Minha vida é um mapa celeste,
Um desenho secreto ainda sem revelação.

Os erros brilham como cometas que já passaram,
Os acertos como astros que permanecem.
E o vácuo — esse espaço escuro —
É o que dá sentido às constelações.

Aprendo que a sabedoria não é ter respostas,
Mas saber traçar linhas entre estrelas dispersas,
Transformar caos em figura,
Solidão em desenho,
Noite em beleza.

E assim, sigo astrônoma de mim mesma,
Com olhos que já não temem a escuridão,
Pois sabem que até no vazio
Há sempre uma luz silenciosa,
À espera de ser nomeada.

Diálogos Desalinhados

Cada palavra carrega a topografia secreta de quem a pronuncia:
Memórias inclinadas,
Afetos que tardam a confessar-se,
Intenções indecifráveis.

Os diálogos ficam desalinhados
Porque a língua humana, embora tão falada,
Ainda é um idioma em fase de testes.

Cada qual jura compreender o outro,
Quando mal compreende a si mesmo.

Digo algo singelo, inofensivo, quase ornamental,
E o interlocutor, num gesto admirável de invenção,
Decide ler profundidade onde só havia trivialidade.

Resultado: ofende-se, corrige-me,
E termina provando que a imaginação
É mesmo a mais fértil das virtudes humanas.

Então vemos o habitual balé de confusões,
Onde cada explicação gera outra dúvida,
E cada dúvida, outra teoria,
Até que ambos estejam tão convencidos de suas certezas
Que já nem se lembram do assunto inicial.

Quer alinhamento?
É simples e também raro:
Basta que duas pessoas, por coincidência cósmica,
Errem na mesma direção ao mesmo tempo.
A isso, alguns chamam de entendimento.

E assim continuamos:
Desalinhados, prolixos, convictos,
E sempre certos de que qualquer mal-entendido
É culpa exclusiva do outro.

Luz de Lamparina

Em casa que brilha, não brilha a dona.

A casa estava impecável, como sempre.
Brilhava que era uma beleza:
O chão parecia espelho d'água,
Os móveis posavam feito gente importante,
E até o fogão, vejam só, estava de peito estufado
Como alguém que ganhou medalha sem esforço.

Mas a dona...
Passava entre tudo, invisível,
Braços ocupados demais para lembrar-se de que a vida
Não se varre nem se lustra.

Andava apagada, quase sumida,
Igual a luz de lamparina quando venta.

Seu passo cansado
Mal tocava o chão lustroso,
Que nem se dignava a senti-la.

E ela pensava, às vezes, no tempo que perdia
Tirando pó de objetos que nem tinham como amá-la.

A casa era perfeita.
Ela, não.
Ela era viva — e por isso tinha poeira,
Falhas, defeitos.

Um dia parou no meio da sala.
Viu o brilho enorme, inútil,
E entendeu, enfim,
Que nenhuma faísca merece o sacrifício silencioso da própria luz.

Então abriu a janela,
Deixou o vento entrar,
Bagunçar um pouco —
E foi como respirar de novo.

O Delicado Ofício do Engano

Muitas vezes é no engano que percebemos o verdadeiro;
E é no erro que o caminho acena com sua ousadia.

O engano é um mestre disfarçado:
Aparece sempre quando você tem certeza absoluta.
A certeza, aliás, é a moradia natural do erro.

A ilusão, por sua vez, é cortesã paciente:
Chega sorrindo
E só depois rouba sua paz
Com mãos de seda.

Errar, porém, tem suas vantagens:
É a única atividade humana em que ninguém precisa de curso.
Basta tentar acertar que você já sai diplomado.

Enganam-se todos:
Os tolos, os otimistas e também os sábios.
A diferença é que os sábios anotam o engano como lição;
Os otimistas chamam-no de destino;
E os tolos o repetem.

E afinal, o que seria da vida sem essas dobras inesperadas,
Essas curvas da imaginação, esses tropeços
Que nos obrigam a ver o que antes estava invisível?

Enganar-se, às vezes,
É só outra forma de despertar.

Só quem se perde descobre novos caminhos.

O Carrinho que Puxa para o Outro Lado

No supermercado, entre prateleiras multicoloridas e diversificadas,
O carrinho de compras é cavalo de guerra,
Que puxa para a esquerda.
Sempre.

Talvez porque a vida goste mesmo é de contramão.

Ele insiste em desviar para o outro lado,
Convicto de que o caminho certo é constantemente improvisado.

Diante das mil variedades de biscoito,
Escolher é um ato de fé:
Geralmente fico entre o integral, que promete saúde,
E o recheado, que promete felicidade.

No fundo, uma grande aula de filosofia prática:
Ser racional ou entregar-se ao prazer e à diabética alegria?

Na fila do caixa reflito...
É a metáfora perfeita da existência:
Todos aguardando o futuro,
Uns pacientes, outros querendo furar a fila,
Mas ninguém escapa da passagem.

O tempo ali é democrático:
Cobra igual de todos,
E ainda nos dá tempo de pensar
Se nos lembramos do queijo.

E quando volto para casa, claro,
Descubro que não —
Esqueci o pão.

Então concluo que a vida se parece mesmo com esse carrinho:
Cheia de excessos,
E sempre faltando o essencial.

A Filosofia Doméstica da Sogra

A sogra sensata aprendeu:
Falar é humano,
Calar é divino,
Abrir a bolsa é diplomacia.

A sogra realmente prudente —
Figura menos rara do que supõem os pessimistas —
Aprendeu, depois de tropeçar nas próprias boas intenções,
Que há ocasiões em que o silêncio vale mais que o melhor palpite.

Assim, desejando preservar a paz doméstica
E sua própria imagem no retrato da família,
Adota a solução mais eficaz:
Não diz nada.

Sim, nada.
Porque sabe que a palavra inoportuna
Tem a sorrateira mania de crescer.

Não que lhe faltem opiniões.
Ao contrário: possui-as em abundância.
Mas descobriu, pela experiência e por certa malícia benigna,
Que não convém tocar a felicidade alheia com dedos de comentário.

Então ela suspira,
Conta até dez,
E guarda na alma a tentação de ensinar a vida aos outros.
Ela é quase uma filósofa doméstica:
Percebeu que viver é andar pelo mundo de boca fechada.
(Dizem que o silêncio também é uma forma de amor).

Contudo, para não parecer indiferente
— E a indiferença, vinda da sogra, é sempre mal interpretada —
Ela abre a bolsa.
Abre com elegância, com generosidade,
Como quem distribui bênçãos.

Porque compreendeu
Que o afeto também se mede
Em pequenos agrados,
Em gestos que não pedem recibo.

Daí o velho adágio,
Tão malicioso quanto verdadeiro,
Que resume a metafísica do convívio:
Boca fechada, bolsa aberta.
Não é perfeição, mas funciona.

O Rascunho da Vida

O esboço da existência jamais se completa:
É rascunho que se diverte em ser definitivo.

A vida, dizem, é um desenho.
Mas quem segura o lápis?
O destino, o acaso, ou apenas nossas mãos trêmulas
Que rabiscam entre o café da manhã e a eternidade?

Às vezes, o desenho parece um esboço malfeito,
Com linhas tortas que insistem em virar labirinto.
Noutras, um traço firme, quase geométrico,
Como se alguém tivesse estudado arquitetura cósmica.

O humor está no detalhe:
Quando achamos que desenhamos uma reta,
Descobrimos que era uma espiral.
E quando juramos ter feito um círculo perfeito,
O tempo nos mostra que era apenas uma porta giratória.

Há quem pinte a vida com aquarela,
Deixando que as cores se misturem sem controle.
Outros preferem o carvão,
Para que o borrão seja também testemunho.

Talvez o segredo seja aceitar que o desenho nunca se completa.
É sempre rascunho, sempre esboço,
Um caderno de possibilidades
Que se abre até o último traço invisível.

E se erramos a proporção,
Se o nariz sai torto ou o horizonte inclinado,
Não importa:
A vida é uma caricatura generosa,
Que ri de si mesma enquanto nos ensina a rir também.

Autocrítica

Não é fácil suportar a própria voz quando ela se ergue contra nós.

Caminho por dentro de mim
Como quem percorre uma casa antiga:
Rangem culpas no assoalho,
Desbotam promessas nas paredes,
E cada porta fechada é difícil de abrir.

A autocrítica me encontra
Nas falsas versões de mim que insistem em sobreviver,
Nos intervalos entre um pensamento e outro,
Nas fendas das minhas contradições,
Naquela fresta onde sou menos máscara
E mais fraqueza exposta.

Aprendi que olhar para dentro
É aceitar que nem toda sombra é ameaça —
Algumas são apenas lembranças esperando luz.
Outras, cicatrizes que pedem apenas compreensão,
E há também silêncios que guardam sementes,
À espera do tempo certo para florescer.

No fim, autocrítica é isso:
O gesto de voltar-se para si com honestidade.
Ouvir o eco da própria consciência,
Lembrando que existir é estar condenado a interpretar-se,
A traduzir-se em cada movimento,
A reescrever-se em cada erro.

E perceber, enfim, que crescer também é admitir o que ainda não somos,
Acolher o inacabado como parte da jornada,
E descobrir que mesmo a imperfeição pode ser uma forma de beleza.

Aceitar Sem Pressa

Quando aceito, recolho o que o tempo derrama
E deixo que meu próprio contorno se torne mais verdadeiro.

Às vezes sinto que algo em mim se acomoda
Antes mesmo que eu compreenda o motivo.
Um suspiro longo, um pensamento que se aquieta,
Como se o coração finalmente encontrasse um lugar onde encostar.

Não é conforto, nem concordância.
É só esse leve assentir
Que aparece quando paro de empurrar o mundo para o formato que desejo
E deixo que ele respire do jeito que consegue.

Dentro de mim, a idade escreve recados nas paredes:
Não são advertências,
São lembretes de que já tentei demais, já temi demais,
E agora preciso aprender a escutar o que fica depois do esforço.

Às vezes dói,
Às vezes alivia —
Mas sempre me revela algo meu que eu ainda não tinha visto.

Deixo que esse sossego se espalhe devagar,
Como luz entrando por frestas que eu nem sabia que existiam.

Apenas fico.
E nesse ficar, tão simples,
Vejo que aceitar,
Talvez seja só permitir
Que a vida se sente ao meu lado
Sem pressa alguma.

A Beleza de Seguir Sem Resposta

Há um momento da vida em que a gente percebe
Que as respostas não virão
Nem com urgência, nem com garantias de futuro.

E, ainda assim,
O sol insiste em nascer todas as manhãs.
Atravessa as frestas, e o dia, teimoso, renasce.

O desconhecido nos convoca com seus milhares de mundos invisíveis à espreita.
E nós, inquietos, começamos a sair sem destino,
A buscar sem nome, a seguir sem objeções.

É então que aprendemos
A rara ousadia dos velhos sábios:
A de caminhar sem mapa, mas com o coração aceso.
A de confiar no chão, antes de pisá-lo.
A de sorrir para o que é incerto e ainda achar uma aventura.

Porque o Mistério, compreendemos tarde,
Não é inimigo — é companhia.
Ele se senta ao nosso lado nas tardes vazias,
Naqueles momentos em que a vida
Parece estar respirando devagar.
E ele nos convida a continuar em frente
Com otimismo e coragem.

E, no último verso da travessia,
Quando o coração se abre como horizonte,
Descobrimos enfim a beleza nesse gesto impreciso
Rumo ao indefinido
No eterno convite de prosseguir.

Seguir sem resposta é, afinal, um ato de fé na própria vida.
Porque viver não é decifrar, é atravessar.
Não é chegar, é seguir.

O Manto de Nossa Senhora

Quem se recolhe sob o manto da Mãe já habita o céu.

Teu manto, primeiro horizonte da humanidade,
Estende-se como aurora que anuncia
Que o Infinito também sabe ser refúgio.

Nesse azul que antecede o dia,
O coração desperta e lembra-se de que nunca caminhou sozinho.
Sempre estiveste conosco.

Ó Senhora,
Tu que guardaste o Verbo antes que Ele falasse,
Ensina-nos a ciência silenciosa de reconhecer o sagrado
Que nasce frágil e pequenino.

Teu amor é anterior ao julgamento,
Posterior ao erro,
Superior às medidas do mundo.

No deserto que cada alma carrega,
Tu és fonte que não se esgota:
Uma água que não pergunta pelas quedas,
Mas pela sede.

Mãe,
És porto antes do naufrágio,
Escudo para quem não sabe lutar,
Colo antes do tombo.

Em Ti, o eterno encontra passagem,
E o ser humano, tão pequeno em sua dor,
Descobre-se vasto —
Porque se sente amado.

Ó Maria, guardiã do mistério,
Permite que caminhemos sob Teu manto,
Que o céu tão ternamente copiou.

Sob Teu cuidado, o coração ferido
Recorda que ainda pode acreditar.

E, se um dia eu chegar mais perto de Deus,
Será porque Tu me ensinaste a buscá-Lo dentro de mim,
Onde Ele sempre esteve,
E onde eu quase nunca ousava entrar.

Tive a Sorte de Amar Você

A vida ensinou-me a brevidade;
Você me ensinou o infinito —
E nele aprendi a morar.

Tive a sorte de amar você quando o tempo ainda era aurora,
Quando a juventude nos vestia de promessas,
Mas dentro de nós já havia uma antiga certeza,
Uma convicção de raízes que não se curva ao calendário.

Um amor que nasceu pronto,
Com a gravidade de um fundamento,
Sem precisar de ensaios para ser sólido,
Nem de esforço para ser autêntico.

A vida, porém, não é feita apenas de encontros.
Ela é um solo marcado por perdas precoces.
Um território onde o destino,
Tantas vezes caprichoso e severo,
Silencia as mais doces vozes.

Carrego comigo o eco de um abraço que o infinito recolheu:
A ausência da minha mãe —
Essa primeira saudade que em mim se instalou,
Esse primeiro abismo que senti no peito,
A lição brutal que me ensinou,
Cedo demais,
A brevidade de tudo.

Foi nesse contraste
— Entre a fragilidade da vida e a aspereza da perda —
Que o seu amor se ergueu como música subterrânea:
Um carinho que é vigília,
Uma paciência de rio que esculpe o leito.

Ao longo de cinquenta anos,
Você tem sido o meu chão e o meu voo,
A prova de que o eterno pode, sim, morar dentro do tempo.

Tive a sorte de amar você e de desfrutar esse destino.
Hoje, ao olhar para trás, vejo que o nosso amor não apenas atravessou os anos:
Ele os iluminou, deu-lhes sentido, tingiu-os com a cor do ouro.

Seu amor é meu ponto de equilíbrio,
O meu acerto de contas com a finitude:
O lugar onde a alma,
Há meio século,
Reconhece que chegou em casa.



Paisagem Interna

O maior horizonte é o que se abre por dentro.

Dentro de mim há um vento claro,
Um sopro que empurra horizontes,
Levantando projetos que estavam esquecidos.

Caminho entre trilhas que surgem do nada.
Meus dias têm o hábito de nascer mais de uma vez:
Às vezes no céu, outras aqui dentro,
Onde a luz se expande aleatoriamente.

Carrego um fogo que não queima —
É chama que ilumina tudo.

O mundo parece imóvel nesse momento.
Eu o sinto pulsar, no entanto, por baixo da minha pele,
Como se quisesse me contar um segredo antigo:
Que a vida espera por quem avança.

Que existir é um pacto contínuo com o inacabado.
Onde se ousa permanecer em estado de abertura,
Onde se percebe que cada passo que se dá
Não procura glória nem destino,
Mas apenas confirma que ainda se está em viagem.

Que viver verdadeiramente
É aceitar a paisagem interna que cresce conosco —
Essa vasta cidade sem ruídos,
Onde cada rua nos conduz a nós mesmos.

Nesses momentos, sinto-me plena:
Consinto que minha alma reconheça que existo
Sem temer o eco dessa afirmação.

Contudo, não me iludo —
Mais adiante talvez haja ruínas.
Mas até as ruínas têm seu brilho
Para quem aprendeu a atravessar as horas com calma.

E se hoje me sinto viva,
Não é porque a vida me sorri,
Mas porque, apesar de tudo,
Continuo aceitando seu convite.

Há uma cidade inteira dentro de mim,
Feita de passos que não recuam,
De portas que se abrem com lentidão,
De um céu que insiste em permanecer.

E, quando finalmente paro
E deixo o silêncio me tocar,
Percebo:
A alma também é porto —
E eu ainda escolho regressar a ela.

Instante de Eternidade

A eternidade cabe no sorriso dos netos.

A janela está aberta.
O sol derrama-se sobre a mesa
E eu descubro que a luz também pensa
Quando repousa nos livros.

Fecho os olhos e ouço
O mundo inteiro em pequenos detalhes:
O estalo da madeira,
O rumor distante de carros na rua.

Tudo parece gravitar
Em torno de um ponto que nunca se move —
A minha consciência que observa,
Simplesmente observa, e aceita.

Sinto a vida no sabor dos sorrisos de meus netos,
Na aspereza dos acontecimentos que não assimilo,
No calor que permanece mesmo depois do abraço.

Cada gesto é uma filosofia:
Não é necessário entender tudo
Para sentir que há sentido.

E, do nada, vejo-me pensando na eternidade,
Não como algo grande e distante,
Mas como a sucessão de instantes que respiram,
Cada um cheio de cheiro, cor e som,
Cada um tocando minha alma com mãos invisíveis.

Espontaneamente, renasce em mim uma amizade com o mundo,
Uma decisão de existir mesmo sabendo que tudo passa.
E nesta observação lenta, me descubro inteira:
Um pedaço de terra, luz, vento e pensamento,
Serena como quem aceita que a vida,
Mesmo breve,
É suficiente.

Matterhorn ou Monte Cervino — A Montanha de Duas Terras

A montanha levanta-se entre duas terras.
A luz da manhã desliza por suas faces inclinadas,
Lavando o silêncio antigo que escorre das geleiras.

Nas fraturas das rochas,
Lê-se a história lenta
Do fogo que dormiu,
Dos mares antigos que recuaram,
Do gelo que insistiu e talhou cada aresta com paciência mineral.

O céu envolve suas encostas,
Enquanto o sol fragmenta-se em triângulos dourados,
Como se fosse uma escultura em movimento.

Sente-se o ar fino e frio passar com cheiro de madeira e neve.
A montanha observa tudo, imóvel:
Ela sabe que o que se tenta descrever dela
É sempre muito menos do que ela realmente é.

Na face voltada à Suíça,
A luz da manhã espalha-se com uma delicadeza inesperada,
Enquanto do lado italiano o entardecer chega mais quente,
Mais ocre,
Como se cada país trouxesse uma cor própria para vestir a montanha.

Entre Zermatt e Cervinia:
Ela é a sentinela silenciosa
Que observa línguas, trilhas, rebanhos,
E o ir e vir de quem observa sua altitude —
Seu monólito cheio de inclinações que desafiam até o olhar.

O Matterhorn existe assim, entre duas terras,
Um tetraedro de pedra,
Repartindo fronteiras sem se dividir.

O Palco e a Plateia

No grande teatro da vida,
Pouco importa onde estamos sentados,
Contanto que ainda vejamos
A beleza entre uma cena e outra.
O importante é não perder o espetáculo.

Aos poucos, a luz que nos buscava no centro do palco
Focaliza outras silhuetas.
Percebemos, com uma serenidade quase tímida,
Que, agora, são os bastidores que nos convocam.

No camarim, os espelhos devolvem nosso rosto,
Mas também a coleção de personagens
Que fomos aprendendo a vestir e aos quais aprendemos a renunciar.
Ali, penduramos nossas máscaras derradeiras
Num gesto sem pressa, quase ritual,
Despedindo-nos discretamente dos papéis
Que nos moldaram ao longo dos anos.

Do lado de fora, o cenário floresce de novo,
Renovado pela pressa luminosa
Dos novos atores que atravessam as coxias
Com o fogo inaugural dos primeiros atos.

É belo vê-los ocupar o espaço que um dia também nos incendiou...
Nesse instante, compreendemos:
Cada ato avança porque outro se retira.

Assim, descemos as escadas do palco
E aceitamos o assento na penumbra da plateia,
Cedendo o protagonismo aos mais jovens.

Da plateia, vemos melhor o desenho completo da vida:
Entendemos que o estrelato é apenas uma parte do espetáculo —
Um brilho provisório já que não há personagem que dure para sempre.
Nenhuma luz permanece no mesmo rosto.

Sentamo-nos, então, ora nas frisas, ora nos balcões, ora nas galerias,
E, com o tempo, reconhecemos que o melhor ângulo

Raramente é o do centro.
Quem vê de lado
Enxerga o que jamais percebeu de frente.

Ao final, concluímos:
Expandimo-nos.
Agora habitamos o teatro inteiro.

Então, admitimos sem tristeza:
Há grandeza em assistir,
Há ternura em ceder a cena,
Há legado em aplaudir.

Quando as luzes se apagam para que outros brilhem,
Reconhecemo-nos como espectadores
E fica evidente para nós que o centro do mundo não é um lugar —
É apenas um intervalo,
Onde ninguém atua sozinho.

E tem mais:
Quem assiste é quem sustenta o espetáculo
Com sua atenção, seu assombro, seu aplauso.

Há nisso uma metafísica da continuidade:
Todo protagonista só existe porque alguém o contempla.
Todo gesto só se cumpre porque alguém o acolhe.

Ah!... A vida!
Essa peça é longa demais para caber no programa
E breve demais para decifrar-se o enredo...

Cuia — A Taça da Terra

Cuia nascida do chão fecundo,
Embrulhada no cheiro de chuva nova,
No teu corpo redondo está a humildade dos frutos verdadeiros.

Não vens para impor — vens para servir.
E nisso repousa tua grandeza.

És brasileira como o som do maracá,
Atravessando a manhã amazônica.
És indígena como o traço firme
Que pinta a pele da luta e da memória.

Teu silêncio ensina.
Teu gesto convoca.
Teu modo de existir ilumina.

Em ti a floresta se debruça:
O açaí que pinta de roxo a força,
O tucupi que acende a coragem,
A castanha que estala histórias,
O tacacá que sobe quente como saudade de fogueira antiga.

E cada alimento que ofereces
É um jeito delicioso de lembrar
Que a vida nasce da partilha.

Cuia, quando passas de mão em mão,
A floresta passa junto,
Feita de vento, de raiz e de esperança.
Passa também a memória dos que vieram antes,
E passa, sobretudo, o aviso simples de que ninguém se sustenta sozinho.

A cuia sabe disso
Como quem aprendeu observando rios.

Há um mistério manso em ti,
Feito da calma que só a mata possui.
Brilhas com luz pequena,
Mas uma luz que não se apaga.

És tigela, és taça, és terra — és aquilo que reúne.

E és onde o futuro,
Mesmo tão ferido,
Procura um lugar para descansar:
E tu te inclinas, oferecendo um gole de esperança.

Porque em cada vez que se bebe nela,
Vive a voz remota da mata —
E a promessa antiga de que a vida pode ser melhor
Quando partilhada.

Cuia simples,
És a confirmação de que tudo o que é sagrado
Cabe inteiro na palma da mão.

O Turista Profissional de Cliques

O mundo não cabe numa fotografia,
Mas cabe num olhar distraído.

Tudo indica que o turista moderno já não viaja:
Apenas coleciona provas contra seu próprio olhar.

Levanta cedo,
Calça o tênis mais confortável
E carrega consigo uma câmera ansiosa —
Faminta por capturas.

Clic.
A Igreja barroca.
Clic.
O vendedor de frutas.
Clic.
O prato típico.
Clic.
Sua sombra na vitrine...

E pronto: já tem um álibi.
Não viu nada, mas pode provar.

Não percebeu o vitral incendiando-se ao toque do sol.
Não escutou o pregão que é quase poesia popular.
Nem sentiu o perfume do abacaxi recém-cortado.
Não provou sem pressa a culinária, só registrou a evidência gastronômica.
E no vidro, o que resta é seu reflexo:
Uma simples *selfie* conceitual, sem alma, sem presença.

Então, volta para casa.
Exibe, orgulhoso, seu álbum de imagens.
Sem perceber que, inteiro,
Nunca esteve lá...

Palavras Mutantes

Será que o mundo cabe em vocábulos?

As palavras são traquinas:
Hoje dizem uma coisa,
Amanhã outra,
E nós corremos atrás
Dos muitos sentidos que vão acumulando.

Prometem firmeza, entregam instabilidade.
Inventam nuances, escapam do dicionário.
E ainda riem da nossa seriedade.

Palavras são rios que correm sem fim,
Levam amor, inquietações,
Angústias, contentamentos,
E arrastam memórias de mim.

A língua vai, aos poucos, nos ensinando:
O que leva tempo para aprender
Não é o significado das palavras,
Mas como elas nos seduzem com elegância.

Mutantes e perigosas.
Nada inocentes.
Escolhem as circunstâncias
Vestem máscaras diferentes,
E vivem trocando de entendimento,
Defendendo-se sob mil pontos de vista.

Atenção! Cuidado com elas!
Pois quando menos esperamos,
São elas que nos dizem —
E não nós que as dizemos.

Oficina Onírica

Sonhar também é um ofício.

Não há martelos nem serrotes na oficina dos sonhos:
Há somente véus de névoa e pincéis de luar,
Onde as metáforas dormem em cristais,
Esperando o toque da imaginação
Para se abrirem como flores que só a noite compreende.

Cada palavra é estrela, cada verso, constelação.
E o poeta — aprendiz de alquimista —
Mistura silêncios e brilhos
Até que o poema comece enfim a respirar.

No chão há sucatas de frases, parágrafos quebrados,
Sílabas que o tempo deixou enferrujar.
Recolhem-se destroços antigos,
Alinham-se metáforas tortas,
Soldam-se imagens partidas,
E renascem versos novos do que já teve vida.

Aqui, o trabalho é tecido de suspiros:
De lembranças que insistem, suavemente, em não morrer,
De comparações que flutuam
Como barcos em mares invisíveis.

Na oficina onírica, o tempo deixa de ser medida:
Existe apenas o instante suspenso
Em que o sonho se arrisca, tímido, a virar linguagem.

As Sombras de Caravaggio

A luz, em Caravaggio, não ilumina: incide.
É lâmina que separa o que o mundo mistura.

O mundo aprende a nascer de novo
Nas sombras de Caravaggio.

Não do ventre da luz
E sim do choque entre o escuro que ameaça
E o clarão que resiste.

Ele pinta como quem testemunha um segredo.
A luz não revela — ela fere.
E o que sangra na tela é a alma exposta dos homens.

Cada rosto que emerge do breu
Parece carregar um destino interrompido,
Como se a escuridão guardasse histórias demais
E, por misericórdia, libertasse apenas uma.

A lâmina de luz corta o ar,
Derruba silêncios,
Arranca gestos que ninguém confessaria.

Ninguém é inocente na claridade de Caravaggio;
ninguém é culpado o bastante para desaparecer.

E o pintor — artista plástico das trevas —
Sabe que toda revelação é um risco.
Por isso aproxima a luz do abismo,
Como se perguntasse ao mundo
Quantas verdades consegue suportar.

E o quadro, suspenso entre o claro e o escuro
Torna-se um lugar onde o olhar hesita —
Não por falta de luz,
Mas por excesso de profundidade.

Aristeu e as Abelhas

Aristeu ensinou aos seres humanos que o mel é memória do sol.

No ar vibra um canto antigo, um coro de asas —
Um zunido de pequenas arquitetas,
Que desenham, no escuro da colmeia,
A geometria impecável dos hexágonos.

Do coração das flores, as abelhas extraem o néctar oculto,
O elixir que outrora alimentou os deuses,
A ambrosia que escorre em gotas de eternidade.

E o mel nasce, como relâmpago doce,
Como lágrima dourada da terra,
Como respingo de aurora que se deposita nas mãos dos homens.

Aristeu, guardião da colmeia, aproxima-se em reverência:
Não colhe apenas alimento,
Mas a memória do divino, o segredo das pétalas.

E ao provarmos o mel,
Sentimos o mundo inteiro pulsar —
A terra, o sol, o vento,
O cântico das abelhas e o sopro doce dos deuses.

Um sabor profundo escorre melífluo,
Invadindo o paladar da vida.
É espesso, concentrado, encorpado.
Resiste aos atropelos e às amarguras
Que, não raro, atravessam nossos caminhos.

O País dos Espelhos Líquidos

O Canadá é um mosaico de espelhos azuis entrelaçados.

Dizem que ali os lagos não se contam:
Brotam como se fossem sementes de vidro,
Espalhadas pela mão generosa dos deuses.

Cada qual tem um firmamento próprio,
Um céu que não se repete,
Um reflexo que não existe em nenhum outro lugar:
Certamente, o mundo inventou ali milhares de auroras para uma só manhã!

À noite, os lagos sussurram entre si.
Conversam em linguagem molhada:
Falam de histórias de árvores que caminham,
De peixes que voam,
De estrelas que mergulham para descansar.

Não são apenas águas —
São portais invisíveis,
Espelhos que respiram,
Olhos abertos da terra, banhados em lágrimas cristalinas,
Que vigiam o silêncio dos homens.

Ali, o real dilui-se no imaginário:
Não se sabe se o continente é água salpicada de terra,
Ou terra afogada em pintas lacustres.

Conta-se que quem ousa beber de um desses lagos,
Carrega para sempre um gosto de infinitude na boca,
Pois provou o segredo líquido do mundo.

Sombras Avulsas

Há dias em que caminhamos como quem não pertence a lugar algum.
Parecemos sombras desalinhadas num mundo que pulsa por conta própria,
Enquanto seguimos, de escanteio, na orla do acontecimento.

O mundo gira veloz, sem nos incluir.
Passam por nós pessoas que nem levantam os olhos,
Forjadas num ímpeto de urgência
Indiferentes à nossa companhia.

Tornamo-nos engrenagens avulsas,
Peças que só são lembradas quando alguém precisa
Daquilo que fazemos,
Não daquilo que somos.

Também há um outro tipo de invisibilidade que nos atinge:
Aquela em que somos vistos sem sermos percebidos.
Cumprimos tarefas, sustentamos estruturas,
Mas o olhar que nos atravessa
Não se demora o bastante para encontrar nosso rosto.

Às vezes, penso que existimos
Num intervalo estreito entre duas realidades:
A que nos pede ação
E a que nos prefere ausentes.

E, no entanto, algo resiste.
Uma centelha secreta insiste em recordar
Que não nascemos para ser nota de rodapé no livro de ninguém.

Não me queixo.
Aprendi a desconfiar das pompas do mundo:
Elas também se desfazem em rodapés.

Pedra que Brinca de Flor

A eternidade deseja, às vezes, ser instante.
E o instante deseja, às vezes, ser eterno.

A ametista ficou cansada de ser pedra.
Resolveu sair por aí...
Virou violeta por uns dias,
Só para sentir o vento nas pétalas.

O chão entendeu a travessura.
O tempo fingiu que não viu.
E o poeta foi o único a perceber
Que até as pedras têm vontade de brincar.

Depois, a flor voltou a ser pedra.
Mas já não era a mesma:
Guardava o segredo
De que a eternidade também se disfarça de instante.

Confissão da Consciência

"Quem olha para fora, sonha. Quem olha para dentro, desperta."
Carl Gustav Jung

Há uma confissão suspensa na câmara escura onde habita o Eu.
Uma fratura que me interroga —
Não diante do confessionário de carvalho,
Mas no reconhecimento daquilo que já não posso ignorar.

Quem sou eu quando me reconheço,
E quem deixo de ser quando me escondo?

A consciência é orvalho que se debruça sobre a relva
Dissolvendo-se em claridade.
Essa luz integra a sombra,
Ou é a sombra que revela a luz?

Não quero ser estátua de mármore,
Imagem petrificada diante do olhar alheio.
Quero ser argila úmida,
Rascunho que se assume,
Projeto que se arrisca.

Quero esse despertar que se prolonga,
Que nunca termina.
Não busco respostas definitivas —
Busco o gesto honesto de perguntar-me.

É no recuo para dentro
Que encontro o fio tênue do que sou,
Um murmúrio que insiste
Mesmo quando a vida me distrai.

Ali, no intervalo entre o que fui
E o que ainda ouso ser,
Sinto que minha consciência me ilumina e acolhe.

E talvez seja isso despertar —
Aceitar-me em profundidade,
Com minhas fissuras, meus espantos,
E essa presença que persiste em querer sentido em tudo.

Porque no fundo do Eu, percebo,
Há uma questão primordial
Que não cessa de me perguntar quem sou.

Memória Seletiva

Minha memória é um pintor impressionista:
Não retrata o que viu, mas o que sentiu.
E cada lembrança é um quadro borrado de luz,
Onde o real dissolve-se em cores inventadas.

À medida que envelheço, minha memória vai ficando mais engraçada.
Dizem que eu me esqueço, mas não é bem isso:
Escolho não lembrar.

Minha memória agora é seletiva —
Privilegio o que me agrada, concentro-me nisso,
E deleto o resto!
Isso é divertido...

Foi assim que guardei seu riso num formulário azul
E tantas outras delicadezas que colecionei pelo caminho.

Cheguei à conclusão de que minha memória é uma editora vaidosa —
Pega o passado cinza e passa um filtro:
Aquele dia de chuva chata vira melancolia poética.
Aquela briga feia vira o momento em que tive razão.

Ela tem uma filosofia conveniente, eu diria.
Sabe que a verdade é rude demais para ser guardada crua.
Então ela condimenta, doura o refogado, leva-o ao forno;
Melhora a história e transforma a sua vida
Numa autobiografia não autorizada,
Escrita por uma mentirosa adorável.

Lembrar é traduzir o acontecido para a língua do presente,
Ajustando os temperos...
Porque a verdade da memória é uma receita que sempre pede sal a mais.

Depois, cozinho a lembrança.
E asso uma nova versão da história:
Mais crocante, menos fiel,
Porém, perfeita para mim.

Considere a audácia desse mecanismo:
O constrangimento agudo de uma década atrás,
Hoje, pode ser servido num jantar como anedota espirituosa.

A dor, que parecia sólida, intransponível,
Foi afastada pelo tempo,
Polida pela repetição,
Até virar apenas um momento de aprendizado.

Eis o humor cósmico:
A tragédia precisa de distância focal para virar comédia.

Nós passamos a ser um paradoxo ambulante:
Juramos fidelidade a um passado que é,
Na melhor das hipóteses,
Uma ficção baseada em fatos reais.

O Eu é uma colagem de esquecimentos convenientes.

Não tenho dúvidas:
Ter senso de humor, para a memória,
É olhar para o abismo do que foi perdido
E decidir salvar não o importante, mas o pitoresco.

Blindagem de Nós

Quem vive em tudo imune e encoberto,
Fica protegido, é fato... mas será que sente?

Oh, miséria da segurança e da prudência,
Essa couraça hermética que nos isola!
A blindagem desvia o projétil,
Mas também impede que a brisa nos traga o perfume do lírio,
O cheiro do pão assando ou do sal à beira-mar.

Ela é um tremendo engodo.
Inventamos invólucros de chumbo, vidros que negam o mundo
E repetimos como um mantra:
Agora, estamos a salvo de tudo!

Mas o coração?
O pobre coração é um relógio de parede que insiste em bater,
Mesmo quando ninguém quer ouvir.
Não há aço que o proteja de si mesmo...

Somos sobreviventes em cápsulas,
Moradores de um claustro que nos separa da matéria viva:
A blindagem poupou-nos do tiro, da cizânia, da seta cruel da inveja,
Mas nos deixou isolados,
Presos numa carapaça fria,
À espera — inúteis — do dia em que a ferrugem venha finalmente nos tocar...

Ao nos proteger de todo mal imaginável,
Cometemos contra nós o crime perfeito:
Sobrevivemos intactos, polidos como máquinas de guerra,
Brilhantes e vazios,
Irremediavelmente sós.

E o mais grave:
Ao tentarmos ficar invulneráveis,
Corremos o risco de nos tornar insensíveis.

Discípulos da Dúvida

Há quem diga que insistir é instinto.
Os teimosos preferem pensar que são discípulos da dúvida desobediente —
Essa diva dramática
Que dança descalça sobre decisões definitivas.

Muitas vezes,
É na teimosia que encontram pequenas eternidades,
Instantes insolentes
Em que aprendem
Que errar é uma elegância experimental.

A maioria das pessoas diz que teimar é defeito.
Pode ser que seja.
Ou também pode ser um tipo raro de fé desorganizada —
Daquelas que tropeçam, riem do tropeço,
E seguem como quem cumpre
Um contrato informal com a tentativa.

Mas vem a prova: os persistentes interrogam suas teimosias,
Que se mostram portas imponentes,
Muito bem fechadas,
Que cutucam e cochicham:
Empurra — vai que abre.

Nem todas cedem;
Algumas só se revelam a quem insiste em enfrentá-las.

Os teimosos inveterados acabam por criar uma filosofia:
Se não deu certo,
Faltou teimosia!

É fácil rir dos obstinados.
Difícil é não os admirar.
Enquanto todos nós cansamos,
Eles permanecem — firmes, falhos, fieis —
Convencidos de que o Universo pode ser dobrado.

Às vezes, basta um empurrão de ilusão.
Sem falar que, nem por serem teimosos,
Isso significa que nunca tenham razão...

Hagia Sophia — Santa Sabedoria

Tu és o gesto eterno de quem procura o Infinito,
E tua sabedoria mora onde a beleza aprende a permanecer.

Templo nascido da ambição dos impérios,
Como um astro pousado sobre a terra,
Ergues-te onde o Ocidente e o Oriente se tocam.

Minaretes — dedos que apontam para o Alto —
Circundam a abóboda que flutua, divina,
Sobre um mar de pedras antigas, sob o vasto céu de Constantinopla.

Tua cúpula paira como um pensamento que ainda não caiu no mundo,
No instante suspenso em que a gravidade hesita.
E as colunas, alinhadas como sentinelas antigas,
Sustentam a eternidade que se deposita sobre elas.

O sussurro dos séculos vibra no mármore,
No ouro que sonha com o sol, nos mosaicos que o tempo acariciou.
Tesselas desenham circuitos de brilho, fragmentos que, reunidos,
Criam uma ordem mais próxima do sagrado do que da geometria.

Foste basílica — ventre onde vozes cristãs subiam como incenso para o Altíssimo.
Foste mesquita — jardim de orações que se inclinavam como asas diante do Mistério.

E o tempo, dentro de teus muros,
Aprendeu a falar duas línguas sem perder o próprio silêncio.
Hoje és ambas — és todas — em Istambul.

Hagia Sophia, arte que estrutura a oração,
Diante de ti, compreende-se que tua beleza principia
No momento em que alguém decide conversar com Deus.

Teus arcos, vastos como rios ancestrais,
Levam o olhar para além de si mesmos:
Quem te contempla reconhece que és prece
E mesmo sem o saber,
Reza também.

Entre o Pó, o Pão e as Estrelas

Pilão, ventre de madeira, tronco escavado
Na maçaranduba, na peroba, na canela preta,
No cedro, no jatobá —
Árvores que conservam em sua seiva o rumor da floresta.

Nele, sementes rendem-se ao peso da mão:
Haste longa, braço de árvore que desce como raio manso,
Transformando grão em farinha, café em pó, milho em sustento.

Na batida compassada,
Há o ritmo da terra, o canto das mulheres, o riso das crianças,
A espera do alimento que nasce do choque entre madeira e grão.
Cada golpe repete uma história,
Um pulso doméstico que sustenta a casa inteira.

Vindo antes da pressa do mundo, o pilão atravessa séculos:
Coluna vertical na paisagem da história,
Do chão indígena ao terreiro colonial,
Do engenho à cozinha sertaneja,
Sempre firme, sempre útil,
Pulsando no compasso da sobrevivência.

Hoje repousa esquecido em cantos de museu,
Ou resiste em cozinhas de barro e fumaça,
Lembrando que a vida simples tem sua grandeza no gesto repetido,
Na poeira dourada que se levanta ao pilar,
Na metáfora da transformação:
Quando o invólucro cede, a essência se revela,
E a semente se desfaz para renascer alimento.

Talvez nós também sejamos assim —
Sementes duras, casulos de espírito adormecido,
Necessitados de metamorfoses:
A vida seria nosso pilão.

A mão que nos golpeia — ora delicada, ora enérgica —
Dá-nos a oportunidade de nos abrirmos,
De cedermos, de mostrarmos o que está dentro de nós.
Pois da farinha nasce o pão,

Do atrito, o sabor,
E da repetição, a memória.

O que fica no fundo do pilão
Pode ser a poeira cósmica, irmã daquilo que cintila nas galáxias:
A lembrança de que somos feitos do mesmo pó
Que gira nas nebulosas e acende o fogo das constelações.

As Palavras em Assembleia

No congresso da língua portuguesa, as palavras se reúnem:
O substantivo ergue o peito, dizendo ser a espinha do mundo.
O verbo protesta, bate na mesa e exclama:
- Sem mim, nada se move, tudo é estático!

O adjetivo empertiga-se, vaidoso,
Pintando cores e perfumes por todo lado.
O advérbio, discreto, surge e cochicha:
- Eu dou o tom suavemente ou brutalmente.

O pronome ofende-se, ferido:
- Sem mim, quem seria? Ele ou você?
E o artigo, tímido, levanta a mão, sereno:
- Eu só abro a porta, às vezes, nem defino o terreno.

A conjunção tenta conciliar:
- Se todos se unirem, haverá sentido.
Mas a preposição, sempre meticulosa,
Quer sempre estar no meio, ligando tudo.

A interjeição explode:
Ah! Oh! Viva! —
E todos se calam, surpresos com sua espontaneidade.

O dicionário observa de longe,
Orgulhoso de ter reunido todos,
Mas o poeta, sorrindo, lembra com leveza:
- Vocês só vivem, de fato, quando alguém ousa brincar com o que dizem.

Fechando a pauta, o ponto final encerra a discussão,
Com a calma autoritária de quem sabe
Que toda disputa vocabular termina em silêncio.

Parece que Foi Ontem

Quando o tempo passa e finge não passar.

Parece que foi ontem,
Mas ontem é apenas um rumor da memória,
Um eco preguiçoso que insiste em não aceitar que o tempo
Não volta para encontrar ninguém no caminho.

Parece que foi ontem,
Porque o presente não sabe ficar quieto:
Deixa rastros do que fomos espalhados por toda parte—
Nos gestos automáticos,
No jeito saudoso como pronunciamos o nome de quem já partiu.

Parece que foi ontem,
Porque o tempo, conspirador incansável,
Recicla suas máscaras:
Dá ao hoje o mesmo aroma, a mesma luz enviesada,
O mesmo cansaço do que já vivemos,
E nos engana, repetindo truques aos quais sempre nos rendemos.

Parece que foi ontem,
Exatamente por isso:
Carregamos nos bolsos um punhado de restos —
Aromas, frases equívocas, intenções inacabadas —
Confundindo tudo:
Como quem recolhe moedas antigas,
Achando que ainda valem alguma coisa.

Parece que foi ontem,
Mas talvez seja amanhã:
A lembrança é indócil, pula cercas,
Ignora calendários e avança nos calcanhares do futuro
Só para recordar que ele também irá passar.

Parece que foi ontem,
É a maneira mais educada que o tempo encontrou de confessar
Que nunca soube ir embora de verdade.

Abracadabra

As palavras antigas costumam acordar antes da gente.
Hoje, abracadabra amanheceu sentada no parapeito da minha janela,
Balançando as pernas,
Como uma criança que ainda não decidiu em que travessura se meter.

Pensei — a magia também tem hábitos:
Acorda cedo, bebe luz, e espera que alguém a nomeie.

Quando eu a reconheci e disse abracadabra,
Meu vaso de rosas libertou pequenas brumas coloridas,
Que começaram a subir em espirais de vento
Até se transformarem em borboletas de ar.

Uau!

As borboletas pousaram em meus ombros
E cada batida de suas asas teve o peso de um argumento:
Imediatamente, me convenci da fragilidade da beleza.

Quase ao mesmo tempo percebi:
O encantamento não contradiz a razão,
Apenas retoma seu primeiro gesto —
O de reconhecer que o mundo é maior que nossas certezas.

Percebi mais:
O que muda é o foco.
Talvez o real seja um campo aberto
À espera da nossa atenção.

Abracadabra não fabrica o impossível:
Recolhe o que estava disperso,
Como quem varre o pátio do invisível para a visita do olhar.

É a tradução do silêncio para o possível,
Quando as coisas se lembram de que podem ser mais do que são.

Então fechei a janela só um pouco,
Para que uma fresta continuasse respirando,
Já que a realidade gosta de escutar suas próprias fadas.

Gaia: O Sonho do Universo

No silêncio da noite primordial,
Quando o escuro ainda não sabia ser sombra,
Gaia adormecia — e seu sonho era vasto o bastante
Para se tornar Universo.

Quando ela abriu os olhos, o tempo nasceu.
E cada piscar seu,
Espalhou-se em galáxias.

Gaia foi a primeira ideia sólida no vasto caos de possibilidades.
Ao pensar-se corpo, criou a matéria;
Ao pensar-se espaço, desenhou horizontes;
Ao pensar-se mãe, inventou o múltiplo.

Tronco invisível que sustenta o cosmos,
De seu ventre nasceram os deuses,
De suas mãos infinitas derramaram-se mundos.

Sempre foi o altar sem templo, a oferenda sem incenso,
A eternidade que se renova na fragilidade de uma pequena folha.
Aurora resultante do pó recolhido das eras.
Voz que fala em raízes que se entrelaçam, em sementes que rompem a escuridão,
Em ventos que carregam o destino dos homens.

E quando caminhamos sobre a Terra, não pisamos apenas chão:
Pisamos memória, pisamos mito,
Pisamos a própria origem de tudo.

Lendas: Onde Nasce o Inexplicável

"Os mitos são sonhos públicos, os sonhos são mitos privados."
Joseph Campbell

O ser humano, temendo o vazio, inventa caminhos;
Temendo o silêncio, inventa vozes;
Temendo o que não compreende, inventa mundos:
Ao repeti-los, dá-lhes vida.
Ao transmiti-los, dá-lhes peso.
Assim, o que nasceu da imaginação,
Torna-se pedra da tradição.
Vira lenda.

As lendas são o retrato mais íntimo
Da nossa incapacidade de tolerar o indizível.
Preferimos atribuir forma ao abismo
A aceitar que ele permaneça sem contorno.

A cada geração, reafirmamos histórias
Que descrevem a nós mesmos
Em nossas esperanças, medos e lacunas.

Pois o ser humano, frágil diante do mistério,
Prefere preencher a sombra com poesia
A aceitar a vastidão do incerto.
E nessa criação — bela, imperfeita, necessária —
Revela não apenas o desejo de entender o mundo,
Mas também o desejo profundo
De compreender-se dentro dele.

Se um dia, uma explicação científica chegar,
Tardia e desajeitada,
Contrariando nossos mitos,
A lenda já terá cumprido sua tarefa:
Já nos terá dado algo melhor que a verdade —
Deu-nos sentido.

Potência do Pequeno

Quanto do infinito pode caber no mínimo?

O grão de mostarda tem a humildade das coisas
Que ainda não pressentem o próprio destino:
É minúsculo — e, no entanto, carrega em si um rumor de eternidade,
Uma centelha onde repousa o horizonte.

Ele se entrega ao solo.
No ventre escuro da terra,
Descobre que crescer é, antes de tudo, aprofundar-se.
Firma raízes antes de buscar altura.

Então, ergue-se em tronco,
Devolvendo ao céu o que recebeu da semente.
E porque tem memória de pequenez,
Transforma-se em árvore generosa:
Abre seus ramos para o pouso das aves errantes,
Protege o ninho trêmulo,
Derrama sombra sobre os que se cansam.

E depois oferece frutos —
Uns que se colhem com a mão;
Outros, mais sutis, que se colhem com a alma:
Sabores que reacendem o gosto da vida.

As sementes discretas são as preferidas do Eterno.
Nelas se oculta o mapa inteiro da luz.
Pois quem cultiva o ínfimo sabe:
Não há nada pequeno
Quando Deus é o semeador.

O Último Cavalheiro

Os ternos eram mais que roupas: eram filosofia de vida.

Os ternos, fantasmas de elegância extinta, olham em silêncio
Para um mundo que esqueceu o cavalheirismo.
O rigor daquele tempo, que se alinhavava ao corte, desapareceu.

Vestia-se casimira inglesa, o peso da tradição.
Arquitetura de pregas e o requinte do trajar.
Vestia-se tropical inglês, a leveza calculada,
Um frescor irrepreensivelmente chique.
Vestia-se linho branco, sempre impecável,
E linho escuro com coletes sóbrios —
A sofisticação do detalhe.

Havia o alfaiate próprio, a roupa sob medida:
O terno bem talhado era apenas o complemento
Da figura de um cavalheiro.

Hoje, os cabides estão vazios,
As alfaiatarias, fechadas,
E todos apressados,
Vestem pressa, vestem consumo, vestem nada.

Pode-se dizer que a maioria dos homens
Estão despidos de cavalheirismo?

Despojados da única elegância que sempre importou:
A que residia nos gestos e nas atitudes?

Atenção, gentileza, integridade —
Agora são lembrança,
Pendurada no cabide de uma alfaiataria fechada?

Olhando para trás, compreendo:
A roupa era apenas moldura.
O maior alfaiate sempre foi o caráter
E a dignidade, o último tecido.

Túnel de Bambu

Colmos se curvam; fagulhas brilham no ar; poeira é estrela.



Passo pelo túnel como quem passa por dentro de mim.
Os colmos que se tocam lá em cima
São pensamentos que se encontram,
E a poeira que cintila na luz
É a alma que se revela em partículas de ouro.

Tudo é simples, e por isso eterno.
O arco não é apenas uma curva:
É metáfora da vida —
Flexibilidade que não se explica, apenas se sente.

Sou criança outra vez,
Caminhando na estrada de terra —
Tão simples e tão bela —
Passarela de poeira dourada,
Onde o sol brinca de soltar fagulhas.

Eu passo — pequena, distraída.
E o mundo inteiro parece caber nesse corredor verde,
Que se dobra para me deixar atravessar.

Não sei se é memória ou sonho,
Se é realidade ou símbolo.
Mas sei que o túnel de bambu ainda existe em mim
Como existe o próprio ser:
Leve e firme,
Capaz de levantar-me,
Mesmo quando minhas costas se inclinam
Ao peso das vicissitudes da vida.

Leuctra, o Triunfo da Virtude

Minerva soprou-te coragem,
E tua falange oblíqua
Fez ruir o mito de Esparta.

Epaminondas, no campo de Leuctra,
Derrota os temidos espartanos.
Não busca tesouros, nem glória vã.
Recusa o poder que corrompe os mortais.

Seu triunfo é o da virtude:
Mais alto que lanças,
Mais firme que muralhas.

Avança a falange, densa e oblíqua:
Longas lanças levantam-se no limite da luta.
E no silêncio após o choque das armas,
Respira um novo mundo —
Livre do jugo antigo.

Ó Tebas, filha da liberdade,
Teu filho não quer ser tirano.
Dispensa palácios.
Declina louros e privilégios:
Sabe que a fama é breve,
Que a ambição é apenas vaidade.

E nós, séculos depois, sorrimos com ironia:
Porque ainda hoje,
Os que buscam poder não entendem
Que a maior vitória
É não precisar dele.

Marco Polo — O Narrador de Maravilhas

Entre a verdade e a fábula, há o fascínio da descoberta.

Partiu de Veneza um olhar que queria ver além.
Marco Polo, viajante de mundos,
Levava na alma a bússola da curiosidade.

Entre a fornalha dos desertos e o mármore dos palácios,
Descobriu o espanto que renova a infância:
Cada cidade era um livro aberto,
Cada rosto, uma sílaba na grande língua da humanidade.

Como grande narrador, o ourives das maravilhas,
Talvez tenha exagerado,
Mas isso é irrelevante.
Porque o mundo que descreveu
É maior que a mesquinharia dos homens.

Trouxe histórias —
E nelas, um verdadeiro tesouro:
A certeza da vastidão do mundo,
E que viver é, a cada aurora,
Levantar a âncora e partir de novo.

Verdade ou fábula?
No Oriente, encontrou cidades que respiravam como seres vivos,
Castelos que se erguiam em geometrias do sonho,
Rios que falavam em línguas esquecidas,
Unicórnios, criaturas que brilhavam,
Antes de serem reduzidos à ciência do rinoceronte,
Mercados onde o tempo era trocado em especiarias
E a seda sussurrava o segredo dos impérios.

Na corte de Kublai Khan, o Senhor das Estrelas,
Talvez tenha visto coisas incríveis em ouro e laca,
Talvez tenha apenas sonhado com elas.
E o que importa?
Qual é a diferença entre visão e devaneio,
Se ambos nos transformam?

O fascínio das descobertas é o que torna uma viagem
A mais eterna das filosofias —
Deslumbrados diante do desconhecido,
Somos, quem sabe, cronistas de nosso próprio mundo,
Desafiando a fronteira entre realidade e imaginação,
Uma terra que só tem sentido
Se for narrada como uma lenda em chamas.

A Dialética da Substância: Fragilidade e Resistência

Onde há fragilidade, nasce a semente do cuidado;
Onde há resistência, esconde-se o medo disfarçado
De que a beleza frágil se extinga, de repente.

O que é a fragilidade, senão a transparência
Do tempo sobre a matéria?
Não é a ausência de força,
É a honestidade da forma que se curva,
Que revela a conhecida regra
De que tudo que nasce já traz em si o presságio do fim.

A taça de cristal não quer quebrar.
Ela apenas vibra em uma frequência mais alta,
Captando o tremor do instante.
Sua beleza está na iminência da perda,
Na pureza extrema de sua constituição.

Fragilidade é ser poroso à experiência.
É permitir que a dor nos atravesse,
E que a luz nos revele.

E a resistência?
Seria um muro intransponível?
Ou a memória armazenada na estrutura,
A rocha que suporta o mar,
Não por ser indestrutível, mas por ter aprendido a ceder,
Milimetricamente, ao longo das eras geológicas?

Resistência é o tecido fibroso da alma
Que se repara de dentro para fora,
Transformando a rachadura em linha de força.
É a resiliência que brota da ferida
Como uma nova camada de casca mais dura.

Uma precisa da outra para que a vida se defina:
Somos frágeis para sentir a urgência do agora,
E resistimos para honrar a beleza do que foi quebrado.

É na dança entre o caco e a cicatrização
Que se encontra a verdadeira substância do humano.
Não há força sem consciência plena do quão efêmero somos.

Nascemos do barro, e a vida nos pinta
Com cicatrizes ora de ouro ora de material bem menos nobre.
A quebra nem sempre é o fim:
Muitas vezes é recomeço.
Na junção dos cacos o ser pode enfim tornar-se inteiro.

Jerusalém Celeste: O Horizonte da Ressurreição

"Mas a Jerusalém que está em cima é livre; a qual é mãe de todos nós."
Gálatas 4:26

Jerusalém!
A trombeta que ressoa na garganta do tempo,
Cicatriz de séculos, ponto de encontro da oração sem trégua,
Onde a fé é erguida como muralha e memória.

Cidade tantas vezes sitiada, ferida, profanada,
Sempre reconstruída, pela obstinação do sagrado.
Junto ao Muro Ocidental, o Judaísmo chora o Templo perdido.
Suas súplicas infiltram-se nas fendas da história,
Repousando ao lado do sono real de David.

O ar move-se denso sobre o Monte do Templo.
O domo dourado explode em luz,
Marcando a vertigem da ascensão.
Ali, o Islã tutela o vestígio de Moisés,
Que se elevou aos céus na Al-Aqsa,
O nó que ata a terra ao Infinito.

No labirinto das vielas, palpita a Via Dolorosa:
Cada passo, uma pedra de moinho na memória.
O Cristianismo respira o sacrifício.
A cruz, a morte, o sepulcro vazio —
Onde a dor se torna a promessa de um retorno,
E a vida é um coração que pulsa sob as pedras.

Jerusalém, espelho fendido da jornada humana:
Salomão fez do Templo o ápice da glória,
Mas toda glória é transitória,
E a cidade nos desafia a reconstruir sem cessar.
Aqui, a história é ciclo litúrgico de ruína e ressurreição.

Cidade das lágrimas e dos cânticos,
Das chagas e das curas,
Das guerras que se consomem na paz sonhada.
Cidade de cal e poeira,
Onde o sol incendeia as muralhas como brasa

E a sombra milenar das oliveiras escorre lenta sobre o chão antigo.

Bendita sejas, Jerusalém,
Porque em ti o humano encontra o divino,
E em tuas pedras se escreve a história da eternidade.
Três vozes clamam o mesmo Deus.

Jerusalém, teu nome é paz, mas tua história é luta.
És pedra que se quebra e se recompõe em mosaico.
Não és só cidade, és metáfora da alma:
Fragmentada, contraditória,
Mas sempre ardendo como chama que nunca se apaga.

E a cada ataque, a cada dor, tu nos ensinas:
A verdadeira santidade não está em não cair,
Mas em levantar-se, a cada manhã,
Com a promessa dourada da ressurreição tatuada no horizonte.

Anagrama das Capitais Japonesas

Quio to → Tó quio.
Entre capitais, um giro de sílabas:
Passado e futuro.

Quioto, capital do tempo,
Mais de mil anos de comando,
Onde cerejeiras se abrem como sutras em flor.

Tóquio, capital do leste,
Inversão das sílabas de Quioto,
Lanternas vermelhas refletidas no vidro dos arranha-céus.

Quioto, Tóquio —
Espelho sonoro, giro breve,
Pétalas que caem e renascem no vento.

Entre o silêncio dos jardins e o ruído das avenidas,
O Japão respira nesse anagrama:
Raízes que se tornam direção,
Tradição que se reinventa em futuro.

Uma troca de sílabas,
Mas dentro dela se move o Japão inteiro:
O bambu que se inclina, a tela de néon que pulsa,
O som do koto, o trem bala que atravessa o futuro como um haicai veloz.

Quioto, Tóquio —
Sílabas em contradança, cores que se cruzam:
O branco das flores, o vermelho dos torii,
O dourado dos templos, o prateado dos trens.

E nessa passagem de capital, o país encontra sua própria poesia:
Um Japão que é sempre ontem,
Um Japão que é sempre amanhã.

Vivendo e Aprendendo

A vida é uma escola sem paredes,
Onde o mestre é o tempo
E a lousa é o chão do mundo.

A vida não permite que faltemos à aula.
Mesmo quando fingimos de algo esquecer,
Ela repete a lição,
Com paciência de mestre antigo.

Vivendo e aprendendo,
Como quem cai do cavalo,
Levanta, sacode a poeira
E já sabe mais do que sabia.

Vivendo e aprendendo,
Não porque queremos,
Mas porque o próprio movimento nos arrasta.
Cada manhã é chamada oral,
Cada encontro, exercício,
Cada perda, revisão.

Aprendemos que o fogo queima,
Mas estendemos a mão.
Aprendemos que o amor dói,
E ainda assim o buscamos.
Vivemos como quem sonha desperto,
Aprendemos como quem desperta do sonho.

Vivendo e aprendendo,
Ou talvez vivendo e desaprendendo,
Porque esquecer também é sabedoria.

O aprendizado não se acumula como moedas:
Escapa pelos bolsos rasgados da memória.
Vivemos distraídos,
Na ilusão de que sabemos o bastante.

O que a vida ensina, afinal,
É que ninguém passa de ano.
Apenas mudamos de série,
Com a mesmíssima matéria,
Que será repetida até que o coração compreenda:
Viver é estar sempre em dia
Com o que não se sabe.

Aquários e Piscinas — Reviravolta Semântica

Aquário, dizem, era para ser apenas um reservatório de água.
Alguém achou que estava vazio demais
E colocou peixes dentro.
Acabou virando vitrine submersa, um oceano portátil
Que cabe na estante.

Piscina, por sua vez, tinha nome de viveiro de peixes,
Tanque de cardumes.
No entanto, foi tomada por humanos em férias,
Onde peixe não entra e o cloro não pode faltar.

A Língua, que tem seus caprichos,
Trocou-lhes os destinos:
O aquário virou vitrine de escamas,
Para os exilados do mar.
A piscina virou lago de azulejos,
Um pequeno mar inventado para os humanos.

E nessa troca semântica, revelou-se a metafísica desses lugares:
Mesmo criados para uns,
Acabaram abrigando outros.
O peixe, desterrado das ondas,
Foi condenado a um exílio de cristal transparente.
O ser humano, órfão de rios e mares, inventou um lago artificial,
Onde pode brincar de anfíbio.

Assim, aquário tornou-se metáfora da contenção,
Piscina, metáfora da invenção.

Ambos nos lembram que a realidade é líquida:
Os nomes são boias à deriva num mar de sentidos,
Os espaços adaptam-se às necessidades,
E a lógica das palavras é mais escorregadia
Que azulejo molhado sob pés descalços.

E nós, mais uma vez, concluímos:
Viver é sempre mergulhar em águas imprevistas.

O Fôlego da Pergunta

Enquanto a curiosidade abre portas, a indiferença troca a fechadura.

O silêncio não me basta.
Quero saber o que há atrás da sombra,
O que vibra sob a pele do instante.

Admito: a curiosidade me arrasta para dentro do abismo
Na expectativa de que haja estrelas.
Mas há dias em que ela é uma pulga impertinente
Que não deixa meu pensamento em paz:
Coça e não sossega.

Descubro, então, que sou feita também de um pouco de indiferença,
Pois há certas coisas que me são menos atraentes,
Que não interrogam meu olhar, não inquietam minha alma.
Afinal, viver estabelece um eterno diálogo:
Entre o desejo de ver e o direito de fechar os olhos.

Não é propriamente a resposta que procuro,
Mas o fôlego da pergunta,
O caminho que se abre quando ouso perguntar.
A curiosidade é lugar distante, cidade prometida,
Onde talvez nunca chegue, mas cujo rumor me sustenta.

Já a indiferença é muralha,
Erguida contra o vento das perguntas,
Dizendo que o horizonte é o limite do que se vê.

Mas eu sinto a beleza do que se oculta:
Ainda que a cidade seja um sopro de ilusão,
O que me salva é o pó da viagem em minhas mãos.

Cordilheira do Jura, a Memória Litográfica

A cadeia montanhosa do Jura, moldada em calcário,
Deu nome ao período Jurássico, tempo dos dinossauros.

Uma lombada de pedra entre França e Suíça,
Revela o índice geológico de um oceano extinto.
Aqui, a estratigrafia é poesia em camadas:
Um verso entre o Triássico e o Cretáceo.

Não são montes, são fósseis oolíticos.
Neles, o mar de *Thetys* depositou seu lodo
Para que o peso dos milênios o fizesse um altar
Onde o passado petrificou-se em geometria.

Sobre este chão, dinossauros,
Saurópodes e Terópodes,
Moviam-se como catedrais ambulantes,
Deixando na areia úmida as crateras de sua passagem —
Pegadas que hoje o musgo decifra.

Há uma certa melancolia em saber que essa terra um dia estremeceu
Com o peso de seres que faziam as copas das árvores parecerem grama.

Hoje, o Jura é uma elegia científica.
À esquerda, a bétula empresta sua prata ao vento;
À direita, o abeto guarda a sombra densa de eras esquecidas.
E nas entranhas da montanha
O eco dos gigantes ainda pulsa
Como um coração de pedra que nunca deixou de bater.

O Palhaço de Palha e Riso

Levava no corpo o nome que o define: Palhaço.
Recheado de palha,
Fez de si um colchão para os próprios abismos.

Vestia pano de colchão,
Com listras que lembravam noites simples.
Nos ombros e quadris escondia palha,
Como quem carrega segredos de infância,
Armando-se contra o peso dos tombos.

Sentia a fibra sob o figurino:
Lembrança de que fora feito para o impacto.
E quando caía — pois cair era seu ofício — a palha absorvia o grito.
Sua verdadeira armadura era o riso que oferecia ao mundo...

No picadeiro, a queda ensaiava a eternidade,
Cada pirueta era espetáculo de leveza.
O corpo, colchão humano, transformava o baque em gargalhada.

Mas havia uma melancolia em seus olhos pintados:
Uma centelha de um sol escondido,
Lembrando que o riso também é feito de sombra.
Tristeza mansa,
De quem conhece o avesso do aplauso,
E sabe que rir é, muitas vezes,
A última fronteira antes do pranto.

Entre trapalhadas e cambalhotas,
Fazia da queda, dança;
Do tropeço, coreografia.

Na pantomima do gesto largo,
Desenhava no ar o rascunho da nossa desgraça,
Transformando-a em piada, em espanto.

As crianças riam do seu sapato desmedido;
Os adultos riam do escorregão que reconheciam como próprio.

E o público, cúmplice, aplaudia sem perceber que,
Por trás da tinta e da palha,
Batia um coração que também sofria.

Hoje, lembramos o palhaço como lembramos um brinquedo antigo:
Um eco de infância,
Um fantasma colorido que ainda nos protege das quedas do mundo.

Viagem das Abóboras Soberbas

"É no balançar da carroça
Que as abóboras se acomodam".

Na filosofia da vida, tentamos controlar cada detalhe.
Antes da partida, escolhemos lugares,
Empilhamos certezas rígidas.

Somos abóboras, levadas como carga, lá atrás da carroça:
Grandes, redondas, soberbas,
Cheias de sementes e opiniões,
Cada qual ocupando o espaço que julga seu.

Há um medo inicial no primeiro solavanco —
O susto do atrito, o barulho surdo da colisão entre o eu e o outro.
Há ranger de eixo, poeira na estrada,
Balanço do caminho.
O sacolejo esculpe o encaixe, alisa arestas, abre espaço.
Só se acomoda quem aceita a impermanência do trajeto.
É o itinerário que revela onde realmente pertencemos.

De abóboras itinerantes e vaidosas,
Vamos nos ajeitando como dá,
Sabendo que o destino — oh, o destino —
É apenas uma palavra inventada
Para suportar a trepidação dos dias.

Não apressemos a carroça.
Deixemos que o caminho, com seus buracos e ladeiras,
Ensine a ciência do repouso.

Pois não é na chegada
Que se descobre a ordem do mundo,
Mas na paciência da estrada.

Cada solavanco é uma lição:
O acaso que molda, o choque que aproxima,
A curva que obriga a caber.

Foi o percurso — poeira, aspereza, inesperado —
Que nos deu lugar.

Como abóboras, viajantes invisíveis,
Aprendemos que a vida repousa no balançar da carroça.

Tablete e Bombom: O Tempo e a Eternidade

O segredo do cacau:
Ele é uma distração química, um estelionato sensorial.
O único feitiço que nos faz perdoar a vida por ser, às vezes, tão amarga.

Chocolate, minério do sol,
Obscura pepita que o fogo das tribos transformou em segredo.
É o ardil do paladar,
O engano profundo que a todos conquista.

Alimento dos desertores.
Theobroma, o chamaram.
Manjar de deuses que, em sua sede de abismo,
Esqueceram a pálida ambrosia nas nuvens
Para buscar a escuridão fértil nas terras americanas.
Trocaram o mel etéreo pelo barro sagrado,
Pela delícia marrom do fruto sedutor.

Há uma geometria nesse deleite —
Ora é um tablete, ora um bombom esférico.

O tablete:
É a arquitetura do desejo organizada.
O chocolate finge-se de cidade,
Um tabuleiro de ângulos retos e exatos,
Como casinhas enfileiradas numa rua de ébano,
Ditando a partilha matemática dos pedaços cheios de sabor.

Ali, o prazer fracionado é um livro,
Folha por folha, verso por verso.
Cada quadrado é uma célula de tempo,
Um compartimento para o desejo contido,
Onde o chocolate espera o decreto do nosso momento.

O bombom:
Mas ai de nós, quando surge o bombom!
Essa pequena esfera de delírio,
Planeta dionisíaco que não admite frestas.
O bombom não conhece a aritmética.
Ele é o orbe, o mundo, o redondo total sem saída,
Uma pérola de lama sagrada que explode no céu da boca.

É o golpe de estado dos sentidos —
Não se parte o que nasceu para ser um.
No bombom, o universo é um círculo sem frações,
Onde o princípio e o fim se devoram em um segundo de glória marrom.

O chocolate:
Crime sem castigo, logro necessário.
Sua forma reta nos ensina o tempo,
E em sua forma redonda, nos devolve a eternidade.

O tablete nos ensina a etiqueta da espera,
O bombom nos recorda a urgência de ser.

O Vento e a Filosofia da Travessia

"Nada é permanente, exceto a mudança."
Heráclito

O vento é o argumento invisível da natureza.
Prova, sem palavras, que o mundo é feito de movimento,
E que o repouso é apenas ilusão.

Nada segura, mas tudo alcança.
Nesse gesto de não pertencer,
Ensina que a posse é um engano,
Que o valor está no alcance, não na retenção.

Mestre da impermanência,
Dobra árvores, desenha dunas, apaga velas,
Bagunça cabelos, rouba chapéus, verga o canavial,
Desenha o rastro da poeira, empurra os navios,
E ainda finge que não foi ele.

Viajante cleptomaníaco,
Rouba o perfume das flores em um jardim
Para entregá-lo, quilômetros depois, ao nariz de um desconhecido.

Poeta indolente:
Não escreve versos, apenas espalha folhas como rimas pelo chão.

Filósofo que nos mostra que a verdade não precisa de nome,
Apenas de efeito.

É também ironia:
Move montanhas sem esforço,
Mas não consegue segurar uma pétala.
Força e fragilidade ao mesmo tempo:
Paradoxo que nos lembra de que o poder não é absoluto,
Porém, relativo ao instante.

Quando pensamos que já o entendemos,
Ele muda de direção.
Não por capricho,
Mas para nos ensinar que o sentido não é linha reta,
É curva, desvio, caminho inventado no sopro.

Ele nos educa:
Não pela constância, mas pela oscilação.
Não pela permanência, mas pela travessia.
Aprendemos com o vento que a eternidade não está no que dura,
Mas no que transforma.

O Eclipse do Eu

"Quem não é visto, não é lembrado."

A luz da varanda ainda insiste em desenhar o mundo,
Mas onde o olhar não alcança, o semblante desbota.
Dizem que o que os olhos não veem,
O coração ignora —
Torna-se solo árido para o que não tem rosto.

Fora do olhar, fora da lembrança.
Há um tipo de poeira que não vem da terra,
Vem do vácuo entre as almas.
Primeiro, perdem-se as arestas do sorriso,
Depois, o timbre exato da voz vai se apagando,
Como um eco que não encontra paredes.

O esquecimento é uma forma lenta de transparência:
A presença ainda ocupa o espaço,
Mas a luz atravessa o corpo sem deixar sombra.

Se ninguém me testemunha,
Será que os meus átomos ainda pesam no chão?
Pois se a memória é gravidade
Quem não é visto,
Aprende a flutuar no vácuo.

Resta o silêncio da moldura vazia
Além do medo que nos assombra:
Somos, de fato, feitos de substância e osso,
Ou apenas reflexos frágeis
No espelho de quem decide lembrar?

A existência, afinal, é um pacto:
Entre o que penso de mim e o que o mundo ousa enxergar.
Sou o fogo que nasce do atrito entre os dois,
O segredo que só se revela ao ser olhado,
E a prova de que, mesmo no escuro, o coração pulsa —
Ainda que ninguém o escute.

O Alvorecer de Vidro

Sou o que penso nas noites escuras, sem estrelas.
Uma náufraga que carrega sua própria ilha,
Um resto de nau que tateia as paredes úmidas de um cais esquecido.
Encerrada em muros de pedra e silêncio,
Onde o eco das águas pesa como chumbo.

Há um nó na garganta do tempo,
Um labirinto de raízes cegas que se entrelaçam sob o chão:
O eu declara-se um segredo enterrado,
Denso, opaco, guardado a sete chaves.

Mas, de súbito, o pensamento trinca —
Um átomo de fogo rasga o tecido da sombra.

Como um cristal cansado da escuridão,
A casca cede ao primeiro golpe do dia
E explode em fragmentos de aurora.

O que era ilha torna-se jangada de luz,
Solta num mar de cores recém-nascidas.
O que era limite dissolve-se em brisa:
É a alma que insiste em ser manhã.

Sou, então, a claridade que atravessa o prisma sem destino,
Uma transparência que não teme o abismo.
A alma, despida de seus mantos de ferro,
Flutua engenhosa em arquiteturas de ar.
O mundo é um espelho de águas límpidas,
Onde o olhar se afoga em beleza
E a vida se entrega — clara, arrebatada —
Num voo de vidro e sol.

A Música da Paz

Não é ausência de som, mas a melodia que une diferenças.

Existe uma canção que nasce no coração do mundo,
Um sopro leve que acaricia o tempo,
Que me envolve em paz.

Tal um rio que corre sem pressa,
Que sabe que chegar é apenas existir.

Há um entendimento maior que os armistícios,
Mais alto que o repouso após as batalhas vencidas:
Um abraço invisível entre todas as almas,
Uma conexão que une o que parecia distante,
Um perfume de esperança que jamais se dissipa.

A paz não é silêncio vazio,
Mas seiva que percorre as manhãs,
Escalando o cerne da vida.

Não apaga a discórdia,
Mas educa a chama,
Não nega a ferida,
Mas tece a membrana que cicatriza.

Essa seiva que alimenta o amanhã
Cumpre sua promessa em cada sorriso,
Partilha o legado da harmonia.
Concilia a inquietação dos desencontros.
E oferece o abrigo de um lar que sempre nos espera,
Com a chave guardada sob o tapete da entrada.

Metafísica da Picanha

O fogo é ancestral.
O churrasco é só a versão com farofa.

O fogo é ancestral,
Dizem os antropólogos.
Faísca que tirou o ser humano da caverna.
Mas no churrasco de domingo,
Ele nasce de um saco de carvão comprado no mercado.

O círculo em torno da brasa é comunhão,
Afirmam os poetas.
Mas também é fila de gente
Esperando o próximo pedaço.

A carne é oferenda,
Declaram os místicos.
Mas no espeto ela vira disputa:
Quem pega primeiro, come mais.

O churrasco é rito milenar,
Proclamam os filósofos.
Mas também é desculpa perfeita
Para beber cerveja gelada.

E assim, entre mito e fome,
Entre filosofia, farofa e molho de cebola,
O churrasco revela a verdade:
Somos nômades sentados em cadeiras de vime,
Redescobrindo o mundo.
Somos humanos, sim,
Mas nunca deixamos de ser carnívoros.

O fogo é o mesmo:
Ontem, hoje, sempre.
Chama que não envelhece,
Que assa o presente com o calor do passado.

Ao redor dele, homens e mulheres tornam-se tribo,
Círculo, memória viva.
Jeito bem-humorado de lembrar que a vida,
Como a brasa,
Só faz sentido quando compartilhada.

Pés Descalços

Criança que corre
— Livre da pressa dos dias —
Ensina o caminho.

O sapato é a civilização com pressa;
O couro e a borracha são cercas
Que nos isolam do pulso do mundo.

O pé nu conversa com a terra,
Descobre segredos que o asfalto enterra.
Tropeça, ri, suja-se, cura-se,
E aprende que a vida é também fissura.

O pé descalço é raiz que se movimenta,
É infância que retorna.
Um suspiro que sobe do calcanhar
E devolve à gravidade sua ternura.

O chão é vivo, incerto, móvel:
Cede para que a gente se firme.
O pedregulho fere, mas desperta;
A poça d'água alivia,
Como riso inesperado.

É assim que o passo livre aprende:
Sem conquista, sem posse.
Há apenas o gesto simples, humilde,
De quem toca e se deixa tocar pelo mundo.

A criança corre sem medo, sem cálculo.
E nesse correr leve revela
Que liberdade não é chegar,
Mas caminhar sem rastros,
Como quem sabe que o caminho
É sempre maior do que o destino.

E se a poeira grudar na pele,
É lembrança de que somos parte dela:
Do chão que sustenta, do vento que passa,
Da vida que ri quando a gente descalça.

O Manifesto das Mãos

Elas são as grandes protagonistas da experiência humana.

Vejam este prodígio:
As mãos!
Nelas, dez ramos de vida presos ao mistério,
Raízes que se abrem em direção ao mundo.
No côncavo da palma, linhas se cruzam —
Mapas secretos do espírito que nos move.

São andaime, prumo e traço,
Trazendo ao mundo o que alma imagina:
Tanto na força que ergue muralhas,
Quanto na delicadeza de um dedilhar de cordas ou teclas,
Que desperta música.

Vocação de concha: feitas para o afago,
Para o aceno que doa e reúne,
Para reunir o que estava disperso.

Moldadas para a união.
Se não houver encontro, o agir é vago, perde-se.
E a mão que fere acaba carregando sua própria dor.

Que nossas palmas, abertas ao tempo,
Preparem a terra para frutos plenos.
Que nossos dedos, sementes vivas,
Lancem ao vento promessas de colheita.
Que o nosso gesto — em sua forma mais pura —
Seja a carícia que redime o mundo.

Fragmentos de Inteireza

Reconheço que dentro de nós
Há um tribunal e um templo,
Há o exílio e a pátria,
Há ilha e mar aberto.

Sou razão.
Mas me alimento do impulso.

Sou corpo.
Mas vivo de sonhos.

Sou silêncio.
Mas carrego tumultos.

Sou fragmento.
Mas insisto em buscar o todo.

Sou ternura.
Mas também ferida.

Sou caminho.
Mas me perco em desvios.

Sou unidade.
Mas me descubro em partes.

Sou luz.
Mas a sombra me revela.

Sou certeza.
Mas a dúvida me sustenta.

Quero eternidade.
Mas encontro sentido no instante.

Busco clareza.
Mas é no mistério que me reconheço.

Sou humano:
Contraditório, paradoxal,
Plenitude feita de fragmentos.

Sou criatura:
Deixo que o mistério me habite,
Como a noite que acolhe as estrelas
Sem precisar contá-las.

Sou parte do segredo do mundo:
Peça de um mosaico vivo que,
Ao se juntar,
Revela uma imagem maior.
A inteireza não está na uniformidade,
Mas na composição.

Ao Pé da Letra

Mais civilizado que os alunos,
O urso cruzou o umbral de Cambridge pela fresta estreita da letra.

Lá vem o urso —
Peludo, pachorrento,
Mais *gentleman* que os próprios *gentlemen*.

Cambridge, altiva,
Com nariz empinado e latim nos corredores, proclamou:
"Cães não entram."
O estatuto era claro, seco, britânico.

Lord Byron, com sorriso oblíquo, respondeu:
"Ótimo. Trago comigo um urso."

E o urso entrou.

Passeou entre mármores e bibliotecas.
Seus passos ecoaram nos claustros.
Sua sombra estendeu-se pelos jardins.

Farejou tratados,
Bocejou diante de Aristóteles,
Coçou-se nas colunas góticas, como quem diz:
"Que bela jaula para os humanos."

A lei foi cumprida,
Mas convertida em farsa, em piada de salão.

Obedecida, sim, mas exposta em sua contradição:
Crítica ácida à hermenêutica literal,
Que revela o ridículo da norma
Quando divorciada de sua finalidade.

Provou-se, sem esforço,
Que o urso, com sua pachorra cortês,
Era mais nobre que os rapazes de toga, filhos da aristocracia,
Mais educado que os selvagens engravatados
Da elite inglesa.

Chapada Diamantina: Brilho e Abismo

Na fronteira entre o íntimo e o infinito, a terra se faz diamante.

Vastidão que se abre como um livro sem margens;
Cânions que se erguem em vertical de abismos;
Paredes que conservam o eco do tempo,
Como arquivos de vento e sombra.
Cachoeiras que despencam como páginas líquidas,
Numa história escrita pela própria terra.

Mas é nas grutas — catedrais subterrâneas—
Que a paisagem se recolhe,
Que o mundo se faz íntimo:
O eco é confidência mineral e a escuridão, abrigo.

Entre o céu desmedido e o ventre secreto,
A Chapada é paradoxo:
Um altar de horizontes, um confessionário de rochas.

A imensidão é convite ao recolhimento;
E a gruta abre portas para dentro de si.

Diamante e abismo:
Dureza e brilho, profundidade e claridade.
Cada cristal encerra séculos.
Cada despenhadeiro devolve ao olhar sua vertigem.

Um território que cintila na fronteira entre o íntimo e o infinito,
Onde o humano se descobre breve
— porém luminoso —
Como quem encontra no diamante da terra
O reflexo secreto da própria alma.

Herança de Chão e Trama

Somos herdeiros dos povos indígenas.

Tudo começou no passo que marcou esse chão,
Na escrita invisível dos pés que abriram caminhos,
Na seiva que corre nas veias da terra,
Na gênese que se abriu em tramas,
Na rede que sustenta o equilíbrio do mundo.

Tecer é saber da aldeia:
A força não está no nó que aperta,
Mas no entrelaço que respira,
Permitindo o vão,
Abrindo espaço para o coletivo.

A bússola ancestral que dá o Norte nasceu do olfato:
Antes que a chuva tocasse o solo,
Já era pressentida no perfume das estações,
No cheiro doce do caju amadurecendo ao longe,
Na memória que desperta o paladar da vida.

E a língua tupi-guarani, curso d'água subterrâneo,
Continua a nomear
Rios, árvores, serras, vales.
Mas também aos shoppings e bairros,
Ruas e avenidas que engolem a floresta...

Somos fruto dessa colheita milenar,
Carregando no sangue o DNA da mata.
Lembramos que somos chão, trama, semente, fruto.
Somos também concreto,
Devorados pela cidade que ajudamos a erguer.

A herança só será completa
Se guardarmos o espírito da origem.
Pois a Natureza não nos pertence —
Nós é que pertencemos a ela.

Um Canto Simbolista às Águas

O murmúrio do córrego é o eco de todos os oceanos.

Os rios do mundo não correm apenas sobre a terra.
São veias ocultas que pulsam no corpo da eternidade.
O Nilo é sonho dourado que sustenta pirâmides invisíveis;
O Amazonas é sopro verde que embala o sono da floresta;
O Ganges é oração líquida que se dissolve em perfumes de incenso;
O Amarelo é paciência milenar de toda uma civilização;
O Tejo é fado que parte das margens de Lisboa
Guardando em si a saudade de quem partiu para inventar o horizonte.

Cada corrente é um espelho secreto,
Onde o tempo se contempla e se reconhece.
O Danúbio é valsa que atravessa fronteiras;
O Volga é sombra que se arrasta pelas estepes;
O Yangtzé é dragão adormecido que respira em silêncio;
O Sena é romance que reflete as pontes de Paris;
O Iguaçu é queda que troveja e faz a alma estacar diante do abismo branco,
Em gargantas de pedra.

Mas toda grandiosidade é apenas prenúncio,
Pois o destino das águas não é o império nem o mito:
É o regresso ao íntimo, ao invisível, ao lar.

Depois de atravessar continentes e mares,
Encontra-se o pequeno córrego da nossa terra,
Que não tem nome nos mapas,
Mas guarda o segredo de todas as fontes.

Essa água não é história, nem poder, nem epifania.
É apenas infância que retorna,
Saudade que canta,
Murmúrio que embala o coração cansado.

E nesse fio de água humilde,
O mundo inteiro se dissolve,
Como se cada oceano fosse tão-somente
Um reflexo do riacho que banha a nossa aldeia.

Gaivota: Costureira de Espuma, Bordadeira de Cristais

Ela colhe a espuma com a urgência de quem resgata um náufrago
E, ao subir, transforma o borrifo em âncora de luz.

Não voa em busca de destino,
Voa para impedir que o céu deixe de brilhar.
Carrega no bico um fio translúcido, que a espuma inventa,
Colhido na crista da vaga,
No ponto exato onde a onda desiste de ser mar.

Quando espirala, não busca o vento:
Está cerzindo as fendas do tempo,
Trazendo reflexos de cidades submersas que flutuam no ar.

Sobe em círculos, levando essa linha de água,
E enquanto ganha o prumo, o sal opera seu milagre:
O que era apenas umidade torna-se geometria.
Pequenos cristais que se acendem ao longo do fio,
Contas de um rosário solar que ela desfia contra o azul.

A gaivota costura a pele do horizonte à cúpula do infinito.
Seus olhos, dois faróis de âmbar, vigiam a tensão da seda,
Pois sabe que, se o fio partir, a luz escorrerá para o abismo.
Ela prende o brilho do sal nas arestas das nuvens,
Fazendo com que a tarde não seja apenas o fim do sol,
Mas uma catedral de reflexos sustentada por mãos invisíveis.

À noite, ela não descansa nos rochedos:
Desfaz-se em pó de giz e desenha,
No breu da falésia,
O portal por onde o sol entrará soberano,
Puxando a transparência das marés,
Esticando-a sobre as nuvens como uma gaze de prata.

Entre Amém e Axé: a Alma das Ladeiras

Em Salvador, a fé é um abraço de marés;
A cidade inteira ergue-se como um altar sem telhado.
Entra-se pela porta barroca da Europa
E sai-se no pátio espiritual da África.

Abra os olhos do espírito:
Salvador não é uma cidade que se visita,
É um rito em que se mergulha.
Igrejas de cal e de fé —
Uma para cada sol do ano,
Com dias de folga para o descanso do destino.

Não se engane com a frieza do mármore
Nem com o brilho do ouro absoluto;
Cada templo é um navio de pedra que desistiu do mar
Para ancorar nas colinas,
Carregando nas entranhas a história de dois mundos
Que se fundiram à força.

Nesta terra de todos os santos,
O sagrado anda descalço e tem cheiro de alegria.
O ouro escorre das molduras como mel mineral.
Sinta o fôlego que sopra das frestas:
É o cravo, o dendê, a alfazema.

A mesma mão que entalhou o anjo de bochechas rosadas
Deixou escondido, no avesso da madeira,
O rastro de sua raiz de além-mar.
Enquanto esculpia o querubim,
Desenhava o rosto de seu próprio Deus oculto.

Aqui, o sincretismo não é teoria,
É respiração:
O santo no altar aceita o banho de flores,
Enquanto o orixá, no terreiro,
Veste-se com o linho branco da paz cristã.

Não procure divisões nestas ladeiras que se debruçam sobre a Baía.
A oração começa no sussurro do terço

E deságua no batuque do Pelourinho.
As igrejas são as vértebras de uma cidade
Que aprendeu a rezar dançando,
Onde o "Amém" e o "Axé"
Nasceram da mesma vontade de ser feliz.

Salvador é um rosário de esquinas:
O povo caminha com a certeza de nunca estar só,
Pois cada porta de igreja é um porto seguro.
O altar é a própria vida e a missa nunca acaba...

Sino que chama, tambor que responde.
E a Bahia canta, a Bahia reza.

Salvador é um arquipélago de torres,
Uma anatomia sacra contada em cúpulas.
O sagrado não se fragmenta;
Ele flui como óleo de dendê sobre o mármore frio,
Unindo o que os colonizadores tentaram separar.

As naves centrais são vasos comunicantes
Onde o incenso romano e o pano da costa
Respiram o mesmo ar denso de maresia.
É uma oração sem ponto final,
Apenas vírgulas de ladeira e exclamações de bronze
Que se chamam de colina a colina.

Sino que chama, tambor que responde.
E a Bahia canta, a Bahia reza.

Em cada portal, o barroco se curva
Para não bater a cabeça no céu.
O sagrado não mora nas alturas;
Mora no tabuleiro da baiana, no berimbau da capoeira
E na sombra dessas torres que,
De tanto olhar para o alto,
Trouxeram o paraíso para o chão da Bahia.

Muita Engenharia, Pouca Obra

Se não lhe pediram opinião, não foi por esquecimento.

Dizem-me, com o sorriso de canto de boca —
Aquele vinco onde os mestres disfarçam o tédio —
Que ser ignorado é uma espécie de fidalguia.
Que o silêncio que me impuseram
Não é um lapso da memória do anfitrião,
Mas cálculo geométrico: veto desenhado em régua e compasso.

Argumentam, com a elegância de quem já morreu,
Que a minha opinião é ouro demais
Para ser gasto no mercado da burrice.
Se não me chamaram para o coro,
Foi para me poupar da desafinação coletiva.
Sou um "exilado estratégico",
Livre da culpa dos erros que eles assinarão sozinhos.
É um consolo curioso, admito.
Veste bem,
Como um colete de veludo num dia de inverno sem lareira —
Um luxo inútil, mas ainda assim quente na ilusão.

Mas quem engole ironia sem azia?
Porque o vácuo, por mais planejado que seja,
Continua sendo um buraco que lateja no peito.
Chamar o esquecimento de ciência exata
É dar nome de laboratório à velha e bruta exclusão.

Não me venham com a poética da ausência.
Se trancaram a porta para não encarar minha luz,
Não foi por respeito ao brilho —
Foi medo da sombra que ele projeta.

E se me absolveram do crime de participar,
Condenaram-me à pena máxima:
Ser o único que vê o precipício sem direito de gritar "cuidado".

A opinião —
Essa joia lapidada com tanto zelo,

Cheia de arestas lógicas e polimento ético —
É um presente que ninguém comprou papel para embrulhar.
Dói, eu sei, esse exílio do debate.
Mas há um conforto cínico em ser figurante do diálogo:
Enquanto eles se engalfinham no palco das certezas,
Eu descanso no privilégio de não ter que provar nada.

Diante dessa gente que se julga dona da pauta,
Lembro-me de um mestre que andava de peito aberto.
Ele diria que gastam uma ciência danada para fingir que eu não existo.
É muita engenharia para pouca obra!

Se não me pediram opinião,
Não foi por esquecimento, decerto;
Foi porque a verdade,
Mesmo quando não é dita,
Faz um barulho que incomoda o sono dos que decidiram dormir.

A Metafísica do Gesto Compartilhado: Levanta a Bola que eu Chuto!

A bola é o mensageiro que desbrava o amanhã para os que caminham lado a lado.
É a vanguarda de couro e ar, a seta que desenha o destino antes mesmo do passo.

O sucesso costuma parecer um ponto de chegada,
Um troféu imóvel em uma estante.
Mas a verdadeira essência da evolução humana
Respira na continuidade do movimento.

Levanta a bola que eu chuto!
Não é um grito de jogo;
É a liturgia que transborda as linhas do campo e invade a vida.

Levantamento e chute são um ritual de cooperação.
Todo progresso nasce de uma aliança:
Alguém oferece a base, alguém projeta a energia.
O caminho é longo, mas não o medimos em passos,
E sim na distância entre o seu gesto e o meu impulso.

O trajeto não é linear:
É uma jornada nômade de busca e reencontro.
Onde a bola cai, ali erguemos um lar provisório até o próximo chute.
Lançamos nossos objetivos à frente,
Caminhamos até eles e, ao alcançá-los, não estacionamos.
Recomeçamos.

O voo da bola antecede o nosso próprio voo,
E caminhar juntos é a única forma de habitar territórios
Que, sozinhos, jamais alcançaríamos.

Ela parte primeiro, desarmando medos,
Testando a resistência do vento, medindo a largura do abismo.
Onde toca o chão, funda-se uma nova fronteira.

Quem levanta a bola, planta a altura.
Quem chuta a bola, semeia a distância.
E ambos, no amanhã, colherão a paisagem.

O alvo atingido não é o fim da linha, mas o início da morada.
O “levanta e chuta” deixa de ser um lance para tornar-se legado.

O Valor do Tropeço

Cuidar dos filhos é vigiar a queda,
Mas permitir o voo sem impor o teto.

Deixe que o caminho lhes apresente os nós,
Pois quem não desata, não aprende a seguir.
Há saberes que só florescem a sós,
No silêncio de quem ousa descobrir.

Mas não feche os olhos por completo:
Estenda a mão antes do abismo profundo.
Que o erro seja o mestre, não o fim do mundo.
Permita que tropecem na pedra pequena,
Aquela que ensina onde o pé deve estar.

A vida, em seu compasso secreto,
Exige risco para ensinar o voo.
Cuidar é vigiar o tombo sem ser o chão,
É permitir o arranhão, porém, curando a ferida.

Deixe-os ir, mas mantenha a mão suspensa,
Para conter a queda desmedida.

Pratique a mentoria invisível:
O olhar que filtra o perigo real do desafio necessário.
Dê-lhes autonomia,
Pois retirar todos os obstáculos,
É roubar-lhes a herança dos dias.

Se a estrada fosse mármore polido,
Como saberiam o valor da pisada firme,
Ou o orgulho de atravessar o terreno íngreme?

Deixe-os tropeçar, sim, para que reconheçam a terra,
Mas cuide para que o tombo não lhes tire a coragem
De perseguir seus próprios sonhos.

Não permita que a sombra do erro
Seja maior que a luz da obra concluída.
O erro é uma nota de rodapé;
A vida, o texto principal.

O passo firme não nasce da ausência de queda,
Mas da vontade que calibra o peso e a direção.
Acertar é um ato heroico de vigília.

Deixar os outros aprenderem sem tropeçar demais não é limpar o chão;
É ensinar-lhes a olhar para o horizonte enquanto caminham,
Para que o pé saiba, por instinto, onde pousar.

No balanço dos dias,
Que a memória do tropeço lhes dê prudência,
Mas que a celebração do acerto lhes conceda a audácia necessária
Para o próximo passo.

Torta de Maçã: Uma Especialidade da Casa

Há quem procure o extraordinário nas vitrines cintilantes da cidade,
Mas ele está bem aqui,
Na cozinha, na simplicidade de uma maçã,
Fruto comum, que guarda em sua polpa a memória da árvore,
O fôlego do vento, a promessa das estações.

Colhida sem pressa, ela se entrega ao corte;
Às fatias que se tornam luas crescentes;
Ao açúcar que a envolve em doçura;
À massa que é terra viva, dobrada sobre si, em segredos de farinha;
Ao fogo que a transmuta.
Nesse rito simples, a alquimia se cumpre.

A massa que a cobre, trançada em rendas, não é apenas um desenho:
É geometria do cuidado impressa no alimento.
Sobre a mesa, a porcelana mais fina não a ostenta, apenas testemunha:
O que se serve não é luxo, mas a perfeição da entrega.

O simples que se eleva,
O cotidiano que se transfigura,
O gesto que, repetido, se torna tradição.
Cada fatia é um convite a reconhecer que a vida,
Quando servida com carinho, é sempre uma obra-prima.

A torta de maçã é filosofia:
É a prova de que o essencial não precisa de monumentos,
Apenas de mãos que se dedicam ao gesto perfeito.

Deguste a especialidade da casa enquanto o coração ainda está quente.
Pois a vida, assim como o sabor, é um presente
Que se recebe, aos poucos,
Em cada pedaço.

Poema de Madeira e Água

Canoa — poema de madeira que flutua sobre o tempo.
Remo — verso que se repete na cadência da água.

Canoa — ventre de madeira que se abre em rio.
Pátria flutuante,
Ponte entre aldeias,
Raiz que não se prende,
Liberdade que corre na direção da maré.

Tronco que já foi floresta
Agora desliza como se a corrente fosse chão
E o tempo, apenas margem.

Remo — braço de madeira que mergulha no pulso líquido,
Prolongando o corpo do homem que canta
Na língua da correnteza.

Nos remansos, o remo repousa
Como pássaro sobre a água calma,
Guiando a canoa com a leveza de quem conhece o silêncio do rio.

Nas corredeiras, o mesmo remo é espada que corta a espuma,
Domando a fúria do curso,
Salvando a madeira do embate feroz das pedras.

O controle da canoa não está só na força,
Mas na escuta atenta ao rumor da água,
No olho que lê as linhas invisíveis da corrente.

Remar é traduzir o rio em movimento humano,
Escrevendo com madeira,
A caligrafia líquida
Que as mãos indígenas sabiam decifrar.

A canoa carrega o silêncio da mata
E o grito dos peixes.
Os remos batem como tambores submersos
No coração do leito.

Rio — caminho sem fronteiras —
Leva a história de quem navegava por instinto,
Sem bússola,
Mas sob o governo das estrelas.

E mesmo quando a canoa repousa na margem,
Ela não descansa:
Guarda na pele de tronco as histórias de cada viagem,
Os cantos que ecoaram entre as batidas dos remos,
As lutas e as festas que o rio testemunhou.
E balança no seu porto,
Como rede no embalo da água...

Epopeia da Terra e do Homem

Toda guerra é derrota da humanidade,
Mesmo quando se proclama vitória.

Erguem-se muralhas,
Não apenas de pedra,
Mas de medo e poder.

Sob o sol de impérios,
Exércitos marcham como rios de ferro,
Lanças erguem-se contra o horizonte,
E o grito da guerra rasga o silêncio das planícies.

Mas cada espada que corta o ar é também pergunta filosófica:
Qual o sentido das guerras, se o que se busca é a paz?

A pólvora acende o século,
O fogo consome cidades,
E ainda assim, entre ruínas,
Flores nascem como testemunhas da paz possível —
Contraste vivo entre destruição e renascimento.

História é este livro sem fim,
Escrito em sangue e em pergaminho,
Em tratados e em cicatrizes.

Que vitória é essa, se o preço é o silêncio dos inocentes?
Que glória resiste, quando o tempo transforma heróis em pó?

E quando a guerra cala,
Vem a paz como vento que varre cinzas,
Como rio que apaga rastros,
Como mãe que recolhe os filhos dispersos.

O tempo, juiz invisível, não absolve nem condena:
Apenas guarda.
Guarda o eco das batalhas,
O canto dos que resistiram,
A filosofia dos que perguntaram,
A esperança dos que sonharam.

Será o destino humano repetir eternamente o ciclo da demolição?
Ou aprenderemos, enfim,
Que a verdadeira pátria é a memória compartilhada,
E não a fronteira erguida?

E nós, herdeiros de tantas epopeias,
Parecemos não avançar nos tempos históricos:
Vagamos em círculos,
Num esforço hercúleo e inútil,
Ainda presos às eras primitivas,
À barbárie luxuosa das armas mais letais,
Às batalhas exterminadoras onde o que se perde é imensurável —
A própria essência do ser humano.

Qual o valor das vitórias, se o preço é esse?

A Diáspora das Águas

A água é o sangue da terra, e o céu, o seu altar de retorno.

A Amazônia não termina em suas margens de terra.
Lá, onde o verde se torna denso a ponto de ser respiração,
A floresta não apenas cresce — ela emana.
É um templo de raízes que,
Em silêncio litúrgico,
Converte o peso do rio em luz de névoa.

Não se engane com o azul estático da cartografia.
Há uma diáspora de águas correndo sobre as copas —
Um oceano que se desprendeu do chão
E subiu ao céu como incenso de clorofila,
Em busca de um leito sem cercas:
Os rios voadores.

São as artérias aéreas do mundo.
O mar suspenso e doce que aprendeu a voar;
Preferindo o caminho das aves,
Pairando sobre a terra enquanto a rega generosamente.

Nuvens trazem a selva longínqua nas costas
Rumo às varandas distantes do Sul,
Fazendo com que o orvalho de uma folha no Acre
Seja o destino da flor que brota no asfalto seco
De quem desaprendeu a olhar para cima.

Quando a Cordilheira dos Andes ergue sua sentinela de granito,
Não interrompe o fluxo; batiza-o.
O vapor, em sua humildade de seda, curva-se diante da pedra
E se faz oração líquida,
Precipitando a verdade de que a terra é uma só.

A chuva que nos toca não é apenas clima.
É a Amazônia que se desfaz de si para vir ao nosso encontro,
Provando que a distância é cicatriz efêmera,
Vencida pela divina interdependência das águas.

E quando o Atlântico recebe de volta esse sopro úmido,

É como se o continente respirasse em uníssono.
O sal do mar reconhece o doce do rio,
E juntos compõem a partitura invisível
Que sustenta o equilíbrio da vida.

Cada gota que cai sobre o cerrado,
Cada relâmpago que rasga o sertão,
É testemunho de que a floresta não é apenas paisagem,
Mas pulsação que insiste em nos lembrar
Que somos afluentes da mesma correnteza.

A diáspora das águas é também a diáspora de nós mesmos:
Espalhados em cidades, desertos e montanhas,
Ainda dependemos do sopro verde que nos alcança.
E talvez seja este o maior milagre —
Que a Amazônia, em sua generosidade,
Nos ensine que existir é sempre compartilhar.

Mas há quem insista em esquecer que o céu é feito de raízes.
Que cada nuvem que se forma sobre o continente
É também memória de povos que guardam a floresta,
De línguas que cantam o nome dos rios,
De mãos que sabem colher sem ferir.

A Alegria da Descendência

A vida ri de nós, mas nos guarda no rosto de quem chega.

Dizem que o tempo passa, mas é mentira:
Ele apenas se distrai na alquimia das gerações,
Mistura sonhos e histórias,
Até que o olhar de quem ama
Descobre o segredo.

Estranha e doce sensação:
Ser tronco antigo e folha nova.
Ver a nossa própria infância regressar,
Sem malas, sem pressa,
Apenas com o sorriso esquecido em alguma gaveta do passado.

A alegria de perceber que, agora,
Sou a avó da menina que eu costumava ser.

Outro grande contentamento é reconhecer
O otimismo de olhos castanhos de um pai querido
Atravessar décadas e acender-se,
Intacto,
No brilho do olhar de um bisneto que acaba de chegar.

O tempo esquece-se de ir embora quando nota que as mãos aflitas do avô —
Aquela pressa de abraçar o mundo —
Ganharam dedos novos,
Herança de gestos que pulou o muro dos anos para tatear o amanhã.

Que mistério é esse, de sermos tantos em um só?
Reconhecer as olheiras sonhadoras de uma mãe
No cansaço doce e na disposição da filha,
Ou notar que a teimosia paterna é o remo que agora guia os netos.

A descendência é inventário de miudezas:
Ver a própria pinta, o modo de olhar longe, a marca na alma...
Sentir que somos um rio que transporta águas de muito longe
Para banhar a praia de quem ainda virá.

Não somos fim.

Somos elo, ponte, espanto.
E a vida, essa tecelã incansável, segue rindo de nós,
Enquanto nos salva no rosto de um filho, neto ou bisneto.

Não sou eu que vou neles.
São eles que me trazem de volta.

Não sou eu quem vive nestes traços tão meus,
Mas é o que de mim restou sem ser eu mesma.
Que alegria pensar que o que transmito
Não é o meu pensar, nem meu cansaço,
Mas um mistério que em mim se escondia
E agora ganha voz e espaço.

Serei a antepassada de quem ainda não conheço.
E nisso repousa a alegria da descendência.

Dioptrias da Alma: A Invenção dos Óculos Bifocais de Franklin

O olhar é duplo: um olho para ler o íntimo, outro para rir do horizonte.
O que se vê entre?

O olhar desdobra-se em dístico:
Um lume para decifrar o íntimo,
Outro para interpretar o horizonte.
No vácuo entre ambos, o que se divisa?
A fenda, o hiato, a vertigem do meio-tom.

Na curvatura inferior, o minúsculo rende-se ao traço:
A letra gótica, a ranhura da epiderme, o sulco do destino na palma da mão.
Na cúpula vítrea, o etéreo dilata-se em assombro:
O cintilar de Sirius, o vaticínio das nuvens, o delírio da amplidão.

Todavia, entre a urgência do tato e o silêncio das galáxias,
Subsiste um reduto hermético, um foco em suspensão, um limiar de vidro.
É nesse umbral que o ser humano se reconhece binário:
Nem meramente argila, nem puramente centelha — mas intervalo.

O "entre" é o átimo em que a pupila vacila,
Pasmada entre a exegese do livro e a contemplação do abismo.
É a síncope entre duas notas,
A pausa litúrgica que outorga semântica à melodia.
Há o "entre" da ínfima matéria, onde o invisível se faz epifania;
E o "entre" das distâncias siderais, onde a visão se torna arqueologia.
De perto, o homem tateia sua brevidade;
De longe, conjetura sua eternidade.
Mas no entreato, descobre sua humanidade:
Um ser que divaga no lúdico, sob a égide da dúvida.

Franklin sorri do alto de sua invenção:
O bifocal não é mecânica, é ontologia.
Pois o olhar humano habita a ambiguidade,
Naufragando e aportando, perenemente, na travessia.

O detalhe é o rigor da cinza;
O etéreo é o anseio da luz;
Mas o "entre" é o território do espanto, onde a alma questiona:

"Em qual plano ancorar a esperança?"
E compreende que enxergar é, acima de tudo, peregrinar.

Revelam as lentes o paradoxo de cristal:
Nem a clausura do foco, nem a dispersão do longe.
O "entre" é o palco do riso e da poesia,
Onde o humano, entre o grão e a estrela, enfim descansa e sonha.

Nos multifocais, a existência fragmenta-se:
Em minúcia de escrivão e em errância de cometa.
E Benjamin volta a sorrir.
Tudo coabita a mesma retina —
O presente que pulsa,
O passado que sedimenta
E o futuro que é pura promessa.

Plano B

Quem já foi preterido, também já preteriu: o ciclo é inevitável, e nele mora a sabedoria. Ser alternativa é também ser possibilidade — o mundo não se sustenta apenas em primeiras escolhas.

Se não fui a primeira escolha,
Não faz mal:
O sol também nasce depois da noite,
E ninguém o chama de Plano B.

Talvez eu seja o café esquecido,
Que se bebe sem pressa,
Ou o livro que se abre
Quando o outro já acabou.

A juventude nos coloca no palco,
Mas a maturidade nos mostra os bastidores.
E é ali, no silêncio das alternativas,
Que descobrimos a grandeza de existir sem urgência.

Muitas vezes, quando nos vemos relegados,
Lembramos que também relegamos.
Que já colocamos outros em espera,
Já os tornamos secundários em nossos próprios roteiros.

Por outras vezes, somos nós a possibilidade tardia,
Mas sempre podemos abrir caminhos novos.
E ocupar espaços vazios com simplicidade.

Afinal, ninguém é sempre protagonista,
Ou sempre coadjuvante.
Todos transitam entre papéis,
Todos são prioridade e sobra,
Dependendo da cena, do tempo, da vida.

Aceitar o Plano B é libertar-se da tirania do primeiro lugar.
É compreender que a existência não se esgota na primazia.
Há beleza em ser opção,
Em ter chance de dançar fora do roteiro,
Descobrindo que o palco é maior

Do que o papel que nos deram.

Pois no fim, há apenas o fluxo da vida,
Que nos distribui em lugares diversos,
E nos convida a viver com inteireza,
Mesmo quando não somos a primeira escolha.

E se não me quiserem agora,
Não importa:
Há sempre uma esquina
Onde a vida me espera sorrindo.

O Plano Único

Não me lamento pelo lugar que ocupo na vontade alheia;
Busco a soberania da minha própria vontade.
Não me vejo como segunda escolha,
Pois estou no meu próprio eixo,
Indiferente ao catálogo das preferências.

Não reconheço hierarquia no que é necessário:
A base é tão vital quanto o ápice,
E o que chega por último completa a medida do tempo.

Procuro ser como o livro que aguarda na estante:
Sua verdade não oscila conforme a pressa do leitor.
Se eu for a alternativa, que eu seja a sólida:
Aquela que não se altera pelo fato de ser tardia,
Pois a essência do ser não se submete ao cronômetro.

Não importa quem nos chame nem quando nos procuram.
Onde a vida nos coloca, ali está o nosso templo.
O Plano B é, na verdade, o Plano Único:
Estar presente em si mesmo, sem o ruído das vaidades.

A escolha alheia é um mapa que não me desenha.
Não busco assento à mesa dos primeiros,
Pois minha referência não é o lugar que ocupo,
Mas a consistência do chão que invento sob meus pés.

Há uma delicadeza de cristal no que é tardio:
Como a luz de uma estrela já extinta
Que só agora toca o rosto de quem olha.
Ninguém pergunta à estrela sua ordem de chegada;
Basta que ela seja o ponto de referência
Na vertigem de quem se perdeu no mar.

Vulnerabilidade

Na fissura da alma, a luz encontra passagem.

Há uma beleza secreta em se deixar quebrar,
Como vidro que reflete mais luz quando trincado.
Na vulnerabilidade, a alma se mostra inteira,
Sem máscaras, sem armaduras,
Apenas o sopro nu da existência.

Ser frágil é também ser vasto:
É abrir espaço para que o outro nos habite,
Permitir que o tempo nos atravesse,
Sem garantias, sem certezas,
Apenas com a confiança de que o viver é risco.

A força não está em resistir sempre,
Mas em admitir que há momentos em que o peito se curva,
Em que o silêncio nos toma, em que a lágrima é a única linguagem possível.

E, paradoxalmente,
É nesse instante de rendição
Que a vida se revela plenamente:
Pois o que se quebra não se perde,
Transforma-se em mosaico,
Em desenho novo, em mapa secreto daquilo que somos.

A vulnerabilidade é o diamante escondido da condição humana:
Não reluz na superfície,
Mas brilha no subterrâneo da alma,
Onde cada fissura é também uma janela;
Cada ferida, uma porta; cada queda, um voo em potência.

Assim, ser vulnerável é ser infinito:
Reconhecendo que a beleza não está na perfeição,
Mas na coragem de se expor ao mundo,
De se deixar atravessar pelo tempo,
E ainda assim permanecer aberto,
Como quem sabe que só o coração indefeso
É capaz de tocar o eterno.

Flor na Fenda da Pedra

Entre ravinas abruptas,
A montanha oculta respira.
Seus flancos ásperos,
Cortados por cicatrizes de pedra,
Conservam o silêncio antigo dos tempos.

O solo irregular,
Despedaçado em encostas vertiginosas,
É um retrato da vida:
Fragmentado, imprevisível,
Fértil em mistérios.

Das fendas sombrias,
Brotam raízes obstinadas,
Árvores de troncos retorcidos,
Flores rutilantes,
Coloridas como pensamentos que resistem.

Cada planta selvagem, cada pétala incandescente,
É metáfora de esperança, um lampejo efêmero,
Na eternidade mineral.
O vento, errante e nômade, desce pelas encostas,
Sussurrando que a beleza não é lisa,
Mas áspera e irregular,
Como o destino humano.

Nessa Geografia esquecida, a Natureza ensina:
A vida é relevo acidentado,
Onde as pedras são memória;
As raízes, persistência;
As flores, revelação.

As Azaleias Murcharam

Toda ideia floresce como se fosse eterna.

Cada azaleia era um cosmos em miniatura,
Um pensamento em ebulição,
Abrindo-se como galáxia nascente no espaço secreto da mente.

Não eram flores:
Eram constelações de hipóteses,
Auroras de intuições,
Universos frágeis sustentados pelo sopro da invenção.

Mas até as estrelas se consomem.
O excesso da criação devora sua própria seiva,
Como fogo que se alimenta de si,
Como buraco negro que engole sua própria luz.

E quando o raciocínio se interrogou,
O que restava era o eco incandescente de uma identidade que já não se reconhecia,
Um vestígio de ser que se desfazia em turbulência.

Naquele momento,
A ideia percebeu que não podia sustentar sua própria forma.
Então, as azaleias murcharam —
Não no jardim,
Mas no território cósmico onde o ser se interroga,
E cada pensamento floresce apenas para se colapsar em infinito.

A Nota Dissonante da Segunda-feira

Um acorde que desperta a rotina.

O dia amanhece em Dó maior, sem ranhuras,
No compasso isócrono da rotina.
A música da vida tem um único tom:
Um rio sem correnteza,
Um canto que embala, mas não desperta.

Tudo se repete em rima pobre,
Reflexo gasto de espelhos cotidianos:
O café, o semáforo, o bom-dia em série.
Vivemos dentro de um acorde,
Onde o hábito é a única muralha que nos protege.

Mas eis que surge, súbita, a nota fora do eixo:
Um semitom que cai como um prego no mármore.
Não é ruído, é contraponto que rasga o tecido da monotonia.
O vento sopra o avesso da árvore;
O passo em falso redesenha a calçada.

Na partitura da manhã,
Essa nota dissonante suspende o mundo em oitava alterada.
Não fere a canção, antes a modula.

Sua razão de ser?
Sequestrar a atenção.
Onde tudo era linha, ela impõe relevo.
A mente, adormecida no mantra da repetição,
Acorda no atrito de um novo enlevo.

Ela ensina a coreografia do inesperado,
Onde as notas se inclinam para acolher a vida.
Pois só na tensão desse som estrangeiro
A música encontra sua porta de saída.

A cadência improvisada revela que a beleza que importa
Não nasce já afinada,
Mas do desvio que abre espaço para a fantasia.

Sonho de Marfim

O amor é a arte suprema, capaz de insuflar vida no impossível.

Pigmaleão, o rei-escultor cipriota, sonhou com a perfeição.
Suas mãos moldaram o marfim,
E a própria ausência que nele habitava.

Do vazio nasceu Galateia: fruto da falta,
Do desejo que não se contenta com o real,
Da arte que ousa atravessar os limites entre matéria e espírito.

Seus olhos guardavam o segredo das águas,
Seu sorriso pendia entre aurora e mistério.

Afrodite, senhora dos encantos,
Comovida pela intensidade desse sentimento arrebatador,
Soprou vida no marfim:
O Amor tocou a escultura como quem desperta um segredo.
E revelou que o belo não se encerra na forma.

Galateia respirou —
Pigmaleão compreendeu:
A obra-prima só é completa quando deixa de ser objeto
E conquista a liberdade de olhar-nos de volta.

O Enigma das Órbitas Distintas

"O oposto é o que convém e das coisas diferentes nasce a mais bela harmonia."
Heráclito

Dividimos o rigor deste minuto,
Mas enquanto seus olhos traduzem o mundo em fatos —
A aritmética dos prazos, o inventário dos custos —
Os meus se perdem na fumaça
Que desenha mapas de um território ausente em seus arquivos.

Você se move na urgência das coisas úteis,
No ritmo exato que organiza o dia;
Enquanto eu me demoro na textura de uma pausa,
Decifrando o avesso das palavras,
Buscando o que existe entre o som e o silêncio.

Estamos sob o mesmo teto, regidos pelo mesmo sol,
Mas sua mente é uma cidade de luzes nítidas,
Com ruas nomeadas e destinos definidos.
A minha é um jardim de névoas e presságios,
Onde o tempo não corre, mas flutua.

Você resolve o mundo; eu apenas o sinto.
Você conhece o peso; eu invento o voo.
E, no entanto, sob o tique-taque indiferente das horas,
Nossas mãos se encontram sem nenhum erro de cálculo.

Como é possível que,
Não partilhando o mesmo tempo,
Partilhemos tão bem a vida?

Aqui era a Casa do Meu Avô

Na esquina, a cidade grava seu nome.
Domingos Mazzilli permanece.

Um casarão de esquina, erguido como quem desafia o esquecimento.
Terraço na entrada, portão de ferro trabalhado,
Porta antiga, de ferro e vidros,
Guardando, com sobriedade, o patamar entre o íntimo e o mundo.

Antes de mim, funcionou na frente da casa,
O estabelecimento comercial do meu avô.
Depois, vieram as noites familiares,
O cheiro de café, a respiração tranquila das paredes.

Hoje, o comércio retorna, mas o terraço ainda resiste.
O portão abre-se apenas para lembranças,
Não mais para a intimidade daqueles dias.
A grandiosa porta larga
Continua a vigiar o limiar entre o ontem e o agora.

Na fachada, a placa da rua ostenta o nome dele.
O casarão é testemunho da metamorfose do tempo,
Memória inscrita na cidade,
Lembrança que se converte em palavra pública.

E eu, diante dele, aprendo que o cotidiano é feito de camadas;
Que o lar pode tornar-se rua;
Que o avô pode virar nome de um logradouro;
E que toda esquina é também destino:
Um lugar onde o passado nos encontra, interroga e nos convoca
A lembrar quem somos.



A Metafísica do Parapeito

Lá está minha vizinha, na moldura de madeira,
Exercendo o seu ofício de nuvem:
Olha o mundo em contemplação,
Enquanto morde, devagar, o tempo:
Ela come bolachas na janela.

Não busca nenhuma verdade,
Pois a verdade é essa crocância que se dissolve na boca.
O destino?
É apenas o que resta na palma da mão,
Depois da mordida.
Uma filosofia de farelos miúdos que o vento logo dispersa,
Como se os pensamentos fossem feitos de migalhas.

A cidade corre,
Cheia de si e de metas,
Subindo degraus que não levam a lugar algum.

E ela, ali, num sossego de estátua,
Descobre que a paz é uma coisa redonda,
Com gosto de baunilha e um pouco de tédio.

Pois se a eternidade existe, deve ser assim:
Uma janela alta, o silêncio dos vizinhos,
E a certeza de que o céu é um biscoito
Esquecido por Deus no fundo de um pote.

Hamurabi e a Pedra

Na frieza da rocha,
A norma se inscreve,
Como sentença eterna,
Gravada no silêncio da pedra.

O Código não é apenas lei:
É o instante em que o instinto se curva diante da arquitetura social,
E a vingança deixa de ser selvagem
Para tornar-se uma instituição de Estado.

A dureza da norma é o peso da pedra,
Mas a filosofia é rio,
Fluidez que interroga o basalto,
Espírito que sopra sobre o decreto.

Hamurabi ergueu o texto como quem ergue muralha:
"Olho por olho, dente por dente".

A justiça, então, deixa de ser punho cerrado
E veste-se de toga,
Transformando o impulso em regra,
O caos em sistema,
A vingança em jurisprudência.

E nós, herdeiros da pedra,
Seguimos perguntando:
Deve a lei ser dura como rocha,
Ou flexível como o pensamento
Que a funda e a transcende?

O Hiato da Exceção

Por uma única vez, pode-se abrir uma exceção.

O mundo exige de nós a medida exata e o passo firme.
Vigiam-nos as horas, as promessas e o rigor dos dias.
Mas até as estrelas, em sua dança milenar e fria,
Permitem-se, por vezes, um movimento que foge à órbita,
Um instante de luz que não se explica, apenas se sente.

Não buscamos nada de extraordinário,
Nem a fuga definitiva do que somos,
Pois se a vida fosse apenas impulso,
Perderíamos o norte.

Mas se ela for apenas norte,
Esqueceremos como é o sul.

A beleza de estarmos aqui, sob o teto deste silêncio,
É saber que o "sempre" é feito de "agoras" que não voltam mais.

Esqueçamos um pouco o que a vida nos impõe.
Deixemos que a cautela descanse no encosto da cadeira,
Pois há uma verdade que só se diz quando a voz é um sopro.
A exceção não é um erro,
É o nosso mais belo acerto:
O momento em que a alma se despe da armadura do hábito.

Uma única vez,
Pode-se abrir a exceção
E deixar o tempo lá fora.

Ficar um pouco mais,
Colher o brilho que resta no olhar,
E mergulhar na vivência plena desta cumplicidade.

Não é sobre romper com o mundo,
Mas sobre criar o nosso,
Onde a regra se curva para que a vida, enfim, nos toque,
Pelo simples e raro milagre de sermos,
Um para o outro,
O agora.

O Epílogo e o Aplauso

O valor de uma vida não se mede pelo tempo que ela dura,
Mas pela dignidade e verdade com que cada cena foi vivida.

Não somos apenas tempo e urgência,
Somos intérpretes de um drama que o destino rascunhou.
Vestimos as túnicas do dever, o peso das máscaras,
E seguimos o roteiro escrito nas pedras da cidade,
Crendo que a glória reside na repetição do ato.

Mas o palco é vasto e o silêncio das coxias nos observa.
Entre um ato de rigor e uma cena de costume,
Existe o instante em que o ator esquece o *script*,
E, num improviso de luz, encontra o olhar do outro.
Ali, a peça se suspende e a vida, enfim, acontece.

Se o mundo é o teatro das formas e das sombras,
A nossa verdade é o que sussurramos no escuro,
Antes que o pano desça e o aplauso nos alcance.
Não importa a duração do espetáculo sob o sol,
Mas a intensidade da cena que vivemos em segredo.

A peça terminou, e o que levamos não é o aplauso,
Nem o cenário de mármore que deixamos para trás.
Levamos o calor daquela rara experiência,
Onde, por um breve intervalo, deixamos de encenar
Para sermos, no adeus, a mais pura e plena arte.

Narrador Inocente?

Conto o que me contaram.
Sou apenas a mensageira,
Uma divulgadora de rumores,
Uma funcionária da tradição.

E com isso me declaro livre.
Livre da culpa,
Livre da verdade.

A responsabilidade?
Ah, essa eu deixo para o outro,
Para o primeiro que inventou o que conto,
Ou para o último que acreditar.

Mas não sejamos ingênuos:
Quem repete também assina embaixo,
Mesmo que diga não saber se aquilo é verdade:
Não há inocência na repetição.

A neutralidade é máscara,
Um disfarce cômodo.
A memória coletiva não distingue inocentes.
Ela grava o que se diz;
Não pergunta quem garantiu.

Conto o que me contaram.
E sorrio com ironia:
A história não precisa de autores,
Basta que alguém a perpetue.

E nesse teatro,
Todos somos cúmplices,
Mesmo quando juramos não ter nada com isso.

Onze Horas

Um nome que parece horário,
Mas é apenas poesia disfarçada em flor.

Floresço quando o sol já pesa,
Quando o mundo se perde em pressa
E poucos se lembram de olhar para baixo.

Sou a flor das margens,
Das cercas esquecidas,
Dos quintais onde o tempo repousa.

Não tenho a vaidade da orquídea,
Nem o perfume que embriaga do jasmim.
Trago apenas a simplicidade de quem abre o coração
Às onze horas —
E se recolhe antes da noite,
Esperando o sol de amanhã.

Mas não me subestime:
Há filosofia em minha rotina.
Sou lembrança de que tudo é breve,
De que até a beleza precisa de hora marcada.

E ainda assim,
Mesmo tão pequena,
Sou testemunha da eternidade que cabe num instante.
Quem me vê,
Aprende que o mundo
Não é feito apenas de grandiosidades,
Mas de gestos sutis,
De flores que se abrem num singelo delírio do chão.

Calçadas para o Mar

Todo o desenho da orla carioca é feito de linhas
Que ondeiam, serpenteiam, enrugam-se e encrespam-se,
Antes mesmo de ser água.
A arquitetura do Rio já é mar antes de tocar o oceano.
Cidade e natureza tornam-se uma coisa só.

O Rio de Janeiro tem uma métrica rigorosa no encontro das formas:
Uma arquitetura que nasce do atrito
Entre o peso do granito e a fuga do horizonte.

No calçadão,
O traço de Burle Marx é mais que chão:
O basalto e o calcário são ondas em estado sólido,
A primeira estrofe da água.

A areia é o hiato necessário, a zona de silêncio.
Neste intervalo, o corpo suspende a pressa,
Livre, descalço,
Com gosto de felicidade e improviso,
Até que o som do samba ensine o passo
E o coração bata ao ritmo do pandeiro.

As ondas de Copacabana não conhecem fronteiras:
Quebram-se em espuma,
Mas também em mosaicos pretos e brancos,
Desenhando no chão o mesmo ritmo do oceano.

A calçada é mar petrificado,
Um convite para dançar com os pés descalços,
Como se cada passo fosse uma onda
Que retorna ao coração das águas.

O diálogo entre pedra e água é eterno:
Um murmúrio de conchas que se transforma em samba,
Um silêncio de algas que se abre em tamborim,
Um sopro salino que vira riso na esquina.

O Rio é um poema que não se escreve,
Apenas se vive:

No sol que pinta de ouro os corpos,
Na liberdade que se improvisa como um verso inesperado.

E quando o mar invade a calçada é lembrança:
De que toda beleza é movimento,
De que toda vida é dança,
De que toda alegria é vaga —
Ora onda,
Ora indefinição.

O Rosto de Metal

O aço brilha, mas é o coração que ilumina.

Sob a opressão do metal polido, respira um semblante oculto.
Ivanhoé curva-se à honra;
Lancelote arde por um amor proibido;
Perceval busca o Cálice Sagrado.
Todos ocultam a fragilidade que não se confessa.

O elmo é máscara,
A viseira — muralha que sitia o olhar.

Nas justas dos dias modernos,
Não há escudos nem linhagens,
Apenas rostos cobertos por couraças de conveniência.

A máscara social é o eclipse do rosto;
A armadura, o cárcere que encerra o coração.
Ambas reluzem como resistência,
Mas são prisões de silêncio.

Quem se atreve a rasgar o véu e despir o ferro,
Compreende que a verdadeira batalha
Não se trava contra o gume das lanças:
É o combate contra o medo de ser visto em carne viva,
Órfão de escudos.

Quem ousa desatar a fivela,
Abrir a fenda do metal,
Descobre que a verdadeira nobreza
Não está no metal,
Mas na coragem de mostrar um rosto humano, desarmado,
Capaz de sangrar, sorrir, amar.

E assim, no torneio da vida,
O cavaleiro de hoje é aquele que renuncia à máscara brilhante
E deixa que sua pele,
Seja o estandarte da verdade.

O Sermão da Montanha Interior

Ser bem-aventurado é, antes de tudo, um estado de abertura.
É o milagre de tornar-se fresta para que a Luz atravesse a densidade do ser:
Um espírito descalço, mãos que nada retêm e um coração que se deixou dilatar pela compaixão.

Subir o monte é um exercício de perder gravidade:
Enquanto os pés tocam a mansidão da terra,
A alma ganha a altitude dos pássaros.
Lá no alto, as palavras não pesam como mandamentos —
Flutuam como o sopro da manhã.

O Sermão da Montanha não aponta para o céu longínquo:
A subida é interior;
O cume é o centro da alma.

Há quem caminhe com as mãos vazias —
Nelas o Infinito encontra morada.
O Reino não pertence aos colecionadores de certezas,
Mas dos que se deixam levar como sementes ao vento.

Há quem conheça o sal das lágrimas —
Para esses, o pranto é batismo.
O consolo é o abraço que chama cada dor pelo nome
E a transforma em fonte cristalina.

Há quem escolha desarmar o punho —
Os mansos herdarão a terra sem feri-la.
Sua vitória não brota do silêncio dos vencidos,
Mas da melodia que revela: a paz é o único destino.

Há quem tenha fome de justiça —
Aquela que reparte o pão e o afeto.
Eles serão saciados na mesa da fraternidade,
Onde ninguém se senta sozinho.

Há quem seja artesão da misericórdia —
O perdão é a coragem de recomeçar.
Quem olha o outro com os olhos do coração,
Enxerga, enfim, o reflexo do próprio Criador.

A montanha não é distante —
É o agora, despido de aparências e medos.
Caminhar nessa direção é despertar para a Verdade última:
O Reino não se conquista.
Floresce na alma de quem se entrega ao Amor.

Ser bem-aventurado é encontrar o próximo
E nele, Deus.

O Fio da Navalha

Caminhamos sobre a lâmina,
Entre o abismo da dúvida e o precipício da certeza.

Entre o ser e o nada, debate-se a ontologia.
A presença é corte; a ausência, vazio.
O fio da navalha elimina o tempo da matéria.
Mas não alcança o sopro do espírito.

A busca é labirinto; o caminho, paradoxo.
O movimento é estático; a mudança, permanente.
A verdade é véu; a realidade, tumulto.
O fio da navalha desfaz a corda da epistemologia.

A moral pesa como chumbo; a liberdade escapa como fumaça.
O bem e o mal se confundem;
A mentira veste a máscara da verdade.
O fio da navalha corta a fronteira da ética,
Mas não cicatriza a ferida da escolha.

Viver é arriscado.
O fio da navalha ameaça,
Embora haja quem afirme
Que ele é apenas o nome de uma barbearia,
Com desconto às quartas-feiras!

A Filosofia da Sopa Instantânea

A fome inventou um atalho de água fervente.

No reino das panelas, havia sopas de todas as espécies:
As nobres, cozidas lentamente,
As populares, densas de legumes,
E a instantânea — que sonhava ser filósofa.

Enquanto as outras discutiam sabores,
Ela refletia sobre o sentido da pressa, a urgência do tempo.
— Se existo em pó, sou menos sopa e mais ideia?
Perguntava ao pacote fechado.

O caldo apurado ao fogo lento respondeu espirituoso:
— Você é a metáfora da modernidade,
A prova de que até a fome tem prazo de validade,
E de que o mundo não tem mais tempo para o fogo.

Mas a sopa instantânea não se ofendeu.
Orgulhou-se de sua abstração, de ser a mágica da dissolução:
De transformar água fervente em filosofia líquida.

O cozinheiro, ao prová-la,
Nada mastigou.
Sorveu apenas o resumo de uma era:
Onde a fome se resolve em conceitos,
E o sagrado do jantar se cumpre
Na liturgia química de um simples sachê de tempero.

Sujeito da Oração

O mundo pode acabar em fogo ou em gelo.
Posso dizer que engoli um pequeno cometa,
Ou que o sentido da vida é um erro de revisão.
Você não ouve.
Seu ouvido é uma peneira de areia fina, seletiva:
Só retém o que brilha com o seu próprio nome.

Acompanha o movimento dos meus lábios
Como quem observa a chuva através do vidro:
Um ruído de fundo,
Uma frequência sem rosto.

Sou apenas o suporte para a sua próxima fala,
Um vácuo de som à espera do seu preenchimento.

Mas veja:
Se eu mudar o sujeito da oração,
Se eu disser que você é isto ou aquilo,
Ou que sua roupa tem a cor exata do tédio,
Então — e só então — as engrenagens despertam.

O seu ego é um cão de guarda que só late
Quando alguém toca na maçaneta da sua porta.

Minha voz é um despropósito,
Monocórdica,
Uma vírgula de fôlego
Que você aproveita para mudar de assunto.

Falo de sentimentos, você fala do seu almoço.
Falo de Deus, você fala do seu cansaço.
Digo que a solidão é um quarto sem janelas,
Você responde que o condomínio é muito caro.
Se confesso que perdi a fé no meio do caminho,
Você comenta da sua alergia.

No fim, não conversamos;
Somos apenas dois espelhos voltados um para o outro:
Refletindo o vazio, multiplicando o silêncio.
Entre nós, a palavra é só intervalo.

Sombras em Ação: O Ofício da Assombração

A assombração não é evento; é a coreografia oculta da sombra.

Existem espectros inomináveis que não flutuam:
Ancoram.
Pairam como véus sobre o íntimo, mas pesam como chumbo,
Sondando-nos como enigmas que buscam fôlego nas frestas da alma.

São assombrações desprovidas de semblante.
Prescindem de portas, ignoram janelas;
Apenas se instalam, sedimentam-se,
Como o frio súbito que profetiza o vendaval.

Não pertencem ao mofo dos castelos,
Nem ao clichê dos vultos que atravessam as paredes.
São arquiteturas de dentro:
Silhuetas que se erguem no vácuo de nós mesmos,
Sempre que alguma coisa nos incomode demais para ser suportada.

O fantasmagórico não é o “outro”:
Mas o reflexo que nos caça no espelho do cansaço,
A sombra que ganha autonomia ao fecharmos as pálpebras,
O atrito do sussurro no hiato onde a razão vacila.

Cada vez que tentamos apagá-los,
Eles retornam,
Disfarçados de lembrança, de medo, de silêncio.

Contudo, persiste um clarão de natureza insubmissa,
Uma luz que não apenas ilumina, mas explica.
Ela nos convoca a desmantelar essas trevas inventadas,
Permitindo que o invisível — enfim — se desintegre,
Tal fumaça que perde o corpo diante da soberania do sol.

Damas de Argila

Vindas do chão pernambucano de Bezerros,
Elas são mulheres moldadas pela alma do barro,
Figuras que mostram a sofisticação da alma feminina:
Beleza que floresce mesmo entre as asperezas da vida, transformada em cor e arte.

Do barro escuro do massapê,
Pela mão calejada,
Nasce a dondoca, tão fina e aprumada.
Fruto do engenho artesão,
Onde a lama se veste de festa.

Seu vestido é de poá e de flor,
Com chapéu de aba para esconder o calor.
O brinco é o brilho da estrela cadente
Que pousou, serena, em sua orelha.

Lá vai ela, toda cheia de graça,
Desfilando o seu encanto no meio da praça.

Bolsa no braço, sua formosura é o escudo contra o sol do agreste.
Ignora a poeira que o vento amontoa.

Não é só boneca bonita:
É poesia que se levanta do chão.
É barro que não quis ser tijolo.
Preferiu ser sonho, ser alegria que se molda,
Lição de altivez na miséria mais dura.

Lá vai ela, em sua pose de estátua,
Dona do mundo... a nossa Dondoca.

Castiçais de Prata

O perdão é a única chama capaz de projetar sombras de esperança.

Pela fome, o pão roubado.
Pelo pão subtraído, o castigo.
Dezenove invernos de galés,
Onde Jean Valjean era uma cicatriz que caminhava,
Reduzido a um número — um vulto sem nome sob o sol de Toulon.
Um destino de ferro, sem frestas para o retorno.

Na casa do Bispo, a tentação.
Os talheres de prata furtados na mudez da noite,
O metal escondido contra o peito:
Em abrigo e condenação.

Myriel, o tecelão de misericórdias,
Não reclamou o espólio, mas transbordou a oferta—
Entregou dois castiçais de prata ao culpado,
Capturando-o pela força do bem, disse:
"Esqueceste o melhor".

E o melhor era a luz — não a prata,
O clarão que se oferecia em forma de guia.
Dois faróis. Um para cada mão.
A bondade foi a cela que o obrigou a ser uma nova pessoa:
O peso necessário para que as mãos,
Agora ocupadas com a claridade,
Não tivessem mais vácuo para o delito.

Diante da graça que o absolveu,
Jean Valjean enfrentou a custódia de sua própria alma:
Pois a lei o fizera detento, mas a compaixão o fizera refém.
Reconheceu que o perdão obtido era apenas seu ponto de partida;
O perdão de si mesmo é que era a verdadeira travessia.

Da travessia nasceu a firmeza:
Âncoras de honra nas mãos agora limpas.
Ele carregou aqueles castiçais pelo resto dos seus dias,
Como quem carrega a própria vida, proibida de vacilar.

A lei o reduzira a um número: 24601.
A compaixão, porém, o devolveu ao posto de ser humano,
Condenado ao suplício da esperança.

A Alquimia Selenita

Vale da Lua, Chapada dos Veadeiros.

Sob o domínio de Selene, a pedra depura-se — ela se sublima.
Longe do olhar que rotula, o mineral transborda a própria dureza;
Purifica-se em fluxo, curva, ventre e vácuo.

As mãos da deusa moldaram este mármore lunar,
Enquanto o mundo se distraía com tanta beleza.

O rio, cinzel de prata e fúria,
Desenhou espirais de um barroco geológico.

A sinuosidade das rochas formou um labirinto de luzes que captura a alma;
Um magnetismo de sombras que se esticam e se encolhem,
Como se a pedra respirasse em segredo.

A natureza, por sua vez, foi uma artesã solipsista:
Criou o côncavo para o prazer da sombra,
Estirou o convexo para o beijo do espaço,
Em uma geometria que só se explica pelo delírio da forma.

Nesta solidão de crateras, ela decidiu carregar nas tintas:
Tingiu o oco das fendas com um turquesa tão denso
Que a água parece um cristal liquefeito,
Um olho de oceano pulsando no peito árido da terra.

O contraste é o seu pincel mais ousado,
Lançando o branco das cristas, cru e absoluto,
Contra o cinza-chumbo que o sol não alcança.

É uma pintura de sobressaltos e feitiços,
Onde o quartzito finalmente descansa da obrigação de significar,
E o mundo se revela em seu transe mais profundo:
Vibrante, magnético e belo —
Na ausência absoluta de testemunhas.

O Tribunal da História

Nenhuma revolução se ergue sem sombra.

Paris ardia.
O povo não tinha pão,
Apenas a fome como companheira.

Nos salões de ouro, entre o tilintar de cristais,
A corte ostentava luxo —
Um insulto!

Robespierre, em voz de pólvora,
Incendiou a revolta.

O povo, cansado de esperar,
Fez da praça um tribunal
E da guilhotina, o seu altar.

A lâmina descia com precisão mecânica,
Sem distinguir reis de plebeus,
Sem indagar inocência ou culpa.

Sem hesitação,
O carrasco, frio e indiferente,
Cumpria apenas o gesto mecânico que a História lhe impunha.

E no vácuo após o impacto, o povo aplaudia ou se calava,
Sem perceber que a liberdade,
Quando custa sangue,
Deixa cicatrizes eternas.

A França descobriu:
A monarquia perdera-se em sua moldura dourada;
A Revolução, em sua vertigem, cegara a justiça;
A igualdade tinha gosto de medo;
A fraternidade, de tanto vigiar o irmão,
Acabou por decapitá-lo.

Ó Revolução!
Coroada de ideais,

Entregaste o terror a quem pedia trigo.
A frieza da lâmina
Foi a única sombra que governou.

Caiu a cabeça,
Restou apenas o eco metálico de uma promessa,
Perdida entre o grito do faminto e a mudez do executado.

Quem Edita o Passado?

A História não reside apenas no fato que se deu,
Mas no arbítrio do registro: o que se reitera e o que se condena ao silêncio.

Entre arquivos e monumentos,
Há sempre mãos invisíveis que selecionam o que permanece
E o que se dissolve no oblívio.

A memória é o fogo que insiste sob as cinzas;
O esquecimento, apenas o sopro que tenta apagá-lo.

Celebram-se vitórias, mas ignoram-se as derrotas,
Negligenciando a lição das ruínas.
Erguem-se estátuas para heróis,
Enquanto se apagam os rostos dos vencidos.

A memória coletiva é um vitral partido:
Mostra fragmentos, jamais a totalidade.
Reflete o que convém, apaga o que incomoda.

Assim, gerações não herdam o passado,
Mas a versão que lhes foi outorgada.
O que se chama de legado é o que sobreviveu ao filtro dos séculos.

Há, contudo, lembranças insubmissas, insurgentes.
Persistem em lascas de cerâmica, em manuscritos ainda por decifrar,
Em vozes subterrâneas que atravessam séculos.

São espectros que retornam,
Atestando que o esquecimento é tão somente uma pausa,
Nunca um fim.

E permanece a interrogação:
Quem detém a balança da posteridade,
Quem decide o que permanece?
Quem decreta o que desaparece?

Liturgia do Retorno

"Tudo vai, tudo retorna; eternamente gira a roda do ser."
Nietzsche

Quando começamos a contar as mesmas histórias,
Não é apenas a idade que fala,
Nem a memória que falha.
É o tempo que se arredonda em círculos,
Como um astro que insiste em girar sobre si —
Um cometa obstinado em morder a própria cauda.

Contamos para que nós mesmos não nos esqueçamos de que estivemos lá.

Os outros se impacientam.
Ouvem em nossa voz o rumor da ladainha:
Não percebem que repetimos para salvar o que ainda arde,
Como um rito de preservação,
Para resgatar da correnteza aquilo que se recusa a afundar.

Repetir é resistir ao esquecimento,
Desafiando o fluxo que dissolve tudo,
Erguendo muralhas contra o vazio.

Dizem que o eterno é o novo.
Enganam-se.
O eterno é o que persiste.
É a chama que se alimenta do próprio incêndio,
O circuito que, de tanto girar, descobre o seu centro.

Ao narrar de novo,
Não somos prisioneiros do passado:
Participamos da tessitura secreta do cosmos
Que abre a espiral onde o finito roça a eternidade.

O Toque das Pétalas

Viver é arder em cores, tingindo o mundo de sentido.

Viver é mais que o simples passar dos dias:
Vive o hibisco que se entrega ao sol, pintando o ar de vermelho —
Uma cor que não sabe — e não quer — guardar segredo.

Vive a orquídea no alto da árvore,
Em sua prece suspensa,
Deixando que o mundo a conheça pelo rastro de seu perfume.

Vive a bromélia, com sua taça verde a recolher o orvalho,
Fazendo da luz em suas folhas uma pintura que respira.

Minha alma vive como essa mata aberta,
Onde o pensamento caminha descalço entre as samambaias e borboletas,
E encontra, no frescor da sombra,
A lição de que a beleza é a forma mais profunda de inspirar a existência.

Existir é o milagre de transbordar o que se sente,
Tecendo a vida com fios translúcidos e o toque das pétalas,
Até que a gente possa florescer completamente.

Catarina Paraguaçu: A Matriz do Brasil

Catarina era o nome que o mar lhe dava;
Paraguaçu era o nome que a terra não esquecia.

Paraguaçu, teu nome é o destino das águas:
A imensidão do rio que se entrega ao abismo do mar.
Filha de Taparica, flor da taba tupinambá,
Trazias o vermelho do urucum nos lábios,
Enquanto o compasso do maracá batia em teu peito
Como o próprio tambor da terra.

O Atlântico, abismo de perigos,
Despedaçou o casco de uma nau francesa.
Dos destroços, emergiu um jovem náufrago português:
Diogo Álvares, o Caramuru.
Homem-moreia, mimetizado entre pedras,
O homem que foi conquistado por ti.

Vosso amor não foi apenas um verso na crônica histórica.
Foi o poema vivo que corre, até hoje, em nosso sangue.

Tu deixaste a aldeia,
Levando o rumor das palmeiras à França distante.
Lá, as águas do batismo te nomearam Catarina,
Mas sob o véu da fé estrangeira,
Ainda ardia a Paraguaçu:
O rio que se faz oceano.

Entre vós, não houve apenas encontro, mas gênese.
Não apenas amor, mas pacto.
Primeiro casamento oficial onde se uniram o tupi e o português,
Aliança que selou, em corpo e espírito,
A mestiçagem que nos funda.

Misturaram-se mundos:
O lusitano e a nativa, o oceano e a terra, a fé e a floresta.

Catarina Paraguaçu,
És a raiz que canta sob o nosso chão
Memória que respira em nossa pele,
Ventre sagrado que inaugurou o Brasil.

O Pórtico Aberto

O jovem oferece o frescor da manhã,
O idoso devolve a densidade da noite;
E juntos, são o ciclo inteiro do dia.

Se a velhice é o estreitamento dos canais,
O passo curto, a pele que já não contém o mundo, mas apenas o passado;
Se o tempo é a poeira que se acumula nas vigas do espírito
Até que a casa se torne um claustro, estreito e mudo:
Então o fim é uma sentença escrita no próprio corpo.

Mas se este ser humano
— que conhece o limite de suas forças —
Escolhe não trancar o pórtico nem erguer a ponte levadiça;
Se ele aceita que a pressa do jovem invada seu silêncio;
Se permite que a mocidade entre em sua casa e desarrume as estantes;
E que o fogo alheio aqueça as salas que ele já não habita:
Então a experiência deixa de ser limite para tornar-se horizonte.

Ora, se a juventude é um fluxo que busca onde verter-se,
E se o velho é o vaso que se faz amplo para contê-la;
Logo, o tempo não é a subtração da vida,
Mas a sua dilatação.
Conviver é transformar limites em horizontes:
É expandir o teto para que o outro caiba,
E descobrir,
Com espanto,
Que sob o novo teto somos nós quem voltamos a crescer.

Quando jovens e velhos se encontram,
A vida floresce em todas as idades.

Três Rios e Um Mar

"O que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu." Goethe

Cada geração é um rio que corre para o mesmo mar.
Antes de mim, houve o estrondo de outras águas:
Sou o sedimento de avós e pais que nunca se foram de todo.
Reconheço neles a arquitetura dos meus próprios traços,
A sombra dos meus medos e o vestígio das minhas reações.
Sou a mistura de tantos...

Sou, por minha vez, a nascente de três rios distintos: dois filhos e uma filha.
Eles partem de mim como cursos d'água que inauguram seus próprios leitos,
Mas carregando, na acústica profunda de suas águas,
O eco da fonte, como também eu carrego.

Sou avó de um neto e sete netas:
Um mar que se abre em ondas de espuma e movimento.
O horizonte que se multiplica em risos,
Em passos que não conhecem ainda o peso do tempo.

Neles, reconheço a minha própria travessia,
Mas neles também vejo o traço de seus avós e bisavós,
Na cor de seus olhos, nos seus gestos e jeito de amar.

Vejo mais:
O futuro que caminha sem mim,
O passado que insiste em permanecer.

A descendência é mais que mera continuidade biológica:
É testemunho do que não morre,
É esperança que se multiplica,
É a promessa de que o espanto diante da noite se renova em cada geração.

Eu, ponte entre raízes e estrelas,
Sou instante suspenso,
Sou guardiã de uma chama que não me pertence,
Mas que me atravessa como vento eterno.

Os três rios avançam, o mar se abre em sua imensidão,
E eu permaneço na quietude de quem finalmente compreende:
O tempo não se encerra em foz, nem se limita à margem.
Ele é uma herança viva, navegando para além de mim, para além de nós.

Encruzilhada: O Dilema das Esquinas

As esquinas são cortes na geometria do mundo:
O momento em que o tempo hesita antes de se tornar memória.
Ali, o concreto deixa de ser caminho e se faz limiar –
Um hiato entre a persistência do "foi" e a vertigem do "será".

Há uma magia no ângulo reto:
A colisão silenciosa de duas vidas que mal se tocaram,
O vácuo deixado pelo passo que escolheu o Norte,
Enquanto o Sul permanece como um fantasma, uma vida não vivida.

Ninguém habita a mesma esquina duas vezes,
Pois o vento que dobra o vértice já carrega o pó de outro instante;
Reivindica para si a transitoriedade das coisas,
Negando ao caminhante o repouso da mesma calçada.

A luz, ao contornar a aresta do edifício, revela a fragilidade da nossa direção.
Somos, todos nós, seres de intersecção,
Buscando no cruzamento das vias
Um sentido que não seja fuga,
Mas o repouso breve de quem reconhece,
No encontro das ruas,
A própria face desenhada no espelho do acaso.

Viver resume-se ao ofício de dobrar esquinas:
O sacrifício contínuo de uma perspectiva pelo horizonte
Que a parede, em seu ciúme, insiste em ocultar.

Olho de Sogra

Olho de sogra faceiro
Entre bandejas de brigadeiro.
O que pensa esse olhar,
Com jeito de censura,
Escondido na ameixa escura?

É apenas um segredo de coco, cheio de doçura,
Piscando para mim!

A Persistência da Clorofila

A esperança é verde porque a fotossíntese é o ato mais audaz da Natureza:
Transforma luz em vida, silêncio em respiração.

Foi a Floresta que nos ensinou que a esperança é verde,
Essa teimosia cromática, a cor da insistência,
Um juramento vegetal contra o esquecimento.

Sabemos que não há otimismo no musgo que escala a ruína:
Há, sim, um pacto secreto com o sol.
Uma paciência mineral que rompe a casca do estio,
Dando fôlego à clorofila
Que transmuta o peso do carbono em milagre respirável —
O hálito do mundo.

Sob o dossel espesso de folhagens esmeraldas,
O tempo não se mede em horas, mas em camadas de húmus,
Na lenta arquitetura das copas.

A vida prevalece porque sobrevive à própria queda;
Na morte da folha, o solo prepara o banquete da próxima semente,
Proclamação de que o fim é apenas o alicerce de um novo levante.

Ser verde é ser a resistência que ignora o deserto.
É compreender que a vida,
Em sua elegância silvestre,
É livre para florescer sobre as cicatrizes da terra.

O Olhar em Extensão

Um par de olhos exilados de sua própria órbita,
Um gesto de aproximação que desafia a geografia do espaço.
É como se o mundo pudesse ser dobrado até caber na palma da mão.

O olhar já não cabe na face;
Transborda em busca de um pertencimento que o corpo não alcança.
Não é sobre ver o que está longe, mas sobre habitar o entre.
O binóculo é o instrumento que suspende a distância, sem, contudo, a abolir.

Há uma ética profunda nesse enquadramento:
Aproximar sem possuir,
Ver o pássaro sem lhe roubar o voo,
Conhecer a montanha sem violar seu silêncio,
Contemplar a alteridade sem o vício da posse.

Há uma melancolia lúcida nesse ato:
A consciência de que a clareza da imagem é proporcional à nossa imobilidade.
Para que o longe se revele, o aqui precisa silenciar.
É o sacrifício da presença em favor da percepção.

O binóculo não arrasta o mundo até a nossa retina;
Ele nos arremessa para fora de nós mesmos,
Num salto mudo entre a segurança do chão e a vertigem daquilo que,
Mesmo visto, ainda nos escapa.

Somos, diante das lentes, arquitetos de pontas soltas.
Tentamos curar a ferida do espaço com a ilusão da proximidade,
Mas o que encontramos é a confirmação do nosso exílio:
O absoluto continua lá, intocado,
Respirando no vácuo entre o que a retina acolhe e o que o coração compreende.

A alma descobre que a beleza não exige o contato,
Mas o respeito sagrado pelo mistério do que permanece distante.

Quando Deixei de Ser o que Era?

Toda porta é uma cicatriz aberta pela vida
Para que o nosso ontem permita a passagem do nosso amanhã.

Onde termina o carvalho e começa a porta?
Se o carvalho ainda sonha com o vento nas folhas,
E a porta já range sob o peso da espera,
Em que milímetro de tempo a árvore se deu por morta?

Talvez na dobradiça, que é o prego do luto,
Onde o metal morde a fibra e o cerne se cala;
O que antes era sombra e fruto absoluto,
Hoje é o limite que divide o mundo da sala.

Mas se a seiva secou, por que o nó ainda insiste?
Aquela marca escura,
Desenho de um galho antigo,
É a cicatriz de um ser que,
Embora não exista,
Ainda barra o frio e oferece o abrigo.

Também nós,
Sob o corte da vida que aplaina,
Choramos a casca que cai pelo chão.
Tememos o ferro, a lixa e a plaina,
Julgando ser perda o que é transmutação.

Mas quem nos talhou sabe o rumo do corte:
Não somos o tronco que o tempo levou,
Somos a porta, o acesso e o suporte,
Pela qual o nosso próprio passo cruzou.

E ao nos tornarmos o que o tempo refina,
Deixamos o vão, a passagem e o cais,
Para que outros encontrem o caminho e não parem jamais.

O Fio e as Contas

O mundo não nos precede com sentidos; ele nos desafia ao alinhamento.

A vida nos entrega contas órfãs:
O cristal do encontro, o chumbo da perda,
A luz que cega e a sombra que acolhe.
Matéria bruta, sem teleologia ou promessa.

Inventamos, então, um colar que as organize,
Com o peso de sustentar a coerência,
Suspenso num simples fio transparente.

Esse fio decide unir o que nasceu esparso e distante,
Com a coragem de dar continuidade ao que nasceu fragmento,
Dando forma ao que seria apenas dispersão.

E se o fio se romper?
Que o espírito não tema o chão.
Reorganizar o caos é o ofício da alma,
Pois a beleza não reside nas contas em si,
Mas na teimosia de não as entregar ao nada.

Eis o nosso destino:
Habitar um desenho inacabado,
Sabendo que o sentido não se encontra —
Ele é tecido, ponto a ponto, contra a inércia.
O colar é a audácia da permanência em um universo que insiste em se fragmentar.

A Clareira da Solidão

Sentar-se à mesa com o próprio silêncio
Não é ausência de banquete,
Mas o espanto de se reconhecer sem o verniz dos olhares alheios.

O eu é uma geografia sitiada.
Nas bordas do mundo,
Onde o outro termina,
Começa a vertigem de ser apenas a própria voz ecoando em si mesmo.

Não há espelhos na solidão autêntica:
O reflexo é um vício de quem precisa de confirmação.
Eis a nudez do ser –
Um monólogo que não busca resposta,
Apenas a firmeza de sustentar-se no vácuo.

Dizem que o homem é um animal político,
Mas é no exílio de si que ele se descobre substância.
A solidão é a clareira:
O pensamento deixa de ser rastro para tornar-se caminho.

Ganhar-se é uma conquista árdua,
Exercício de arqueologia:
Remover os vestígios das expectativas que os outros tinham de nós,
Escavar até tocar o nervo do que de fato somos.

Se o medo bater à porta,
Que encontre a casa ocupada pela presença vasta
De quem aprendeu que estar só
É o único modo de ser inteiro.

A Urbe do Ser

A cidade não se situa no espaço, mas acontece na topografia do espírito.

Há uma cidade que escapa à cartografia
E ignora, soberana, a tirania das coordenadas.
Suas ruas não levam a lugares;
Elas se desvelam apenas ao passo de quem deriva.

Não possui muros; só horizontes que recuam.
Não há relógios, porque o tempo ali se despojou da armadura dos ponteiros:
Um instante pode durar séculos;
Um século pode contrair-se na brevidade de um suspiro.

As casas prescindem de portas,
Pois cada janela é um convite para olhar o mundo de dentro para fora,
Até que o fora seja dentro.

Quem percorre essa cidade descobre que não há habitantes,
Apenas o rastro de presenças inomináveis.
Ela é sua própria alma:
Versões de você mesmo
E de tudo o que insiste em existir dentro de nós.

Alguns dizem que essa cidade é feita de memória,
Outros, que é a arquitetura do sonho.
Mas quem habita o seu silêncio, compreende:
A cidade é o reflexo invertido do ser,
Onde o pensamento, enfim, deságua em si mesmo.

Infância no Tabuleiro

Na infância, o dado rola no chão como um enigma de seis faces:
Um cubinho de mistério que decide os percursos
Sem dar satisfações à nossa lógica de gente grande.

As casas?
São ilhas de faz-de-conta,
Cada uma com seu desafio.
Ali, a sorte e a estratégia jogam de mãos dadas,
Como dois meninos fugindo da escola.

O peão é viajante curioso,
Um pequeno peregrino que avança
Descobrindo mundos no tamanho de uma mesa.
E quando perde — protesta! E chora!
Pois a infância não aceita a tirania do acaso.
Mas nesse protesto há verdade:
O jogo é sério,
Porque brincar é viver cada segundo com força total.

O tabuleiro é um pensamento pintado de cores,
Onde a regra é só uma fronteira de giz que pode ser trocada.
Cada jogada é uma pergunta,
Cada riso, uma resposta.
A vitória? Um sopro breve que logo se esquece...
A derrota? Um sapato apertado que a gente quer tirar,
Começar o jogo de novo... e de novo...
Até ganhar!

Meus Pais

Minha mãe é aurora,
Meu pai é raiz.

Eles já não habitam a cronologia dos dias,
Pois transpuseram a barreira do efêmero;
Se foram, sim, mas não partiram.

Minha mãe —
É o amanhecer suspenso.
Flor colhida no desvão da primavera,
Quarenta anos de luz interrompida,
Mas ainda acesa em mim, como aurora que não se apaga.
Um clarão tão absoluto que, ainda hoje,
Inaugura as manhãs do meu espírito.
Ela é o sopro que desperta, a claridade que insiste.

Meu pai —
É a geologia do meu ser.
Raiz centenária, quase infinito em sua solidez,
Até que o tempo, cruel e apressado,
Subtraiu-me a sua voz,
Quando eu ainda precisava do silêncio que só ele sabia oferecer.

Perdê-lo foi reviver a primeira orfandade,
Uma ausência escrita sobre outra ausência.
Cada lágrima tornou-se um prisma, multiplicando a luz que ambos deixaram.
Há uma metafísica sagrada neste vácuo:
A beleza do vazio é a prova da plenitude que o antecedeu.

Eles agora são vento que me esculpe,
O alicerce invisível que me sustenta,
A eternidade camuflada de memória.

Eu os amo no contraste:
Na força que me falta, na leveza que me guia.
O amor órfão é o único amor invencível,
Pois não habita mais o que morre, mas o que eterniza.



Poeta da Insolência

O cara-de-pau não tem rosto, tem superfície.
Não tem vergonha, ostenta verniz.
É o mestre na arte de jamais corar.
É o filósofo que prova, entre um riso e outro,
Que a ética é apenas um acessório de estação —
Como gravata ou guarda-chuva.

O mundo indigna-se; ele se diverte.
O mundo protesta; ele boceja.
Quando o chamam de cínico, ele agradece:
“Enfim me reconheceram.”

É o poeta da insolência:
Faz da mentira uma metáfora lapidada;
Da desfaçatez, uma rima rica;
E da caradura, o seu mais refinado estilo literário.

E nós, que ainda sustentamos a delicada ficção da vergonha,
Ardemos em brasas,
Ficamos rubros,
Enquanto ele segue pálido e imune.

Talvez seja sábio; talvez seja vazio.
Talvez seja apenas a prova de que a vida, às vezes,
Não se escreve com tinta, mas com puro sarcasmo.

A Regente do Silêncio

No cinema mudo, o silêncio era uma tela em branco,
Que o piano pintava de cores.
Em Caconde, o cinema não era mudo; era traduzido pelas mãos da tia Roma.



Na penumbra do cineteatro,
O mundo era um silêncio em tons de cinza.
O filme, em branco e preto.
As bocas na tela se abriam,
Mudas,
Mas no fosso — entre a poltrona e o sonho —
Minha tia era a voz de todos os amantes do cinema mudo.

Seus dedos, dez operários do sentimento,
Costuravam o ritmo das perseguições,
E celebravam o amor no beijo em *close*.
O piano não era um móvel;
Era o pulmão daquela sala de cinema mudo.

Se o vilão surgia na fita, o grave rugia.
Se a mocinha chorava, o cristal das notas caía,
Uma a uma,
Sobre o colo da plateia.

A música era o diálogo,
O fundo musical era quem falava, ria e sofria.
E lá, escondido entre as sombras e o privilégio,

Estava o menino — meu pai — o caçula da melodia.
Entrava sem bilhete, mas pagava com o olhar:
Via a irmã transformar notas em poesia.

A tela era o corpo, mas o piano era a alma.
E quando a luz se acendia e o rolo parava,
O silêncio voltava a ser apenas silêncio...
Pois a música tinha ido embora para casa,
Pelas mãos da pianista e do menino que não pagava entrada.

A Transfiguração do Mármore

A escultura já está dentro do bloco de mármore;
O artista apenas remove o que é desnecessário para libertar a ideia.

No início, o mundo é um bloco de silêncio,
Massa bruta e cega,
Encarcerada na frieza do mineral.
Há uma verdade latente na pedra,
Uma beleza que espera o primeiro golpe,
O divórcio entre o excesso e a forma.

O cinzel não fere; ele desvela.
A mão do artista é o *logos,*
A razão que retira o véu do caos
Para que o braço, o torso e o rosto
Emerjam da geologia
Como quem acorda de um sono de milênios.

Mas a arte é um degrau, não o destino.
Olhamos a estátua e já não vemos o mármore;
Vemos o movimento que não se move,
A agonia que não grita,
A perfeição que desafia a erosão dos dias.
O sólido se dissolve na retina:
O que era peso, agora é voo.

Aqui, a estética abandona o tato.
A beleza deixa de ser objeto para ser estado,
E o olhar, cansado de formas,
Busca a geometria invisível do ser.
Já não importa o corpo esculpido,
Mas a harmonia que ele sustenta no ar.

O belo transborda a moldura e a pedra,
Torna-se conceito, luz e abstração:
Um absoluto que não se toca com as mãos,
Mas que a alma reconhece
Como sua própria e silenciosa morada.

Aurora do Ser

A luz é metáfora de Deus; o tempo, metáfora de nós.

A aurora não é um evento da visão,
É o primeiro estalo do Ser contra o Nada.
A linha do horizonte, ainda incerta,
É a fronteira onde o escuro se rende
Ao peso inevitável da claridade.

O mundo, antes mudo e sem contorno,
Começa a existir pelo batismo do fogo.

Mas o sol não traz apenas a cor;
Traz o fardo e a glória da duração.
A luz que toca a relva e a montanha
Não é apenas partícula ou onda,
É o ponteiro invisível que converte
O espaço em memória, o vácuo em história.

O que vemos não é um disco de chamas,
Mas o nascimento do Agora.

Aqui, a estética abandona o olhar
Para tornar-se a consciência da passagem.
O ouro que banha o mundo é o ouro do tempo:
Efêmero, constante, absoluto.
Já não importa o brilho que fere a retina,
Mas a percepção de que tudo flui
No rio silencioso da existência.

A luz retorna ao horizonte,
Aurora sem fim,
E em seu ciclo nos ensina
Que existir é sempre começar.

Quando a Brisa se Torna Tempestade

"Quem semeia ventos, colhe tempestades."

Não existe o vácuo na intenção humana.
Cada gesto,
Por mais breve ou pálido,
É um cinzel que golpeia a face do amanhã.
O universo não esquece o que a mão escreve na areia movediça dos dias comuns.

Lançamos palavras como quem atira pedras num lago:
O círculo se expande,
Toca margens distantes,
Acorda garças que dormiam no esquecimento.
Aquele "não" omitido, aquela pressa cortante,
São partículas de ar que se juntam no centro do mapa.

O tempo é o grande amplificador.
Ele recolhe o sopro —
O desvio ético, a pequena falha —
E o guarda em uma redoma de paciência.
Ali, o vento ganha músculos,
O cinza torna-se o chumbo da nuvem,
E a semente da discórdia cria nervos e dentes.

Não é castigo; é continuidade.
O raio apenas revela o que acumulamos nas sombras.
Colher a tempestade é, enfim, um ato de reconhecimento:
Olhar o horizonte em fúria e dizer:
"Eu te alimentei quando eras apenas brisa."

O vento não é inocente:
Ele guarda no sopro a promessa de um futuro.

Quem semeia ventos descobre, enfim,
Que o destino é apenas o retorno ampliado do próprio movimento.

Três Vozes Verdes

O tempero do mundo está no modo como a alma se senta à mesa.

Alecrim, manjericão e tomilho:
Três vozes verdes na cozinha da memória.
Cantam em coro sobre panelas fumegantes,
Como quem sopra segredos antigos guardados nas mãos das avós.

O alecrim é a sentinela da saudade.
Traz o cheiro da infância correndo no quintal.
É o orvalho que se recusa a secar.

O manjericão é a própria celebração da existência —
Um riso aberto, um verão em cada folha.
A vida transborda em frescor e festa.

E o tomilho, em sua modéstia rasteira, é filosofia em miniatura.
Discreto, ele sussurra que a grandeza não habita o volume, mas a essência:
Ensina que o pequeno também tempera o mundo.

Juntos, despertam sabores,
Acendem brasas de reconhecimento,
Fazem da mesa um altar de origens.

Cada prato é mais que alimento:
É um convite à alegria,
Um lembrete de que viver é condimentar o instante com gratidão.

Compaixão: O Solo Comum

A misericórdia é o silêncio que se senta ao lado.

O que define a alma humana não é o inventário do que sabemos,
Mas a medida exata do que fomos capazes de doar
Para que o outro não caminhasse só.

A filosofia, por vezes, é uma linha reta e fria,
Um mapa de desertos onde a lógica ignora a sede.
Mas a compaixão é uma geometria curva.
É o corpo que se inclina para escutar o que não foi dito;
É a inteligência que descobre, enfim,
Que a dor alheia não é um enigma a ser resolvido,
Mas um mistério a ser abraçado.

Misericórdia é a pele da alma.
É o reconhecimento de que somos todos feitos de uma argila que trinca ao sol,
E que a mão que ampara a queda do vizinho sustenta,
Sem saber,
O seu próprio equilíbrio.

Não se trata de descer ao abismo,
Mas de reconhecer que o abismo é um solo comum.
É a delicada ciência de ser abrigo
Sem precisar de paredes, nem de teto, nem de leis.

Basta o olhar que acolhe a sombra,
E a coragem de ser,
No meio do ruído do mundo,
O pouso onde o cansaço do outro encontra o seu descanso.

O Vazio das Minas: O Ouro Transfigurado

O ouro é um sol que se pôs dentro da montanha,
Um clarão que se escondeu nos veios da terra.

Não é o tesouro oculto que define este chão,
Mas o desenho da fenda que o atravessa.
Minas é um corpo que aprendeu a ser alma
Pela via da subtração, pela gravidade do desaparecimento.

O metal, em seu brilho fátuo, foi-se embora,
Deixando atrás de si uma arquitetura de ecos e sombras,
Nas cidades históricas, onde o bronze dos campanários
Ressoa no espaço deixado pela riqueza levada.

A filosofia do barro é a paciência de quem fica.
Enquanto as frotas cruzavam oceanos de ganância,
Aqui se erguia uma arte feita de saudades e excessos dourados:
Altares de talha que cintilam como auroras petrificadas,
Púlpitos que pregam em madeira a eloquência da fé,
Retábulos que guardam, em ouro e sombra, o segredo das almas ajoelhadas.

É a mística do oco:
Quando a matéria se esvai,
Resta a forma pura da devoção,
O santo esculpido em cedro vazio,
Revestido de uma espiritualidade aurífera.

O ouro que sangrou das entranhas da serra,
Foi reconstruir Lisboa sob o pó do terremoto,
Fulgir em retábulos alheios,
Coroar altares além-mar com a riqueza brasileira.

Ficamos apenas como herdeiros de um mapa de ausências,
Buscando a essência no que falta,
No silêncio das galerias onde o vento hoje é o único mineiro.

Há, contudo, nobreza na ferida aberta da montanha:
Ela ensina que a riqueza não é o que se acumula,
Mas o que, uma vez perdido, nos obriga a criar o Belo.

Tocar este vazio é ler a biografia de um povo
Que converteu escassez em liturgia.
Pois, se o ouro foi a pressa do mundo,
O vazio é a nossa permanência —
O espaço onde a alma,
Liberta do peso do metal,
Encontra, enfim, sua própria voz.

E nesta voz ecoam sinos perenes,
Que já não anunciam tesouros, mas revelam mistérios.
É a montanha feita altar,
É Minas erguendo-se, barroca e infinita,
Na glória de quem soube transformar a falta em oração.

Canteiro de Hortênsias — A Beleza como Resposta

A hortênsia é a cor de sua circunstância.
Testemunha que nada nasce pronto:
Tudo se revela no atrito com o mundo.

A semente é um projeto mudo, uma promessa sem matiz.
A glória do canteiro não reside no código do DNA,
Mas na alquimia entre a raiz e a terra.

A hortênsia habita o limite entre o mineral e o sopro:
Não traz a cor no bojo de sua herança;
Traduz o solo em pigmento,
Extrai do chão sua paleta invisível.

Se a terra é ácida, saturada de alumínio,
A pétala se abre em oceano —
Um azul profundo, quase memória do mar,
Que reverencia o silêncio das águas antigas.

Se o solo é brando, alcalino e doce,
A cor desliza ao rosa —
Um rosa que parece nascer do próprio coração da terra,
Suave como aurora, delicado como o amanhecer.

A beleza não é dom de berço;
É gramática da adaptação.
Sua estética é reação; seu gesto, resistência:
Graças à sua capacidade camaleônica
De, sob o mesmo código genético,
Ostentar matizes distintos —
Vestindo o azul ou o rosa que o meio lhe imprime.

A flor aceita o destino que o solo serve
E o converte em liturgia visual.
Ensina que a dignidade não está na rigidez;
Mas na fluidez de ser espelho do abismo.

Como a hortênsia, somos enunciados da terra:
Reações vivas diante do contexto que nos sustenta.
Cada matiz que revelamos é a cor inédita
De nossa própria circunstância,
Em nossa interação com o mundo.

O eu é território permeável,
Tingido pelo sabor que nos nutre.

Piassanguaba

Lugar onde os peixes repousam.

Palavra que dança como espuma, que se estende como rede lançada,
Que descansa como barco ancorado,
Que conserva o cheiro da mata sob o mistério das águas que recuam.
Dizem que aqui o peixe para.
Mas o que é parar, senão transformar o ímpeto do rio em profundidade?
É o intervalo do que é vivo diante da vastidão do oceano que o engole.

Piassanguaba.
Tem som de remada curta, de bico de garça sulcando o silêncio do mangue.
É o estuário onde o rio se entrega, exausto, ao abraço salobro do Atlântico.
Ali, a vegetação vigia.
O verde é uma muralha de musgo e rendas de samambaia,
Um cheiro quente de terra que fermenta sob o sol.

Piassanguaba.
Onde a foz encontra o fôlego
E a alma, fatigada de correnteza,
Aprende o ofício de ser cais.

Por que paramos?
Para descansar ou contemplar?
Assim como o peixe,
As pessoas também precisam desse interstício
Após o embate bruto
Entre a serra que desce e o mar que açoita a encosta.

É bem ali, no remanso do sorvedouro,
Que a prata das escamas cintila sobre o breu do lodo;
Que se revela o contraste da vida.
Onde a raiz do mangue —
Dedo de caranguejo —
Ancora o mundo para que ele não escorra com a maré.

A Oficina do Dia e o Quintal do Sonho

O Sol é o mestre de obras do nosso universo,
Um titã de ouro que se ergue cada manhã.
Tão grande, tão potente,
E, contudo, cativo do próprio brilho: não pode sair à noite!

Ao crepúsculo, o dia recolhe suas tintas douradas,
Guardando-as no estojo secreto do horizonte.

É então que a Lua — floco de prata suspenso no vácuo —
Contempla a retirada solar,
Como quem sorri do peso da grandeza.

Pequena, sem fogo próprio,
Sentinela pálida de face oculta,
Ela vigia a Terra,
Enquanto o Gigante dorme no leito do poente,
E ainda tem tempo para brincar
Como uma menina que atravessa o escuro sem medo de cair.

O Sol ilumina o trabalho; a Lua, o repouso.
Um é o ponto final do dia; a outra, a reticência da noite.
Ele dá contorno ao mundo; ela oferece asas ao sono.
Um brilha na força que realiza; a outra, na alma que imagina.

A vida é essa costura:
Metade feita de mãos que constroem;
Metade, de olhos que sonham.
Pois o mundo só suporta a verdade incandescente do Sol,
Porque sabe que a Lua trará o alento das ilusões.

O Sol é a certeza do que somos;
A Lua, o infinito do que ainda podemos ser.

A Teimosia dos Fios

O problema de dar um nó cego é que o nó não enxerga a saída.

O mundo acordou hoje cheio de nós,
Emaranhado em laços de compromissos,
Em prazos que se apertam.
Um nó na gravata, outro na garganta,
Um nó na correntinha do pescoço,
E aquele dilema que a lógica não resolve.

O nó é a rebeldia da linha que resolveu abraçar a si mesma
Por excesso de solidão.
Há quem tente a força — essa grosseria dos dedos —
E acabe por converter o laço em embaraço,
Como se a violência fosse capaz de ensinar à fibra
A senda da liberdade.

Quanto mais força,
Mais a fibra se cala em silêncio de corda.

A ciência do desate não mora no aperto.
Mora no hiato.
É preciso dar ao nó o que ele mais teme: o espaço.
A única saída que não precisa de portas.

Um nó não se desmancha por medo da lâmina,
Mas pelo tédio da geometria.
Basta um descuido do vento, uma distração da paciência,
E a linha se lembra de que nasceu para ser reta,
Para atravessar o mundo sem se deter em si mesma.

A sabedoria é esse não fazer:
Se o mundo insistir em te amarrar os passos,
Não puxe as pontas com fúria de quem quer chegar.
Apenas ofereça ao fio a folga do intervalo.

Pois o nó que não se resolve,
Costuma virar caminho assim que deixamos de puxar.

Trincheiras da Conversa

Há diálogos que já nascem cansados,
Mesmo quando o assunto é novo,
Como se cada palavra viesse marcada por cicatrizes de outras batalhas.

A paciência não basta,
Nem o cuidado das sílabas escolhidas com a delicadeza de quem segura cristal.
O ar da conversa já vem contaminado,
Um ranço antigo que se infiltra na pele fresca do tema.

Cada frase tenta avançar,
Mas tropeça em lembranças não ditas,
Em ressentimentos que se escondem atrás das pausas.
O silêncio, nesse território, não é descanso: é trincheira.

E, no entanto, há um rumor de esperança,
Que insiste em atravessar o labirinto.
Talvez seja o gesto de escuta,
Talvez o desvio súbito de uma metáfora,
Talvez o inesperado riso que rompe a geometria da mágoa.

A conversa difícil é também caminho:
Seu rumo não se mede em chegada,
Mas na coragem de permanecer
Mesmo quando cada palavra parece nascer já ferida.

E quem sabe, ao final,
O peso antigo dissolva-se num instante de clareza,
Quando o diálogo,
Cansado de guerra,
Lembrar-se de que deveria ser entendimento.

A Geologia do Ser: Erosão, Sedimentação e Metamorfismo

Sob o peso do tempo profundo, a rocha guarda o segredo de eras.
O ser humano, breve instante, pergunta-se se também será fóssil na memória do cosmos.

A água desgasta a rocha,
Assim como o tempo desgasta e faz erodir certezas.
O que parecia eterno —
Torna-se pó,
Mas abre espaço para o novo.

As camadas de terra acumulam-se.
As memórias sedimentam-se aos poucos.
A vida constrói seus estratos na paciência dos séculos.
Cada grão é lembrança,
É fundação de futuros mundos.

Sob pressão, a rocha muda.
Sob dor, a alma floresce.
Tudo é metamorfose, tudo é passagem
Para outra forma de ser.

A terra respira em ciclos
Assim também o espírito,
Que se desfaz, se avoluma
E renasce em nova essência.

Sou o sedimento que cai e a montanha que resiste;
Aprendo que viver é transformar-se sempre.

Confissão de um Vulcão

"Tenho o corpo aceso e o espírito em brasa."
Clarice Lispector

Há em mim um fogo escondido,
Um magma em ebulição que não se mostra:
Habita o hermetismo das placas tectônicas.
Ele pulsa em silêncio,
Esperando o instante de romper a superfície.

O amor em mim é vulcão:
Explosão de ternura
Lava que escorre em abraços,
Coração ardente que deseja o mundo inteiro.

Não escolho a hora de criar uma fenda,
Se entro ou não em erupção:
Sou refém da minha própria intensidade.

Sou a prova viva de que para criar um mundo
É preciso, primeiro, ter a coragem de transbordar.

O que Ultrapassa a História

História é o peso e a Filosofia é a elegância do que sobra.

A História da Humanidade é um inventário de posses:
O traço das fronteiras, o peso dos metais,
A arquitetura dos nomes que o tempo tenta fixar.
Mas a Filosofia é a elegância do vazio,
O espaço entre uma ruína e o que ainda não foi dito.

É irônico que se construam colunas tão altas
Apenas para sustentar o silêncio de quem passa.
O pensamento não precisa de canteiros de obras;
Ele mesmo é a luz
Que atravessa o vitral sem quebrá-lo,
O hóspede que conhece a casa melhor que o dono.

O que ultrapassa a História não é o acúmulo,
É o desapego de quem compreende o fluxo.
Enquanto o poder se ocupa em datar o mundo,
O filósofo prefere desidratar o instante,
Extraindo dele o que é essencial.

Enquanto as pessoas erguem muros para deter o vento,
A reflexão é o próprio vento — incapaz de ser retido,
Autor de todo o movimento.

A posteridade é uma moldura estreita
Para conter o que é eterno.
É preciso, antes de qualquer coisa,
Ser apenas a ideia que sobra
Quando o cenário, enfim, se retira.

Brincos de Argola

O círculo é a forma que o tempo escolheu para nunca se perder.

Ouro, prata ou outro metal, moldados em curva infinita:
Um ciclo que não se interrompe na orelha do tempo.
Círculos que emolduram —
Herança de povos que leram as estrelas muito antes de nós.

No balanço do convés,
No Caribe, nas tavernas de Tortuga ou no mar aberto,
A argola era o troféu dos piratas.
Não apenas adorno,
Mas talismã para que o ouvido captasse o vento
Antes que a tempestade rasgasse a vela,
E amuleto contra o sedutor canto das sereias
Para que não se rendessem ao feitiço das ondas.

E se o destino decidisse encerrar a viagem,
E o marinheiro encontrasse repouso em solo estrangeiro,
Aquele aro de metal era o seu último tesouro.
Um penhor de luz para garantir o sono,
Trocando o brilho da orelha pela paz do chão,
Transformando o metal em um leito de dignidade
Sob o abrigo da terra ou sob a canção do oceano.

Hoje, os brincos de argola balançam no ritmo do passo urbano.
Ainda carregam a rebeldia de quem desafia o horizonte,
O brilho de quem se recusa a ser linear.
A argola é o mundo que gira...

E para mim, um círculo vicioso:
Dou voltas e mais voltas, e sempre as escolho.
As argolas são meus brincos favoritos:
Terei alma de pirata?

Arco, Flecha, Tacape, Lança e Tangapema

Ressoam ecos de madeira e fogo,
Na dança dos guerreiros, na memória dos ancestrais.

O chão estremece em passos sagrados,
Corpos riscados pelo jenipapo, coroados de penas,
Vozes que se erguem em cantos de guerra e cura.

Armas que são também símbolos,
Não apenas golpes, mas marcas de poder, de honra, de destino.

O arco é a curva do horizonte que o guerreiro verga;
A flecha, raio de tucum, que sibila sob o coro das araras;
O tacape, escudo de madeira-viva, protege o coração da aldeia;
A lança, espinho do tempo, perfura o manto do amanhã;
A tangapema, talhada em cerne escuro, ostenta o colar de sementes,
Enraizando o passo do guerreiro na terra que o sustenta.

Após o combate, resta a cicatriz que se tornou adorno.
Tudo gravado em cada fibra da terra, em cada nome de quem partiu,
Na língua que a floresta ainda canta.

Experiências Inesquecíveis

Somos como os rios que guardam em si o palpitar da primeira nascente.

As primeiras experiências são sementes lançadas em nossas almas.
Não importa se florescem em alegria, ou se ardem em dor —
Elas aprofundam raízes na memória.

O olhar que nos reconhece,
A voz que nos chama,
O tropeço que nos ensina,
A canção que ouvimos,
O silêncio que nos inquieta:
São marcos, não porque sejam perfeitos,
Mas por revelarem a fragilidade de existir pela primeira vez.

Nesse instante inaugural, tudo parece maior do que nós.
Depois, repetimos, recriamos, amadurecemos.
Mas nunca é igual.
O frescor da estreia não se repete.

E talvez seja por isso que carregamos essas lembranças como bússolas secretas —
Não para voltar, mas para seguir adiante,
Sabendo que o inesquecível é o que nos fez começar.

O Ofício da Aceitação

Entre o que se deseja e o que acontece, reside a arte do ajuste.

Não é o gesto resignado, nem a entrega derrotista,
Que me faz render à situação sem saída.
Aceitar é, antes de tudo, o desprender-se da bússola:
A lucidez de compreender que o atrito do mundo
Não é erro ou acidente de percurso,
Mas a própria caligrafia do caminho.

Há um traçado inconfundível no que não se deixa alterar.
O sol, em sua rotina de fogo, não indaga ao horizonte sobre o ocaso;
Nem a semente, em seu recolhimento, discute com a terra o desenho da folha.
Eles apenas são — em ampla concordância com o que lhes cabe.

Desprendo das mãos o que insiste em ser outra coisa.
Entendi, enfim, que os obstáculos são a própria intenção da estrada.

Não mudo a direção dos ventos;
Apenas ajusto a vela.
E, nesse acerto, descubro que o vento,
Em sua indiferença soberana,
Sempre me empurrou para o lugar onde,
Em silêncio,
Eu já esperava por mim.

Ilhas do Mediterrâneo

As ilhas são sinais gráficos de pontuação oceânica:
Reticências líquidas, vírgulas suspensas, pontos finais de espuma —
Pausas do mar em sua oração interminável.

No azul que se expande sem fronteiras,
Lanças de rocha afloram do abismo,
Dardos que rasgam a face das águas
E se erguem como hieróglifos de permanência.

Essas ilhas são pedras que ouviram o canto das sereias,
O pranto dos deuses exilados,
O desamparo dos navegantes perdidos.

Cada enseada é um verso ditado pelo vento,
Onde o sal redige epístolas invisíveis
E o sol, em sua liturgia dourada,
Consagra o horizonte com o batismo da claridade.

Sicília e Sardenha,
Chipre, Creta e Córsega,
Rodes, Delos, Malta e Baleares —
Nomes que dobram como sinos de marfim sob as ondas,
Reverberando mitos, guerras, amores.
Soberanas, estratégicas, navais,
Imersas em mistério.

Ilhas ímpares, arquipélagos da alma,
Vossos rochedos são rimas petrificadas,
Vossas oliveiras, oráculos verdes,
Vossos portos, inscrições nas costas recortadas.

E o Mediterrâneo,
Esse mar de correntes ocultas,
Envolve cada uma de vós em suas ondas de poesia e de espuma,
Como se o tempo fosse marinheiro
E vós, âncoras lançadas no fundo da memória.

A Vida como Invenção do Nada

Para habitar o vácuo,
O homem improvisou uma varanda aberta para olhar o infinito.

Não havia chão, mas inventamos passos.
Não havia céu, mas criamos olhos que o buscassem.
A vida é um paradoxo:
Nasce do vazio, e ainda assim floresce em excesso.

Somos arquitetos de sentidos em vãos suspensos sobre paredes invisíveis.
Pintores que criam cores de uma paleta de sombras.
O nada nos sustenta, como um palco sem tábuas,
Onde nos equilibramos em órbitas cegas.
Não enxergamos o abismo que nos circunda.

Aprendemos a mobiliar o vácuo, a acender o escuro...
E a chamá-lo de casa.

O Erro dos Calendários

A eternidade não é a soma infinita dos dias que passam,
Mas a presença indivisível de tudo o que é.

Não nos enganemos com a sucessão dos dias,
Nem com o calendário que os seres humanos inventaram.
O que chamamos de Eternidade é este fundamento, o absoluto,
A essência que sustenta as formas vãs,
O silêncio que contém todas as vozes.

Não busquemos distância: ela é o artifício dos fracos.
Para quem compreende a densidade do Ser,
O passado não se foi e o futuro já nos habita.

Tudo é sempre,
E o Nada é apenas o nome que damos ao que é vasto demais para os olhos.
Neste ponto — que é o Todo—a memória não é fardo,
Mas a presença viva.

A luz e a sombra trocam de vestes no pórtico,
E o sábio não viaja, pois crê já ter chegado ao centro.
Ser não é o esforço de durar entre os séculos;
É, simplesmente, não deixar de estar.

Madrugada

O mundo só não se evapora porque há sempre uma alma em serenata.

A cidade dorme.
O tempo hesita entre o que já foi e o que ainda não nasceu.
Na penumbra, os pensamentos ganham contorno:
São mais nítidos que à luz do sol.
A alma se pergunta:
Quem sou eu, quando ninguém me observa?

Cada estrela é uma pergunta,
Cada sombra, uma resposta incompleta.
E o coração, inquieto, descobre-se viajante
Num território onde o real se mistura ao sonho.

Na madrugada, a solidão não dói:
Ela se senta ao meu lado, e juntos esperamos o dia.

É a hora das serenatas,
Quando a voz atravessa a umidade da noite,
Misturando-se à névoa,
Germinando canções de amor, debaixo das janelas.

Sinto o sereno que cai serenamente.
Como se a noite transpirasse o cansaço do dia.
Compreendo, enfim, a alquimia do orvalho:
O que amanhece sobre as pétalas não é água,
Mas o sedimento das palavras que não puderam voar.
Toda minha inquietação, quando atinge o ponto de saturação,
Precisa virar gota antes de evaporar.

E, na transparência desse orvalho, respondo a mim mesma:
Somos o que resta do atrito da alma;
Somos a nitidez que umedece;
A prova líquida de que, enquanto a cidade dormia,
Nós — as sombras e as serenatas — fomos a única forma
De manter o mundo acordado.

O Elogio e a Censura

O elogio e a censura são moedas de câmbio incerto:
Seu valor não reside no metal de que são feitos, mas no vão do peito onde escolhem ecoar.

O elogio desliza como violino cansado —
Som doce, porém, breve,
Que se perde nos sustenidos e bemóis do mundo.
A censura é tambor abafado —
Golpe que ressoa no peito,
Mas logo se dissolve em colcheias apressadas.

Ambos são música:
Um em tom maior, outro em tom menor.
Sempre em dissonância, sempre em busca de um acorde impossível.

E nós, entre eles, não escolhemos —
Apenas escutamos o estribilho,
Como quem recolhe gotas num vidro chuviscado.

Pois o elogio nem sempre consola, a censura nem sempre destrói:
São variações da mesma canção,
Que insiste em se repetir na alma fatigada dos homens.

Domingos Vazios

Vi os domingos crescerem, sem pressa, no meio da sala.
Agora, acompanho o seu silencioso recolher.

O Domingo estende-se como rua sem destino,
Sem compromissos,
E um coração que espera
O que é cada vez mais difícil de chegar.

Ainda ecoa o rumor dos passos,
Mesmo quando a sala está de luzes apagadas.
Há intensidade guardada nas cadeiras que já viram encontros,
Nos portões que já se abriram para festas e despedidas.

As janelas fechadas deixam passar, pelas frestas, uma luz tênue,
Desenhando quadrados de poeira suspensa
Sobre o tapete que ninguém pisa.
Os corredores lembram vozes.
Sobre a mesa de jantar,
Um pedaço de pão endurece por falta de partilha.
E cada canto parece dependurado
Entre o que foi vivido e o que já não se repete.

Domingo repousa, mas não se apaga —
É um fogo discreto, ameaçado,
Que insiste em arder na lembrança
Dos que viveram dias cheios demais para caber no presente.

Buraco da Agulha

No vão da agulha, cabe o mundo que importa.

Com o passar dos anos, o mundo parece diminuir de escala.
Antes vasto, de portas escancaradas,
Agora, decide testar nossa pontaria,
E convida aos gestos de precisão.

O buraco da agulha tornou-se um desfiladeiro.
A linha, frágil, insiste em desfiar,
Mas há uma pausa no tremor das mãos:
O olhar é forçado a enxergar o detalhe
Que a pressa de ontem sempre atropelou.

A bula do remédio exige uma lupa:
Lemos letras miúdas e advertências sem fim,
E hesitamos diante do comprimido.
Se o botão da blusa erra a casa,
Talvez seja um lembrete:
O tempo de vestir a alma
É maior que o tempo de vestir o corpo.

Se a sopa escorre da colher como um rio apressado,
Aprendemos a beber o instante em goles lentos.

Tudo bem.

Pois envelhecer não é perder o mundo,
Mas atravessar o estreito vão da agulha
Com o que realmente importa.

Não é sobre a agilidade perdida
Mas sobre o manejo cuidadoso de quem,
Entre uma bula e uma costura,
Descobriu que o essencial sempre consegue passar.

A Cartografia do Centímetro

O infinito cabe no mínimo.

Questão de perspectiva:
Um galho de árvore é, para a pata da aranha, um continente inteiro.
Cada centímetro é um Estado soberano,
Com sua própria umidade,
Suas florestas de fungos invisíveis e desertos de poeira estelar.

Ali, a geometria não é plana:
Uma gota de orvalho é um oceano suspenso,
Um grão de pólen, uma montanha.

O mundo é vasto e profundo.
Em cada centímetro pulsa um ecossistema completo,
Uma geografia inteira,
Onde o absoluto se estende no horizonte
Entre um galho e o próximo.

O Peso do Invisível

Talvez o fardo mais pesado seja o que nunca levantamos.

Alguns caminhos nunca se abriram,
Como trilhas apagadas antes do primeiro passo.
Muitas portas permaneceram fechadas.
Longos silêncios não se tornaram palavras.

No fundo de minha alma,
Uma indagação discreta insiste:
Não do que foi,
Mas do que poderia ter sido.

E eu me pergunto:
Sou eu o que fiz
Ou sou igualmente o que deixei de fazer?
Sou o som das portas que bati
Ou o eco das que nunca abri?
Somos, em parte, o que não ousamos ser?

O mundo também se constrói com ausências,
Com gestos que não aconteceram.

Talvez o mais pesado fardo
Não seja o que carregamos,
Mas o que deixamos para sempre no chão.

Pequenas Rebeldias

O conforto é o sono da consciência;
Só o que incomoda nos devolve ao caminho.

As impertinências instalam-se na sala,
Com o cinismo das goteiras, molhando o tapete das nossas certezas.
Fazem perguntas inoportunas, comentários atravessados...

São pequenas rebeldias:
O riso durante um discurso de posse,
O bocejo na missa,
O aplauso no momento errado.

Mas... pode ser que algumas sejam necessárias,
Como o são certas pedras no sapato que,
Por vezes, nos lembram de que ainda há caminho...

Sem elas,
Talvez a vida ficasse reduzida a uma sala de espera:
Onde todos cochilam em fila, indiferentes, até o fim dos tempos.

Visão de Tamarutaca

Há mundos que só existem quando os olhos se abrem para além da visão.

Se eu tivesse olhos de tamarutaca,
Nenhuma cor seria como as enxergamos.
O azul não seria apenas azul,
Mas mil azuis em cascata,
Um arco-íris secreto nas águas do mar.

Veria o invisível,
O ultravioleta dos sentimentos,
O brilho escondido nas palavras furta-cores,
O matiz que mora na penumbra.
Pois até a noite estaria repleta de cores que hoje desconhecemos.

Provavelmente,
O mundo inteiro seria poesia multicolorida.
E eu, aturdida,
Descobriria que nunca vivi em branco e preto,
Mas que meus olhos apenas dormiam
À espera dessa explosão de pigmentos.

Punhado de Coisa Macia

Extrair suavidade no que se esfarela é transformar mandioca em afeto.

Mandioca — versátil dádiva de nossa terra,
Raiz que se entranha no solo.
Tem a força de quem sabe esperar debaixo do chão,
Com a paciência lenta da seiva.

Depois de colhida, repousa na água até fermentar:
Transforma-se em rendas de amido,
Mandioca mole: carimã.

Nome tupi que modula,
Na harmonia das palavras sonoras,
A ternura de um punhado macio.

E quando chega à mesa,
É pão que se desfaz em leveza,
Cuscuz que acaricia o paladar,
Bolo cujo cheiro desperta a casa inteira.

É maciez que se degusta,
Ancestralidade que se cozinha,
Tempo que se mastiga,
Compromisso de fartura em massa puba.

Carimã é memória da taba,
Brasil que se levanta da terra,
Farinha que se faz poesia repartida em fatias.

O Ovo — Gênese e Ironia

Se o ovo é símbolo da origem, sua perfeição só se cumpre no ato de ser quebrado?
O nascimento é criação ou é destruição?

No princípio, o ovo.
Esfera perfeita, arca do silêncio, cálice da origem.
Dentro dele, o ser repousa:
Um cosmos em miniatura;
Um mistério suspenso entre o nada e o tudo.

Mas não há nascer sem ruptura.
É preciso o estalo,
O rasgo da casca,
A lembrança de que a vida é sempre ferida inaugural.

Do quebrar, surge o espanto:
A luz invade,
O mundo se abre,
O ser se descobre indefeso diante do infinito.

E então, o paradoxo:
O universo, antes sagrado, transmuta-se em profano,
Em omelete cósmica —
Banquete da transformação.

Não se faz vida sem quebrar;
Não se tem origem sem perda.
Ovo: símbolo da gênese, mas também da ironia,
Pois o enigma da criação também se oferece, desafiador,
Como alimento.

Depois Daqui

O rio não termina no mar; ele se torna o mar.

Espaço e tempo dissolvem-se
Como sal na água do infinito.
Não há portas nem muros,
Apenas a respiração da eternidade.

Não somos mais nomes, nem rostos.
O fim é apenas metamorfose:
Um retorno ao que sempre fomos,
Centelha e mistério.

Primeira Oração

"No princípio era o verbo.
Depois, veio o sujeito e os outros predicados:
Os objetos, os adjuntos, os complementos, os agentes, essas coisas.
E Deus ficou contente.
Era a primeira oração."
Anônimo

Antes do tempo, o Verbo era um abismo de luz:
Pura potência suspensa no silêncio do Incriado.
Não havia quem visse, nem o que fosse visto;
Apenas um fôlego que ainda não soprava.

Então, do âmago do Infinito, emergiu o Sujeito.
Não como indivíduo, mas como a consciência que assume o Eu:
O ponto fixo de onde emana toda a perspectiva.

Para que o Ser não se dissolvesse em si mesmo,
Pintou-se de finitude o que era absoluto.
O objeto tornou-se espelho para que o Ser, enfim, se reconhecesse.

Os adjuntos revestiram-se de circunstâncias:
O tempo, que esculpe a espera;
O lugar, que circunscreve a esperança;
O modo, que dá cor à súplica.

Estabeleceu-se a sintaxe da existência:
O vínculo que une a criatura ao Criador.
É a oração inaugural — e a mais elevada —
Quando o Sujeito se ajoelha diante do Mistério.

O Que Busco?

O caminho não é a linha que separa partida e chegada,
Mas o intervalo onde o caminhante se descobre.

Somos anônimos.
A liberdade de não ter nome é também a de inventar-se.
Carregamos o privilégio de não sermos reconhecidos,
De sermos sombras entre sombras.
Na ausência de identidade, podemos nascer de novo.

Somos nômades.
Entre o que fomos e o que seremos,
Habitamos o vazio fértil do inacabado.

Somos indigentes.
Necessitados de sentido e de abrigo.
Não possuir é estar aberto ao inesperado,
Não ter é poder receber.

A vida é o pretexto da busca.
Meus pés, bússolas sem Norte, traçam a estrada no instante do passo.
Caminhar é despir-se de destinos
E quando paro, é aí que avanço;
Chego mais perto daquilo que realmente importa.

Um dia encontrarei o que não sei que busco.
Mas eu o saberei assim que o encontrar.



Índice

Folhas de Ontem, Versos de Agora 5

A Alquimia do Verbo: Entre a Tinta e o Papel 6
Rosa Maria 7
Natal 8
Os Novos Conselheiros Acácios 9
Ninho das Garças 10
Sopra o Fogo Quem tem Frio 11
O Homem Que Não Voou 12
Desejos de Espuma 13
O Tempo, Conquistador Invisível 14
Almoço Incluso 15
Já é Agora. Já já é Daqui a Pouco.... 17
A Difícil Arte da Convivência 18
Gamela: Bacia do Brasil 19
Curiosidade ou Indiferença 20
Pernas, Pra quê te Quero? 21
Exílio de Mim 22
Aracati: Sopro do Mar no Sertão 24
De Pequenos Começos Nascem Grandes Histórias 25
O Abajur me Contou que tem Medo do Escuro 26
Entre o Homogêneo e o Heterogêneo 27
Fé: Caminho, Cura e Gratidão 28
Ando com o Coração na Mão 29
O Mistério da Chave Que Nunca Está Onde Deveria 30
Mundos e Fundos 31
Poema em “E” 32
O Sacrário de Ébano: A Epopeia do Tabuleiro 33
O Botão Que Não Virou Flor 34
Instrumento de Paz — Um Canto Franciscano 35
A Repetição dos Dias 36
Metamorfose 37
O Caderno Perdido de Leonardo 38
Lâminas do Deserto Onde Dormem os Reis 39
O Encanto da Imperfeição 40
Pentateuco 41
Papel de Seda — Relou, Rasgou 43
A Fazenda de Café 44

Sexto Sentido 46
O Pensamento que Fugiu da Cabeça 48
É Outono 49
A Monarquia dos Baralhos 50
Doce Brasil 51
Entre Elfos, Duendes, Gnomos e Fadas 53
Jabuticaba: Doce no Pé 55
O Volume do Silêncio 56
Cobogó — A Poesia da Permeabilidade 58
Não-te-esqueças-de-mim 59
A Flor que Esqueceu seu Nome 60
Elefantes de Guerra 61
Ob Portus: A Arte de Navegar os Destinos 62
O Gato e a Oliveira 64
Botão de Alcachofra 65
Samba é Isso 66
Partícula Se 67
Poetisa em Dia de Chuva 68
Dízima Periódica 69
Regra de Três 70
Entre o Tempo e o Contratempo 71
Há Tempo para Depois? 72
Ginnungagap: O Ventre do Mundo 73
O Mundo Está Sem Ternura 74
Pensar Demais é Coisa Perigosa 75
A Passo, a Trote ou a Galope 76
A Alma em Alternância 77
Curto-circuito 78
Chuva de Cores, Chuva de Flores 79
Varandas nas Redes: Tramas do Sertão 80
A Travessia que Fundou um Império 81
Partir para a Galileia 82
Efeito Dominó 83
Gases e Poeiras 84
Castelo de Areia 85
Birra Filosófica 86
Bola Dividida 87
Rir é Maquiagem 88
Envelhecer entre Árvores Antigas 89
Graça, Gratidão e Bênção 90
Frutinhas Vermelhas 91

Caixa de Ferramentas: O Triunvirato do Aço 92
Cesta de Piquenique. 93
Pinguela: Onde a Natureza Faz Caminho 94
Cantor da Madrugada. 95
Serelepe: o Esquilo que Planta Árvores 97
Sumaúma, Mãe da Amazônia 98
O Risco da Sinceridade 100
O Amor em Estado Gasoso. 102
Rapadura: Doce de Engenho 103
O Último Chapéu 104
Caminho das Pedras. 106
Teatro das Paredes 109
Clície: A Flor que Seguia o Sol 110
A Primeira Pérola 111
Ponto a Ponto 112
Baile das Borboletas 114
Romeu-e-Julieta à Moda Brasileira 115
Aranhas Fiandeiras 117
Setenta Vezes Sete 119
Receita de Família 120
Pintura de Retrato e Fotografia de Retrato 121
Algodão — O Fio da Natureza. 122
De um Dia para Outro 123
Fogo de Palha 124
Dunquerque: Entre Dunas e Gavetas 125
O Peso do Não Dito 126
Bolo de Maçã com Nozes 127
Prefixos Latinos de Movimento 128
Fogo de Encontro 129
Tapete de Poesia 131
Meteoro da História 132
O Labirinto Verde 133
A Metonímia da Ramona. 134
De Mala e Cuia. 135
Faz-de-conta 136
Preguiças — O Rio que não Corre 139
Tamanduá-bandeira, o Farejador do Cerrado 140
Jó: Poema da Travessia 142
Tradição, Guardiã do Tempo. 143
Voçorocas. 144
Instantâneos 145

Sinestesia das Cores 146
Andorinha: Pequenas Asas na Imensidão 148
Cordas que Choram, Cordas que Sorriem 150
Vestido de Baile 151
Um Dia no Tempo. 152
Picasso de Málaga 153
Buona Távola 154
Cada Um Vê o Que Quer 155
O Pintor e o Sapateiro 157
A Ilusão Azul. 158
Os Sertões de Euclides da Cunha 159
A Árvore que Perfumou o Mediterrâneo 160
A Caverna de Platão. 161
Palmeira dos Butiás 162
Caminho de um Peregrino: do Inferno ao Paraíso 163
Vagalumes 164
Espelho Vivo 165
Coqueiro do Mato 166
Supino 167
Corais Marinhos 168
O Cego Bartimeu 169
Magnólias. 170
Desencanto 171
A Matemática da Saudade 172
Jacarandá 173
Falésias – na Linha da Praia 174
Ladeira da Memória. 175
Estrelas Cadentes Não São Estrelas... 176
Concerto Sob a Regência do Mar 177
Aglaia, Tália e Eufrosina 179
Flor de Laranjeira 180
Macaco Sabe o Galho em que Pula 181
Entre Trepadeiras de Guaraná 182
Diamantes do Araguaia 183
Alma de Mármore 184
Salto do Arco-íris 185
Fantasias de Carnaval 186
Pescaria – Poesia Submersa 187
Rua Direita 189
Qual o Sentido do Amor?. 190
Você, Mantiqueira 191

Atlântida Está Perdida? 193
Teorema do Triângulo Oculto 196
Cadeira de Balanço 197
Nos Cafundós do Judas 198
Lanças ao Vento: a Odisseia de Dom Quixote 200
Tempo e Memória 202
Hunga Tonga 204
Pequenos Milagres Verdes 205
Benbulbin, Pedra que Sonha 206
Pimenta e Dendê. 207
Siracusa, Uma Descoberta 209
Onde Estão as Camélias? 210
À Beira do Peabiru. 211
Conversa Fiada. 214
Colunas Gregas 215
Fundação de Marselha 217
Balaio Esquecido. 218
Eu Caminho nos Desertos 220
Cozinha de Fora 224
Ser tão Sertão. 226
Tocantins: Um Poema Escrito pelos Rios. 228
Promessa de Juventude 229
O Menino Que Colecionava Tampinhas 231
A Arte de Rendar 232
Tríade Pantaneira 233
Egoísmo e Desapego 235
Enganos. 236
Bibelôs 238
Mercado de Vaidades 241
Horizontes do Otimismo 243
Janeiro? Que Seja! 245
O Segredo das Joaninhas 247
O Azul Que Veio do Mar 249
Borboleteio 251
Misericórdia: O Rosto de Deus 253
Sobretudo. 255
O Imponderável 256
Verbos Defectivos 257
Perdas e Danos, mas também Ganhos 258
Profetas e Sibilas 260
Cricrió, Furriel e a Sapucaia Rosa 262

As Luas de Galileu 263
Piperi – A Jangada dos Ventos 264
Cateto: O Lado Selvagem da Matemática. 265
Cuco, Refém das Horas 266
Brincadeiras Esquecidas 268
Nada e Tudo: A Filosofia do Zero 270
Nascimento de uma Gôndola 271
Venezianas e Persianas 273
Parafusos e Roscas 274
Humaitá: A Sentinela Que Tombou 275
Nos Passos do Brasil – Ritmos da Terra 277
O Entardecer na Roça 280
Impermanência 282
Curupira: O Menino que Planta Passos ao Contrário. 284
Rapa de Tacho 285
Juruva, Pêndulo da Mata 287
Tesouros de Golconda 288
Gavinhas e Trepadeiras 290
Zenóbia, a Rainha de Palmira 292
Acordo Tácito 294
Nenhuma Roseira Tem Espinhos 295
Quero-quero, Sentinela dos Pampas 297
Ferradura dá Sorte? 298
Simplicidade 300
Morremos Mil Vezes nas Pessoas Queridas 302
Tem Gosto para Tudo 304
João-de-barro e suas Arquitetices 305
Ajudante de Pedreiro 306
Penas, Plumas e Plumagens 307
O Abraço das Palavras 308
Portas e Janelas. 310
Toada de Chifre, Poeira de Boi. 312
A Lama Que Brincava Comigo 313
Quem Senta na Garupa, Não Pega a Rédea. 315
Lençóis Maranhenses: Relevo das Marés de Areia 316
Orgulho: Jardim ou Vazio? 317
Çatalhöyük: Quando Caminhávamos Sobre os Telhados 319
Sujeito Oculto, Mas Eu Sei Quem Ele É! 320
Vilões: De Camponeses a Anti-heróis. 321
Igaçabas de Marajó 322
Entre a Razão que Questiona e o Mistério que Se Abre. 323

O Banquete de Mahon 325
Pintando o Sete 326
De onde Venho? Para onde Vou? 327
Castanholas: Aplausos da Terra, Música dos Dedos 328
O Bigode dos Gatos 329
Coisas que a Gente Aprende com o Tempo 331
Anhangabaú 333
Falar Pouco é Andar Descalço 334
Banho de Chuva 336
Tijuca Imperial. 338
Sob o Estandarte do Tempo 340
Aliás, Havia Também Girondas 342
Borracha Invisível 343
Mercadores de Ilusão 345
Pinguim de Geladeira 347
Uma Poética da Jurisdição Doméstica 348
Decantar o Mundo 350
A Dignidade do Insucesso 352
Tempestade em Copo D'água 354
E a Tempestade Volta... 356
Primavera na Neve 357
Varal de Quintal 358
Vamos Deixar... Para Ver Como É Que Fica 360
As Núpcias de Caná 361
Abridor de Segredos. 362
Esconderijo de Defeitos. 363
O Pires no Tacho. 364
Norte e Oriente 365
A Bailarina que Fugiu da Caixinha 366
A Lágrima que Virou Sal 367
Bordadeira de Estrelas 368
Ponto de Partida 369
Toscana: Poema Italiano 371
Naipi e Tarobá: Catarata em Verso e Queda Livre 372
Licença Para Ser Menos Exigente 373
O Brasil Antes do Brasil. 374
O Perigo de Sentir Demais 375
Ítaca das Emoções 376
Vasos e Cravos 377
É Muito Chato Ser Tão Eficiente. 378
Imperfeições Maravilhosas 380

Alta Voltagem 381
O Nó de Alexandre 382
O Semáforo Sem Rua 383
O Relógio que Conta Histórias. 384
A Sombra que Tem Vontade Própria 385
Pelé e a Bola: Dois Astros em Órbita 386
A Maçã de Woolsthorpe 387
O Mistério do Sustenido 388
Chão de Dentro 389
A Espera Faz Parte da Diversão 390
O Sentido e Seus Desvios 391
Deixei a Sombrinha em Casa. 392
Infâncias Apagadas pela História 393
Brasília, do Risco ao Voo 394
Agora é só Amanhã 395
Teimosia ou Perseverança? 396
Afinando a Viola 397
De Barriga para Cima 398
Garnisé: Um Galo Invocado 399
A Memória Tem Senso de Humor? 401
Refino da Alma 403
O Espírito das Águas 404
Estrelas no Cocuruto 405
Luz que Consola 406
Vão-se os Anéis... 407
Faniquito nas Pernas 408
À Sombra do Poste 409
Faísca e Moleque. 410
Atlas dos Instantes. 411
Troquei Seis Por Meia Dúzia 412
O Mundo Visto de Cabeça para Baixo 413
Cara ou Coroa? 414
Em Caminho Longo, Até a Esperança Pesa... 415
Enquanto Esperamos os Bárbaros 417
Cinco Pães e Dois Peixes 418
O Que Vê Você Quando Você Não Está Vendo 419
Ode à Nínive 421
Viver é Urgente 422
Daisy, Pérola Sem Mar 423
Cerca Malfeita 424
Um Colar para Cleópatra 425

Arabutã – Poema em Brasa. 427
Era Fogo, Agora é Cinza 429
Lago Nakuru, Segundo Minha Neta. 430
Aprendemos — Querendo ou Não 432
Flor da Quaresma: Abril em Tons de Fé 434
Enquanto o Tempo Passa, Eu Faço Hora 435
No Jardim das Oliveiras 436
Qualquer Caminho Serve. 438
O Rei de Um Olho Só 439
A Porta Semiaberta 440
Mangia Che Ti Fa Bene 441
A Arca da Aliança 442
Lugares que Moram na Gente 443
O Brasil Cozinha Até no Chão 445
O Coração Não Tem Juízo 446
A China Moldada em Caulim 447
O Chapéu da Casa 448
O Balanço da Urupema 450
Coração com Senha 451
Entre Dois Bornais 452
Sarará: A Formiga que Voa 453
Labirinto: Não Há Saída Porque Não Há Lado De Fora 454
Emaús: Onde a Luz Caminha 455
Até quando, Catilina? 457
Escalafobética 458
Bola de Meia e Boneca de Pano 459
Tanto Faz 460
Quando o Invisível é Suficiente 462
Dois Exílios. 463
Brevidade com Café 464
Sol de Giz 466
Fórmula da Eternidade 467
Lavadeiras do Velho Chico 468
Nomes que Andam Descalços 469
Pharos: A Ilha que Nomeou a Luz 470
O Sabor do Tempo. 471
Trigonometria dos Sentimentos 472
Ainda Não Desisti – Tomara que você venha nesse Natal 473
Fita Isolante para o Ego 474
Hieróglifos na Areia 475
Mesa Posta 476

Os Três que eram Quatro 478
Feitiço Moderno 480
Diálogo com o Espelho 482
A Substância do Perdão. 483
A Geometria da Verdade 484
Átila e sua Cavalaria de Arcos 485
Escultura: A Matéria que Sonha 487
Enxurrada e Bueiro 488
Memória Figurada. 489
A Filha dos Strauss 490
Entusiasmo Versus Indiferença 492
Vilarejos que Persistem 493
Tem-farinha-aí? — Ave da Caatinga 494
Enquanto Caminhamos. 495
Pelourinho — Altar da Dor e do Axé 497
Amar de Longe, Pensar de Perto. 499
A Tectônica das Personalidades 500
O Médico Lá de Casa 502
Gato Escondido com Rabo de Fora 505
Marfim e Mar Fim 506
A Nau Interior — Em Busca do Autoconhecimento 507
E Se Nunca Acabasse?. 509
Sempre Há Aqueus 510
Nada em Demasia 512
Receita de Domingo. 513
As Duas Cadeiras de Cícero 515
Arquitetura da Natureza 516
O Brinquedo das Ideias 517
Universo Íntimo 519
Se Eu Fosse Ele 520
O Homem que Olhava para Cima 522
Quiproquó: Lições de um Engano. 524
De Orelha em Pé 526
A Arte que Dorme na Rocha 527
A Caravela que Não Voltou. 528
Quando é o Amor que Encanta 529
Qosqo: Ecos de uma Civilização. 530
Entre Musgo e Estrelas 532
A Verdade que Tropeçou na Lógica 533
A Certeza que Escorregou na Retórica 534
Svartifoss: a Cascata Negra 535

Nepal: Entre o Céu e o Abismo 536
Coisa Muito Boa 537
Tabor: Incandescência do Invisível 538
Quebra-cabeça: A Peça que Falta 539
O Banquete das Palavras 541
Bucara — Onde a Seda Descansava 542
Taj Mahal: O Amor em Mármore 544
Carretel, Dedal e Ovo de Madeira 545
Fronteiras do Eu 547
O Trevo Que Fugiu da Regra 548
Encontro de Astros 549
Choupana Que Ri 550
Equívoco Poético 551
Coruja & Jararaca — Diálogo em Verso 552
O Perfumista das Ideias 553
Um Cálice de Licor 554
Campos Elíseos: Arquitetura de um Nome 555
Viver ou Confrontar? Eis a Comédia Humana 556
Botuverá: Um Jardim Mineral 557
Serigy: Cacique dos Manguezais 558
Rima de Menina 559
Retirada da Laguna: A Difícil Travessia 560
Temperado Demais ou Destemperado Demais 562
Cor da Infância 564
Balé dos Golfinhos 565
Tumucumaque: Onde o Vento Fala em Voz de Pajé 566
Onde Estão Meus Óculos? 567
Por Acaso 569
Ramo de Cheiros 571
Detalhe Barroco 573
Aquitaine, Dezembro de 1892 575
A Identidade como Ficção 577
O Homem e o Sapo 579
A Memória que Inventa Verdades 580
Mais Perto do Céu 581
Valores Não Têm Preço 582
Dannebrog — A Cruz Que Caiu do Céu 584
Pantepuis — Sentinelas Milenares 585
A Estrada Sem Placas 586
Oitocentos Contos de Réis 587
Pomona e o Banquinho de Madeira 588

O Mistério do Simples 589
Diadema do Índico 590
Dois Pedros: Retratos de um Império Tropical 591
Capriche, Mesmo que Ninguém Veja 593
Igarapé, Igapó 594
A Última Gota Ensina 595
Ciúme da Atenção 596
O Dia Sem Bolo 597
Entre a Salada, a Pizza e o Chocolate 598
A Arte de Desenhar no Escuro 599
Diálogos Desalinhados 600
Luz de Lamparina 601
O Delicado Ofício do Engano 602
O Carrinho que Puxa para o Outro Lado 603
A Filosofia Doméstica da Sogra 604
O Rascunho da Vida 606
Autocrítica 607
Aceitar Sem Pressa 608
A Beleza de Seguir Sem Resposta 609
O Manto de Nossa Senhora 610
Tive a Sorte de Amar Você 612
Paisagem Interna 614
Instante de Eternidade 616
Matterhorn ou Monte Cervino — A Montanha de Duas Terras 617
O Palco e a Plateia 618
Cuia — A Taça da Terra 620
O Turista Profissional de Cliques 622
Palavras Mutantes 623
Oficina Onírica 624
As Sombras de Caravaggio 625
Aristeu e as Abelhas 626
O País dos Espelhos Líquidos 627
Sombras Avulsas 628
Pedra que Brinca de Flor 629
Confissão da Consciência 630
Memória Seletiva 632
Blindagem de Nós 634
Discípulos da Dúvida 635
Hagia Sophia — Santa Sabedoria 636
Entre o Pó, o Pão e as Estrelas 637
As Palavras em Assembleia 639

Parece que Foi Ontem 640
Abracadabra 641
Gaia: O Sonho do Universo 642
Lendas: Onde Nasce o Inexplicável 643
Potência do Pequeno 644
O Último Cavalheiro 645
Túnel de Bambu 646
Leuctra, o Triunfo da Virtude 648
Marco Polo — O Narrador de Maravilhas 649
A Dialética da Substância: Fragilidade e Resistência 651
Jerusalém Celeste: O Horizonte da Ressurreição 653
Anagrama das Capitais Japonesas 655
Vivendo e Aprendendo 656
Aquários e Piscinas — Reviravolta Semântica 658
O Fôlego da Pergunta 659
Cordilheira do Jura, a Memória Litográfica 660
O Palhaço de Palha e Riso 661
Viagem das Abóboras Soberbas 663
Tablete e Bombom: O Tempo e a Eternidade 665
O Vento e a Filosofia da Travessia 667
O Eclipse do Eu 669
O Alvorecer de Vidro 670
A Música da Paz 671
Metafísica da Picanha 672
Pés Descalços 674
O Manifesto das Mãos 675
Fragmentos de Inteireza 676
Ao Pé da Letra 678
Chapada Diamantina: Brilho e Abismo 679
Herança de Chão e Trama 680
Um Canto Simbolista às Águas 681
Gaivota: Costureira de Espuma, Bordadeira de Cristais 682
Entre Amém e Axé: a Alma das Ladeiras 683
Muita Engenharia, Pouca Obra 685
A Metafísica do Gesto Compartilhado: Levanta a Bola que eu Chuto! 687
O Valor do Tropeço 688
Torta de Maçã: Uma Especialidade da Casa 690
Poema de Madeira e Água 691
Epopeia da Terra e do Homem 693
A Diáspora das Águas 695
A Alegria da Descendência 697

Dioptrias da Alma: A Invenção dos Óculos Bifocais de Franklin 699
Plano B 701
O Plano Único 703
Vulnerabilidade 704
Flor na Fenda da Pedra 705
As Azaleias Murcharam 706
A Nota Dissonante da Segunda-feira 707
Sonho de Marfim 708
O Enigma das Órbitas Distintas 709
Aqui era a Casa do Meu Avô 710
A Metafísica do Parapeito 711
Hamurabi e a Pedra 712
O Hiato da Exceção 713
O Epílogo e o Aplauso 714
Narrador Inocente? 715
Onze Horas 716
Calçadas para o Mar 717
O Rosto de Metal 719
O Sermão da Montanha Interior 720
O Fio da Navalha 722
A Filosofia da Sopa Instantânea 723
Sujeito da Oração 724
Sombras em Ação: O Ofício da Assombração 725
Damas de Argila 726
Castiçais de Prata 727
A Alquimia Selenita 729
O Tribunal da História 730
Quem Edita o Passado? 732
Liturgia do Retorno 733
O Toque das Pétalas 734
Catarina Paraguaçu: A Matriz do Brasil 735
O Pórtico Aberto 736
Três Rios e Um Mar 737
Encruzilhada: O Dilema das Esquinas 739
Olho de Sogra 740
A Persistência da Clorofila 741
O Olhar em Extensão 742
Quando Deixei de Ser o que Era? 743
O Fio e as Contas 744
A Clareira da Solidão 745
A Urbe do Ser 746

Infância no Tabuleiro 747
Meus Pais 748
Poeta da Insolência 750
A Regente do Silêncio 751
A Transfiguração do Mármore 753
Aurora do Ser 754
Quando a Brisa se Torna Tempestade 755
Três Vozes Verdes 756
Compaixão: O Solo Comum 757
O Vazio das Minas: O Ouro Transfigurado 758
Canteiro de Hortênsias — A Beleza como Resposta 760
Piassanguaba 762
A Oficina do Dia e o Quintal do Sonho 763
A Teimosia dos Fios 764
Trincheiras da Conversa 765
A Geologia do Ser: Erosão, Sedimentação e Metamorfismo 766
Confissão de um Vulcão 767
O que Ultrapassa a História 768
Brincos de Argola 769
Arco, Flecha, Tacape, Lança e Tangapema 770
Experiências Inesquecíveis 771
O Ofício da Aceitação 772
Ilhas do Mediterrâneo 773
A Vida como Invenção do Nada 774
O Erro dos Calendários 775
Madrugada 776
O Elogio e a Censura 777
Domingos Vazios 778
Buraco da Agulha 779
A Cartografia do Centímetro 780
O Peso do Invisível 781
Pequenas Rebeldias 782
Visão de Tamarutaca 783
Punhado de Coisa Macia 784
O Ovo — Gênese e Ironia 785
Depois Daqui 786
Primeira Oração 787
O Que Busco? 788

Copyright © 2026 por Ana Cecília Nigro Mazzilli Xavier de Mendonça